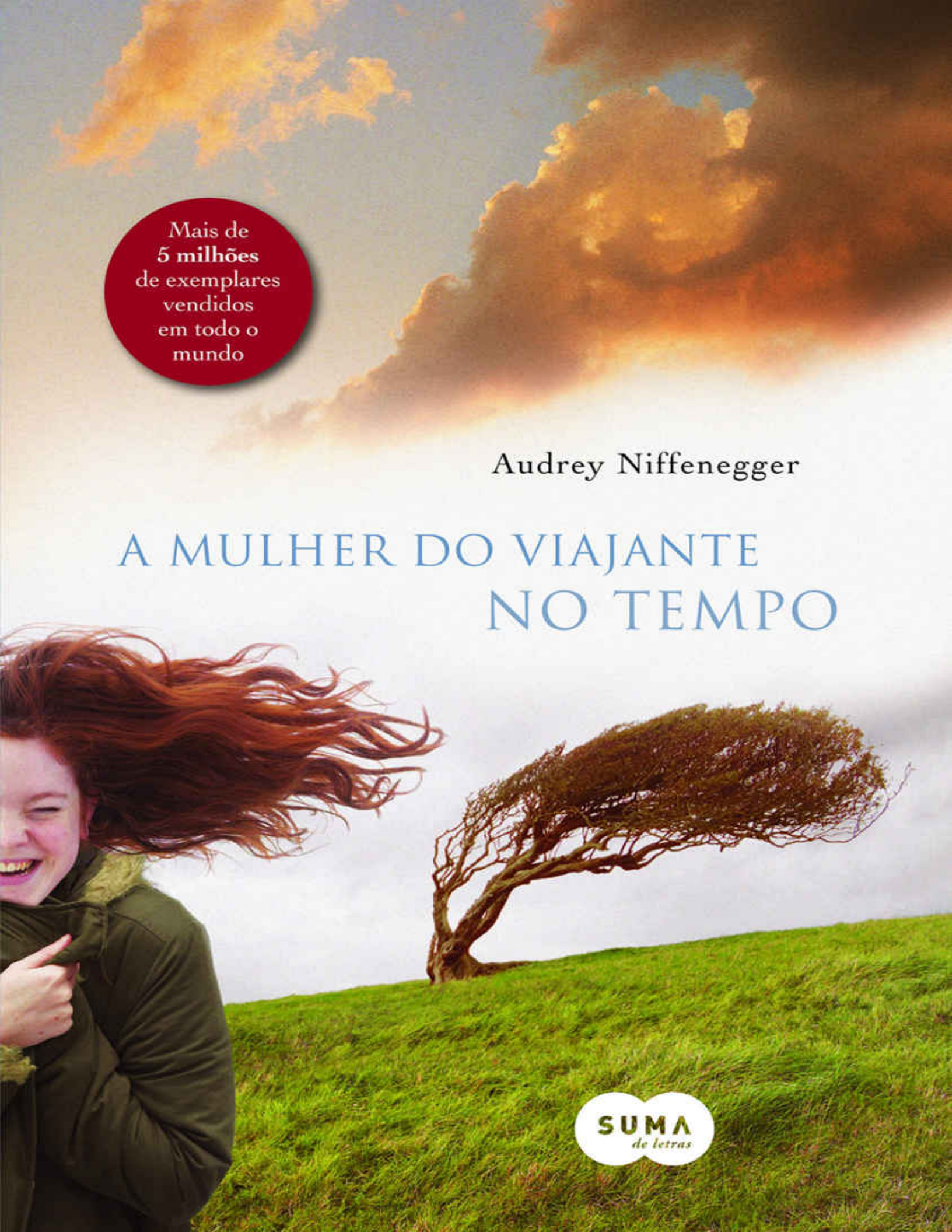
Mais de **5 milhões** de exemplares vendidos em todo o mundo

Audrey Niffenegger

A MULHER DO VIAJANTE NO TEMPO



SUMA de letras

Audrey Niffenegger

A MULHER DO VIAJANTE NO TEMPO

Tradução
Adalgisa Campos da Silva

SUMA de letras

OceanofPDF.com

Copyright © 2003 Audrey Niffenegger

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Time Traveler's Wife

Capa
Silvana Mattievich

Imagens de capa
Laurence Dutton\Getty Images

Copidesque
André Godirro

Revisão
Rita Godoy
Rafaella Lemos

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N585m

Niffenegger, Audrey

A mulher do viajante no tempo [recurso eletrônico] / Audrey Niffenegger ; tradução Adalgisa Campos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.

recurso digital

Tradução de: *The Time Traveler's Wife*

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

452p. ISBN 978-85-8105-282-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

15-20314. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

OceanofPDF.com

SUMÁRIO



Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
PRÓLOGO
I – O HOMEM FORA DO TEMPO
- PRIMEIRO ENCONTRO, UM
- UMA PRIMEIRA VEZ PARA TUDO
- PRIMEIRO ENCONTRO, DOIS
- LIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA
- DEPOIS DO FIM
- VÉSPERA DE NATAL, UM (SEMPRE BATENDO COM O MESMO CARRO)
- VÉSPERA DE NATAL, DOIS
- COMER OU SER COMIDO
- VÉSPERA DE NATAL, TRÊS
- LAR É QUALQUER LUGAR ONDE SE DESCANSA A CABEÇA
- ANIVERSÁRIO
- UMA VIDA MELHOR GRAÇAS À QUÍMICA
- HORA DA VIRADA
- FAÇA-ME CHEGAR À IGREJA A TEMPO

II – UMA GOTA DE SANGUE NUMA TIGELA DE LEITE
- VIDA DE CASADO
- FICÇÃO CIENTÍFICA DE BIBLIOTECA
- UM SAPATO MUITO PEQUENO
- UM
- DOIS
- INTERMEZZO
- RÉVEILLON, UM
- TRÊS
- QUATRO
- CINCO
- SEIS

SONHOS DE BEBÊ
SETE
ALBA, UMA INTRODUÇÃO
DIA DO NASCIMENTO
SEGREDO
PASSANDO POR DIFICULDADES TÉCNICAS
NATUREZA–MORTA
ANIVERSÁRIO
SEGREDO
O EPISÓDIO DO ESTACIONAMENTO DA MONROE STREET
ANIVERSÁRIO
UMA CENA DESAGRADÁVEL
O EPISÓDIO DO ESTACIONAMENTO DA RUA MONROE
FRAGMENTOS
SONHO COM PÉS
O QUE VAI VOLTA
HORAS, SE NÃO DIAS
VÉSPERA DE ANO-NOVO DOIS
III – UM TRATADO SOBRE A SAUDADE
DISSOLUÇÃO
DASEIN
RENASCIMENTO
SEMPRE DE NOVO
AGRADECIMENTOS

OceanofPDF.com

O tempo do relógio é nosso gerente de banco, fiscal de impostos, inspetor de polícia; esse tempo interno é nossa mulher.



— J. B. Priestley, *Man and Time*

OceanofPDF.com

O AMOR DEPOIS DO AMOR

Há de chegar a hora
em que, com alegria,
você vai se cumprimentar ao chegar
à porta de casa, em seu próprio espelho,
e cada um sorrirá diante da acolhida do outro,

e dirá, sente-se aqui. Coma.
Você amará de novo o estranho que era si mesmo.
Dê vinho. Dê pão. Devolva seu coração
a ele mesmo, ao estranho que amou você

desde que você nasceu, que você ignorou
por outro, que o conhece de cor.
Tire as cartas de amor da estante,

as fotografias, os bilhetes desesperados,
tire sua própria imagem do espelho.
Sente-se. Celebre sua vida.

— *Derek Walcott*

OceanofPDF.com

Para
ELIZABETH HILLMAN TAMANDL
20 de maio de 1915–18 de dezembro de 1986
e
NORBERT CHARLES TAMANDL
11 de fevereiro de 1915–23 de maio de 1957

OceanofPDF.com

PRÓLOGO



CLARE: é difícil ficar para trás. Espero Henry, sem saber dele, me perguntando se está bem. É difícil ser quem fica.

Mantenho-me ocupada. Assim, o tempo passa mais depressa.

Durmo sozinha e acordo sozinha. Dou umas voltas. Trabalho até cansar. Olho o vento brincar com o lixo que passou o inverno inteiro debaixo da neve. As coisas parecem simples até pensarmos nelas. Por que a ausência intensifica o amor?

Há muito tempo, os homens iam para o mar, enquanto as mulheres ficavam na praia, esperando e procurando o barquinho no horizonte. Agora espero Henry. Ele some sem querer, sem avisar. Espero. Tenho a sensação de que cada minuto de espera é um ano, uma eternidade. Cada minuto é lento e transparente como vidro. A cada minuto que passa, vejo uma fila de infinitos minutos, à espera. Por que ele foi aonde não posso ir atrás?

HENRY: Como é a sensação? *Como é?*

Às vezes é como se sua atenção se desviasse um instantinho. Então, sobressaltado, você percebe que o livro que estava na sua mão, a camisa vermelha de algodão xadrez com botões brancos, o jeans preto preferido e as meias marrons quase furadas, a sala, a chaleira prestes a apitar na cozinha: tudo isso sumiu. Você está em pé, pelado, dentro de uma vala, com água gelada até os tornozelos, numa estrada de terra não identificada. Você espera um minuto para ver se talvez vai voltar direto para seu livro, seu apartamento et cetera. Você passa uns cinco minutos xingando, tremendo de frio e torcendo para desaparecer. Começa então a caminhar para um lado qualquer, que acabará dando numa casa de fazenda, onde você tem a opção de roubar ou se explicar. Roubar acaba dando em cadeia, mas como explicar é chato, toma tempo e envolve mentir, além de poder também dar em cadeia, então, que se dane.

Às vezes você tem a sensação de ter se levantado depressa demais, ainda que esteja deitado na cama meio dormindo. Você ouve o sangue correndo na cabeça, tem sensações de queda vertiginosas. Suas mãos e seus pés formigam e logo já não estão mais ali. Você se perdeu de novo. Basta um

instante, você tem apenas o tempo de tentar se segurar, sacudindo os braços (possivelmente se machucando ou danificando valiosos pertences) e então está escorregando pelo carpete verde do corredor de um Motel 6 em Athens, Ohio, às 4h16 de segunda-feira, 6 de agosto de 1981. Termina por bater a cabeça na porta da casa de alguém, fazendo com que esse alguém, uma sra. Tina Schulman da Filadélfia, abra a porta e comece a gritar porque tem um homem nu, todo esfolado a seus pés. Você acorda no Hospital do Condado com uma concussão, um policial sentado em frente à porta do seu quarto ouvindo o jogo dos Phillies num rádio transistor que chia sem parar. Felizmente, você torna a perder a consciência e acorda horas depois em sua própria cama com sua mulher debruçada sobre você, olhando com uma cara muito preocupada.

Às vezes você se sente eufórico. Tudo é sublime e tem uma aura e, de repente, você fica muito enjoado e aí se foi. Está vomitando em cima de uns gerânios de subúrbio, ou nos tênis de seu pai, ou no chão de seu próprio banheiro três dias atrás, ou num calçadão de madeira em Oak Park, Illinois, por volta de 1903, ou numa quadra de tênis num belo dia de outono nos anos 1950, ou em seus próprios pés descalços numa grande variedade de tempos e lugares.

Como é essa sensação?

É exatamente como um daqueles sonhos em que de repente a pessoa se dá conta de que tem de fazer uma prova para a qual não estudou e está pelada. E deixou a carteira em casa.

Quando estou em outro tempo, me sinto pelo avesso, transformado numa versão desesperada de mim. Viro um ladrão, um andarilho, um bicho que corre e se esconde. Assusto velhas e assombro crianças. Sou um truque, uma ilusão da mais alta ordem. É incrível eu ser mesmo real.

Há uma lógica, uma regra para todo esse vaivém, todo esse deslocamento? Há alguma forma para ficar no presente, abraçá-lo com todas as células do seu corpo? Não sei. Há pistas; como em qualquer doença, há padrões, possibilidades. Cansaço, barulhos fortes, estresse, movimento brusco de ficar em pé, piscar de luzes — qualquer uma dessas coisas pode desencadear um episódio. Mas posso estar lendo o *Times* de domingo, com o café na mão e Clare cochilando ao meu lado em nossa cama e, de repente, estar em 1976 vendo meu eu de 13 anos cortar o gramado dos meus avós. Alguns desses episódios duram apenas momentos; é como tentar ouvir um rádio de carro que não consegue sintonizar as

emissoras direito. Quando vejo, estou no meio de uma multidão, uma plateia, uma turba. Outras vezes, estou só, num campo, numa casa, num carro, numa praia, numa escola primária no meio da noite. Tenho medo de me descobrir numa cela de prisão, num elevador lotado, no meio de uma autoestrada. Surjo do nada, pelado. Como posso explicar? Nunca consegui levar nada comigo. Nem roupa, nem dinheiro, nem identidade. Passo boa parte da minha breve viagem adquirindo roupas e tentando me esconder. Felizmente não uso óculos.

É irônico. Todos os meus prazeres são caseiros: ficar relaxado na poltrona e curtir as emoções calmas da vida doméstica. As alegrias que peço são modestas. Um romance de mistério na cama, o cheiro dos longos cabelos ruivos de Clare molhados depois do banho, um cartão-postal de um amigo em férias, creme se diluindo no café, a maciez da pele embaixo dos seios de Clare, a simetria das sacolas de compras na bancada da cozinha esperando ser arrumadas. Gosto de passear pelas pilhas de livros deixadas na biblioteca depois que os clientes foram para casa, tocando de leve suas lombadas. São estas coisas que podem me deixar morto de saudade quando o capricho do Tempo me desloca delas.

E Clare, sempre Clare. Clare de manhã, sonolenta e de cara amassada. Clare com os braços mergulhados na tina de fazer papel, puxando o molde e sacudindo-o assim e assim, para misturar as fibras. Clare lendo, com o cabelo solto sobre o encosto da cadeira, passando hidratante nas mãos vermelhas e rachadas antes de dormir. A voz baixa de Clare está em meu ouvido com frequência.

Odeio estar onde ela não está, quando não está. No entanto, vivo partindo, e ela não pode vir atrás.

OceanofPDF.com

I

O HOMEM FORA DO TEMPO

OceanofPDF.com

Ah *não* porque a felicidade *exista*,
aquele lucro obtido rápido demais por conta de uma perda iminente.



Mas porque estar aqui de verdade é tanto; porque tudo aqui
parece precisar de nós, esse mundo fugaz, que de alguma forma estranha
fica nos chamando. A nós, o que há de mais fugaz.



...Ah, mas o que podemos levar
para aquele outro reino? Não a arte de olhar,
que se aprende muito devagar, nem o que aqui aconteceu. Nada.
Os sofrimentos, então. E, acima de tudo, o peso,
e a longa experiência do amor — justo o que é absolutamente
indizível.

— de *A Nona Elegia de Duíno*,
Rainer Maria Rilke,
com base na tradução de Stephen Mitchell

OceanofPDF.com

PRIMEIRO ENCONTRO, UM



Sábado, 26 de outubro de 1991 (Henry tem 28 anos, Clare, 20)

CLARE: A biblioteca é arejada e cheira a xampu de tapete, embora eu só veja mármore. Assino o Livro de Visitantes: *Clare Abshire, 11h15, 26-10-1991, Coleções Especiais.* Nunca estive na Newberry e, agora que já passei a entrada escura e sinistra, estou empolgada. A biblioteca me passa a impressão de ser uma caixa grande cheia de livros bonitos em uma manhã de Natal. O elevador é mal-iluminado, quase silencioso. Paro no terceiro andar e preencho um formulário para obter um Cartão de Leitor, depois subo para as Coleções Especiais. Os saltos das minhas botas batem firme no chão de madeira. A sala está silenciosa e lotada de gente, cheia de mesas sólidas e pesadas com pilhas de livros em cima e rodeadas de leitores. A luz matinal do outono de Chicago entra pelas janelas altas. Vou até o balcão e pego um bolo de fichas de solicitação. Estou fazendo um trabalho para uma aula de história da arte. Meu tema de pesquisa é o *Chaucer* da Kelmscott Press.[1] Procuro o livro e preencho uma ficha de solicitação para ele. Mas também quero ler sobre fabricação de papel na Kelmscott. O catálogo é confuso. Volto ao balcão e peço ajuda. Quando explico à mulher o que estou tentando encontrar, ela olha por cima do meu ombro para alguém que passa atrás de mim.

— Talvez o sr. DeTamble possa ajudá-la — diz.

Viro-me, preparada para começar a explicar de novo, e dou de cara com Henry.

Estou sem fala. Cá está Henry, calmo, vestido, mais jovem do que jamais o vi. Henry trabalha na Biblioteca Newberry, encontra-se na minha frente, no presente. Aqui e agora. Estou exultante. Henry me olha pacientemente, hesitante mas educado.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — pergunta.

— Henry!

Mal consigo me conter para não atirar os braços em volta dele. É óbvio que ele nunca me viu na vida.

— Já nos conhecemos? Sinto muito, eu não... — Henry olha em volta, preocupado que leitores e colegas estejam nos vendo. Puxando pela

memória, percebe que uma futura versão de si mesmo conheceu essa garota feliz e radiante diante dele. A última vez em que o vi, ele chupava meus dedos do pé no Campo.

Tento explicar.

— Sou Clare Abshire. Conheci você quando eu era pequena... — Fico sem saber o que fazer porque estou apaixonada por um homem que se encontra na minha frente sem ter a menor lembrança de mim. Tudo está no futuro para ele. Quero rir de como a cena toda é estranha. Estou imersa em anos de conhecimento de Henry, enquanto ele me olha perplexo e temeroso. Henry vestido com as calças de pesca velhas de meu pai, pacientemente me tomando a tabuada de multiplicação, os verbos franceses, todas as capitais estaduais; Henry rindo de algum almoço esquisito que meu eu de 7 anos de idade trouxe para o Campo; Henry de smoking, desabotoando a camisa com mãos trêmulas no meu aniversário de 18 anos. Aqui! Agora!

— Venha tomar um café comigo, ou jantar...

Naturalmente, ele tem que dizer sim, esse Henry que me ama no passado e no futuro e deve me amar agora, ouvindo o eco de outro tempo. Para meu imenso alívio, ele diz mesmo sim. Combinamos de nos encontrar hoje à noite num restaurante tailandês da vizinhança, o tempo todo debaixo do olhar assombrado da mulher atrás do balcão. Saio, esquecendo a Kelmscott e Chaucer, desço flutuando a escadaria de mármore, atravesso o saguão e saio para o sol de outubro de Chicago. Atravesso correndo o parque, espantando cachorrinhos e esquilos, dando gritos de alegria.

HENRY: É um dia rotineiro de outubro, ensolarado e frio. Estou trabalhando numa salinha sem janela e com controle de umidade no quarto andar da Newberry, catalogando uma coleção de papéis marmorizados recém-doada. Os papéis são lindos, mas catalogar é chato, e estou entediado e com pena de mim. Na verdade, sinto-me velho, como só quem tem 28 anos pode se sentir depois de passar metade da noite acordado bebendo vodca muito cara e tentando, em vão, conquistar novamente as boas graças de Ingrid Carmichel. Passamos a noite inteira brigando, e agora nem me lembro do motivo da briga. Minha cabeça lateja. Preciso de café. Deixando os papéis marmorizados num estado de caos controlado, atravesso o escritório e passo pela seção de localização na Sala de Leitura. Sou detido pela voz de Isabelle dizendo: “Talvez o sr. DeTamble possa ajudá-la”, querendo dizer “Henry, seu malandro, aonde vai?”. E essa ruiva alta e

deslumbrante vira-se e olha para mim como se eu fosse uma aparição divina. Meu estômago revira. Obviamente ela me conhece, e eu não a conheço. Só Deus sabe o que eu já disse, fiz ou prometi a essa criatura luminosa, então sou forçado a dizer em meu melhor biblioteconomês: "Posso ajudá-la em alguma coisa?". A moça meio que suspira "Henry!" de um jeito que me convence de que em algum ponto no tempo tivemos uma coisa realmente *sensacional* juntos. Isso agrava o fato de eu não saber nada sobre ela, nem mesmo o nome. Digo "Já nos conhecemos?", e Isabelle me lança um olhar que diz *Seu babaca.* Mas a garota diz "Sou Clare Abshire. Conheci você quando eu era pequena", e me convida para jantar. Aceito, perplexo. Ela me olha radiante, embora eu esteja com a barba por fazer, de ressaca e simplesmente em péssimas condições. Vamos jantar juntos hoje mesmo, no Beau Thai. Clare, depois de me garantir para mais tarde, parece flutuar ao sair da Sala de Leitura. Quando estou no elevador, meio atordoado, me dou conta de que uma sorte grande do meu futuro de alguma forma me encontrou aqui no presente, e começo a rir. Atravesso o saguão e, quando estou descendo para a rua, vejo Clare atravessando a Washington Square correndo, saltitando e gritando. Estou quase chorando sem saber por quê.

Mais tarde naquela noite:

HENRY: Às 18h, corro do trabalho para casa e tento me tornar atraente. O que chamo de casa hoje é um apartamento minúsculo mas uma loucura de tão caro na North Dearborn; vivo esbarrando em paredes, bancadas e móveis inconvenientes. Primeiro Passo: destrancar 17 fechaduras na porta do apartamento, pular para a sala-que-é-também-meu-quarto e começar a tirar a roupa. Segundo Passo: tomar banho e fazer a barba. Terceiro Passo: olhar em vão para as profundezas do meu armário, aos poucos me conscientizando de que não há nada exatamente limpo. Descubro uma camisa branca ainda na embalagem da lavanderia. Decido usar o terno preto, sapatos de bico fino e gravata azul-clara. Quarto Passo: vestir isso tudo e me tocar que estou igual a um agente do FBI. Quinto Passo: olhar em volta e ver que a casa está uma bagunça. Tomo a decisão de evitar trazer Clare para cá hoje à noite, mesmo se achar que tal coisa seja possível. Sexto Passo: olhar no espelho do banheiro e ver um sósia de Egon Schiele[2] de 10 anos de idade, olhos arregalados num rosto anguloso, com 1,82m de altura,

vestindo camisa branca limpa e terno de agente funerário. Me pergunto com que tipos de roupa essa mulher já me viu, uma vez que obviamente não chego do meu futuro no passado dela vestido com as minhas roupas. Ela disse que era uma garotinha? Várias questões me passam pela cabeça. Paro e respiro um minuto. Tudo bem. Pego a carteira e as chaves, e lá vou eu: tranco as 37 fechaduras, desço no elevadorzinho irritante, compro rosas para Clare na loja do saguão. Mesmo tendo caminhado as duas quadras até o restaurante em tempo recorde, ainda chego cinco minutos atrasado. Clare já está sentada num reservado e parece aliviada ao me ver. Acena para mim como se estivesse numa parada.

— Oi — eu digo. Clare está com um vestido de veludo cor de vinho e usa pérolas. Parece uma figura de Botticelli pintada por John Graham: grandes olhos cinzentos, nariz comprido, boquinha delicada como uma gueixa. Ela tem um cabelo ruivo comprido que lhe cobre os ombros e chega até o meio das costas. Clare é tão branca que parece uma escultura de cera à luz de velas. Entrego as flores com gesto brusco. — Para você.

— Obrigada — diz Clare, absurdamente contente. Ela olha para mim e vê que estou confuso com sua reação. — Você nunca me deu flores antes.

Sento no reservado de frente para ela. Estou fascinado. Esta mulher me *conhece*; não é uma mera conhecida de minhas aventuras futuras. A garçonete aparece e nos entrega os cardápios.

— Me conta — exijo.

— O quê?

— Tudo. Quer dizer, você entende por que eu não te conheço? Eu sinto muito...

— Ah, não, não há motivo. Quer dizer, eu sei... por quê. — Clare abaixa a voz. — É porque para você nada disso aconteceu ainda, mas para mim... eu conheço você há muito tempo.

— Quanto?

— Uns 14 anos. Eu tinha 6 anos quando o vi pela primeira vez.

— Nossa. Você me viu muitas vezes? Ou só algumas?

— A última vez que te vi, você me disse para trazer isso para jantar quando tornássemos a nos encontrar. — Clare me mostra um diário infantil azul-claro. — Toma — ela me entrega o diário —, pode ficar com isso. — Abro no lugar marcado com um pedaço de jornal. A página, que tem dois cachorrinhos *cocker spaniel* no alto do canto direito, é uma lista de datas. Começa com 23 de setembro de 1977 e termina 16 páginas cheias de

cachorrinhos mais tarde, em 24 de maio de 1989. Conto. Há 152 datas, escritas com grande cuidado na caligrafia cursiva de uma criança de 6 anos usando esferográfica azul.

— Você fez a lista? Estas datas são todas precisas?

— Na verdade, você me ditou isso. Você me disse há alguns anos que decorou as datas dessa lista. Então não sei dizer quão exata ela é. Quer dizer, parece uma faixa de Möbius.[3] Mas são precisas. Usei as datas para saber quando ir ao Campo encontrar você.

A garçonete reaparece, e pedimos: Tom Kha Kai para mim e Gang Mussaman para Clare. Um garçom traz chá e sirvo uma xícara a cada um de nós.

— O que é o Campo? — Estou quase pulando de tão nervoso. Nunca conheci ninguém do meu futuro antes, muito menos uma figura de Botticelli que esteve comigo 152 vezes.

— O Campo faz parte da propriedade de meus pais em Michigan. Tem um bosque numa ponta e a casa do outro lado. Mais ou menos no meio, há uma clareira de uns 3 metros de diâmetro, com uma pedra grande. Se você estiver na clareira, ninguém na casa pode te ver porque o terreno sobe e depois desce na clareira. Eu brincava lá porque gostava de brincar sozinha e achava que ninguém sabia que eu estava lá. Um dia, quando eu estava na primeira série, fui da escola para a clareira e lá estava você.

— Pelado e provavelmente vomitando.

— Na verdade, você parecia bastante seguro. Lembro que sabia meu nome e que desapareceu de uma forma bem espetacular. Pensando bem, é óbvio que você já tinha estado lá antes. Acho que a primeira vez foi em 1981; eu tinha 10 anos. Você ficou repetindo “Ah, meu Deus”, e me encarou bastante transtornado por causa da nudez. Àquela altura, eu só dei como certo que aquele velho nu ia aparecer magicamente do futuro e pedir roupas. — Clare ri. — E comida.

— Qual é a graça?

— Eu preparei umas refeições bem esquisitas para você ao longo dos anos. Sanduíche de manteiga de amendoim e enchovas. Patê e beterraba em biscoitos Ritz. Acho que eu meio que queria ver se você comia de tudo, e também estava tentando te impressionar um pouco com minha sabedoria culinária.

— Que idade eu tinha?

— Acho que a idade máxima com que já vi você foi quarenta e alguma coisa. A mínima, não tenho certeza; talvez trinta? Quantos anos você tem?

— Vinte e oito.

— Você me parece bem jovem agora. Nos últimos anos, de modo geral, você tinha uns quarenta e poucos anos, e parecia ter uma vida meio dura... É difícil dizer. Quando a gente é pequeno, todos os adultos parecem grandes e velhos.

— Mas então, o que a gente fazia no Campo? É muito tempo para ficar ali.

Clare ri.

— A gente fazia um monte de coisas. Mudava dependendo da minha idade e do clima. Você passou muito tempo me ajudando com meus deveres de casa. A gente jogava e, na maioria das vezes, só conversava sobre um monte de coisas. Quando eu era muito pequena, achava que você fosse um anjo; te fiz um monte de perguntas sobre Deus. Quando eu era adolescente, tentei te convencer a fazer amor comigo. Como você nunca aceitava, me deixava ainda mais determinada a conseguir o que eu queria. Acho que você pensava que ia me perverter sexualmente, de alguma forma. Em alguns aspectos, você era muito paternal.

— Ah. Vai ver que isso é uma coisa boa, mas, no momento, não quero que pense em mim como paternal. — Nossos olhos se encontram. Trocamos um sorriso conspiratório. — E o inverno? Os invernos de Michigan são bem rigorosos.

— Eu levava você escondido para o porão; nossa casa tem um porão enorme com vários cômodos, e um deles é onde guardamos toda a tralha, com a caldeira do outro lado da parede. Chamamos esse cômodo de Quarto de Leitura, porque é onde ficam todos os livros e revistas velhos e inúteis. Uma vez você foi lá durante uma nevasca em que ninguém saiu para ir à escola, nem para trabalhar. Achei que eu ia endoidar tentando arranjar comida para você porque não tinha tanta comida assim em casa. Etta estava saindo para as compras quando a tempestade começou. Então você passou três dias preso lendo velhas *Reader's Digests*, vivendo de sardinha e macarrão instantâneo.

— Parece gostoso. Mal posso esperar. — Nossa comida chega. — Você nunca aprendeu a cozinhar?

— Não, acho que não afirmaria que sei cozinhar. Nell e Etta sempre ficavam danadas quando eu fazia alguma coisa na cozinha além de pegar

uma Coca, e, como não tenho ninguém para cozinhar desde que fui morar em Chicago, não tenho motivo para isso. Normalmente, estou muito ocupada com a faculdade, então acabo comendo por lá mesmo. — Clare dá uma garfada no seu filé mignon ao curry. — Está ótimo.

— Nell e Etta?

— Nell é nossa cozinheira. — Clare ri. — Nell é o encontro de *cordon bleu* com Detroit; ela é como Aretha Franklin seria se fosse Julia Child. Etta é nossa governanta e pau para toda obra. Ela é quase nossa *mãe*, para falar a verdade. Quer dizer, minha mãe é... bom, Etta está sempre ali, alemã e severa, mas dá muita força. Minha mãe meio que vive nas nuvens, sabe?

Faço que sim com a cabeça, a boca cheia de sopa.

— Ah, e tem o Peter — acrescenta Clare. — Peter é o jardineiro.

— Uau. Sua família tem empregados. Isso é muita areia para o meu caminhão. Eu já conheci, ahn, alguém da sua família?

— Conheceu minha avó Meagram justo antes de ela morrer. Ela foi a única pessoa a quem contei sobre você. Estava quase completamente cega nessa época. Sabia que a gente ia casar e queria te conhecer.

Paro de comer e olho para Clare. Ela me olha também, serena, angelical, totalmente à vontade.

— Vamos nos casar?

— Suponho que sim — responde ela. — Há anos você me diz que do futuro de onde vem você está casado comigo.

Demais. Isso é demais. Fecho os olhos e me forço a não pensar em nada; a última coisa que quero é largar o aqui e agora.

— Henry? Henry, você está bem? — Sinto Clare sentar-se ao meu lado. Abro os olhos e ela segura minhas mãos com força. Olho para as mãos dela e vejo que são mãos de trabalhador, ásperas e rachadas.

— Henry, sinto muito, não consigo me acostumar com isso. É tão louco. Quer dizer, a minha vida inteira, era você quem sabia tudo. Eu esqueci que hoje talvez eu devesse ir devagar. — Ela ri. — Na verdade, uma das últimas coisas que você me disse antes de ir embora foi: “Tenha piedade, Clare.” Você disse isso com a voz que usa para citar outras pessoas. Pensando bem, acho que você devia estar citando as minhas palavras. — Ela continua segurando minhas mãos. Olha para mim com vontade; com amor. Sinto-me profundamente humilde.

— Clare?

— Sim?

— A gente pode voltar para trás? Fingir que essa é uma primeira saída normal entre duas pessoas normais?

— Tudo bem. — Clare se levanta e volta para o seu lado da mesa. Senta-se ereta e tenta não rir.

— Hmm, certo. Nossa, éé, Clare..., me fala de você. *Hobbies?* Bichos de estimação? Tendências sexuais diferentes?

— Descubra por você mesmo.

— Certo. Vamos ver... onde estuda? O que está estudando?

— Estou na escola do Instituto das Artes; faço escultura e estou começando o curso de fabricação de papel.

— Legal. Como é o seu trabalho?

Pela primeira vez, Clare parece desconfortável.

— É meio... grande, e é sobre... pássaros. — Ela olha para a mesa, depois toma um gole de chá.

— Pássaros?

— Bom, na verdade, é sobre... éé... saudade. — Ela ainda não está olhando para mim, de modo que mudo de assunto.

— Me conta mais sobre a sua família.

— Tudo bem. — Clare relaxa, sorri. — Bom... minha família mora em Michigan, perto de uma cidadezinha na beira do lago chamada South Haven. Nossa casa fica numa área que não pertence à cidade, na verdade. Originalmente, pertencia aos pais de minha mãe, vovô e vovó Meagram. Ele morreu antes de eu nascer, e ela morou conosco até morrer. Eu tinha 17 anos. Meu avô era advogado, e meu pai é advogado; meu pai conheceu minha mãe quando foi trabalhar com vovô.

— Então, casou com a filha do patrão.

— É. Na verdade, às vezes eu me pergunto se ele não casou com a casa do patrão. Minha mãe é filha única, e a casa é incrível; está num monte de livros sobre o movimento *Arts and Crafts*.

— Tem nome? Quem construiu?

— Chama-se Meadowlark House e foi construída em 1896 por Peter Wyns.

— Uau. Já vi fotos dela. Foi construída para uma pessoa da família Henderson, certo?

— Sim. Foi um presente de casamento para Mary Henderson e Dieter Bascombe. Eles se divorciaram dois anos depois que foram morar lá e venderam a casa.

— Casa de rico.

— Minha família é rica. Eles também acham isso esquisito.

— Irmãos?

— Mark tem 22 anos e está terminando o curso preparatório de direito em Harvard. Alicia tem 17 anos e está no último ano do ensino médio. É violoncelista. — Detecto afeição pela irmã e um certo desinteresse pelo irmão.

— Você não gosta muito do seu irmão?

— Mark é igualzinho ao papai. Os dois gostam de ganhar, impor a própria opinião falando grosso.

— Sabe, eu sempre invejo as pessoas que têm irmãos, mesmo que elas não gostem muito deles.

— Você é filho único?

— Sou. Pensei que soubesse tudo a meu respeito.

— Na verdade, sei tudo e não sei nada. Sei como você é pelado, mas até hoje à tarde, eu não sabia seu sobrenome. Sabia que morava em Chicago, mas não sei nada sobre sua família a não ser que sua mãe morreu num acidente de automóvel quando você tinha 6 anos. Sei que você entende muito de arte e fala fluentemente francês e alemão; não tinha a menor ideia de que você era bibliotecário. Você vetou que eu te encontrasse no presente; disse que aconteceria quando tivesse que acontecer, e cá estamos nós.

— Cá estamos nós — concordo. — Bom, minha família não é rica; eles são músicos. Meu pai é Richard DeTamble, e minha mãe era Annette Lyn Robinson.

— Ah, a cantora!

— Isso. E ele é violinista. Toca na Orquestra Sinfônica de Chicago. Mas nunca chegou lá como ela. É pena porque meu pai é um violinista maravilhoso. Depois que mamãe morreu, ele se limitou a não se deixar afundar. — Chega a conta. Nenhum de nós comeu muito, mas eu, pelo menos, não estou muito interessado em comida agora. Clare pega a bolsa e eu faço que não com a cabeça para ela. Pago; saímos do restaurante e ficamos na Clark Street na bela noite de outono. Clare está vestida com uma roupa azul de tricô, toda elaborada, e uma echarpe de pele; esqueci de trazer sobretudo e estou tremendo de frio.

— Onde você mora? — pergunta Clare.

Epa.

— Moro a umas duas quadras daqui, mas minha casa é minúscula e agora está na maior bagunça. Você?

— Roscoe Village, na Hoyne. Mas tenho uma companheira de quarto.

— Se você passar lá em casa, tem que fechar os olhos e contar até mil. Quem sabe sua companheira de quarto é surda e nada curiosa.

— Quem dera. Nunca levo ninguém lá; Charisse ia bater em você e enfiar lascas de bambu embaixo das suas unhas até você contar tudo.

— Quero muito ser torturado por uma pessoa chamada Charisse, mas vejo que você não tem o mesmo gosto que eu. Vamos lá pra casa.

Subimos a pé a Clark no sentido norte. Entro na Clark Street Liquors para comprar uma garrafa de vinho. Na rua, Clare está intrigada.

— Achei que você não devia beber.

— Não?

— O dr. Kendrick foi muito rigoroso sobre isso.

— Quem é ele?

Estamos caminhando devagar porque os sapatos de Clare são daqueles pouco práticos.

— É o seu médico; é um grande especialista em distúrbio temporal.

— Explique.

— Eu não sei muito bem. O dr. David Kendrick é um geneticista molecular que descobriu (vai descobrir) por que as pessoas sofrem de distúrbio temporal. É um problema genético; ele descobre isso em 2006. — Ela suspira. — Acho que ainda é cedo demais. Você me disse uma vez que há muito mais gente com distúrbio temporal daqui a dez anos.

— Nunca ouvi falar em ninguém que tivesse esse... distúrbio.

— Acho que mesmo que você saísse agora e encontrasse o dr. Kendrick, ele não conseguiria te ajudar. E a gente nunca teria se conhecido, se ele conseguisse.

— Não vamos pensar nisso. — Estamos na minha portaria. Clare entra na minha frente no elevador minúsculo. Fecho a porta e aperto o 11. Ela cheira a pano velho, sabonete, suor e pelo. Respiro fundo. O elevador para, fazendo barulho no meu andar, saímos e caminhamos pelo corredor estreito. Uso minha penca de chaves em todas as 107 fechaduras e abro uma fresta da porta. — Piorou muito durante o jantar. Vou ter que vendar seus olhos. — Clare ri quando coloco a garrafa de vinho no chão e tiro a gravata. Passo em volta de seus olhos e amarro a gravata com firmeza atrás de sua cabeça.

Abro a porta, guio Clare para dentro do apartamento até uma poltrona. — Tudo bem, comece a contar.

Clare conta. Corro pela casa catando cuecas e meias do chão, recolhendo colheres e xícaras de café e jogando tudo na pia da cozinha. Quando ela diz "967", tiro a gravata de seus olhos. Transformei o sofá-cama no sofá puro e simples que é de dia, e me sento nele.

— Vinho? Música? Luz de vela?

— Sim, por favor.

Fico de pé e acendo as velas. Quando termino, apago a lâmpada do teto e a sala dança com pequenas luzes que deixam tudo com uma cara melhor. Ponho as rosas na água, localizo o meu saca-rolha, abro a garrafa e sirvo um copo de vinho a cada um de nós. Depois de pensar um instante, ponho o CD da EMI da minha mãe cantando *lieder* de Schubert e abaixo o volume.

Meu apartamento é basicamente um sofá, uma poltrona e uns quatro mil livros.

— Que lindo — diz Clare. Ela levanta e vai se sentar no sofá. Sento ao lado dela. Há um momento agradável quando ficamos ali, apenas sentados e nos olhando. A luz de vela reflete no cabelo de Clare. Ela toca em meu rosto. — É tão bom ver você. Eu já começava a me sentir sozinha.

Puxo Clare para mim e nos beijamos. É um beijo muito... compatível, um beijo nascido de uma antiga conexão. Imagino o que andamos fazendo naquele campo de Clare, mas afasto o pensamento. Nossos lábios se separam. Normalmente, a essa altura, eu estaria considerando como me desvencilhar de várias camadas de roupa, mas, em vez disso, me recosto e me estico no sofá, trazendo Clare comigo, pegando por baixo de seus braços. O vestido de veludo a deixa escorregadia. Ela desliza e se encaixa no espaço entre meu corpo e o encosto do sofá como uma cobra vestindo veludo. Clare está de frente para mim e eu me apoio no braço do sofá. Sinto a pressão de seu corpo inteiro contra o meu através do tecido fino. Uma parte de mim está louca para pular, lamber e cair dentro, mas estou exausto e impressionado.

— Pobre Henry.

— Por que "pobre Henry"? Estou na maior felicidade. — E é verdade.

— Ah, eu fico te bombardeando de surpresas.

Clare passa uma perna por cima de mim de modo que senta exatamente em cima do meu pau. Isso me deixa bem alerta.

— Não se mexa — digo.

— Tudo bem. Estou achando essa noite muito divertida. Quer dizer, Informação é Poder, e tudo isso. E sempre tive a maior curiosidade de descobrir onde você mora, o que veste e o que faz da vida.

— *Voilà.* — Deslizo as mãos por baixo de seu vestido e subo por suas coxas. Ela está usando meias e cinta-liga. É o meu tipo. — Clare?

— *Oui*.

— É uma pena engolir tudo de uma vez. Quer dizer, um pouco de expectativa não faz mal.

Clare fica envergonhada.

— Sinto muito! Mas, você sabe, no meu caso, ando na expectativa há anos. E não dá para ter tudo o que se quer...

— Querer é poder.

— Este é o meu lema. — Ela dá um sorrisinho maroto e mexe os quadris para a frente e para trás algumas vezes. Agora estou com uma ereção tão grande que passaria pelo limite de altura de um parque de diversões.

— Você sempre consegue o que quer, não?

— Sempre. Sou horrível. Só que, de modo geral, você tem sido imune ao meu charme. Sofri terrivelmente sob o seu regime de verbos franceses e jogo de damas.

— É um alívio saber que meu futuro eu tem pelo menos alguma forma de te controlar. Você faz isso com todos os meninos?

Clare está ofendida; não sei quão sinceramente.

— Eu não sonharia fazer isso com *meninos.* Que mente suja você tem! — Ela está desabotoando minha camisa. — Meu deus, você é tão... jovem.

Ela aperta meus mamilos com força. Ao diabo com a virtude. Já saquei como tirar o vestido dela.

A manhã seguinte:

CLARE: Acordo e não sei onde estou. Um teto desconhecido. Ruídos distantes de tráfego. Estantes de livros. Uma poltrona azul com meu vestido de veludo jogado e uma gravata de homem caída por cima do vestido. Então, me lembro. Viro a cabeça e lá está Henry. Tão simples, como se eu andasse fazendo isso a vida inteira. Ele dorme relaxado, com o corpo em uma pose esquisita, um braço sobre os olhos para tapar a claridade, o cabelo preto comprido espalhado no travesseiro. Tão simples. Cá estamos nós. Aqui e agora, finalmente agora.

Saio da cama com cuidado. A cama de Henry é também o sofá dele. As molas rangem quando levanto. É meio apertado entre a cama e a estante, então vou de lado até o corredor. O banheiro é minúsculo. Sinto-me como Alice no País das Maravilhas, enorme e tendo que botar o braço para fora da janela para poder me virar. O pequeno radiador enfeitado range emitindo calor. Faço pipi e lavo as mãos e o rosto. E aí noto que há duas escovas de dente no porta-escovas de louça branca.

Abro o armário do banheiro. Barbeadores, creme de barbear, Listerine, Tylenol, loção após barba, uma bola de gude azul, um palito, desodorante na prateleira superior. Loção para as mãos, absorventes internos, um estojo de diafragma, desodorante, batom, um vidro de complexo vitamínico, um tubo de espermicida na prateleira inferior. O batom é vermelho muito escuro.

Fico ali parada, com o batom na mão. Não me sinto bem. Me pergunto como é a cara dela, o nome. Me pergunto há quanto tempo eles saem. Bastante, eu acho. Boto o batom no lugar, fecho o armário. Me vejo pálida e toda desgrenhada no espelho. *Bom, seja lá quem você for, estou aqui agora. Você pode ser o passado de Henry, mas eu sou o futuro.* Sorrio para mim. Meu reflexo me responde com uma careta. Pego emprestado o roupão de toalha atrás da porta do banheiro. Embaixo, pendurado no gancho, há um robe de seda azul-claro. A troco de nada, usar o roupão dele me deixa mais bem-disposta.

Na sala, Henry continua dormindo. Pego meu relógio no parapeito e vejo que são só 6h30. Estou muito agitada para voltar para a cama. Entro na quitinete à procura de café. Todas as bancadas e o fogão estão tomados por pilhas de pratos, revistas e outras coisas para ler. Tem até uma meia na pia. Vejo que Henry deve ter simplesmente jogado tudo para dentro da cozinha ontem à noite, sem se preocupar com o resto. Eu sempre tive a ideia de que Henry era muito arrumado. Agora fica claro que ele é uma dessas pessoas meticulosas com a aparência pessoal, mas, no íntimo, relaxadas com todo o resto. Começo a fazer café após encontrar pó de café na geladeira e a cafeteira. Enquanto espero que fique pronto, dou uma olhada na estante de Henry.

Aqui está o Henry que conheço. *Canções e Sonetos*, de Donne. *Doutor Faustus*, de Christopher Marlowe. *Almoço Nu.* Anne Bradstreet. Immanuel Kant. Barthes, Foucault, Derrida. *Canções da Inocência e da Experiência*, de Blake. *Ursinho Pooh. Alice, Edição Comentada.* Heidegger. Rilke. *A*

Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristram Shandy. Viagem Mortal a Wisconsin. Aristóteles. Bispo Berkeley. Andrew Marvell. *Hipotermia, Geladura e Outros Danos Causados pelo Frio.*

A cama range e eu dou um pulo. Henry está sentado, olhando para mim com os olhos apertados por causa da luz da manhã. Ele está tão jovem, tão *antes*... Não me conhece, ainda. De repente fico com medo de que tenha esquecido quem eu sou.

— Parece que você está com frio — diz. — Volte para a cama, Clare.

— Fiz café — ofereço.

— Hum, estou sentindo o cheiro. Mas primeiro venha me dar bom-dia.

Entro na cama ainda vestida com o roupão dele. Quando enfia a mão embaixo, ele para um instante. Percebo que ele ligou uma coisa à outra, imaginado seu banheiro sendo visto pelos meus olhos.

— Aquilo te incomoda? — pergunta.

Hesito.

— Incomoda, sim. Incomoda mesmo. Claro. — Henry senta na cama, e eu também. Ele vira a cabeça para mim, me olha. — Já tinha quase acabado, de qualquer forma.

— Quase?

— Eu já estava para terminar com ela. Você só apareceu na hora errada. Ou na hora certa, sei lá. — Ele tenta ler meu rosto, procurando o quê? Perdão? Não é culpa dele. Como ele podia saber? — A gente vem se torturando há muito tempo... — Ele fala cada vez mais depressa, e aí para. — Quer saber?

— Não.

— Obrigado. — Henry passa as mãos no rosto. — Sinto muito. Se eu soubesse que você vinha, eu tinha arrumado melhor as coisas. A minha vida, digo, não só o meu apartamento. — Eu limpo uma marca de batom embaixo da orelha de Henry. Ele pega e segura minha mão. — Sou muito diferente? Do que você esperava? — pergunta, apreensivo.

— Sim... é mais... — *egoísta*, penso, mas digo: — ...jovem.

Ele leva em consideração o que eu disse.

— Isso é bom ou mau?

— Diferente. — Passo as mãos pelos ombros e as costas de Henry, massageando músculos, explorando seus altos e baixos. — Você já se viu quarentão?

— Já. Parece que fui passado na máquina de moer carne.

— É. Mas você é menos... na verdade, é um pouco mais. Quer dizer, você me *conhece*, então...

— Então agora você está me dizendo que sou meio *gauche*.

Faço que não com a cabeça, embora seja exatamente o que quero dizer.

— É só que tive todas essas experiências, e você... Não estou acostumada a estar com você quando não se lembra de nada que aconteceu.

Henry fica triste.

— Sinto muito. Mas a pessoa que você conhece não existe ainda. Fique comigo, e cedo ou tarde, ele vai aparecer na certa. De qualquer maneira, isso é o melhor que posso oferecer.

— É justo — digo. — Mas enquanto isso...

Ele se vira para me olhar.

— Enquanto isso?

— Eu quero...

— Você quer?

Estou ficando vermelha. Henry ri, me empurrando com delicadeza para os travesseiros.

— Você sabe.

— Não sei muito, mas posso adivinhar uma ou duas coisas.

Mais tarde, estamos cochilando e sendo aquecidos pelo sol pálido de outubro do meio da manhã, pele com pele, e Henry diz alguma coisa na minha nuca que não entendo.

— O quê?

— Eu estava pensando: é muito tranquilo estar aqui com você. É bom ficar aqui deitado, sabendo que o futuro está meio que garantido.

— Henry?

— Oi.

— Como é que nunca você se contou sobre mim?

— Ah. Eu não faço isso.

— O quê?

— Normalmente, eu não me conto coisas que vão acontecer a menos que sejam importantes, ameacem a vida, sabe? Estou tentando viver como uma pessoa normal. Nem gosto de me ter por perto, então tento não me visitar a menos que não haja escolha.

Reflito sobre isso por algum tempo.

— Eu me contaria tudo.

— Não, não contaria. Causa muito problema.

— Eu estava sempre tentando fazer você me contar coisas. — Viro de costas, enquanto Henry apoia a cabeça na mão e olha para mim. Nossos rostos estão a uns 15 centímetros de distância. É muito estranho estar conversando, quase como sempre fizemos, mas a proximidade física dificulta a minha concentração.

— Eu te contava alguma coisa? — pergunta ele.

— Às vezes. Quando você estava a fim, ou tinha que contar.

— Tipo o quê?

— Viu só? Você quer mesmo saber. Mas não conto.

Henry ri.

— Bem feito para mim. Ei, estou com fome. Vamos tomar café.

Lá fora está frio. Carros e ciclistas circulam pela Dearborn enquanto casais passeiam nas calçadas. E lá estamos nós com eles, ao sol da manhã, de mãos dadas, finalmente juntos para qualquer um ver. Sinto uma pontinha de arrependimento, como se tivessem descoberto um segredo meu, e depois um surto de empolgação: agora tudo começa.

[1] A edição ilustrada de *The Works of Geoffrey Chaucer*, da Kelmscott Press, é considerada um dos livros mais belos já publicados. (N. do E.)

[2] Pintor austríaco ligado ao movimento expressionista. (N. do E.)

[3] Faixa tridimensional com apenas uma face, descoberta em 1865 pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius. (N. do E.)

OceanofPDF.com

UMA PRIMEIRA VEZ PARA TUDO



Domingo, 16 de junho de 1968

HENRY: A primeira vez foi mágica. Como eu podia saber o que significava? Fomos ao Museu Field de História Natural por conta do meu quinto aniversário. Acho que eu nunca tinha ido ao Museu Field. Meus pais passaram a semana inteira me falando das maravilhas que havia para ver ali, os elefantes empalhados no grande salão, os esqueletos de dinossauro, os dioramas do homem das cavernas. Mamãe acabara de voltar de Sydney e tinha me trazido uma linda borboleta azul, uma *Papilio ulysses*, montada num quadro cheio de algodão. Eu a segurava junto do rosto, tão junto que não conseguia ver mais nada senão aquele azul. Isso me dava uma sensação que mais tarde tentei repetir com álcool e finalmente encontrei de novo com Clare; uma sensação de união, esquecimento e despreocupação no melhor sentido da palavra. Meus pais descreviam vitrines e mais vitrines de borboletas, beija-flores, abelhas. Eu estava tão animado que acordei antes do alvorecer. Coloquei meu tênis de ginástica, peguei minha *Papilio ulysses*, fui para o quintal e desci para o rio de pijama. Sentei no cais e fiquei vendo o dia raiar. Uma família de patos passou nadando, e um guaxinim apareceu do outro lado do rio. Ele me olhou com curiosidade antes de lavar o seu café da manhã e comer. Devo ter adormecido. Ouvi mamãe chamando e subi correndo a escadaria, que estava escorregadia de orvalho, com cuidado para não deixar a borboleta cair. Mamãe estava aborrecida comigo porque resolvi descer sozinho até o cais, mas não fez um bicho de sete cabeças por causa disso, sendo meu aniversário e tal.

Como nenhum deles trabalhava naquela noite, não tiveram pressa para se arrumar ou sair. Eu fiquei pronto muito antes dos meus pais. Sentei na cama deles fingindo ler uma partitura. Isso foi mais ou menos na época em que meus pais músicos reconheceram que seu filho único não tinha talento musical. Não foi por falta de tentativa; só não conseguia ouvir o que quer que eles ouviam numa música. Eu gostava de música, mas mal conseguia cantar sem desafinar. E embora eu soubesse ler jornal com quatro anos, partituras eram apenas rabiscos pretos bonitinhos. Mas meus pais continuavam esperando que eu talvez tivesse alguma aptidão musical

oculta. Por conta disso, quando peguei a partitura, mamãe sentou-se ao meu lado e tentou me ajudar. Logo mamãe estava cantando enquanto eu fazia coro com guinchos horríveis e estalava os dedos. Começamos a rir e ela me fazia cócegas. Papai saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e entrou na farra. Ele me pegou no colo e, por alguns minutos gloriosos, meus pais cantaram juntos, dançando pelo quarto comigo espremido entre os dois. Então o telefone tocou e a cena se dissolveu. Mamãe foi atender, e papai me pôs na cama para então se vestir.

Finalmente, ficaram prontos. Minha mãe estava com um vestido vermelho sem manga e sandálias; pintara as unhas do pé e da mão para combinar com o vestido. Papai estava deslumbrante com calça azul-escura e uma camisa branca de mangas curtas, formando um contraste discreto com a extravagância de mamãe. Entramos todos no carro. Como sempre, eu tinha o banco traseiro só para mim, então me deitei e fiquei vendo os prédios altos da Long Shore Drive passando a toda pela janela.

— Senta, Henry — mamãe disse. — Chegamos.

Sentei e olhei para o museu. Como eu passara minha infância até então circulando pelas capitais da Europa, a fachada do Museu Field não me pareceu nada demais, correspondendo à minha noção de “museu”. Por ser domingo, tivemos alguma dificuldade de encontrar uma vaga para o carro. Enfim, conseguimos estacionar e viemos pela beira do lago, passando por barcos, estátuas e outras crianças agitadas. Entramos ao passar pelas pesadas colunas do museu.

E aí eu me encantei.

Aqui, a natureza era capturada, rotulada e arrumada segundo uma lógica divina, como se Deus tivesse pedido ajuda à equipe do Museu Field para catalogar a papelada perdida da Criação. Para o meu eu de 5 anos, que ficava encantado por uma única borboleta, andar pelo Museu Field era caminhar pelo Éden e ver tudo o que se passava lá.

Vimos muito naquele dia: as borboletas, com certeza, vitrines e mais vitrines delas, do Brasil, de Madagascar, até uma irmã australiana da minha borboleta azul. O museu era escuro, frio e velho, o que intensificava a sensação de suspensão, de tempo e morte interrompidos dentro de suas paredes. Vimos cristais e pumas, ratos almiscarados e múmias, fósseis e mais fósseis. Fizemos o nosso piquenique no gramado do museu e voltamos para dentro, para ver pássaros, jacarés e neandertais. No fim, eu estava tão cansado que mal me aguentava em pé, mas não suportava a ideia de ir

embora. Os guardas chegaram e delicadamente nos acompanharam até as portas; eu me esforçava para não chorar, mas assim mesmo chorei, de exaustão e vontade de ficar. Papai me pegou no colo, e voltamos para o carro. Adormeci no banco de trás. Quando acordei, estávamos em casa, na hora do jantar.

Comemos lá embaixo, no apartamento do casal Kim. Eles eram os nossos senhorios coreanos. O sr. Kim era um homem grosseiro e atarracado que parecia gostar de mim, mas nunca falava muito. A sra. Kim (Kimy, meu apelido para ela) era minha amiga, minha babá maluca que jogava cartas. Eu passava a maior parte do tempo em que estava acordado com Kimy. Minha mãe nunca foi muito boa cozinheira, e Kimy era capaz de produzir com estilo qualquer coisa, de suflê a *bi bim bop*. Hoje, para o meu aniversário, ela havia feito pizza e bolo de chocolate.

Comemos. Todo mundo cantou "Parabéns pra você" e eu soprei as velas. Não me lembro qual foi o pedido que fiz. Fui autorizado a ficar acordado até mais tarde do que o normal, porque ainda estava empolgado com todas as coisas que tínhamos visto, e porque tinha dormido muito no carro. Sentei na varanda dos fundos de pijama com meus pais e o sr. e a sra. Kim. Fiquei bebendo limonada e vendo o azul do céu do anoitecer, escutando as cigarras e os ruídos de tevê dos outros apartamentos. Finalmente, papai disse:

— Hora de ir para a cama, Henry. — Escovei os dentes, rezei e fui para a cama. Eu estava exausto, mas sem sono nenhum. Papai leu um pouco para mim, e então, vendo que eu ainda não conseguia dormir, ele e mamãe apagaram as luzes, deixaram a porta semiaberta e foram para a sala. O trato era: eles tocavam para mim o tempo que eu quisesse, mas eu tinha de ficar na cama ouvindo. Então mamãe sentou ao piano, papai tirou o violino da caixa, e eles tocaram e cantaram por muito tempo. Canções de ninar, *lieder*, noturnos, músicas sonolentas para acalmar o menino selvagem no quarto. Finalmente, mamãe veio ver se eu estava dormindo. Eu devia parecer pequeno e alerta na minha caminha, um animal noturno de pijama.

— Ah, neném. Ainda acordado?

Fiz que sim com a cabeça.

— Papai e eu vamos para a cama. Você está bem?

Respondi que sim e ela me deu um abraço.

— Foi bem emocionante hoje no museu, hein?

— A gente pode voltar amanhã?

— Amanhã, não, mas vamos voltar logo, de verdade, está bem?

— Está.

— Boa-noite. — Ela deixou a porta aberta e apagou a luz do corredor. — Durma bem. Cuidado com o bicho-papão.

Ouvi pequenos ruídos, água correndo, a descarga do vaso. Então tudo ficou quieto. Saí da cama e me ajoelhei à frente da janela. Eu via luzes na casa ao lado, e, em algum lugar, passou um carro com o rádio aos berros. Fiquei ali um pouco, tentando me sentir sonolento. Quando me levantei, tudo mudou.

Sábado, 2 de janeiro de 1988, 4h03/domingo, 16 de junho de 1968, 22h46
(Henry tem 24 e 5 anos)

HENRY: São 4h03 de uma manhã de janeiro extremamente gelada e acabo de chegar em casa. Saí para dançar e estou só meio embriagado, mas absolutamente exausto. Quando me enrolo com as chaves no corredor iluminado, caio de joelhos, tonto e nauseado, e aí estou no escuro, vomitando num chão de ladrilhos. Levanto a cabeça e vejo um sinal de saída aceso em vermelho. Quando meus olhos se acostumam, vejo tigres, homens das cavernas com lanças compridas, mulheres das cavernas usando peles recatadas, cachorros com jeito de lobo. Meu coração dispara, e por um bom tempo de confusão por conta do álcool, penso: *Puta merda, voltei à Idade da Pedra*, até me dar conta de que placas de saída costumam ser sinais do século XX. Levanto, tremendo, e me aventuro para a porta, o ladrilho gelado embaixo dos meus pés descalços, arrepiado e com todos os cabelos em pé. O silêncio é absoluto. O ar é frio e úmido por causa da refrigeração. Chego à entrada e olho para dentro da sala seguinte, cheia de vitrines. O clarão da luz da rua através das janelas altas me mostra milhares de besouros. Estou no Museu Field, Deus seja louvado. Fico imóvel e respiro fundo, tentando clarear as ideias. Alguma coisa aí desperta uma lembrança em minha mente confusa. Eu tento puxar essa memória à força. Deveria fazer alguma coisa. Sim. Quando fiz 5 anos... havia alguém lá, e estou prestes a ser esse alguém... Preciso de roupas. Sim. De fato.

Saio correndo pela sala dos besouros, entro no corredor comprido que divide o segundo andar e desço a escada oeste para o primeiro, agradecido por estar na era anterior aos detectores de movimento. Os grandes elefantes surgem ameaçadores, iluminados pelo luar. Aceno para eles a caminho da lojinha de presentes à direita da entrada principal. Rondo as mercadorias e encontro alguns artigos promissores: um abridor de cartas de enfeite, um

marcador de livro com o emblema do Field e duas camisetas com imagem de dinossauros. As fechaduras nas vitrines são uma brincadeira; abro com um grampo que acho ao lado da caixa registradora e me sirvo. Tudo bem. Tornar a subir para o terceiro andar. Este andar é o "sótão" do Field, onde ficam os laboratórios; os funcionários têm suas salas aí. Leio os nomes nas portas, mas nenhum deles me sugere coisa alguma; finalmente, escolho ao acaso e deslizo meu marcador de livros ao longo da fechadura até a lingueta ser empurrada para trás. Estou dentro.

O ocupante desta sala, um tal V. M. Williamson, é um cara muito desordeiro. A sala está atulhada de papéis, copos de café e cigarros transbordando de cinzeiros; há um esqueleto de cobra parcialmente articulado em sua mesa. Examino rapidamente a baderna à procura de roupas e não encontro nada. A sala seguinte pertence a uma mulher, J. F. Bettley. Na terceira tentativa, dou sorte. D. W. Fitch tem um terno completo pendurado com cuidado no cabideiro. A roupa até que me serve, embora fique um pouco curta nos braços e nas pernas e larga no peito. Visto uma das camisetas de dinossauro por baixo do paletó. Estou descalço, mas decente. D. W. também mantém um pacote fechado de biscoito Oreo na mesa, bendito seja. Tomo posse dele e saio, fechando a porta cuidadosamente ao passar.

Onde eu estava, quando me vi? Fecho os olhos e a fadiga me toma por completo, me acariciando com seus dedos relaxantes. Estou quase dormindo em pé, mas me controlo. Eis que me dou conta: o vulto de um homem vindo em minha direção, iluminado pelas portas da frente do museu. Preciso voltar à Grande Galeria.

Quando chego lá, está tudo calmo e sossegado. Caminho pelo centro da galeria, tentando lembrar a visão das portas. Sento perto da chapelaria, pronto para entrar em cena. Ouço o sangue correndo dentro da cabeça, o sistema de ar condicionado zumbindo, carros passando na Lake Shore Drive. Como dez Oreos, devagar, separando delicadamente cada um, raspando o recheio com os dentes da frente, mordiscando as metades de chocolate para fazê-las render. Não tenho ideia de que horas sejam, nem de quanto tempo tenho de esperar. Estou quase totalmente sóbrio agora, e razoavelmente alerta. O tempo passa, nada acontece. Afinal: ouço um baque suave, uma arfada. Silêncio. Eu espero. Levanto, sem fazer barulho, e entro na galeria, caminhando devagar pela luz oblíqua que corta o piso de mármore. Fico parado no centro das portas e chamo, sem gritar:

— Henry.

Nada. Bom garoto, desconfiado e calado. Tento de novo.

— Tudo bem, Henry. Sou seu guia, estou aqui para mostrar o museu para você. É uma visita especial. Não tenha medo, Henry.

Ouço um ruído bem fraquinho.

— Trouxe uma camiseta para você, Henry. Para você não sentir frio enquanto vemos os objetos expostos. — Consigo perceber onde ele está, parado onde começa a penumbra. — Aqui. Pega. — Jogo a camiseta para ele e ela desaparece. Ele chega à área iluminada, com a camiseta batendo nos joelhos. Eu com 5 anos, cabelo preto espetado, muito branquelo, com olhos castanhos quase eslávicos, magro, esperto. Aos cinco anos, sou feliz, protegido por uma vida normal e pelos braços de meus pais. Tudo mudou, começando a partir de agora.

Avanço devagar, inclino meu corpo em sua direção e falo baixinho:

— Oi. Prazer em ver você, Henry. Obrigado por vir hoje.

— Onde estou? Quem é você? — A voz dele é suave e aguda, e ecoa um pouco na pedra fria.

— Você está no Museu Field. Fui enviado aqui para te mostrar algumas coisas que não dá para ver de dia. Meu nome também é Henry. Não é engraçado?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Quer um biscoito? Eu sempre gosto de comer biscoito quando estou visitando um museu. Estimula os outros sentidos. — Ofereço o pacote de Oreos. Ele hesita, sem saber se pode; com fome, mas sem saber quantos pode pegar sem ser mal-educado. — Pegue quantos quiser. Já comi dez, então você tem que correr atrás do prejuízo. — Ele pega três. — Tem alguma coisa que você gostaria de ver primeiro? — Ele faz que não com a cabeça. — Então pronto. Vamos subir ao terceiro andar; é lá que eles guardam tudo que não está exposto. Tudo bem?

— Tudo.

Subimos a escada no escuro. Ele não anda muito depressa, então subo devagar ao lado dele.

— Cadê mamãe?

— Está em casa, dormindo. Esta é uma visita especial, só para você, porque é seu aniversário. Além do mais, os adultos não fazem esse tipo de coisa.

— Você não é adulto?

— Sou um adulto extremamente fora do comum. Meu trabalho é ter aventuras. Então, naturalmente, quando soube que você queria voltar logo ao Museu Field, na mesma hora aproveitei a oportunidade de mostrá-lo a você.

— Mas como cheguei aqui?

Ele para no alto da escada e olha para mim totalmente confuso.

— Bom, é segredo. Se eu te contar, você vai ter que jurar não dizer nada a ninguém.

— Por quê?

— Porque ninguém iria acreditar em você. Você pode contar a mamãe ou a Kimy se quiser, mas só. Está bem?

— Está...

Fico de joelhos em frente a ele, meu eu inocente, e olho em seus olhos.

— Jura por tudo o que é mais sagrado?

— A-hã.

— Tudo bem. O negócio é o seguinte: você viajou no tempo. Estava no seu quarto e, de repente, pumba! Você está aqui, e como não é muito tarde da noite, temos bastante tempo para ver tudo antes de você ter que ir para casa. — Ele está calado e com olhar de dúvida. — Isso faz sentido?

— Mas... por quê?

— Bom, ainda não descobri. Te conto quando souber. Enquanto isso, temos que ir andando. Biscoito?

Ele pega um e caminhamos devagar pelo corredor. Decido experimentar.

— Vamos tentar esta. — Abro uma porta marcada *306* com o marcador de livro. Quando acendo a luz, há pedras do tamanho de abóboras pelo chão todo, inteiras e cortadas ao meio, irregulares por fora e cheias de veios de metal por dentro. — Ih, olhe, Henry. Meteoritos.

— O que são *meteritos*?

— Pedras que caem do espaço. — Ele me olha como se eu fosse do espaço. — Vamos tentar outra porta? — Ele faz que sim com a cabeça. Fecho a sala dos meteoritos e tento a porta em frente. Esta sala está cheia de pássaros. Pássaros em voo simulado, pássaros eternamente empoleirados em galhos, cabeças de pássaros, peles de pássaros. Abro uma das centenas de gavetas. Ela contém 12 tubos de vidro, cada um com um passarinho dourado e preto com o nome enrolado no pé. Os olhos de Henry estão arregalados. — Quer tocar num?

— A-hã.

Tiro o chumaço de algodão da boca do tubo e balanço até um pintassilgo cair na palma da minha mão. Ele permanece com o formato do tubo. Henry acaricia sua cabecinha, com carinho.

— Ele está dormindo?

— Mais ou menos.

Ele me olha irritado, desconfiando da minha resposta ambígua. Enfio o pintassilgo de volta no tubo com delicadeza, reponho o algodão, reponho o tubo e fecho a gaveta. Estou muito cansado. Até mesmo a palavra dormir é uma isca, uma sedução. Vou à frente até o corredor e, de repente, me lembro do que eu gostava nessa noite quando eu era pequeno.

— Ei, Henry. Vamos para a biblioteca.

Ele dá de ombros. Agora ando depressa, e ele corre para acompanhar. A biblioteca fica no terceiro andar, na ponta leste do prédio. Quando chegamos lá, fico parado um minuto, encarando as fechaduras. Henry me olha, como se fosse dizer: “bem, é isso aí”. Apalpo meus bolsos e acho o abridor de cartas. Arranco o cabo de madeira, e pronto! Tenho ali um bom pino de metal comprido e fino. Enfio metade dele na fechadura e giro para sentir. Ouço as linguetas se mexendo, e, depois de girar ao contrário, voltando à posição inicial, enfio a outra metade. Uso meu marcador de livro na outra fechadura e pronto, Abre-te Sésamo!

Finalmente, meu companheiro está bastante impressionado.

— Como fez isso?

— Não é difícil. Vou te ensinar outra hora. *Entrez!* — Seguro a porta e ele entra. Acendo a luz e a Sala de Leitura de repente ganha vida com suas pesadas mesas e cadeiras de madeira, seu carpete marrom e a Seção de Referência ameaçadora e enorme. A biblioteca do Museu Field não é projetada para seduzir crianças de cinco anos. É uma biblioteca fechada, usada por cientistas e estudiosos. Há fileiras de estantes na sala, mas elas guardam principalmente revistas vitorianas encadernadas em couro. O livro que procuro está numa enorme vitrine de vidro e carvalho sozinha no meio da sala. Forço a fechadura com meu grampo de cabelo e abro a porta de vidro. Realmente, o Field devia levar a segurança mais a sério. Não me sinto muito mal em fazer isso; afinal de contas, sou um bibliotecário de boa-fé, dou aulas na Newberry o tempo todo. Vou para trás da Seção de Referência, encontro um pedaço de feltro e algumas almofadas de apoio, e disponho essas coisas na mesa mais próxima. Então fecho o livro, tiro cuidadosamente da estante e ponho em cima do feltro. Puxo uma cadeira.

— Aqui, suba nesta cadeira para poder ver melhor.

Ele sobe e eu abro o livro.

É o *Birds of America* de Audubon, a edição de luxo que é quase do tamanho do meu eu jovem. Este exemplar é o melhor que existe. Já passei muitas tardes chuvosas a admirá-lo. Abro na primeira gravura, e Henry sorri, olhando para mim.

— "*Mergulhão-do-norte*" — lê. — Parece um pato.

— É, parece. Aposto que posso adivinhar qual é seu pássaro preferido.

Ele balança a cabeça e ri.

— O que você aposta?

Ele se olha com a camiseta do *Tyrannosaurus rex* e encolhe os ombros. Sei como é.

— Que tal assim: se eu adivinhar, você come um biscoito, e se eu não conseguir adivinhar, você come um biscoito?

Ele reflete e decide que não tem nada a perder. Abro o livro no *Flamingo.* Henry ri.

— Estou certo?

— Sim!

É fácil ser onisciente quando já se passou por tudo aquilo antes.

— Tudo bem, cá está o seu biscoito. E eu ganho um por ter acertado. Mas temos que economizar até a gente terminar de ver o livro; não queremos encher os azulões de migalhas, certo?

— Certo! — Ele coloca o Oreo no braço da cadeira. Começamos novamente do início, passando devagar as páginas dos pássaros, tão mais vivos que os de verdade em tubos de ensaio na galeria.

— Essa aqui é uma garça azul gigante. É grande mesmo, maior que um flamingo. Você já viu um beija-flor?

— Vi uns hoje!

— Aqui no museu?

— A-hã.

— Espere até ver um lá fora. Parecem pequenos helicópteros, batem as asas tão depressa que a gente só vê um borrão... — Virar cada página é como fazer uma cama, uma extensão enorme de papel sobe lentamente e passa para o outro lado. Henry fica parado, atento, aguardando cada nova surpresa. Ele solta pequenos sons de alegria para cada grou canadense, cada frango-d'água americano, cada pinguim gigante, cada pica-pau-de-cabeça-vermelha. Quando chegamos à última gravura, *trigueirão da neve*, ele se

debruça e toca a página, afagando o desenho com delicadeza. Olho para ele, olho para o livro e me lembro desse momento, do primeiro livro que amei. Lembro de querer entrar dentro dele e dormir.

— Está cansado?

— A-hã.

— Vamos embora?

— Tudo bem.

Fecho *Birds of America* e devolvo o livro à sua casa de vidro. Abro na página do flamingo e fecho a vitrine ao passar a tranca. Henry pula da cadeira e come seu Oreo. Devolvo o feltro à Seção de Referência e empurro a cadeira para o lugar. Henry apaga a luz, e saímos da biblioteca.

Andamos para lá e para cá, batendo um papo agradável sobre coisas que voam e rastejam enquanto comemos nossos Oreos. Henry me conta que está aprendendo a fazer lasanha com a sra. Kim. Fala sobre mamãe e papai e Brenda, que eu tinha esquecido. Ela era minha melhor amiga de infância até a família dela se mudar para Tampa, Flórida, daqui a uns três meses. Paramos à frente do Bushman, o lendário gorila empalhado que nos encara do pequeno pedestal de mármore numa galeria do primeiro andar. Henry dá um grito e tropeça em minha direção, tentando me pegar. Eu o agarro, mas ele some. A camiseta é um pano quente e vazio em minhas mãos. Suspiro e subo a escada para refletir sozinho, na companhia das múmias. Meu eu jovem agora estará em casa, indo para a cama. Eu me lembro, eu me lembro. Acordei de manhã e foi tudo um sonho maravilhoso. Mamãe riu, dizendo que viagem no tempo parecia ser uma coisa divertida e que queria tentar também.

Essa foi a primeira vez.

OceanofPDF.com

PRIMEIRO ENCONTRO, DOIS



Sexta-feira, 23 de setembro de 1977 (Henry tem 36 anos, Clare, 6)

HENRY: Estou no Campo, esperando. Estou nu, um pouco fora da clareira, porque as roupas que Clare guarda para mim não estão lá. Nem a caixa onde elas ficam está lá. Ainda bem que é uma tarde agradável. Deve ser início de setembro de algum ano não identificado. Fico agachado no capim alto, pensando. O fato de não haver caixa cheia de roupas significa que cheguei antes de Clare e eu termos nos conhecido. Talvez Clare ainda nem tenha nascido. Isso já aconteceu antes, e é um saco; sinto falta de Clare e passo o tempo me escondendo nu no Campo, sem ousar aparecer na vizinhança da família dela. Penso com desejo nas macieiras a leste do Campo. Nesta época do ano, já devem dar maçãs. São comestíveis, mesmo pequenas, azedas e mordidas por veados. Ouço a porta de tela bater e olho por cima da grama. Uma criança desce correndo a trilha de capim. Sinto um aperto no coração ao ver Clare surgir na clareira.

Ela é muito jovem. Está distraída, sozinha. Ainda está com o uniforme da escola, um vestido verde-escuro com uma blusa branca por baixo e meia três-quartos com mocassins. Ela leva na mão uma sacola de compras da Marshall Field’s e uma toalha de praia. Clare estende a toalha no chão e despeja o conteúdo da sacola: todos os tipos imagináveis de material para escrever. Esferográficas velhas, toquinhos de lápis da biblioteca, lápis de cera, canetas Pilot fedorentas, uma caneta-tinteiro. Ela também tem um bolo de papéis de carta do escritório do pai. Arruma o material, dá uma sacudida rápida no maço de papéis, e aí começa a experimentar canetas e lápis um de cada vez, fazendo linhas e curvas cuidadosas, cantarolando. Após prestar atenção por algum tempo, identifico a música como o tema de “The Dick Van Dyke Show”.

Hesito. Clare está satisfeita, concentrada. Deve ter uns 6 anos; se for setembro, provavelmente acabou de entrar na primeira série. Como sou um estranho, obviamente ela não está à minha espera. Tenho certeza de que a primeira coisa que se aprende na primeira série é não dar trela para estranhos que aparecem pelados, sabendo seu nome e dizendo para não contar a seus pais. Me pergunto se hoje é o dia que supostamente devemos

nos conhecer ou se é outro dia qualquer. Talvez eu deva ficar bem quietinho até a Clare ir embora e eu poder comer aquelas maçãs e roubar algumas roupas, ou até eu voltar à programação normal.

Saio do meu devaneio e encontro Clare olhando bem para mim. Percebo, tarde demais, que andei cantarolando com ela.

— Quem está aí? — Clare sussurra. Ela parece um ganso muito bravo, toda pescoço e pernas. Penso rápido.

— Saudações, Terráquea — anuncio, simpático.

— Mark! Seu idiota! — Clare está procurando em volta alguma coisa para atirar e escolhe seus sapatos, que têm saltos pesados e afiados. Ela arranca os sapatos dos pés e joga mesmo. Acho que não consegue me ver bem, mas dá sorte e um deles me acerta na boca. Meu lábio começa a sangrar.

— Por favor, não faça isso. — Como não tenho nada para estancar o sangue, aperto a boca com a mão e minha voz sai abafada. Minha mandíbula dói.

— Quem é? — Agora Clare está assustada, e eu também.

— Henry. É o Henry, Clare. Não vou te machucar, e espero que você não jogue mais nada em mim.

— Devolva os meus sapatos. Não conheço você. Por que está se escondendo? — Clare me olha furiosa.

Atiro seus sapatos de volta na clareira. Ela pega e fica parada segurando como pistolas.

— Estou me escondendo porque perdi minhas roupas e estou com vergonha. Vim de longe e estou com fome. Não conheço ninguém e estou sangrando.

— De onde veio? Por que sabe o meu nome?

Toda a verdade e nada mais que a verdade.

— Vim do futuro. Sou um viajante do tempo. No futuro, somos amigos.

— As pessoas só viajam no tempo em filme.

— É nisso que a gente quer que vocês acreditem.

— Por quê?

— Se todo mundo viajasse no tempo, o mundo ficaria superlotado. Sabe quando você foi visitar sua avó Abshire no Natal passado e teve que ir pelo Aeroporto O’Hare e tinha muita, muita gente? Nós, viajantes do tempo, não queremos confusão para o nosso lado, então mantemos segredo.

Clare pensa nisso um instante.

— Sai daí.

— Me empresta sua toalha de praia.

Ela pega a toalha, e as canetas, lápis e papéis voam todos. Ela joga para mim pelo alto. Eu agarro a toalha, viro de costas enquanto fico em pé e a enrolo na cintura. É de tom bem forte de rosa e laranja com um estampado geométrico berrante. Exatamente o tipo de coisa que você gostaria de estar usando quando conhecesse sua futura mulher. Viro e entro na clareira; sento na pedra com o máximo de dignidade possível. Clare fica o mais longe possível de mim sem que saia da clareira. Ainda segura os sapatos.

— Você está sangrando.

— É, pois é. Você atirou um sapato em mim.

— Ah.

Silêncio. Estou tentando parecer inofensivo e bonzinho. Ser bonzinho é importante na infância de Clare, porque muita gente não é.

— Você está debochando de mim.

— Eu nunca debocharia de você. Por que acha que estou?

Clare é, antes de tudo, teimosa.

— Ninguém viaja no tempo. Você está mentindo.

— Papai Noel viaja no tempo.

— O quê?

— Claro. Como acha que ele entrega aqueles presentes todos numa noite? Ele apenas fica voltando o relógio para trás algumas horas até descer todas aquelas chaminés.

— Papai Noel é mágico. Você não é Papai Noel.

— Quer dizer que não sou mágico? Cacilda, você é difícil.

— Não sou Cacilda.

— Eu sei. Você é Clare. Clare Anne Abshire, nascida em 24 de maio de 1971. Seus pais são Philip e Lucille Abshire, e você mora com eles, sua avó, seu irmão Mark e sua irmã Alicia naquele casarão ali.

— Só porque você sabe umas coisas não quer dizer que vem do futuro.

— Se você ficar por aqui um pouco, pode me ver desaparecer.

Acho que posso contar com isso, porque uma vez Clare me disse que foi o que achou mais impressionante em nosso primeiro encontro.

Silêncio. Clare fica trocando o pé de apoio e espanta um mosquito.

— Você conhece o Papai Noel?

— Pessoalmente? Ééé, não. — Parei de sangrar, mas devo estar com uma cara horrível. — Ei, Clare, por acaso você tem um band-aid? Ou alguma

coisa para comer? Viajar no tempo me deixa com muita fome.

Ela pensa a respeito disso. Cata no bolso do vestido e tira uma barra de chocolate já quase no fim. Joga para mim.

— Obrigado. Adoro isso.

Como direitinho, mas muito rápido. A taxa de açúcar no meu sangue está baixa. Boto o papel na sacola de compras dela. Clare está encantada.

— Você come feito cachorro.

— Eu não! — Estou profundamente ofendido. — Tenho polegares opostos, muito obrigado.

— O que são polegares de aposta?

— Faça isso. — Toco a polegar com a ponta do indicador, fazendo um ó. Clare repete. — Ter polegares opostos significa que você pode fazer isso. Significa que pode abrir vidros, amarrar seus sapatos e fazer outras coisas que bicho não pode.

Clare não se satisfaz com isso.

— A irmã Carmelita diz que bicho não tem alma.

— Claro que bicho tem alma. De onde ela tirou essa ideia?

— Ela disse que o Papa diz.

— O Papa é um velho malvado. Os bichos têm almas muito melhores que as nossas. Eles nunca mentem nem explodem ninguém.

— Eles se comem.

— Bom, eles têm que se comer; não podem ir à sorveteria e pedir uma casquinha grande de baunilha com confeitos, podem?

Isso é a coisa que Clare mais gosta de comer no mundo (na infância. Na idade adulta, o prato preferido de Clare é sushi, sobretudo do Katsu na Peterson Avenue).

— Eles poderiam comer grama.

— Nós também, mas não comemos. Comemos hambúrgueres.

Clare senta na beira da clareira.

— Etta diz que eu não devo falar com estranhos.

— É um bom conselho.

Silêncio.

— Quando você vai desaparecer?

— Quando eu estiver pronto. Cansou de mim? — Clare revira os olhos. — Que trabalho você está fazendo?

— De caligrafia.

— Posso ver?

Clare se levanta com cuidado e recolhe alguns papéis de carta enquanto me encara com olhar ameaçador. Vou me abaixando lentamente em sua direção e estendo a mão como se ela fosse um Rottweiler, até que ela me empurra depressa os papéis e recua. Olho com atenção para eles, como se ela tivesse me entregado os primeiros registros da caligrafia americana ou o manuscrito do Novo Testamento. Ela escreveu várias vezes, em letras cada vez maiores, “Clare Anne Abshire”. Todas elas são floreadas e têm carinhas sorridentes desenhadas dentro. É bem bonito.

— É lindo.

Clare fica satisfeita, como sempre, quando recebe elogios por seu trabalho.

— Posso fazer um para você.

— Eu gostaria. Mas não tenho permissão de levar nada comigo quando viajo no tempo. Que tal você guardar para mim? Assim posso curtir quando estiver aqui.

— Por que não pode levar nada?

— Bom, imagine. Se nós, viajantes do tempo, começássemos a mudar as coisas de lugar no tempo, logo, logo, o mundo seria uma grande bagunça. Digamos que eu trouxesse dinheiro comigo para o passado. Eu poderia procurar todos os números e os times de futebol que deram na loteria e ganhar uma grana preta. Não parece muito justo, parece? Ou se eu fosse realmente desonesto, eu poderia roubar coisas e levar para o futuro, onde ninguém poderia me achar.

— Você poderia ser um pirata! — Clare parece tão feliz com a ideia da minha pessoa como pirata que esquece que não se deve dar trela a estranhos. — Você podia enterrar o dinheiro e fazer um mapa do tesouro e desenterrar no futuro.

De fato, é mais ou menos assim que Clare e eu bancamos nosso estilo de vida rock-and-roll. Quando adulta, Clare acha isso um pouco imoral, embora nos dê uma vantagem na bolsa de valores.

— É uma grande ideia. Mas o que realmente preciso não é de dinheiro, é de roupa.

Clare me olha desconfiada.

— Seu pai tem alguma roupa de que não precisa? Até mesmo uma calça seria ótimo. Eu gosto dessa toalha, não me entenda mal. É só que, de onde venho, em geral gosto de usar calças.

Philip Abshire é um pouco mais baixo que eu e pesa uns 15 quilos a mais. As calças dele ficam engraçadas mas confortáveis em mim.

— Não sei...

— Tudo bem, não precisa ir pegar roupa agora. Mas se trouxer alguma na próxima vez que eu vier seria muito bom.

— Na próxima vez?

Encontro um papel em branco e um lápis. Escrevo em letra de fôrma: QUINTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1977 DEPOIS DO JANTAR. Entrego o papel a Clare, que recebe com cautela. Minha vista está embaçada. Ouço Etta chamando Clare.

— É segredo, Clare, está bem?

— Por quê?

— Não posso dizer. Agora tenho que ir. Foi um prazer conhecer você. Não caia em conversa fiada. — Estendo a mão, que Clare pega com coragem. Enquanto a gente se cumprimenta, eu desapareço.

Quarta-feira, 9 de fevereiro de 2000 (Clare tem 28 anos, Henry, 36)

CLARE: É cedo, umas seis da manhã. Estou dormindo aquele sono leve e cheio de sonhos das seis da manhã quando Henry me acorda com um encontrão. Percebo que ele esteve em outro tempo. Eu grito quando ele aparece praticamente em cima de mim, dando um susto danado um no outro. Ele rola para o lado, rindo, e eu noto que sua boca não para de sangrar. Levanto de um pulo para pegar uma toalha e Henry continua sorrindo quando volto e começo a limpar sua boca.

— Como foi isso?

— Você jogou um sapato em mim.

Não me lembro de algum dia ter jogado alguma coisa em Henry.

— Não joguei.

— Jogou sim. A gente mal tinha acabado de se conhecer. Na hora em que bateu o olho em mim, você disse: “Esse é o homem com quem vou me casar”, e mandou o sapato em mim. Eu sempre disse que você sabia ver o caráter das pessoas.

Quinta-feira, 29 de setembro de 1977 (Clare tem 6 anos, Henry, 35)

CLARE: O calendário na mesa do papai diz a mesma coisa que o papel que o homem escreveu. Nell está fazendo um ovo quente pra Alicia, e Etta está gritando com Mark porque ele não fez o dever e foi jogar Frisbee com

Steve. Eu disse *Etta, pode me dar umas roupas dos baús?,* falando dos baús do sótão onde a gente brincava de se fantasiar, e Etta disse *Para quê?,* e eu disse *Quero brincar de me fantasiar com Megan*, e Etta ficou danada e disse que *Era hora de ir pra escola e eu podia pensar em brincar quando voltasse para casa.* Então eu fui pra escola e a gente fez conta de somar e preparou larvas pra alimentar passarinhos e estudou linguagem e, depois do almoço, francês, música e religião. Passei o dia inteiro preocupada com calças pro homem porque parecia que ele estava mesmo precisando de calças. Então, quando cheguei em casa, fui perguntar a Etta de novo, mas ela estava na cidade, mas Nell me deixou lamber a massa de bolo das pás da batedeira, o que Etta não deixa a gente fazer porque pega salmonela. Mamãe está escrevendo e eu já ia embora sem perguntar, mas ela disse *O que foi, neném?*, então eu pedi e ela disse que eu podia pegar o que eu quisesse nas sacolas da Boa Vontade. Então fui à lavanderia, olhei nas sacolas da Boa Vontade e encontrei três calças do papai, mas uma tinha um furo de cigarro grande. Então peguei duas e encontrei uma camisa branca igual à que papai usa pra trabalhar, uma gravata com peixes e um suéter vermelho. E o roupão de banho amarelo que papai tinha quando eu era pequena e tinha o cheiro do papai. Botei as roupas numa sacola e botei a sacola no armário da roupa suja. Quando eu estava saindo de lá, Mark me viu e disse *O que você tá fazendo aí, idiota?* Eu disse *Nada, idiota* e ele me puxou o cabelo. Eu pisei no pé dele com muita força e aí ele começou a chorar e foi fazer queixa. Então, subi pro meu quarto e brinquei de Televisão com Seu Urso e Jane. A Jane é a estrela de cinema e Seu Urso pergunta pra ela como é ser estrela de cinema e ela diz que quer mesmo ser veterinária, mas é tão deslumbrante que tem que ser estrela de cinema e Seu Urso diz que talvez ela possa ser veterinária quando ela for velha. E Etta bateu e disse *Por que você pisou no Mark?* e eu disse *Porque Mark me puxou o cabelo à toa,* e Etta disse *Vocês dois estão me dando nos nervos,* e foi embora então tudo bem. Jantamos só com Etta porque papai e mamãe tinham ido a uma festa. Foi frango frito com ervilha e bolo de chocolate, e Mark ganhou o pedaço maior mas eu não disse nada porque tinha lambido as pás da batedeira. Então depois do jantar perguntei a Etta se eu podia ir lá fora e ela perguntou se eu tinha dever de casa e eu disse *Ortografia e levar folhas pra aula de arte,* e ela disse *Tudo bem desde que volte quando escurecer.* Então fui e peguei meu suéter azul com as zebras e peguei a sacola e saí e fui pra clareira. Mas o homem não estava lá e fiquei sentada

na pedra algum tempo e aí achei que era melhor catar umas folhas. Então voltei pro jardim e achei algumas folhas da arvorezinha da mamãe que depois ela me disse que era Ginkgo, e algumas folhas do bordo e do carvalho. Aí então voltei pra clareira e ele ainda não estava lá e eu pensei *Bom, acho que ele só inventou que ia vir e não estava querendo tanto uma calça afinal de contas.* E pensei que talvez Ruth estivesse certa porque contei a ela sobre o homem e ela disse que eu estava inventando isso porque as pessoas não desaparecem na vida real só na tevê. Ou vai ver que era sonho como quando Buster morreu e eu sonhei que ele estava bem e estava na gaiola mas acordei e nada de Buster e mamãe disse *Os sonhos são diferentes da vida real mas também são importantes.* E estava esfriando e pensei que talvez eu devesse deixar a sacola e se o homem viesse podia ter a calça dele. Então eu estava voltando pelo caminho e teve um barulho e alguém disse *Ai. Droga, doeu.* E aí me assustei.

HENRY: Bato na pedra quando apareço e arranho o joelho. Estou na clareira e o sol está se pondo acima das árvores numa espetacular explosão de vermelho e laranja digna de uma pintura. Não há nada na clareira, exceto uma sacola de compras cheia de roupas. Rapidamente deduzo que Clare as deixou e este deve ser um dia pouco depois de nosso primeiro encontro. Clare sumiu e chamo seu nome baixinho. Nenhuma resposta. Cato na sacola de compras. Há as calças cáqui, as lindas calças de lã marrom, uma gravata horrenda toda cheia de trutas, o suéter de Harvard, a camisa branca de oxford com o colarinho encardido e manchas de suor embaixo dos braços, e o roupão de banho de seda finíssimo com o monograma de Philip e um rasgão grande no bolso. É uma alegria ver essas roupas, pois são todas velhas amigas, exceto a gravata. Visto as calças cáqui e o suéter. Agradeço o bom gosto e o bom senso aparentemente hereditários de Clare. Me sinto ótimo. Tirando a falta de sapatos, estou bem equipado para minha atual localização no espaço-tempo.

— Obrigado, Clare, você fez um ótimo trabalho — digo baixinho.

Fico surpreso quando ela aparece na entrada da clareira. Está escurecendo depressa e Clare parece miúda e assustada na penumbra.

— Oi.

— Oi, Clare. Obrigado pelas roupas. Estão perfeitas, e vão me deixar quentinho hoje à noite.

— Tenho que entrar logo.

— Tudo bem, está ficando escuro. É noite de escola?

— A-hã.

— Qual é a data de hoje?

— Quinta-feira, 29 de setembro de 1977.

— Isso ajuda muito. Obrigado.

— Como você não sabe isso?

— Bom, acabei de chegar aqui. Uns minutos atrás era segunda-feira, 27 de março de 2000. Era uma manhã chuvosa, e eu estava fazendo uma torrada.

— Mas você escreveu essa data para mim. — Saca um papel de carta do escritório de advocacia de Philip e me mostra. Vou até ela e pego o papel. É interessante ver a data escrita nele com minha letra de imprensa cuidada. Paro e procuro a melhor maneira de explicar os caprichos das viagens no tempo para a pequena Clare.

— É assim. Sabe usar um gravador?

— Humm.

— Tudo bem. Então você coloca a fita e a põe para tocar do início para o fim, certo?

— Sim...

— É assim que é a sua vida. Você se levanta de manhã, toma café, escova os dentes e vai para a escola, certo? Não se levanta e de repente se vê na escola almoçando com Helen e Ruth, e aí aparece de surpresa em casa se vestindo, certo?

Clare ri.

— Certo.

— Agora, para mim, é diferente. Porque sou um viajante do tempo, pulo muito de um tempo para outro. Então é como se você colocasse a fita no início e voltasse para ouvir uma música que gostou. Aí, quando você fosse avançar ao ponto onde parou, percebe que avançou muito a fita. Então, você volta a fita de novo, mas descobre que ainda não foi o suficiente, entende?

— Mais ou menos.

— Bom, não é a melhor analogia do mundo. Basicamente, às vezes eu me perco no tempo e não sei em que época estou.

— O que é analogia?

— É quando você explica uma coisa dizendo que é como outra coisa. Por exemplo, no momento me sinto como um pinto no lixo com esse suéter,

você é linda como uma pintura, e Etta vai ficar uma fera se você não entrar logo.

— Você vai dormir aqui? Podia ir lá para casa, a gente tem um quarto de hóspedes.

— Nossa, você é muito gentil. Infelizmente, não tenho permissão de conhecer sua família até 1991.

Clare está absolutamente perplexa. Acho que parte do problema é que ela não consegue imaginar datas além dos anos 70. Lembro de ter o mesmo problema com os anos 60 na idade dela.

— Por quê?

— É parte das regras. As pessoas que viajam no tempo não devem andar por aí conversando com as pessoas normais quando visitam o tempo delas, porque podemos confundir as coisas.

Na verdade, não acredito nisso; as coisas acontecem do jeito que acontecem, uma vez e só uma. Não acredito na teoria de linhas de tempo paralelas.

— Mas você fala comigo.

— Você é especial. É corajosa, esperta e boa em guardar segredos.

Clare fica com vergonha.

— Eu contei a Ruth, mas ela não acreditou em mim.

— Ah. Bom, não se preocupe com isso. Quase ninguém acredita em mim, também. Especialmente os médicos. Os médicos não acreditam em nada a menos que você consiga provar.

— Eu acredito em você.

Clare está em pé mais ou menos a um metro e meio de mim. Sua carinha branca pega os últimos raios da luz laranja do oeste. Ela usa o cabelo preso num rabo de cavalo apertado, veste calça jeans azul e um suéter escuro com zebras correndo no peito. Está com as mãos fechadas e parece durona e decidida. Nossa filha, penso com tristeza, pareceria com ela.

— Obrigado, Clare.

— Tenho que entrar agora.

— Boa ideia.

— Você vai voltar?

Consulto a Lista, de memória.

— Volto no dia 16 de outubro. É uma sexta-feira. Venha aqui, logo depois da escola. Traga o pequeno diário azul que Megan te deu de aniversário e uma esferográfica azul.

Repito a data, olhando para Clare para garantir que ela se lembre.

— *Au revoir*, Clare.

— *Au revoir...*

— Henry.

— *Au revoir, Henri.* — Sua pronúncia já é melhor que a minha. Clare se vira e sobe correndo pela trilha, para os braços de sua casa acesa e acolhedora, enquanto eu começo a atravessar o campo no escuro. Depois, jogo a gravata na caçamba de lixo atrás de uma lanchonete.

OceanofPDF.com

LIÇÕES DE SOBREVIVÊNCIA



Quinta-feira, 7 de junho de 1973 (Henry tem 27 e 9 anos)

HENRY: Estou parado em frente ao Art Institute de Chicago num dia ensolarado de junho em 1973 com meu eu de 9 anos. Ele vem da próxima quarta-feira; eu venho de 1990. Temos uma tarde e uma noite para fazer as bobagens que quisermos, então viemos a um dos grandes museus de arte do mundo para uma aulinha de bater carteiras.

— Não dá para a gente ficar só vendo arte? — implora Henry. Ele está nervoso. Nunca fez isso antes.

— Não. Você precisa aprender a técnica. Como vai sobreviver sem saber roubar nada?

— Pedindo esmola.

— Pedir esmola é um saco, e você é levado pela polícia a toda hora. Agora, olhe: quando a gente entrar lá, quero que você fique longe de mim e finja que não me conhece. Mas fique perto o suficiente para ver o que estou fazendo. Se eu te entregar alguma coisa, não deixa cair e põe no bolso o mais depressa possível. Certo?

— Acho que sim. Podemos ver o São Jorge?

— Claro.

Atravessamos a Michigan Avenue e caminhamos entre estudantes e donas de casa tomando sol na escadaria do museu. Henry toca num dos leões de bronze na passagem.

Me sinto um pouco mal em relação a isso tudo. De um lado, estou me ensinando habilidades de sobrevivência que preciso com urgência. Outras aulas nesta série incluem Roubar Lojas, Dar Porrada, Arrombar Fechaduras, Escalar Árvores, Dirigir, Invadir Domícilios, Pular em Caçambas de Lixo, e Como Usar Coisas Esquisitas Tipo Venezianas e Tampas de Lixeira Como Armas. De outro, estou corrompendo meu pobre pequeno eu inocente. Suspiro. É um trabalho sujo, mas alguém precisa fazer isso.

É dia de entrada grátis, então o museu está infestado de gente. Ficamos na fila, passamos a entrada e subimos lentamente a grandiosa escadaria central. Entramos nas Galerias Europeias e recuamos da Holanda do século XVII à Espanha do século XV. O São Jorge está a postos, como sempre,

pronto para transpassar o dragão com sua lança delicada enquanto a princesa vestida de rosa e verde espera recatadamente em segundo plano. O meu eu e eu gostamos sinceramente do dragão de papo amarelo, e sempre é um alívio para a gente ver que ainda não chegou sua hora final.

Henry e eu ficamos cinco minutos parados na frente do quadro de Bernardo Martorell, depois ele se vira para mim. A galeria é só nossa nesse momento.

— Não é tão difícil — digo. — Preste atenção. Procure alguém que esteja distraído. Imagine onde está a carteira. Quase todos os homens usam ou no bolso traseiro ou no bolso interno do paletó. Com as mulheres, você quer a bolsa atrás das costas delas. Se estiver na rua, você pode simplesmente pegar a bolsa toda, mas aí tem que ter certeza de que pode correr mais do que qualquer um que decida correr atrás de você. É muito mais tranquilo se conseguir bater a carteira sem ninguém notar.

— Vi um filme onde eles treinavam com uma roupa com sininhos pendurados e se o cara mexesse a roupa enquanto pegava a carteira, os sininhos tocavam.

— É, eu me lembro desse filme. Você pode tentar isso em casa. Agora me siga.

Conduzo Henry do século XV ao XIX; chegamos de repente no meio do Impressionismo francês. O Art Institute é famoso por sua coleção impressionista. É pegar ou largar, mas, como de hábito, essas salas estão cheias de gente espichando o pescoço para ver de relance o *La Grande Jatte* ou um Monte de Feno de Monet. Henry perde a vista dos quadros por não conseguir ver por cima das cabeças dos adultos. De qualquer forma, está nervoso demais para olhá-los. Examino a sala. Há uma mulher inclinada sobre seu bebê enquanto ele grita e se contorce. Deve ser hora da soneca. Faço um sinal positivo de cabeça para Henry e me dirijo para ela. Sua bolsa tem um fecho simples e está a tiracolo. A mãe está totalmente concentrada em fazer o filho parar de berrar. Está em frente ao *No Moulin Rouge* de Toulouse Lautrec. Finjo olhar o quadro enquanto ando e esbarro nela. Eu pego seu braço quando ela cai para frente.

— Perdão, sinto muito, eu não vi, a senhora está bem? Está tão cheio aqui... — Minha mão está em sua bolsa. Ela está perturbada, tem olhos escuros e cabelo comprido, busto grande e ainda tenta perder o peso que ganhou na gravidez. Ainda me desculpando, olho nos olhos dela quando encontro sua carteira, que sobe pela manga do meu casaco. Encaro a mulher

de cima a baixo, recuo, me viro e caminho. Dou uma olhada para trás e vejo que ela pegou o menino no colo e ainda me olha, meio desesperada. Sorrio e vou andando. Henry me segue quando desço a escada para o Junior Museum. Nós nos encontramos perto do banheiro masculino.

— Foi estranho — disse Henry. — Por que ela olhou para você assim?

— Ela se sente sozinha — suavizo. — Talvez o marido não esteja muito presente.

Entramos em um reservado e abro a carteira. O nome dela é Denise Radke. Ela mora em Villa Park, Illinois. É sócia do museu e antiga aluna da Roosevelt University. Leva 22 dólares em espécie, mais moedas. Mostro tudo isso a Henry, em silêncio, fecho a carteira e entrego para ele. Saímos do banheiro masculino e nos dirigimos à entrada do museu.

— Dê isso à segurança. Diga que achou no chão.

— Por quê?

— A gente não precisa; eu só estava fazendo uma demonstração. — Henry corre para a segurança, uma negra idosa que sorri e dá uma espécie de meio abraço em Henry. Ele volta devagar, e vamos andando mantendo uma distância de 3 metros entre nós. Eu vou à frente, pelo comprido corredor escuro cheio de cartazes que algum dia abrigará as Artes Decorativas e dará acesso à Ala Rice. Procuro alvos fáceis, e bem à minha frente está o sonho de qualquer batedor de carteiras. Baixo, gordo e queimado de sol, ele parece que errou o caminho do Wrigley Field com aquele boné de beisebol e aquelas calças de poliéster com camisa esporte de manga curta. Está dando uma aula de Vincent Van Gogh para a namorada tímida.

— Então ele corta a orelha e dá para a namorada... ei, o que você ia achar de um presente desses, hein? Uma orelha! Bom, então botam ele no hospício...

Não tenho escrúpulos em relação a esse. Ele continua andando, falando alto e completamente aéreo, com a carteira no bolso traseiro esquerdo. Tem uma pança grande e quase bunda nenhuma. A carteira está pedindo para que eu a pegue. Vou andando devagar atrás deles. Henry tem uma visão clara quando eu enfio com destreza o polegar e o indicador no bolso do alvo para soltar a carteira. Eles continuam andando enquanto fico para trás. Passo a carteira a Henry, que mete nas calças enquanto sigo em frente.

Mostro a Henry algumas outras técnicas: como tirar uma carteira do bolso interno de um paletó; como evitar que sua mão seja vista enquanto

está dentro de uma bolsa de mulher; seis maneiras de distrair a pessoa que você está roubando; como tirar uma carteira de dentro de uma mochila; e como fazer alguém lhe mostrar inadvertidamente onde está seu dinheiro. Ele está mais relaxado agora, até começa a gostar da coisa. Finalmente, digo:

— Tudo bem, agora você tenta.

Ele fica instantaneamente paralisado de medo.

— Não posso.

— Claro que pode. Olhe em volta. Encontre alguém. — Estamos na Sala das Estampas Japonesas. Está cheio de velhinhas.

— Aqui não.

— Tudo bem, onde?

Ele pensa um instante.

— No restaurante?

Caminhamos em silêncio para o restaurante. Lembro de tudo isso como se fosse hoje. Eu estava completamente apavorado. Olho para meu eu e, claro, a cara dele está branca de medo. Estou rindo, porque sei o que vem depois. Estamos no fim da fila do restaurante do jardim. Henry olha em volta, pensando.

Na nossa frente, na fila, há um homem de meia-idade muito alto com um terno marrom leve de belo corte; é impossível ver onde está a carteira. Henry aproxima-se dele, levando na mão uma das carteiras que bati antes.

— Senhor? É sua? — diz Henry baixinho. — Estava no chão.

— Hein? Ah, hmm, não. — O homem confere o bolso traseiro direito das calças e vê que a carteira está segura. Inclina-se para Henry a fim de ouvi-lo melhor e pega a carteira de Henry para abrir.

— Nossa, você devia levar isso para os seguranças. Hum, tem um bom dinheiro aí, sim. — O homem usa óculos grossos e espia Henry através deles enquanto fala. Henry mete a mão embaixo do paletó do homem e rouba a carteira. Já que Henry está com uma camiseta de manga curta, vou andando atrás dele para que me passe a carteira. O homem alto de terno marrom aponta para a escada, explicando a Henry como devolver a carteira. Henry segue na direção indicada, e eu acompanho até ultrapassá-lo. Faço Henry sair atrás de mim pela porta da Michigan Avenue, passando pelos seguranças, e virar para sul. Rindo feito o diabo, acabamos no Artists Café, onde tomamos milk-shakes com batatas fritas bancados com parte de

nossos ganhos ilícitos. Depois, jogamos todas as carteiras numa caixa de correio, sem o dinheiro, e arranjo um quarto para nós na Palmer House.

— E aí? — pergunto, sentado na borda da banheira vendo Henry escovar os dentes.

— Ú-ê? — responde Henry com a boca cheia de pasta.

— O que acha?

Ele cospe.

— De quê?

— Bater carteira.

Ele me olha no espelho.

— É legal. — Ele se vira e olha diretamente para mim. — Eu consegui! — Dá um sorriso largo.

— Você foi sensacional!

— É! — o sorriso murcha. — Henry, eu não gosto de viajar no tempo sozinho. É melhor com você. Não dá para você sempre vir comigo?

Ele está de costas para mim, e nos olhamos no espelho. Pobre pequeno eu: nessa idade minhas costas são magras e minhas omoplatas se projetam como asas que não nasceram. Ele se vira, esperando uma resposta, e sei o que tenho que dizer a ele — a mim. Estendo a mão e viro Henry com delicadeza até ficar junto de mim, de modo que estamos lado a lado, as cabeças no mesmo nível, viradas para o espelho.

— Olhe.

Estudamos nossos reflexos, lado a lado no banheiro decorado de dourado da Palmer House. Nosso cabelo tem o mesmo castanho-escuro, nossos olhos oblíquos são idênticos, escuros e com olheiras de cansaço, temos réplicas exatas das orelhas um do outro. Sou mais alto, mais musculoso e faço barba. Ele é mais magro e desajeitado. É todo joelhos e cotovelos. Afasto o cabelo do rosto, mostro para ele a cicatriz do acidente. Inconscientemente, ele imita meu gesto, toca a mesma cicatriz em sua testa.

— É igualzinha à minha — diz meu eu, espantado. — Como você arranjou?

— Do mesmo jeito que você. É a mesma. Somos o mesmo.

Um momento de clareza. Não entendi, e aí, de repente, entendi. Vejo a coisa acontecer. Quero ser nós dois ao mesmo tempo, tenho de novo a sensação de perder os limites do meu eu, de ver a mistura do futuro e do presente pela primeira vez. Mas estou muito acostumado com isso, então fico de fora, lembrando a maravilha de ter nove anos e de repente ver e

saber que meu amigo, meu guia, meu irmão era *eu*. Eu, só eu. A solidão da situação.

— Você sou eu.

— Quando for mais velho.

— Mas... e os outros?

— Outros viajantes do tempo?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Acho que não tem nenhum. Quer dizer, nunca conheci.

Uma lágrima cresce no seu olho esquerdo. Quando era pequeno, eu imaginava uma sociedade inteira de viajantes do tempo, dos quais meu professor Henry era um emissário, enviado para me treinar para posterior inclusão em sua grande irmandade. Ainda me sinto um excluído, o último membro de uma espécie antes numerosa. Era como se Robinson Crusoé descobrisse que a pegada reveladora na praia era a sua. Meu eu, pequeno e frágil como uma folha, começa a chorar. Abraço meu eu, me abraço, por um bom tempo.

Mais tarde, pedimos chocolate quente ao serviço de quarto e assistimos a Johnny Carson. Henry adormece com a luz acesa. Quando o programa termina, olho para ele, mas ele sumiu. Henry está de volta ao meu velho quarto no apartamento de meu pai, caindo de sono em minha antiga cama, agradecido. Desligo a tevê e a lâmpada da mesa de cabeceira. Barulhos de rua de 1973 entram pela janela aberta. Quero ir para casa. Estou deitado na cama de hotel dura, abandonado e sozinho. Ainda não entendo.

Domingo, 10 de dezembro de 1978 (Henry tem 15 e 15 anos)

HENRY: Estou no meu quarto com meu eu. Ele chegou do próximo mês de março. Estamos fazendo o que fazemos muito quando temos um pouco de privacidade, quando faz frio lá fora, quando nós dois já passamos a puberdade e ainda não conseguimos bem arranjar garotas de verdade. Acho que quase todo mundo faria isso, se tivesse o tipo de oportunidades que tenho. E não que eu seja gay nem nada.

É domingo quase meio-dia. Ouço os sinos tocando na St. Joe. Papai chegou tarde em casa ontem. Acho que deve ter parado no Exchequer depois do concerto. Estava tão bêbado que caiu na escada e tive de arrastá-lo para casa e botá-lo na cama. Ele tosse e escuto seus passos pela cozinha.

Meu outro eu parece distraído; fica olhando para a porta.

— O quê? — pergunto para ele.

— Nada — diz ele. Levanto e verifico a fechadura.

— *Não* — diz ele. Parece estar fazendo um esforço enorme para falar.

— Entre — digo.

Ouço o passo pesado de papai em frente à minha porta.

— Henry? — diz ele. A maçaneta gira devagar e de repente me dou conta de que, por distração, *destranquei* a porta. Henry pula para trancá-la, mas é tarde demais: papai mete a cabeça dentro do quarto e lá estamos nós, *in flagrante delicto.*

— Ah — diz. Seus olhos estão arregalados e ele parece completamente enojado. — Meu Deus, Henry. — Ele fecha a porta e ouço seus passos voltando para o quarto dele. Dou um olhar de reprovação para meu eu ao vestir um jeans e uma camiseta. Vou ao quarto de papai no fim do corredor. Sua porta está fechada. Bato. Nada de resposta. Espero.

— Papai? — Silêncio. Abro a porta, fico parado no portal. — Papai? — Ele está sentado de costas para mim, na cama dele. Continua sentado e fico parado ali um pouco, mas não consigo me fazer entrar no quarto. Finalmente, fecho a porta e volto para o meu quarto.

— A culpa foi só sua — digo severamente ao meu eu. Ele está de jeans, sentado na cadeira com as mãos na cabeça. — Você sabia, *você sabia* o que ia acontecer e não disse uma palavra. Onde está seu instinto de sobrevivência? Que *diabo* há de errado com você? O que adianta conhecer o futuro se você não consegue pelo menos nos proteger de ceninhas humilhantes...

— Cala a boca — diz Henry com uma voz rouca. — Cala a boca.

— *Não* calo — digo, levantando a voz. — Quer dizer, você só tinha que falar...

— Escuta. — Ele olha para mim com resignação. — Foi como... foi como aquele dia no ringue de patinação.

— Ai. Merda. — Há uns dois anos, vi uma garotinha levar com um taco de hóquei na cabeça no Indian Head Park. Foi horrível. Depois descobri que ela morreu no hospital. E aí comecei a viajar no tempo voltando àquele dia, muitas vezes, e queria avisar à mãe dela, e *não conseguia.* Era como estar na plateia assistindo a um filme. Era como ser um fantasma. Eu berrava: *Não, leve-a para casa, não a deixe perto do gelo, leve-a embora, ela vai se machucar, ela vai morrer,* e via que as palavras estavam só na minha cabeça, e tudo seguiria como antes.

Henry diz:

— Você fala em mudar o futuro, mas para mim, isso é o passado, e até onde posso dizer, não há nada que eu possa fazer a respeito. Quer dizer, eu tentei, e foi a tentativa que fez aquilo acontecer. Se eu não tivesse dito alguma coisa, você não teria se levantado...

— Então por que você disse?

— Porque sim. Você vai dizer, espere só. — Ele dá de ombros. — É igual ao que houve com mamãe. O acidente. *Immer wieder.* — Sempre de novo, sempre a mesma coisa.

— Livre-arbítrio?

Ele se levanta, vai até a janela, fica olhando por cima do quintal dos Tatingers.

— Eu estava falando nisso agora mesmo com um eu de 1992. Ele disse uma coisa interessante: disse que acha que só existe livre-arbítrio quando se está no tempo presente. Diz que, no passado, só podemos fazer o que fizemos, e só podemos estar lá se tivermos estado lá.

— Mas seja qual for o tempo em que eu esteja, ele é o meu presente. Eu não devia ser capaz de decidir...?

— Não. Aparentemente, não.

— O que ele disse em relação ao futuro?

— Bom, pense. Você vai para o futuro, faz alguma coisa e volta ao presente. Aí, o que você fez é parte do seu passado. Então, provavelmente também é inevitável.

Sinto uma combinação sinistra de liberdade e desespero. Estou suando; ele abre a janela e o ar frio preenche o quarto.

— Mas então não sou responsável por nada que faço enquanto não estou no presente.

Ele sorri.

— Graças a Deus.

— E tudo já aconteceu.

— Parece que sim. — Ele passa a mão no rosto, e vejo que está precisando se barbear. — Mas ele disse que você tem que se *comportar* como se tivesse livre-arbítrio, como se fosse responsável pelo que faz.

— Por quê? Por que isso é importante?

— Aparentemente, se não se comportar assim, a situação fica ruim. Deprimente.

— Ele sabia disso pessoalmente?

— Sabia.

— Então o que acontece em seguida?

— Papai passa três semanas fingindo que você não existe. E isso — ele faz um gesto indicando a cama — a gente tem que parar de se encontrar assim. — Suspiro.

— Certo, não tem problema. Mais alguma coisa?

— Vivian Teska.

Vivian é uma garota da aula de geometria que eu sou a fim. Nunca falei com ela.

— Amanhã depois da aula, chama a Vivian para sair.

— Eu nem a conheço.

— Confie em mim. — Ele está rindo para mim de um jeito que me faz considerar por que cargas d'água eu confiaria nele, mas quero acreditar.

— Tudo bem.

— Tenho que ir andando. Dinheiro por favor. — Descolo vinte dólares para ele. — Mais. — Ofereço mais vinte.

— É tudo que tenho.

— Tudo bem. — Ele está se vestindo, tirando roupas de uma pilha de coisas que não me importo de não ver nunca mais. — Que tal um casaco? — Ofereço um suéter de esqui peruano que sempre odiei. Ele veste após fazer uma cara feia. Caminhamos para a porta dos fundos do apartamento. Os sinos da igreja anunciam o meio-dia.

— Tchau — diz meu eu.

— Boa sorte — digo, sentindo uma emoção estranha ao ver meu eu saindo para o desconhecido, para uma fria manhã de domingo em Chicago que não é o lugar dele. Ele desce a escada de madeira com passos pesados, e eu volto ao apartamento silencioso.

Quarta-feira, 17 de novembro/terça-feira, 28 de setembro de 1982
(Henry tem 19 anos)

HENRY: Estou no banco traseiro de um carro de polícia em Zion, Illinois. Estou de algemas e mais nada. O interior dessa viatura cheira a cigarro, couro, suor e alguma outra coisa que é típica de carros de polícia. Cheiro de muita doideira, talvez. Meu olho esquerdo fechou de tão inchado. A frente do corpo está toda machucada e suja porque fui derrubado pelo maior dos dois policiais num terreno baldio cheio de cacos de vidro. Os policiais estão fora do carro falando com os vizinhos. Um deles com certeza me viu tentando entrar na casa vitoriana branca onde estou parado em frente. Não

sei em que ponto do tempo me encontro. Estou aqui há mais ou menos uma hora. Fiz uma cagada completa. Estou com muita fome. Muito cansado. Eu devia estar no seminário de Shakespeare do dr. Quarrie, mas tenho certeza de que consegui perder. Pena. Estamos fazendo *Sonho de Uma Noite de Verão*.

As únicas coisas boas deste carro de polícia são: está quente e não estou em Chicago. Os policiais de Chicago me odeiam porque não conseguem entender como desapareço enquanto estou preso. Eles não sabem quem sou, nem onde moro, já que também me nego a falar. Estou ferrado quando descobrirem, pois há vários mandados de prisão impressionantes contra mim: arrombamento de residências, roubo de lojas, resistência à prisão, fuga, invasão de propriedade, atentado ao pudor, roubo, *und so weiter.* Dá para pensar que eu sou um criminoso incompetente, mas o problema é que é muito difícil ser discreto quando se está nu. Mesmo sendo rápido e furtivo, às vezes não dá certo assaltar residências pelado em plena luz do dia. Já fui preso sete vezes, e até agora sempre sumi antes que pudessem tirar minhas digitais ou uma foto.

Os vizinhos ficam me olhando pela janela do carro da polícia. Não ligo. Não ligo. Isso está demorando muito. Porra, odeio isso. Me recosto e fecho os olhos.

A porta de um carro abre. O ar frio me faz abrir os olhos de repente. Vejo a grade de metal que divide o carro, os bancos de vinil rachados, minhas mãos nas algemas, minhas pernas arrepiadas, o céu chapado através do para-brisa, o quepe no painel, a prancheta na mão do guarda, a cara vermelha dele, com sobrancelhas grisalhas e papada cheia de dobras. Tudo brilha com vários tons de cor como asas de borboleta. O guarda diz “Ei, ele está tendo um ataque” quando me vê batendo queixo sem parar. O carro de polícia some diante dos meus olhos. Estou deitado de costas no meu quintal. Sim. Sim! Encho os pulmões com o doce ar da noite de setembro. Sento e esfrego os pulsos ainda com as marcas das algemas.

Não paro de rir. Escapei de novo! Olhem, Houdini e Próspero! Também sou mágico.

A náusea é mais forte do que eu e vomito nos crisântemos de Kimy.

Sábado, 14 de maio de 1983 (Clare tem quase 12 anos)

CLARE: É aniversário de Mary Christina Heppworth e todas as garotas da quinta série da St. Basil vieram dormir na casa dela. Tem pizza, Coca-Cola

e salada de frutas de jantar. A Sra. Heppworth fez um bolo grande em forma de cabeça de unicórnio com *Parabéns Mary Christina!* em glacê vermelho. A gente canta e Mary Christina sopra as 12 velas de uma vez. Acho que sei qual foi o pedido que ela fez; acho que pediu para não crescer mais. É o que eu pediria se fosse ela, de qualquer forma. Mary Christina é a pessoa mais alta da nossa turma. Tem 1,80m. A mãe dela é mais baixa que ela, mas o pai é muito, muito alto. Helen perguntou a Mary Christina uma vez, e ela disse que ele tem dois metros. Ela é a única menina da família, e os irmãos já têm idade para fazer a barba e são bem altos, também. Eles fazem questão de fingir que a gente não existe e comem bolo à beça. Patty e Ruth dão risinhos quando eles chegam onde estamos. É muito constrangedor. Mary Christina abre os presentes. Dei para ela um suéter verde igualzinho ao meu azul de que ela gostava, com a gola de crochê da Laura Ashley. Depois do jantar, assistimos a *O Grande Amor de Nossas Vidas* no vídeo e a família Heppworth meio que fica em volta nos olhando até a gente se revezar para trocar o pijama no banheiro do segundo andar e ir todo mundo para o quarto da Mary Christina. Ele é todo cor-de-rosa, até o carpete. A gente tem a sensação de que os pais da Mary Christina ficaram muito felizes de finalmente terem uma menina depois daqueles irmãos todos. Todo mundo trouxe saco de dormir, mas a gente empilha num canto e senta na cama da Mary Christina ou no chão. Nancy tem uma garrafa de licor de menta, e a gente bebe um pouco. Tem um gosto horrível, e parece Vick VapoRub no meu peito. Brincamos de Verdade ou Desafio. Ruth desafia Wendy a correr pelo corredor sem blusa. Wendy pergunta para a Francie qual o tamanho de sutiã da Lexi, a irmã de 17 anos da Francie. (Resposta: 44.) Francie pergunta para a Gayle o que estava fazendo com Michael Plattner na Dairy Queen sábado passado. (Resposta: tomando sorvete. Dãã.) Depois de algum tempo, a brincadeira fica chata porque os desafios acabam logo e a gente sabe muito uma da outra, afinal somos colegas de turma desde o jardim de infância. Mary Christina diz “Vamos jogar o jogo do copo”. Todas concordamos, porque é a festa dela e o jogo é legal. Ela tira o tabuleiro do armário. A caixa está toda amassada. Henry me disse uma vez que foi a uma sessão espírita em que o apêndice da médium estourou no meio do trabalho e tiveram que chamar a ambulância. O tabuleiro só dá mesmo para duas pessoas de uma vez, então Mary Christina e Helen vão primeiro. A regra é que a pessoa tem de perguntar em voz alta o que quer saber, senão

não funciona. Cada uma bota o dedo no copo. Helen olha para Mary Christina, que fica indecisa. Nancy diz:

— Pergunta sobre o Bobby. — Então Mary Christina pergunta:

— O Bobby Duxler gosta de mim? — Todo mundo dá risinho. A resposta é não, mas o copo diz *sim*, com um empurrãozinho da Helen. Mary Christina abre um sorriso tão grande que vejo o aparelho dela todo, em cima e embaixo. Helen pergunta se algum garoto gosta dela. O copo fica rodando um pouco, e aí para em D, A, V.

— David Hanley? — diz Patty, e todo mundo ri. Dave é o único negro na nossa turma. É muito tímido, baixinho e bom em matemática.

— Talvez ele ajude você com divisões grandes — diz Laura, que também é muito tímida. Helen ri. Ela é péssima em matemática.

— Aqui, Clare. É a sua vez e da Ruth. — Tomamos os lugares de Helen e Mary Christina. Ruth me olha e eu dou de ombros.

— Não sei o que perguntar — digo. Todo mundo abafa o riso. Quantas perguntas dá para fazer? Mas há tantas coisas que quero saber. *Mamãe vai ficar boa? Por que papai estava gritando com Etta hoje de manhã? Henry é gente de verdade? Onde Mark escondeu o meu dever de francês?* Ruth diz:

— Que garotos gostam da Clare? — Olho de cara feia para ela, mas ela apenas sorri. — Não quer saber?

— Não — eu digo, mas de qualquer maneira boto os dedos no copo. Ruth também bota os dedos dela e nada se mexe. Estamos as duas tocando muito de leve, tentando fazer direito e não empurrar. Aí o copo começa a andar, devagar. Fica rodando, depois para no H. Aí vai mais rápido. E, N, R, Y.

— Henry — diz Mary Christina. — Quem é Henry?

— Eu não sei, mas você está vermelha, Clare. Quem *é* Henry? — Helen pergunta. Eu me limito a balançar a cabeça, como se fosse um mistério para mim, também.

— Você pergunta, Ruth. — Ela pergunta (grande surpresa) quem gosta dela; o copo escreve R, I, C, K. Dá para sentir que ela empurra. Rick é o sr. Malone, nosso professor de ciências, que é gamado na srta. Engle, a professora de inglês. Todo mundo menos Patty ri; Patty é gamada no sr. Malone, também. Ruth e eu ficamos de pé, e Laura e Nancy sentam. Como Nancy está de costas para mim, não vejo a cara dela quando ela pergunta.

— Quem é Henry? — Todo mundo olha para mim e fica no maior silêncio. Observo o tabuleiro. Nada. Quando penso que estou salva, o copo

começa a andar. H, diz. Penso que talvez vá escrever Henry de novo; afinal de contas, Nancy e Laura não sabem nada sobre Henry. Nem *eu* sei tanto assim sobre Henry. Aí continua: U, S, B, A, N, D.[4] Elas todas me olham.

— Bom, eu não sou *casada*; só tenho *11* anos.

— Mas quem é Henry? — Laura fica se perguntando.

— Não sei. Talvez seja alguém que ainda não conheci. — Ela faz que sim com a cabeça. Todo mundo está abismado. Estou muito abismada. Marido? *Marido?*

Quinta-feira, 12 de abril de 1984 (Henry tem 36 anos, Clare, 12)

HENRY: Clare e eu estamos jogando xadrez na área de fazer fogueira no bosque. É um lindo dia de primavera, e o bosque está animado com pássaros namorando e fazendo ninho. A gente está se escondendo da família de Clare, que saiu para passear hoje à tarde. Clare está há algum tempo empacada em sua jogada. Comi a dama dela há três jogadas e agora ela está condenada, mas determinada a lutar até o fim. Ela ergue os olhos.

— Henry, quem é seu Beatle preferido?

— O John, claro.

— Claro por quê?

— Bom, o Ringo é legal, mas meio patético, sabe? E o George é um pouco New Age demais para o meu gosto.

— O que é New Age?

— Religiões excêntricas. Música piegas e chata. Tentativa patética de convencer alguém da superioridade das coisas que vêm da Índia. Medicina não ocidental.

— Mas você não gosta da medicina tradicional.

— É porque os médicos vivem tentando me dizer que sou maluco. Se meu problema fosse um braço quebrado, eu seria um grande fã da medicina ocidental.

— E o Paul?

— O Paul é para mulher.

Clare sorri, timidamente.

— Gosto mais do Paul.

— Bom, você é mulher.

— Por que Paul é para mulher?

Vá com cuidado, digo a mim mesmo.

— Ah, nossa. O Paul é, tipo, o Beatle Bonzinho, sabe?

— Isso é ruim?

— De jeito nenhum. Mas homem se interessa mais em ser bacana, e o John é o Beatle Bacana.

— Ah. Mas ele morreu.

Rio.

— A pessoa pode ter morrido e continuar sendo bacana. Aliás, é muito mais fácil, porque não fica velha nem gorda, nem perde cabelo.

Clare cantarola o início de “When I’m 64”. Anda com a torre cinco casas à frente. Agora posso dar xeque-mate. Quando digo isso para ela, Clare rapidamente desfaz o movimento.

— Então por que gosta do Paul? — pergunto. Olho a tempo de ver Clare ficar muito vermelha.

— Ele é tão... *lindo* — diz Clare. Alguma coisa no jeito como ela falou isso faz com que eu me sinta estranho. Estudo o tabuleiro e me ocorre que Clare podia me dar xeque-mate se comesse meu bispo com o cavalo. Me pergunto se devo lhe dizer isso. Se ela fosse um pouco menor, eu diria. Doze anos já é idade suficiente para a pessoa se defender sozinha. Clare olha para o tabuleiro com um ar sonhador. De repente percebo que estou com ciúmes. Caramba. Não acredito que eu esteja com ciúmes de um tiozão do rock com idade suficiente para ser pai de Clare.

— Pfff — digo.

Clare ergue os olhos, com um sorriso travesso.

— De quem você gosta?

De você, penso, mas não digo.

— Quer dizer quando eu tinha a sua idade?

— Ééé, sim. Quando você tinha a minha idade?

Considero a importância dessa informação antes de contar para ela.

— Eu tinha sua idade em 1975. Hoje sou oito anos mais velho que você.

— Então tem 20 anos?

— Bom, não, tenho 36. — Idade para ser seu pai.

Clare franze a testa. Matemática não é sua melhor matéria.

— Mas se você tinha 12 anos em 1975...

— Ah, desculpe. Tem razão. Quer dizer, eu mesmo tenho 36, mas em algum lugar desse mundo — faço um gesto indicando o sul — tenho vinte. No tempo real.

Clare se esforça para digerir isso.

— Então tem dois de você?

— Mais ou menos. Tem sempre só um eu, mas quando estou viajando no tempo, às vezes vou a algum lugar onde já estou. Aí sim, dá para dizer que tem dois. Ou mais.

— Como eu nunca vi mais de um?

— Vai ver. Quando a gente se conhecer no meu presente, isso vai acontecer muito. — Mais do que eu gostaria, Clare.

— Então de quem você gostava em 1975?

— De ninguém, de verdade. Aos 12 anos, eu tinha outras coisas para pensar. Mas aos 13, eu era muito a fim da Patty Hearst.

Clare parece irritada.

— Uma garota que conheceu na escola?

Eu rio.

— Não. Era uma universitária californiana rica que foi sequestrada por uns terroristas políticos de esquerda. Ela virou assaltante de bancos pressionada por eles. Passou meses aparecendo diariamente no noticiário da noite.

— O que aconteceu com ela? Por que você gostava dela?

— Ela acabou sendo solta por eles, se casou, teve filhos e agora é uma senhora rica na Califórnia. Por que eu gostava dela? Ah, sei lá. É irracional, sabe? Acho que sei um pouco como ela se sentia, sendo raptada e forçada a fazer coisas que não queria, até parecer que gostava daquilo.

— Você faz coisas que não quer fazer?

— Sim. A toda hora. — Minha perna ficou dormente. Levanto e sacudo a perna até ela formigar. — Nem sempre eu acabo são e salvo com você, Clare. Muitas vezes, vou para lugares onde tenho que roubar para conseguir roupa e comida.

— Ah. — O rosto dela fica sério. Ela vê a jogada, mexe a peça e me olha triunfante. — Xeque-mate!

— Ei! Parabéns! — Faço um gesto de saudação. — Você é a rainha do xadrez *du jour*.

— Sou, sim — diz Clare, vermelha de orgulho. Começa a colocar as peças novamente na posição inicial. — Outra?

Finjo consultar meu relógio imaginário.

— Claro. — Sento de novo. — Está com fome? — Estamos ali há horas e as provisões estão terminando; tudo o que sobrou são as migalhas de um saco de Doritos.

— Mmmm. — Clare segura os peões atrás das costas. Toco em seu cotovelo direito e ela me mostra o peão branco. Faço minha jogada inicial clássica, peão da dama para 4D. Ele dá sua resposta clássica à minha jogada inicial clássica, peão da dama para 4D. Fazemos as dez jogadas seguintes bem depressa, com uma carnificina apenas moderada, e aí Clare demora um pouco, analisando o tabuleiro. Ela está sempre experimentando, sempre tentando o *coup d'éclat.* — De quem você gosta agora? — pergunta sem olhar.

— Você quer dizer com vinte anos? Ou 36?

— Os dois.

Tento me lembrar dos meus vinte anos. É só uma vaga lembrança de mulheres, peitos, pernas, pele, cabelo. Todas as histórias delas se embaralharam, e os rostos já não se ligam aos nomes. Eu não parava quieto, mas era infeliz aos vinte anos.

— Vinte anos não era nada especial. Ninguém me vem à mente.

— E 36?

Examino Clare. Doze anos é muito criança? Tenho certeza de que 12 anos é criança demais. Melhor fantasiar sobre o lindo, inatingível e inofensivo Paul McCartney do que ter de encarar Henry o Tiozão Viajante do Tempo. Por que ela me pergunta isso afinal de contas?

— Henry?

— Sim?

— Você é casado?

— Sou — admito com relutância.

— Com quem?

— Uma mulher muito bonita, paciente, talentosa e inteligente.

Ela faz uma cara desapontada.

— Ah. — Ela gira um dos meus bispos brancos, que capturou duas jogadas atrás, como um pião. — Bom, que legal. — Parece ofendida com essa notícia.

— Qual é o problema?

— Nenhum. — Clare move a rainha de D2 para CR5. — Xeque.

Movo meu cavalo para proteger meu rei.

— Sou casada? — pergunta Clare.

Encontro os olhos dela.

— Você está forçando a barra hoje.

— Por que não? Você nunca me conta nada mesmo. Vamos, Henry, me diga se vou ficar solteirona.

— Você é uma freira — implico com ela.

Clare dá de ombros.

— Puxa, espero que não. — Ela toma um dos meus peões com a torre. — Como conheceu sua mulher?

— Sinto muito. Informação confidencial. — Tomo a torre dela com a dama.

Clare faz uma careta.

— Ai. Você estava viajando no tempo? Quando conheceu sua mulher?

— *Eu* estava cuidando da minha vida.

Clare suspira. Toma outro peão com a outra torre. Estou começando a ficar sem peões. Movo o bispo da dama para BR4.

— Não é justo você saber tudo sobre mim e nunca me contar coisa alguma sobre você.

— Verdade, não é justo. — Tento parecer arrependido e amável.

— A Ruth, a Helen, a Megan e a Laura me contam tudo e eu conto tudo para elas.

— Tudo?

— É. Bom, eu não conto para elas sobre você.

— Ah? Por quê?

Clare parece meio na defensiva.

— Você é segredo. Elas não iam acreditar em mim, de qualquer maneira. — Ela captura o meu bispo com o cavalo dela, dando um sorriso irônico. Contemplo o tabuleiro, tentando achar um jeito de tomar o cavalo dela ou mover o meu bispo. As coisas estão ficando pretas para as brancas.

— Henry, você é gente mesmo?

Sou pego meio desprevenido.

— Sou, o que mais poderia ser?

— Sei lá. Um espírito.

— Sou gente mesmo, Clare.

— Prova.

— Como?

— Não sei.

— Acho que não dá para você provar que *é* gente, Clare.

— Claro que posso.

— Como?

— Tenho tudo o que gente tem.

— Bom, eu também tenho tudo o que gente tem. — É engraçado Clare puxar esse assunto; em 1999, o dr. Kendrick e eu começamos uma guerra filosófica sobre esse assunto mesmo. Kendrick está convencido de que eu sou um precursor de uma nova espécie de ser humano, tão diferente das pessoas de hoje quanto o Homem de Cro-Magnon era de seus vizinhos neandertais. Contesto que tenho apenas um código genético defeituoso, e nossa dificuldade para ter filhos prova que não vou ser o Elo Perdido. Chegamos ao ponto de citar Kierkegaard e Heidegger um para o outro furiosamente. Enquanto isso, Clare me olha intrigada.

— *Gente* não aparece e desaparece do jeito que você faz. Você é igual ao Gato da *Alice*.

— Está sugerindo que sou um personagem de ficção? — Finalmente vejo minha jogada: torre do rei para TD3. Agora ela pode tomar meu bispo, mas vai perder a dama no processo. Clare demora um instante para notar isso e mostra a língua quando percebe. Sua língua está tão amarela por causa dos Doritos que é de deixar qualquer um preocupado.

— Isso me faz pensar nos contos de fada. Sabe, se você é real, por que os contos de fada não podem ser reais, também? — Clare se levanta, ainda analisando o tabuleiro, e faz uma dancinha, pulando como se suas calças estivessem pegando fogo. — Acho que o chão está endurecendo. Estou com a bunda dormente.

— Talvez sejam reais. Ou alguma coisinha neles seja real e as pessoas foram exagerando o resto, sabe?

— Tipo talvez a Branca de Neve estivesse em coma!

— E a Bela Adormecida também.

— E João, o cara do pé de feijão, era simplesmente um tremendo jardineiro.

— E Noé era um velho esquisito com uma casa flutuante e um monte de gatos.

Clare me encara.

— Noé está na *Bíblia.* Não é um conto de fadas.

— Ah. Certo. Desculpe.

Estou ficando com muita fome. Agora, a qualquer momento, Nell vai tocar o sino do jantar e Clare terá de entrar. Ela torna a se sentar de seu lado do tabuleiro. Vejo que se desinteressou do jogo quando começa a fazer uma pequena pirâmide com todas as peças conquistadas.

— Você ainda não provou que é real — diz Clare.

— Nem você.

— Você algum dia já se perguntou se sou real? — ela me pergunta, surpresa.

— Talvez eu esteja sonhando com você. Talvez você esteja sonhando comigo. Talvez a gente só exista nos sonhos um do outro, e todo dia quando acorda de manhã se esqueça um do outro.

Clare franze a testa, e faz um gesto como se afastasse essa ideia esquisita.

— Me belisque — pede. Dou um beliscão de leve no braço. — Com mais força! — Repito com força suficiente para deixar uma marca branca e vermelha que demora uns segundos para sumir. — Não acha que eu teria acordado se estivesse dormindo? De qualquer maneira, não estou com sono.

— Bom, eu não me sinto um espírito. Nem personagem de ficção.

— Como é que você sabe? Quer dizer, se eu inventei você, é só não te contar que você não vai saber, certo?

Levanto as sobrancelhas em tom de provocação para ela.

— Vai ver que Deus nos inventou e não conta para a gente.

— Você não devia dizer uma coisa dessas — exclama Clare. — Além do mais, você nem acredita em Deus. Acredita?

Dou de ombros e mudo de assunto.

— Eu sou mais real que o Paul McCartney.

Clare parece preocupada. Começa a guardar todas as peças na caixa, separando cuidadosamente as pretas e as brancas.

— Muita gente conhece o Paul McCartney; só eu conheço você.

— Mas você já esteve comigo de fato, e nunca esteve com ele.

— Minha mãe foi a um show dos Beatles. — Ela tampa a caixa do jogo de xadrez e se estica no chão, olhando as folhas novas no topo das árvores. — Foi no Comiskey Park, em Chicago, dia 8 de agosto de 1965. — Cutuco a barriga dela e Clare se encolhe como um porco-espinho, rindo. Após um intervalo de cócegas e contorções, ficamos deitados no chão com as mãos cruzadas no peito e Clare pergunta: — Sua mulher também viaja no tempo?

— Não. Graças a Deus.

— Graças a Deus por quê? Acho que seria divertido. Vocês poderiam ir a lugares juntos.

— Um viajante do tempo por família é mais do que suficiente. É perigoso, Clare.

— Ela fica preocupada com você?

— Sim — digo baixinho. — Fica. — Me pergunto o que Clare está fazendo agora, em 1999. Talvez ainda esteja dormindo. Talvez não saiba que eu saí de casa.

— Você ama ela?

— Muito — sussurro. Ficamos deitados lado a lado, vendo as árvores balançando, os pássaros, o céu. Ouço um som abafado de nariz fungando. Ao olhar para Clare, me surpreendo ao ver lágrimas descendo por seu rosto até as orelhas. Sento e me debruço em sua direção. — O que foi, Clare? — Ela se limita a sacudir a cabeça para trás e para a frente e apertar os lábios. Passo a mão em seu cabelo, coloco Clare sentada e dou um abraço. Ela é uma criança, e, ao mesmo tempo, não é. — O que foi?

Ela fala tão baixinho que preciso pedir que repita:

— É só que pensei que talvez você fosse casado comigo.

Quarta-feira, 27 de junho de 1984 (Clare tem 13 anos)

CLARE: Estou parada no Campo. É fim de junho, à tardinha; daqui a pouco vai estar na hora de lavar as mãos para jantar. A temperatura cai. Há dez minutos, o céu estava azul e fazia um calor forte no Campo. Tudo parecia disforme, como se estivesse embaixo de um grande domo de vidro, todos os barulhos próximos abafados pelo calor enquanto um coro de insetos zumbia. Estou sentada há algum tempo na passarela vendo baratas-d'água no laguinho parado, pensando no Henry. Hoje não é dia de Henry; faltam 22 dias para o próximo. Agora está muito mais fresco. Henry é um mistério para mim, apesar de até hoje eu não achar que seja nada demais. Embora ele seja um segredo, o que o torna fascinante, Henry também é meio que um milagre. Só agora comecei a perceber que a maioria das garotas não tem um Henry ou, se tem, nenhuma fala nada. Começa a ventar; o capim alto ondula, e fecho os olhos para imaginar que é o barulho do mar (que eu nunca vi a não ser na tevê). Quando abro os olhos, o céu está amarelo, depois verde. Henry diz que vem do futuro. Quando eu era pequena, eu não via problema nisso; não tinha a menor ideia do que isso significava. Agora me pergunto se o futuro é um lugar aonde eu possa ir; isto é, ir de alguma outra forma sem ser ficar velha. Me pergunto se Henry poderia me levar para o futuro. O bosque está escuro e as árvores se dobram, se agitando para os lados até se curvar. O zumbido dos insetos parou. O vento deita o capim, enquanto as árvores estalam e gemem. Estou com medo do futuro; parece ser uma grande caixa me esperando. Henry diz que me conhece no futuro.

Nuvens negras imensas vêm de trás das árvores, parecendo marionetes, e chegam tão de repente que eu rio. Tudo gira em minha direção. Há um demorado estrondo de um trovão. De repente percebo que estou de pé no Campo e me deito, esperando passar despercebida pela tempestade que chega. Fico deitada de costas olhando para cima quando desaba uma chuva torrencial, que deixa minhas roupas ensopadas num instante. Sinto que Henry está ali. Sinto uma necessidade incrível de que Henry esteja ali e me toque. Parece que Henry é a chuva e eu estou sozinha, sentindo desejo por ele.

Domingo, 23 de setembro de 1984 (Henry tem 35 anos, Clare, 13)

HENRY: Estou na clareira, no Campo. É de madrugada, logo antes da aurora. É fim de verão, todas as flores e o capim estão batendo no meu peito. Faz muito frio. Estou sozinho. Caminho no meio das plantas e localizo a caixa de roupas. Ao abrir, encontro uma calça jeans e uma camisa branca de oxford e sandálias. Nunca vi essas roupas, então não sei em que tempo estou. Clare também me deixou um lanche: tem um pão com manteiga de amendoim e geleia cuidadosamente embrulhado em papel-alumínio, com uma maçã e um saco de batatas fritas Jay's. Talvez esta seja uma das merendas que Clare leva para a escola. Minhas previsões tendem para o fim dos anos 70. Sento na pedra e como a comida, o que me faz sentir muito melhor. O sol nasce. O Campo fica todo azul, e depois laranja e cor-de-rosa. As sombras se alongam até chegar o dia. Não há sinal de Clare. Vou me arrastando um pouco para dentro do mato. Fico encolhido sem ligar para o chão molhado do orvalho e durmo. Quando acordo, o sol está mais alto e Clare está sentada ao meu lado lendo um livro. Ela sorri para mim e diz:

— Bom dia, flor do dia!

Gemo e esfrego os olhos.

— Oi, Clare. Que dia é hoje?

— Domingo, 23 de setembro de 1984.

Clare tem 13 anos. Uma idade estranha e difícil, mas não tão difícil quanto o nosso presente. Sento e bocejo.

— Clare, se eu pedir com muito jeito, você vai a sua casa e traz uma xícara de café escondido para mim?

— Café? — Clare diz isso como se nunca tivesse ouvido falar na substância. Na idade adulta, ela é tão viciada quanto eu. Ela fica pensando

na logística da coisa.

— Por favorzinho?

— Tudo bem, vou tentar. — Ela se levanta, devagar. Este é o ano em que Clare cresceu depressa. No último ano ela cresceu quase 13 centímetros e ainda não se acostumou com o novo corpo. Busto, pernas e quadris, tudo novo. Tento não pensar nisso quando a vejo subir a trilha da casa. Dou uma olhada no livro que ela estava lendo. É um Dorothy Sayers, um que não li. Estou na página 33 quando ela volta. Ela trouxe uma garrafa térmica, xícaras, uma toalha de piquenique e umas rosquinhas. Um verão de sol deixou sardas no nariz de Clare. Tenho que resistir ao impulso de passar as mãos por seus cabelos descoloridos que caem sobre seus braços quando ela estende a toalha.

— Deus te abençoe. — Recebo a garrafa térmica como se fosse uma hóstia. A gente fica à vontade na toalha. Tiro as sandálias, sirvo uma xícara de café e dou um gole. Está bem forte e amargo. — Caramba! Isso é combustível de foguete, Clare.

— Muito forte? — Ela faz uma cara meio deprimida, e me apresso em elogiar.

— Bom, café forte nunca é demais, mas está bastante forte. No entanto, eu gosto. Foi você que fez?

— A-hã. Eu nunca tinha feito café antes. Talvez eu tenha feito errado porque o Mark entrou e ficou me enchendo a paciência.

— Não, está ótimo. — Sopro o café e tomo de um gole só. Na mesma hora, me sinto melhor. Sirvo outra xícara.

Clare pega a garrafa térmica de mim. Ela se serve de um dedo de café e dá um gole cauteloso.

— Eca — diz. — É horrível. É para ter esse gosto mesmo?

— Bom, geralmente é bem menos agressivo. Você gosta do seu com muito creme e açúcar.

Clare entorna o resto do seu café no Campo e pega uma rosquinha. Então diz:

— Você está me transformando numa maluca.

Não tenho uma resposta pronta para isso, já que a ideia nunca me ocorreu.

— Não estou, não.

— Está.

— Não estou. — Paro um instante. — O que você está querendo dizer com isso de que estou te transformando numa maluca? Não estou transformando você em nada.

— Ora, está me dizendo, por exemplo, que gosto de café com creme e açúcar antes que eu mal tenha chegado a provar. Como vou descobrir se é desse jeito que gosto mesmo ou se só gosto assim porque você me diz que eu gosto?

— Mas, Clare, isso é só gosto pessoal. Você deve descobrir como gosta de café independentemente de eu dizer alguma coisa. Além do mais, você é que vive me enchendo para lhe contar sobre o futuro.

— Conhecer o futuro é diferente de ser informada do que eu gosto — diz Clare.

— Por quê? Tudo tem a ver com o livre-arbítrio.

Clare tira os sapatos e as meias. Enfia as meias dentro dos sapatos e coloca o par arrumadinho na beira da toalha. Então pega as sandálias que atirei longe para colocar ao lado dos sapatos, como se a toalha fosse um tatame.

— Pensei que livre-arbítrio tivesse a ver com pecado.

Penso sobre isso.

— Não — digo —, por que o livre-arbítrio deve se limitar ao certo e errado? Assim: você simplesmente decidiu, por vontade própria, tirar os sapatos. Isso não tem importância, ninguém quer saber se você está calçada ou não; não há pecado nem virtude nisso; não é uma coisa que afete o futuro. Mas você exerceu seu livre-arbítrio.

Clare dá de ombros.

— Mas às vezes você me diz uma coisa e eu tenho a sensação de que o futuro já chegou, sabe? Como se meu futuro tivesse acontecido no passado e eu não pudesse fazer nada a respeito.

— Isso se chama determinismo — digo. — Me dá pesadelos.

Clare fica intrigada.

— Por quê?

— Bom, se *você* está se sentindo tolhida por achar que seu futuro é inalterável, imagine como *eu* me sinto. É dureza encarar o fato de que não posso mudar nada, embora esteja ali, observando o que acontece.

— Mas, Henry, você muda as coisas, sim! Pô, você escreveu aquilo que eu devo te dar em 1991 sobre o bebê com síndrome de Down. E a Lista.

Sem a Lista, eu nunca saberia quando vir te encontrar. Toda hora você muda as coisas.

Sorrio.

— Só posso fazer coisas que contribuam para o que já aconteceu. Não posso, por exemplo, desfazer o fato de que você acabou de tirar os sapatos.

Clare ri.

— Por que você ligaria se eu tirei ou não?

— Eu não ligo. Mas, mesmo que sim, isso agora é uma parte inalterável da história do universo e não posso fazer nada a respeito.

Pego uma rosquinha. É uma Bismarck, minha favorita. O glacê está derretendo um pouco no sol e gruda nos meus dedos.

Clare termina a rosquinha dela, enrola a barra da calça jeans e senta de pernas cruzadas. Coça o pescoço e me olha irritada.

— Agora você está me deixando inibida. Tenho a sensação de que é sempre um acontecimento histórico quando vou assoar o nariz.

— Bom, é por aí mesmo.

Ela revira os olhos.

— Qual é o contrário de determinismo?

— Caos.

— Ah. Acho que não gosto disso. Você gosta?

Dou uma dentada grande na Bismarck e reflito sobre o caos.

— Bom, gosto e não gosto. O caos é mais liberdade; na verdade, é a liberdade total, mas sem sentido. Quero ser livre para agir e também quero que meus atos tenham algum sentido.

— Mas, Henry, você está se esquecendo de Deus. Por que não pode haver um Deus que dê algum sentido a isso?

Clare franze a testa e fala olhando seriamente para o outro lado do Campo.

Ponho o que sobrou do Bismarck na boca e mastigo devagar para ganhar tempo. Toda vez que Clare menciona Deus, começo a ficar com as mãos suadas e tenho vontade de me esconder, fugir ou sumir.

— Não sei, Clare. É que as coisas me parecem muito aleatórias e sem sentido para que haja um Deus.

Clare abraça seus joelhos.

— Mas você acabou de dizer que tudo parece ter sido planejado antes.

— Pff — digo. Agarro os tornozelos de Clare, puxo seus pés para meu colo e seguro. Clare ri, apoiada nos cotovelos. Os pés de Clare estão frios

em minhas mãos; são muito rosados e limpos. — Tudo bem — digo. — Vamos ver. As escolhas que temos aqui são: um universo fechado, onde passado, presente e futuro coexistem e tudo já aconteceu; o caos, onde tudo pode acontecer e nada pode ser previsto porque não dá para saber todas as variáveis; e um universo cristão em que Deus fez tudo segundo um propósito, mas, de qualquer forma, temos livre-arbítrio. Certo?

Clare mexe os dedos do pé para mim.

— Acho que sim.

— E o que você escolhe?

Clare está calada. Seu pragmatismo e sua visão romântica de Jesus e Maria têm quase que o mesmo peso, aos 13 anos. Um ano atrás, ela teria dito Deus sem hesitação. Em dez anos, vai escolher o determinismo. Dez anos depois disso, Clare vai acreditar que o universo é arbitrário; que Deus não ouve nossas preces, mesmo que exista; e que causa e efeito são inescapáveis e sem sentido. E depois disso? Não sei. Mas agora Clare está à beira da adolescência com sua fé de um lado e seu ceticismo crescente do outro. Sua única saída é tentar equilibrar ou misturar bem as duas coisas. Ela faz que não com a cabeça.

— Não sei. Eu *quero* Deus. Pode ser?

Me sinto um babaca.

— Claro que pode ser. É nisso que você acredita.

— Mas não quero só acreditar nisso. Quero que seja verdade.

Passo os polegares pelas solas dos pés de Clare, e ela fecha os olhos.

— Você e São Tomás de Aquino — digo.

— Já ouvi falar nele — diz Clare, como se estivesse falando de um tio predileto que perdeu, ou de um apresentador de tevê da sua infância.

— Ele queria ordem e razão, e Deus, também. Ele viveu no século XIII e deu aula na Universidade de Paris. Tomás de Aquino acreditava em Aristóteles e em anjos.

— Adoro anjos — disse Clare. — São muito bonitos. Quem me dera ter asas para voar por aí e sentar nas nuvens.

— *Ein jeder Engel ist schrecklich.*

Clare dá um suspiro, um suspiro baixinho que significa *não falo alemão, lembra?*

— Hein?

— “Todo anjo é assustador.” Isso faz parte de uma série de poemas chamada *As Elegias de Duíno*, de um poeta chamado Rilke. Ele é um dos

nossos poetas preferidos.

Clare ri.

— Você está fazendo isso de novo!

— O quê?

— Me dizendo do que eu gosto.

Clare afunda os pés no meu colo. Ponho os pés dela nos ombros sem pensar. Como isso me parece muito sexual, prendo os pés de Clare com uma mão no ar enquanto ela está deitada de costas. Clare está inocente e angelical com o cabelo espalhado na toalha como uma auréola à sua volta. Faço cócegas em seus pés. Clare ri e se solta de mim como um peixe se contorcendo. Levanta dando um pulo e dá uma estrela na clareira, sorrindo para mim como se me desafiando a ir atrás dela. Apenas sorrio de volta. Ela retorna para a manta e senta ao meu lado.

— Henry?

— Sim?

— Você está me deixando diferente.

— Eu sei.

Viro para olhar para Clare e só por um momento me esqueço de que ela é jovem, e que isso ocorreu há muito tempo; vejo Clare, minha mulher, superposta na cara dessa garota. Não sei o que dizer a essa Clare que é velha e moça, que é diferente das outras garotas e sabe que diferente pode ser difícil. Mas Clare não parece esperar uma resposta. Encosta no meu braço, que eu passo em volta de seus ombros.

— *Clare!* — O pai de Clare grita o nome dela do outro lado do Campo Silencioso. Clare levanta dando um pulo e agarra os sapatos e as meias.

— Está na hora da igreja — diz ela, subitamente nervosa.

— Tudo bem — digo. — Ééé... tchau.

Aceno para ela. Ela sorri, resmunga *até logo* e vai subindo a trilha correndo até sumir. Fico um pouco deitado ao sol, me perguntando sobre Deus, lendo Dorothy Sayers. Mais ou menos uma hora depois, eu também desapareço. Só há uma toalha e um livro, xícaras de café e roupas como pistas de que a gente sequer esteve lá.

[4] Marido, em inglês. (N. da T.)

OceanofPDF.com

DEPOIS DO FIM



Sábado, 27 de outubro de 1984 (Clare tem 13 anos, Henry, 43)

CLARE: Acordo de repente, com um barulho. Alguém chamou meu nome. Parecia a voz de Henry. Sento na cama, escutando. Ouço o vento e corvos gritando. Mas e se fosse Henry? Pulo da cama e desço correndo, saio pela escada dos fundos e vou para o Campo. Está frio, o vento atravessa minha camisola. Onde está ele? Paro para olhar. Papai e Mark estão perto do pomar com aquelas roupas de caçador cor de laranja forte. Tem um homem com eles, que estão parados olhando alguma coisa. Eles se viram ao me ouvir, e vejo que o homem é Henry. O que Henry está fazendo com papai e Mark? Meus pés são cortados pelo capim seco quando corro até eles, e papai vem até mim.

— Querida — diz —, o que está fazendo aqui tão cedo?

— Ouvi o meu nome — digo. Ele sorri para mim. *Bobinha*, diz seu sorriso. Olho para Henry, para ver se ele vai explicar. *Por que me chamou, Henry?* Mas ele faz que não com a cabeça e põe o dedo nos lábios. *Shhh, não conte, Clare.* Ele entra no pomar. Eu quero ver o que eles estão olhando, mas ali não tem nada.

— Volte para a cama, Clare, foi só um sonho. — Papai diz ao me abraçar e me acompanhar na direção da casa. Olho para trás para Henry. Ele acena, sorrindo, *Está tudo bem, Clare, depois eu explico* (mas, conhecendo Henry, provavelmente ele não vai explicar. Vai me fazer entender ou aquilo vai se explicar um dia desses). Respondo ao aceno, conferindo se Mark viu isso. Mark está de costas para nós, irritado e querendo que eu vá embora para poder continuar a caçar com papai. Mas o que Henry está fazendo aí, o que um disse ao outro? Torno a olhar para trás, mas não vejo Henry.

— Agora vá, Clare, volte para a cama. — Papai diz ao me dar um beijo na testa. Ele parece preocupado. Volto correndo para casa e subo as escadas de mansinho. Fico sentada na minha cama, tremendo de frio. Ainda não sei o que acabou de acontecer, mas sei que foi ruim, muito, muito ruim.

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 1987 (Clare tem 15 anos, Henry, 38)

CLARE: Quando chego da escola, Henry está me esperando na Sala de Leitura. Arrumei uma salinha para ele ao lado do quarto da caldeira, em frente ao lugar onde ficam as bicicletas. Deixei bem claro lá em casa que gosto de passar o tempo lendo no porão. Isso não parece esquisito, já que passo mesmo um tempão aqui. Henry deixa uma cadeira calçando a maçaneta. Dou quatro batidas e ele me deixa entrar. Fez uma espécie de ninho com travesseiros, almofadas de cadeira e cobertores. Henry andou lendo revistas velhas debaixo da minha lâmpada de mesa. Ele está vestido com a calça jeans do papai e uma camisa de flanela xadrez. Tem uma cara cansada, com a barba por fazer. Deixei a porta dos fundos destrancada para ele hoje de manhã, e cá está Henry.

Coloco a bandeja de comida que eu trouxe no chão.

— Eu podia trazer uns livros.

— Na verdade, estas revistas são maravilhosas. — Ele andou lendo umas *Mad* dos anos 60. — E isso é indispensável para viajantes do tempo que precisam saber todo tipo de informação de uma hora para outra — diz ele, segurando o *World Almanac* de 1968.

Sento ao seu lado nos cobertores e olho para ele para ver se vai me fazer mudar de lugar. Vejo que está pensando no assunto, então mostro as mãos para ele ver e sento nelas. Ele ri.

— Fique à vontade — diz.

— De quando você está vindo?

— 2001. Outubro.

— Você está com uma cara cansada. — Vejo que ele está se perguntando se deve me contar por que está cansado. Decide por não contar. — O que a gente está aprontando em 2001?

— Coisas importantes. Coisas cansativas. — Henry começa a comer o sanduíche de rosbife que eu trouxe para ele. — Puxa, está ótimo.

— Foi a Nell quem fez.

Ele ri.

— Nunca entendi como você consegue fazer esculturas imensas que aguentam vendavais, lidar com receitas de tingimento, cozinhar *kozo* e tudo isso, mas não consegue fazer nada com comida. É incrível.

— É um bloqueio mental. Uma fobia.

— É esquisito.

— Entro na cozinha e ouço uma voz dizendo baixinho: “Vá embora.” Então eu vou.

— Você está comendo bem? Está magra.

Me sinto gorda. — Estou comendo. — Penso em algo horrível. — Sou muito gorda em 2001? Talvez por isso você esteja me achando magra demais.

Henry ri de uma piada que não entendo.

— Bom, você está meio rechonchuda no momento, no meu presente, mas isso vai passar.

— Eca.

— Ser rechonchuda é bom. Você fica muito bem assim.

— Não, obrigada. — Henry me olha, preocupado. — Sabe, não estou com anorexia nem nada. Quer dizer, você não precisa se preocupar com isso.

— É que a sua mãe vivia implicando com você sobre essa questão.

— Vivia?

— Vive.

— Por que você disse vivia?

— Por nada. Lucille está ótima. Não se preocupe.

Ele está mentindo. Sinto um aperto no estômago, abraço os joelhos e abaixo a cabeça.

HENRY: Não posso acreditar que cometi um *lapsus linguae* desse tamanho. Acaricio o cabelo de Clare e desejo muito poder voltar ao presente para consultá-la sobre o que devo dizer a ela, aos 15 anos, sobre a morte da mãe. É porque não ando conseguindo pregar o olho. Se estivesse dormindo bem, eu teria mais presença de espírito, ou pelo menos consertaria melhor o meu lapso. Clare é a pessoa mais verdadeira que conheço e tem uma sensibilidade aguda para mentiras, por menores que sejam. Agora, as únicas alternativas são: me negar a falar, o que vai deixá-la muito nervosa; mentir, o que ela não vai aceitar; ou dizer a verdade, o que vai perturbá-la e tornar estranha a relação dela com a mãe. Clare me olha. — Me conte — diz.

CLARE: Henry parece deprimido.

— Não posso, Clare.

— Por quê?

— Não é bom saber coisas com antecedência. Estraga a vida da gente.

— Sim. Mas não dá para você me contar metade.

— Não tem nada para contar.

Começo a entrar em pânico de verdade.

— Ela se matou.

Tenho certeza absoluta. É do que eu sempre tive mais medo.

— *Não.* Não. Absolutamente.

Olho para ele. Henry parece muito deprimido mesmo. Não sei dizer se ele fala a verdade. Minha vida seria mais fácil se ao menos eu pudesse ler os pensamentos dele. Mamãe. Ah, mamãe.

HENRY: É terrível. Não posso deixar Clare assim.

— Câncer no ovário — digo com muita calma.

— Graças a Deus — diz ela, que começa a chorar.

Sexta-feira, 5 de junho de 1987 (Clare tem 16 anos, Henry, 32)

CLARE: Passei o dia inteiro esperando Henry. Estou muito empolgada. Recebi minha carteira de motorista ontem, e papai disse que eu podia pegar o Fiat para ir à festa da Ruth hoje à noite. Mamãe não gostou nada disso, mas uma vez que papai já deixou, não há muito que ela possa fazer a respeito. Ouço os dois discutindo na biblioteca depois do jantar.

— Você podia ter me perguntado...

— Parecia uma coisa inofensiva, Lucy...

Pego meu livro e saio para o Campo. Deito na relva. O sol começa a se pôr. Está fresco aqui fora, e a relva está infestada de mariposas brancas. Visto acima das árvores, o céu está cor-de-rosa e laranja no poente; acima de mim, ele forma uma curva de um azul cada vez mais escuro. Cogito em voltar em casa para pegar um suéter quando ouço alguém andando no capim. De fato, é o Henry. Ele entra na clareira e senta na pedra. Fico espiando da relva. Ele parece bastante jovem, uns trinta e poucos anos talvez. Está de camiseta preta, calça jeans, e tênis de cano alto. Fica só ali sentado, esperando. Eu mesma não consigo esperar nem mais um minuto. Assusto Henry ao me levantar dando um pulo.

— Nossa, Clare, não provoque um infarto no tiozão.

— Você não é um tiozão.

Ele ri. Ele sempre faz piada por ser velho.

— Beijo — peço, e ele me beija.

— Isso foi a troco de quê? — ele pergunta.

— Recebi minha carteira de motorista!

Henry parece assustado.

— Ah, não. Quer dizer, parabéns.

Sorrio para ele; nada do que ele diz pode estragar meu estado de espírito.

— Você só está com ciúmes.

— Estou, de fato. Adoro dirigir e nunca dirijo.

— Como?

— Muito perigoso.

— Covarde.

— Para os outros. Imagine o que aconteceria se eu estivesse dirigindo e desaparecesse? O carro ainda estaria andando e *pumba!*, gente morta e sangue aos montes. Coisa feia.

Sento na pedra ao lado de Henry. Ele muda de lugar. Não tomo conhecimento disso.

— Vou a uma festa na casa da Ruth hoje à noite. Quer vir?

Ele ergue uma sobrancelha. Isso normalmente significa que ele vai fazer alguma citação de um livro que eu não conheço ou me dar um sermão. Em vez disso, ele apenas diz:

— Mas, Clare, isso envolveria encontrar um bando de amigos seus.

— Por que não? Estou cansada de fazer tanto mistério disso.

— Vamos ver. Você tem 16 anos. Eu tenho 32 agora, só o dobro da sua idade. Tenho certeza de que as pessoas nem notariam, e seus pais nunca ouviriam falar nisso.

Suspiro.

— Bom, tenho que ir a essa festa. Venha comigo e fique esperando no carro. Eu não vou demorar muito e a gente pode ir a algum lugar.

HENRY: Estacionamos mais ou menos a uma quadra da casa de Ruth. Dá para ouvir a música daqui; é *Once In A Lifetime* dos Talking Heads. Na verdade eu gostaria de poder ir com Clare, mas não seria sensato. Ela salta do carro e diz:

— Fica! — como se eu fosse um cachorro grande e desobediente, e sai cambaleando com aqueles saltos altos e saia curta para a casa da Ruth. Me afundo no banco e espero.

CLARE: Assim que entro na casa, sei que essa festa é um erro. Os pais da Ruth foram passar uma semana em São Francisco, então pelo menos ela vai ter tempo para consertar, limpar e explicar. Mesmo assim, ainda bem que não é minha casa. O irmão mais velho da Ruth, Jake, também convidou os amigos. Ao todo tem umas cem pessoas aqui, todas elas bêbadas. Tem mais meninos que meninas, e quem me dera ter vindo de calça e sapato baixo, mas agora é tarde para fazer alguma coisa a esse respeito. Quando entro na cozinha para pegar uma bebida, alguém atrás de mim diz:

— Olhem a srta. Olhe-Mas-Não-Toque! — e faz um ruído obsceno com a boca. Me viro e vejo o cara que chamamos Cara de Lagarto (por causa da acne) me olhando com segundas intenções.

— Bonito vestido, Clare.

— Obrigada, mas não é para o seu bico, Cara de Lagarto.

Ele entra atrás de mim na cozinha.

— Ora, isso não é uma coisa muito legal de se dizer, mocinha. Afinal de contas, só estou tentando expressar minha admiração por sua indumentária extremamente atraente, e tudo o que você consegue fazer é me insultar...

Ele não para de falar. Finalmente, escapo ao agarrar a Helen, que serviu de escudo humano para eu sair da cozinha.

— Isso está um porre — diz Helen. — Cadê a Ruth?

Ruth está lá em cima escondida no quarto dela com a Laura. Elas fumam um baseado no escuro, olhando pela janela um bando de amigos do Jake mergulhar pelados na piscina. Logo estamos todas sentadas no banco embaixo da janela olhando feito bobas.

— Mmmm — diz Helen. — Eu gostaria de um pouco daquilo ali.

— Qual? — pergunta Ruth.

— O do trampolim.

— Uuhh.

— Olhe para o Ron — diz Laura.

— Aquele é o Ron? — Ruth ri.

— Uau. Bom, acho que qualquer um ficaria melhor sem a camiseta do Metallica e o casaco de couro nojento — diz Helen. — Ei, Clare, você está muito calada.

— Hein? É, um pouco — digo sem firmeza.

— Olha como você está — diz Helen. — Tipo, vesga de tesão. Você me mata de vergonha. Como é que foi ficar assim? — Ela ri. — Falando sério,

Clare, por que você não dá logo um jeito nisso?

— Não posso — digo, infeliz.

— Claro que pode. É só ir lá embaixo e gritar “Quero dar!”, e vai ter uns cinquenta caras gritando “Eu, eu!”.

— Você não entende. Eu não quero... Não é isso...

— Ela quer uma pessoa específica — diz Ruth, sem tirar os olhos da piscina.

— Quem? — pergunta Helen.

Dou de ombros.

— Vamos, Clare, desembucha.

— Deixa ela em paz — diz Laura. — Se a Clare não quer dizer, ela não precisa. — Estou sentada ao lado da Laura e encosto a cabeça em seu ombro.

Helen dá um pulo.

— Já volto.

— Aonde vai?

— Eu trouxe champanhe e suco de pera para fazer Bellinis, mas deixei no carro. — Ela sai correndo. Um cara alto com cabelo pelos ombros dá um salto mortal de costas do trampolim.

— U-lá-lá — dizem Ruth e Laura ao mesmo tempo.

HENRY: Já passou muito tempo, talvez uma hora mais ou menos. Como metade das batatas fritas e bebo a Coca-Cola quente que Clare trouxe. Dou umas cochiladas. Já faz tanto tempo que ela saiu que estou pensando em dar uma volta. E preciso dar uma mijada.

Ouço o barulho de saltos vindo em minha direção. Olho pela janela, mas não é Clare. É uma boazuda loura com um vestido vermelho justo. Pisco e me dou conta de que é a amiga da Clare, Helen Powell. Ferrou.

Ela vem para o meu lado do carro, mete a cabeça para dentro e me olha. O vestido dela deixa ver até Tóquio. Estou meio zonzo.

— Oi, namorado da Clare. Sou Helen.

— É engano, Helen. Mas prazer em te conhecer. — Seu hálito tem cheiro forte de álcool.

— Você não vai saltar do carro e se apresentar direito?

— Ah, estou bem confortável aqui mesmo, obrigado.

— Bom, então me junto a você aí. — Ela dá a volta pela frente do carro com um passo hesitante, abre a porta e se instala no banco do motorista.

— Ando querendo falar com você há um tempão — confidencia Helen.

— Anda? Por quê?

Desejo com todas as forças que Clare venha me resgatar, mas isso denunciaria o jogo, não?

Helen se inclina para mim e diz, *sotto voce*:

— Deduzi a sua existência. Meus amplos poderes de observação me fizeram chegar à conclusão de que o que fica quando se eliminou o impossível é a verdade, por mais impossível que seja. Donde — Helen para para arrotar. — Que falta de educação da minha parte. Desculpe. Donde concluí que Clare deve ter um namorado, porque, do contrário, ela não iria recusar trepar com todos esses garotos muito bonzinhos que estão doidos para isso. E aí está você. Pronto!

Sempre gostei da Helen e estou triste por ter que enganá-la. Isso explica uma coisa que ela me disse no nosso casamento, porém. Adoro quando pecinhas de quebra-cabeça se encaixam assim.

— É um raciocínio muito convincente, Helen, mas não sou namorado da Clare.

— Então por que está no carro dela?

Tenho uma ideia louca. Clare vai me matar por isso.

— Sou amigo dos pais de Clare. Eles estão preocupados porque ela veio de carro a uma festa onde pode rolar álcool, então me pediram para vir junto e servir de chofer caso ela esteja alta demais para dirigir.

Helen faz uma cara zangada.

— Não há a menor necessidade disso. O que a nossa Clarezinha bebe mal enche um dedal pequenininho...

— Eu nunca disse que ela bebia. É paranoia dos pais dela.

Saltos altos ecoam na calçada. Dessa vez, é Clare. Ela gela quando vê que tenho companhia.

Helen salta do carro de um pulo e diz:

— Clare! Esse sacana diz que não é seu namorado.

Clare e eu trocamos olhares.

— Bom, ele não é — diz Clare secamente.

— Ah — diz Helen. — Vocês estão indo embora?

— Já é quase meia-noite. Estou quase virando abóbora. — Clare dá a volta no carro e abre a porta do seu lado. — Pronto, Henry, vamos embora. — Ela liga o carro e acende os faróis.

Helen fica completamente imóvel na frente dos faróis. Então vem até o meu lado do carro.

— Não é namorado dela, hein, *Henry*? Por um minuto você me fez cair nessa, fez sim. Tchau, Clare. — Ela ri.

Clare sai da vaga toda sem jeito e vai embora. Ruth mora na Conger. Quando viramos na Broadway, vejo que todos os postes de iluminação estão apagados. A Broadway é uma via de duas pistas. É uma reta, mas com os postes apagados é como entrar num tinteiro.

— É melhor acender o farol alto, Clare — digo. Ela vai e apaga totalmente os faróis.

— Clare...!

— Não me diga o que fazer!

Eu me calo. Só consigo ver os números acesos do rádio do carro. São 23h36. Ouço o ar zunindo pela janela e o motor do carro; sinto as rodas passando no asfalto, mas de alguma forma parece que estamos parados, e o mundo anda à nossa volta a 70 quilômetros por hora. Fecho os olhos. Não faz diferença. Abro os olhos. Meu coração bate forte.

Surgem faróis ao longe. Clare acende os seus. Estamos correndo de novo, perfeitamente alinhados entre as faixas amarelas do meio da rua e a beira da pista. São 23h38.

As luzes do painel refletem o rosto sem expressão de Clare.

— Por que fez isso? — pergunto, a voz trêmula.

— Por que não? — A voz de Clare está calma como as águas de um lago no verão.

— Porque a gente podia ter morrido num acidente violento?

Clare diminui a marcha e entra na Blue Star Highway.

— Mas não é isso o que acontece — diz. — Eu cresço, te encontro, a gente se casa e cá está você.

— Sabe-se lá, vai ver você bateu com o carro justo nessa ocasião e ambos passamos um ano fazendo fisioterapia.

— Mas então você teria me alertado a não fazer isso — diz Clare.

— Eu tentei, mas você gritou comigo...

— Eu quis dizer que um Henry mais velho teria dito a uma Clare mais jovem para não bater com o carro.

— É, mas àquela altura isso já teria acontecido.

Clare vira na Meagram Lane. Esta é a rua particular que leva à casa dela.

— Encosta o carro, Clare, está bem? Por favor? — Clare sobe na relva, para, desliga o motor e os faróis. Está de novo uma escuridão total, e ouço um milhão de cigarras cantando. Puxo Clare para junto de mim, passo o braço em volta dela. Ela está tensa e inflexível.

— Me prometa uma coisa.

— O quê? — pergunta Clare.

— Prometa que não vai fazer algo assim outra vez. Não só com o carro, mas algo arriscado. Porque você não sabe. O futuro é misterioso, e você não pode sair por aí agindo como se fosse invencível...

— Mas se você já me viu no futuro...

— Confie em mim. Simplesmente confie em mim.

Clare ri.

— Por que eu ia querer fazer isso?

— Sei lá. Porque eu amo você?

Clare vira a cabeça tão depressa que bate no meu maxilar.

— Ai.

— Desculpe. — Mal dá para eu ver o contorno do seu perfil. — Você me ama? — pergunta ela.

— Sim.

— Agora?

— Sim.

— Mas você não é meu namorado.

Ah. É *isso* que está incomodando Clare.

— Bom, tecnicamente, sou seu marido. Já que você ainda não se casou, acho que a gente poderia dizer que você é minha namorada.

Clare põe a mão onde provavelmente não deveria.

— Eu preferia ser sua amante.

— Você tem 16 anos, Clare.

Retiro delicadamente a mão dela e afago seu rosto.

— É idade suficiente. Eca, suas mãos estão todas molhadas. — Clare acende a luz do teto e me espanto ao ver que ela tem o rosto e o vestido sujos de sangue. Olho para minhas mãos, que estão pegajosas e vermelhas. — Henry! O que foi?

— Não sei. — Lambo minha mão direita e aparecem quatro cortes fundos em forma de lua crescente. Rio. — É das minhas unhas. Enquanto você dirigia com os faróis apagados.

Clare apaga a luz do teto, o que nos deixa novamente sentados no escuro. As cigarras cantam com toda a força.

— Eu não tive a intenção de te assustar.

— É, você me assustou. Mas normalmente eu me sinto seguro quando você dirige. É só...

— O quê?

— Sofri um acidente de carro quando era garoto e não gosto de andar de carro.

— Ah... sinto muito.

— Tudo bem. Ei, que horas são?

— Ah, meu Deus. — Clare acende a luz. 00h12. — Estou atrasada. E como posso entrar em casa ensanguentada assim?

Ela está com uma cara tão aflita que me dá vontade de rir.

— Aqui. — Esfrego a mão esquerda em seu lábio superior e embaixo do seu nariz. — Você está com o nariz sangrando.

— Tudo bem. — Ela liga o carro, acende os faróis e volta para a estrada. — A Etta vai ter um ataque quando me vir.

— Etta? E seus pais?

— Mamãe agora deve estar dormindo, e é a noite do papai jogar pôquer.

Clare abre o portão e passamos.

— Se minha filha saísse com o carro um dia depois de ter tirado carteira, eu estaria sentado na porta de casa com um cronômetro.

Clare para o carro onde não se avista a casa.

— Nós temos filhos?

— Sinto muito, essa informação é confidencial.

— Vou solicitar nos termos da Lei de Liberdade de Informação.

— Esteja à vontade. — Beijo Clare com cuidado, para não perturbar o falso sangramento do nariz. — Me conte o que descobrir. — Abro a porta do carro. — Boa sorte com Etta.

— Boa noite.

— Boa noite.

Salto e fecho a porta tão silenciosamente quanto possível. O carro desliza pelo caminho, faz a curva e entra na noite. Ando atrás dele rumo a uma cama no Campo sob as estrelas.

Domingo, 27 de setembro de 1987 (Henry tem 32 anos, Clare, 16)

HENRY: Apareço no Campo, uns cinco metros a oeste da clareira. Estou péssimo, tonto e enjoado, então fico um pouco sentado para me recompor. É um dia muito frio e cinzento. Estou mergulhado no capim alto e seco, que me corta a pele. Logo me sinto melhor. Como está tudo calmo, levanto e vou para a clareira.

Clare está sentada no chão, encostada na pedra. Ela não diz nada, apenas olha para mim com algo que imagino seja raiva. *Ihh,* penso. *O que foi que eu fiz?* Ela está naquela fase Grace Kelly, vestida com o casaco de lã azul e uma saia vermelha. Estou tremendo de frio, e caço a caixa de roupas. Encontro e visto uma calça jeans preta, um suéter preto, meias de lã pretas, um sobretudo preto, botas pretas e luvas de couro pretas. Fico parecendo pronto para estrelar um filme do Wim Wenders. Sento ao lado de Clare.

— Oi, Clare. Você está bem?

— Oi, Henry. Tome. — Ela me entrega uma garrafa térmica e dois sanduíches.

— Obrigado. Estou meio enjoado, então vou esperar um pouco. — Ponho a comida em cima da pedra. A garrafa térmica contém café; respiro fundo. Só o cheiro já me faz sentir melhor. — Você está bem? — Ela não está me olhando. Ao observar Clare de perto, vejo que andou chorando.

— Henry. Você daria uma surra numa pessoa por mim?

— O quê?

— Eu quero machucar uma pessoa, mas não tenho tamanho, e não sei brigar. Você faz isso para mim?

— Puxa! De que você está falando? Quem? Por quê?

Clare abaixa a cabeça.

— Não quero falar nisso. Dá para você acreditar quando eu digo que ele merece isso para valer?

Acho que sei o que está havendo; acho que já ouvi essa história antes. Suspiro, chego mais perto de Clare e passo o braço em volta dela. Ela encosta a cabeça em meu ombro.

— É a respeito de um cara com quem você saiu, certo?

— É.

— E ele foi um babaca, e agora você quer que eu faça picadinho dele?

— É.

— Clare, muitos caras são uns babacas. *Eu* era um babaca...

Clare ri.

— Aposto que você não era tão babaca como Jason Everleigh.

— Ele é jogador de futebol ou algo assim, certo?

— É.

— Clare, por que você pensa que eu daria conta de um jogador grandalhão com metade da minha idade? Por que inclusive foi sair com uma pessoa assim?

Ela dá de ombros.

— Na escola, todo mundo implica comigo porque não saio com ninguém. A Ruth, a Meg e a Nancy... Tem até um boato correndo por aí falando que sou lésbica. Até mamãe me pergunta por que não saio com nenhum garoto. Os caras me convidam para sair, e eu recuso. E aí, a Beatrice Dilford, que *é* sapatão, me perguntou se *eu* era e eu respondi que não. Ela disse que não era surpresa para ela, mas que era o que todo mundo estava falando. Então eu pensei, bem, vai ver que é melhor eu sair com uns garotos. E o primeiro que me convidou depois foi o Jason. Ele é, tipo, um jogador de futebol muito gato. Se eu saísse com ele, eu achei que todo mundo ia ficar sabendo e isso iria calar a boca deles.

— Então foi a primeira vez que você saiu com alguém?

— Foi. Fomos a um restaurante italiano, onde estavam a Laura, o Mike e um bando de gente da aula de teatro. Eu me ofereci para rachar a conta, mas ele não quis, disse que nunca fazia isso. Tudo bem. Falamos da escola, de futebol. Aí fomos ver *Sexta-feira 13 – Parte VII*, que era uma idiotice completa, caso você esteja pensando em ir ver.

— Eu já vi.

— Ah. Por quê? Não parece ser o seu tipo de filme.

— Pelo mesmo motivo que você; a pessoa com quem saí quis ver.

— Com quem você saiu?

— Uma mulher chamada Alex.

— Como ela era?

— Uma caixa de banco peituda que gostava de apanhar. — Na hora que isso sai da minha boca, me dou conta de que estou falando com Clare a adolescente, não Clare minha mulher. Sinto vontade de me dar um cascudo.

— Apanhar? — Clare me olha, sorrindo, levantando bem as sobrancelhas.

— Deixa para lá. Então vocês foram ao cinema, e...?

— Ah. Bom, aí ele quis ir à Traver’s.

— O que é a Traver’s?

— É uma fazenda na zona norte. — A voz de Clare fica baixa, mal a escuto. — É onde o pessoal vai para... dar uns amassos. — Não digo nada. — Então eu disse a ele que estava cansada e queria ir pra casa, e aí ele ficou meio que, hum, puto. — Clare para de falar. Ficamos um instante ali sentados, ouvindo os pássaros, os aviões, o vento. De repente Clare diz: — Ele ficou puto *mesmo.*

— O que aconteceu então?

— Ele não queria me levar para casa. Eu não sabia direito onde a gente estava; em algum lugar na rodovia 12. Ele só ficava dando voltas, descendo umas ruas estreitas, nossa, sei lá. Ele pegou uma estrada de terra, onde tinha uma cabaninha. Era perto de um lago, dava para ouvir. E ele tinha a chave da porta.

Estou ficando nervoso. Clare nunca me contou nada disso; só que uma vez teve um encontro horrível com um cara chamado Jason, que era jogador de futebol. Clare voltou a ficar calada.

— Clare: ele estuprou você?

— Não. Disse que eu não... valia a pena. Disse... não, ele não me estuprou. Só... me machucou. Me fez...

Ela não consegue falar. Espero. Clare tira o casaco e a blusa. Vejo que suas costas estão cheias de hematomas. São manchas escuras e roxas contrastando com sua pele branca. Clare se vira e há uma queimadura de cigarro em seu seio direito, formando uma bolha feia. Uma vez eu perguntei para ela o que era aquela cicatriz, e Clare não quis dizer. Vou matar esse cara. Vou aleijar. Clare está sentada diante de mim, ombros para trás, arrepiada, esperando. Entrego a blusa e ela veste.

— Está certo — digo com calma. — Onde eu encontro esse cara?

— Eu levo você de carro — ela diz.

Clare me apanha no Fiat no fim da entrada de veículos, de onde não se vê a casa. Está de batom, cabelo enrolado na nuca e óculos escuros, embora não seja uma tarde clara. Aparenta ter muito mais de 16 anos. Parece que acabou de sair de *Janela Indiscreta,* embora a semelhança seria mais perfeita se ela fosse loura. Passamos a toda pelas árvores de outono, mas acho que nenhum de nós vê muita cor. Uma fita do que aconteceu com Clare naquela cabana começou a passar sem parar na minha cabeça.

— De que tamanho ele é?

Clare reflete.

— Tem uns cinco centímetros mais que você. Bem mais pesado. Mais de vinte quilos?

— Caramba.

— Eu trouxe isso. — Clare cata na bolsa e saca um revólver.

— Clare!

— É de papai.

Penso rápido.

— Clare, essa é uma má ideia. Sabe, eu estou furioso o suficiente para usar a arma, e seria burrice. Ah, espera aí. — Pego o revólver da mão dela, abro o tambor, retiro as balas e ponho em sua bolsa. — Pronto. É melhor assim. Ideia brilhante, Clare. — Ela me olha, curiosa. Enfio a arma no bolso do sobretudo. — Quer que eu faça isso anonimamente ou quer que ele saiba que é da sua parte?

— Eu quero estar lá.

— Ah.

Ela entra numa rua particular e para.

— Quero levar ele para algum lugar e quero ter ver batendo nele para valer. Quero que ele se borre de medo.

Suspiro.

— Clare, normalmente eu não faço esse tipo de coisa. Para começar, eu geralmente só brigo para me defender.

— Por favor. — Isso sai de sua boca num tom absolutamente neutro.

— Claro. — Continuamos seguindo a rua e paramos na frente de um casarão novo estilo colonial. Não há carros à vista. Dá para ouvir Van Halen de uma janela aberta do segundo andar. Caminhamos até a porta da frente e fico de lado enquanto Clare toca a campainha. Um segundo depois, a música para de repente e ouvimos passos pesados descendo a escada. A porta abre e, após uma pausa, uma voz grave diz:

— O quê? Veio pedir mais? — Não preciso ouvir mais nada. Saco a arma e chego para o lado de Clare. Aponto para o peito do cara.

— Oi, Jason — diz Clare. — Achei que talvez você quisesse vir aqui fora com a gente.

Ele faz a mesma coisa que eu faria: se joga no chão e rola para longe, mas não é rápido o bastante. Entro pela porta, salto em cima dele e o deixo sem ar. Levanto, piso com a bota no peito dele e aponto a arma para sua cabeça. *C’est magnifique mais ce n’est pas la guerre*. Ele é parecido com Tom Cruise, muito bonito, bem americano.

— Em que posição ele joga? — pergunto a Clare.

— Corredor.

— Hum. Quem diria. Levanta. Mãos ao alto onde eu possa ver — digo animadamente. Ele obedece, sendo seguido por mim ao sair da casa. Estamos todos parados na entrada dos carros. Tenho uma ideia. Mando Clare voltar na casa para pegar uma corda; ela sai pouco depois com uma tesoura e fita isolante.

— Onde quer fazer isso?

— No mato.

Ofegante, Jason vai sendo levado por nós pelo mato. Andamos uns cinco minutos, aí vejo uma pequena clareira com um olmo na ponta, bem a calhar.

— Que tal isso, Clare?

— Sim.

Olho para ela. Ela está inteiramente impassível, fria como uma assassina de Raymond Chandler.

— Manda ver, Clare.

— Amarra ele na árvore.

Entrego a arma para Clare, puxo as mãos de Jason para trás da árvore e passo fita isolante nelas. Tem quase um rolo inteiro de fita, e pretendo usar tudo. Jason respira com muito esforço, chiando. Dou a volta por ele e olho para Clare. Ela olha para Jason como se ele fosse um objeto de arte conceitual ruim.

— Você é asmático?

Ele faz que sim com a cabeça. Suas pupilas contraídas viraram pontinhos pretos.

— Vou pegar o inalador dele — diz Clare. Ela me entrega novamente a arma e sai andando tranquilamente pelo mesmo caminho por onde viemos. Jason tenta respirar lentamente, com cuidado. Tenta falar.

— Quem... é você? — pergunta, rouco.

— Sou o namorado da Clare. Estou aqui para te ensinar boas maneiras, coisa que você não tem. — Abandono meu tom irônico, vou para junto dele e digo baixinho: — Como pôde fazer aquilo com ela? Ela é tão novinha. Não sabe nada, e agora você ferrou tudo...

— Ela provoca e depois nega fogo.

— Ela não tem a mínima ideia. É o mesmo que torturar um gatinho porque ele mordeu você.

Jason não responde. Sua respiração sai em gemidos longos e trêmulos. Justo quando estou ficando preocupado, Clare chega. Ela me olha ao mostrar o inalador.

— Querido, sabe usar esse negócio?

— Acho que tem que sacudir, pôr na boca e apertar em cima.

Ela faz isso e pergunta se ele quer mais. Ele faz que sim com a cabeça. Após quatro inalações, ficamos parados vendo o Jason voltar a respirar mais normalmente.

— Pronta? — pergunto a Clare.

Ela segura a tesoura e dá alguns cortes no ar. Jason se encolhe com medo. Clare se ajoelha diante de Jason e começa a cortar as roupas dele.

— Ei — diz Jason.

— Fique quieto, por favor — digo. — Ninguém está machucando você. Por enquanto.

Clare termina de cortar a calça jeans e passa para a camiseta. Passo a fita isolante em torno dele e da árvore. Começo a enrolar pelos tornozelos e vou subindo com muito capricho pelas panturrilhas e as coxas.

— Pare aí — diz Clare, indicando um ponto logo abaixo da virilha de Jason.

Ela corta toda a cueca dele. Começo a passar a fita pela cintura. Sua pele está pegajosa. É muito bronzeada, a não ser na marca forte de uma sunga. Ele não para de suar. Vou até os ombros e paro porque quero que ele consiga respirar. Recuamos e admiramos o nosso trabalho. Jason agora é uma múmia de fita isolante com uma grande ereção. Clare começa a rir. Sua risada mete medo, ecoando no mato. Olho bem sério para ela. A risada de Clare tem um tom inteligente e cruel. Sinto que este momento é um marco, uma espécie de divisor de águas entre a infância de Clare e sua vida como mulher.

— E agora? — Indago. Um lado meu quer transformá-lo em hambúrguer e outro não quer espancar uma pessoa atada a uma árvore. Jason está vermelho. Faz um belo contraste com a cor cinza da fita isolante.

— Ah — diz Clare. — Sabe, acho que é o suficiente.

Fico aliviado, mas é óbvio que digo:

— Tem certeza? Quer dizer, tem todo tipo de coisa que eu posso fazer. Furar os tímpanos dele? Quebrar o nariz? Ah, espere, ele já quebrou uma vez. A gente podia cortar os tendões de Aquiles dele. Ele não jogaria futebol tão cedo.

— Não! — Jason força a fita isolante.

— Então peça desculpas — digo a ele.

Jason hesita.

— Desculpe.

— Isso é bem patético...

— Eu sei — diz Clare. Ela cata na bolsa e encontra uma caneta Pilot. Anda até o Jason como se ele fosse um perigoso animal de zoológico e começa a escrever em seu peito enrolado em fita isolante. Quando termina, recua e tampa a caneta. Escreveu um relato do encontro que tiveram. Enfia a caneta de volta na bolsa e diz: — Vamos.

— Não podemos deixá-lo assim, sabe? Ele pode ter outro ataque de asma.

— Hum. Tudo bem, eu sei. Vou chamar umas pessoas.

— Espere aí — diz Jason.

— O quê? — pergunta Clare.

— Quem você vai chamar? Chame o Rob.

Clare ri.

— A-hã. Vou chamar todas as garotas que conheço.

Vou até Jason e ponho o cano do revólver embaixo de seu queixo.

— Se mencionar a minha existência a um ser humano que seja e eu descobrir, volto e destruo você. Você não vai conseguir andar, falar, comer nem foder quando eu terminar. Até onde você sabe, Clare é uma boa menina que, por alguma razão inexplicável, não sai com ninguém. Certo?

Jason olha para mim com ódio.

— Certo.

— Fomos muito bonzinhos com você, aqui. Se tornar a perturbar Clare de alguma forma, vai se arrepender.

— Tudo bem.

— Ótimo. — Guardo a arma no bolso. — Foi divertido.

— Escute, babaca...

Ah, pro inferno! Recuo e dou um chute com toda a força no saco. Jason grita. Viro e olho para Clare, que está branca por baixo da maquiagem. Lágrimas escorrem pela cara do Jason. Me pergunto se ele vai desmaiar.

— Vamos — digo. Clare faz que sim com a cabeça.

Voltamos calados para o carro. Ouço Jason gritando para nós. Entramos no carro, Clare dá a partida, manobra e sai a toda da entrada de veículos para a rua.

Observo Clare dirigir. Começa a chover. Um sorriso satisfeito ameaça surgir em sua boca.

— É isso que você queria? — pergunto.

— É — diz Clare. — Foi perfeito. Obrigada.

— Não tem de quê. — Começo a ficar tonto. — Acho que estou quase indo embora.

Clare entra numa ruazinha. A chuva bate no carro. É como passar por um lava-jato.

— Me beije — ela pede. Dou o beijo e desapareço.

Segunda-feira, 28 de setembro de 1987 (Clare tem 16 anos)

CLARE: Segunda-feira, na escola, todo mundo me olha, mas ninguém fala comigo. Me sinto como Harriet a Espiã depois que os colegas de turma encontraram seu caderno de espionagem. Andar pelo corredor é como separar as águas do Mar Vermelho. Quando entro na aula de inglês, primeiro tempo, todo mundo se cala. Sento ao lado da Ruth. Ela sorri e parece preocupada. Não falo nada também. Ruth pega minha mão debaixo da mesa com a sua, quente e pequena, até o sr. Partaki entrar na sala. Ele repara que todo mundo está calado de uma forma atípica e diz com doçura: "Passaram um bom fim de semana?" Sue Wong responde "Ah, *sim*", e uma risada nervosa corre trêmula pela sala. Partaki fica intrigado. Após uma pausa terrível, ele diz: "Bom, ótimo, então vamos embarcar em *Billy Budd*. Em 1851, Herman Melville publicou *Moby-Dick*, *ou*, *a baleia*, que foi recebido com uma indiferença estrondosa pelo público americano...". Não entendo nada. O suéter me incomoda mesmo por cima da camiseta de algodão, e minhas costelas doem. Meus colegas debatem *Billy Budd* aos trancos e barrancos. Finalmente, toca o sinal e eles fogem. Vou atrás, lentamente, e Ruth me acompanha.

— Você está bem? — pergunta ela.

— De um modo geral.

— Fiz o que você disse.

— A que horas?

— Lá pelas seis. Eu estava com medo que os pais dele chegassem em casa e o encontrassem. Foi difícil soltar o Jason. A fita arrancou todos os pelos do peito dele.

— Ótimo. Muita gente viu?

— Sim, todo mundo. Bom, todas as garotas. Nenhum garoto, até onde sei. — Não há quase ninguém nos corredores. Estou parada em frente à sala de francês. — Clare, eu entendo *por que* você fez isso, mas não entendo *como* fez.

— Eu tive ajuda.

O sinal toca e Ruth pula.

— Caramba. Cheguei atrasada na ginástica cinco vezes seguidas! — Ela sai como se fosse puxada por um forte campo magnético. — Me conte no almoço — grita Ruth enquanto viro para entrar na sala de Madame Simone.

— *Ah, Mademoiselle Abshire, asseyez-vous, s'il vous plait.* — Sento entre Laura e Helen. Helen me escreve um bilhete: *Mandou bem.* A turma está traduzindo Montaigne. Trabalhamos em silêncio, enquanto Madame circula pela sala, corrigindo. Custo a me concentrar. A cara de Henry depois que chutou o Jason: de total indiferença, como se tivesse apenas trocado um aperto de mão, como se sua mente estivesse tranquila. Depois Henry ficou preocupado porque não sabia qual seria a minha reação, e percebi que Henry sentiu prazer em machucar o Jason. Não é a mesma coisa que o Jason ter sentido prazer em me machucar? Mas Henry é bom. Isso torna certo o que ele fez? Eu estava certa quando quis que ele machucasse o Jason?

— *Clare, attendez* — diz Madame, ao meu lado.

Assim que toca o sinal, todo mundo sai correndo de novo. Acompanho Helen. Laura me abraça se desculpando e corre para sua aula de música no outro extremo do prédio. Helen e eu temos ginástica no terceiro tempo.

Helen ri.

— Bom, caramba, menina. Não acreditei no que vi. Como conseguiu prender o Jason com fita isolante naquela árvore?

Estou vendo que vou cansar de ouvir essa pergunta.

— Tenho um amigo que faz essas coisas. Ele me ajudou.

— Quem é "ele"?

— Um cliente do meu pai — minto.

Helen balança a cabeça.

— Você não sabe mentir. — Sorrio e fico calada. — É o Henry, certo?

Faço que não com a cabeça e levo o dedo aos lábios. Chegamos ao ginásio feminino. Entramos no vestiário e *abracadabra!* Todas as garotas param de falar. Então, um murmúrio rompe o silêncio. Helen e eu temos nossos escaninhos no mesmo armário. Abro o meu e tiro meu uniforme e

tênis de ginástica. Já pensei no que vou fazer. Tiro os sapatos e as meias, fico só de camiseta e calcinha. Não estou de sutiã porque machuca muito.

— Ei, Helen — digo. Tiro a blusa, e Helen se vira.

— Meu Deus, Clare! — Os hematomas hoje têm uma cara pior do que ontem. Alguns estão esverdeados. Tenho marcas nas coxas feitas pelo cinto do Jason. — Ai, Clare. — Helen se aproxima de mim e me abraça, com cuidado. O vestiário está em silêncio. Olho por cima do ombro de Helen e vejo que todas as garotas nos rodearam para olhar. Helen se endireita, olha também para elas e diz: — E então? — Alguém atrás começa a bater palmas. Todas acompanham as palmas, rindo, falando e dando força, me fazendo sentir leve, leve como a brisa.

Quarta-feira, 12 de julho de 1995 (Clare tem 24 anos, Henry, 32)

CLARE: Estou deitada na cama, quase dormindo, quando sinto a mão de Henry deslizando em minha barriga. Percebo que ele voltou e abro os olhos. Ele se abaixa para beijar a marquinha da queimadura de cigarro. Toco em seu rosto à meia-luz.

— Obrigada — digo, e ele retruca:

— Não tem de quê — e foi a única vez que falamos nesse assunto.

Domingo, 11 de setembro de 1988 (Henry tem 36 anos, Clare, 17)

HENRY: Clare e eu estamos no Pomar numa tarde quente de setembro. Os insetos zumbem no Campo sob o sol dourado. Tudo está parado, e, quando olho através do capim seco, o calor reverbera no ar. Estamos embaixo de uma macieira. Clare se apoia em seu tronco, tendo um travesseiro embaixo do corpo para acolchoar as raízes da árvore. Estou deitado com a cabeça em seu colo. Já comemos, e os restos do nosso almoço estão espalhados em volta de nós, entre as maçãs caídas. Estou sonolento e satisfeito. É janeiro em meu presente, e Clare e eu estamos passando por um aperto no inverno. Esse interlúdio de verão é idílico.

Clare diz:

— Eu gostaria de desenhar você, exatamente assim.

— De cabeça para baixo e dormindo?

— Relaxado. Você está parecendo muito tranquilo.

Por que não?

— Vá em frente. — Estamos ali, a princípio, porque Clare devia desenhar árvores para a aula de arte. Ela pega o caderno de desenho e o

carvão. Equilibra o caderno no joelho.

— Quer que eu mude de posição? — pergunto.

— Não, sua expressão ia mudar muito. Como você estava, por favor.

Volto a contemplar preguiçosamente os desenhos que os galhos fazem contra o céu.

A imobilidade é uma disciplina. Posso ficar parado por um bom tempo quando estou lendo, mas posar para Clare é sempre de uma dificuldade surpreendente. Até uma pose que, a princípio, parece muito confortável vira tortura depois de 15 minutos. Olho para Clare sem mexer nada a não ser os olhos. Ela está concentrada no desenho. Quando desenha, Clare fica como se o mundo sumisse, e só sobrassem ela e o objeto de seu estudo. Por isso gosto de ser desenhado por Clare: quando ela me olha com esse tipo de atenção, sinto que sou tudo para ela. É o mesmo jeito que ela me olha quando a gente faz amor. Agora mesmo, ela me olha nos olhos e sorri.

— Esqueci de te perguntar: de quando você veio?

— Janeiro de 2000.

Ela fica desapontada.

— É mesmo? Pensei que talvez fosse um pouco depois.

— Por quê? Tenho cara de muito velho?

Clare afaga meu nariz. Seus dedos passam no topo dele e em minhas sobrancelhas.

— Não, não tem. Mas parece feliz e calmo, e geralmente quando vem de 1998, 1999 ou 2000, você está chateado ou surtado, e não me diz por quê. Aí, em 2001, está bem de novo.

Rio.

— Você parece uma vidente. Nunca percebi que seguia as minhas mudanças de humor tão de perto.

— O que mais me resta?

— Lembra que é geralmente o estresse que me manda para você, aqui. Então você não devia ficar com a ideia de que aqueles anos são um horror. Há muita coisa boa naqueles anos, também.

Clare volta para o desenho. Ela já desistiu de me perguntar sobre nosso futuro. Em vez disso, pergunta:

— Henry, de que você tem medo?

A pergunta me surpreende, e tenho de pensar a respeito.

— Frio — digo. — Tenho medo do inverno. Tenho medo da polícia. Tenho medo de viajar para um lugar e tempo errados e ser atropelado por

um carro ou espancado. Ou de encalhar no tempo, e não conseguir voltar. Tenho medo de perder você.

Clare sorri.

— Como você poderia me perder? Não vou a lugar nenhum.

— Tenho medo de que você se canse de não poder contar comigo para nada e me largue.

Clare põe de lado o caderno de desenho. Eu me sento.

— Nunca vou largar você — diz. — Ainda que você viva me largando.

— Mas eu nunca quero te largar.

Clare me mostra o desenho. Já o vi antes; está pendurado ao lado da prancheta dela, no ateliê, em casa. No desenho, minha cara está tranquila. Clare assina e começa a escrever a data.

— Não escreva — digo. — Não está datado.

— Não está?

— Eu já vi esse desenho. Não tem data.

— Tudo bem. — Clare apaga a data e, em vez disso, escreve *Meadowlark*. — Pronto. — Ela me olha, intrigada. — Alguma vez você descobriu que ao voltar para o presente alguma coisa mudou? E se eu escrevesse a data neste desenho agora? O que aconteceria?

— Não sei. Tente — digo, curioso. Clare apaga a palavra *Meadowlark* e escreve *11 de setembro de 1988.*

— Pronto — diz —, foi fácil. — A gente se olha meio confuso. Clare ri. — Se violamos o *continuum* do espaço-tempo, não é muito óbvio.

— Eu te informo se você acabou de causar a Terceira Guerra Mundial. — Começo a ficar trêmulo. — Acho que já vou, Clare. — Ela me beija, e me vou.

Quinta-feira, 13 de janeiro de 2000 (Henry tem 36 anos, Clare, 28)

HENRY: Depois do jantar continuo pensando no desenho de Clare, então vou até o ateliê dela vê-lo. Clare está fazendo uma escultura enorme de tirinhas de papel púrpura; parece a mistura de um Muppet com um ninho de passarinho. Dou a volta pela peça com cuidado e paro em frente à mesa dela. O desenho não está ali.

Clare entra carregando fibras de abacá nos braços.

— Ei. — Ela joga tudo no chão e vem até mim. — O que foi?

— Cadê aquele desenho que ficava pendurado aqui? O meu retrato?

— Hein? Ah, não sei. Vai ver que caiu. — Clare mergulha embaixo da mesa e diz: — Não estou vendo. Ah, espere, está aqui. — Volta segurando o desenho com dois dedos. — Eca, está cheio de teias de aranha.

Ela limpa o desenho e me entrega. Examino. Continua sem data.

— O que aconteceu com a data?

— Que data?

— Você pôs a data embaixo, aqui. Embaixo do seu nome. Parece que foi cortada.

Clare ri.

— Tudo bem. Confesso. Cortei.

— Por quê?

— Surtei com seu comentário sobre a Terceira Guerra Mundial. Comecei a pensar: e se a gente nunca se conhecer no futuro porque insisti em testar isso?

— Ainda bem que pensou nisso.

— Por quê?

— Sei lá. Porque sim, só isso.

Ficamos nos olhando, e aí Clare sorri, eu dou de ombros, e pronto. Mas por que parece que quase aconteceu uma coisa impossível? Por que me sinto tão aliviado?

OceanofPDF.com

VÉSPERA DE NATAL, UM (SEMPRE BATENDO COM O MESMO CARRO)



Sábado, 24 de dezembro de 1988 (Henry tem 40 anos, Clare, 17)

HENRY: É uma tarde escura de inverno. Estou na Sala de Leitura do porão da Meadowlark House. Clare deixou comida para mim: rosbife e queijo no pão integral com mostarda, uma maçã, um litro de leite e uma tigela de plástico cheia de biscoitos de Natal, bolos de sorvete, *cookies* de canela com nozes e de amendoim recheados com Kisses da Hershey. Estou usando minha calça jeans favorita e uma camiseta dos Sex Pistols. Eu devia me dar por satisfeito, mas não: Clare também deixou para mim o *South Haven Daily* de hoje, com a data de 24 de dezembro de 1988. Véspera de Natal. Esta noite, no Get Me High Lounge, em Chicago, meu eu de 25 anos vai beber até cair no chão e acabar fazendo uma lavagem estomacal no Hospital Mercy. Faz 19 anos que minha mãe morreu.

Estou quieto, pensando em minha mãe. É engraçado como a memória se desgasta. Se eu só pudesse trabalhar a partir das recordações da minha infância, meu conhecimento de minha mãe seria pálido e vago, com alguns momentos precisos se destacando. Quando eu tinha 5 anos, ouvi mamãe cantar *Lulu* na Ópera Lírica. Lembro do papai, sentado ao meu lado, rindo para ela no final do primeiro ato totalmente exultante. Lembro de estar sentado com mamãe no Orchestra Hall, vendo papai tocar Beethoven regido por Boulez. Lembro quando me permitiram ir à sala durante uma festa de meus pais e recitar o *Tyger, Tyger burning bright*, de Blake, para os convidados, com rugidos e tudo. Eu tinha 4 anos, e quando terminei minha mãe me pegou no colo e me beijou diante dos aplausos de todos. Ela usava um batom escuro, e fiz questão de ir para a cama com a marca de sua boca na bochecha. Lembro dela sentada num banco no Warren Park enquanto meu pai me empurrava num balanço, e ela ia para perto e longe, perto e longe.

Uma das coisas mais dolorosas — e também melhores — de viajar no tempo é a oportunidade de ver minha mãe viva. Até falei com ela algumas

vezes; pequenas coisas como “Tempo horrível hoje, não?”. Já cedi meu lugar para ela no metrô, segui mamãe ao supermercado, assisti seus concertos. Fico rondando o apartamento onde meu pai ainda mora e vejo os dois (algumas vezes acompanhados por meu eu bebê) dando voltas, comendo fora, indo ao cinema. São os anos 60, e eles são músicos jovens, elegantes e brilhantes, com o mundo inteiro pela frente. São alegres como passarinhos, brilham com a sorte e a felicidade que têm. Quando nos encontramos em algum lugar, eles acenam; acham que sou alguém da vizinhança que gosta de passeios, usa corte de cabelo estranho e que parece envelhecer e rejuvenescer misteriosamente. Uma vez ouvi meu pai se perguntar se eu tinha câncer. Ainda me espanta que papai nunca tenha percebido que aquele homem que rondava os primeiros anos do casamento deles era seu filho.

Vejo como minha mãe se comporta comigo. Agora ela está grávida, agora eles me levam do hospital para casa, agora ela me leva ao parque num carrinho de bebê e fica sentada decorando partituras, cantando baixinho com pequenos gestos para mim, fazendo caretas e sacudindo brinquedos para mim. Agora andamos de mãos dadas e admiramos os esquilos, os carros, os pombos, qualquer coisa que se mexa. Ela usa casacos de pano e mocassins com calças Capri. É morena, tem um rosto expressivo, boca carnuda, olhos grandes, cabelo curto; parece italiana, mas, na verdade, é judia. Minha mãe usa batom, delineador, rímel, *blush* e lápis de sobrancelha para ir à lavanderia. Papai é mais ou menos como sempre foi, alto, na dele, discreto ao se vestir, usa chapéu. A diferença está no rosto. Ele está profundamente satisfeito. Eles se tocam com frequência, ficam de mãos dadas, caminham em uníssono. Na praia, nós três usamos óculos escuros combinando, e uso um boné azul ridículo. A gente fica deitado ao sol besuntado em óleo de bebê. Bebemos rum com Coca-Cola, e Hawaiian Punch.

A estrela de minha mãe está em ascensão. Ela estuda com Jehan Meck e Mary Delacroix, que são seus guias pelos caminhos da fama. Ela canta alguns papéis pequenos, porém de destaque, chamando a atenção de Louis Behaire no Lyric. Ela substitui Linea Waverleigh como Aída. Então é escolhida para cantar Carmen. Outras companhias reparam, e logo estamos viajando pelo mundo. Ela grava Schubert para a Decca, Verdi e Weill para a EMI. Vamos a Londres, Paris e Nova York. Só me lembro de uma série interminável de quartos de hotel e aviões. Sua apresentação no Lincoln

Center passa na televisão; assisto com vovó e vovô em Muncie. Tenho 6 anos e mal posso acreditar que seja a minha mãe, ali em preto e branco na telinha. Ela está cantando Madame Butterfly.

Eles planejam se mudar para Viena após o término da temporada de 69-70 da Ópera Lírica. Papai faz um teste na Filarmônica. Sempre que o telefone toca, é tio Ish, o empresário da mamãe, ou alguém de uma gravadora.

Ouço a porta no alto da escada abrir e fechar e passos descendo devagar. Clare bate com calma quatro vezes e retiro a cadeira de espaldar reto de debaixo da maçaneta. Ainda há neve no cabelo dela, e suas bochechas estão vermelhas. Ela tem 17 anos. Clare joga os braços em volta de mim e me abraça com entusiasmo.

— Feliz Natal, Henry! — diz. — É o máximo você estar aqui! — Dou um beijo em seu rosto; sua animação e agitação dispersaram meus pensamentos, mas minha sensação de tristeza e perda permanece. Passo as mãos no cabelo dela e saio com um punhadinho de neve que logo derrete.

— Qual é o problema? — Clare percebe a comida intocada e meu ar desanimado. — Você está emburrado porque não tem maionese?

— Ei. Shh.

Sento na velha espreguiçadeira quebrada e Clare se espreme ao meu lado. Passo o braço em volta de seus ombros. Ela põe a mão no lado de dentro da minha coxa. Retiro dali e seguro sua mão, que está fria.

— Eu já te contei sobre a minha mãe?

— Não.

Clare é toda ouvidos; está sempre a fim de pegar qualquer pedacinho de autobiografia que eu deixe cair. À medida que as datas da Lista diminuem e nossos dois anos de separação se aproximam, Clare está convencida de que pode me encontrar no tempo real se eu lhe entregar alguns fatos. Claro que ela não me encontrou, porque eu não revelei nada.

Comemos um biscoito cada um.

— Tudo bem. Era uma vez, eu tinha mãe. Tinha pai também, e eles eram muito apaixonados. E eles tinham a mim. E éramos bastante felizes. E os dois eram formidáveis nas respectivas profissões. Minha mãe, especialmente, era maravilhosa no que fazia, e a gente viajava por toda parte, vendo os quartos de hotel do mundo. Então era quase Natal...

— Que ano?

— O ano em que eu tinha 6 anos. Era manhã da véspera de Natal. Meu pai estava em Viena porque a gente ia se mudar para lá em breve e ele estava procurando apartamento para nós. O plano era eu e mamãe pegarmos papai chegando de avião no aeroporto e seguir viagem para a casa de vovó, onde passaríamos as festas.

“Era uma manhã cinza e nevava muito. Ainda não haviam jogado sal para o gelo derreter, então as ruas estavam cobertas de placas de gelo. Mamãe era uma motorista nervosa. Odiava vias expressas, odiava dirigir até o aeroporto, e só tinha concordado em fazer isso porque fazia muito sentido. A gente levantou cedo, e ela encheu o carro de coisas. Eu estava usando um casaco de inverno, um gorro de lã, calça jeans, um suéter, camiseta, umas meias de lã meio apertadas e luvas. Ela estava toda de preto, o que não era tão comum quanto hoje.”

Clare bebe uns goles de leite direto da caixa. Deixa uma marca de batom cor de canela.

— Que tipo de carro?

— Era um Ford Fairlane 62 branco.

— O que é isso?

— Pesquise depois. Era resistente como um tanque. Tinha rabo de peixe. Meus pais adoravam esse carro... tinha muita história para eles.

“Então entramos no carro. Sentei no banco do carona, eu e mamãe colocamos nossos cintos, e saímos. O tempo estava um horror. A visibilidade era mínima, e o desembaçador naquele carro não era dos melhores. Passamos por um labirinto de ruas residenciais e aí chegamos à via expressa. Já passava da hora do *rush*, mas o tráfego estava um caos por causa do tempo e do feriado. A gente só andava a uns 25, 30 por hora. Minha mãe se mantinha na pista da direita, talvez porque não quisesse mudar de pista sem conseguir ver direito e porque faltava pouco para pegarmos a saída para o aeroporto.

“A gente seguia atrás de um caminhão, bem atrás, mantendo uma boa distância. Quando passamos por uma entrada, um pequeno Corvette vermelho entrou atrás de nós. Era guiado por um dentista que estava apenas levemente embriagado às 10h30 da manhã. Ele entrou um pouco rápido demais, sem conseguir frear a tempo por causa do gelo na estrada, e bateu no nosso carro. Com o tempo normal, o Corvette teria se arrebentado todo e o indestrutível Ford Fairlane teria ficado com o para-choque amassado. Não teria sido nada além disso.

“Mas o tempo estava ruim, e as ruas, escorregadias. Então, com o tranco do Corvette, nosso carro acelerou à frente exatamente quando o trânsito ficou mais lento. O caminhão na nossa frente mal se mexia. Minha mãe pisava no freio, mas nada acontecia.

“Tive a impressão de que a gente bateu em câmera lenta no caminhão. Na verdade, o carro estava a uns 65 por hora. O caminhão tinha a carroceria aberta cheio de sucata. Quando nós batemos, uma chapa de aço enorme voou da traseira do caminhão, entrou pelo nosso para-brisa e decapitou minha mãe.”

Clare está de olhos fechados.

— Não.

— É verdade.

— Mas você estava do lado... era muito baixo!

— Não, não foi isso. A chapa entrou no meu banco bem no lugar onde minha testa devia estar. Tenho uma cicatriz onde ela começou a cortar a minha testa. — Mostro a Clare. — Pegou o meu gorro. A polícia não conseguiu entender. Todas as minhas roupas estavam no banco e no chão do carro, e eu fui encontrado nu no acostamento.

— Você viajou no tempo.

— Sim. Eu viajei no tempo. — Ficamos um momento em silêncio. — Foi só a segunda vez que isso me acontecia. Eu não tinha ideia do que estava havendo. Eu vi a gente entrar na traseira daquele caminhão, e aí eu estava no hospital. De fato, saí praticamente ileso, só em estado de choque.

— Como... como acha que isso aconteceu?

— Tensão... puro medo. Acho que meu corpo fez a única coisa que podia.

Clare vira o rosto para mim, triste e ansiosa.

— E aí...

— E aí mamãe morreu, e eu não. A frente do Ford ficou toda amassada. A barra de direção perfurou o peito da mamãe, e a cabeça dela saiu pelo vão do para-brisa, indo parar na traseira do caminhão. Tinha uma quantidade *inacreditável* de sangue. O cara do Corvette saiu ileso. O caminhoneiro saltou para ver o que tinha batido nele. Quando viu a mamãe, desmaiou no meio da pista e foi atropelado por um ônibus escolar. O motorista não viu o caminhoneiro porque estava olhando embasbacado para o acidente. O cara do caminhão quebrou as duas pernas. Enquanto isso, fiquei completamente fora do ar por dez minutos e 47 segundos. Não me lembro aonde fui; talvez tenha sido só um ou dois segundos para mim. O trânsito ficou totalmente

bloqueado. Ambulâncias tentavam vir de três direções diferentes e levaram quase meia hora para chegar perto do acidente. Os paramédicos vieram correndo a pé. Eu apareci no acostamento. A única pessoa que me viu aparecer foi uma garotinha; ela estava no banco traseiro de uma caminhonete Chevrolet. Ficou boquiaberta, sem parar de olhar.

— Mas... Henry, você estava... você diz que não se lembra. E como conseguiu saber isso afinal? Dez minutos e 47 segundos, exatamente?

Fico algum tempo calado, procurando a melhor maneira de explicar.

— Você sabe o que é a gravidade, certo? Quanto maior a coisa, mais massa tem e mais força gravitacional exerce? Atrai objetos menores que ficam girando em órbita?

— Sim...

— A morte da minha mãe... é o fato central... Todo o resto fica girando em torno dele... Sonho com isso e também... viajo no tempo para ele. Repetidamente. Se você pudesse ver o acidente do alto com todo o tempo do mundo, ver cada detalhe das pessoas, dos carros, das pilhas de neve, você me veria. Estou em carros, atrás de moitas, na ponte, numa árvore. Já vi o acidente de todos os ângulos, até tive participação no que aconteceu depois: liguei para o aeroporto de um posto de gasolina próximo para dar recado ao meu pai para que viesse imediatamente ao hospital. Fiquei na sala de espera do hospital e vi meu pai passar à minha procura. Ele parece sem vida e arrasado. Caminhei pelo acostamento da via, esperando meu eu jovem aparecer e enrolei meus ombros de criança numa manta. Olhei para minha cara pequena e confusa, e pensei... pensei... — Agora estou chorando. Clare me abraça e eu choro em silêncio em seus seios cobertos por um suéter de lã.

— O quê? O quê, Henry?

— Pensei, *eu devia ter morrido, também.*

Ficamos abraçados. Aos poucos, vou me controlando. Sujei todo o suéter de Clare. Ela vai à lavanderia e volta vestida com uma das blusas brancas de poliéster com que Alicia toca na orquestra de música de câmara. Alicia só tem 14 anos, mas já é mais alta e tem mais corpo que Clare. Fico olhando para Clare, parada na minha frente, sentindo muito por estar ali, por ter estragado o Natal dela.

— Sinto muito, Clare. Não era minha intenção te passar toda essa tristeza. Simplesmente acho o Natal... difícil.

— Ah, Henry! Estou muito feliz por você estar aqui. E eu prefiro saber... quer dizer, você surge do nada e desaparece, mas se eu souber coisas sobre a sua vida, parece que você é mais real. Mesmo coisas terríveis... Preciso saber tudo o que você puder dizer.

Alicia está no alto da escada chamando Clare. É hora de Clare se reunir com a família para celebrar o Natal. Levanto, e nos beijamos, com cautela.

— Já vou! — Clare diz, sorrindo para mim antes de subir a escada correndo. Torno a apoiar a cadeira contra a porta e me preparo para uma noite longa.

OceanofPDF.com

VÉSPERA DE NATAL, DOIS



Sábado, 24 de dezembro de 1988 (Henry tem 25 anos)

HENRY: Ligo para o papai e pergunto se ele quer vir jantar aqui em casa depois da vesperal do concerto de Natal. Ele faz uma tentativa tímida de me convidar, mas dou para trás, para alívio dele. O Dia Oficial de Luto dos DeTamble será conduzido em diferentes locais este ano. A sra. Kim foi para a Coreia visitar as irmãs; tenho regado suas plantas e recolhido sua correspondência. Convido Ingrid Carmichel para sair comigo pelo telefone e ela me lembra, secamente, que é véspera de Natal e algumas pessoas têm famílias para passar a data. Percorro o meu caderno de endereços. Todo mundo foi para fora, ou ficou na cidade recebendo os parentes. Eu devia ter ido visitar os meus avós. Então me lembro que eles estão na Flórida. São 14h53, e as lojas estão fechando. Compro uma garrafa de *schnapps* no Al's e meto no bolso do sobretudo. Aí tomo o trem em Belmont e vou até o centro. É um dia cinzento e frio. O vagão está meio vazio, só com gente com os filhos indo ver as vitrines de Natal da Marshall Field's e fazer umas compras de última hora na Water Tower Place. Salto na Randolph e vou a pé para o Grant Park. Fico algum tempo parado na passarela do trem intermunicipal, bebendo, e aí desço para o ringue de patinação. Há alguns casais e crianças pequenas patinando. As crianças perseguem umas às outras, patinam de costas e desenham formas de oito no gelo. Alugo um par de patins mais ou menos do tamanho do meu pé e vou para a pista. Fico circulando suavemente pela borda do ringue, sem pensar muito. Repetição, movimento, equilíbrio, ar frio. É bom. O sol está se pondo. Passo mais ou menos uma hora patinando, aí devolvo os patins, calço as botas e vou embora.

Vou pela Randolph, pego a Michigan Avenue sentido sul, depois do Art Institute. Os leões estão enfeitados com coroas de Natal. Desço a Columbus Drive. O Grant Park está deserto, a não ser pelas gralhas, que andam orgulhosas e sobrevoam em círculos a neve azulada do entardecer. A iluminação das ruas dá um tom de laranja ao céu; lá pelas bandas do lago, ele é de um azul-escuro. Na fonte Buckingham, fico parado até o frio tornar insuportável contemplar as gaivotas voando em círculos e mergulhando,

brigando por um pão de fôrma que alguém deixou para elas. Um guarda da polícia montada dá uma volta na fonte e prossegue calmamente para o sul.

Caminho. Minhas botas não são bem à prova d'água, e apesar dos muitos suéteres, meu sobretudo é um pouquinho fino para a temperatura que cai. Falta gordura corporal; vivo com frio de novembro a abril. Caminho pela Harrison, pego a State Street. Passo a Pacific Garden Mission, onde os sem-teto se reuniram para se abrigar e cear. Imagino o que vão comer e se há algum festejo ali, no abrigo. Há poucos carros. Não tenho relógio, mas devem ser umas sete horas. Ando reparando ultimamente que minha noção da passagem do tempo está diferente; parece que o tempo passa mais devagar para mim do que para os outros. Uma tarde pode ser como um dia para mim; uma viagem de El pode ser uma jornada épica. Hoje é interminável. Consegui passar o dia quase todo sem pensar muito na mamãe, no acidente, na coisa toda... mas agora, caminhando à noite, o assunto está me alcançando. Percebo que estou com fome. O álcool perdeu o efeito. Estou quase na Adams. Calculo quanto tenho comigo em dinheiro e decido esbanjar ao jantar no Berghoff, um venerável restaurante alemão famoso por sua cervejaria.

O Berghoff está quente e barulhento. Há bastante gente ali, comendo ou aguardando. Os lendários garçons do Berghoff andam apressados da cozinha para as mesas com um ar importante. Fico na fila, descongelando, em meio a famílias e casais tagarelas. Acabo sendo conduzido a uma pequena mesa no salão principal, quase no fundo. Peço cerveja preta e um prato de salsichões de pato com *spaetzle*. Quando a comida chega, como devagar. Acabo com o pão, também, e me dou conta de que não me lembro de ter almoçado. Isso é bom, estou cuidando de mim, não estou sendo idiota, estou me lembrando de jantar. Recosto na cadeira e observo o ambiente. Casais de meia-idade jantam na sala de pé-direito alto, revestida de madeira escura e com murais de barcos. Passaram a tarde fazendo compras, ou no concerto, e conversam agradavelmente sobre os presentes que compraram, os netos, passagens aéreas e horário de chegada de aviões, Mozart. Me dá vontade de ir ao concerto agora, mas não há programa noturno. Papai deve estar voltando do Orchestra Hall. Eu sentaria na última fila da galeria (o melhor lugar em termos de acústica) e ouviria *Das Lied von der Erde,* ou Beethoven, ou algo igualmente não natalino. Bom. Talvez no ano que vem. De repente, vislumbro todos os Natais da minha vida enfileirados, aguardando sua passagem, e o desespero me invade. Por um

momento, desejo que o Tempo me retire deste dia e me ponha em outro mais agradável. Mas depois, sinto-me culpado por querer evitar a tristeza; os mortos precisam da nossa lembrança, ainda que isso nos corroa, ainda que só seja possível dizer *eu sinto muito* até essa expressão perder o sentido. Pago e vou embora porque não quero sobrecarregar esse restaurante caloroso e festivo com uma tristeza que estragaria uma próxima visita com meus avós.

Na rua, fico parado refletindo. Não quero ir para casa. Quero estar com gente. Quero me distrair. De repente penso no Get Me High Lounge, um lugar onde tudo pode acontecer, um porto seguro para a esquisitice. Perfeito. Vou até a Water Tower Place e pego o ônibus 66 para a Chicago Avenue, salto na Damen e pego o 50, direção norte. Sou o único passageiro no ônibus que cheira a vômito. O motorista está cantando *Noite Feliz* num tom sereno de tenor *a cappela*. Desejo Feliz Natal para ele ao saltar do ônibus na Wabansia. Começa a nevar quando passo por uma oficina, e apanho os flocos grandes e molhados nas pontas dos dedos. Ouço a música que vaza do bar. A luz da rua ilumina os trilhos de uma linha suspensa de trem que não roda mais. Quando abro a porta, um trompete começa a tocar, e um *jazz* animado me dá um tapa no peito. Entro no bar como um afogado, que é o que pretendo me tornar ali.

Há umas dez pessoas no local, contando com Mia, a *barwoman*. Três músicos — trompete, contrabaixo e clarineta — ocupam o palco minúsculo, e os clientes estão sentados ao bar. Os músicos estão tocando furiosamente, a todo o volume, como religiosos em um transe. Reconheço a melodia de *White Christmas* ao sentar. Grito “Uísque com água!” a plenos pulmões quando Mia vem até mim, me encarando. Ela berra “Nacional?”, e grito “Tudo bem!”. Mia vira as costas para preparar a bebida. Há uma interrupção brusca da música. Mia atende o telefone dizendo: “Get Me Hiiiiigh!” Ela coloca a bebida na minha frente e ponho uma nota de 20 no bar. “Não”, diz ela ao telefone. “Cara, que meeeerda. Bom, foda-se você, também.” Ela bate com o telefone no gancho como se estivesse encestando uma bola de basquete. Mia fica algum tempo parada com uma cara de fúria, depois acende um Pall Mall e sopra uma imensa nuvem de fumaça em cima de mim. “Ah, desculpe.” Ela serve cerveja aos músicos, que chegam ao mesmo tempo ao bar. A porta do banheiro fica no palco, então aproveito o intervalo do show para dar uma mijada. Quando volto para o bar, Mia colocou outra bebida na frente do meu banco.

— Você é médium — digo.

— Você é fácil. — Ela pousa o cinzeiro bruscamente e encosta no interior do bar, refletindo. — O que vai fazer depois?

Revejo minhas opções. É sabido que fui para casa uma ou duas vezes com Mia, e ela é divertida e tudo mais, porém, no momento, realmente não estou a fim de uma bobagem qualquer. Por outro lado, um corpo quente não é má pedida quando se está deprimido.

— Meu plano é ficar completamente bêbado. O que você tem em mente?

— Bom, se não estiver bêbado demais, você pode ir lá para casa. Se não acordar morto, pode me fazer um favor enorme e ir jantar na casa dos meus pais em Glencoe, atendendo pelo nome de Rafe.

— Ah, nossa, Mia. Tenho vontade de me matar só de pensar nisso. Sinto muito.

Ela se debruça sobre o bar e fala com ênfase.

— Vamos, Henry. Me ajude. Você é um jovem apresentável do sexo masculino. Droga, você é um *bibliotecário.* Não vai surtar quando meus pais começarem a perguntar quem são os seus pais nem em que faculdade estudou.

— Na verdade, vou. Vou sair correndo para o lavatório e cortar a garganta. De qualquer maneira, para que isso? Mesmo se me adorarem, isso só quer dizer que eles vão passar anos torturando você com "O que aconteceu com aquele bibliotecário simpático com quem você estava saindo?". E como vai ser quando eles conhecerem o verdadeiro Rafe?

— Acho que não vou ter que me preocupar com isso. Vamos. Te prometo sacanagem digna de filme pornô, do tipo que você nunca nem ouviu falar.

Ando recusando há meses conhecer os pais de Ingrid. Não aceitei ir ao jantar de Natal na casa deles amanhã. Não há hipótese de eu fazer isso por Mia, que eu mal conheço.

— Mia. Qualquer outra noite do ano... olhe, meu objetivo agora é chegar a um nível de embriaguez em que eu mal fique em pé, quanto mais fazer com que ele levante. Ligue para os seus pais e diga que Rafe precisou retirar as amídalas ou coisa assim.

Ela vai para a outra ponta do bar e atende três universitários que parecem jovens demais. Então enrola um pouco com umas garrafas, preparando alguma coisa elaborada. Coloca o copo alto na minha frente.

— Aqui. É por conta da casa. — A bebida é cor de Ki-Suco de framboesa.

— O que é isso? — Dou um gole. Tem gosto de 7-Up.

Mia dá um sorrisinho malicioso.

— É uma invenção minha. Se você quer tomar um porre, esse é o trem expresso.

— Ah. Tá, obrigado. — Faço um brinde a ela e bebo. Uma sensação de calor e bem-estar total me invade. — Caramba, Mia, você tem que patentear isso. Podia ter umas barraquinhas de limonada por Chicago inteira e vender isso em copos de papel. Ficaria milionária.

— Mais uma?

— Claro.

Na qualidade de promissor sócio júnior da DeTamble & DeTamble, Representantes de Alcoólatras, ainda não encontrei o limite de minha capacidade de consumir bebidas alcoólicas. Alguns copos depois, Mia está me olhando preocupada do outro lado do bar.

— Henry?

— Sim?

— Parei com você.

Provavelmente é uma boa ideia. Tento balançar a cabeça mostrando que concordo com Mia, mas é muito esforço. Em vez disso, escorrego devagar, quase com elegância, para o chão.

Acordo muito depois no Hospital Mercy. Mia está sentada ao lado da minha cama. O rímel escorreu por seu rosto. Estou preso no soro e me sinto mal. Muito mal. Na verdade, mal em todos os aspectos. Viro a cabeça e vomito numa bacia. Mia estica o braço e limpa a minha boca.

— Henry... — Mia sussurra.

— Ei. Que diabos...

— Henry, eu sinto muitíssimo.

— Não foi culpa sua. O que aconteceu?

— Você desmaiou e eu fiz as contas... quanto você pesa?

— Oitenta.

— Meu Deus. Você jantou?

Reflito.

— Jantei.

— Bom, de qualquer forma aquilo que você estava bebendo tinha teor alcoólico de uns quarenta graus. E você tinha tomado dois uísques... mas parecia ótimo e aí, de repente, ficou com uma cara péssima e desmaiou.

Calculei e me dei conta de que você tinha se excedido no álcool. Então liguei para a emergência, e cá está você.

— Obrigado. Acho eu.

— Henry, você sente vontade de morrer?

Reflito.

— Sinto. — Viro para a parede e finjo dormir.

Sábado, 8 de abril de 1989 (Clare tem 17 anos, Henry, 40)

CLARE: Estou no quarto da vovó Meagram, fazendo as palavras cruzadas do *New York Times* com ela. É uma manhã fria e clara de abril e vejo tulipas vermelhas agitadas pelo vento no jardim. Mamãe está lá plantando uma coisa pequena e branca ao lado das flores orientais. Ela fica batendo com a mão na cabeça para impedir que o chapéu saia voando. Finalmente, tira o chapéu e põe a cesta de trabalho em cima.

Não vejo Henry há dois meses; a próxima data da Lista é daqui a três semanas. Está chegando a hora em que vou passar mais de dois anos sem vê-lo. Quando era pequena, eu encarava Henry com muita naturalidade, ver Henry não era uma coisa muito fora do comum. Mas, agora, toda vez que ele está aqui é menos uma vez que ele vai estar aqui. E as coisas estão diferentes conosco. Eu quero alguma coisa... quero que Henry diga alguma coisa, faça alguma coisa que prove que isso tudo não foi um tipo de pegadinha. Eu quero. Só isso. Estou querendo.

Vovó Meagram está sentada na poltrona azul dela ao lado da janela. Eu estou sentada no banco embaixo da janela, com o jornal no colo. Estamos mais ou menos na metade das palavras cruzadas. Minha atenção se desviou.

— Leia essa de novo, menina — diz vovó.

— Vinte vertical. "*Frade franciscano*." Dez letras, segunda letra "a", penúltima letra "h".

— *Capuchinho* — Ela sorri, seus olhos cegos se voltam em minha direção. Para vovó, sou uma sombra escura contra um fundo um pouco mais claro. — Essa foi ótima, hein?

— Foi ótima. Nossa, tente essa: 19 vertical: "*Não dirija com o ombro para fora*." Dez letras, segunda letra "u".

— *Burma Shave*[5]. Isso foi antes do seu tempo.

— Arrgh. Nunca vou conseguir isso. — Fico de pé e me estico. Preciso desesperadamente sair para dar uma volta. O quarto de minha avó é

reconfortante, mas claustrofóbico. O teto é baixo, o papel de parede é de delicadas flores azuis, a colcha é de algodão azul, o carpete é branco. O quarto cheira a talco, dentadura e pele velha. Vovó Meagram está sentada direita e arrumada. Seu cabelo é lindo, branco mas ainda com um leve toque do ruivo que herdei dela, e enrolado num coque perfeito. Os olhos de vovó parecem nuvens azuis. Cega há nove anos, ela se adaptou bem; desde que esteja na casa, pode andar por todo lado. Tenta me ensinar a arte de solucionar palavras cruzadas, mas não consigo me interessar o bastante para resolver uma sozinha. Vovó usava nanquim para solucionar. Henry adora palavras cruzadas.

— Está um dia lindo, não? — diz vovó, ao se recostar na poltrona e esfregar os nós dos dedos.

Faço que sim com a cabeça e digo:

— Está, mas venta um pouco. Mamãe está lá embaixo cuidando do jardim, e tudo fica voando para cima dela.

— Bem típico de Lucille — diz sua mãe. — Sabe, menina, eu gostaria de ir dar uma volta.

— Eu estava pensando justamente a mesma coisa — digo. Ela sorri e estende as mãos. Eu puxo a vovó delicadamente da poltrona. Pego nossos casacos e amarro um lenço na cabeça dela, para não deixar o vento embaraçar seus cabelos. Então descemos lentamente as escadas e saímos pela porta da frente, parando na entrada da casa. Viro para vovó e falo:

— Aonde você quer ir?

— Vamos ao Pomar — ela diz.

— O Pomar é bem longe. Ah, mamãe está acenando; responda. — Acenamos para mamãe, que está lá embaixo perto da fonte. Peter, nosso jardineiro, está com ela. Ele parou de falar com ela e olha para nós, esperando que a gente continue andando para poder encerrar a discussão que está tendo com mamãe, provavelmente sobre narcisos ou peônias. Peter adora discutir com mamãe, mas ela sempre acaba fazendo o que quer. — É mais de um quilômetro e meio até o Pomar, vovó.

— Bom, Clare, não há nenhum problema com as minhas pernas.

— Tudo bem, então, vamos até o Pomar. — Pego seu braço, e lá vamos nós. Quando chegamos à beira do Campo, digo “Sombra ou sol?”, e ela responde: “Sol, claro”. Então pegamos a trilha que passa pelo meio do Campo e leva à clareira. Enquanto andamos, descrevo.

— Estamos passando pela fogueira. Tem um bando de pássaros lá dentro... ah, lá vão eles!

— Gralhas, estorninhos. Pombas, também — diz ela.

— Sim... estamos na porteira, agora. Cuidado, o caminho está meio lamacento. Vejo pegadas de cachorro, um bem grande, talvez o Joey dos Allinghams. Tudo está ficando bem verdinho. Aqui está aquela rosa silvestre.

— De que altura está o Campo? — pergunta vovó.

— Só uns 30 centímetros. Está bem verdinho. Cá estão os pequenos carvalhos.

Ela vira o rosto para mim, rindo.

— Vamos cumprimentar. — Conduzo a vovó para os carvalhos plantados a poucos metros do caminho. Meu avô plantou esses três pés nos anos 40 em memória do meu tio avô Teddy, irmão da vovó morto na Segunda Guerra Mundial. Os carvalhos ainda não são muito altos, têm só uns quatro metros e meio de altura. Vovó põe a mão no tronco da árvore do meio e diz: — Olá. — Não sei se fala com o carvalho ou com o irmão.

Prosseguimos. Quando subimos o monte, vejo o Campo espalhado à nossa frente, e Henry está na clareira. Paro.

— O que é? — pergunta vovó.

— Nada — digo a ela. Seguimos pelo caminho.

— O que está vendo? — me pergunta ela.

— Tem um falcão rondando em cima do bosque — falo.

— Que horas são? — consulto o relógio.

— Quase meio-dia.

Entramos na clareira. Henry está imóvel. Ele sorri para mim. Tem uma cara cansada. Seu cabelo está ficando grisalho. Ele usa o sobretudo preto que sobressai na claridade do Campo.

— Cadê a pedra? — pergunta vovó. — Quero sentar. — Ajudo a vovó a sentar na pedra ao chegarmos lá. Ela vira a cara na direção de Henry e fica dura. — Quem está aí? — pergunta para mim, num tom urgente.

— Ninguém — minto.

— Tem um homem ali — diz ela, indicando Henry com a cabeça. Ele me olha com uma expressão que parece dizer*: Vá em frente. Conte a ela.* Há um cachorro latindo na mata. Hesito.

— Clare — diz vovó, parecendo assustada.

— Apresente a gente — diz Henry calmamente.

Vovó está parada, esperando. Passo o braço em volta de seu ombro.

— Está tudo bem — digo. — Esse é meu amigo Henry. Ele é aquele de quem te falei. — Henry chega perto de nós e estende a mão. Coloco a mão de vovó na dele. — Elizabeth Meagram — digo a Henry.

— Então você é aquele — diz vovó.

— Sim — retruca Henry, e esse *Sim* é como música para meus ouvidos. Sim.

— Posso? — Ela faz um gesto com as mãos na direção de Henry.

— Posso sentar ao seu lado? — Henry senta na pedra. Guio a mão da vovó até o rosto dele. Ele observa meu rosto enquanto ela toca no dele. — Faz cócegas — diz Henry a vovó.

— Lixa — diz ela passando a ponta dos dedos em seu queixo com a barba por fazer. — Você não é garoto — diz ela.

— Não.

— Quantos anos tem?

— Sou oito anos mais velho que Clare.

Ela faz uma cara intrigada.

— Vinte e cinco? — Olho para o cabelo grisalho de Henry, as rugas em volta de seus olhos. Ele tem cara de quarenta, talvez mais.

— Vinte e cinco — diz com firmeza. Em algum lugar longe daqui, isso é verdade.

— Clare me conta que vai se casar com você — diz minha avó a Henry.

Ele sorri para mim.

— Sim, vamos nos casar. Daqui a alguns anos, quando Clare acabar o colégio.

— No meu tempo, os cavalheiros vinham jantar e conhecer a família.

— Nossa situação é... complexa. Isso não foi possível.

— Não vejo por que não. Se vai ficar de chamego com minha neta pelos campos, com certeza você pode ir até a casa e ser inspecionado pelos pais dela.

— Eu ficaria encantado — diz Henry ao se levantar —, mas acho que agora tenho um trem para pegar.

— Um minuto só, rapaz — começa vovó, quando Henry diz:

— Até logo, sra. Meagram. Foi ótimo finalmente conhecer a senhora. Clare, sinto muito não poder ficar mais... — Estendo o braço para Henry quando surge aquele barulho como se todo o som do mundo estivesse sendo

sugado; ele se foi. Viro para vovó. Ela está sentada na pedra com as mãos esticadas e uma cara absolutamente perplexa.

— O que aconteceu? — pergunta, e começo a explicar. Quando termino, ela abaixa a cabeça e fica mexendo de forma estranha os dedos duros pela artrite. Finalmente, ergue a cabeça para mim. — Mas, Clare — diz minha avó —, ele deve ser um demônio. — Ela fala isso com a maior naturalidade, como se me dissesse que meu casaco está abotoado errado, ou que está na hora do almoço.

O que posso dizer?

— Já pensei nisso — falo. Pego suas mãos para impedir que fiquem vermelhas de tanto esfregar. — Mas Henry é bom. Não dá a sensação de ser um demônio.

Vovó sorri.

— Você fala como se tivesse conhecido um bando deles.

— Acha que um demônio de verdade seria meio... demoníaco?

— Acho que vestiria uma pele de cordeiro se quisesse.

Penso com cuidado no que vou dizer.

— Henry me contou uma vez que o médico dele acha que ele é um novo tipo de ser humano. Sabe, meio que o próximo passo na evolução.

Vovó balança a cabeça.

— Isso é tão ruim quanto ser um demônio. Nossa, Clare, por que cargas d'água você haveria de querer se casar com uma pessoa dessas? Pense nos filhos que teriam! Pulando para a semana seguinte e voltando antes do café da manhã!

Rio.

— Mas seria emocionante! Feito Mary Poppins ou Peter Pan.

Ela aperta minhas mãos só um pouquinho.

— Pense um pouco, querida: nos contos de fada são sempre as crianças que têm as aventuras bacanas. As mães têm que ficar em casa esperando os filhos entrarem voando pela janela.

Olho a pilha de roupas amassadas deixadas por Henry no chão. Pego todas e dobro uma a uma. — Só um instante — digo ao achar a caixa e arrumar as roupas do Henry dentro dela. — Vamos voltar para casa. Já passa da hora do almoço. — Ajudo a vovó a levantar da pedra. O vento ruge no capim, e andamos curvadas a caminho da casa. Quando chegamos ao monte, viro para trás e olho para a clareira. Está deserta.

Alguns dias depois, estou sentada ao lado da cama da vovó, lendo *Mrs. Dalloway* para ela. É noite. Levanto os olhos; parece que vovó está dormindo. Paro de ler e fecho o livro. Ela abre os olhos.

— Oi — digo.

— Você sente falta dele alguma vez? — ela me pergunta.

— Todos os dias. A cada minuto.

— A cada minuto — ela diz. — Sim. O amor é assim, não é? — Ela vira de lado e afunda no travesseiro.

— Boa noite — digo, apagando a luz. Quando estou parada no escuro olhando para vovó deitada na cama, a depressão toma conta de mim como se eu tivesse levado uma injeção de tristeza. *O amor é assim, não é?* Não é.

[5] Burma Shave era um creme de barbear cujos slogans rimados eram expostos em placas à beira de estrada. "*Não dirija com o ombro para fora*" faz parte de uma das rimas. (N. do E.)

OceanofPDF.com

COMER OU SER COMIDO



Sábado, 30 de novembro de 1991 (Henry tem 28 anos, Clare, 20)

HENRY: Clare me convidou para jantar em seu apartamento. Charisse, que mora com Clare, e Gomez, o namorado de Charisse, também vão jantar. Às 18h59, estou na portaria de Clare, vestido com minha melhor roupa, com o dedo no interfone, um buquê de frésias amarelas e um Cabernet australiano no outro braço, e o coração na boca. Nunca estive na casa de Clare, nem conheço os amigos dela. Não tenho ideia do que esperar.

O interfone faz um barulho horrível e abro a porta.

— Pode subir até o fim! — berra uma voz grave de homem. Subo quatro lances de escada. O dono da voz é um sujeito alto e louro, com o topete mais impecável do mundo. Usa uma camiseta do Solidariedade e fuma cigarro. Ele parece familiar, mas não consigo me lembrar de onde o conheço. Para uma pessoa chamada Gomez, ele tem um aspecto muito... polonês. Descubro depois que seu nome verdadeiro é Jan Gomolinski.

— Seja bem-vindo, Bibliotecário — diz Gomez em alto e bom som.

— Camarada! — retruco, e entrego as flores e o vinho para ele. A gente se encara até chegar a uma *détente*, e, com um gesto, Gomez me deixa entrar no apartamento.

É um daqueles maravilhosos apartamentos intermináveis dos anos 20 — um corredor comprido que dá para vários cômodos construídos aparentemente ao acaso. Duas estéticas convivem aqui: a moderninha e a vitoriana. Dá para ver pelo desfile de cadeiras de assentos bordados com pernas entalhadas ao lado de quadros de veludo do Elvis. Ouço *I Got It Bad and That Ain't Good*, de Duke Ellington, tocando no fim do corredor, e Gomez me conduz naquela direção.

Clare e Charisse estão na cozinha.

— Minhas gatinhas, trouxe um brinquedo novo para vocês — entoa Gomez. — Ele atende pelo nome de Henry, mas podem chamá-lo de Bibliotecário. — Meus olhos encontram os de Clare. Ela dá de ombros e oferece o rosto para ser beijada; atendo com um estalinho comportado e me viro para apertar a mão de Charisse, que é baixinha e rechonchuda de uma forma muito simpática, toda curvas e cabeleira preta comprida. Sua cara é tão boa que me dá vontade de contar um segredo só para ver sua reação. Ela

é uma pequena madona filipina. Num tom doce de quem diz Não Se Meta Comigo, ela fala:

— Ah, Gomez, cale a boca. Oi, Henry. Sou Charisse Bonavant. Por favor, não dê bola para ele. Só mantenho o Gomez por perto para carregar peso.

— E para sexo. Não esqueça do sexo — lembra Gomez. Ele olha para mim. — Cerveja?

— Claro. — Ele procura na geladeira e me entrega uma Blatz. Abro a garrafa e dou um longo gole. Pela cara da cozinha, é como se uma padaria tivesse explodido lá dentro. Clare vê a direção do meu olhar. De repente me lembro de que ela não sabe cozinhar.

— É uma obra em andamento — diz Clare.

— É uma instalação — diz Charisse.

— É de comer? — pergunta Gomez.

Olho para cada um dos três, e todos caímos na gargalhada.

— Algum de vocês sabe cozinhar?

— Não.

— Gomez sabe fazer arroz.

— Só instantâneo.

— Clare sabe pedir pizza.

— E comida tailandesa... eu também sei pedir comida tailandesa.

— Charisse sabe *comer.*

— *Cala a boca, Gomez* — falam Charisse e Clare em uníssono.

— Bom... isso aí era para ser o quê? — pergunto, indicando com a cabeça o desastre na bancada. Clare me entrega um recorte de revista. É uma receita de Frango com Risoto de Shiitake com Abóbora de Inverno e Molho de Pinhão. É da revista *Gourmand* e leva uns vinte ingredientes. — Vocês têm isso tudo?

Clare faz que sim com a cabeça.

— A parte das compras, eu sei fazer. É a montagem que complica.

Examino mais de perto o caos.

— Dá para fazer algo disso aqui.

— Você sabe cozinhar?

Faço que sim com a cabeça.

— O brinquedo sabe cozinhar! O jantar está salvo! Tome mais uma cerveja! — Exclama Gomez. Charisse parece aliviada e me dá um sorriso efusivo. Clare, que estava recuada, quase numa atitude de medo, chega de mansinho até mim e murmura:

— Você não está chateado? — Dou um beijo em Clare, um beijo um pouquinho mais demorado do que é de bom-tom na frente dos outros. Ajeito as costas, tiro o paletó e arregaço as mangas.

— Me dê um avental — exijo. — Você, Gomez, abra aquele vinho. Clare, limpe essa sujeira toda, está virando cimento. Charisse, quer pôr a mesa?

Uma hora e 43 minutos depois, estamos sentados ao redor da mesa da sala de jantar comendo Frango Cozido com Risoto e Purê de Abóbora. Tudo tem manteiga à beça. Estamos caindo de bêbados.

CLARE: Enquanto Henry prepara o jantar, Gomez está o tempo todo na cozinha fazendo piadas, fumando e bebendo cerveja. Sempre que não tem ninguém olhando, faz caretas para mim. Finalmente, ele para ao ser flagrado por Charisse, que passa o dedo pela garganta. Ficamos conversando sobre as coisas mais banais: nosso trabalho, o estudo, onde fomos criados, e todos os assuntos normais de um papo entre pessoas que se conhecem pela primeira vez. Gomez conta a Henry sobre seu trabalho como advogado, representando crianças molestadas e abandonadas, que estão sob a tutela do Estado. Charisse nos diverte com seus feitos na Lusus Naturae, uma minúscula companhia de *software* que está tentando fazer o computador entender comandos de voz, e fala sobre sua arte, que é fazer quadros para serem vistos no computador. Henry conta histórias da Biblioteca Newberry e das pessoas estranhas que vêm estudar os livros.

— A Newberry tem mesmo um livro feito de pele humana? — pergunta Charisse a Henry.

— Tem. *As Crônicas de Nawat Wuzeer Hyderabed*. Foi encontrado no palácio do rei de Déli em 1857. Passe lá uma hora qualquer e eu retiro esse livro para você.

Charisse sente um calafrio e dá um riso forçado. Henry está mexendo o frango cozido. Quando diz “Hora do rango”, vamos todos para a mesa. Esse tempo todo, Gomez e Henry ficaram bebendo cerveja, enquanto Charisse e eu tomávamos vinho. Ninguém estava comendo muito. Gomez não parava de encher nossos copos, mas só percebi o nosso nível de embriaguez quando eu quase sento fora da cadeira que o Henry puxou para mim, e Gomez quase põe fogo no próprio cabelo ao acender as velas.

Gomez ergue o copo.

— À Revolução!

Charisse e eu erguemos nossos copos e Henry faz o mesmo.

— À Revolução!

Começamos a comer com entusiasmo. O risoto desce bem e tem um sabor agradável, a abóbora está doce, o frango nada em manteiga. Está de chorar de tão bom.

Henry come um bocado, então aponta o garfo para Gomez.

— Que revolução?

— Como?

— A que revolução estamos brindando? — Charisse e eu nos entreolhamos preocupadas, mas é tarde demais.

Gomez sorri e eu desanimo.

— À próxima.

— Aquela em que o proletariado se revolta, os ricos são comidos e o capitalismo é derrotado em favor de uma sociedade sem classes?

— Essa mesma.

Henry pisca para mim.

— Parece que a coisa vai ficar difícil para a Clare. E o que você está planejando fazer com a *intelligentsia*?

— Ah — diz Gomez —, provavelmente vai virar comida, também. Mas vamos manter você por perto, como cozinheiro. Essa boia está incrível.

Charisse toca o braço de Henry, falando em tom de segredo.

— Não vamos comer ninguém de verdade — diz. — Só vamos redistribuir os bens das pessoas.

— Que alívio — responde Henry. — Eu não estava a fim de cozinhar a Clare.

— Mas é uma pena — Gomez diz. — Tenho certeza de que a Clare é muito gostosa.

— Imagino como é a culinária canibal — digo. — Existe livro de receitas canibais?

— *O Cru e o Cozido* — diz Charisse.

Henry protesta.

— Esse não é propriamente um manual de cozinha. Acho que Lévi-Strauss não dá nenhuma receita.

— A gente podia simplesmente adaptar uma — diz Gomez, pegando mais uma porção de frango. — Sabe, Clare com Funghi Porcini e Molho Marinara com Linguini. Ou Peito de Clare à l’Orange. Ou...

— Ei — digo. — E se eu não quiser ser comida?

— Sinto muito, Clare — diz Gomez num tom sério. — Receio que você tenha que ser comida pelo bem maior.

Henry capta o meu olhar e sorri.

— Não se preocupe, Clare. Eu escondo você na Newberry quando a Revolução chegar. Pode morar na sala das estantes e eu alimento você de Snickers e Doritos do Refeitório dos Funcionários. Nunca vão te encontrar.

Balanço a cabeça.

— Que tal "Primeiro, matamos todos os advogados?".

— Não — diz Gomez. — Não se pode fazer nada sem advogado. A Revolução meteria os pés pelas mãos em dez minutos sem os advogados para mantê-la na linha.

— Mas meu pai é advogado — digo para Gomez —, então vocês não podem comer a gente afinal de contas.

— Ele é o tipo errado de advogado — diz Gomez. — Constrói fortunas para gente rica. Eu, por outro lado, represento as crianças pobres e oprimidas...

— Ah, cale a boca, Gomez — diz Charisse. — Está ferindo os sentimentos da Clare.

— Não estou! Clare quer ser comida para a Revolução, não, Clare?

— Não!

— Ah.

— E o Imperativo Categórico? — pergunta Henry.

— O que é que tem?

— Você sabe, a Lei de Ouro. Não coma o outro a menos que esteja disposto a aceitar ser comido.

Gomez limpa as unhas com os dentes do garfo.

— Não acha que o que realmente faz o mundo girar é Comer ou Ser Comido?

— Sim, de um modo geral. Mas você mesmo não é um exemplo claro de altruísmo? — pergunta Henry.

— Claro, mas sou conhecido por ser um louco perigoso. — Gomez diz isso com falsa indiferença, mas vejo que está intrigado com Henry. — Clare — diz —, e a sobremesa?

— Meu Deus, quase esqueci — digo, levantando depressa e agarrando a mesa para me apoiar. — Vou pegar.

— Vou te ajudar — diz Gomez, indo atrás de mim para a cozinha. Estou de salto alto, e ao entrar na cozinha, tropeço na soleira da porta. Quase caio,

mas Gomez me segura. Por um momento, ficamos encostados um no outro com as mãos dele em minha cintura, mas ele me larga. — Você está bêbada, Clare — Gomez me diz.

— Eu sei. Você também. — Aperto o botão da cafeteira elétrica e o café começa a pingar no bule. Fico encostada na bancada, tirando com cuidado o celofane da bandeja de *brownies.* Gomez está bem atrás de mim e diz muito baixinho, tão perto que sua respiração faz cócegas em minha orelha: — Ele é o mesmo cara.

— Como?

— Aquele cara sobre quem eu te avisei. Henry, ele é o cara...

Charisse entra na cozinha, e Gomez se afasta de mim dando um pulo e abrindo a geladeira.

— Ei — ela diz. — Posso ajudar?

— Aqui, pegue as xícaras de café... — Fazendo malabarismos com xícaras, pires, pratos e *brownies*, conseguimos chegar a salvo de volta à mesa. Henry aguarda como se estivesse no dentista, com uma cara paciente e apavorada. Eu rio, pois é a mesma expressão que tinha quando eu levava comida para ele no Campo... mas ele não se lembra porque ainda não esteve lá. — Relaxe — digo. — São só uns *brownies*. Até eu sei fazer *brownie.* — Todo mundo ri e se senta. Acaba que os *brownies* não estão bem assados.

— *Tartare de brownie* — diz Charisse.

— Caramelo de salmonela — fala Gomez.

— Sempre gostei de massa — Henry diz e lambe os dedos. Gomez enrola um cigarro, acende e dá uma longa tragada.

HENRY: Gomez acende um cigarro e recosta na cadeira. Esse cara tem alguma coisa que me irrita. Talvez seja o ar casual de posse em relação a Clare, ou quem sabe o marxismo de botequim? Tenho certeza de que já o vi antes. No passado ou no futuro? Vamos descobrir.

— Sua fisionomia não me é estranha — digo para Gomez.

— Mmm? É, acho que a gente já se viu por aí.

Já sei.

— Iggy Pop, no Teatro Riviera.

Ele fica espantado.

— É. Você estava com aquela loura, Ingrid Carmichel, com quem eu sempre via você. — Gomez e eu olhamos para Clare. Ela encara Gomez

seriamente, e ele sorri para ela. Clare olha para o outro lado, mas não para mim.

Charisse vem salvar a situação.

— Você viu o Iggy sem mim?

— Você não estava na cidade — Gomez diz.

Charisse faz cara de chateada.

— Eu perco tudo — me diz. — Perdi a Patti Smith e agora ela se aposentou. Perdi os Talking Heads na última turnê que fizeram.

— A Patti Smith vai fazer outra turnê — digo.

— Vai? Como sabe? — pergunta Charisse. Clare e eu nos entreolhamos.

— Só estou adivinhando — digo para Charisse. Começamos a explorar os gostos musicais uns dos outros e descubro que somos todos fiéis ao punk. Gomez conta que viu o New York Dolls na Flórida logo antes do Johnny Thunders deixar a banda. Descrevo um show da Lene Lovich que consegui ver em uma das minhas viagens no tempo. Charisse e Clare estão empolgadas porque o Violent Femmes vai tocar no Aragon Ballroom daqui a umas semanas e Charisse conseguiu ingressos de graça. A noite chega ao fim sem maiores problemas. Clare me acompanha até lá embaixo. Ficamos parados no *hall* entre a porta externa e a interna.

— Sinto muito — diz.

— Ah, que bobagem. Foi divertido, não me importei de cozinhar.

— Não — diz Clare, olhando para baixo —, sinto muito pelo Gomez.

Está frio no *hall*. Abraço Clare e ela se encosta em mim.

— O que tem o Gomez? — pergunto. Ela está pensando em alguma coisa. Mas aí dá de ombros.

— Vai dar certo — diz, e aceito a sua palavra. A gente se beija. Abro a porta externa, e Clare abre a interna; caminho pela calçada e olho para trás. Clare ainda está ali parada na porta entreaberta me olhando. Fico parado, querendo voltar, dar um abraço e subir com ela. Ela vira e começa a subir, e fico olhando até ela sumir de vista.

Sábado, 14 de dezembro de 1991/Terça-feira, 9 de maio de 2000
(Henry tem 36 anos)

HENRY: Estou caindo de porrada em cima de um mauricinho grande e bêbado que teve o desplante de me chamar de bicha e depois tentou me bater para provar seu ponto de vista. Estamos no beco ao lado do Teatro Vic. Ouço o baixo dos Smoking Popes através das saídas laterais do teatro

enquanto amasso o nariz do idiota e parto para suas costelas. Estou tendo uma noite horrível, e esse imbecil virou meu bode expiatório.

— Ei, Bibliotecário. — Deixo meu yuppie homofóbico gemendo para ver Gomez encostado numa caçamba de lixo, com uma expressão amarga.

— Camarada — me afasto do sujeito que estou espancando. Muito agradecido, ele desliza até a calçada, dobrado em dois. — Como vão as coisas? — Fico muito aliviado de ver Gomez: satisfeito, na verdade. Mas parece que ele não compartilha da minha alegria.

— Nossa, ah, não quero *perturbar* você nem nada, mas esse é um amigo meu que você está esquartejando, aí.

Ah, com certeza não.

— Bom, ele pediu isso. Simplesmente chegou para mim e disse: "Meu senhor, preciso urgentemente ser surrado com firmeza."

— Ah, bom. Ei, bem feito. Ficou bonito pra cacete, na verdade.

— Obrigado.

— Se importa se eu apanhar o velho Nick aqui para levar ao hospital?

— À vontade. — Droga. Eu planejava me apossar da roupa de Nick, especialmente de seus sapatos Doc Martens novinhos em folha, cor de vinho, quase sem uso. — Gomez.

— Sim? — Ele se abaixa para levantar o amigo, que cospe um dente no próprio colo.

— Que dia é hoje?

— 14 de dezembro.

— De que ano?

Ele olha para mim como um sujeito que tem mais o que fazer do que dar trela para malucos. Gomez carrega Nick segundo o método usado pelos bombeiros, que deve ser extremamente doloroso. Nick começa a choramingar.

— 1991. Você deve estar mais bêbado do que parece.

Ele sobe o beco e desaparece na direção da entrada do teatro. Calculo depressa. Hoje não faz tanto tempo que Clare e eu começamos a sair; portanto, Gomez e eu mal nos conhecemos. Não admira que ele estivesse me olhando de cara feia.

Ele torna a aparecer livre do fardo.

— Fiz o Trent tratar do caso. O Nick é irmão dele. Não gostou muito. — Vamos caminhando para leste, descendo o beco. — Me desculpe perguntar, caro Bibliotecário, mas por que cargas d'água você está vestido assim?

Estou de calça jeans clara, suéter azul-bebê todo cheio de patinhos amarelos, e jaqueta vermelho-néon com tênis cor-de-rosa. De fato, não surpreende que alguém sentisse vontade de me bater.

— Foi o melhor que pude arranjar na hora. — Tomara que o cara de quem tirei isso esteja perto de casa. Está uns seis abaixo de zero aqui. — Por que você anda com esses playboys?

— Ah, estudamos Direito juntos. — Estamos passando pelos fundos da loja de material da Marinha e do Exército e me dá uma vontade enorme de estar vestido com uma roupa normal. Decido correr o risco de escandalizar Gomez; sei que ele vai superar isso. Paro. — Camarada. Vai ser só um instantinho. Só preciso tratar de uma coisa. Dá para você esperar no fim do beco?

— O que está fazendo?

— Nada. Invasão de propriedade. Não preste atenção no homem atrás da cortina.

— Se importa se eu for junto?

— Me importo. — Ele fica desanimado. — Tudo bem. Já que insiste. — Entro no vão que protege a porta dos fundos. Esta é a terceira vez que arrombo essa loja, embora as duas outras ocasiões só vão ocorrer no futuro. Já estou craque. Primeiro abro o insignificante cadeado de segredo que defende a grade de segurança. Depois, torno a fechar a grade e arrombo o cadeado Yale. Uso uma carga de caneta velha e um alfinete de segurança que achei há pouco na Belmont Avenue. Levanto o trinco interno com uma chapinha de alumínio entre as portas duplas. *Voilà*. Ao todo, levo uns três minutos. Gomez me olha com uma admiração quase religiosa.

— *Onde* aprendeu a fazer isso?

— É jeito — respondo, sendo modesto. A gente entra. Há um painel com luzes vermelhas piscando que tenta parecer um sistema de alarme contra ladrões, mas não caio nessa. Está muito escuro aqui. Tento lembrar do interior da loja e da mercadoria. — Não toque em nada, Gomez. — Quero ficar agasalhado sem chamar atenção. Ando com cuidado pelos corredores, e meus olhos se adaptam à escuridão. Começo com calças: Levi’s pretas. Escolho uma camisa de flanela azul-escura, um sobretudo pesado de lã preta com forro super-resistente, meias de lã, cuecas, luvas pesadas de alpinismo e um chapéu com protetores de orelha. Na seção de sapatos, encontro, para minha alegria, uns Docs idênticos aos que meu amigo Nick estava usando. Estou pronto para a guerra.

Gomez, enquanto isso, está fuçando atrás do balcão.

— Não perca seu tempo — digo. — Aqui não deixam dinheiro no caixa à noite. Vamos. — Saímos por onde entramos. Fecho a porta suavemente e puxo a grade. As roupas que estava usando antes estão numa sacola de compras. Depois, vou tentar achar a caixa coletora do Exército da Salvação. Gomez me olha ansioso, como um cachorro grande que espera ganhar mais sobras do almoço.

Isso me lembra da fome.

— Estou faminto. Vamos à Ann Sather's.

— Ann Sather's? Imaginei que você fosse sugerir um assalto a banco, ou homicídio, no mínimo. Você está no embalo, cara, não pare agora!

— Preciso parar os trabalhos e me reabastecer. Vamos. — Atravessamos o beco até o estacionamento do restaurante sueco Ann Sather's. Sem falar nada, o funcionário olha quando cruzamos seus domínios. Entramos na Belmont. São só nove horas, e a rua ferve com sua mistura habitual de adolescentes, malucos sem-teto, *clubbers* e mauricinhos a fim de curtir a noite. O Ann Sather's se destaca como uma ilha de normalidade em meio aos estúdios de tatuagem e *sex shops*. Entramos e esperamos junto ao balcão de tortas por um lugar sentado. Minha barriga ronca. A decoração sueca é reconfortante, toda em painéis de madeira e mármores vermelhos. Somos colocados na seção de fumantes, bem em frente à lareira. As coisas estão melhorando. Tiramos os casacos, nos instalamos e lemos os cardápios, apesar de saber o conteúdo de cor e salteado, como bons moradores de Chicago que somos. Gomez coloca toda a sua parafernália de fumar ao lado dos talheres.

— Você se incomoda?

— Sim. Mas vá em frente. — O preço da companhia de Gomez é ser defumado pela fumaceira que não para de sair de suas narinas. Seus dedos têm um tom marrom-amarelado. Eles mexem no papel de seda que Gomez usa para enrolar o fumo Drum em um cigarro grosso. Ele lambe o papel para fechar, torce as pontas, coloca entre os lábios e acende. — Ahh. — Para Gomez, meia hora sem fumar é uma aberração. Sempre gostei de ver gente satisfazendo seus gostos, mesmo que eu não compartilhe deles.

— Você não fuma? Nada?

— Eu corro.

— Ah, tá. Cacete, você está em ótima forma. Pensei que quase tivesse matado o Nick, e você não ficou nem ofegante.

— Ele estava bêbado demais para brigar. Um mero saco de pancada.

— Por que caiu em cima dele assim?

— Foi besteira. — O garçom chega, diz que se chama Lance e que os pratos do dia são salmão e creme de ervilhas. Anota nossos pedidos de bebida e sai depressa. Brinco com a cremeira. — Ele viu como eu estava vestido e concluiu que eu era alvo fácil. Ficou me ofendendo e quis me bater. Não aceitou um não como resposta e teve uma surpresa. Eu estava na minha, estava mesmo.

Gomez está pensativo.

— E o que estava fazendo, exatamente?

— Como?

— Henry, posso ter cara de bocó, mas, na verdade, seu velho tio Gomez não está completamente por fora. Ando prestando atenção em você há algum tempo: antes que nossa Clarinha te levasse lá em casa, para dizer a verdade. Quer dizer, não sei se sabe, mas você tem uma certa fama em algumas rodas. Conheço um monte de gente que te conhece. Gente, não: mulheres. Mulheres que te conhecem. — Ele olha para mim com os olhos apertados através da névoa da sua fumaça. — Dizem coisas bem estranhas.

Lance chega com o meu café e o leite de Gomez. Pedimos: um cheeseburguer com fritas para Gomez, sopa de ervilha, o salmão, batatas doces e salada de frutas para mim. Tenho a sensação de que vou cair agora mesmo se não ingerir logo um monte de calorias. Lance sai prontamente. Mal consigo me importar com as sacanagens feitas por meu eu do passado, quanto mais ficar justificando para o Gomez. Não é da conta dele, afinal. Mas ele espera minha resposta. Misturo creme no meu café, vendo a espuma branca na superfície se desmanchando. Mando a cautela às favas. Não importa, afinal.

— O que gostaria de saber, camarada?

— Tudo. Quero saber por que um bibliotecário aparentemente pacato está vestido como professor de jardim de infância enquanto espanca um cara a troco de nada. Quero saber por que Ingrid Carmichel tentou se matar há oito dias. Quero saber por que hoje você parece dez anos mais velho do que da última vez em que te vi. Seu cabelo está ficando grisalho. Quero saber por que você sabe arrombar um cadeado Yale. Quero saber por que Clare tinha uma fotografia sua antes de te conhecer para valer.

Clare tinha uma foto minha antes de 1991? Eu não sabia disso. Epa.

— Como era a foto?

Gomez me olha.

— Mais como você é agora, não como era duas semanas atrás quando foi jantar lá em casa. — Aquilo foi há duas semanas? Meu Deus, essa é apenas a segunda vez que eu encontro o Gomez. — Foi tirada ao ar livre. Você está sorrindo. A data no verso é junho de 1988. — Paramos para arrumar a comida em nossa mesinha quando ela chega. Começo a comer como se não houvesse amanhã.

Gomez fica parado, olhando para mim enquanto como, sem tocar em sua comida. Já vi Gomez usar essa técnica no tribunal com testemunhas que não querem colaborar. Ele simplesmente impõe sua vontade até que elas revelem o que sabem. Não me importo de contar tudo, só quero comer primeiro. É só que eu preciso que Gomez saiba a verdade, porque ele vai me tirar de enrascadas muitas vezes no futuro.

Estou na metade do salmão e ele continua parado.

— Coma, coma — digo em minha melhor imitação da sra. Kim. Ele come uma batata frita depois de passar no ketchup. — Não se preocupe, vou confessar. Só me deixe fazer minha última refeição em paz.

Ele cede e começa a comer o cheeseburguer. Nenhum de nós diz uma palavra até eu acabar com minhas frutas. Lance me traz mais café. Ponho açúcar e mexo. Gomez me olha como se quisesse me sacudir. Resolvo me divertir à custa dele.

— Tudo bem. É o seguinte: viagem no tempo.

Gomez revira os olhos e faz uma careta, mas não diz nada.

— Sou um viajante do tempo. No momento, tenho 36 anos. Hoje à tarde era 9 de maio de 2000, uma terça-feira. Eu estava trabalhando. Tinha acabado de dar uma aula prática para um grupo de sócios do Caxton Club e estava repondo os livros nas estantes quando de repente fui parar na School Street em 1991. Estava com o problema de sempre de arranjar algo para vestir. Fiquei algum tempo escondido embaixo de uma varanda. Eu estava com frio e não passava ninguém. Finalmente veio um rapaz vestido do jeito que, bem, você me viu vestido. Assaltei o cara, peguei seu dinheiro e tudo o que ele estava usando, menos a roupa de baixo. Ele tomou um bruta susto; acho que pensou que ia ser estuprado ou algo assim. De qualquer forma, eu tinha roupas. Tudo bem. Mas nesse bairro a gente não pode se vestir assim sem causar mal-entendidos. Então, andei o dia inteiro sendo esculhambado por várias pessoas, e seu amigo, por acaso, foi a gota d’água. Sinto se ele se machucou muito. Eu queria demais as roupas dele, especialmente os

sapatos. — Gomez dá uma olhada nos meus pés embaixo da mesa. — Passo por situações assim o tempo todo. Sem brincadeira. Há alguma coisa errada comigo. Me desloco no tempo sem motivo. Não dá para controlar. Nunca sei quando vai acontecer, nem onde vou parar. Então, para me safar, arrombo fechaduras, roubo lojas, bato carteiras, assalto gente, peço esmola, invado casas, roubo carros, minto; enfim, faço tudo o que mandam não fazer. É só dizer, eu já fiz.

— Assassinato.

— Isso, não que eu saiba. Também nunca estuprei ninguém. — Olho para ele enquanto falo. Sua cara é neutra. — Ingrid. Conhece mesmo a Ingrid?

— Conheço Celia Attley.

— Nossa. Você anda mesmo com gente estranha. Como a Ingrid tentou se matar?

— Com uma overdose de Valium.

— 1991? É, tudo bem. Esta seria a quarta tentativa de suicídio da Ingrid.

— O quê?

— Ah, não sabia? A Celia conta apenas o que interessa a ela. A Ingrid efetivamente conseguiu acabar com a própria vida em 2 de janeiro de 1994. Deu um tiro no peito.

— Henry...

— Sabe, isso foi há seis anos, e continuo zangado com ela. Que desperdício. Mas ela teve uma depressão séria durante muito tempo e simplesmente se afundou nela. Não pude fazer nada por ela. Era um dos motivos de briga entre a gente.

— Essa é uma brincadeira bem mórbida, Bibliotecário.

— Quer uma prova?

Ele apenas sorri.

— E aquela foto? A que você disse que Clare tem?

O sorriso desaparece.

— Tudo bem. Admito que estou um tiquinho confuso com isso.

— Conheci Clare pela primeira vez em outubro de 1991. Ela me conheceu pela primeira vez em setembro de 1977; Clare tinha 6 anos, eu tinha os 38 que ainda vou fazer. Ela me conhece a vida inteira. Em 1991, acabo de conhecer Clare. Aliás, você devia perguntar isso tudo a Clare. Ela te conta.

— Já perguntei. Ela me contou.

— Ora bolas, Gomez. Você está aqui me tomando um tempo valioso, me fazendo te contar tudo de novo. Não acreditou nela?

— Não. Você acreditaria?

— Claro. Clare não mente. É consequência daquela educação católica dela. — Lance chega com mais café. Já estou cheio de cafeína nas ideias, porém mais um pouco não vai fazer mal. — Então? Que tipo de prova você procura?

— Clare disse que você desaparece.

— É, esse é um dos meus mais dramáticos truques de salão. Fique grudado em mim, e cedo ou tarde, eu sumo. Pode levar dez minutos, horas, ou dias, mas pode confiar.

— Nós nos conhecemos em 2000?

— Sim. — Rio para ele. — Somos muito amigos.

— Me conte o meu futuro.

Ah, não. Má ideia.

— Não.

— Por que não?

— Gomez, as coisas acontecem. Saber de antemão torna tudo... esquisito. Não se pode mudar nada, afinal de contas.

— Por quê?

— Causa e efeito só andam para a frente. As coisas só acontecem uma vez. Se a gente sabe o que vai acontecer... eu me sinto preso, quase o tempo todo. Se a gente está no tempo, sem saber... é livre. Confie em mim. — Ele parece frustrado. — Você vai ser nosso padrinho de casamento. Eu vou ser o seu. Você tem uma vida ótima, Gomez. Mas não vou te contar os detalhes.

— Dicas de ações?

É, por que não? Em 2000, o mercado está uma loucura, mas há oportunidade de fazer fortunas incríveis, e Gomez será um dos felizardos.

— Já ouviu falar da Internet?

— Não.

— É uma coisa de computador. Uma vasta rede mundial com as pessoas todas ligadas, se comunicando com computadores através de linhas telefônicas. O que você quer é comprar ações de tecnologia. Netscape, America Online, Sun Microsystems, Yahoo!, Microsoft, Amazon.com. — Ele está anotando.

— Pontocom?

— Não se preocupe com isso. Simplesmente compre no lançamento. — Sorrio. — Bata palmas se acreditar em fadas.

— Pensei que você espancasse qualquer pessoa que insinuasse qualquer coisa sobre “fadas”.

— Isso é de *Peter Pan*, seu analfabeto. — De repente me sinto enjoado. Não quero fazer uma cena aqui, agora. Levanto dando um pulo. — Vem comigo — digo, correndo para o banheiro masculino, Gomez logo atrás de mim. Entro correndo no banheiro, por milagre, vazio. O suor escorre pelo meu rosto. Vomito na pia.

— Meu Deus! — diz Gomez. — Caramba, Biblioteca... — Mas perco o restante do que ele ia dizer, porque estou deitado de lado, nu, sobre um chão de linóleo, num breu total. Fico algum tempo ali deitado porque estou tonto. Estico a mão e toco lombadas de livros. Estou no depósito, na Newberry. Levanto e vou cambaleando até o fim do corredor. Acendo a luz, que preenche a ala onde estou e me deixa cego. Minhas roupas e o carrinho de livros que eu estava guardando estão no corredor do lado. Coloco as roupas, guardo os livros e, com todo o cuidado, abro a porta do depósito. Não sei que horas são; os alarmes podem estar ligados. Mas, não, está tudo como antes. Isabelle dá instruções a um novo sócio sobre o funcionamento da Sala de Leitura; Matt passa e acena. O sol entra pelas janelas, e os ponteiros do relógio da Sala de Leitura marcam 16h15. Fiquei menos de 15 minutos desaparecido. Amelia me vê e aponta para a porta.

— Vou até o Starbucks. Quer um café?

— Hmm, não. Acho que não. Mas obrigado.

Estou com uma dor de cabeça horrível. Meto a cara na sala do Roberto e digo que não estou bem. Ele balança a cabeça mostrando solidariedade, faz um gesto para o telefone, que cospe italiano na velocidade da luz em seu ouvido. Pego minhas coisas e saio.

Só outro dia normal de trabalho para o Bibliotecário.

Domingo, 15 de dezembro de 1991 (Clare tem 20 anos)

CLARE: É uma bela manhã ensolarada de domingo, e estou indo da casa de Henry para a minha. As ruas estão cobertas de gelo e há uns 5 centímetros de neve fresca. Tudo é de uma brancura e limpeza que ofuscam a vista. Canto junto com Aretha Franklin “R-E-S-P-E-C-T!” quando viro da Addison para a Hoyne e, olhe só, há uma vaga bem em frente. É meu dia de sorte. Estaciono, atravesso a calçada escorregadia e entro no vestíbulo ainda

cantarolando. Estou com aquela maravilhosa sensação de pernas bambas que começo a associar a sexo, acordar na cama de Henry, chegar em casa já de manhã. Flutuo escada acima. Charisse deve estar na igreja. Estou ansiosa por um banho demorado e o *New York Times.* Assim que abro a porta, sei que não estou só. Gomez está sentado na sala dentro de uma nuvem de fumaça com as persianas fechadas. E com o papel de parede vermelho, a mobília de veludo da mesma cor e toda a fumaça, ele parece o diabo vestido de Elvis louro. Está ali apenas sentado, então vou me encaminhando para o meu quarto, sem falar. Continuo furiosa com ele.

— Clare.

Viro em sua direção.

— O quê?

— Desculpe. Eu estava errado.

Nunca vi Gomez admitir algo assim. Ele se acha mais infalível que o papa. A voz dele é um resmungo profundo.

Entro na sala e abro as persianas. O sol tem dificuldade de atravessar a fumaça, então abro uma fresta da janela.

— Não sei como você pode fumar tanto sem disparar o detector de fumaça.

Gomez mostra uma bateria de 9 volts.

— Boto de volta antes de sair.

Sento na poltrona. Espero Gomez me dizer por que mudou de ideia. Ele enrola outro cigarro e olha para mim após acender.

— Passei a noite de ontem com seu amigo Henry.

— Eu também.

— É. O que vocês fizeram?

— Fomos ao Facets, vimos um filme do Peter Greenaway, comemos comida marroquina, fomos para a casa dele.

— E você acabou de sair de lá.

— Exatamente.

— Bom. Minha noite foi menos cultural, porém mais agitada. Topei com seu garoto no beco ao lado do Vic, metendo a porrada no Nick. O Trent me contou hoje de manhã que o Nick quebrou o nariz, três costelas, cinco ossos da mão, teve perda de tecido conjuntivo e levou 46 pontos. E vai precisar de um novo dente da frente. — Não me abalo. Nick é um grande valentão. — Você devia ter visto, Clare. Seu namorado lidou com Nick como se ele fosse um objeto inanimado. Como se Nick fosse uma escultura que ele

estivesse entalhando. De forma científica mesmo. Só batia onde ia causar mais dano, *pimba*. Teria tido a minha maior admiração, se não fosse pelo Nick.

— Por que o Henry estava batendo no Nick?

Gomez parece desconfortável.

— Pelo que ele disse, talvez tenha sido culpa do Nick. Ele gosta de implicar com... *gays*, e Henry estava vestido de Luluzinha.

Posso imaginar. Coitado do Henry.

— E aí?

— Aí a gente assaltou a loja de material da Marinha e do Exército. — Por enquanto, tudo bem.

— E?

— Aí fomos ao Ann Sather's jantar.

Caio na gargalhada. Gomez sorri.

— E ele me contou a mesma história maluca que você me contou.

— Então por que acreditou nele?

— Bom, ele é sossegado pra cacete. Dava para dizer que me conhecia perfeitamente, de cabo a rabo. Ele já tinha sacado qual era a minha e não ligava. E aí ele... sumiu, e eu estava ali parado, e simplesmente... fui obrigado... a acreditar.

Balanço a cabeça, compreensiva.

— O desaparecimento é bem impressionante. Lembro disso da primeira vez que vi o Henry, quando era pequena. Ele estava apertando a minha mão e, *puf!*, sumiu. Ei, de quando ele vinha?

— De 2000. Parecia muito mais velho.

— Ele passa por muita coisa. — É bom estar aqui sentada e conversar sobre Henry com alguém que sabe. Sinto uma onda de gratidão a Gomez que evapora quando ele se inclina à frente e diz, de forma bastante séria:

— Não se case com ele, Clare.

— Ele ainda não me pediu.

— Você sabe o que quero dizer.

Fico paradinha, olhando para as mãos tranquilamente fechadas em meu colo. Estou furiosa e com frio. Gomez me olha ansioso.

— Eu amo o Henry. Ele é a minha vida. Passei a vida inteira esperando por ele, e agora ele está aqui. — Não sei como explicar. — Com Henry, vejo tudo ordenado, como um mapa, passado e futuro, tudo de uma vez, feito um anjo... — Balanço a cabeça. Não sei dizer com palavras. — Posso

chegar nele e tocar no tempo... ele me ama. A gente se casou porque... somos parte um do outro... — Hesito. — Já aconteceu. Tudo de uma vez. — Olho para Gomez para ver se o que eu disse fez algum sentido.

— Clare. Eu *gosto* dele, muito. Ele é fascinante. Mas é perigoso. Todas as mulheres com quem andou ficaram arrasadas. Só não quero que você caia alegremente nos braços desse charmoso sociopata...

— Não vê que você chegou atrasado? Fala de alguém que conheço desde que tinha 6 anos. Eu *conheço* o Henry. Você viu ele duas vezes e está tentando me dizer para saltar fora. Bom, não posso. Já vi o meu futuro; não dá para mudar, nem mudaria se pudesse.

Gomez fica pensativo.

— Ele não quis me dizer nada sobre meu futuro.

— Henry gosta de você; não faria isso com você.

— Fez com você.

— Não deu para evitar; nossas vidas estão entrelaçadas. Minha infância toda foi diferente por causa dele, e não havia nada que ele pudesse fazer. Ele fez o melhor que pôde. — Escuto a chave de Charisse girando na fechadura.

— Clare, não fique brava... só estou tentando te ajudar.

Sorrio para ele.

— Você pode ajudar a gente. Vai ver.

Charisse entra tossindo.

— Ah, amor. Você está esperando há um tempão.

— Andei conversando com Clare. Sobre Henry.

— Tenho certeza de que andou contando o quanto você adora o Henry — diz Charisse num tom de alerta.

— Eu disse para ela sair correndo o mais rápido possível na direção oposta.

— Ah, Gomez. Clare, não dê ouvidos a ele. Ele tem um gosto péssimo em matéria de homem.

Charisse senta muito comportada a dois palmos de Gomez e ele puxa a namorada para seu colo. Ela faz uma careta para ele.

— Ela é sempre assim quando vem da igreja.

— Quero o café da manhã.

— Claro, minha gracinha.

Eles se levantam e saem correndo pelo corredor a caminho da cozinha. Logo Charisse está dando risadinhas esganiçadas enquanto Gomez tenta

bater nela com a revista *Time*. Suspiro e vou para o meu quarto. Ainda há sol. No banheiro, ponho água para correr na velha banheira enorme e tiro as roupas da noite passada. Ao entrar, me vejo no espelho. Estou menos magra. Isso me deixa mais animada, e afundo na água me sentindo como uma odalisca dos quadros de Ingres. *Henry me ama. Henry está aqui, finalmente, agora, finalmente. E eu amo o Henry.* Passo a mão nos seios e sinto um resto de saliva ser lavado pela água. *Por que tudo tem que ser complicado? Já não deixamos para trás a parte complicada?* Vejo meu cabelo boiar em volta de mim ao mergulhar, escuro e embaraçado. *Nunca escolhi Henry, e ele nunca me escolheu. Então como poderia ser um erro?* Mais uma vez encaro o fato de que não podemos saber. Deito na banheira, olhando os azulejos acima dos meus pés, até a água estar quase fria. Charisse bate na porta, perguntando se morri aqui dentro e se ela não podia escovar os dentes. Ao enrolar o cabelo numa toalha, vejo no espelho meu reflexo embaçado pelo vapor. Parece que o tempo se dobra sobre si mesmo. Vejo que sou feita de camadas representando meus dias passados e futuros. De repente, tenho a sensação de ter ficado invisível, uma sensação que passa tão depressa quanto veio. Fico um minuto parada e então visto o roupão, abro a porta e vou em frente.

Sábado, 22 de dezembro de 1991
(Henry tem 28 e 33 anos)

HENRY: Às 5h25, a campainha toca, sempre um mau sinal. Vou trôpego até o interfone e aperto o botão.

— Sim?

— Ei. Me deixa entrar. — Torno a apertar o botão e o horrível zumbido que significa Seja Bem-vindo ao Meu Lar é transmitido através da linha. Quarenta e cinco segundos depois, o elevador faz barulho e começa a subir. Visto o roupão, saio e fico parado no corredor vendo os cabos do elevador se movendo pelo vidro de segurança. A cabine aparece e para, e, claro, vejo que sou eu.

Ele abre a porta do elevador e sai para o corredor. Está nu, com barba por fazer e um cabelo muito curto. Atravessamos depressa o corredor deserto e fugimos para o apartamento. Fecho a porta e ficamos parados um instante nos olhando.

— Bom — digo, só para falar alguma coisa. — Como vão as coisas?

— Mais ou menos. Que dia é hoje?

— 22 de dezembro de 1991. Sábado.

— Ah... o Violent Femmes no Aragon hoje à noite?

— É.

Ele ri.

— Merda. Que noite horrível foi *aquela.* — Ele vai até minha cama (*minha* cama) e se deita, puxando as cobertas para cobrir a cabeça. Deito ao lado dele.

— Ei. — Nada de resposta. — De quando está vindo?

— 13 de novembro de 1996. Eu estava indo para a cama. Então me deixe dormir um pouco, senão vai se arrepender muito daqui a cinco anos.

Isso parece bastante razoável. Tiro o roupão e volto a me deitar. Agora estou do lado errado da cama, o de Clare, como o considero atualmente, porque meu duplo se apossou do meu lado. Tudo é sutilmente diferente deste lado da cama. É como quando a gente fecha um olho e olha de perto para alguma coisa por algum tempo, depois olha com o outro. Fico ali deitado fazendo isso, olhando para a poltrona com minhas roupas espalhadas por cima, para um caroço de pêssego no fundo de um copo de vinho no peitoril da janela, para as costas da minha mão direita. Minhas unhas precisam ser cortadas e o apartamento provavelmente deveria ser interditado pela Defesa Civil. Talvez meu eu extra esteja disposto a colaborar, ajudar um pouco, trabalhar para ganhar casa e comida. Lembro do que tenho na geladeira e na despensa e chego à conclusão de que estamos bem abastecidos. Estou planejando trazer Clare para casa hoje à noite e não sei bem o que fazer com meu corpo excedente. Pode ser que Clare prefira estar com essa minha versão mais velha, uma vez que afinal elas se conhecem melhor. Por alguma razão, isso me deixa nervoso. Fico lembrando de que qualquer coisa subtraída agora será somada depois, mas mesmo assim fico aflito e torço para que um de nós simplesmente vá embora.

Observo o meu duplo. Ele está encolhido, tipo porco-espinho, virado para o outro lado, obviamente dormindo. Sinto inveja dele. Ele é eu, mas eu ainda não sou ele. Ele teve cinco anos de uma vida que ainda é um mistério para mim. Uma vida que parece uma cobra ainda enrolada, esperando dar o bote e morder. Claro, ele já teve o que de bom vem aí pela frente; para mim, o futuro é como uma caixa de chocolates fechada.

Tento ver meu duplo com os olhos de Clare. Por que o cabelo curto? Sempre gostei do meu cabelo preto ondulado batendo nos ombros; ele é

assim desde o ensino médio. Mas cedo ou tarde, vou encarar a tesoura. Percebo que o cabelo é uma das muitas coisas que fazem Clare lembrar de que não sou exatamente o homem que ela conhece desde pequena. Sou como um esboço que Clare está aprimorando inspirada pela imagem que ela tem de mim em sua mente. O que seria de mim sem ela?

Não seria o homem que respira fundo, devagar, do outro lado da cama. Seu pescoço e suas costas mexem com o movimento das vértebras e costelas. Sua pele é macia, quase sem pelos, esticada sobre músculos e ossos. Ele está exausto, mas dorme como se a qualquer momento pudesse pular da cama e sair correndo.

Será que passo tanta tensão assim? Acho que sim. Clare reclama que não relaxo até estar morto de cansaço, mas, na verdade, geralmente fico relaxado quando estou com ela. Esse eu mais velho parece mais magro e mais cansado, mais confiante e mais seguro. Porém comigo ele pode se dar ao luxo de se mostrar: me saca tão completamente que só posso fazer o que ele quer, para o meu próprio bem.

São 7h14, e é óbvio que não vou dormir de novo. Levanto da cama e ligo a cafeteira. Visto cueca e calças de moletom e me alongo. Ponho joelheiras porque ultimamente ando com dor nos joelhos. Calço as meias, amarro meus tênis de correr surrados (provavelmente a causa dos joelhos ferrados) e juro que vou comprar uns novos amanhã. Eu devia ter perguntado ao meu hóspede como estava o tempo lá fora. Ah, bem, dezembro em Chicago: tempo horrível é de lei. Visto minha camiseta jurássica do Chicago Film Festival e um casaco de moletom preto. Coloco por cima um casaco laranja, mais pesado e com um capuz, que tem uns X grandes na frente e atrás feitos de fita adesiva refletora. Pego minhas luvas e chaves, e saio para o dia.

Até que não está ruim para um dia de início de inverno. Há pouca neve no chão, e o vento brinca com ela, empurrando para lá e para cá. O tráfego está interrompido na Dearborn, criando um concerto de barulhos de motor, e o céu cinzento vai ficando lentamente menos fechado.

Amarro as chaves no tênis e decido correr na beira do lago. Vou pela Delaware na direção da Michigan Avenue, atravesso o viaduto e vou beirando a ciclovia, seguindo no sentido norte pela Oak Street Beach. Só corredores e ciclistas radicais saíram hoje. O lago Michigan está azul-acinzentado e de maré baixa, revelando uma faixa de areia marrom-escura. Gaivotas dão voltas em cima de mim e no alto do lago, mais ao longe. Vou correndo meio duro; o frio não faz bem às juntas, e lentamente vou

percebendo que está bem frio aqui na beira do lago, provavelmente na faixa de uns cinco abaixo de zero. Então corro um pouco mais devagar que de hábito, fazendo aquecimento, lembrando a meus pobres joelhos e tornozelos que o trabalho deles é me levar longe e rápido quando exigidos. Sinto o ar frio em meus pulmões, sinto meu coração batendo serenamente, e, ao chegar à North Avenue, me sinto bem e começo a acelerar. Correr é muitas coisas para mim: sobrevivência, calma, euforia, solidão. É prova de que existo, da minha habilidade de controlar meu movimento no espaço, se não no tempo, e da obediência, por mais breve que seja, do meu corpo à minha vontade. Ao correr, desloco ar, e as coisas vão e vêm à minha volta. A trilha passa embaixo dos meus pés como uma tira de filme. Quando era criança, antes dos videogames e da internet, eu apertava o botão mixuruca do projetor da biblioteca da escola para ver filmes passando quadro a quadro, ao som de um bipe. Não me lembro mais como eram ou sobre o que eram os filmes, mas lembro do cheiro da biblioteca, e de como aquele bipe me assustava todas as vezes. Agora estou voando, aquela sensação de ouro, como se eu pudesse disparar e voar, e sou invencível, nada pode me deter, nada pode me deter, nada, nada, nada, nada...

Noite do mesmo dia (Henry tem 28 e 33 anos, Clare, 20)

CLARE: Estamos indo para o show do Violent Femmes no Aragon Ballroom. Após alguma relutância da parte de Henry (que não entendi, porque ele adora *les Femmes*), estamos rodando a zona norte de Chicago procurando vaga. Dou voltas e mais voltas, passo o Green Mill, os bares, os prédios mal iluminados e as lavanderias que parecem cenários de teatro. Finalmente estaciono na Argyle e caminhamos tremendo de frio pelas calçadas congeladas e cheias de buracos. Henry tem um passo rápido e sempre fico meio ofegante quando andamos juntos. Notei que ele se esforça para acompanhar meu passo, agora. Tiro a luva e ponho a mão no bolso do casaco dele, e ele passa o braço em volta do meu ombro. Estou vibrando porque Henry e eu nunca saímos para dançar, e porque adoro o Aragon, em toda a decadência de seu falso esplendor espanhol. Minha avó Meagram me contava dos bailes das *big bands* aqui nos anos 30, quando tudo era novo e lindo e não havia gente se drogando nos balcões nem poças de mijo no banheiro masculino. Mas *c'est la vie,* os tempos mudam, e cá estamos nós.

Ficamos alguns minutos na fila. Henry parece tenso e vigilante. Segura a minha mão, mas de olho na multidão. Aproveito a oportunidade para olhar

para ele. Henry é lindo. Seu cabelo é preto e tem brilho. Bate nos ombros, penteado para trás. Ele parece um gato, é magro e passa agitação e sensualidade. Tem cara de que pode morder. Henry está usando um casacão preto e uma camisa de algodão branca com punhos desabotoados abaixo das mangas do casaco, uma linda gravata de seda de um verde forte que ele afrouxou para eu poder ver os músculos de seu pescoço, calça jeans preta e tênis de cano alto preto. Henry segura o meu cabelo e enrola no pulso. Por um momento, sou sua prisioneira, e aí a fila anda e ele me solta.

Compramos o ingresso e seguimos na maré de gente para dentro do prédio. O Aragon tem muitos corredores longos, e baias e balcões que circundam a pista e são ideais para a pessoa se perder e se esconder. Henry e eu subimos a um camarote perto do palco e sentamos numa mesa minúscula. Tiramos os casacos. Henry está me encarando.

— Você está linda. Esse vestido é maravilhoso. Não posso acreditar que você possa dançar com ele.

Meu vestido é colante, de seda lilás-azulado, mas estica o suficiente para eu me mexer. Provei hoje à tarde na frente de um espelho e ficou bom. O que me preocupa é meu cabelo; por causa do tempo seco do inverno, ele parece ter dobrado de volume. Começo a fazer uma trança e Henry me detém.

— Não, por favor... quero olhar para você de cabelo solto.

A banda de abertura começa. Ouvimos pacientemente. Todo mundo está circulando, conversando, fumando. Não há cadeiras na pista. O barulho é fenomenal.

Henry se inclina e berra em meu ouvido.

— Quer beber alguma coisa?

— Só uma Coca.

Ele sai para ir até o bar. Descanso os braços na grade do balcão e observo a multidão. Garotas com vestidos de brechó, garotas de roupa militar, garotos com penteado moicano, garotos de camisa de flanela. Gente de ambos os sexos de jeans e camiseta. Universitários e gente de vinte e poucos anos, com alguns coroas aqui e ali.

Henry já foi há um bom tempo. A banda de abertura termina, recebendo aplausos esparsos, e os técnicos começam a remover seu equipamento e a trazer um conjunto de instrumentos mais ou menos idêntico. Acabo me cansando de esperar e, largando nossa mesa e nossos casacos, vou abrindo caminho à força em meio à massa de gente desde o balcão até o bar que fica

na comprida galeria mal iluminada, no térreo. Henry não está lá. Vou andando pelos corredores e baias, procurando mas tentando não dar a impressão de estar procurando.

Vejo Henry no fim de um corredor. Ele está tão junto da mulher que, a princípio, penso que os dois estão se abraçando; a mulher está encostada na parede e Henry se inclina sobre ela, apoiando a mão na parede acima do ombro dela. A intimidade da pose dos dois me deixa sem ar. Ela é loura e linda, uma beleza bem alemã, alta e intensa.

Quando me aproximo, vejo que eles não estão se beijando; estão brigando. Henry usa a mão livre para enfatizar o que quer que esteja gritando para aquela mulher. De repente, a face impassível dela irrompe em raiva, quase chorando. Ela responde alguma coisa aos gritos para ele. Henry recua e joga as mãos para o alto. Ouço o fim do que ele diz ao se afastar.

— Não posso, Ingrid, simplesmente não posso! Me *desculpe*...

— Henry! — Ela corre atrás dele quando os dois me veem, parada no meio do corredor. Henry está amargurado quando pega meu braço e vamos andando depressa para a escada. Depois de subir três degraus, vejo a mulher parada, nos olhando, braços caídos, frágil e sensível. Henry olha para trás, viramos e continuamos a subir.

Achamos nossa mesa, que por milagre continua livre e com os nossos casacos. A luz está apagando e Henry levanta a voz para se sobrepor ao barulho da multidão.

— Sinto muito. Não consegui chegar até o bar, e dei de cara com a Ingrid...

Quem é Ingrid? Lembro da cena no banheiro de Henry, eu parada com um batom na mão. Preciso saber, mas as luzes se apagam e os Violent Femmes chegam ao palco.

Gordon Gano está ao microfone olhando furioso para todos nós. Ao som de acordes ameaçadores, ele se inclina à frente e recita a abertura de *Blister in the Sun*; foi dada a partida.

Henry e eu ficamos sentados ouvindo, então ele se inclina para mim e grita:

— Quer ir embora?

A pista de dança é uma massa turbulenta de pessoas se jogando umas contra as outras.

— Quero dançar!

Henry parece aliviado.

— Ótimo! Sim! Vamos!

Ele tira a gravata e enfia no bolso do casacão. Seguimos para baixo e entramos na pista. Vejo Charisse e Gomez dançando mais ou menos juntos. Charisse está na dela, possuída; Gomez mal se mexe, com um cigarro reto nos lábios. Ele me vê e me dá um adeusinho. Entrar naquele bolo de gente é como caminhar no lago Michigan; somos levados pela onda, boiando em direção ao palco. O público pede *Add it up!* e os Femmes reagem atacando seus instrumentos com um vigor insano.

Henry se move, acompanhando a vibração do baixo. Estamos perto do gargarejo, onde de um lado o povo dança dando encontrões a toda velocidade e, do outro, a galera rebola, agita os braços e bate o pé no ritmo da música.

Dançamos. A música me percorre, ondas de som que me agarram pela espinha, mexem meus pés, meus quadris e meus ombros sem consultar meu cérebro. (*Beautiful girl, love your dress, high school smile, oh yes, where she is now, I can only guess.*) Abro os olhos e vejo Henry me olhando enquanto dança. Quando levanto os braços, ele me pega pela cintura e dou um pulo. Por uma breve eternidade, tenho uma visão panorâmica da pista de dança. Alguém acena para mim, mas Henry me põe de novo no chão antes que eu consiga ver quem é. Dançamos colados, dançamos separados. (*How can I explain personal pain?*) Estou suando em bicas. Henry sacode a cabeça. Seu cabelo preto vira um borrão e seu suor me cobre toda. A música é provocante e debochada (*I ain't had much to live for I ain't had much to live for I ain't had much to live for).* A gente se deixa levar por ela. Meu corpo é elástico, sinto as pernas dormentes e um tesão que sobe da minha virilha para a cabeça. Meu cabelo é uma corda molhada que gruda nos braços, no pescoço, no rosto e nas costas. A música bate numa parede e para. Meu coração bate forte. Ponho a mão no peito de Henry e fico surpresa com o fato de o coração dele só parecer ligeiramente acelerado.

Pouco depois, entro no banheiro feminino e vejo Ingrid sentada numa pia, chorando. Uma negra miudinha com um lindo rastafári comprido está na frente dela falando baixinho e afagando seu cabelo. Os soluços de Ingrid ecoam nos azulejos amarelos. Vou saindo de costas dali, mas meus movimentos chamam a atenção das duas. Elas me olham. Ingrid está um lixo. Toda sua aura germânica desapareceu. Sua cara está vermelha e inchada, suja pela maquiagem escorrida. Ela me encara, desolada e

esgotada. A negra vem falar comigo. Ela é bonita e delicada, sombria e triste. Chega perto e fala baixinho.

— Irmã — diz —, como é seu nome?

Hesito.

— Clare — digo, afinal.

Ela volta a olhar para Ingrid.

— Clare. Um conselho de amiga: você está se metendo onde não deve. Henry é uma fria, mas é a fria da Ingrid, e você seria uma idiota se se metesse com ele. Está me ouvindo?

Não quero saber, mas não consigo me conter.

— Do que você está falando?

— Eles iam se casar. Aí o Henry desmancha o noivado, diz a Ingrid que sente muito, deixa para lá, pode esquecer. Eu digo que ela está melhor sem ele, mas ela não ouve. Ele trata mal a Ingrid, bebe como se a bebida no mundo fosse acabar, passa dias sumido e aí aparece como se nada tivesse acontecido, transa com qualquer coisa que mije sentada. Isso é o Henry. Quando ele fizer você se lamentar e chorar, não diga que não foi avisada.

Ela vira as costas bruscamente e volta para junto de Ingrid, que continua me encarando, que me olha com absoluto desespero.

Devo estar olhando boquiaberta para elas.

— Sinto muito — digo e me mando.

Vago pelos corredores e afinal encontro uma baia que está vazia exceto por uma gótica desmaiada num sofá de vinil com um cigarro aceso na mão. Tiro o cigarro dela e apago no ladrilho sujo. Sento no braço do sofá e sinto a música vibrando do cóccix até espinha acima. Sinto nos dentes. Ainda preciso fazer pipi e minha cabeça dói. Quero chorar. Não entendo o que acabou de acontecer. Isto é, entendo, mas não sei o que devo fazer a respeito. Não sei se devo simplesmente esquecer, ou ficar furiosa com Henry e tomar satisfação, ou o quê. O que eu esperava? Quem me dera poder mandar um postal para o passado, para o cafajeste desse Henry que eu não conheço: *Não faça nada. Me espere. Queria que estivesse aqui.*

Henry mete a cabeça ali dentro.

— Você está aí. Achei que tivesse te perdido.

Cabelo curto. Ou Henry cortou o cabelo na última meia hora ou estou olhando para o meu viajante do tempo favorito. Levanto dando um pulo e me atiro nos braços dele.

— Ufa... ei, que bom ver você, *também*.

— Eu *estava* com saudades... — agora *estou* chorando.

— Você está há semanas quase direto comigo.

— Eu sei, mas... você não é *você*, ainda... quer dizer, você está diferente. Droga. — Encosto na parede e Henry encosta em mim. A gente se beija, e aí Henry começa a lamber meu rosto como uma mãe gata. Tento ronronar e começo a rir. — Seu babaca. Está tentando me distrair do seu comportamento *infame*...

— Que comportamento? Eu não sabia que você existia. Eu estava infeliz namorando a Ingrid. Conheci você. Terminei com a Ingrid menos de 24 horas depois. Quer dizer, a infidelidade não é retroativa, sabe?

— Ela disse...

— Ela quem?

— A negra. — Imito seus cabelos compridos com as mãos. — Baixa, olhos grandes, rastafári...

— Ai, meu Deus. É Celia Attley. Ela me despreza. Está apaixonada pela Ingrid.

— Ela disse que você ia se casar com a Ingrid. Que você vive bebendo, pegando todas, e no fundo é uma pessoa que não presta e eu devia fugir. Foi o que ela disse.

Henry está dividido entre rir e não acreditar no que está ouvindo.

— Bom, alguma coisa disso é mesmo verdade. De fato, eu pegava geral, e certamente sou conhecido por beber horrores. Mas não, a gente não era *noivo*. Eu não seria louco a ponto de me *casar* com a Ingrid. A gente era muito infeliz juntos.

— Mas então por quê...

— Clare, são poucas as pessoas que encontram sua alma gêmea aos seis anos. Então você tem que passar o tempo de alguma maneira. E a Ingrid era muito... paciente. Paciente demais. Disposta a aturar meu comportamento estranho, na esperança de que um dia eu entrasse na linha e casasse com ela, pobrezinha. E quando uma pessoa é tão paciente assim, a gente se sente agradecido, e depois dá vontade de magoar. Faz algum sentido?

— Acho que sim. Quer dizer, não, não para mim, mas eu não penso dessa maneira.

Henry suspira.

— Eu acho fofinho que você ignore a lógica bizarra da maioria dos relacionamentos. Acredite em mim. Quando nos conhecemos, eu estava arrasado, e estou lentamente me recompondo porque vejo que você é uma

boa pessoa, e eu gostaria de ser assim, também. E ando tentando fazer isso sem você notar, porque ainda não entendi que qualquer mentira é inútil entre nós. Mas há uma distância muito grande entre o eu com quem você está lidando em 1991 e o eu que está falando com você agora de 1996. Você tem que investir em mim; não posso chegar lá sozinho.

— Sim. Mas é difícil. Não estou acostumada a ser a professora.

— Bom, sempre que estiver desanimada, pense em todas as horas que passei, que estou passando, com você pequenininha. Novas lições de matemática, botânica, ortografia e história da América. Quer dizer, você pode me dizer coisas indecentes em francês porque eu fiquei ali exercitando com você.

— É a maior verdade. *Il a les défauts de ses qualités.* Mas aposto que é mais fácil ensinar tudo isso do que ensinar alguém a ser... feliz.

— Mas você me faz feliz. É estar à altura da felicidade que é a parte difícil. — Henry brinca com meu cabelo, dá nozinhos nele. — Olhe, Clare, vou devolver você ao pobre *imbécile* com quem você chegou. Estou sentado lá em cima deprimido e me perguntando onde você está.

Sinto vergonha ao notar que esqueci o meu Henry atual na alegria de ver o meu antigo e futuro Henry. Sinto um desejo quase maternal de ir consolar o estranho menino que está virando o homem à minha frente, esse que me beija e me deixa com uma advertência para ser boazinha. Ao subir a escada, vejo o Henry do meu futuro indo se jogar no meio da galera. Sigo como num sonho para encontrar o Henry que é meu aqui e agora.

OceanofPDF.com

VÉSPERA DE NATAL, TRÊS



Terça, quarta e quinta-feira, 24, 25, 26 de dezembro de 1991
(Clare tem 20 anos, Henry, 28)

CLARE: São 8h32 do dia 24 de dezembro, e Henry e eu estamos a caminho da Medowlark House para o Natal. Está um dia lindo e claro, sem neve aqui em Chicago, mas com 15 centímetros em South Haven. Antes de sairmos, Henry passou um tempo rearrumando a bagagem no carro, verificando os pneus, olhando no capô. Acho que ele não tem a menor ideia daquilo que viu lá dentro. Eu adoro meu carro: é um Honda Civic modelo 90, muito bonitinho. Mas Henry de fato odeia andar de carro, ainda mais carro pequeno. Ele é um carona horrível, que se segura no banco e freia o tempo todo em que estamos em trânsito. Provavelmente teria menos medo se pudesse ser o motorista, mas, por razões óbvias, Henry não tem carteira. Então vamos indo pela estrada do pedágio neste belo dia de inverno; estou calma e ansiosa para ver minha família, enquanto Henry é uma pilha de nervos. Só piora o fato de ele não ter corrido hoje de manhã; notei que Henry precisa de uma quantidade incrível de atividade física o tempo todo para ser feliz. É como sair com um galgo. É diferente estar com Henry em tempo real. Quando eu crescia, Henry ia e vinha, e nossos encontros eram curtos, dramáticos e perturbadores. Henry tinha muita coisa que não ia me contar, e quase nunca me deixava chegar perto dele, então eu sempre tinha uma sensação intensa de insatisfação. Quando finalmente o encontrei no presente, achei que seria assim. Mas, na verdade, é muito melhor, em muitos aspectos. Em primeiro lugar, em vez de se negar a encostar em mim, Henry vive me tocando, me beijando, fazendo amor comigo. Tenho a sensação de ter virado uma pessoa diferente, imersa num poço quente de desejo. E ele me conta as coisas! Qualquer coisa que eu lhe pergunte sobre ele, sua vida, sua família — ele me conta, com nomes, lugares, datas. Coisas que me pareciam o maior mistério quando eu era criança são reveladas como perfeitamente lógicas. Mas o melhor de tudo é que eu o vejo por longos períodos — horas, dias. Sei onde encontrá-lo. Ele vai para o trabalho, volta para casa. Às vezes abro meu caderno de endereços só para ver o registro: Henry DeTamble, 714 Dearborn, 11e, Chicago, IL 60610,

312-431-8313. Um sobrenome, um endereço, um número de telefone. *Posso ligar para ele.* É um milagre. Me sinto como a Dorothy, quando sua casa aterrissou em Oz e o mundo passou de preto e branco a colorido. Não estamos mais em Kansas.

Na verdade, estamos quase entrando em Michigan, e há uma parada de estrada. Entro no estacionamento, saltamos e esticamos as pernas. Entramos na loja de conveniência, e lá estão os mapas e as brochuras para os turistas, e um monte de máquinas de venda automática.

— Uau — diz Henry. Ele se aproxima para inspecionar todas as porcarias comestíveis, e aí começa a ler as brochuras. — Ei, vamos para Frankenmuth! "Natal 365 dias por ano!" Caramba, eu faria haraquiri depois de uma hora disso. Tem moeda?

Encontro um punhado de moedas no fundo da bolsa e gastamos tudo alegremente em duas Cocas, uma caixa de Good & Plenty e uma barra Hershey. Voltamos ao ar frio e seco, de braços dados. No carro, abrimos as Cocas e consumimos açúcar. Henry consulta o meu relógio.

— Que baixaria. São só 9h15.

— É, mas daqui a alguns minutos já vão ser 10h15.

— Ah, certo, Michigan é uma hora a mais. Que surreal.

Olho para ele.

— Tudo é surreal. Não posso acreditar que você vá de fato conhecer minha família. Passei tanto tempo te *escondendo* dela.

— Só faço isso porque tenho uma adoração louca por você. Gastei *muito tempo* evitando viagens de carro, conhecer famílias de garotas e Natal. O fato de eu enfrentar as três coisas juntas prova que amo você.

— Henry... — Viro para ele e nos beijamos. O beijo começa a evoluir para algo mais quando, com o canto do olho, vejo três garotos pré-adolescentes e um cachorro grande parados a alguns passos de nós, olhando com interesse. Henry se vira para ver o que estou olhando e os meninos riem e fazem o gesto de positivo. Vão andando devagar para a van dos pais.

— Aliás... como é que vamos dormir na sua casa?

— Ai, meu Deus. A Etta me ligou ontem sobre isso. Estou no meu quarto mesmo e você está no quarto azul. Estamos cada um numa ponta do corredor, com meus pais e Alicia no meio.

— E vamos nos esforçar para manter isso?

Dou a partida no carro e voltamos para a estrada.

— Não sei, porque nunca fiz isso antes. O Mark apenas traz as namoradas para a sala de jogos lá embaixo e transa com elas no sofá de madrugada, e nós fingimos que não vemos. Se a situação estiver difícil, sempre podemos descer para a Sala de Leitura. Eu costumava esconder você ali.

— Hum. Ah, bem. — Henry fica olhando pela janela um instante. — Sabe, até que não é tão ruim.

— O quê?

— Viajar. De carro. Na estrada.

— Puxa. Da próxima vez você vai estar andando de avião.

— Nunca.

— Paris. Cairo. Londres. Kioto.

— De jeito nenhum. Estou convencido de que eu viajaria no tempo e Deus sabe se eu conseguiria voltar para algo voando a 560 quilômetros por hora. Acabaria caindo do céu *à la* Ícaro.

— Sério?

— Garanto que não estou planejando descobrir.

— Daria para você chegar lá viajando no tempo?

— Bom. Eis a minha teoria. Agora, esta é apenas uma Teoria Especial da Viagem no Tempo tal como Realizada por Henry DeTamble, e não uma Teoria Geral da Viagem no Tempo.

— Tudo bem.

— Em primeiro lugar, acho que tem a ver com o cérebro. Acho que é muito parecido com epilepsia, porque tende a acontecer quando estou estressado. Há circunstâncias externas, como o piscar de luzes, que podem desencadear o pulo no tempo. Atividades como corrida, sexo e meditação costumam me ajudar a permanecer no presente. Segundo, não tenho nenhum controle consciente sobre meu destino temporal ou físico, nem sobre quanto tempo fico ou quando volto. Portanto excursões no tempo pela Riviera são muito pouco prováveis. Dito isso, meu subconsciente parece exercer um controle tremendo, porque passo muito tempo no passado, visitando acontecimentos que são interessantes ou importantes, e evidentemente visitarei você muitas vezes, o que me deixa bem ansioso. Em geral vou a lugares em que já estive no tempo real, embora já tenha ido mesmo a outros tempos e lugares mais aleatórios. Costumo ir mais ao passado do que ao futuro.

— Já esteve no futuro? Eu não sabia que podia fazer isso.

Henry parece satisfeito consigo mesmo.

— Por enquanto, meu alcance é de cinquenta anos em cada direção. Mas é muito raro eu ir ao futuro, e acho que ali nunca vi nada que eu considerasse útil. É sempre bastante rápido. E talvez eu apenas não saiba o que estou vendo. É o passado que exerce muita atração. No passado, eu me sinto muito mais consistente. Quem sabe o futuro em si seja menos substancial? Sei lá. Sempre tenho a sensação de estar respirando ar rarefeito no futuro. Esta é uma das formas como eu sei que *é* o futuro; a sensação é diferente. É mais difícil correr lá.

Henry diz isso de maneira pensativa, e de repente vislumbro o terror de estar num tempo e lugar estranhos, sem roupas, sem amigos...

— Por isso seus pés...

— Parecem de couro. — As solas dos pés de Henry têm calos grossos, como se estivessem tentando virar sapatos. — Sou um animal de casco. Se acontecer alguma coisa com meus pés, é melhor você me sacrificar.

Vamos em silêncio por algum tempo. A estrada sobe e desce, milharais secos passam num piscar de olhos. Casas de fazenda surgem banhadas pelo sol de inverno, cada qual com suas vans, suas carroças e seus carros americanos enfileirados nas longas ruas de acesso. Ir para casa é uma experiência cheia de altos e baixos! Estou louca para ver Alicia e Etta, estou preocupada com minha mãe, e não estou especialmente a fim de lidar com meu pai e Mark. Mas estou curiosa para ver como eles vão encarar o Henry, e vice-versa. Sinto orgulho de ter guardado segredo sobre Henry por tanto tempo. Quando se é criança, 14 anos são uma eternidade.

Passamos um Wal-Mart, uma Dairy Queen, um McDonald’s. Mais milharais. Um pomar. Vários hotéis fazenda. No verão, essa estrada é um longo corredor de frutas, grãos e comércio. Mas agora os campos estão mortos e secos, e os carros passam correndo pela estrada ensolarada e fria, ignorando as chamativas placas dos estabelecimentos.

Nunca pensei muito sobre South Haven até ir morar em Chicago. Nossa casa sempre pareceu uma ilha, situada na área fora da cidade a sul, cercada pelo Campo, pomares, bosques, fazendas. South Haven era só “a cidade”, no sentido de “vamos até a cidade tomar um sorvete”. A cidade eram armazéns, lojas de ferragens, a padaria Mackenzie e a Music Emporium, a loja preferida de Alicia, onde comprava partituras e discos. A gente costumava ficar parada na frente do Estúdio Fotográfico Appleyard inventando histórias sobre as noivas, os bebês e as famílias com aqueles

sorrisos medonhos na vitrine. A gente não debochava do visual grego falsificado da biblioteca, nem considerava a culinária limitada e sem graça, nem achava os filmes do Michigan Theater completamente idiotas e americanos. Cheguei a essas opiniões mais tarde, depois de virar habitante de uma metrópole, uma exilada ansiosa para se afastar dos hábitos caipiras de sua juventude. De repente, sinto uma nostalgia enorme da garotinha que eu era, que adorava os campos e acreditava em Deus, que passava os dias de inverno com saudades da escola lendo Nancy Drew e chupando pastilhas mentoladas para tosse, que sabia guardar segredo. Olho para Henry e vejo que ele adormeceu.

South Haven, oitenta quilômetros.

Quarenta, vinte, cinco, um.

Phoenix Road.

Blue Star Highway.

E então: Meagram Lane. Estico o braço para acordar Henry, mas ele já está acordado. Sorri nervosamente e olha pela janela para o desfile interminável de árvores nuas enquanto passamos a toda. Quando surge o portão, procuro o controle no porta-luvas, aciono o portão e entramos.

A casa aparece de repente feito figura de livro em relevo. Henry dá uma arfada e depois começa a rir.

— O quê? — pergunto na defensiva.

— Jamais me dei conta de que era tão *imensa*. Quantos cômodos tem esse monstro?

— Vinte e quatro — digo. Etta acena para nós da janela do *hall* quando contorno a entrada de veículos e estaciono perto da porta da frente. Seu cabelo está mais grisalho do que da última vez em que estive aqui, mas a cara está corada de alegria. Quando saltamos do carro, ela vem descendo com cuidado os degraus da frente, que estão escorregadios de gelo, equilibrando seu corpo robusto sobre sapatos adequados. Etta está sem casaco, mas usa seu velho vestido azul-marinho de gola de renda. Corro para oferecer meu braço, mas ela recusa até chegar embaixo, quando então me dá um abraço e um beijo (sinto com muita alegria o cheiro de creme e talco de Etta) enquanto Henry fica parado, esperando.

— E o que temos aqui? — pergunta ela como se Henry fosse uma criancinha que eu tivesse trazido sem avisar.

— Etta Milbauer, Henry DeTamble — apresento. Vejo um pequeno “Ah” na cara de Henry e me pergunto quem ele pensava que ela fosse. Etta sorri

radiante para Henry enquanto subimos a escada. Ela abre a porta da frente. Henry baixa a voz e me pergunta:

— E as nossas coisas? — e eu digo a ele que Peter vai cuidar disso.

— Cadê todo mundo? — pergunto, e Etta diz que o almoço é dali a 15 minutos e podemos tirar nossos casacos, lavar as mãos e entrar logo. Ela nos deixa no corredor e volta para a cozinha. Viro, tiro o casaco e o penduro no armário do corredor. Quando torno a me virar, Henry está acenando para alguém. Olho por trás dele e vejo Nell espichando a cara larga e de nariz arrebitado pela porta da sala de jantar, rindo. Saio correndo e dou um beijo todo babado no rosto dela. Nell ri e diz:

— Bonito homem, macaquinha — e foge para a outra sala antes que Henry possa nos alcançar.

— Nell? — ele adivinha, e faço que sim com a cabeça.

— Ela não é tímida, só está ocupada — explico. Mostro o caminho do segundo andar pela escada dos fundos.

— Você fica aqui — digo, abrindo a porta do quarto azul. Ele dá uma olhada para dentro e me acompanha pelo corredor. — Este é o meu quarto — digo apreensiva. Henry passa por mim e fica parado no meio do tapete apenas olhando. Quando se vira para mim, vejo que não reconhece nada; nada no quarto significa coisa alguma para ele. A ficha cai de fato: todos os pequenos símbolos e lembranças neste museu do nosso passado são como cartas de amor para um analfabeto. Henry pega um ninho de cambaxirra (por acaso é o primeiro de muitos ninhos de passarinho que ele foi me dando ao longo dos anos) e diz:

— Bonito. — Faço que sim com a cabeça. Quando vou abrir a boca para contar, ele põe o ninho de volta na prateleira e diz: — Essa porta tranca? — eu aciono o trinco e nos atrasamos para o almoço.

HENRY: Estou quase calmo ao seguir Clare pelas escadas, passando pelo corredor frio e escuro até a sala de jantar. Todo mundo já está comendo. A sala tem um pé-direito baixo e é confortável ao estilo do arquiteto William Morrisy; o fogo na pequena lareira aquece o ambiente e há tanta neve nas janelas que não vejo lá fora. Clare vai até uma mulher de cabelo ruivo-claro que deve ser sua mãe. Ela inclina a cabeça para receber seu beijo e levanta um pouco para apertar minha mão. Clare apresenta a mulher para mim como “minha mãe” e eu a chamo de “Sra. Abshire”. Ela imediatamente diz “Ah, mas você tem que me chamar de Lucille, todo mundo chama”, e dá

um sorriso exausto, mas caloroso, como se fosse o brilho do sol vindo de outra galáxia. A gente senta um em frente ao outro. Clare está entre Mark e uma mulher idosa que vem a ser sua tia-avó Dulcie; eu estou entre Alicia e uma garota loura, gorducha e bonitinha que é apresentada como Sharon e parece estar com Mark. O pai de Clare está sentado à cabeceira da mesa e minha primeira impressão é de que ele está profundamente perturbado comigo, assim como Mark, o irmão boa-pinta e truculento de Clare. Eles já me viram antes. Me pergunto o que eu fiz que deu motivo para repararem em mim, lembrarem de mim e recuarem com leve antipatia quando Clare me apresenta. Mas Philip Abshire é um advogado que domina suas reações, e num minuto está afável e sorrindo. Vira o anfitrião, o pai da minha namorada, um homem de meia-idade um pouco careca, óculos de aviador e um corpo atlético agora flácido e barrigudo, mas com mãos firmes de tenista, e olhos cinzentos que continuam a me olhar desconfiado apesar do sorriso forçado. Mark tem mais dificuldade para esconder a angústia e, toda vez que nossos olhares se cruzam, ele olha para o prato. Alicia não é o que eu esperava; é sem-graça e gentil, mas meio estranha, ausente. Tem o cabelo escuro de Philip, como Mark, e algo dos traços de Lucille. O rosto de Alicia dá a impressão de que tentaram combinar Clare e Mark mas desistiram e jogaram um pouco de Eleanor Roosevelt para preencher as lacunas. Philip diz alguma coisa e Alicia ri, e de repente ela fica linda. Viro para ela admirado quando Alicia se levanta da mesa.

— Preciso ir à St. Basil — ela me informa. — Tenho um ensaio. Você vai à igreja? — Lanço um olhar rápido para Clare, que balança a cabeça ligeiramente confirmando, e eu digo a Alicia:

— Claro — e todo mundo suspira... aliviado? Lembro que o Natal é, afinal de contas, um feriado cristão, além de ser o meu dia pessoal de penitência. Alicia sai. Imagino minha mãe rindo para mim, as sobrancelhas bem depiladas levantadas ao ver seu filho meio judeu perdido no Natal dos goys, e eu aponto um dedo reprovador para ela. *Olha quem fala*, digo para minha mãe. *Você casou com um episcopal*. Olho para o meu prato e há presunto com ervilha e uma saladinha murcha. Não como porco e odeio ervilha.

— Clare diz que você é bibliotecário — tenta Philip, e admito que sou. Temos uma pequena discussão animada sobre a Newberry e alguns de seus conselheiros de administração que também são clientes do escritório de

Philip, que aparentemente fica em Chicago. Sendo assim, não está claro para mim por que a família de Clare mora aqui em Michigan.

— Casas de veraneio — ele me diz, e me lembro de Clare explicando que a especialidade de seu pai são testamentos e heranças. Visualizo idosos ricos deitados em suas praias particulares, melados de bloqueador solar, e ligando para Philip do celular para que ele tire o Junior do testamento. Me lembro que Avi, que é o primeiro violino da Sinfônica de Chicago (meu pai é o segundo), tem uma casa em algum lugar por aqui. Menciono isso e todo mundo fica de orelha em pé.

— Você o conhece? — pergunta Lucille.

— Claro. Ele e meu pai sentam juntos.

— Sentam juntos?

— Sim, sabe? Primeiro e segundo violinos.

— Seu pai é violinista?

— É. — Olho para Clare, que olha para a mãe com uma cara de *não me deixe constrangida.*

— E ele toca na Orquestra Sinfônica de Chicago?

— Toca.

O rosto de Lucille está todo rosado; agora sei a quem Clare puxou quando fica corada.

— Acha que ele ouviria Alicia tocar? Se a gente desse uma fita para ele?

Torço fervorosamente para que Alicia seja muito, muito boa. As pessoas vivem entregando fitas para o papai. Então tenho uma ideia melhor.

— Alicia é violoncelista, não?

— É.

— Ela está procurando professor?

Philip intervém:

— Ela estuda com Frank Wainwright em Kalamazoo.

— Porque eu podia dar a fita a Yoshi Akawa. Um dos alunos dele acabou de ir embora para trabalhar em Paris. — Yoshi é um grande sujeito e primeiro violoncelo. Sei que pelo menos ele vai escutar a fita; meu pai, que não leciona, simplesmente vai jogar fora. Lucille está efusiva; até Philip parece satisfeito. Clare está com uma cara aliviada. Mark come. Tia Dulcie, de cabelo rosa e miúda, está alheia a todo esse diálogo. Vai ver que é surda. Olho para Sharon, que está à minha esquerda e não disse uma palavra. Parece infeliz. Philip e Lucille questionam que fita devem me dar, ou se talvez Alicia deva gravar uma nova. Pergunto a Sharon se é a primeira vez

que ela vem aqui e ela faz que sim com a cabeça. Quando estou quase fazendo outra pergunta para Sharon, Philip quer saber o que minha mãe faz e eu travo; lanço um olhar para Clare que diz *Não contou nada para eles?*

— Minha mãe era cantora. Ela já morreu.

Clare diz baixinho:

— A mãe de Henry era Annette Lyn Robinson.

Parecia que Clare tinha dito minha mãe era a Virgem Maria. A cara de Philip se ilumina e Lucille agita ligeiramente as mãos.

— Incrível... fantástico! Temos todos os discos dela... — *und so wiete.* Mas Lucille diz:

— Conheci sua mãe quando eu era jovem. Meu pai me levou para ver *Madame Butterfly*, e ele conhecia uma pessoa que levou a gente aos bastidores depois. Fomos ao camarim dela. Ela estava lá, com aquelas flores todas!, e tinha um filhinho... ora, era você!

Faço que sim com a cabeça, tentando encontrar a voz. Clare diz:

— Como ela era?

Mark diz:

— Você vai esquiar hoje à tarde? — Philip faz que sim com a cabeça. Lucille sorri, perdida em recordações.

— Ela era *tão* linda... ainda estava de peruca, aquela cabeleira preta comprida. Usava a peruca para brincar com o filhinho, fazendo cócegas, e ele dançava pela sala. Ela tinha umas mãos lindas, e era da minha altura, magrinha. Era judia, sabe, mas achei que tinha mais cara de italiana... — Lucille para e sua mão vai até a boca. Seus olhos partem como flechas para o meu prato, que está limpo, não fosse por algumas ervilhas.

— Você é judeu? — pergunta Mark, amavelmente.

— Suponho que poderia ser, se quisesse, mas nunca ninguém fez questão disso. Ela morreu quando eu tinha 6 anos, e meu pai é episcopal não praticante.

— Você é a cara dela — Lucille diz espontaneamente, e eu agradeço. Nossos pratos são retirados por Etta, que pergunta a Sharon e a mim se tomamos café. Ambos dizemos *Sim* em uníssono, com tanta ênfase que toda a família de Clare ri. Etta nos dá um sorriso maternal e minutos depois coloca xícaras de café fumegante à nossa frente. Eu penso *Afinal não foi tão ruim.* A conversa gira em torno de esqui e do tempo. Assim que todos se levantam, Philip e Mark entram juntos no corredor, e pergunto a Clare se ela vai esquiar. Ela dá de ombros e me pergunta se eu quero. Explico que

não esquio nem tenho interesse em aprender. Ela decide ir assim mesmo depois que Lucille diz que precisa de alguém para ajudá-la com suas encadernações. Quando subimos as escadas, ouço Mark dizer: “Incrivelmente parecido...”, e sorrio internamente.

Mais tarde, depois que todo mundo foi embora e a casa está em silêncio, abandono meu quarto gelado à procura de calor e mais café lá embaixo. Passo pela sala de jantar e entro na cozinha, onde vejo uma gama incrível de cristais, prataria, bolos, vegetais descascados e assadeiras numa cozinha digna de um restaurante quatro estrelas. Em meio a tudo isso, está Nell de costas para mim, cantando *Rudolfo a Rena do Nariz Vermelho* e remexendo as cadeiras largas, acenando com uma colher para uma negrinha que aponta para mim em silêncio. Nell dá meia-volta, abre um largo sorriso desdentado e diz:

— O que está fazendo na minha cozinha, Seu Namorado?

— Eu queria saber se ainda tinha um pouco de café sobrando.

— Sobrando? Acha que eu deixo café parado o dia inteiro no bule se estragando? Xô, filho, saia daqui e vai sentar na sala. Toca a sineta que eu faço um café fresquinho para você. Sua mãe não te ensinou sobre café?

— Na verdade, minha mãe não sabia cozinhar muito bem — digo, avançando para o centro da confusão. Algo exala um cheiro maravilhoso. — O que está fazendo?

— O cheiro que você está sentindo é de um Peru Thompson — diz Nell. Ela abre o forno para me mostrar um peru colossal que parece ter sido vítima do Grande Incêndio de Chicago. Está completamente preto. — Não fique tão desconfiado, garoto. Por baixo dessa crosta está o melhor peru para se comer do Planeta Terra.

Estou disposto a acreditar nela; o cheiro é perfeito.

— O que é um Peru Thompson? — pergunto, e Nell discorre sobre as propriedades milagrosas do Peru Thompson, inventado por Morton Thompson, um jornalista dos anos 1930. Para produzir essa maravilha, ele tem que ser bem recheado e constantemente regado e virado. Nell permite que eu fique em sua cozinha enquanto faz café e luta para tirar o peru do forno, virar de costas e regar habilmente a ave com molho de cidra. Depois ele volta ao forno. Há 12 lagostas andando numa grande bacia de plástico cheia d’água ao lado da pia. — Bichos de estimação? — provoco, e Nell retruca:

— Isso é o seu almoço de Natal, filho. Quer escolher uma? Você não é vegetariano, é? — Garanto que não sou, e sim um menino bonzinho que come o que quer que lhe ponham na frente.

— Nunca se sabe, você é muito magro — diz Nell. — Vou engordar você.

— Foi por isso que Clare me trouxe.

— Hum — diz Nell. — Pois bem. Agora vaza para eu poder continuar, aqui. — Pego minha canecona de café cheiroso e vou para a biblioteca, onde há uma enorme árvore de Natal e uma lareira acesa. Parece um anúncio de loja de decoração. Sento numa poltrona cor de laranja ao lado do fogo e estou folheando uma pilha de jornais quando alguém diz:

— Onde arranjou o café? — olho e vejo Sharon sentada em frente a mim numa poltrona azul exatamente da cor do seu suéter.

— Oi — digo. — Desculpe.

— Tudo bem — diz Sharon.

— Fui à cozinha, mas acho que é para a gente usar a sineta, seja lá onde ela esteja. — Examinamos a sala e, naturalmente, há um puxador de sineta no canto.

— Isso é muito estranho — diz Sharon. — Estou aqui desde ontem e ando meio que pisando em ovos, sabe, com medo de usar o garfo errado ou sei lá...

— De onde você é?

— Flórida. — Ela ri. — Eu nunca tive um Natal com neve até ir para Harvard. Meu pai tem um posto de gasolina em Jacksonville. Imaginei que voltaria para lá depois que terminasse a faculdade, sabe, porque não gosto de frio, mas agora acho que estou presa aqui.

— Como assim?

Sharon faz uma cara surpresa.

— Não te contaram? Mark e eu vamos nos casar.

Me pergunto se Clare sabe disso; parece uma notícia que ela teria me falado. Aí reparo no brilhante no dedo de Sharon.

— Parabéns.

— Acho que sim. Quer dizer, obrigada.

— Você não tem certeza? Quanto a se casar? — Sharon na verdade tem os olhos inchados de quem andou chorando.

— Bom, estou grávida. Então...

— Tá, mas isso não implica necessariamente...

— Implica, sim. Se a pessoa é católica. — Sharon suspira e se afunda na cadeira. Na verdade, conheço várias garotas católicas que fizeram aborto e não foram fulminadas por um raio, mas, aparentemente, a fé de Sharon é menos tolerante.

— Bom, parabéns. Ééé, quando...?

— Onze de janeiro. — Ela vê minha surpresa e diz: — Ah, o bebê? Abril. — Faz uma careta. — Espero que seja nas férias de primavera, porque, senão, não sei como vou conseguir... não que isso importe muito agora...

— O que você está fazendo?

— Preparação para medicina. Meus pais estão furiosos. Estão me pressionando para dar a criança para adoção.

— Eles não gostam do Mark?

— Eles nem conhecem o Mark, não é isso, só têm medo que eu não faça medicina e isso tudo não sirva para nada. — A porta da frente abre, e os esquiadores estão de volta. Uma lufada de ar frio corre a sala toda e passa por nós. É bom, e vejo que estou assando como o peru de Nell no fogo daqui. — A que horas é o jantar? — pergunto a Sharon.

— Às sete, mas ontem a gente tomou os aperitivos aqui antes. O Mark tinha acabado de contar aos pais, e eles não estavam exatamente me cobrindo de abraços. Eles até foram simpáticos, sabe, daquele jeito que as pessoas podem ser simpáticas e más ao mesmo tempo. Pô, só faltaram dizer que eu engravidei sozinha e o Mark não teve nada com isso...

Fico feliz quando Clare chega. Ela está com um boné verde engraçado, com uma borla grande pendurada e um feio suéter de esqui amarelo por cima da calça jeans clara. Está com o cabelo molhado, corada do frio e sorridente. Pela desenvoltura com que anda descalça no enorme tapete persa ao meu encontro, vejo que ela faz parte desse ambiente. Ela não é uma aberração, apenas escolheu outro tipo de vida, e isso me deixa feliz. Levanto para receber seu abraço e, quase na mesma hora, Clare vira para Sharon e diz:

— Acabei de saber! Parabéns! — e dá um abraço em Sharon, que me olha por cima do ombro de Clare, espantada, mas sorrindo. Mais tarde, Sharon me diz:

— Acho que você ficou com a única boa. — Faço que não com a cabeça, mas sei o que ela quer dizer.

CLARE: Falta uma hora para o jantar, e ninguém vai reparar se a gente sumir.

— Vamos — digo a Henry. — Vamos lá fora. — Ele resmunga.

— É preciso?

— Quero te mostrar uma coisa.

Vestimos nossos casacos, botas, chapéus e luvas, atravessamos a casa com o passo pesado e saímos pela porta dos fundos. O céu está um azul ultramarino límpido, que é refletido pela neve em um tom mais claro. Os azuis se encontram na linha escura das árvores que é o começo do bosque. É muito cedo para estrelas, mas há um avião que pisca seguindo seu rumo. Imagino nossa casa como um pontinho de luz visto do avião, como uma estrela.

— Por aqui. — O caminho para a clareira se encontra debaixo de 15 centímetros de neve. Penso em todas as vezes que apaguei as pegadas deixadas por Henry em direção à casa. Agora, há rastros de veado, e as pegadas de um cachorro grande.

Restos de plantas mortas embaixo da neve, vento, ruído de nossas botas. A clareira é uma bacia de neve lisa e azul; a pedra é uma ilha com uma cabeça de cogumelo.

— É isso.

Henry está parado com as mãos nos bolsos do casaco. Ele gira nos calcanhares, olhando.

— Então é isso — diz. Procuro um sinal de reconhecimento em seu semblante. Nada.

— Já teve alguma vez a sensação de *déjà-vu*? — pergunto a ele.

Henry suspira.

— Minha vida inteira é um longo *déjà-vu*.

Damos meia-volta e regressamos à casa pisando em nossas próprias pegadas.

Mais tarde:

Avisei a Henry que a gente se veste formalmente para jantar na véspera de Natal, então, quando o encontro no corredor, ele está deslumbrante de terno preto, camisa branca e gravata bordô com um prendedor de madrepérola.

— Nossa — digo. — Engraxou os sapatos!

— Engraxei — admite. — Patético, não?

— Você está um perfeito Bom Rapaz.

— Quando, na verdade, sou o Bibliotecário Punk De Luxo. Pais, cuidado.

— Eles vão adorar você.

— Eu adoro você. Venha cá. — Henry e eu ficamos nos admirando diante do espelho de corpo inteiro no alto da escada. Estou usando um vestido de seda verde-claro sem alça que foi da minha avó. Tenho uma fotografia dela vestida com ele no réveillon de 1941. Ela está rindo. Está de batom escuro e com um cigarro na mão. O homem na fotografia é seu irmão Teddy, que morreu na França seis meses depois. Ele também está rindo. Henry põe as mãos em minha cintura e manifesta surpresa diante de toda aquela armação de corpete embaixo da seda. Falo sobre a vovó. — Ela era mais baixa que eu. Só dói quando sento; as pontas dos ferrinhos espetam meus quadris. — Henry beija meu pescoço quando alguém tosse e nos separamos depressa. Mark e Sharon estão na porta do quarto de Mark, que eles dividem depois que mamãe e papai concordaram com relutância que não havia sentido em separar os dois.

— Nada disso, ora — diz Mark com aquela sua voz irritada de professor. — Não aprenderam nada com o exemplo dos mais velhos, crianças?

— Sim — responde Henry. — Seja prevenido. — Ele dá tapinhas no bolso das calças (que na verdade está vazio) com um sorriso e descemos a escada enquanto Sharon ri.

Todo mundo já bebeu algumas doses quando chegamos à sala. Alicia faz o nosso sinal particular. *Cuidado com mamãe, ela está mal.* Mamãe está sentada no sofá com uma cara inofensiva, o cabelo todo para cima preso num coque, usando pérolas e vestido de veludo cor de pêssego com mangas de renda. Fica contente quando Mark senta ao seu lado, ri quando ele faz alguma piadinha para ela, e eu me pergunto por um momento se Alicia está errada. Mas aí vejo como papai observa mamãe e percebo que ela deve ter dito alguma coisa horrível justo antes de termos chegado. Papai está parado ao lado do carrinho de bebidas. Aliviado, ele se vira e oferece uma Coca para mim e um copo e uma cerveja para Mark. Pergunta a Sharon e Henry o que eles vão tomar. Sharon pede uma água mineral. Henry, após refletir um instante, pede um uísque com água. Meu pai tem a mão pesada para preparar bebida e fica de olhos arregalados quando Henry bebe o uísque de um gole só.

— Mais um?

— Não, obrigado. — A essa altura eu sei que Henry gostaria de simplesmente pegar a garrafa e um copo e ficar encolhido na cama com um livro, e que está recusando a segunda dose porque depois aceitaria de bom grado uma terceira e uma quarta. Sharon fica rondando Henry, e eu deixo os dois ali, atravessando a sala para me sentar ao lado de tia Dulcie no banco da janela.

— Ah, menina, que linda... não vejo esse vestido desde que Elizabeth usou na festa dos Lichts no Planetarium... — Ganhamos a companhia de Alicia, que está usando um suéter azul-marinho de gola rulê com um furinho no ponto onde a manga sai do corpo e uma saia escocesa toda esfarrapada com meias de lã frouxas no tornozelo feito meia de velha. Sei que faz isso para implicar com papai, mas mesmo assim...

— O que há com a mamãe? — pergunto.

Alicia dá de ombros.

— Está danada por causa da Sharon.

— Qual é o problema da Sharon? — pergunta Dulcie, lendo nossos lábios. — Ela parece muito boazinha. Mais do que o Mark, se quer saber.

— Ela está grávida — digo a Dulcie. — Eles vão se casar. Mamãe acha que ela é gentinha porque é a primeira pessoa na família dela a ir para a universidade.

Dulcie me olha atentamente e vê que sei o que ela sabe.

— Lucille é a primeira que devia ser um pouco compreensiva com aquela menina. — Alicia está prestes a perguntar a Dulcie o que ela quer dizer quando toca a sineta do jantar. Levantamos e seguimos em fila para a sala de jantar, como animais condicionados. Sussurro para Alicia:

— Ela está bêbada? — e Alicia sussurra de volta:

— Acho que estava bebendo no quarto antes do jantar. — Aperto a mão de Alicia e Henry fica para trás. Entramos na sala de jantar e achamos nossos lugares: papai e mamãe nas cabeceiras; Dulcie, Sharon e Mark de um lado, com Mark perto da mamãe; e Alicia, Henry e eu, com Alicia perto do papai. A sala está cheia de velas e florezinhas boiando em vasos de cristal lapidado; Etta exibiu toda a prataria e a louça na toalha de vovó bordada pelas freiras da Provença. Em resumo, é véspera de Natal, exatamente como todas as vésperas de Natal de que consigo me lembrar, só que Henry está do meu lado baixando a cabeça timidamente enquanto meu pai faz a bênção.

— Pai do Céu, damos graças a esta santa noite por Sua misericórdia e Sua benevolência, por mais um ano de saúde e felicidade, pelo conforto da família e pelos novos amigos. Nós Lhe agradecemos por nos ter enviado Seu filho para nos guiar e nos redimir na forma de uma criança indefesa, e Lhe agradecemos pelo bebê que Mark e Sharon trarão para nossa família. Pedimos que sejamos mais perfeitos em nosso amor e nossa paciência para com o próximo. Amém.

Ihh, penso. *Agora ele foi longe demais.* Lanço um olhar rápido para mamãe e ela está espumando. Quem não conhecesse mamãe não diria nunca: ela está imóvel, encarando o prato. A porta da cozinha abre e Etta entra com a sopa e coloca uma pequena tigela na frente de cada um de nós. Meus olhos se encontram com os de Mark. Ele inclina ligeiramente a cabeça na direção de mamãe, levanta as sobrancelhas e eu apenas faço um movimento de cabeça minúsculo. Ele faz uma pergunta sobre a colheita de maçãs deste ano, e ela responde. Alicia e eu relaxamos um pouco. Sharon está me olhando e eu pisco para ela. A sopa é de castanha e nabo, o que parece uma ideia ruim até você provar a de Nell.

— Uau — diz Henry, e todos rimos, e tomamos nossa sopa. Etta retira os pratos de sopa, e Nell traz o imenso peru, que está dourado e fumegando. Todos aplaudimos com entusiasmo, como todos os anos. Nell ri radiante e diz, como todos os anos:

— Ora, ora.

— Ah, Nell, está *perfeito* — diz minha mãe com lágrimas nos olhos. Nell dá um olhar severo para ela e depois para papai, e diz:

— Obrigada, dona Lucille. — Etta serve o recheio, cenouras carameladas, purê de batata e coalhada de limão, e passamos nossos pratos ao papai, que enche cada um de peru. Observo Henry comer seu primeiro bocado do peru de Nell: surpresa, depois êxtase.

— Já vi meu futuro — anuncia, e eu gelo. — Vou desistir de ser bibliotecário e vir morar na sua cozinha, e rezar aos pés da Nell. Ou quem sabe simplesmente me casar com ela.

— Você está atrasado — diz Mark. — A Nell já é casada.

— Ah, bom. Então vai ter que ser a reza aos seus pés. Por que vocês todos não pesam 150 quilos?

— Estou trabalhando para isso — diz meu pai, batendo na pança.

— Vou pesar 150 quilos quando estiver velha e não precisar mais arrastar meu violoncelo por aí — diz Alicia a Henry. — Vou morar em Paris e só

comer chocolate, fumar charuto, me picar com heroína e só ouvir Jimi Hendrix e the Doors. Certo, mamãe?

— Eu vou lá me juntar a você — diz mamãe solenemente. — Mas prefiro ouvir Johnny Mathis.

— Se usar heroína, você não vai querer comer quase nada — Henry informa Alicia, que olha para ele com interesse. — Experimente maconha em vez disso.

Papai franze a testa. Mark muda de assunto:

— Ouvi no rádio que hoje vai nevar 20 centímetros.

— Vinte! — dizemos em coro.

— *I'm dreaming of a white Christmas*...[6] — cantarola Sharon sem convicção.

— Espero que essa neve toda não desabe em cima de nós quando estivermos na igreja — diz Alicia ranzinza. — Fico com muito sono depois da missa. — Continuamos falando de tempestades de neve que conhecemos. Dulcie conta que ficou presa na Grande Nevasca de 1967, em Chicago.

— Tive que deixar o carro na Lake Shore Drive e ir a pé da Adams até a Belmont.

— Fiquei preso nessa — diz Henry. — Quase congelei; acabei na paróquia da Quarta Igreja Presbiteriana na Michigan Avenue.

— Quantos anos você tinha? — pergunta papai e Henry hesita antes de responder:

— Três. — Ele olha para mim e percebo que está falando de uma experiência que teve numa viagem no tempo. Ele acrescenta: — Eu estava com meu pai. — Me parece óbvio ululante que ele está mentindo, mas aparentemente ninguém nota. Etta entra e troca os nossos pratos pelos de sobremesa. Após uma ligeira demora, Nell entra com o pudim flambado de ameixas. — Caramba! — diz Henry. Ela pousa o pudim na frente de mamãe. As chamas deixam o seu cabelo pálido cor de cobre, como o meu, antes de apagar. Papai abre o champanhe (com um pano de prato, para a rolha não acertar o olho de ninguém). Passamos os nossos copos para ele, que enche e devolve. Mamãe corta fatias finas de pudim de ameixa e Etta serve a todos. Há dois copos extras, um para Etta e outro para Nell, e todos nos levantamos para os brindes.

Meu pai começa:

— À família.

— A Nell e Etta, que são como gente da família, que trabalham à beça, dão jeito no nosso lar e têm tantos talentos — diz minha mãe, ofegante e baixinho.

— À paz e à justiça — diz Dulcie.

— À família — diz Etta.

— Aos começos — diz Mark, brindando Sharon.

— Ao inesperado — responde ela.

É minha vez. Olho para Henry.

— À felicidade. Ao aqui e agora.

Henry responde em tom sério:

— A mundo e tempo suficientes[7] — Meu coração dá um pulo. Imagino como ele sabe e aí me dou conta de que Andrew Marvell é um de seus poetas preferidos e de que Henry está se referindo ao futuro.

— À neve, Jesus, mamãe e papai, às cordas de tripa, ao açúcar e aos meus All Star de canos longos — diz Alicia, e todos rimos.

— Ao amor — diz Nell, olhando bem para mim, com aquele seu sorriso largo. — E a Morton Thompson, inventor do melhor peru de comer do Planeta Terra.

HENRY: Lucille passou todo o jantar oscilando loucamente entre tristeza, alegria e desespero. Sua família inteira esteve guiando seu estado de espírito com cuidado, levando Lucille a toda hora para território neutro, sob cuidado e proteção. Mas, quando começamos a comer a sobremesa, ela desmorona e soluça em silêncio, os ombros sacudindo, a cabeça virada como se fosse enfiar embaixo da asa como um pássaro que está dormindo. A princípio, sou a única pessoa a notar isso, e fico parado, horrorizado, sem saber o que fazer. Aí Philip a vê, e então a mesa inteira se cala. Ele está em pé, ao lado dela.

— Lucy? — sussurra. — Lucy, o que é? — Clare corre para ela, dizendo:

— Ora, mamãe, está tudo bem, mamãe... — Lucille está sacudindo a cabeça, não, não, não e torcendo as mãos. Philip recua. Clare diz: — Calma — e Lucille fala com ansiedade, mas sem muita clareza. Ouço palavras incompreensíveis, e aí “Tudo errado”, “Estragar as oportunidades dele”, e finalmente “Nessa família ninguém tem a menor consideração por mim...”, “Hipócrita”, e então os soluços. Para minha surpresa, é tia Dulcie quem quebra o silêncio e o espanto geral.

— Menina, se alguém é hipócrita aqui, é você. Você fez exatamente a mesma coisa e não vejo que isso tenha estragado nem um pouco as oportunidades de Philip. Até melhoraram, se quer saber. — Lucille para de chorar e olha para a tia, em estado de choque. Mark olha para o pai, que concorda com a cabeça, e depois para Sharon, que sorri como se tivesse ganhado no bingo. Olho para Clare, que não parece particularmente espantada, e me pergunto como ela sabia se Mark não sabia, e imagino o que mais ela sabe que não mencionou. Então me dou conta de que Clare sabe tudo, nosso futuro, nosso passado, tudo, e sinto um arrepio na sala quente. Etta traz o café, que ninguém demora a tomar.

CLARE: Etta e eu botamos mamãe na cama. Ela ficou se desculpando, como sempre fica, e tentando nos convencer de que estava suficientemente bem para ir à missa, mas por fim conseguimos com que deitasse. Ela adormeceu quase imediatamente. Etta diz que vai ficar em casa para a eventualidade de mamãe acordar. Eu digo a ela para deixar de ser boba, que eu fico, mas como Etta é teimosa, eu a deixo sentada ao lado da cama, lendo São Mateus. Vou até o fim do corredor dar uma espiada no quarto de Henry, mas está escuro. Quando abro minha porta, encontro Henry deitado na minha cama lendo *Uma Dobra no Tempo.* Tranco a porta e me junto a ele na cama.

— O que há com a sua mãe? — pergunta ele enquanto me arrumo cuidadosamente ao lado dele, tentando não me espetar no vestido.

— Ela é maníaco-depressiva.

— Sempre foi?

— Era melhor quando eu era pequena. Teve um filhinho que morreu, quando eu tinha 7 anos, e isso foi ruim. Ela tentou se matar. Eu a encontrei. — Eu me lembro do sangue por todo lado, da banheira cheia de água sangrenta, das toalhas ensopadas dessa água. De gritar socorro e não ter ninguém em casa. Henry não diz nada. Estico o pescoço e ele está olhando para o teto.

— Clare — diz ele afinal.

— O quê?

— Como foi que você não me contou? Quer dizer, tem muita coisa acontecendo com a sua família que teria sido bom saber de antemão.

— Mas você sabia... — Não termino a frase. Ele não sabia. Como podia saber? — Sinto muito. É que eu te contei na hora, e esqueço que agora é

antes do seu futuro, por isso acho que você sabe tudo a respeito...

Henry faz uma pausa e diz:

— Bom, eu meio que esgotei o assunto sobre a minha família. Todos os armários e esqueletos foram expostos para sua inspeção, e eu só estava surpreso... sei lá.

— Mas não me apresentou a ele. — Estou louca para conhecer o pai de Henry, mas ando com medo de tocar no assunto.

— Não. Não apresentei.

— E vai?

— Mais tarde.

— Quando? — espero Henry me dizer que estou forçando a barra, como ele sempre dizia quando eu fazia muitas perguntas, mas em vez disso ele se senta passando as pernas para o lado de fora da cama. Sua camisa está toda amassada atrás.

— Não sei, Clare. Quando eu conseguir encarar essa barra, acho eu.

Ouço passos do outro lado da porta que param, e a maçaneta mexe para frente e para trás.

— Clare — diz meu pai. — Por que a porta está fechada? — Eu me levanto e abro a porta. Papai abre a boca e, ao ver Henry, faz sinal me chamando para o corredor.

— Clare, você sabe que sua mãe e eu não aprovamos que você convide seu amigo para ir ao seu quarto — diz ele calmamente. — Tem muita sala nessa casa...

— A gente só estava conversando.

— Você pode conversar na sala.

— Eu contava a ele a respeito da mamãe e não queria falar sobre isso na sala, tudo bem?

— Querida, eu realmente acho que não é necessário contar a ele a respeito da sua mãe...

— Depois do teatro que ela fez, o que devo fazer? Henry pode ver por si mesmo que ela é pirada, ele não é idiota... — estou levantando a voz e Alicia abre a porta dela com o dedo nos lábios.

— Sua mãe não é “pirada” — diz meu pai com severidade.

— É, sim — afirma Alicia, entrando no bolo.

— *Você* fique fora disso...

— Fico, uma ova...

— Alicia! — A cara de papai está vermelha com os olhos esbugalhados. Seu tom de voz está bem alto. Etta abre a porta da mamãe e olha para nós três exasperada.

— Vão lá para baixo se quiserem berrar — sussurra e fecha a porta. Trocamos olhares envergonhados.

— Outra hora — digo a papai. — Pegue no meu pé outra hora. — Henry esteve o tempo todo sentado na minha cama, tentando fingir não estar ali. — Vamos, Henry. Vamos sentar em outra sala qualquer. — Henry, dócil como um menino que levou bronca, levanta e desce atrás de mim. Alicia corre atrás de nós dando passos pesados. No pé da escada, olho para cima e vejo papai olhando para nós sem ação. Ele se vira e vai bater à porta da mamãe.

— Ei, vamos ver *A Felicidade não se Compra* — diz Alicia, consultando o relógio. — É no Canal 60 daqui a cinco minutos.

— De novo? Você já não viu esse filme umas duzentas vezes? — Alicia tem uma queda por Jimmy Stewart.

— Eu nunca vi — diz Henry.

Alicia finge perplexidade.

— Nunca? Como assim?

— Eu não tenho televisão.

Agora Alicia está realmente perplexa.

— A sua quebrou?

Henry ri.

— Não. Simplesmente eu odeio televisão. Me dá dor de cabeça. — O tremor da imagem faz com que ele viaje no tempo.

Alicia está desapontada.

— Então não quer assistir?

Henry olha para mim; eu não me importo.

— Claro — digo. — Um pouco. Mas não vamos ver o fim; a gente tem que ficar pronto para a missa.

Entramos em bando na sala de televisão, que é ao lado da sala de estar. Alicia liga o aparelho. Há um coro cantando *It Came Upon the Midnight Clear.*

— Eca — desdenha. — Olhem esses mantos horríveis de plástico amarelo. Parecem capas de chuva. — Ela senta no chão, e Henry, no sofá. Eu sento ao lado dele. Desde que chegamos, vivo preocupada a respeito de como agir na frente dos vários membros da minha família em relação a

Henry. A que distância devo me sentar? Se Alicia não estivesse aqui, eu me deitaria no sofá com a cabeça no colo de Henry. Henry resolve meu problema chegando mais perto e passando o braço em volta de mim. É um braço inibido: a gente nunca ficaria assim em qualquer outro contexto. Claro, nunca vemos tevê juntos. Talvez a gente ficasse assim se algum dia visse tevê. O coro desaparece, e passa um monte de anúncios. Do McDonald's, de uma concessionária Buick local, Pillsbury, Red Lobster: todos nos desejam um Feliz Natal. Olho para Henry, que está com uma cara de espanto total.

— O que foi? — pergunto baixinho para ele.

— A velocidade. Os cortes duram uns poucos segundos. Vou passar mal. — Henry esfrega os olhos com os dedos. — Acho que vou ler um pouco. — Ele se levanta e sai da sala, e, um minuto depois, ouço seus passos na escada. Faço uma pequena oração. Por favor, meu Deus, faça com que Henry não viaje no tempo, especialmente quando estivermos quase indo para a igreja e não der para eu explicar. Alicia pula para o sofá quando aparecem os créditos de abertura na tela.

— Ele não demorou muito — observa.

— Ele tem umas dores de cabeça terríveis. Do tipo que a pessoa tem que deitar no escuro e ficar imóvel e, se alguém der um pio, seus miolos explodem.

— Ah. — James Stewart está mostrando um maço de folhetos de viagem, mas sua partida é cortada pela necessidade de ir a um baile. — Ele é mesmo uma gracinha.

— Jimmy Stewart?

— Ele também. Eu estava falando do seu namorado, Henry.

Sorrio. Estou tão orgulhosa como se eu mesma tivesse feito Henry.

— É.

Donna Reed sorri radiante para Jimmy Stewart do outro lado de uma sala repleta. Agora eles dançam, e o rival de Jimmy Stewart acionou o controle que faz a pista de dança abrir em cima de uma piscina.

— Mamãe gosta dele.

— Aleluia. — Donna e Jimmy dançam de costas e caem na piscina; logo pessoas em traje de noite estão mergulhando atrás deles enquanto a banda continua tocando.

— Nell e Etta também aprovam.

— Ótimo. Agora só temos que passar as próximas 36 horas sem estragar a boa primeira impressão.

— Não deve ser muito difícil, né? A menos... não, você não seria tão burra... — Alicia me olha em dúvida. — Seria?

— Claro que não.

— Claro que não — repete. — Meu Deus, não posso acreditar no Mark. Que idiota do cacete. — Jimmy e Donna cantam *Buffalo Girls, Won't You Come Out Tonight* caminhando pelas ruas de Bedford Falls, deslumbrantes de uniforme de futebol americano e roupão de banho, respectivamente. — Você devia ter estado aqui ontem. Achei que papai fosse ter um infarto bem na frente da árvore de Natal. Imaginei papai batendo nela, a árvore caindo em cima dele, e os paramédicos tendo que retirar todos os enfeites e presentes de cima do papai para prestar os primeiros socorros... — Jimmy oferece a lua a Donna, e ela aceita.

— Pensei que você tivesse aprendido primeiros socorros na escola.

— Estava muito ocupada tendo que socorrer a mamãe. Foi ruim, Clare. Muita gritaria.

— A Sharon estava lá?

Alicia ri com tristeza.

— Está brincando? A gente estava aqui tentando conversar educadamente, sabe, e o Mark e nossos pais estavam na sala berrando uns com os outros. Depois de algum tempo, eu e a Sharon ficamos apenas aqui sentadas ouvindo.

Alicia e eu trocamos um olhar que significa apenas *Para variar...* Passamos a vida ouvindo nossos pais berrando, um com o outro ou com a gente. Às vezes, tenho a sensação de que, se tiver que ver mamãe chorar mais uma vez, vou sair de casa para sempre e nunca mais voltar. Neste exato momento, quero pegar Henry e voltar para Chicago, onde ninguém berra e finge que está tudo bem e nada aconteceu. Um homem irritado e barrigudo de camiseta grita para que James Stewart beije logo Donna Reed e pare de falar tanto com ela. Concordo em gênero, número e grau, mas ele não. Em vez disso, pisa no roupão de Donna, que dá um passo sem perceber e fica sem ele. Quando você vai ver, ela está se escondendo nua numa grande moita de hortênsias.

Passa um anúncio do Pizza Hut e Alicia tira o som.

— Ééé... Clare?

— Oi.

— Henry já esteve aqui antes?

Ih.

— Não, acho que não, por quê?

Ela muda de posição meio nervosa e olha para o outro lado por um segundo.

— Você vai pensar que sou louca.

— O quê?

— Olha, aconteceu uma coisa esquisita comigo. Há muito tempo, quando eu tinha uns 12 anos. Devia estar estudando, mas aí lembrei que não tinha nenhuma blusa limpa para uma audição ou algo assim. A Etta e todo mundo tinham saído, e o Mark devia ficar cuidando de mim, mas estava no quarto fumando narguilé ou sei lá o quê... Bom, aí fui lá embaixo na lavanderia procurar minha camisa e ouvi um barulho que parecia uma porta batendo com o vento, sabe? Tipo a porta do lado sul do porão, que dá para o quarto das bicicletas. Então achei que fosse Peter, certo? Eu estava parada na porta da lavanderia, meio que escutando, e aí a porta do quarto das bicicletas abre. Clare, você não vai acreditar, tinha um sujeito pelado olhando para mim que era a cara do Henry.

Meu riso soa falso.

— Ah, qualé.

Alicia ri.

— Viu, eu sabia que você ia achar isso uma loucura. Mas, juro, aconteceu mesmo. Então o cara só pareceu um pouco surpreso, sabe? E eu ali, parada de queixo caído e imaginando se esse cara pelado ia me estuprar ou sei lá, mas ele só me olha e diz “Ah, oi, Alicia.” Depois entra na Sala de Leitura e bate a porta.

— Hein?

— Então eu subo correndo e esmurro a porta do Mark. Ele diz para eu me mandar, mas finalmente consigo que ele abra. Ele está tão chapado que custa um pouco a entender o que digo. Aí, claro, não acredita em mim, mas afinal consigo que ele desça e bata na porta da Sala de Leitura. Nós dois estamos com muito medo. É tipo Nancy Drew[8], sabe, quando a gente pensa “Essas meninas são mesmo burras, deviam simplesmente chamar a polícia”. Como nada acontece, o Mark abre a porta e não tem ninguém. Ele fica furioso comigo por inventar isso. Então a gente acha que o homem subiu, e ficamos na cozinha sentados ao lado do telefone com o facão da Nell em cima da bancada.

— Como você nunca me contou isso?

— É que eu me senti meio idiota quando vocês chegaram em casa. E sabia que o papai ia dar muita importância para algo que realmente não foi nada... Mas também não teve graça, e eu não estava a fim de falar no assunto. — Alicia ri. — Perguntei a vovó uma vez se tinha fantasma na casa, mas ela disse não que ela soubesse.

— E o cara, ou o fantasma, era parecido com o Henry?

— Era! Juro, Clare, quase morri quando vocês entraram e eu vi o Henry, quer dizer, ele é o cara! Até a voz é igual. Bom, o que eu vi no porão tinha cabelo mais curto, e era mais velho, talvez já quarentão...

— Mas se aquele cara tivesse quarenta, e isso foi há cinco anos... Henry só tem 28, então teria 23 naquela época, Alicia.

— Ah, tá. Mas, Clare, é muito esquisito... Ele tem irmão?

— Não. O pai não é muito parecido com ele.

— Talvez fosse, sabe, projeção astral ou alguma coisa assim.

— Viagem no tempo — sugiro, sorrindo.

— Ah, tá bom... Meu Deus, que esquisito. — A tela de tevê fica preta por um momento, então estamos de volta com Donna em sua moita de hortênsias e Jimmy Stewart rondando com o roupão dela pendurado no braço. Está implicando com ela, dizendo que vai vender ingressos para vê-la. Que cafajeste, penso, e logo fico vermelha ao lembrar de coisas piores que rolaram com Henry envolvendo roupas e nudez. Mas aí vem um carro e Jimmy Stewart joga o roupão para Donna. “Seu pai teve um ataque cardíaco!”, diz alguém no carro, e lá vai ele mal olhando para trás, enquanto Donna Reed fica sozinha na moita. Fico com os olhos cheios d’água. — Nossa, Clare, tudo bem, ele vai voltar. — Alicia me lembra. Sorrio, e nos acomodamos para ver o sr. Potter provocando o pobre Jimmy Stewart a largar a faculdade e tocar uma instituição financeira fadada ao fracasso. — Filho da mãe — diz Alicia.

— Filho da mãe — concordo.

HENRY: Quando deixamos a noite gelada e entramos no calor iluminado da igreja, sinto um frio na barriga. Nunca havia ido a uma missa católica. A última vez que assisti a algum tipo de cerimônia religiosa foi o funeral de mamãe. Seguro o braço de Clare como um cego enquanto ela me guia pelo corredor central, e encontramos um banco vazio. Clare e sua família estão ajoelhados no estrado estofado. Eu me sento como Clare me disse para

fazer. Chegamos cedo. Alicia desapareceu, e Nell está sentada atrás de nós com o marido e o filho, que está de licença da Marinha. Dulcie está sentada ao lado de uma contemporânea sua. Clare, Mark, Sharon e Philip estão ajoelhados lado a lado em atitudes variadas: Clare inibida, Mark pouco se importando, Sharon calma e concentrada, Philip exausto. A igreja está repleta de bicos-de-papagaio. Cheira a cera e casacos molhados. Há um presépio elaborado com Maria e José e companhia à direita do altar. As pessoas vão chegando, escolhendo um lugar, cumprimentando umas às outras. Clare desliza para o assento ao meu lado, seguida por Mark e Philip; Sharon continua ajoelhada mais um pouco. Logo estamos todos sentados em silêncio lado a lado, esperando. Um homem de terno sobe ao palco — altar ou lá o que seja — e testa os microfones que estão acoplados aos pequenos púlpitos de leitura, depois torna a desaparecer pelo fundo. Agora há muito mais gente, a igreja está lotada. Alicia, outras duas mulheres e um homem aparecem à esquerda do palco, trazendo seus instrumentos. A loura toca violino, e a baixinha de cabelo castanho é responsável pela viola; o homem, que é tão idoso que anda curvado e arrastando os pés, também toca violino. Estão todos de preto. Eles se sentam em suas cadeiras dobráveis, acendem a luz em cima do apoio das partituras, folheiam as páginas, tocam várias cordas e se entreolham, procurando um consenso. As pessoas de repente fazem silêncio e neste silêncio ouve-se uma nota longa, lenta e grave que enche a igreja. Uma nota que não para e não tem ligação com nenhuma música conhecida, apenas existe no ar. Alicia maneja o arco o mais lentamente possível, e parece que o som que produz vem do nada, que nasce na minha cabeça e ressoa pelo meu crânio como dedos afagando meu cérebro. Aí, para. O silêncio que se segue é breve, porém total. Então todos os quatro músicos entram em ação. Após a simplicidade daquela única nota, a música deles é dissonante, moderna e gritante. Penso que é algo de Bartok, mas aí distingo o que ouço e me dou conta de que tocam *Noite Feliz.* Não entendo por que soa tão esquisito até ver a violinista loura chutar a cadeira de Alicia e, após algum tempo, a música entra em foco. Clare me dá uma olhada e sorri. Todo mundo na igreja relaxa. *Noite Feliz* dá lugar a um hino que não reconheço. Todo mundo se levanta. As pessoas olham para o fundo da igreja, e o padre entra pela nave central com um grande séquito de garotinhos e alguns homens de terno. Eles marcham solenemente para a frente da igreja e tomam suas posições. A música para bruscamente. Ah, não, penso, e agora? Clare pega minha mão, e estamos ali, no meio do

povo. Se Deus existe, então, Deus, deixe-me apenas ficar aqui em silêncio discretamente, aqui e agora, aqui e agora.

CLARE: Henry parece prestes a desmaiar. Meu Deus, por favor, não o deixe desaparecer agora. O padre Compton nos dá as boas-vindas com aquela sua voz de locutor de rádio. Meto a mão no bolso do casaco de Henry, enfio os dedos por um furo no fundo, acho seu pau e aperto. Ele pula como se tivesse recebido um choque elétrico. “O senhor esteja convosco”, diz o padre Compton. “E contigo também”, respondemos serenamente. A mesma coisa, tudo a mesma coisa. E, no entanto, cá estamos nós finalmente, para qualquer um ver. Sinto os olhos de Helen atravessando as minhas costas. Ruth está sentada cinco bancos atrás de nós, com o irmão e os pais. Nancy, Laura, Mary Christina, Patty, Dave e Chris, e até Jason Everleigh; parece que todos os meus colegas de escola estão aqui hoje. Olho para Henry, que está alheio a tudo isso. Está suando. Olha para mim, ergue uma sobrancelha. A missa prossegue. As leituras, *Senhor, tende piedade de nós, A paz esteja convosco*. Ficamos todos de pé para o evangelho de Lucas, Capítulo 2. Todo mundo no Império Romano viajando para suas cidades natais para pagar seus impostos, José e Maria, *que estava grávida,* o nascimento, milagroso, humilde. As faixas envolvendo o menino, a manjedoura. Isso nunca fez o menor sentido para mim, mas a beleza da imagem é inegável. Os pastores que estavam nos campos. O anjo: *Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo...* Henry balança a perna de um jeito que me distrai. Está com os olhos fechados e mordendo o lábio. Multidões de anjos. O padre Compton entoa, “*Mas Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no coração*”. “Amém”, dizemos, e nos sentamos para o sermão. Henry chega para mim e sussurra.

— Onde é o banheiro?

— Por aquela porta — digo, apontando para a porta por onde entraram Alicia, Frank e as outras.

— Como chego lá?

— Vá até o fundo da igreja e pegue a nave lateral.

— Se eu não voltar...

— Você tem que voltar. — Quando o Padre Compton diz “Nesta noite mais feliz de todas...”, Henry se levanta e se afasta rapidamente. Os olhos do padre o acompanham enquanto ele vai até o fundo, dá a volta e se

encaminha para a porta. Observo quando Henry sai pela porta, que bate quando ele passa.

HENRY: Estou no que parece ser a galeria de uma escola primária. Não entre em pânico, digo a mim mesmo. Ninguém pode te ver. Esconda-se em algum lugar. Olho em volta, feito um louco, e há uma porta: MENINOS. Ao abrir, entro num banheiro masculino em miniatura, com cerâmica marrom e a louça pequena e baixinha, radiador que ruge e deixa mais forte o cheiro de sabão líquido. Abro a janela alguns centímetros e meto a cabeça acima da fresta. Há árvores sempre-verdes bloqueando qualquer chance de visão. O ar frio traz cheiro de pinheiro. Depois de alguns minutos, me sinto menos fraco. Deito no chão, encolhido, joelhos no queixo. Cá estou eu. Inteiro. Agora. Aqui neste chão de cerâmica marrom. Parece que é pedir muito ter continuidade. Claro, se Deus existe, ele quer que a gente seja bom, e é justo que ninguém precise de incentivos para ser bom. Mas se Clare é tão boa e até acredita em Deus, por que Ele decidiu que ela passasse vergonha na frente daquela gente toda... Abro os olhos. Toda a pequenina louça do banheiro brilha com uma aura que reflete as cores do arco-íris, uma aura que fica azul-celeste, verde e roxa. Estou resignado que vou partir, agora não tem como parar, estou tremendo.

— Não! — mas fui.

CLARE: O padre termina o sermão, que é sobre a paz mundial, e papai se inclina através de Sharon e Mark para sussurrar:

— Seu amigo está passando mal?

— Sim — sussurro de volta —, está com dor de cabeça, e às vezes isso deixa o Henry enjoado.

— Devo ir ver se posso ajudar?

— Não! Ele vai ficar bom. — Parece que papai não se convenceu, mas fica em seu banco. O padre está abençoando a hóstia. Tento conter meu desejo de sair correndo e ir eu mesma procurar Henry. Os primeiros bancos levantam para comungar. Alicia está tocando a suíte número 2 para violoncelo de Bach. É triste e linda. Volte, Henry. Volte.

HENRY: Estou ajoelhado na sala de meu apartamento em Chicago. Está escuro. Levanto trôpego e bato com o cotovelo na estante. “Porra!” É

incrível. Nem consigo passar um dia inteiro com a família de Clare e fui sugado e cuspido na porra do meu apartamento feito uma bola de fliperama...

— Ei. — Viro e lá estou eu, quase dormindo sentado no sofá-cama.

— Que dia é hoje? — pergunto.

— 28 de dezembro de 1991. — Daqui a quatro dias.

Sento na cama.

— Não estou aguentando.

— Relaxe. Você vai voltar daqui a uns minutos. Ninguém vai notar. Você vai ficar perfeitamente bem durante o resto da visita.

— É?

— É. Pare de choramingar — diz meu eu, imitando perfeitamente o papai. Quero dar um soco nele, mas isso não iria levar a nada. Há um fundo musical tocando baixinho.

— Isso é Bach?

— Hein? Ah, sim, está na sua cabeça. É Alicia.

— Que esquisito. Ah! — corro até o banheiro e quase consigo chegar.

CLARE: As últimas pessoas estão comungando quando Henry entra pela porta, meio pálido, mas andando. Vai até o fundo, sobe a nave e se espreme para sentar no banco ao meu lado. “A missa terminou, ide em paz”, diz o padre Compton. “Amém”, respondemos. Os coroinhas se reúnem como peixes de um cardume em volta do padre e seguem alegremente pela nave. Todos nós saímos em fila atrás deles. Ouço Sharon perguntar a Henry se ele está bem, mas não ouço sua resposta porque Helen e Ruth nos interceptaram e estou apresentando Henry.

Helen dá um sorrisinho.

— Mas já nos conhecemos!

Henry me olha assustado. Balanço a cabeça negativamente para Helen, que mostra um sorriso falso.

— Talvez não — diz. — Prazer em te conhecer... Henry. — Ruth timidamente estende a mão a Henry. Ele pega sua mão um instante e diz — Olá, Ruth — antes de eu apresentar Ruth a ele, para minha surpresa. Até onde eu vejo, porém, ela não reconheceu Henry. Laura se junta a nós quando Alicia vem vindo, esbarrando nas pessoas com a caixa do violoncelo.

— Passem lá em casa amanhã — convida Laura. — Meus pais viajam para as Bahamas às quatro. — Todas concordamos com entusiasmo; todos os anos os pais de Laura vão para algum lugar tropical assim que os presentes acabam de ser abertos, e nós chegamos em bando assim que o carro deles vai embora. A gente se despede com um coro de “Feliz Natal!”. Quando passamos pela porta lateral da igreja e chegamos ao estacionamento, Alicia diz:

— Ih, eu sabia! — Há muita neve em toda parte, o mundo foi refeito branco. Fico parada olhando as árvores e os carros e, do outro lado da rua, para a direção do lago onde as águas batem, invisíveis, na praia embaixo da igreja no promontório. Henry fica comigo, esperando. Mark diz:

— Vamos, Clare — e vou.

HENRY: São mais ou menos 1h30 da manhã quando entramos na Meadowlark House. Durante toda a viagem de volta para casa, Philip ficou repreendendo Alicia pelo “erro” no início de *Noite Feliz*, e ela ficou quieta, olhando pela janela para as casas e árvores escuras. Todo mundo sobe para seus quartos após dizer “Feliz Natal” mais umas cinquenta vezes a não ser Alicia e Clare, que somem numa sala no fim do corredor do primeiro andar. Fico imaginando o que vou fazer até seguir as duas, num impulso.

— ...o maior babaca — está dizendo Alicia quando meto a cabeça pela porta. A sala é dominada por uma enorme mesa de bilhar que está iluminada pelo clarão intenso da lâmpada suspensa sobre ela. Clare junta as bolas enquanto Alicia anda de um lado para o outro no escuro junto ao limite da luz.

— Bom, se você deliberadamente tenta enfurecer o papai e ele se enfurece, não vejo por que fica tão perturbada — diz Clare.

— Ele é muito *convencido* — diz Alicia, socando o ar com as duas mãos. Tusso. As duas pulam e em seguida Clare diz:

— Ah, Henry, graças a Deus, achei que você fosse o papai.

— Quer jogar? — Alicia me pergunta.

— Não, vou só olhar.

Sento em um banco alto ao lado da mesa.

Clare entrega um taco a Alicia. Alicia passa giz nele e dá a primeira tacada, com força. Duas bolas listradas caem em caçapas de canto. Alicia mata mais duas antes de errar, por pouco, uma tabela.

— Ih — diz Clare. — Estou enrascada. — Clare mata uma lisa fácil, a bola 2, que estava na boca de uma caçapa de canto. Na tacada seguinte, manda a branca junto com a 3 para a caçapa. Alicia pesca as duas bolas e prepara a tacada. Acaba com as listradas sem nenhuma cerimônia.

— Bola 8, caçapa lateral — canta Alicia, e dito e feito.

— Ai — suspira Clare. — Tem certeza de que não quer jogar? — Ela me oferece seu taco.

— Vamos, Henry — diz Alicia. — Ei, algum de vocês quer beber alguma coisa?

— Não — diz Clare.

— O que tem? — pergunto. Alicia acende uma luz e surge um belo bar antigo no fim da sala. Alicia e eu nos agachamos atrás dele, e eis que ali há quase tudo o que posso imaginar em termos de bebida alcoólica. Alicia prepara para ela uma cuba-libre. Hesito diante de tanta fartura, mas finalmente me sirvo um uísque puro. Clare afinal decide tomar alguma coisa, e quando está esvaziando a forminha de gelo dentro de um copo para o seu Kahlua, a porta abre e todos gelamos.

É Mark.

— Cadê a Sharon? — pergunta Clare.

— Tranca essa porta — ordena Alicia.

Ele se vira, tranca a porta e vai para trás do bar.

— A Sharon está dormindo — diz, tirando uma Heineken do frigobar. Abre a garrafa e vai calmamente até a mesa. — Quem está jogando?

— Alicia e Henry — diz Clare.

— Hum. Ele foi avisado?

— Cale a boca, Mark — diz Alicia.

— Ela é o Jackie Gleason disfarçada — Mark me assegura.

Viro-me para Alicia.

— Deixe o jogo começar. — Clare torna a arrumar as bolas. Alicia dá a primeira tacada. O uísque afiou meus reflexos, e tudo está nítido e claro. As bolas explodem como fogos de artifício e fazem um novo desenho na mesa. A 13 vacila na boca de uma caçapa e cai.

— Listradas de novo — diz Alicia. Ela encaçapa a 15, a 12 e a 9 antes que uma sinuca a obrigue a tentar uma tabela impossível.

Clare está parada exatamente onde começa a luz, de modo que seu rosto está na sombra, mas seu corpo sai flutuando do escuro, com os braços cruzados no peito. Volto a atenção para a mesa. Já faz algum tempo que não

jogo. Mato a 2, a 3 e a 6 facilmente, depois procuro alguma outra jogada para fazer. A 1 está bem na boca da caçapa de canto do outro lado da mesa, e mando a bola branca na 7, que derruba a 1. Mato a 4 numa caçapa lateral com uma tabela e coloco a 5 no canto do fundo com um golpe de sorte. Foi puro acaso, mas Alicia assobia de qualquer maneira. A 7 cai sem problema.

— A 8 no canto — indico com o taco, e lá entra ela.

— Ah, essa foi linda — diz Alicia. — Faz de novo — Clare está sorrindo no escuro.

— Não é o seu adversário habitual — diz Mark a Alicia.

— Estou muito cansada para me concentrar. E muito danada.

— Por causa do papai?

— É.

— Bom, se você o cutuca, ele cutuca de volta.

A expressão de Alicia azeda.

— Errar é humano.

— Por um minuto parecia Terry Riley — digo a Alicia.

Ela sorri.

— *Era* Terry Riley. Era de *Salomé.*

Clare ri.

— Como Salomé foi parar em *Noite Feliz*?

— É que eu achei que João Batista fosse uma ligação suficiente, e se você baixar uma oitava naquela parte do primeiro violino, fica bem bom, sabe, lá, lá, lá, LÁ...

— Mas você não pode culpar o papai por ter ficado furioso — diz Mark. — Ele sabe que você não tocaria algo daquela forma por acaso.

Preparo outra dose.

— O que o Frank disse? — pergunta Clare.

— Ah, ele gostou. Ficou tentando imaginar como fazer uma peça nova com aquilo, sabe, tipo *Noite Feliz* encontra Stravinsky. Pô, o Frank tem 87 anos, não se importa se eu faço besteira desde que ele se divirta. Mas a Arabella e a Ashley ficaram bastante nervosas com aquilo.

— Bom, não é muito profissional — diz Mark.

— Quem está ligando? É só a St. Basil, sabia? — Alicia me olha. — O que acha?

Hesito.

— Eu não ligo muito — digo finalmente. — Mas se meu pai ouvisse você fazer isso, ficaria muito zangado.

— É mesmo? Por quê?

— Ele tem essa ideia de que toda música deve ser tratada com respeito mesmo sendo uma que ele não goste muito. Quer dizer, ele não gosta de Tchaikovsky nem de Strauss, mas toca os dois com muita seriedade. Por isso ele é ótimo; toca toda música como se tivesse paixão por ela.

— Ah. — Alicia vai para trás do bar, prepara mais uma bebida para ela e reflete. — É, você tem sorte de ter um ótimo pai que gosta de alguma coisa além de dinheiro.

Estou atrás de Clare, correndo os dedos por sua espinha no escuro. Ela põe a mão atrás das costas e eu a seguro.

— Acho que você não diria isso se conhecesse minha família. Além do mais, seu pai dá a impressão de gostar muito de você.

— Não — ela balança a cabeça. — Ele só quer que eu seja perfeita na frente dos amigos dele. Não gosta nada. — Alicia junta as bolas para colocar em posição. — Quem quer jogar?

— Eu jogo — diz Mark. — Henry?

— Claro. — Mark e eu passamos giz em nossos tacos e nos encaramos através da mesa.

Dou a partida. A 4 e a 15 morrem.

— Lisas — canto, vendo a 2 perto da quina. Encaçapo a 2, depois erro a 3 completamente. Estou ficando cansado, e minha coordenação sente os efeitos do uísque. Mark joga com determinação mas sem estilo, e mata a 10 e a 11. Avançamos firmes e fortes, e em pouco tempo já matei todas as lisas. A 13 de Mark está na boca de uma caçapa de quina.

— Bola 8 — digo apontando para ela.

— Você sabe que perde se matar a bola de Mark — diz Alicia.

— Tudo bem — respondo. Lanço a branca lentamente pela mesa. Ela beija a bola 8 com amor e manda de mansinho em direção à 13, aí a 8 parece quase desviar da 13, como se estivesse sobre trilhos, e cai direitinho na caçapa. Clare ri, mas então a 13 vacila e cai.

— Ah, bem — digo. — O que o diabo dá o diabo leva.

— Boa partida — diz Mark.

— Nossa, onde aprendeu a jogar assim? — pergunta Alicia.

— Foi uma das coisas que aprendi na faculdade. — Junto com beber, inglês, poesia alemã e drogas. Guardamos os tacos e pegamos os copos e as garrafas.

— Em que se formou? — Mark destranca a porta e vamos juntos pelo corredor para a cozinha.

— Literatura inglesa.

— Como não foi música? — Alicia equilibra seu copo e o de Clare numa mão só ao abrir a porta da sala de jantar.

Rio.

— Você não iria acreditar em como sou pouco musical. Meus pais tinham certeza de que levaram para casa a criança errada do hospital.

— Deve ter sido um saco — diz Mark. — Pelo menos papai não pressiona você para ser advogada — diz ele a Alicia. Entramos na cozinha e Clare acende a luz.

— Também não pressiona você — retruca ela. — Você adora ser advogado.

— É, é o que quero dizer. Ele não obriga nenhum de nós a fazer o que não quer.

— Foi um saco? — Alicia me pergunta. — Eu ficaria encantada com isso.

— Bom, antes de minha mãe morrer, era tudo ótimo. Depois disso, tudo foi terrível. Se eu fosse um prodígio do violino, talvez... Sei lá. — Olho para Clare e dou de ombros. — De qualquer forma, papai e eu não nos damos bem. De jeito nenhum.

— Como assim?

Clare diz:

— Hora de dormir. — Ela quer dizer: já chega. Alicia está esperando uma resposta.

Viro o rosto para ela.

— Já viu uma foto da minha mãe? — Ela faz que sim com a cabeça. — Eu pareço com ela.

— E daí? — Alicia passa água nos copos. Clare seca um por um.

— E daí que ele não aguenta olhar para mim. Quer dizer, essa é só uma razão entre muitas.

— Mas...

— Alicia... — Clare tenta, mas Alicia é insistente.

— Mas ele é seu *pai*.

Sorrio.

— As coisas que você faz para irritar o seu pai são café pequeno comparadas ao que meu pai e eu já fizemos um com o outro.

— Por exemplo?

— Por exemplo, as muitas vezes que ele trancou a porta do nosso apartamento me deixando na rua, não importando o tempo lá fora. Como a vez em que joguei as chaves do carro dele no rio. Esse tipo de coisa.

— Por que fez isso?

— Eu não queria que ele destruísse o carro, e ele estava bêbado.

Alicia, Mark e Clare olham todos para mim e balançam a cabeça afirmativamente. Eles compreendem perfeitamente.

— Hora de dormir — diz Alicia, e todos saímos da cozinha e vamos para nossos quartos sem dizer mais nada, a não ser “Boa noite”.

CLARE: São 3h14, segundo meu despertador e estou prestes a me aquecer na cama fria quando a porta abre e Henry entra muito de mansinho. Puxo as cobertas para trás e ele pula na cama. A cama range enquanto nos acomodamos.

— Oi — sussurro.

— Oi — Henry sussurra em resposta.

— Isso não é uma boa ideia.

— Estava muito frio no meu quarto.

— Ah. — Henry toca em meu rosto, e tenho que conter um grito. Os dedos dele estão gelados. Esfrego seus dedos entre as mãos. Henry se afunda mais nos lençóis. Encosto nele, tentando me aquecer de novo.

— Está de meia? — pergunta ele baixinho.

— Estou. — Ele estica o braço e puxa as meias dos meus pés. Após alguns minutos, muitos rangidos e *Shhs!*, ficamos ambos nus.

— Aonde você foi, quando saiu da igreja?

— Ao meu apartamento. Por uns cinco minutos, a quatro dias de hoje.

— Por quê?

— Cansado. Tenso, acho eu.

— Não, por que lá?

— Sei lá. Uma espécie de mecanismo padrão. Os controladores de tráfego aéreo das viagens no tempo acharam que eu ficaria bem lá, talvez. — Henry enfia a mão em meu cabelo.

Está clareando lá fora.

— Feliz Natal — sussurro. Henry não responde, e fico acordada em seus braços pensando em multidões de anjos, ouvindo sua respiração moderada e meditando com o coração.

HENRY: Bem cedinho de manhã, levanto para dar uma mijada e, enquanto estou no banheiro de Clare urinando sonolento à luz da lâmpada noturna da Fada Sininho, ouço uma voz de menina dizer: “Clare?”. Antes que eu perceba de onde vem essa voz, uma porta que eu achava ser armário abre e me vejo pelado parado na frente de Alicia.

— Ah — ela sussurra enquanto pego uma toalha tarde demais e me cubro.

— Ah, oi, Alicia — sussurro, e ambos damos um sorriso amarelo. Ela entra em seu quarto e some tão bruscamente como chegou.

CLARE: Estou cochilando, ouvindo a casa despertar. Nell está na cozinha, cantando e batendo as panelas. Alguém passa pela minha porta no corredor. Olho e vejo que Henry está dormindo profundamente, e de repente me dou conta de que tenho que fazê-lo sair daqui sem ninguém ver.

Escapo dos braços de Henry e dos cobertores e saio da cama com cuidado. Pego minha camisola do chão e, quando estou enfiando pela cabeça, Etta diz:

— Clare! Levante, é Natal! — e mete a cabeça pela porta. Ouço Alicia chamar Etta e, quando acabo de passar a camisola pela cabeça, vejo Etta se afastar para responder a Alicia. Ao me virar para a cama, Henry não está mais lá. Chuto para debaixo da cama as calças de seu pijama que estavam caídas no tapete. Etta entra em meu quarto com seu roupão amarelo e as tranças sobre os ombros. Digo “Feliz Natal”, e ela me conta uma coisa sobre mamãe, mas não consigo ouvir direito porque imagino Henry surgindo na frente de Etta.

— Clare? — Etta está me olhando preocupada.

— Hein? Ah, desculpe. Acho que ainda estou dormindo.

— Tem café lá embaixo. — Etta está fazendo a cama. Parece intrigada.

— Eu faço isso, Etta. Pode descer. — Etta vai para o outro lado da cama. Mamãe mete a cabeça pela porta. Está bonita e serena após a tempestade de ontem à noite.

— Feliz Natal, querida.

Vou até ela para dar um beijo de leve no rosto.

— Feliz Natal, mamãe. — É muito difícil continuar furiosa com ela quando aparece assim normal, como minha linda mãezinha.

— Etta, quer descer comigo? — pergunta mamãe. Etta afofa os travesseiros com as mãos e as marcas de nossas cabeças somem. Ela me olha, levanta as sobrancelhas, mas não diz nada.

— Etta?

— Já vou... — Etta sai depressa atrás de mamãe. Fecho a porta e me encosto nela depois que as duas vão embora, justo a tempo de ver Henry sair rolando de baixo da cama. Ele se levanta e começa a vestir o pijama. Tranco a porta.

— Onde você estava? — sussurro.

— Embaixo da cama — Henry sussurra em resposta, como se fosse óbvio.

— O tempo todo?

— Sim. — Não sei por que, acho isso muito engraçado, e começo a rir. Henry tapa a minha boca com a mão, e começamos a chacoalhar de tanto rir, em silêncio.

HENRY: O dia de Natal é estranhamente calmo após o mar agitado de ontem. Todos nos reunimos em torno da árvore, inibidos dentro de nossos roupões e chinelos, e presentes são abertos com exclamações. Após efusivos agradecimentos de todos os lados, tomamos café. Há uma pausa e então temos o almoço de Natal, com grandes elogios para Nell e as lagostas. Todo mundo sorri, com boa educação e elegância. Somos um modelo de família feliz, um comercial para a burguesia. Somos tudo o que sempre desejei todos os dias de Natal quando estava no restaurante Luck Wok com papai e o sr. e a sra. Kim tentando fingir que me divertia enquanto todos os adultos observavam aflitos. Mas há uma tensão visível mesmo enquanto descansamos, bem alimentados, na sala depois do almoço, assistindo ao futebol americano na televisão, lendo os livros que nos demos ou tentando operar os presentes que exigem baterias e/ou montagem. É como se um cessar-fogo tivesse sido assinado em alguma das salas mais remotas da casa, e agora as partes estivessem se esforçando para respeitá-lo, pelo menos até amanhã, pelo menos até que chegue um novo carregamento de munição. Estamos todos representando, fingindo estar relaxados, encarnando a mãe, o pai, as irmãs, o irmão, o namorado, a noiva ideais. Então é um alívio quando Clare consulta o relógio, sai do sofá e diz:

— Vamos, está na hora de ir para a casa da Laura.

CLARE: A festa da Laura está a todo o vapor quando chegamos. Henry está tenso e pálido e parte para as bebidas alcoólicas tão logo tiramos nossos casacos. Ainda estou com sono do vinho que tomamos no almoço, e faço não com a cabeça quando ele me pergunta o que quero. Ele me traz uma Coca e segura uma cerveja como se dependesse dela para ficar em pé.

— Em hipótese alguma, me deixe sozinho para eu me virar — exige Henry, olhando por cima do meu ombro, e antes de eu ter tido tempo sequer de virar a cabeça, Helen está em cima da gente. Por um momento, há um silêncio constrangido.

— Então, Henry — diz Helen —, ouvimos dizer que você é bibliotecário. Mas não tem *cara* de bibliotecário.

— Na verdade, sou modelo de cuecas da Calvin Klein. A profissão de bibliotecário é só fachada.

Eu nunca havia visto Helen perplexa antes. Seria bom se eu tivesse uma câmera. Ela se recupera depressa, porém, olha Henry de alto a baixo e sorri.

— Tudo bem, Clare, pode ficar com ele — diz.

— Que alívio — digo a ela. — Perdi o recibo. — Laura, Ruth e Nancy vêm em nossa direção, decididas a nos interrogar: como nos conhecemos, o que Henry faz, em que faculdade estudou, blá-blá-blá. Nunca imaginei que minha aparição pública com Henry fosse ao mesmo tempo tão angustiante e tão chata. Volto a prestar atenção justamente quando Nancy diz:

— É muito esquisito o seu nome ser Henry.

— Ah? — diz Henry. — Por quê?

Nancy fala da noite em que dormimos na casa da Mary Christina, quando o jogo do copo disse que eu ia me casar com alguém chamado Henry. Ele parece impressionado.

— É mesmo? — Henry me pergunta.

— Hum, é. — De repente fico apertada para fazer pipi. — Com licença — digo, saindo do grupo e fingindo não ver a cara de súplica de Henry. Helen está no meu pé quando subo correndo. Tenho que fechar a porta do banheiro na cara dela para impedir que entre comigo.

— Abra, Clare — diz ela, girando a maçaneta da porta. Com toda a calma, faço pipi, lavo as mãos, passo batom. — Clare — resmunga Helen. — Vou lá embaixo contar ao seu namorado todas as coisas horríveis que você já fez na vida se não abrir essa porta imed... — Abro a porta e Helen quase cai para dentro do banheiro.

— Muito bem, Clare Abshire — diz Helen ameaçadora. Ela fecha a porta. Fico sentada na borda da banheira enquanto ela se encosta na pia, mais alto do que eu, de cima de seu salto alto. — Desembucha. O que está realmente acontecendo com você e esse Henry? Você só fica aí contando um montão de mentiras. Não conheceu esse cara há três meses, já conhece há anos! Qual é o grande segredo?

Não sei bem como começar. Devo contar a verdade a Helen? Não. Por que não? Até onde sei, Helen só viu Henry uma vez, e ele não tinha uma cara tão diferente assim da que tem agora. Adoro Helen. Ela é forte, maluca, difícil de enganar. Mas sei que não acreditaria em mim se eu dissesse: viagem no tempo, Helen. É preciso ver para crer.

— Tudo bem — digo, ficando esperta. — Sim, já conheço o Henry há muito tempo.

— Quanto?

— Desde os seis anos.

Os olhos de Helen se arregalam como os de um personagem de desenho animado. Rio.

— Ora... como pode... bem... há quanto tempo *namora* com ele?

— Sei lá. Quer dizer, houve uma época em que as coisas estavam mais ou menos perto de acontecer, mas ainda não havia nada exatamente rolando, sabe. Ou seja, Henry tinha posto na cabeça que não iria mexer com uma garotinha, então eu fiquei desesperadamente fissurada nele...

— Mas... como a gente nunca soube dele? Não vejo por que tanto mistério. Você podia ter me contado.

— Bom, você meio que sabia. — Essa foi péssima, eu sei.

Helen parece magoada.

— Não é a mesma coisa que você me contar.

— Eu sei. Sinto muito.

— Ora. Então qual é o lance?

— É que ele é oito anos mais velho que eu.

— E daí?

— Daí que quando eu tinha 12 anos e ele tinha vinte, era um problema. — Sem falar em quando eu tinha seis e ele quarenta.

— Continuo sem entender. Quer dizer, dá para entender você não querer que seus *pais* soubessem que brincava de Lolita com esse Humbert Humbert, mas não compreendo por que não podia contar pra *gente*. A *gente* teria dado o maior apoio. Quer dizer, passamos esse tempo todo com pena

de você, preocupadas com você, e imaginando por que você era tão *freira*... — Helen balança a cabeça. — E lá estava você, trepando com Mário, o Bibliotecário, o tempo todo...

Não consigo evitar ficar vermelha.

— Eu *não* estava trepando com ele o tempo todo.

— Ah, qualé.

— Verdade! Esperamos até eu ter 18 anos. Fizemos no dia do meu aniversário.

— Mesmo assim, Clare — começa Helen, mas alguém bate com força na porta do banheiro, e uma voz de homem pergunta:

— Vocês estão quase acabando aí, garotas?

— Fica para os próximos capítulos — Helen sussurra para mim quando saímos do banheiro, recebendo os aplausos dos cinco sujeitos esperando em fila no corredor.

Encontro Henry na cozinha, ouvindo pacientemente um dos inacreditáveis amigos jogadores de Laura que não para de falar sobre futebol. A sua namorada loura de nariz pequeno me vê e arrasta o cara para pegar mais uma bebida.

Henry diz:

— Olhe, Clare... Punks mirins! — Olho para quem ele está apontando: Jodie, a irmã de 14 anos de Laura, e seu namorado Bobby Hardgrove. Bobby tem o cabelo verde com um corte moicano e o típico uniforme punk – camiseta rasgada cheia de alfinetes. Jodie tenta ficar igual a Lydia Lunch,[9] mas em vez disso fica parecendo um guaxinim que dormiu de pelo molhado. Eles estão mais para uma festa de Halloween do que uma de Natal. Parecem deslocados e estão na defensiva. Mas Henry se entusiasma.

— Uau. Que idade eles têm, uns 12?

— Catorze.

— Vamos ver, tirando 14 de 91, eles... caramba, eles nasceram em 1977. Me sinto um velho. Preciso de mais uma bebida. — Laura passa pela cozinha com uma bandeja de coquetéis de gelatina. Henry pega dois e engole um atrás do outro, depois faz uma careta. — Eca. Que horror. — Rio. — O que acha que eles ouvem? — diz Henry.

— Sei lá. Por que você não vai perguntar a eles?

Henry fica assustado.

— Ah, não dá. Iria assustá-los.

— Acho que é *você* que está assustado com eles.

— Bom, vai ver que você tem razão. Eles parecem tão tenros, jovens e verdes, feito brotos de ervilha ou coisa assim.

— Você já se vestiu desse jeito?

Henry ri com sarcasmo.

— O que é que você acha? Claro que não. Essa criançada está imitando o punk inglês. Eu sou punk americano. Não, em geral eu andava mais num estilo Richard Hell.[10]

— Por que não vai falar com eles? Eles parecem solitários.

— Você tem que vir nos apresentar e ficar de mão dada comigo. — Atravessamos a cozinha com cautela, como Lévi-Strauss se aproximando de um par de canibais. Jodie e Bobby parecem dois cervos que não sabem se fogem ou lutam, do tipo que se vê em documentários sobre o mundo animal.

— Ééé... oi, Jodie, Bobby.

— Oi, Clare — diz Jodie. Conheço Jodie desde que ela nasceu, mas, de repente, ela fica tímida. Acho que o traje neopunk deve ser ideia de Bobby.

— Vocês estavam com uma cara meio chateada, então eu trouxe o Henry aqui para conhecer vocês. Ele... ele gosta das suas roupas.

— Oi — diz Henry, muito envergonhado. — Eu só estava curioso, quer dizer, me perguntando o que é que vocês ouvem.

— Ouvem? — repete Bobby.

— É, de música. De que tipo de música vocês gostam?

Bobby se anima.

— Bom, dos Sex Pistols — diz e faz uma pausa.

— Claro — diz Henry, concordando com a cabeça. — Do Clash?

— É. E, éééé... do Nirvana...

— O Nirvana é bom — diz Henry.

— Do Blondie? — diz Jodie, como se sua resposta pudesse estar errada.

— Eu gosto do Blondie — digo. — E o Henry gosta da Deborah Harry.

— Ramones? — diz Henry. Eles fazem que sim com a cabeça ao mesmo tempo. — E a Patti Smith? — a cara de Jodie e Bobby fica inexpressiva.

— Iggy Pop?

Bobby faz que não com a cabeça.

— Pearl Jam — sugere.

Intervenho.

— Aqui não tem uma rádio que seja muito boa — digo a Henry. — Não tem como eles descobrirem essas coisas.

— Ah — diz Henry. Faz uma pausa. — Olha, vocês querem que eu anote algumas coisas para vocês? Para ouvirem? — Jodie dá de ombros. Bobby faz que sim com a cabeça, com uma cara séria e empolgada. Cato papel e caneta na bolsa. Henry senta à mesa da cozinha, e Bobby senta à sua frente. — Tudo bem — diz Henry. — Você tem que voltar aos anos 60, ok? Começa com o Velvet Underground, em Nova York. Aí, aqui em Detroit, tem o MC5 e Iggy Pop e os Stooges. Depois, voltando a Nova York, tinha New York Dolls, Heartbreakers...

— Tom Petty? — diz Jodie. — A gente já ouviu falar.

— Ahn, não, essa era uma banda totalmente diferente — diz Henry. — Quase todos eles morreram nos anos 80.

— Desastre de avião? — pergunta Bobby.

— Heroína — corrige Henry. — De qualquer forma, tinha o Television, e Richard Hell e os Voidoids, e a Patti Smith.

— Talking Heads — acrescento.

— Hmm. Sei lá. Você acha que eles são mesmo punks?

— Eles estavam lá.

— Tudo bem. — Henry os inclui na lista. — Talking Heads. Aí a gente vai para a Inglaterra...

— Pensei que o punk tivesse começado em Londres — diz Bobby.

— Não. Claro — diz Henry empurrando a cadeira para trás —, algumas pessoas, inclusive eu, acham que o punk é só a manifestação mais recente disso, desse espírito, desse sentimento, sabe, de que as coisas estão tão erradas que o único jeito é ficar repetindo foda-se bem alto até alguém parar a gente.

— *Sim* — diz Bobby tranquilamente, o cara brilhando com um fervor quase religioso embaixo do cabelo espetado. — Sim.

— Você está corrompendo um menor — digo a Henry.

— Ah, ele iria chegar lá de qualquer maneira sem mim, não?

— Ando tentando, mas aqui não é fácil.

— Deu para perceber — diz Henry. Ele está aumentando a lista. Olho por cima de seu ombro. Sex Pistols, Clash, Gang of Four, Buzzcocks, Dead Kennedys, X, Mekons, Raincoats, Dead Boys, New Order, Smiths, Lora Logic, Au Pairs, Big Black, PiL, Pixies, Breeders, Sonic Youth...

— Henry, eles não vão conseguir arranjar nada disso aqui. — Ele faz que sim com a cabeça, e anota o telefone e o endereço do Vintage Vinyl no pé da página.

— Você tem toca-discos, certo?

— Meus pais têm — diz Bobby. Henry trava.

— Do que você gosta *de verdade*? — pergunto a Jodie.

Tenho a impressão de que ela ficou fora da conversa durante o ritual de camaradagem masculina entre Henry e Bobby.

— Prince — ela admite.

Henry e eu deixamos escapar um grande *U-hu*! Começo a cantar *1999* o mais alto que posso, Henry dá um pulo da cadeira e estamos os dois rebolando pela cozinha. Laura ouve e corre para pôr o disco propriamente dito e assim, do nada, a festa faz jus ao nome.

HENRY: Estamos voltando para a casa dos pais de Clare da festa de Laura. Clare diz:

— Você está muito calado.

— Eu estava pensando naqueles garotos. Os punks mirins.

— Ah, sim. Pensando o quê?

— Eu estava imaginando o que fez aquele garoto...

— Bobby.

— ...Bobby, voltar para trás, se amarrar numa música que foi feita no ano em que ele nasceu...

— Bom, eu gostava mesmo dos Beatles — ressalta Clare. — Eles se separaram um ano antes de eu nascer.

— Pois é, como é que é isso? Você tinha que ficar de quatro pelo Depeche Mode ou o Sting, alguém assim. O Bobby e a namorada deviam ouvir Cure se querem se fantasiar. Mas, em vez disso, eles caíram nesse movimento, o punk, de que não sabem nada...

— Tenho certeza de que é principalmente para irritar os pais. A Laura estava me contando que o pai dela não deixa a Jodie sair de casa vestida daquele jeito. Ela põe tudo na mochila e muda de roupa no banheiro da escola — diz Clare.

— Mas era isso o que todo mundo fazia, naquela época. Quer dizer, tem a ver com afirmação do individualismo, eu entendo isso, mas por que eles estão afirmando o individualismo de 1977? Eles deviam estar usando flanela xadrez.

— Por que você liga para isso? — diz Clare.

— Isso me deprime. Serve para lembrar que o momento a que eu pertencia já era e, além do mais, foi esquecido. Nenhuma dessas músicas

toca no rádio, não entendo por quê. É como se isso nunca tivesse acontecido. Por isso fico empolgado quando vejo a molecada se fingindo de punks, porque não quero que isso tudo simplesmente desapareça.

— Bom — diz Clare —, você sempre pode voltar para trás. A maioria das pessoas é colada no presente; já você consegue voltar ao passado várias vezes.

Penso sobre isso.

— Isso só é triste, Clare. Mesmo quando consigo fazer alguma coisa legal, como, digamos, ir a um show que perdi da primeira vez, talvez de uma banda que se desfez ou de alguém que morreu, é triste assistir porque sei o que vai acontecer.

— Mas como isso é diferente do resto da sua vida?

— Não é.

Clare entra na estrada particular que leva a sua casa.

— Henry?

— Sim?

— Se você pudesse parar, agora... se pudesse não viajar mais no tempo, e não houvesse nenhuma consequência, você pararia?

— Se eu pudesse parar agora e ainda assim conhecer você?

— Você já me conheceu.

— Sim. Eu pararia. — Olho para Clare, difícil de ver no carro escuro.

— Seria engraçado — diz ela. — Eu teria essas lembranças todas que você nunca conseguiria ter. Seria como... bem, *é* como estar com uma pessoa com amnésia. Ando com essa sensação desde que chegamos aqui.

Rio.

— Então, no futuro, você vai me ver participando de cada lembrança sua, até eu ter o conjunto completo de todas elas. Complete já a sua coleção!

Ela sorri.

— Acho que sim. — Clare estaciona na entrada de veículos em frente à casa. — Lar doce lar.

Mais tarde, subimos furtivamente para nossos quartos separados. Visto meu pijama, escovo os dentes e vou sorrateiro para o quarto de Clare. Dessa vez me lembro de trancar a porta. Quando estamos quentinhos na cama estreita, ela sussurra:

— Eu não queria que você perdesse.

— Perdesse o quê?

— Tudo o que aconteceu quando eu era criança. É que, até agora, tudo só aconteceu pela metade, porque você ainda não está presente. Então, quando acontecer com você, aí é real.

— Eu estou a caminho.

Vou correndo a mão pela barriga dela e descendo entre suas pernas. Clare grita.

— *Shhh.*

— Sua mão está *gelada.*

— Desculpe.

Trepamos com cuidado, silenciosamente. Quando finalmente gozo, é tão intenso que fico com uma dor de cabeça horrível e, por um minuto, temo desaparecer, mas não desapareço. Em vez disso, fico nos braços de Clare, vesgo de dor. Clare ronca como um bichinho, mas para mim os roncos parecem tratores passando sobre minha cabeça. Quero a minha cama, na minha casa. Lar doce lar. Não há lugar como a nossa casa. *Take me home, country roads*. Lar é onde está o coração. Mas meu coração está aqui. Então devo estar em casa. Clare suspira, vira a cabeça e fica quieta. Ei, querida, cheguei. Cheguei em casa.

CLARE: Está uma manhã clara e fria. Já tomamos o café. O carro está carregado. Mark e Sharon já foram para o aeroporto de Kalamazoo com papai. Henry está no hall se despedindo de Alicia; corro até o quarto de mamãe lá em cima.

— Ah, já é tão tarde assim? — pergunta ela quando me vê de casaco e botas. — Pensei que fossem ficar para o almoço. — Mamãe está sentada na escrivaninha dela, que vive repleta de papéis cobertos com sua letra extravagante.

— Em que você está trabalhando? — Seja lá o que for, está cheio de palavras riscadas e rabiscos.

Mamãe vira o papel para baixo. Ela é muito misteriosa em relação ao que escreve.

— Nada. É um poema sobre o jardim debaixo de neve. Não está fluindo nada bem. — Mamãe se levanta, vai até a janela. — Engraçado como os poemas nunca são tão bonitos quanto o jardim de verdade. Os meus, pelo menos.

De fato não posso comentar isso porque mamãe nunca me deixou ler um poema dela, então digo:

— Bom, o jardim está lindo — e ela faz um gesto dispensando o elogio. Eles nada significam para mamãe, ela não acredita em elogio. Só críticas conseguem animar seu rosto e chamar sua atenção. Se eu dissesse algo depreciativo, ela se lembraria sempre. Há uma pausa constrangedora. Percebo que ela está esperando que eu saia para poder voltar a escrever.

— Tchau, mamãe. — digo. Beijo seu rosto frio e dou no pé.

HENRY: Já estamos viajando há mais ou menos uma hora. Por muitos quilômetros, havia pinheiros ladeando a estrada; agora a terra é plana, cheia de cercas de arame farpado. Nenhum de nós fala já tem algum tempo. Quando reparo nisso, o silêncio é estranho, então digo alguma coisa.

— Não foi tão ruim assim. — Minha voz está alegre demais, alta demais no carro pequeno. Clare não responde, e olho para ela. Ela está chorando; as lágrimas descem pelo rosto enquanto ela dirige, fingindo não chorar. Nunca vi Clare chorar antes, e alguma coisa no jeito impassível com que chora silenciosamente me dá nos nervos. — Clare? Clare, você podia... podia encostar o carro um minutinho? — Sem olhar para mim, ela diminui e vai para o acostamento, onde para. Estamos em algum ponto de Indiana. O céu está azul e há muitos corvos no campo à beira da estrada. Clare encosta a cabeça no volante e respira fundo, com dificuldade.

— Clare. — Ela está de rosto virado quando falo. — Clare, sinto muito. Foi... eu fiz alguma cagada? O que aconteceu? Eu...

— Não é você — diz ela escondida pelos cabelos. Passamos minutos sentados assim.

— Então o que houve? — Clare faz que não com a cabeça, e eu fico olhando para ela. Finalmente arranjo coragem para tocar nela. Afago sua cabeça e sinto os ossos do pescoço e da espinha debaixo da onda de cabelo reluzente. Ela vira e dou um abraço desajeitado através dos bancos separados. Clare começa a chorar muito, sacudindo os ombros.

Depois fica quieta e aí diz:

— Desgraçada da mamãe.

Mais tarde, estamos parados num engarrafamento na Via Expressa Dan Ryan, ouvindo Irma Thomas.

— Henry? Isso foi... você se importou muito?

— Com o quê? — pergunto, pensando no choro de Clare.

Mas ela diz:

— Minha família? Eles... eles pareciam...?

— Eles foram ótimos, Clare. Gostei muito deles. Especialmente da Alicia.

— Às vezes simplesmente tenho vontade de jogar todos eles no lago Michigan e ver afundar.

— Hmm, sei como é. Ei, acho que seu pai e seu irmão já me viram antes. E a Alicia disse uma coisa muito estranha quando a gente estava indo embora.

— Eu vi você com o papai e o Mark uma vez. E a Alicia com certeza te viu no porão um dia quando tinha 12 anos.

— Isso vai dar problema?

— Não, porque a explicação é estranha demais para alguém acreditar. — Nós dois rimos, e a tensão que veio no carro conosco até Chicago desaparece. O tráfego começa a acelerar. Logo Clare para em frente ao meu prédio. Pego minha mochila na mala e olho Clare indo embora, descendo a Dearborn, e sinto um aperto na garganta. Horas depois, identifico o que estou sentindo como solidão, e o Natal termina oficialmente por mais um ano.

[6] "Sonho com um Natal branco", primeiro verso da canção "White Christmas", de 1940, composta por Irving Berlin e celebrizada na voz de Bing Crosby. (N. da T.)

[7] Citação à primeira estrofe do poema "To His Coy Mistress", de Andrew Marvell. (N. da T.)

[8] Personagem de uma série infantojuvenil de mistério. (N. da T.)

[9] Cantora importante do cenário punk de Nova York dos anos 70 e 80. (N. da T.)

[10] Pioneiro do punk americano, vocalista da banda Richard Hell & The Voidoids. (N. da T.)

OceanofPDF.com

LAR É QUALQUER LUGAR ONDE SE DESCANSA A CABEÇA



Sábado, 9 de maio de 1992 (Henry tem 28 anos)

HENRY: Decidi que a melhor estratégia é simplesmente perguntar na lata; ele diz ou sim ou não. Tomo o trem na estação Ravenswood para o apartamento de papai, o lar da minha juventude. Ultimamente não venho muito aqui; papai quase nunca me convida e não sou de aparecer sem avisar, como estou para fazer. Mas o que ele espera se não atende ao telefone? Salto na Western e pego a Lawrence, sentido oeste. O prédio de dois andares é na Virginia; a varanda dos fundos dá para o rio Chicago. Enquanto estou parado no hall catando a chave, a sra. Kim aparece na porta da casa dela e faz um gesto furtivo para que eu entre. Levo um susto: Kimy costuma ser muito calorosa, efusiva e afetuosa, e, embora saiba tudo o que há para saber sobre nós, nunca se mete. Bem, quase nunca. Na verdade, ela se envolve bastante em nossas vidas, mas gostamos disso. Sinto que está muito preocupada.

— Quer uma Coca? — Já vai marchando rumo à cozinha.

— Claro. — Pouso a mochila ao lado da porta de entrada e sigo Kimy. Na cozinha, ela puxa a alavanca de metal de uma fôrma de gelo das antigas. Sempre fico admirado com a força de Kimy. Ela deve ter setenta anos e, para mim, está igualzinha ao que era quando eu era pequeno. Passei muito tempo ali, ajudando a fazer o jantar para o sr. Kim (que morreu há cinco anos), lendo, fazendo dever de casa e vendo televisão. Sento à mesa da cozinha e ela põe na minha frente um copo de Coca com gelo até a borda. Ela já tomou meia xícara de café solúvel em uma caneca com beija-flores pintados na borda. Lembro da primeira vez que me deixou tomar café numa dessas xícaras; eu tinha 13 anos. Tive a sensação de ser gente grande.

— Há quanto tempo, amigo.

Ai.

— Eu sei. Sinto muito... o tempo anda passando meio rápido, ultimamente.

Ela me avalia. Kimy tem olhos pretos penetrantes, que parecem ver minha alma. Seu achatado rosto coreano esconde toda a emoção quando ela

não quer que você veja. Ela é uma tremenda jogadora de *bridge.*

— Você tem viajado no tempo?

— Não. Aliás, há meses não vou a lugar nenhum. Tem sido ótimo.

— Arrumou uma namorada?

Dou um sorriso forçado.

— Ah-ah. Tudo bem, já entendi. Como ela se chama? Por que você não trouxe sua namorada aqui?

— Ela se chama Clare. Já sugeri que ela viesse aqui várias vezes e ele sempre recusa.

— Você não sugeriu para *mim.* Você vem aqui, o Richard acaba vindo também. Vamos comer pato com amêndoas.

Como sempre, estou impressionado com a minha burrice. A sra. Kim sabe perfeitamente como resolver qualquer dificuldade social. Meu pai não se importa de ser um babaca comigo, mas sempre fará um esforço pela sra. Kim; como, aliás, não é mais que sua obrigação, já que ela praticamente criou o filho dele e não deve estar cobrando um aluguel de mercado do meu pai.

— Você é um gênio.

— Sou, sim. Por que não recebo um prêmio Nobel, sabe me dizer?

— Sei lá. Vai ver que você não está saindo de casa o bastante. Acho que o pessoal do Nobel não frequenta o Bingo World.

— Não, eles já têm dinheiro suficiente. Então, quando vai se casar?

A Coca sobe pelo meu nariz, de tanto que rio. Kimy se levanta bruscamente e começa a bater nas minhas costas. Fico calmo, e ela volta para sua cadeira, rabugenta.

— Qual é a graça? Só estou perguntando. Tenho que perguntar, né?

— Não, não é isso... Quer dizer, não estou rindo porque é ridículo, estou rindo porque você leu o meu pensamento. Eu vim aqui pedir ao papai para me deixar ficar com os anéis da mamãe.

— Ihhhhh. Garoto, eu não sei, não. Uau, você vai se casar. Ei! Que maravilha! Ela vai dizer sim?

— Acho que vai. Tenho 99 por cento de certeza.

— Isso é muito bom. Mas, em relação aos anéis da sua mãe, eu não sei. Olhe, o que eu quero te contar... — ela olha para o teto — seu pai, ele não está muito bem. Grita muito, atira coisas e não ensaia.

— Ah. Bom, isso não chega a ser surpresa. Mas não é bom. Você tem ido lá, recentemente?

Kimy em geral vai muito ao apartamento do papai. Acho que chega a fazer faxina sem que ele note. Já vi Kimy passando as camisas de *smoking* de papai audaciosamente, como se me desafiasse a dizer algo.

— Ele não me deixa entrar!

Ela está quase chorando. Isso é muito ruim. Meu pai certamente tem seus problemas, mas é monstruoso da parte dele deixar que afetem Kimy.

— Mas e quando ele não está em casa?

Em geral, finjo não saber que Kimy entra e sai do apartamento de papai sem o conhecimento dele; ela finge que nunca faria uma coisa dessas. Mas, na verdade, sou grato, agora que não moro mais lá. Alguém tem que ficar de olho nele.

Ela fica com uma cara culpada e esperta, ligeiramente assustada por eu ter falado isso.

— Tudo bem. Sim. Entrei *uma vez*, porque me preocupo com ele. Tem lixo por todo lado; vai dar barata se ele continuar assim. Na geladeira não tem nada a não ser cerveja e limão. Tem tanta roupa em cima da cama que acho que ele não dorme nela. Não sei o que ele faz. Nunca vi seu pai tão mal desde que sua mãe morreu.

— Caramba. O que acha? — Dá para ouvir um grande estrondo lá em cima, o que quer dizer que papai deixou cair alguma coisa no chão da cozinha. Ele deve estar acabando de se levantar. — Acho melhor eu subir lá.

— É — Kimy fica melancólica. — Seu pai é um cara tão bacana. Não sei por que deixa isso ficar assim.

— Ele é alcoólatra. É o que os alcoólatras fazem. Está na descrição de cargo deles: se arruinar, e aí continuar se arruinando.

Ela aponta seu olhar arrasador em minha direção.

— Por falar em cargo...

— Sim? — Ah, merda.

— Acho que ele não anda trabalhando.

— É que agora é a baixa temporada. Ele não trabalha em maio.

— Eles estão em turnê pela Europa e ele está aqui. E não paga o aluguel há dois meses.

Droga, droga, droga.

— Kimy, por que você não me ligou? Isso é um horror. Caramba. — Levanto e vou até o corredor. Pego minha mochila e volto para a cozinha. Reviro e acho o talão de cheques.

— Quanto ele te deve?

A sra. Kim está completamente sem jeito.

— Não, Henry, não... ele vai pagar.

— Depois ele pode acertar comigo. Vamos, amiga, está tudo bem. Desembuche, agora. Quanto é?

Ela olha para mim.

— $1.200,00 — diz num fio de voz.

— Só isso? O que está fazendo, amiga, dirigindo a Sociedade Filantrópica de Apoio a DeTambles Rabugentos? — Faço o cheque e coloco embaixo do pires. — É melhor depositar, senão venho aqui atrás de você.

— Então não vou depositar e você vai ter que vir me visitar.

— Venho te visitar de qualquer maneira. — Estou me sentindo muito culpado. — Vou trazer a Clare.

Kimy sorri radiante para mim.

— Espero que sim. Vou ser sua dama de honra, certo?

— Se o papai não tomar jeito, você pode me entregar à noiva. Aliás, é uma boa ideia: você pode entrar na igreja de braço dado comigo, e Clare vai estar esperando vestida com o smoking dela, e o organista estará tocando *Lohengrin*...

— É melhor eu comprar um vestido.

— Epa! Não compre nenhum vestido até eu te dizer que é negócio fechado. — Suspiro. — Acho melhor eu ir lá em cima falar com ele.

Levanto. Sinto-me enorme na cozinha da sra. Kim, como se estivesse visitando a escola onde fiz o primeiro grau e ficado admirado com o tamanho das carteiras. Ela se levanta devagar e me acompanha até a porta da frente. Dou um abraço nela. Por um momento, parece frágil e perdida. Eu fico imaginando sua vida, com dias cada vez mais curtos de faxina, jardinagem e jogo de *bridge*, mas aí me batem de novo as minhas próprias preocupações. Voltarei logo. Não posso passar a vida inteira me escondendo na cama com Clare. Kimy me olha abrir a porta do apartamento do papai.

— Ei, papai? Você está em casa?

Há uma pausa, e aí:

— VÁ EMBORA.

Subo a escada, e a sra. Kim bate a porta dela.

A primeira coisa que me impressiona é o cheiro; há alguma coisa apodrecendo ali dentro. A sala está destruída. Cadê todos os livros? Meus

pais tinham toneladas de livros, de música, história, romances, em francês, alemão, italiano: onde estão? Até a coleção de discos e CDs parece menor. Há papéis por todo lado, correspondência de propaganda, jornais e partituras pelo chão todo. O piano de minha mãe está coberto de poeira e há um vaso de gladíolos mortos praticamente mumificados no parapeito da janela. Passo pelo corredor, olhando os quartos. Caos total: roupas, lixo e mais jornais. No banheiro, há uma garrafa de Michelob debaixo da pia e manchas de cerveja na cerâmica.

Na cozinha, meu pai está sentado à mesa de costas para mim, olhando pela janela para o rio. Ele não se vira quando entro. Não olha para mim quando me sento. Mas também não se levanta e sai, então tomo isso como um sinal de que a conversa pode prosseguir.

— Oi, papai.

Silêncio.

— Acabei de ver a sra. Kim. Ela diz que você não está muito bem.

Silêncio.

— Soube que não está trabalhando.

— Estamos em maio.

— Por que não está em turnê?

Ele afinal me olha. Há medo por baixo da teimosia.

— Estou de licença médica.

— Desde quando?

— Março.

— Licença médica remunerada?

Silêncio.

— Você está doente? Qual é o problema?

Acho que ele vai me ignorar solenemente, mas aí responde estendendo as mãos. Elas tremem como se estivessem em seu próprio terremotozinho. Enfim, ele conseguiu. Vinte e três anos de bebedeira constante, e ele acabou com sua capacidade de tocar violino.

— Ah, papai. Ah, meu Deus. O que o Stan disse?

— Ele diz que acabou. Os nervos estão destruídos e não se regeneram.

— Nossa. — Ficamos nos olhando por um minuto insuportável. A cara dele está angustiada, e começo a entender: ele não tem nada. Não sobrou nada para segurá-lo, para mantê-lo, para ser sua vida. Primeiro mamãe, depois a música dele; as duas foram embora. Eu nunca tive muita

importância para início de conversa, então minha tentativa atrasada de ajuda não terá consequência. — E agora, o que acontece?

Silêncio. Agora não acontece nada.

— Você não pode se limitar a passar os próximos vinte anos aqui bebendo.

Ele olha para a mesa.

— E a sua pensão? Aposentadoria por invalidez? Auxílio-saúde para a terceira idade? AA?

Ele não fez nada, deixou tudo ao deus-dará. Onde estive?

— Paguei seu aluguel.

— Ah. — Ele está confuso. — Eu não paguei?

— Não. Devia dois meses. A sra. Kim estava muito constrangida. Ela não queria me contar e não queria que eu desse o dinheiro, mas não tem sentido passar os seus problemas para ela.

— Coitada da sra. Kim.

Lágrimas escorrem pela cara de meu pai. Ele está velho. Não dá para dizer de outro jeito. Ele tem 57 anos e é um velho. Não estou irritado, agora. Estou com pena e assustado por ele.

— Papai. — Ele está me olhando de novo. — Olhe. Você tem que me deixar fazer algumas coisas para você, está bem? — Ele olha, desvia a vista, tornando a olhar pela janela para as árvores bem mais interessantes do outro lado da água. — Você precisa me deixar ver os documentos da sua pensão, seus extratos bancários e tudo isso. Precisa deixar a sra. Kim e eu darmos uma faxina nesta casa. E precisa parar de beber.

— Não.

— Não, o quê? Tudo ou só uma parte disso?

Silêncio. Começo a perder a paciência; então decido mudar de assunto.

— Papai. Vou me casar.

Agora, tenho a atenção dele.

— Com quem? Quem se casaria com você?

Ele diz isso, acho eu, sem maldade. Está curioso mesmo. Pego a carteira e tiro uma foto de Clare do bolso de plástico. Na foto, Clare olha calmamente para a Lighthouse Beach. Seu cabelo se mexe como uma bandeira ao vento e, na luz do início da manhã, ela parece brilhar contra um fundo de árvores escuras. Papai pega a foto e examina com cuidado.

— O nome dela é Clare Abshire. Ela é artista.

— É. Ela é bonita — diz ele, rabugento. Isso é o mais próximo que chegarei de uma bênção do meu pai.

— Eu gostaria... Eu gostaria muito de dar para a Clare o anel e os brincos de casamento da mamãe. Acho que a mamãe gostaria disso.

— Como sabe? Provavelmente você mal se lembra dela.

Não quero começar uma discussão, mas, de repente, me sinto determinado a conseguir o que quero.

— Eu vejo a mamãe regularmente. Já vi centenas de vezes desde que ela morreu. Vi andando sozinha pela vizinhança, ou com você, ou comigo. Ela vai ao parque e aprende partituras, faz compras, toma café com a Mara no Tia's, sai com o tio Ish e passa na Julliard. *Ouço a mamãe cantar!* — Ele me olha de queixo caído. Estou destruindo meu pai, mas não consigo parar. — Falei com ela uma vez. Uma vez, estive ao seu lado num trem lotado e toquei nela. — Papai chora. — Nem sempre é uma maldição, tá certo? Às vezes, viajar no tempo é ótimo. Eu *precisava* ver a mamãe, e às vezes *consigo* fazer isso. Ela iria *adorar* Clare, iria *querer* que eu fosse feliz, e iria *deplorar* a maneira como você ferrou tudo só porque ela morreu.

Ele se senta à mesa da cozinha e chora. Chora, sem tapar o rosto, mas simplesmente abaixando a cabeça e deixando as lágrimas rolarem. Olho para ele por algum tempo para pagar o preço do meu descontrole. Então vou ao banheiro e volto com o rolo de papel higiênico. Ele pega um pouco às cegas e assoa o nariz. Então ficamos ali sentados um pouco.

— Por que não me contou?

— O quê?

— Por que não me contou que conseguia ver sua mãe? Eu teria gostado... de saber disso.

Por que não contei para ele? Porque qualquer pai normal teria sacado que o estranho que rondava o início de sua vida de casado era na verdade seu filho anormal e viajante no tempo. Porque eu tinha medo de contar: porque ele me odiava por eu ter sobrevivido. Porque eu podia, no íntimo, me sentir superior a ele por algo que ele via como um defeito. Razões mesquinhas assim.

— Porque achei que isso magoaria você.

— Ah, não. Não... me magoa. Eu... é bom saber que ela está lá, em algum lugar. Quer dizer... o pior é que ela morreu. Então é bom que ela esteja lá. Mesmo que eu não possa vê-la.

— Ela parece feliz, em geral.

— É, ela era muito feliz... nós éramos felizes.

— É. Você parecia uma pessoa diferente. Sempre imaginei como seria crescer com você do jeito que você era naquela época.

Ele se levanta, devagar. Continuo sentado, ele vai andando trôpego pelo corredor e entra no quarto. Ouço papai fuçando as coisas, depois ele volta devagar com um saquinho de cetim. Enfia a mão lá dentro e tira uma caixa de joias azul-escura. Abre e tira os dois delicados anéis. Eles parecem sementes em sua mão comprida e trêmula. Papai põe a mão esquerda sobre a direita, que segura os anéis, e fica assim algum tempo, como se os anéis fossem vaga-lumes presos ali dentro. Seus olhos estão fechados. Então ele abre os olhos e estende a mão direita; junto as mãos em concha, e ele vira os anéis em minhas palmas à espera.

O anel de noivado é uma esmeralda, e transforma em verde e branco a luz fraca da janela. Os anéis são de prata e precisam ser limpos. Precisam ser usados, e conheço exatamente a moça para isso.

OceanofPDF.com

ANIVERSÁRIO



Domingo, 24 de maio de 1992 (Clare tem 21 anos, Henry, 28)

CLARE: Hoje faço 21 anos. Está uma noite de verão perfeita. Estou no apartamento de Henry, na cama de Henry, lendo *A Pedra da Lua*. Henry está na minúscula quitinete fazendo o jantar. Enquanto visto seu roupão e vou para o banheiro, ouço Henry xingar o liquidificador. Faço tudo com calma, lavo o cabelo, embaço os espelhos. Penso em cortar o cabelo. Como seria bom lavar o cabelo, passar um pente rápido, e zás!, tudo certo, pronta para agitar. Suspiro. Henry ama meu cabelo quase como se fosse uma criatura em si, como se o cabelo tivesse vida própria, como se pudesse retribuir seu amor. Sei que ele ama meu cabelo como parte de mim, mas também sei que ele ficaria profundamente contrariado se eu cortasse. E eu também sentiria falta dele... só que é tanto esforço, às vezes tenho vontade de tirar o cabelo como uma peruca e sair para me divertir. Penteio cuidadosamente, desembaraçando as pontas. Meu cabelo fica pesado quando molhado. Repuxa o meu couro cabeludo. Abro bem a porta do banheiro para dissipar o vapor. Henry está cantando alguma coisa de *Carmina Burana*; soa estranho e desafinado. Saio do banheiro, e ele está pondo a mesa.

— Bem na hora. O jantar está servido.

— Só um minuto, deixe eu me vestir.

— Você está bem assim. Sério.

Henry contorna a mesa, abre o roupão e passa as mãos de leve pelos meus seios.

— Mmm. O jantar vai esfriar.

— O jantar *é* frio. Quero dizer: é para ser frio.

— Ah... Bom, vamos comer.

De repente me sinto exausta e fico de mau humor.

— Tudo bem. — Henry me larga sem comentário. Volta a pôr os talheres na mesa. Observo Henry por um minuto, então cato minhas roupas pelo chão e me visto. Sento à mesa; Henry traz dois pratos de sopa, branca e grossa. — *Vichyssoise*. Esta é a receita da minha avó.

Provo. Está perfeita, suave e fria. O próximo prato é salmão, com aspargos compridos em azeite e marinada de alecrim. Abro a boca para falar algo simpático sobre a comida, mas, em vez disso, digo:

— Henry, as outras pessoas fazem tanto sexo quanto a gente?

Henry reflete.

— A maioria... não, imagino que não. Só gente que não se conhece há muito tempo e ainda assim não consegue acreditar na sorte que tem, acho eu. É demais?

— Não sei. Pode ser. — Falo isso olhando para o prato. É incrível eu falar isso; passei a adolescência inteira implorando para Henry me comer e agora estou dizendo para ele que é demais. Henry está imóvel.

— Clare, sinto muito. Eu não percebi; eu não pensei.

Levanto os olhos; Henry parece chocado. Caio na gargalhada. Henry sorri, meio culpado, mas seus olhos brilham.

— É só... sabe, tem dias em que não consigo sentar.

— Bom... você só tem que falar. Dizer “hoje não, querido, já fizemos 23 vezes e eu gostaria de ler *A Casa Soturna*”.

— E você mansamente tira o time de campo?

— Eu tirei, agorinha mesmo, não? Isso foi bastante manso.

— É. Mas aí me senti culpada.

Henry ri.

— Aí você não vai contar com a minha ajuda. Pode ser minha última esperança: dia após dia, semana após semana, eu vou definhando, sedento por um beijo, murchando com o desejo de um boquete. Depois de algum tempo, você vai erguer os olhos do livro e perceber que vou de fato morrer aos seus pés se você não trepar comigo imediatamente, mas não vou dizer uma palavra. Quem sabe, uns gemidozinhos.

— Mas... sei lá, sabe, estou exausta, e você parece... bem. Eu sou anormal, ou algo assim?

Henry inclina o corpo sobre a mesa e estende as mãos. Coloco a minha na dele.

— Clare.

— Sim?

— Pode ser indelicado mencionar isso, mas me desculpe pelo que vou dizer: seu tesão é de longe muito superior ao de *quase* todas as mulheres com quem saí. A maioria delas já teria pedido arrego e desligado suas secretárias eletrônicas há meses. Mas eu deveria ter imaginado... É que você

sempre pareceu gostar da coisa. Mas se for demais, ou se você não estiver a fim, precisa dizer, porque do contrário vou ficar pisando em ovos, imaginando se sobrecarrego você com minhas vontades repugnantes.

— Mas quanto é sexo até dizer chega?

— Para mim? Ah, meu Deus. Meu ideal de vida seria a gente ficar o tempo inteiro na cama, só isso. A gente podia fazer amor mais ou menos sem parar, e só levantar para abastecer o quarto, sabe, comprar água fresca e frutas para prevenir o escorbuto, e uma vez ou outra ir ao banheiro para fazer a barba antes de pular na cama de novo. E de vez em quando a gente podia trocar a roupa de cama. E ir ao cinema para evitar ficar com a pele toda ferida. E correr. Mesmo assim, eu ainda teria que correr todos os dias de manhã.

Correr é uma religião para Henry.

— Por que correr? Já que, de qualquer forma, você vai fazer muito exercício?

De repente, ele fica sério.

— Porque frequentemente minha vida depende de correr mais do que o meu perseguidor, quem quer que seja ele.

— Ah. — Agora é minha vez de ficar sem jeito, porque eu já sabia disso. — Mas... como vou dizer?... parece que você nunca vai a lugar nenhum... isto é, desde que te conheci no presente, você quase não viajou no tempo. Viajou?

— Sim, no Natal, você viu. E por volta do Dia de Ação de Graças. Você estava em Michigan, e não te contei porque foi deprimente.

— Você estava vendo o acidente?

Henry olha para mim.

— Na verdade, estava. Como sabe?

— Uns anos atrás, você apareceu em Meadowlark na véspera de Natal e me contou a respeito. Estava muito perturbado.

— É. Eu me lembro de ter ficado triste só de ver aquela data na Lista, pensando, nossa, vou encarar um Natal extra. Além do mais, aquele foi um Natal ruim no tempo normal; acabei em coma alcoólico e tive que fazer uma lavagem estomacal. Espero não ter estragado o seu.

— Não... Eu estava feliz de ver você. E você me contou algo que era importante, pessoal, embora tivesse o cuidado de não dizer nenhum nome ou lugar. Ainda era sua vida real, e eu estava doida por algo que me ajudasse a acreditar que você existia mesmo e não era alguma psicose

minha. Por isso também eu vivia tocando em você. — Rio. — Nunca me dei conta de como eu estava dificultando as coisas para você. Eu fiz tudo o que me dava na telha, e você era o mais controlado possível. Devia estar *morrendo.*

— Por exemplo?

— O que tem de sobremesa?

Obediente, Henry se levanta e traz a sobremesa. É sorvete de manga com framboesas. Tem uma velinha espetada num canto; Henry canta *Parabéns* e eu rio porque ele é muito desafinado; faço um pedido e sopro a vela. O sorvete é uma delícia; estou muito alegre e procuro na memória um episódio especialmente importante em que eu tenha provocado Henry.

— Tudo bem. Este foi o pior. Quando eu tinha 16 anos, estava esperando você tarde da noite. Eram umas 11 horas, e era lua nova, de modo que estava bem escuro na clareira. E eu estava meio irritada com você, porque você me tratava decididamente feito... criança ou um colega ou sei lá... e eu estava *doida* para perder a virgindade. De repente, tive a ideia de esconder suas roupas...

— Ah, não.

— Sim. Então, troquei as roupas de lugar...

Tenho um pouco de vergonha dessa história, mas agora é tarde demais.

— E?

— E você apareceu, e basicamente eu te provoquei até você não aguentar mais.

— E?

— E você pulou por cima de mim e me imobilizou no chão, e, durante uns trinta segundos, ambos pensamos: “É agora.” E nem teria sido estupro porque eu estava pedindo mesmo. Mas você ficou com uma cara, disse “Não”, levantou e foi embora. Atravessou o Campo para entrar na mata e passei três semanas sem ver você.

— Uau. Esse aí é um homem melhor que eu.

— Fiquei tão abatida com a coisa toda que, nos dois anos seguintes, fiz um esforço enorme para me comportar.

— Graças a Deus. Não posso imaginar ter que usar tanta força de vontade regularmente.

— Ah, mas você vai, isso é que é incrível. Passei muito tempo de fato achando que você não tinha atração por mim. Claro, se vamos passar a vida

inteira na cama, imagino que você possa se controlar um pouco em seus passeios no meu passado.

— Sabe, eu não estou brincando sobre querer tanto sexo. Eu sei, não é uma coisa sensata. Mas ando querendo te contar: me sinto muito diferente. Eu só... me sinto muito ligado a você. E acho que isso me segura aqui, no presente. Ter uma ligação física como a nossa meio que refaz os circuitos do meu cérebro. — Henry afaga minha mão com as pontas dos dedos. Ergue os olhos. — Tenho uma coisa para você. Venha sentar aqui.

Levanto e vou atrás dele para a sala. Ele transformou a cama em sofá, e eu me sento. O sol está se pondo e uma luz rosa e alaranjada invade a sala. Henry abre a escrivaninha, enfia a mão num escaninho e tira um saquinho de cetim. Senta um pouquinho afastado de mim; nossos joelhos se tocam. *Ele deve conseguir ouvir meu coração batendo*, penso. *Chegou a hora*, penso. Henry pega minhas mãos e me olha com seriedade. *Esperei tanto por isso e agora que aconteceu estou com medo.*

— Clare?

— Sim?

Minha voz está baixa e assustada.

— Você sabe que eu te amo. Quer casar comigo?

— Sim... Henry. — Tenho uma sensação de *déjà-vu* avassaladora. — Mas você sabe, na verdade... eu já casei.

Domingo, 31 de maio de 1992 (Clare tem 21 anos, Henry, 28)

CLARE: Henry e eu estamos na entrada do prédio onde ele cresceu. Já estamos um pouco atrasados, mas ficamos simplesmente ali parados; Henry está encostado nas caixas de correio respirando devagar de olhos fechados.

— Não se preocupe — digo. — Não pode ser pior do que quando você conheceu mamãe.

— Seus pais foram muito simpáticos comigo.

— Mas mamãe é... imprevisível.

— Papai também.

Henry enfia a chave na fechadura da porta da frente e subimos a pé um lance de escadas. Henry bate à porta do apartamento, que é imediatamente aberta por uma velhinha coreana miúda: Kimy. Ela usa um vestido de seda azul e batom vermelho vivo, e suas sobrancelhas foram desenhadas meio tortas. Ela bate no meu ombro. Seu cabelo é grisalho; está trançado e

enrolado em dois coques nas orelhas. Não sei por que, me lembra a Ruth Gordon. Ela inclina a cabeça para trás e diz:

— Ahhh, Henry, ela é liiinn-da! — Sinto que estou ficando vermelha. Henry diz:

— Kimy, cadê seus modos? — e Kimy ri e diz:

— Oi, srta. Clare Abshire! — e eu digo:

— Oi, sra. Kim. — Sorrimos uma para a outra e ela fala:

— Ah, você pode me chamar de Kimy, todo mundo me chama de Kimy. — Faço que sim com a cabeça e vou atrás dela para a sala, e lá está o pai de Henry, sentado numa poltrona.

Ele não dá uma palavra, só me olha. O pai de Henry é magro, alto, tem um rosto anguloso e cansado. Não se parece muito com Henry. Tem cabelo curto e grisalho, olhos escuros, um nariz comprido e uma boca fina com os cantos meio virados para baixo. Está sentado todo curvado, e reparo em suas mãos, mãos longas e elegantes apoiadas em seu colo como um gato cochilando.

Henry tosse e diz:

— Papai, esta é Clare Abshire. Clare, este é meu pai, Richard DeTamble.

O sr. DeTamble estende lentamente uma das mãos, e eu me adianto para dar a minha. É gelada.

— Oi, sr. DeTamble. Prazer em conhecê-lo — digo.

— É? Henry não deve ter te contado muita coisa a meu respeito, então. — Sua voz é rouca e bem-humorada. — Vou me aproveitar do seu otimismo. Venha sentar ao meu lado. Kimy, a gente pode ter alguma coisa para beber?

— Eu já ia perguntar a todo mundo... Clare, o que quer? Fiz uma sangria, você gosta? Henry, e você? Sangria? Tudo bem. Richard, quer uma cerveja?

Todo mundo parece parar um instante. Então o sr. DeTamble diz:

— Não, Kimy, acho que vou tomar chá, se você não se importar de fazer.

Kimy sorri e vai para a cozinha, e o sr. DeTamble se vira para mim e diz:

— Estou meio resfriado. Já tomei aquele remédio para gripe, mas acho que ele só me deixa sonolento.

Henry está sentado no sofá, nos olhando. Toda a mobília é branca e tem cara de ter sido comprada na JCPenney por volta de 1945. O estofado está protegido com plástico transparente, e há passadeiras de vinil sobre o tapete branco. Há uma lareira que parece nunca ter sido usada; acima dela, há um belo nanquim de um bambu ao vento.

— É um quadro maravilhoso — digo, porque ninguém fala nada.

O sr. DeTamble parece satisfeito.

— Gosta? Annette e eu trouxemos do Japão em 1962. Compramos em Kyoto, mas o original é da China. Achamos que Kimy e Dong gostariam. É uma cópia do século XVII de uma pintura muito mais antiga.

— Conte para a Clare sobre o poema — diz Henry.

— Sim; o poema diz o seguinte: “Bambu sem espírito, mas eleva o pensamento até as nuvens. Fincado na montanha solitária, silencioso, digno, simboliza a vontade de um cavalheiro.... Pintado e escrito com um coração leve, Wu Chen.”

— É lindo — digo.

Kimy entra com bebidas numa bandeja, e Henry e eu pegamos um copo de sangria cada um, enquanto o sr. DeTamble cuidadosamente pega o seu chá com ambas as mãos; a xícara chacoalha no pires quando ele coloca na mesa ao seu lado. Kimy senta numa poltrona pequena ao lado da lareira, bebendo sua sangria em pequenos goles. Provo a minha e vejo que está muito forte. Henry me olha e ergue as sobrancelhas.

Kimy diz:

— Gosta de jardim, Clare?

— Ééé... gosto — digo. — Minha mãe é jardineira.

— Você tem que ir lá fora antes do jantar ver o jardim. Todas as minhas peônias estão em flor, e temos que te mostrar o rio.

— Deve ser lindo.

Vamos em grupo para o jardim. Admiro o rio Chicago, correndo placidamente no pé de uma escada precária; admiro as peônias. Kimy pergunta:

— Que tipo de jardim sua mãe tem? Ela planta rosas?

Kimy tem um roseiral mínimo mas bem ordenado, todas rosas-chá híbridas ao que parece.

— Ela tem um roseiral, sim. Na verdade, a verdadeira paixão de mamãe são as íris.

— Ah, eu tenho umas íris. Estão ali. — Kimy aponta para um arranjo de flores. — Quero repartir as íris, acha que sua mãe gostaria de algumas mudas?

— Não sei. Posso perguntar. — Mamãe tem mais de duzentas variedades de íris. Pego Henry sorrindo por trás de Kimy e faço cara feia para ele. —

Eu podia perguntar se ela quer trocar por algumas íris dela. Mamãe tem umas que ela mesma cultivou, e gosta de oferecer aos amigos.

— Sua mãe cultiva íris? — pergunta o sr. DeTamble.

— A-hã. Também cultiva tulipas, mas as íris são as preferidas dela.

— Ela é jardineira profissional?

— Não — digo. — É só amadora. Tem um jardineiro que faz quase todo o trabalho e tem um monte de gente que vem cortar grama, tirar mato e isso tudo.

— Deve ser um jardim grande — diz Kimy. Ela segue à nossa frente de volta para o apartamento. Na cozinha, um contador de minutos dispara. — Tudo bem — diz Kimy. — Está na hora de comer. — Pergunto se posso ajudar, mas Kimy faz sinal para eu me sentar numa cadeira. Sento em frente a Henry. O pai dele está à minha direita e a cadeira vazia para Kimy está à minha esquerda. Reparo que o sr. DeTamble está de suéter, embora esteja bastante quente aqui. Kimy tem uma louça muito bonita, com beija-flores pintados em volta. Cada um de nós tem um copo suado de água gelada. Kimy serve vinho branco para a gente. Ela hesita diante do copo do pai de Henry, mas passa direto quando ele faz que não com a cabeça. O sr. DeTamble ergue seu copo d'água.

— Ao feliz casal — diz.

— Feliz casal — diz Kimy, e todos tocamos nossos copos e bebemos. Kimy fala: — Então, Clare, Henry diz que você é artista. Que tipo de artista?

— Faço papel. Esculturas de papel.

— Ahh. Você tem que me mostrar uma hora, porque não conheço esse ramo. Feito origami?

— Ih, não.

Henry intervém.

— Parecem as obras daquele artista alemão que vimos no Art Institute, sabe, Anselm Kiefer. Esculturas de papel grandes, sombrias e assustadoras.

Kimy parece intrigada.

— Por que uma moça bonita como você faria coisas feias assim?

Henry ri.

— É arte, Kimy. Além do mais, as obras são lindas.

— Uso muitas flores — digo a Kimy. — Se me der suas rosas mortas, coloco na peça em que estou trabalhando agora.

— Tudo bem — diz ela. — O que é?

— Um corvo gigante feito de rosas, cabelo e fibra de hemerocale.

— Hum. Como assim um corvo? Corvo dá azar.

— É? Acho os corvos muito lindos.

O sr. DeTamble ergue uma sobrancelha e, justo por um segundo, fica parecido com Henry.

— Você tem um conceito de beleza esquisito — diz ele.

Kimy se levanta, troca os nossos pratos de salada por uma tigela de feijões verdes e um prato fumegante de pato assado com molho de pimenta rosa e framboesa. Está divino. Vejo onde Henry aprendeu a cozinhar.

— O que acham? — pergunta Kimy.

— Está delicioso — diz o sr. DeTamble, e repito seu elogio.

— Quem sabe reduzir o açúcar? — indaga Henry.

— É, também acho — diz Kimy.

— Mas está muito macio — diz Henry, e Kimy ri. Estico a mão para pegar meu copo de vinho. O sr. DeTamble balança a cabeça positivamente para mim e diz:

— O anel da Annette fica bem em você.

— É muito bonito. Obrigada por me deixar ficar com ele.

— Tem muita história nesse anel, e na aliança que vem com ele. Foi feito em Paris em 1823 para minha tataravó, que se chamava Jeanne. Veio para os Estados Unidos em 1920 com minha avó, Yvette, e está guardado na gaveta desde 1969, quando Annette morreu. É bom ver o anel de novo na luz do dia.

Olho para ele em meu dedo e penso: *A mãe de Henry estava usando esse anel quando morreu.* Olho para Henry, que parece estar pensando a mesma coisa, e para o sr. DeTamble, que está comendo o seu pato.

— Me conte de Annette — peço ao sr. DeTamble.

Ele pousa o garfo, apoia os cotovelos na mesa e põe as mãos na testa. Olha para mim de trás das mãos.

— Tenho certeza de que Henry deve ter te contado alguma coisa.

— É. Um pouco. Como meus pais são fãs dela, eu cresci ouvindo seus discos.

O sr. DeTamble sorri.

— Ah. Bom, você sabe que a Annette tinha a voz mais maravilhosa... rica, pura, uma voz e uma extensão... ela conseguia expressar a alma com aquela voz, sempre que ouvia a Annette, eu sentia que minha vida significava mais do que mera biologia... ela sabia realmente ouvir, entendia

a estrutura e sabia analisar exatamente o que havia numa música e a forma de passar isso... a Annette era uma pessoa muito sensível. Ela despertava a sensibilidade nos outros. Depois que ela morreu, acho que nunca mais senti realmente nada.

Ele faz uma pausa. Não consigo olhar para o sr. DeTamble, então olho para Henry. Ele encara seu pai com uma expressão de tamanha tristeza que olho para o meu prato.

O sr. DeTamble diz:

— Mas você perguntou sobre a Annette, não sobre mim. Ela tinha bom coração e era uma grande artista; não é sempre que se encontram essas duas qualidades juntas. Annette fazia as pessoas felizes; ela mesma era feliz. Gozava a vida. Só a vi chorar duas vezes; uma, quando dei aquele anel para ela e outra quando teve o Henry.

Outra pausa. Finalmente, eu digo:

— Vocês tiveram muita sorte.

Ele sorri, ainda tapando o rosto com as mãos.

— É, tivemos e não tivemos. Uma hora, a gente tinha tudo o que podia sonhar e no minuto seguinte ela estava despedaçada na estrada. — Henry estremece.

— Mas o senhor não acha — insisto — que é melhor ser extremamente feliz por pouco tempo, mesmo que se perca essa felicidade, do que passar a vida inteira apenas bem?

O sr. DeTamble me olha. Ele tira as mãos do rosto e fica olhando. Então diz:

— Me perguntei muito sobre essa questão. Acredita nisso?

Penso em minha infância, em toda a espera e dúvida, e na alegria de ver Henry atravessando o Campo depois de semanas, meses, sem contato com ele. Penso em como foi passar dois anos sem vê-lo e encontrá-lo parado na Sala de Leitura na Biblioteca Newberry: a alegria de conseguir tocar nele, o luxo de saber onde ele está, de saber que ele me ama.

— Sim — digo. — Acredito. — Encontro os olhos de Henry e sorrio.

O sr. DeTamble balança a cabeça positivamente.

— Henry escolheu bem. — Kimy se levanta para trazer o café e, enquanto ela está na cozinha, o sr. DeTamble prossegue. — Ele não está programado para trazer paz para a vida de ninguém. Na verdade, em muitos aspectos, ele é o oposto da mãe; não merece confiança, é inconstante e nem se importa muito com qualquer pessoa que não ele próprio. Me diga, Clare:

por que cargas d’água uma moça encantadora como você vai querer casar com o Henry?

Tudo na sala parece prender o fôlego. Henry trava, mas não diz nada. Inclino meu corpo à frente e digo, sorrindo com entusiasmo para o sr. DeTamble, como se ele tivesse me perguntado que sabor de sorvete prefiro:

— Porque ele é muito, *muito* bom de cama. — Ouve-se uma gargalhada na cozinha. O sr. DeTamble olha para Henry, que ergue as sobrancelhas e dá um sorriso amarelo, e, finalmente, até o sr. DeTamble sorri, e diz:

— *Touché*, minha querida.

Mais tarde, tomamos nosso café e comemos a torta de amêndoas perfeita de Kimy. Ela me mostra as fotografias de Henry em bebê, quando já começava a andar e no último ano do segundo grau (para seu extremo embaraço). Kimy arranca mais informações sobre minha família (“Quantos quartos? Tantos assim! Ei, amigo, como não me contou que ela é bonita *e* rica?”). Depois disso tudo, ficamos parados diante da porta da frente quando agradeço a Kimy pelo jantar e dou boa-noite ao sr. DeTamble.

— Foi um prazer, Clare — diz ele. — Mas você pode me chamar de Richard.

— Obrigada... Richard.

Ele pega minha mão um instante e, apenas por esse instante, vejo o pai de Henry como Annette deve ter visto, anos atrás — e aí isso passa e ele balança a cabeça sem jeito para Henry, que dá um beijo em Kimy. Descemos a escada para a noite de verão. Parece que se passaram anos desde que entramos.

— Puxa — diz Henry. — Tudo isso foi de matar.

— Eu me saí bem?

— Bem? Você foi brilhante! Ele adorou você.

Estamos caminhando pela rua, de mãos dadas. Há uma pracinha no fim do quarteirão com balanços. Corro para eles e subo. Henry pega o que está ao meu lado, virado no outro sentido, e nos balançamos cada vez mais alto, passando um pelo outro, às vezes em sincronia e às vezes tão depressa que parece que vamos bater. Damos risadas e mais risadas. Nada jamais pode ser triste, não se pode perder ninguém, ninguém pode morrer nem estar longe: estamos aqui e agora, e nada pode estragar nossa perfeição nem roubar a alegria deste momento perfeito.

Quarta-feira, 10 de junho de 1992 (Clare tem 21 anos)

CLARE: Estou sentada sozinha numa mesinha na janela da frente do Café Peregolisi, uma respeitável espelunca com excelente café. Eu devia estar preparando um trabalho sobre *Alice no País das Maravilhas* para a matéria de História do Grotesco que estou fazendo este verão; em vez disso, estou sonhando acordada, contemplando o agito dos nativos e dos michês no início da noite da Halsted Street. Não vou muito ao bairro gay. Imagino que trabalharei mais se estiver em algum lugar onde ninguém que eu conheço pense em me procurar. Henry desapareceu. Não está em casa e não estava no trabalho hoje. Tento não me preocupar com isso. Tento manter uma atitude indiferente e descontraída. Henry pode tomar conta de si. O simples fato de eu não ter ideia de onde ele possa estar não significa que haja algo errado. Quem sabe? Talvez ele esteja comigo.

Alguém está parado do outro lado da rua, acenando. Aperto os olhos, focalizo e percebo que é a negra baixinha que estava com Ingrid naquela noite no Aragon. Celia. Aceno de volta, e ela atravessa a rua. De repente, já está na minha frente. É tão baixa que seu rosto fica no mesmo nível do meu, embora eu esteja sentada e ela em pé.

— Oi, Clare — diz Celia.

Sua voz é meiga. Quero me envolver em sua voz e ir dormir.

— Oi, Celia. Sente aí. — Ela se senta em frente a mim, e vejo que o que a deixa baixa são as pernas; sentada, ela tem um aspecto muito mais normal.

— Ouvi dizer que você ficou noiva — diz.

Levanto a mão esquerda para mostrar o anel. O garçom vem se arrastando até nós e Celia pede café turco. Ela olha para mim e me dá um sorriso dissimulado. Seus dentes são brancos, compridos e tortos. Seus olhos são grandes e suas pálpebras ficam semicerradas como se ela estivesse adormecendo. Seus rastafáris estão amontoados no alto da cabeça e decorados com espetos cor-de-rosa que combinam com seu vestido rosa brilhante.

— Você ou é corajosa ou é maluca — diz.

— É o que me dizem.

— Bom, agora você já devia saber.

Sorrio, dou de ombros e bebo o meu café, que está morno e doce demais.

Celia diz:

— Sabe onde o Henry está agora?

— Não. Sabe onde a Ingrid está agora?

— A-hã — diz Celia. — Está sentada num banco de bar no Berlim, me esperando. — Ela consulta o relógio. — Estou atrasada. — A luz da rua deixa sua pele marrom-escura azul e depois púrpura. Ela parece uma marciana glamourosa. Sorri para mim. — Henry está correndo na Broadway com a roupa com que veio ao mundo e um bando de *skinheads* na cola.

Ah, não.

O garçom traz o café de Celia e eu aponto para minha xícara. Ele enche de novo e eu acrescento uma colher de açúcar medida com cuidado e mexo. Celia mergulha direto uma colherinha meio cheia de açúcar na pequena xícara de café turco. O café é preto e grosso como melado. *Era uma vez três irmãzinhas... e elas moravam no fundo de um poço... Por que moravam no fundo de um poço?... Era um poço de melado.*

Celia está esperando que eu diga alguma coisa. *Faça um elogio enquanto pensa no que dizer. Poupa tempo.*

— É mesmo? — digo. Ah, brilhante, Clare.

— Você não parece muito preocupada. Se meu homem estivesse correndo pelado assim, eu iria ficar meio desconfiada.

— É, Henry não é exatamente uma pessoa das mais comuns.

Celia ri.

— Falou e disse, irmã. — Quanto ela sabe? Ingrid sabe? Celia se inclina para mim, toma seu café, arregala os olhos, levanta as sobrancelhas e contrai os lábios. — Você vai mesmo se *casar* com ele?

Um impulso maluco me faz dizer:

— Se não acredita, pode me ver casando. Venha ao casamento.

Celia faz que não com a cabeça.

— Eu? Sabe, o Henry não gosta nada de mim. Nem um pouco.

— É, e parece que você também não é muito fã dele.

Clare dá um sorriso forçado.

— *Agora* eu sou. Ele largou *feio* a srta. Ingrid Carmichel, e estou juntando os pedaços. — Ela torna a consultar o relógio. — Por falar nela, estou atrasada para o meu encontro. — Celia se levanta e diz: — Por que não vem?

— Ah, não obrigada.

— Vamos nessa, garota. Você e a Ingrid precisam se conhecer. Têm tanta coisa em comum. Vamos ter uma festinha de solteira.

— Em Berlim?

Celia ri.

— Não a cidade. O bar.

A risada dela é doce; parece vir do corpo de uma pessoa muito maior. Não quero que ela vá embora, mas...

— Não, acho que essa não seria muito boa ideia. — Olho para Celia. — Parece sacanagem. — O olhar dela me abraça, e penso em cobras, gatos. *Será que gatos peludos comem morcegos orelhudos?... Será que gatos peludos comem morcegos orelhudos?* — Além do mais, tenho que terminar isso.

Celia dá uma espiada em meu caderno.

— O que, isso é dever de casa? Ahh, é noite de estudo! Agora escute só sua irmã mais velha Celia, que sabe o que é melhor para menininhas de colégio... ei, você tem idade para beber?

— Tenho — digo com orgulho. — Há três semanas.

Celia se inclina para mim. Ela cheira a canela.

— Vamos, vamos, vamos. Você tem que viver um pouco antes de se estabelecer com o Sr. Bibliotecário. Vaaaaaaaaamos, Clare. Quando se der conta, você vai estar com bebês bibliotecários até o pescoço cagando regras de biblioteconomia nas fraldas.

— Eu não acho realmente...

— Então não diga nada, simplesmente venha.

Celia está guardando meus livros e consegue derrubar a leiteirinha. Começo a limpar o leite, mas Celia sai marchando do café levando os meus livros. Corro atrás dela.

— Celia, não, eu preciso desses...

Para uma pessoa de pernas curtas e salto 13, ela anda depressa.

— Ah-ah. Só devolvo se você prometer vir comigo.

— A Ingrid não vai gostar.

Estamos andando em compasso na Halstead em direção à Belmont. Não quero ver Ingrid. A primeira e última vez que a vi foi no concerto do Violent Femmes e para mim já está bom.

— Claro que vai. A Ingrid anda muito curiosa a seu respeito.

Entramos na Belmont, passamos por estúdios de tatuagem, restaurantes indianos, lojas de couro e igrejas em edifícios comerciais. Caminhamos embaixo da linha do metrô de superfície e lá está o Berlim. Não é muito atraente de fora; as janelas são pintadas de preto e ouço música de discoteca

pulsando do escuro atrás do cara magro e sardento na porta. Ele pede minha identidade, mas não a da Celia, carimba nossas mãos e permite que a gente entre no abismo.

Quando meus olhos se ajustam, percebo que a casa está lotada de mulheres. Há mulheres aglomeradas em volta do minúsculo palco assistindo a uma *stripper* desfilar de fio dental de lantejoulas e tapa-mamilos. Há mulheres rindo e flertando no bar. É Noite das Damas. Celia me puxa para uma mesa. Ingrid está sentada ali sozinha com um copo alto de um líquido azul-celeste na frente. Ela levanta o olhar e posso dizer que não está muito satisfeita de me ver. Celia dá um beijo em Ingrid e faz um gesto me indicando uma cadeira. Continuo em pé.

— Ei, gata — diz Celia a Ingrid.

— Você só pode estar de brincadeira — diz Ingrid. — Para que ela veio aqui?

As duas não tomam conhecimento de mim. Celia ainda está abraçada com meus livros.

— Tudo bem, Ingrid, ela é legal. Achei que vocês deviam se conhecer melhor, só isso.

Celia parece quase se desculpar, mas até eu vejo que está gostando do desconforto de Ingrid.

Ingrid me olha furiosa.

— Por que veio? Para se vangloriar?

Ela se recosta na cadeira e empina o queixo. Ingrid parece uma vampira loura, blazer de veludo preto e lábios vermelho sangue. Ela é deslumbrante. Me sinto como uma colegial de cidade pequena. Estendo as mãos para Celia e ela me dá meus livros.

— Fui coagida. Estou indo embora agora.

Começo a me afastar, mas Ingrid agarra meu braço.

— Espere aí... — Ela puxa minha mão esquerda com força, eu tropeço e meus livros voam. Puxo a mão de volta e Ingrid diz: — ...você está *noiva*? — e vejo que ela está olhando para o anel de Henry.

Não digo nada. Ingrid se vira para Celia.

— Você sabia, não? — Celia olha para a mesa, não diz nada. — Você trouxe essa mulher aqui para esfregar na minha cara, sua piranha.

Ela fala baixo. Mal ouço com a música que pulsa.

— Não Ing, eu só...

— Vá à merda, Celia. — Ingrid se levanta. Por um momento, seu rosto está perto do meu e imagino Henry beijando aqueles lábios vermelhos. Ingrid fica me olhando. Ela fala: — Diga a Henry que ele pode ir para o inferno. E diga a ele que vou vê-lo lá.

Ela sai com um ar furioso. Celia está sentada tapando o rosto com as mãos.

Começo a recolher os meus livros. Quando me viro para ir, Celia diz:

— Espere.

Espero.

Celia diz:

— Sinto muito, Clare.

Dou de ombros. Saio pela porta e, quando me viro, vejo que Celia está sentada sozinha na mesa, tomando a bebida azul de Ingrid com o rosto apoiado na mão. Não está me olhando.

Na rua, caminho cada vez mais depressa até chegar ao carro e rumo para casa. Vou para o meu quarto e me deito na cama. Ligo para o Henry, mas ele não está em casa. Apago a luz, mas não durmo.

OceanofPDF.com

UMA VIDA MELHOR GRAÇAS À QUÍMICA



Domingo, 5 de setembro de 1993 (Clare tem 22 anos, Henry, 30)

CLARE: Henry está lendo com atenção seu exemplar já gasto do *Manual de Referência Médica*. Não é bom sinal.

— Nunca me dei conta de que você era tão vidrado em drogas.

— Não sou vidrado em drogas. Sou alcoólatra.

— Você não é alcoólatra.

— Claro que sou.

Deito no sofá dele e ponho as pernas em seu colo. Henry pousa o livro no alto das minhas canelas e continua folheando.

— Você não bebe tanto assim.

— Eu bebia. Diminuí um pouco depois que quase me matei. Além disso, meu pai é um exemplo triste.

— O que você procura?

— Alguma coisa que eu possa tomar para o casamento. Não quero deixar você esperando no altar na frente de 400 pessoas.

— Sim. Boa ideia. — Penso na cena e sinto um arrepio. — Vamos fugir e casar em segredo.

Ele olha para mim.

— Vamos. Sou totalmente a favor.

— Meus pais me deserdariam.

— Claro que não.

— Você não anda prestando atenção. Isso é uma produção da Broadway importante. Somos só uma desculpa para meu pai receber suntuosamente e impressionar todos os seus amigos advogados. Se a gente cair fora, meus pais teriam que contratar atores profissionais para os nossos papéis.

— Vamos à Prefeitura nos casar antes. Aí, se acontecer alguma coisa, pelo menos vamos estar casados.

— Ah, mas... Eu não iria gostar disso. Seria mentir... eu me sentiria estranha. Que tal fazer isso depois, se o casamento de verdade for para o brejo?

— Tudo bem. Plano B.

Ele estende a mão e eu aperto.

— Então, você está encontrando alguma coisa?

— É, em princípio, eu queria um neuroléptico chamado Risperdal, mas ele não será comercializado antes de 1994. O segundo melhor seria Clozaril, e uma terceira escolha possível seria Haldol.

— Todos têm nome de remédio *high-tech* para tosse.

— São antipsicóticos.

— Sério?

— Sim.

— Você não é psicótico.

Henry olha para mim com uma cara horrível e arranha o vazio feito um lobisomem de cinema mudo. Aí, diz, bem seriamente:

— Num eletroencefalograma, eu tenho cérebro de esquizofrênico. Mais de um médico já insistiu que esse meu delírio de viajar no tempo é causado por esquizofrenia. Essas drogas bloqueiam os receptores de dopamina.

— Efeitos colaterais?

— Bem... distonia, acatisia, pseudoparkinsonismo. Isto é, contrações musculares involuntárias, agitação, oscilação, irrequietação, insônia, imobilidade, falta de expressão facial. E depois há discinesia tardia, descontrole crônico dos músculos faciais e agranulocitose, a destruição da capacidade do corpo de produzir as células brancas do sangue. E aí há a perda da função sexual. E o fato de que todas as drogas disponíveis no momento são um tanto sedativas.

— Você não está pensando seriamente em tomar uma dessas, está?

— Olha, já tomei Haldol antes. E Thorazine.

— E...?

— Um verdadeiro horror. Virei um zumbi. Tinha a sensação de que meu cérebro estava cheio de cola.

— Não existe mais nada?

— Valium. Librium, Xanax.

— Mamãe toma esses. Xanax e Valium.

— É, faz sentido. — Ele faz uma careta, põe de lado o *Manual de Referência Médica* e diz: — Venha cá.

A gente se ajeita no sofá até estar deitado lado a lado. É muito aconchegante.

— Não tome nada.

— Por quê?

— Você não está doente.

Henry ri.

— É por isso que eu te amo: você é incapaz de perceber todos os meus defeitos horríveis. — Ele desabotoa minha blusa e envolvo a mão dele com a minha. Ele me olha, esperando. Estou meio irritada.

— Não entendo por que você fala assim. Vive falando horrores de si mesmo. Você não é assim. É bom.

Henry olha para a minha mão, solta a dele e me puxa mais para perto.

— Não sou bom — diz baixinho em meu ouvido. — Mas talvez venha a ser, hummm?

— É melhor mesmo.

— Sou bom para você. — É verdade. — Clare?

— Hein?

— Você às vezes fica acordada na cama se perguntando se eu sou uma brincadeira que Deus está fazendo com você?

— Não. Fico acordada com medo de que você possa desaparecer e nunca mais voltar. Fico acordada matutando sobre as coisas que eu mais ou menos sei do futuro. Mas tenho fé total na ideia de que devemos estar juntos.

— Fé total.

— Você não?

Henry me beija.

— "*Nem Tempo nem Lugar, nem a Sorte nem a Morte podem dobrar os mais insignificantes dos meus desejos o mínimo que seja*."[11]

— Como?

— Como você toda.

— Fanfarrão.

— Agora quem é que está falando horrores a meu respeito?

Segunda-feira, 6 de setembro de 1993 (Henry tem 30 anos)

HENRY: Estou sentado na frente de uma casa branca toda encardida com as paredes laterais de zinco em Humboldt Park. É segunda-feira de manhã, por volta das dez. Estou esperando Ben voltar de onde quer que esteja. Não gosto muito deste bairro; me sinto meio exposto aqui sentado à porta de Ben, mas ele é um cara extremamente pontual, por isso continuo a esperar com confiança. Vejo duas jovens latinas empurrando carrinhos de bebê pela calçada esburacada. Enquanto medito sobre a desigualdade do serviço público, escuto alguém gritar "Bibliotecário!" ao longe. Olho na direção da

voz e, claro, é Gomez. Gemo por dentro; Gomez tem um talento incrível para topar comigo quando estou tramando algo particularmente infame. Terei que me livrar dele antes de Ben aparecer.

Gomez vem lépido e fagueiro em minha direção. Está vestido com sua roupa de advogado, de pasta na mão. Suspiro.

— *Ça va*, camarada.

— *Ça va*. O que está fazendo aqui?

Boa pergunta.

— Esperando um amigo. Que horas são?

— Dez e 15. Seis de setembro de 1993 — acrescenta, prestativo.

— Eu sei, Gomez. Mas obrigado assim mesmo. Visitando um cliente?

— É. Menina de 10 anos. O namorado da mamãe deu desinfetante para ela beber. Eu realmente me canso dos humanos.

— É. Malucos demais, Michelangelos de menos.

— Já almoçou? Ou tomou café, acho que seria isso?

— Já. Preciso ficar aqui, esperando meu amigo.

— Eu não sabia que algum amigo seu morava por essas bandas. Todas as pessoas que conheço aqui infelizmente precisam muito de advogado.

— Amigo da escola de biblioteconomia.

E cá está ele. Ben chega em seu Mercedes 62 prateado. O interior é um horror, mas, por fora, é um carro simpático. Gomez assobia baixinho.

— Desculpe o atraso — diz Ben, apressando o passo. — Atendimento em domicílio.

Gomez me olha curioso. Faço que não vejo. Ben olha para Gomez e para mim.

— Gomez, Ben. Ben, Gomez. Sinto muito você ter que ir embora, camarada.

— Na verdade, tenho umas horas livres...

Ben toma as rédeas da situação.

— Gomez. Maravilha te conhecer. Outra hora, sim?

Ben é bastante míope e olha com simpatia para Gomez através dos óculos grossos que dobram o tamanho normal dos seus olhos. Ben chacoalha as chaves na mão. Isso me deixa nervoso. Ficamos ambos parados em silêncio, esperando Gomez ir embora.

— Tudo bem. Sim. Bom, tchau — diz Gomez.

— Ligo para você hoje à tarde — digo.

Ele vira as costas sem olhar para mim e vai embora. Me sinto mal, mas há coisas que não quero que Gomez saiba, e essa é uma delas. Ben e eu nos viramos um para o outro, compartilhamos um olhar que indica que sabemos de coisas a respeito um do outro que são problemáticas. Ele abre sua porta da frente. Sempre tive vontade de tentar arrombar a casa de Ben, porque ele tem uma grande quantidade e uma grande variedade de fechaduras e dispositivos de segurança. Entramos no corredor estreito. Sempre cheira a repolho aqui, embora eu saiba perfeitamente que Ben não cozinha muito, que dirá repolho. Vamos até a escada dos fundos, subimos e entramos em outro corredor, atravessamos um quarto e entramos em outro que Ben montou como um laboratório. Ele pousa a sacola e pendura a jaqueta. Meio que espero que ele calce uns tênis *à la* Mr. Rogers, mas em vez disso ele fica às voltas com a cafeteira. Sento numa cadeira dobrável e espero Ben terminar.

Não conheço ninguém com tanta cara de bibliotecário quanto ele. E, na verdade, conheci Ben na Rosary, mas ele abandonou a faculdade bem antes de terminar o mestrado em biblioteconomia. Emagreceu desde a última vez em que o vi e perdeu mais cabelo. Ben tem aids, e presto atenção sempre que o vejo porque nunca sei como a doença vai evoluir com ele.

— Você está com uma cara boa — digo.

— Doses maciças de AZT. E vitaminas, ioga e exames. Falando nisso, o que posso fazer por você?

— Vou me casar.

Ben fica surpreso, depois encantado.

— Parabéns. Com quem?

— Clare. Você a conheceu. A ruiva de cabelo muito comprido.

— Ah... sim. — Ben está com uma cara séria. — Ela sabe?

— Sabe.

— Bom, ótimo.

Ele me dá um olhar que diz que está tudo muito bom, mas e daí?

— Daí que os pais dela planejaram um casamento enorme, em Michigan. Igreja, damas de honra, arroz, tudo o que tem direito. E uma recepção suntuosa no Yacht Club, depois. Casaca, ainda por cima.

Ben serve café e me entrega uma caneca do ursinho Pooh. Dissolvo creme em pó ali dentro. Está frio aqui, e o café tem um cheiro amargo, mas bom.

— Preciso estar lá. Preciso encarar umas oito horas de um estresse de fundir a cuca, sem desaparecer.

— Ah.

Acho muito tranquilizante o jeito de Ben compreender um problema por simplesmente aceitar a existência dele.

— Preciso de alguma coisa para nocautear cada receptor de dopamina que tenho.

— Navane, Haldol, Thorazine, Serentil, Mellaril, Stelazine...

Ben limpa os óculos no suéter. Parece um rato grande e pelado sem ele.

— Eu esperava que você pudesse fazer isso para mim.

Procuro o papel nos bolsos da calça jeans, encontro e entrego ao Ben. Ele aperta os olhos para aquilo e lê.

— 3-[2-[4-96-fluoro-1,2-benizisoxazol-3-yl)... dióxido de silício coloidal, hidroxipropil metilcelulose... glicol propileno... — Ele olha para mim, perplexo. — O que é isso?

— É um novo antipsicótico chamado risperidone, comercializado como Risperdal. Estará disponível no mercado em 1998, mas eu gostaria de experimentar agora. Pertence a uma nova classe de drogas chamadas derivados de benzisoxazole.

— Onde arranjou isso?

— No MRM. A edição de 2000.

— Quem faz?

— Janssen.

— Henry, você sabe que não tolera muito bem antipsicóticos. A não ser que este funcione de uma forma radicalmente diferente.

— Eles não sabem como funciona. “Antagonista monoaminérgico seletivo com grande afinidade com o tipo 2 de serotonina, blá-blá-blá.”

— É, a mesma história de sempre. Por que você acha que isso vai ser melhor do que Haldol?

Sorrio pacientemente.

— É um palpite baseado em informação. Não sei ao certo. Você consegue fazer isso?

Ben hesita.

— *Consigo*, sim.

— Quando? Demora um pouco a fazer efeito no organismo.

— Eu te digo. Quando é o casamento?

— 23 de outubro.

— Hum. Qual é a dosagem?

— Comece com um miligrama e aumente a partir daí.

Ben levanta e dá uma espreguiçada. Na luz fraca desta sala fria ele parece velho, com a pele ressecada e amarelada. Uma parte de Ben gosta do desafio (*ei, vamos replicar esta droga de vanguarda que ninguém ainda sequer inventou*) e outra não gosta do risco.

— Henry, você nem sequer sabe com certeza se o seu problema é dopamina.

— Você viu as tomografias.

— Sim, sim. Por que não se limita a conviver com isso? A cura pode ser pior que o problema.

— Ben. E se eu estalasse os dedos *agora*... — levanto e chego perto dele, estalando os dedos —, e *agora mesmo* você de repente se visse no quarto do Allen, em 1986...

— ...Eu mataria o escroto.

— Mas você não pode, porque não matou. — Ben fecha os olhos, faz que não com a cabeça. — E não pode mudar nada: ele vai ficar doente de qualquer maneira, você ainda vai ficar doente de qualquer maneira, *und so wiete.* E se você tivesse que ver o Allen morrer não sei quantas vezes? — Ben senta-se na cadeira dobrável. Não olha para mim. — É assim que é viajar no tempo, Ben. Ou seja, sim, às vezes é engraçado. Mas em geral é ficar perdido, roubar e tentar só...

— Ir levando. — Ben suspira. — Nossa, não sei por que aguento você.

— Pela novidade? Pela boa pinta de garotão?

— Vai sonhando. Ei, estou convidado para esse casório?

Levo um susto. Nunca me ocorreu que Ben quisesse ir.

— Sim! De verdade? Você iria?

— Melhor que enterro.

— Maravilha! Meu lado da igreja está enchendo depressa. Você vai ser meu oitavo convidado.

Ben ri.

— Convide todas as suas ex-namoradas. Vai engrossar as fileiras.

— Eu nunca sobreviveria a isso. A maioria delas quer minha cabeça numa bandeja.

— Hum.

Ben se levanta e dá uma busca numa das gavetas de sua mesa, de onde tira um vidro de comprimidos vazio. Vai para outra gaveta, pega um enorme

vidro de cápsulas, abre e coloca três pílulas no vidro pequeno, que joga para mim.

— O que é isso? — pergunto, abrindo o vidro e entornando um comprimido na mão.

— É um estabilizador de endorfina combinado com um antidepressivo. É... ei, não... — Joguei o comprimido na boca e engoli. — É baseado em morfina. — Ben suspira. — Você é muito relaxado e arrogante em relação às drogas.

— Gosto de entorpecentes.

— Aposto que sim. Também não pense que vou te dar uma tonelada desses comprimidos. Me informe se achar que eles vão resolver a parada para o casamento. Caso aquela outra coisa não funcione. O efeito dura quatro horas, então vai precisar de dois comprimidos. — Ben indica com a cabeça as duas pílulas remanescentes. — Não tome só de brincadeira, está bem?

— Palavra de escoteiro.

Ben bufa. Pago pelas pílulas e saio. Ao descer, sinto a onda bater e paro no pé da escada para curtir. Faz tempo. Seja lá o que for que Ben tenha misturado aqui, é fantástico. É como um orgasmo multiplicado por dez, mais cocaína, e parece que vai ficando mais forte. Praticamente tropeço em Gomez quando saio pela porta da frente. Ele ficou à minha espera.

— Quer uma carona?

— Claro.

Estou profundamente comovido com o interesse dele. Ou a curiosidade. Ou seja lá o que for. Vamos para o carro dele, um Chevrolet novo com dois faróis quebrados. Entro do lado do carona. Gomez entra e bate a porta. Faz o carrinho pegar e partimos.

A cidade está cinzenta e sombria. Cai uma chuva grossa que bate no para-brisa, enquanto casas onde se vende *crack* e terrenos baldios passam por nós. Gomez sintoniza na rádio pública e estão tocando um Charles Mingus que parece meio lento, mas, por outro lado, por que não? — vivemos numa democracia. A Ashland Avenue está cheia de buracos de sacudir os miolos, mas, tirando isso, as coisas vão bem — bastante bem, na verdade. Minha mente flui rapidamente, como mercúrio líquido que fugiu de um termômetro quebrado. Quase não consigo evitar gemer de prazer enquanto a droga lambe todos os meus terminais nervosos com suas pequenas línguas químicas. Passamos uma cartomante e vidente, a

borracharia do Pedro, o Burger King, o Pizza Hut. A música *I am a Passenger* passa pela minha cabeça misturada ao Mingus. Gomez diz alguma coisa que não capto e repete: — Henry!

— Sim?

— O que você está fazendo?

— Não sei bem, uma espécie de experiência científica.

— Por quê?

— Pergunta sensacional. Te dou um retorno sobre isso.

Não falamos mais nada até o carro parar na frente do prédio de Clare e Charisse. Olho para Gomez confuso.

— Você precisa de companhia — diz com delicadeza. Não discordo. Gomez abre a portaria e subimos. Clare abre a porta e, quando me vê, fica com uma cara perturbada, aliviada e divertida, tudo ao mesmo tempo.

CLARE: Convenci Henry a ir se deitar na minha cama, enquanto Gomez e eu ficamos sentados na sala tomando chá e comendo sanduíches de manteiga de amendoim e geleia de kiwi.

— Aprenda a cozinhar, mulher — profere Gomez. Parece Charlton Heston entregando os Dez Mandamentos.

— Um dia desses. — Ponho açúcar no meu chá. — Obrigada por ir buscar o Henry.

— Qualquer coisa por você, gatinha. — Ele começa a enrolar um cigarro. Gomez é a única pessoa que conheço que fuma no meio da refeição. Evito comentar. Ele acende. Olha para mim, e me preparo para o ataque. — Então que história foi essa, hein? Quase todo mundo que apela para o farmacêutico de bom coração tem aids ou câncer.

— Você conhece o Ben? — Não sei por que estou surpresa. Gomez conhece todo mundo.

— Eu conheço *o trabalho* dele. Minha mãe costumava ir ao Ben quando estava fazendo quimioterapia.

— Ah. — Recapitulo a situação, procurando coisas que eu possa falar sem problemas.

— O que quer que o Ben tenha dado ao Henry fez com que ficasse bem lesado.

— Estamos tentando achar alguma coisa que ajude o Henry a ficar no presente.

— Acho que aquilo o deixou imprestável.

— É. — Quem sabe uma dosagem menor?

— Por que você está fazendo isso?

— Fazendo o quê?

— Sendo cúmplice do Sr. Confusão. Ainda por cima casando com ele.

Henry me chama. Fico de pé e Gomez agarra minha mão.

— Clare. Por favor...

— Gomez. Me larga.

Encaro até que me largue. Após um momento longo e terrível, ele baixa os olhos e me solta. Saio correndo para o meu quarto pelo corredor e bato a porta.

Henry está esparramado feito um gato, deitado de bruços na diagonal da cama. Tiro os sapatos e me esparramo ao lado dele.

— Como vai indo? — pergunto.

Henry rola para cima e sorri.

— Divino. — Afaga meu rosto. — Quer se juntar a mim?

— Não.

Henry dá um suspiro.

— Você é muito boa. Eu não devia tentar te corromper.

— Não sou boa. Tenho medo. — Ficamos deitados juntos em silêncio por um bom tempo. Faz sol agora, e a luz me mostra meu quarto no início da tarde: a curva da cabeceira de nogueira, o tapete oriental dourado e violeta, a escova de cabelo, o batom e o vidro de hidratante para as mãos na cômoda. Há um exemplar de *Art in America* com Leon Golub na capa sobre o assento de minha poltrona velha comprada usada, parcialmente oculto por *A Rebours.* Henry está de meias pretas. Seus pés compridos e ossudos estão para fora da cama. Ele me parece magro. Os olhos de Henry estão fechados; talvez ele sinta que olho para ele, porque abre os olhos e sorri para mim. Escovo para trás o seu cabelo, que estava caindo em seu rosto. Henry pega minha mão e beija a palma. Abro sua calça e aliso seu pau, mas Henry faz que não com a cabeça ao pegar e segurar minha mão.

— Desculpe, Clare — diz baixinho. — Parece que isso tem alguma coisa que causou um curto-circuito no equipamento. Depois, quem sabe.

— Isso vai ser engraçado na nossa noite de núpcias.

Henry balança a cabeça.

— Não posso tomar isso para o casamento. É divertido demais. Quer dizer, o Ben é um gênio, mas costuma trabalhar com doentes terminais. Seja lá o que pôs aqui, age quase como uma experiência de quase-morte. — Ele

suspira e põe o vidro de pílulas em minha mesa de cabeceira. — Eu devia botar no correio para a Ingrid. Isso é a droga perfeita para ela.

Ouço a porta da frente abrir e depois bater; Gomez saindo.

— Quer comer alguma coisa? — pergunto.

— Não obrigado.

— O Ben vai fazer aquela outra droga para você?

— Ele vai tentar — diz Henry.

— E se não der certo?

— Você quer dizer se o Ben fizer merda?

— É.

Henry diz:

— Aconteça o que acontecer, nós dois sabemos que vivo pelo menos até os 43 anos. Então não fique preocupada.

Quarenta e três?

— O que acontece depois dos 43?

— Não sei, Clare. Talvez eu descubra como ficar no presente.

Ele me abraça e ficamos em silêncio. Quando acordo mais tarde, está escuro e Henry dorme ao meu lado. O vidrinho de pílulas brilha vermelho à luz do despertador. Quarenta e três?

Segunda-feira, 27 de setembro de 1993 (Clare tem 22 anos, Henry, 30)

CLARE: Entro no apartamento de Henry e acendo a luz. Vamos à ópera hoje à noite; *Os Fantasmas de Versalhes.* A Ópera Lírica barra os retardatários, de modo que estou nervosa e, a princípio, não me dou conta de que a luz apagada significa que Henry não está aqui. Quando finalmente me dou conta disso, fico irritada porque ele vai fazer com que a gente se atrase. Imagino se ele se foi até ouvir alguém respirando.

Fico imóvel. A respiração vem da cozinha. Corro lá e quando acendo a luz, vejo Henry deitado no chão, todo vestido, numa posição estranha, rígida, com olhar fixo. Enquanto estou ali parada, ele emite um ruído baixo, diferente de um som humano, um gemido que ecoa em sua garganta e passa por seus dentes cerrados.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus.

Ligo para a emergência. A telefonista me garante que estarão aqui em minutos. E, enquanto espero sentada no chão da cozinha olhando para Henry, sinto uma onda de raiva. Encontro a agenda de Henry em sua mesa e disco o número.

— Alô?

A voz é sumida e distante.

— É o Ben Matteson?

— É. Quem é?

— Clare Abshire. Olhe, Ben, o Henry está deitado no chão todo duro e não consegue falar. *Que porra é essa?*

— O quê? Merda! Ligue para a emergência!

— Eu liguei...

— A droga está imitando o Mal de Parkinson, ele precisa de dopamina! Diga a eles... merda, me ligue do hospital...

— Eles chegaram...

— Tudo bem! Me ligue...

Desligo e encaro os paramédicos.

Mais tarde, depois que a ambulância chega ao Mercy Hospital, depois de Henry ter sido internado, recebido injeções, sido entubado e estar deitado numa cama de hospital ligado a um monitor, relaxado e dormindo, olho e vejo um homem alto e bem magro na porta do quarto de Henry e lembro que me esqueci de ligar para Ben. Ele entra e fica na minha frente do outro lado da cama. O quarto está escuro e a luz do corredor desenha o vulto de Ben quando ele abaixa a cabeça para dizer:

— Sinto muito. Sinto muito.

Pego suas mãos por cima da cama.

— Tudo bem. Ele vai ficar bom. Mesmo.

Ben faz que não com a cabeça.

— É tudo culpa minha. Eu nunca devia ter feito isso para ele.

— O que aconteceu?

Ben suspira e senta na cadeira. Sento na cama.

— Pode ser várias coisas — diz. — Pode ser só um efeito colateral, podia acontecer com qualquer um. Mas pode ser que Henry não tivesse a receita totalmente certa. É muita coisa para decorar. E eu não podia conferir.

Estamos ambos calados. O monitor de Henry pinga um líquido em seu braço. Um enfermeiro entra com um carrinho. Finalmente, digo:

— Ben?

— Sim, Clare?

— Faz uma coisa para mim?

— Qualquer coisa.

— Deixe o Henry de lado. Chega de droga. Droga não vai funcionar.

Ben ri para mim, aliviado.

— Basta dizer não.

— Exatamente. — Rimos. Ben fica ali um pouco comigo. Quando se levanta para ir embora, pega minha mão e diz:

— Obrigado por levar isso na boa. Ele podia facilmente ter morrido.

— Mas não morreu.

— Não, não morreu.

— Vejo você no casamento.

— Sim. — Estamos no corredor. Na gritante luz fluorescente, Ben tem uma aparência cansada e doente. Ele abaixa a cabeça, dá meia-volta e segue pelo corredor, e eu volto para o quarto escuro onde Henry dorme.

[11] Do poema “My beloved is mine, and I am his; He feedeth among the lilies”, de Francis Quarles, século XVII. (N. da T.)

OceanofPDF.com

HORA DA VIRADA



Sexta-feira, 22 de outubro de 1993 (Henry tem 30 anos)

HENRY: Estou passeando na Linden Street, em South Haven, livre por uma hora enquanto Clare e a mãe fazem alguma coisa na floricultura. O casamento é amanhã, mas, na qualidade de noivo, parece que não tenho muitas responsabilidades. Estar presente; este é o item principal da lista de Coisas Para Fazer. Clare a toda hora é abduzida para provas, consultas, chás de panela. Quando a vejo, ela sempre tem um ar melancólico.

Está um dia limpo e frio, e eu estou à toa. Quem me dera que houvesse uma livraria decente em South Haven. Até a biblioteca só tem Barbara Cartland e John Grisham. Tenho comigo a edição de bolso de Kleist, mas não estou a fim. Passo por um antiquário, uma padaria, um banco, outro antiquário. Ao passar pela barbearia, dou uma espiada lá para dentro; há um velho sendo barbeado por um baixinho calvo e ligeiro, e sei logo o que vou fazer.

Sininhos tocam na porta quando entro no salão, que tem cheiro de sabão, vapor, loção capilar e carne velha. Tudo é verde-claro. A cadeira é velha e com detalhes cromados, há belos frascos nas prateleiras de madeira, e bandejas de tesouras, pentes e navalhas. Tudo arrumadinho; é muito Norman Rockwell. O barbeiro olha para mim.

— Corte? — pergunto. Ele aponta com a cabeça para a fila de cadeiras vazias de espaldar reto, terminando com uma estante onde há revistas empilhadas com capricho. Está tocando Sinatra no rádio. Sento e folheio um exemplar da *Reader's Digest.* O barbeiro limpa vestígios de espuma do queixo do homem e aplica loção pós-barba. O velho desce com cuidado da cadeira e paga. O barbeiro ajuda o velho a vestir o casaco e entrega a bengala dele.

— Tchau, George — diz o velho e sai de fininho.

— Tchau, Ed — responde o barbeiro. Ele volta a atenção para mim. — O que vai ser? — Dou um pulo na cadeira, que ele levanta alguns centímetros e gira para que eu fique de frente para o espelho. Dou uma última olhada demorada para meu cabelo. Mostro o polegar e o indicador afastados uns dois centímetros e meio.

— Pode tosar. — Ele balança a cabeça em sinal de aprovação e amarra uma capa plástica no meu pescoço. Logo sua tesoura faz rápidos barulhos de metal no metal em volta da minha cabeça, e meu cabelo vai caindo no chão. Quando termina, ele me escova, tira a capa, e *voilà*, virei o eu do meu futuro.

OceanofPDF.com

FAÇA-ME CHEGAR À IGREJA A TEMPO



Sábado, 23 de outubro de 1993 (Henry tem 30 anos, Clare, 22)
(6h)

HENRY: Acordo às 6h e chove. Estou num agradável quartinho verde embaixo da calha de uma aconchegante pousada chamada Blake's, que fica bem na praia sul de South Haven. Os pais de Clare escolheram este lugar; meu pai dorme num quarto cor-de-rosa igualmente confortável no andar de baixo, ao lado da sra. Kim, num lindo quarto amarelo; vovô e vovó estão no superaconchegante quarto principal azul. Estou deitado na cama extramacia debaixo de lençóis Laura Ashley e ouço o vento bater na casa. Chove a cântaros. Imagino se posso correr neste aguaceiro. Ouço a chuva escorrer pela calha e bater no telhado, que está a uns três palmos acima de meu rosto. Este quarto parece um sótão. Tem uma pequena escrivaninha, caso eu precise escrever um bilhete elegante no dia do meu casamento. Há um conjunto de jarro e bacia de porcelana na cômoda; se quisesse de fato usá-los, provavelmente teria que quebrar o gelo da água primeiro, porque está bem frio aqui. Me sinto como uma lagarta cor-de-rosa no meio deste quarto verde, como se tivesse entrado comendo tudo pelo caminho e fosse me transformar em borboleta, ou algo parecido. Não estou realmente desperto, aqui, neste momento. Ouço alguém tossindo. Ouço o bater do meu coração e o ruído agudo do meu sistema nervoso em ação. Ai, Deus, permita que hoje seja um dia normal. Que eu esteja normalmente tonto, normalmente nervoso; que eu chegue à igreja a tempo e no tempo. Que eu não assuste ninguém, sobretudo a mim mesmo. Que eu passe o dia do nosso casamento da melhor maneira possível, sem efeitos especiais. Livre Clare de cenas desagradáveis. Amém.

(7h)

CLARE: Acordo em minha cama, minha cama de menina. Enquanto flutuo entre o dormir e o despertar, fico desorientada no tempo; é Natal, Dia de Ação de Graças? É a terceira série de novo? Estou doente? Por que chove? Do lado de fora das cortinas amarelas, o céu está morto e o vento desfolha o grande olmo. Sonhei a noite inteira. Os sonhos se fundem agora. Numa

parte deste sonho, eu nadava no oceano, era uma sereia. Eu era uma sereia meio principiante e uma das outras sereias tentava me ensinar; ela me dava aulas de sereia. Eu tinha medo de respirar embaixo d'água. A água entrava nos meus pulmões e eu não entendia como aquilo funcionava, a sensação era horrível e toda hora eu tinha de subir à tona e respirar enquanto a outra sereia ficava dizendo *Não, Clare, assim...*, até que acabei percebendo que eu tinha guelras no pescoço assim como ela, e aí ficou melhor. Nadar era igual a voar, todos os peixes eram pássaros... Havia um barco no oceano, e nadamos todas para ver o barco. Era só um veleiro pequeno, e minha mãe estava a bordo, sozinha. Nadei até ela, que ficou surpresa de me ver ali, e disse *Ora, Clare, achei que você fosse se casar hoje*. Aí percebi, como a gente faz nos sonhos, que eu não podia me casar com Henry porque eu era sereia, e comecei a chorar. Acordei no meio da noite. Fiquei ali deitada algum tempo no escuro e inventei que virava uma mulher normal, feito a Pequena Sereia, só que sem aquelas bobagens de sentir uma dor horrível nos pés ou ter a língua cortada. Hans Christian Andersen deve ter sido uma pessoa muito estranha e triste. Então, tornei a adormecer. Agora estou na cama, e Henry e eu vamos nos casar hoje.

(7h16)

HENRY: A cerimônia é às 14h, e vou levar uma meia hora para me vestir e uns vinte minutos para ir de carro até a St. Basil. Agora são 7h16, portanto tenho cinco horas e 44 minutos para matar. Visto uma calça jeans, uma camisa velha e nojenta de flanela e um tênis de cano longo e desço o mais de mansinho possível à procura de café. Papai conseguiu chegar antes de mim; está sentado no salão de café com as mãos em volta de uma delicada xícara de café preto. Sirvo uma para mim e me sento em frente a ele. A luz fraca que passa pelas cortinas de renda das janelas deixa papai com cara de fantasma; ele é uma versão colorizada de um filme preto e branco dele mesmo. Tem o cabelo todo desgrenhado, e, sem perceber, ajeito o meu, como se ele fosse um espelho. Ele faz o mesmo, e sorrimos.

(8h17)

CLARE: Alicia está sentada em minha cama, me cutucando.

— Vamos, Clare — cutuca ela. — Bom dia, flor do dia! — Alicia me faz cócegas. Ela joga no chão as cobertas e nos engalfinhamos. Quando a

imobilizo, Etta mete a cabeça pela porta e sussurra:

— Meninas! Que *barulheira* é essa? Seu pai está achando que caiu uma *árvore* na casa, mas não, são as duas bobocas tentando se *matar.* O café está quase pronto. — Com isso, Etta retira bruscamente a cabeça e ouvimos seus passos pesados descendo a escada enquanto morremos de rir.

(8h32)

HENRY: Continua a maior tempestade lá fora, mas vou correr assim mesmo. Estudo o mapa de South Haven ("Uma joia cintilante na Costa Oeste do lago Michigan!") que Clare me forneceu. Ontem corri na praia, o que foi agradável, mas não dá para se fazer hoje de manhã. Vejo ondas de um metro e oitenta batendo na areia. Calculo um quilômetro e meio de ruas para correr dando voltas; se estiver muito ruim, eu paro. Faço alongamento. Todas as juntas estalam. Quase dá para sentir a tensão estalando em meus nervos feito estática numa linha telefônica. Coloco a roupa e lá vou eu para o mundo.

A chuva é um tapa na cara. Fico logo ensopado. Persisto lentamente pela Maple Street. Vai ser uma barra; luto contra o vento e não há jeito de ganhar velocidade alguma. Passo por uma mulher parada no meio-fio com seu buldogue e ela me olha espantada. Isso não é um mero exercício, digo a ela em silêncio. É desespero.

(8h54)

CLARE: A família está reunida em volta da mesa de café. O frio se infiltra por todas as janelas, e mal vejo lá fora porque chove torrencialmente. Como Henry vai correr com esse tempo?

— Tempo ideal para um casamento — brinca Mark.

Dou de ombros:

— Não fui *eu* que escolhi.

— Não foi você?

— Foi *papai*.

— Bom, eu estou pagando — diz papai com petulância.

— É verdade. — Mastigo minha torrada.

Minha mãe olha meu prato criticamente.

— Querida, por que não come um pouquinho de bacon? E uns desses ovos?

Fico com o estômago embrulhado só de pensar.

— Não consigo. Mesmo. Por favor.

— Então pelo menos passa um pouco de manteiga de amendoim nessa torrada. Você precisa de proteína.

Olho para Etta, que entra na cozinha e volta um minuto depois com um pratinho de cristal cheio de manteiga de amendoim. Agradeço e passo um pouco na torrada.

Pergunto a minha mãe:

— Eu tenho algum tempo antes de Janice chegar?

Janice vai fazer alguma coisa medonha com minha cara e meu cabelo.

— Ela vem às 11. Por quê?

— Preciso dar um pulo na cidade, para pegar uma coisa.

— Posso pegar para você, minha linda.

Ela parece aliviada com a ideia de sair de casa.

— Eu gostaria de ir eu mesma.

— Podemos ir as duas.

— Sozinha.

Faço uma súplica silenciosa para mamãe. Ela fica intrigada, mas cede.

— Bom, tudo bem. Puxa.

— Ótimo. Volto já. — Papai pigarreia quando me levanto para sair.

— Vocês me dão licença?

— Claro.

— Obrigada. — Fujo.

(9h35)

HENRY: Estou na imensa banheira vazia lutando para tirar minhas roupas frias e encharcadas. Meus tênis novinhos em folha adquiriram uma forma totalmente nova, que lembra a de um peixe. Espero que a sra. Blake não se importe muito com o rastro de água que deixei da porta da frente até a banheira.

— Um minutinho — grito.

Vou pingando até a porta e abro uma fresta. Para minha completa surpresa, é Clare.

— Qual é a senha? — digo baixinho.

— Me coma — responde Clare. Escancaro a porta.

Clare entra, senta na cama e começa a tirar os sapatos.

— Você não está brincando?

— Vamos, ó meu quase marido. Preciso estar de volta às 11. — Ela me olha de alto a baixo. — Você foi correr! Não achei que fosse correr com essa chuva.

— Na hora do desespero vale tudo. — Tiro a camiseta e jogo na banheira. Ela esparrama água ao cair. — Não dizem que dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento?

— Então feche os olhos.

Clare corre no banheiro e pega uma toalha. Inclino a cabeça para ela secar meu cabelo. É uma sensação maravilhosa. Cairia bem uma vida inteira com essa mordomia. Cairia mesmo.

— Está um frio horrível aqui — diz Clare.

— Venha ser levada para a cama, quase mulher. É o único lugar quente da casa.

Entramos na cama.

— A gente faz tudo na ordem errada, não?

— Você tem algum problema com isso?

— Não, eu gosto.

— Ótimo. Você veio ao homem certo para todas as suas necessidades extracronológicas.

(11h15)

CLARE: Entro pelos fundos e deixo o guarda-chuva na área de serviço.

Quase esbarro em Alicia no corredor.

— Por onde andou? A Janice está aqui.

— Que horas são?

— Onze e 15. Ei, você está com a blusa de trás para a frente e pelo avesso.

— Acho que dá sorte, não dá?

— Talvez, mas é melhor se ajeitar antes de subir.

Volto depressa à área de serviço e desviro a blusa. Aí subo correndo. Mamãe e Janice estão no corredor em frente ao meu quarto. Janice carrega uma imensa sacola de cosméticos e outros instrumentos de tortura.

— Você chegou. Eu estava ficando preocupada. — Mamãe me guia para o meu quarto e Janice fecha a retaguarda. — Tenho que falar com o pessoal do bufê.

Ela está quase esfregando as mãos quando sai.

Viro para Janice, que me examina criticamente.

— Você está com o cabelo todo molhado e embaraçado. Por que não o penteia enquanto eu preparo tudo? — Ela começa a tirar um milhão de tubos e frascos da sacola e colocar todos na minha cômoda.

— Janice — mostro um postal da Uffizi. — Dá para você fazer isso? — Sempre adorei a princesinha Médici cujo cabelo não é diferente do meu, o dela tem muitas trancinhas enfeitadas com pérolas numa bela cascata de cabelo cor de âmbar. O artista anônimo devia amá-la, também. Como poderia não amá-la?

Janice reflete.

— Não é isso que sua mãe acha que vamos fazer.

— A-hã. Mas o casamento é meu. E o cabelo é meu. E te dou uma gorjeta bem grande se fizer do meu jeito.

— Não vou ter tempo de maquiar você se fizermos isso; vai demorar muito para fazer todas essas tranças.

Aleluia.

— Tudo bem. Eu me maquio com o que tenho.

— Bom, está certo. Então desembarace o cabelo para mim e a gente começa.

Começo a fazer isso. Já estou gostando. Enquanto me rendo às mãos escuras e finas de Janice, me pergunto o que Henry está tramando.

(11h36)

HENRY: O *smoking* e todos os suplícios que o acompanham estão em cima da cama. Minha bunda magra está congelando nesse quarto frio. Jogo todas as minhas roupas molhadas da banheira para a pia. Por incrível que pareça, o banheiro é do tamanho do quarto. É atapetado e pseudovitoriano até demais. A banheira é uma coisa imensa de pés de garra em meio a várias samambaias, pilhas de toalha, uma cômoda e uma grande reprodução emoldurada da *Consciência Desperta* de Hunt. O peitoril da janela fica a 15 centímetros do chão e as cortinas são de *voile* branco, de modo que vejo o desfile de folhas mortas pela Maple Street. Um Lincoln Continental bege vem subindo preguiçosamente a rua. Ponho a água quente para correr na banheira, que é tão grande que entro logo, cansado de esperar que encha. Fico brincando com o chuveiro móvel estilo europeu e destampando os mais ou menos dez xampus, frascos de gel de banho e condicionadores. Depois de cheirar uns cinco, fico com dor de cabeça. Canto *Yellow Submarine.* Tudo num raio de um metro e meio fica molhado.

(12h35)

CLARE: Janice me libera, e mamãe e Etta chegam juntas. Etta diz:

— Ah, Clare, você está linda!

Mamãe diz:

— Este não é o penteado que combinamos, Clare.

Mamãe dá uma bronca em Janice e depois lhe paga. Eu dou a gorjeta a Janice quando mamãe não está olhando. Devo me vestir na igreja, então elas me metem no carro e vamos para a St. Basil.

(12h55) (Henry tem 38 anos)

HENRY: Estou caminhando pela autoestrada 12, uns três quilômetros a sul de South Haven. Está um dia incrivelmente horroroso em matéria de tempo. É outono, cai uma chuva torrencial em rajadas, e está frio e ventoso. Estou só de calça jeans, descalço e todo molhado. Não tenho ideia de onde estou no tempo. Estou indo para a Meadowlark House, esperando secar na Sala de Leitura e quem sabe comer alguma coisa. Não tenho dinheiro, mas quando vejo o brilho rosa do anúncio luminoso Gasolina com Desconto, viro para lá. Entro no posto de gasolina e fico parado um instante, pingando no linóleo e recobrando o fôlego.

— Que dia para se estar fora de casa! — diz o velhinho magro atrás do balcão.

— É — respondo.

— O carro quebrou?

— Hein? Ah, não.

Ele está me olhando bem, reparando nos pés descalços, na roupa em desacordo com a estação. Faço uma pausa, fingindo embaraço.

— A namorada me botou para fora de casa.

Ele diz algo mas não escuto porque estou olhando para o *South Haven Daily.* Hoje é sábado, 23 de outubro de 1993. Dia do nosso casamento. O relógio em cima do mostruário de cigarros diz: 13h10.

— Tenho que correr — digo ao velho e corro.

(13h42)

CLARE: Estou na minha sala de aula da quarta série usando meu vestido de casamento. É de um *moiré* de seda marfim com montes de renda e contas de

pérola. O vestido é justo no corpo e nas mangas, mas a saia é ampla, até o chão, com uma cauda de 18 metros de pano. Eu poderia esconder dez anões embaixo dela. Me sinto como um carro alegórico, mas mamãe está me dando muita importância; está me enchendo de atenções, tirando fotos e tentando me fazer botar mais maquiagem. Alicia, Charisse, Helen e Ruth rondam alvoroçadas em seus vestidos de dama de honra de veludo verde-sálvia todos iguais. Como Charisse e Ruth são baixas e Alicia e Helen são altas, elas parecem um grupo bizarro de bandeirantes, mas todas concordamos em não comentar a respeito quando mamãe estiver por perto. Elas estão comparando o tingimento dos sapatos e discutindo sobre quem deve pegar o buquê. Helen diz:

— Charisse, você já está noiva, nem devia tentar pegar — e Charisse dá de ombros e diz:

— Seguro morreu de velho. Com Gomez, nunca se sabe.

(13h48)

HENRY: Estou sentado em cima de um radiador num quarto cheirando a mofo e cheio de caixas de livros de oração. Gomez anda para cá e para lá, fumando. Está espetacular de *smoking*. Eu me sinto fantasiado de apresentador de programa de auditório. Gomez continua andando e bate a cinza dentro de uma xícara. Ele me deixa mais nervoso ainda do que já estou.

— Está com a aliança? — pergunto pela zilhonésima vez.

— Sim. Estou com a aliança.

Ele para de andar um instante e olha para mim.

— Quer um trago?

— Quero.

Gomez saca um frasco e me entrega. Abro a tampa e dou um gole. É um uísque escocês muito suave. Dou outro trago e devolvo o frasco. Ouço risos e vozes no vestíbulo. Estou suando e com dor de cabeça. Faz muito calor na sala. Fico em pé e abro a janela, ponho a cabeça para fora, respiro. Ainda chove.

Há um barulho na moita. Abro mais a janela e olho para baixo. Lá estou eu sentado na terra, embaixo da janela, ensopado, arfando. Ele ri para mim e me faz o sinal de positivo.

(13h55)

CLARE: Estamos todos parados no vestíbulo da igreja. Papai diz:

— Vamos começar esse espetáculo — e bate na porta da sala onde Henry está se vestindo. Gomez mete a cabeça para fora e diz:

— Um minutinho. — Ele me lança um olhar que faz meu estômago se contrair, puxa a cabeça para dentro e fecha a porta. Estou indo para a porta quando ela é aberta de novo por Gomez, e Henry aparece, abotoando os punhos. Está molhado, sujo e com a barba por fazer. Aparenta uns quarenta anos. Mas está *aqui* e me dá um sorriso triunfante ao passar pelas portas da igreja e descer a nave.

Domingo, 13 de junho de 1976 (Henry tem 30 anos)

HENRY: Estou deitado no chão do meu antigo quarto. Estou sozinho e é uma noite de verão perfeita num ano desconhecido. Fico ali xingando e me sentindo um idiota. Aí me levanto, vou à cozinha e me sirvo de várias cervejas do papai.

Sábado, 23 de outubro de 1993 (Henry tem 38 e 30 anos, Clare, 22)
(14h37)

CLARE: Estamos em pé no altar. Henry vira para mim e diz:

— Eu, Henry, recebo você, Clare, como minha esposa. Prometo lhe ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-a e respeitando-a todos os dias da minha vida. — Penso: *lembre-se disso.* Repito a promessa para ele. O padre Compton sorri para nós e diz:

— O que Deus uniu o homem não pode separar. — Penso: *O problema não é bem esse.* Henry coloca a fina aliança de prata no meu dedo até o lugar dela acima do anel de noivado. Ponho a aliança lisa de ouro no dedo dele, a única vez que ele irá usá-la. A missa continua, e penso *isso é tudo o que importa: ele está aqui, eu estou aqui, não importa como, desde que ele esteja comigo.* O padre Compton nos abençoa e diz: — Vão em paz, a missa terminou.

Descemos a nave de braços dados, juntos.

(18h26)

HENRY: A recepção acaba de começar. O pessoal do bufê corre de um lado para o outro com carrinhos de aço e bandejas cobertas. As pessoas chegam

e entregam os casacos. A chuva finalmente parou. O South Haven Yacht Club é em North Beach, um prédio de 1920 revestido de madeira e couro, carpete vermelho e quadros de navios. Está escuro lá fora agora, mas o farol pisca no píer. Estou parado numa janela, bebendo Glenlivet e esperando Clare, que foi abduzida pela mãe por alguma razão que desconheço. Vejo os reflexos de Gomez e Ben, vindo em minha direção, e me viro.

Ben parece preocupado.

— Como vai?

— Estou bem. Vocês podem me fazer um favor? — Eles fazem que sim com a cabeça. — Gomez, volte lá na igreja. Estou lá, esperando no vestíbulo. Me pegue e me traga aqui. Me leve escondido para o banheiro masculino do primeiro andar e me deixe ali. Ben, fique de olho em mim — (aponto para o meu peito) — e, quando eu te disser, pegue meu *smoking* e leve para mim no banheiro. Certo?

Gomez pergunta:

— Quanto tempo a gente tem?

— Não muito.

Ele concorda com a cabeça e se afasta. Charisse se aproxima, e Gomez dá um beijo na testa dela e vai em frente. Viro para Ben, que parece cansado.

— Como vai você? — pergunto para ele.

Ben suspira.

— Meio cansado. Hmm, Henry?

— Oi.

— De quando você está vindo?

— 2002.

— Você pode... Olhe, eu sei que não gosta disso, mas...

— O quê? Tudo bem, Ben. O que você quiser. É uma ocasião especial.

— Me diga: eu ainda estou vivo?

Ben não olha para mim. Contempla a banda, que está afinando os instrumentos no salão de baile.

— Está. Você está bem, ainda te vi uns dias atrás; jogamos bilhar.

Ben solta todo o ar de uma vez.

— Obrigado.

— De nada.

Os olhos de Ben ficam cheios d’água. Ofereço meu lenço, que ele aceita, mas depois devolve sem usar e sai à procura do banheiro masculino.

(19h04)

CLARE: Todo mundo está se sentando para jantar e ninguém consegue achar Henry. Pergunto a Gomez se o viu, e Gomez apenas me lança um de seus olhares e diz que tem certeza de que Henry vai chegar a qualquer momento. Kimy vem a nós, com um ar muito frágil e preocupado naquele vestido de seda cor-de-rosa.

— Cadê o Henry? — ela me pergunta.

— Não sei, Kimy.

Ela me puxa para perto e sussurra no meu ouvido:

— Vi seu jovem amigo Ben saindo do salão levando um monte de roupas. — Ah, não. Se Henry tiver voltado de repente ao presente dele, será difícil explicar. Talvez eu possa dizer que houve uma emergência? Um tipo qualquer de emergência de biblioteca que exigiu a atenção imediata de Henry. Mas todos os seus colegas estão aqui. Talvez eu possa dizer que Henry teve amnésia e saiu andando por aí...

— Lá está ele — diz Kimy. Ela aperta minha mão. Henry está na porta examinando o povo e nos vê. Vem correndo até nós.

Dou um beijo nele.

— Como vai, estranho? — Ele voltou ao presente, meu jovem Henry, o que é daqui. Henry dá o braço a mim e a Kimy e nos conduz ao jantar. Kimy ri e diz algo a Henry que não capto. — O que ela disse? — pergunto quando nos sentamos.

— Ela perguntou se a gente estava planejando um *ménage à trois* para a noite de núpcias. — Fico vermelha feito um camarão. Kimy pisca para mim.

(19h16)

HENRY: Estou na biblioteca do clube, comendo canapés e lendo uma primeira edição suntuosamente encadernada e provavelmente nunca aberta de *O Coração das Trevas.* Com o canto do olho, vejo o gerente do clube vindo depressa em minha direção. Fecho o livro e reponho na prateleira.

— Sinto muito, senhor, vou ter que pedir que se retire.

Sem camisa, descalço, nada de serviço.

— Tudo bem.

Fico de pé e, quando o gerente vira as costas, o sangue me sobe à cabeça e eu desapareço. Volto a mim no chão de nossa cozinha no dia 2 de março de 2002, rindo. *Sempre* quis fazer isso.

(19h21)

CLARE: Gomez está fazendo um discurso.

— Caros Clare e Henry, familiares e amigos, membros do júri... esperem, risquem isso. Caríssimos. Estamos reunidos aqui esta noite na orla da Terra da Solteirice para acenar nossos lenços para Clare e Henry na hora em que eles embarcam em sua viagem no Navio do Matrimônio. E embora estejamos tristes de vê-los dar adeus às alegrias da vida de solteiro, confiamos em que o muito falado estado de Alegria Conjugal será um novo endereço mais que adequado. Pode ser até que alguns de nós nos unamos a eles em breve, se não pudermos pensar em alguma forma de evitar isso. Então, vamos fazer um brinde: a Clare Abshire DeTamble, uma linda artista que merece todas as felicidades que lhe possam chegar neste mundo. E a Henry DeTamble, um sujeito bacana demais e um filho da puta de sorte: que o Mar da Vida se estenda calmo diante de vocês e que tenham sempre o vento a favor. Ao feliz casal! — Gomez se inclina e me beija na boca. Capto seu olhar por um instante, e aí o momento passou.

(20h48)

HENRY: Cortamos e comemos o bolo de casamento. Clare jogou o buquê (Charisse o pegou) e joguei a liga de Clare (Ben, logo ele, foi quem pegou). A banda toca *Take the A Train,* e as pessoas dançam. Dancei com Clare, e Kimy, Alicia e Charisse; agora danço com Helen, que está muito gostosa, e Clare dança com Gomez. Enquanto giro descontraidamente Helen, vejo Celia Attley ir tirar Gomez, que, por sua vez, tira o meu par. Quando ele se afasta rodopiando com Helen, vou me juntar ao pessoal no bar e vejo Clare dançando com Celia. Ben se junta a mim. Ele bebe soda. Peço uma vodca com tônica. Ben usa a liga de Clare enrolada no braço como se estivesse de luto.

— Quem é essa? — ele me pergunta.

— Celia Attley. Aquela amiga da Ingrid.

— É estranho.

— É.

— Qual o lance desse tal de Gomez?

— Como assim?

Ben me encara, depois olha para o outro lado.

— Deixa pra lá.

(22h23)

CLARE: Acabou. Saímos do clube depois de beijar todo mundo que encontramos no caminho, partimos em nosso carro coberto de creme de barbear e latas. Paro em frente ao Dew Drop Inn, um motelzinho cafona em Silver Lake. Henry dorme. Salto, faço o *check in*, peço ao recepcionista para vir me ajudar a levar Henry para o nosso quarto e jogá-lo na cama. O cara traz as malas, arregala os olhos para o meu vestido de noiva e o estado inerte de Henry e me dá um sorriso zombeteiro. Dou a gorjeta e ele sai. Tiro os sapatos de Henry, afrouxo sua gravata. Tiro o vestido e estendo na poltrona.

Estou tremendo de frio no banheiro escovando os dentes de camisola. No espelho, vejo Henry deitado na cama. Ele ronca. Cuspo a pasta de dente e enxáguo a boca. De repente, ela me invade: a felicidade. E a descoberta: estamos casados. Bem, *eu* estou casada, pelo menos.

Quando apago a luz, dou um beijo de boa-noite em Henry. Ele cheira a álcool, suor e perfume de Helen. Durma bem. Cuidado com o bicho-papão. E adormeço, sem sonhos e feliz.

Segunda-feira, 25 de outubro de 1993 (Henry tem 30 anos, Clare, 22)

HENRY: Na segunda-feira depois do casamento, Clare e eu estamos na Prefeitura de Chicago, sendo casados por um juiz. Gomez e Charisse são as testemunhas. Depois, vamos todos jantar no Charlie Trotter’s, um restaurante tão caro que a decoração parece uma primeira classe de avião ou uma escultura minimalista. Felizmente, embora tenha cara de arte, a comida é uma delícia. Charisse fotografa os pratos todos, conforme vão surgindo na nossa frente.

— Qual é a sensação de estar casada? — pergunta Charisse.

— Eu me sinto *muito* casada — diz Clare.

— Vocês podiam continuar — diz Gomez. — Tentar todas as diferentes cerimônias, budista, nudista...

— Me pergunto se sou bígama.

Clare está comendo uma coisa cor de pistache que tem vários camarões grandes em cima como se fossem velhos míopes lendo um jornal.

— Acho que é permitido a gente se casar com a mesma pessoa quantas vezes quiser — diz Charisse.

— Você é a *mesma* pessoa? — me pergunta Gomez. A coisa que estou comendo é coberta de finas fatias de atum cru que derretem na minha língua. Demoro um instante para saborear antes de responder:

— Sou, só que mais ainda.

Gomez fica aborrecido e murmura algo sobre ditados budistas, mas Clare ri para mim e ergue o copo. Toco o dela com o meu: uma delicada nota de cristal ecoa e se dissolve no burburinho do restaurante.

E então estamos casados.

OceanofPDF.com

II

UMA GOTA DE SANGUE NUMA TIGELA DE LEITE

OceanofPDF.com

— O que foi, minha querida?

— Ah, como podemos aguentar isso?

— Aguentar o quê?

— Isso. Por tão pouco tempo. Como podemos dormir para fazer esse tempo passar?

— Podemos ficar quietos juntos e fingir... já que é só o começo... que temos todo o tempo do mundo.

— E cada dia teremos menos. E depois nenhum.

— Você preferiria, então, não ter nada?

— Não. É aqui que eu venho sempre. Desde que meu tempo começou. E quando eu for embora daqui, este será o ponto intermediário, para o qual tudo corria antes, e *do qual* tudo correrá. Mas agora, meu amor, estamos aqui, estamos *agora*, e aqueles outros tempos correm em outro lugar.



— A. S. Byatt, *Possessão*

OceanofPDF.com

VIDA DE CASADO



Março de 1994 (Clare tem 22 anos, Henry, 30)

CLARE: E então estamos casados.

A princípio, moramos num apartamento de dois quartos num prédio de dois andares em Ravenswood. O apartamento é ensolarado, com um chão claro de madeira de lei e uma cozinha cheia de armários antigos e eletrodomésticos antiquados. Fazemos compras, passamos tardes de domingo na Crate & Barrel trocando presentes de casamento, encomendamos um sofá que não passa pelas portas do apartamento e tem que ser devolvido. O apartamento é um laboratório onde conduzimos experiências, pesquisamos um sobre o outro. Descobrimos que Henry odeia quando eu, distraída, bato com a colher no dente enquanto leio o jornal de manhã. Concordamos que não tem problema eu ouvir Joni Mitchell e não tem problema Henry ouvir The Shags desde que o outro não esteja por perto. Entendemos que Henry deve cozinhar e eu devo me encarregar da lavagem da roupa, e como nenhum de nós está disposto a passar aspirador, então contratamos alguém para fazer a faxina.

Entramos numa rotina. Henry trabalha de terça a sábado na Newberry. Ele se levanta às 7h30 e começa a fazer o café, depois enfia a roupa de correr e vai correr. Quando volta, toma um banho e se veste, e eu me levanto trôpega e converso com ele enquanto ele termina de preparar o café. Depois que comemos, ele escova os dentes e sai correndo para pegar o metrô, e eu volto para a cama e cochilo por uma hora mais ou menos.

Quando me levanto de novo, a casa está em silêncio. Tomo um banho, me penteio e visto minha roupa de trabalho. Tomo mais uma xícara de café, vou para o quarto dos fundos que é meu ateliê e fecho a porta.

Eu peno no meu ateliê, no minúsculo quartinho dos fundos, no início da minha vida de casada. O espaço que posso chamar de meu, que não é cheio de Henry, é tão pequeno que minhas ideias ficaram pequenas. Sou como uma lagarta num casulo de papel; estou cercada de esboços para esculturas, pequenos desenhos que parecem mariposas esvoaçando nas vidraças, batendo as asas para fugir desse espaço minúsculo. Faço maquetes, pequenas esculturas que são ensaios para grandes esculturas. A cada dia as

ideias chegam com mais relutância, como se soubessem que vou matá-las de fome e tolher o seu crescimento. À noite, sonho com cor, com o ato de afundar os braços em tinas de fibra de papel. Sonho com jardins minúsculos onde não posso pisar, pois sou uma giganta.

O que há de irresistível na criação artística — ou na criação de qualquer coisa, suponho — é o momento em que a ideia vaga e insubstancial se *concretiza*, vira coisa, uma substância num mundo de substâncias. Circe, Nimue, Ártemis, Atena, todas as velhas feiticeiras: elas devem ter conhecido a sensação quando transformavam meros homens em criaturas fabulosas, roubavam os segredos dos mágicos, distribuíam exércitos: ah, olhe, lá está ele, o objeto novo. Chame de porco, guerra, loureiro. Chame de arte. A mágica que posso fazer é mágica pequena agora, mágica adiada. Todos os dias, eu trabalho, mas nada se materializa nunca. Me sinto como Penélope, tecendo e desmanchando.

E Henry, meu Ulisses? Henry é um artista de outra espécie, um artista do desaparecimento. Nossa vida conjugal neste apartamento pequeno demais é pontuada pelas pequenas ausências de Henry. Às vezes, ele desaparece discretamente; posso estar indo da cozinha para o corredor e encontrar uma pilha de roupas no chão. Posso levantar da cama de manhã e encontrar o chuveiro correndo e ninguém lá dentro. Às vezes assusta. Estou trabalhando em meu ateliê uma tarde, quando ouço alguém gemendo à minha porta; quando abro, encontro Henry de quatro, nu, no corredor, com a cabeça sangrando muito. Ele abre os olhos, me vê e some. Às vezes, acordo no meio da noite e Henry desapareceu. De manhã, ele me diz onde andou, assim como outros maridos podem contar às suas mulheres um sonho que tiveram: “Eu estava na biblioteca Selzer no escuro em 1989.” Ou: “Fui perseguido por um pastor-alemão no quintal de uma pessoa e tive que trepar numa árvore.” Ou: “Eu estava parado na chuva perto do apartamento dos meus pais, ouvindo minha mãe cantar.” Estou esperando Henry me contar que ele me viu quando eu era criança, mas até agora isso não aconteceu. Quando era criança, eu não via a hora de estar com Henry. Cada visita era um acontecimento. Agora, cada ausência é um não acontecimento, uma subtração, uma aventura sobre a qual vou ouvir quando meu aventureiro se materializar aos meus pés, sangrando ou assobiando, sorrindo ou tremendo. Agora tenho medo quando ele some.

HENRY: Quando se vive com uma mulher, todo dia se aprende alguma coisa. Até agora, aprendi que cabelo comprido entope o ralo do chuveiro antes de você conseguir dizer “Liquid-Plumr”;[12] que não é recomendável recortar alguma coisa do jornal antes que sua mulher tenha lido, mesmo que o jornal em questão seja de uma semana atrás; que sou a única pessoa em nossa casa de duas pessoas que consegue comer o mesmo prato no jantar três noites seguidas sem fazer cara feia; e que os fones de ouvido foram inventados para preservar marido e mulher dos excessos musicais um do outro (Como Clare pode ouvir Cheap Trick? Por que ela gosta dos Eagles? Nunca saberei, porque ela fica toda na defensiva quando pergunto. Como pode ser que a mulher que amo não quer ouvir a *Musique du Garrot et de la Farraille*?) A lição mais difícil é a solidão de Clare. Às vezes, chego em casa e Clare parece meio irritada. Interrompi algum fluxo de ideias, invadi o silêncio sonhador de seu dia. Às vezes, vejo uma expressão no rosto de Clare que parece uma porta fechada. Ela entrou no quarto de sua mente e está sentada ali tricotando ou fazendo outra coisa qualquer. Descobri que Clare gosta de ficar sozinha. Mas quando volto de uma viagem no tempo ela sempre fica aliviada ao me ver.

Quando uma mulher com quem você vive é artista, cada dia é uma surpresa. Clare transformou o segundo quarto numa caixa de surpresas, cheio de pequenas esculturas e desenhos espetados em cada centímetro de parede. Há rolos de arame e de papel enfiados em prateleiras e gavetas. As esculturas me lembram pipas ou aeromodelos. Digo isso a Clare uma noite, na porta de seu ateliê, vestido de terno e gravata ao chegar em casa do trabalho, prestes a começar a fazer o jantar, e ela joga uma em cima de mim; a peça voa surpreendentemente bem, e logo estamos um em cada extremo do corredor, jogando pequenas esculturas um no outro, testando sua aerodinâmica. No dia seguinte, chego em casa e descubro que Clare criou um bando de pássaros de arame e papel, que está pendurado no teto da sala. Uma semana depois, as janelas do nosso quarto estão cheias de figuras azuis translúcidas e abstratas que o sol projeta nas paredes, formando um céu para as silhuetas de pássaro que Clare pintou ali. É lindo.

Na noite seguinte, estou parado na porta do ateliê, vendo Clare terminar de desenhar uma moita de linhas pretas em volta de um pássaro vermelho. De repente, vejo Clare, enclausurada em seu quartinho por todas as suas

coisas, e percebo que ela está tentando dizer algo, e sei o que tenho que fazer.

Quarta-feira, 13 de abril de 1994 (Clare tem 22 anos, Henry, 30)

CLARE: Escuto a chave de Henry na porta da frente e saio do ateliê quando ele entra. Para minha surpresa, ele vem carregando um aparelho de televisão. Não temos tevê porque Henry não pode assistir, e eu tenho preguiça de assistir sozinha. A tevê é um aparelho em preto e branco velho, pequeno e empoeirado com uma antena quebrada.

— Oi, querida, cheguei — diz Henry, pousando a tevê na mesa da sala de jantar.

— Eca, está imunda — digo. — Achou no beco?

Henry faz uma cara ofendida.

— Comprei no Unique. Dez pratas.

— Por quê?

— Hoje vai passar um programa que acho que devemos ver.

— Mas... — Não consigo imaginar que programa faria Henry correr o risco de viajar no tempo.

— Tudo bem, não vou ficar assistindo. Quero que você veja.

— Ah. O quê? Estou tão por fora do que passa na televisão...

— É surpresa. É às oito.

A tevê fica no chão da sala de jantar enquanto jantamos. Henry se nega a responder a quaisquer perguntas sobre ela e faz questão de implicar comigo perguntando o que eu faria se tivesse um ateliê imenso.

— Isso importa? Eu tenho um closet. Talvez comece a fazer origami.

— Ah não, fala sério.

— Sei lá. — Enrolo o *linguine* no garfo. — Eu faria todas as maquetes cem vezes maiores. Desenharia em folhas de três metros por três de papel manilha. Usaria patins para ir de uma ponta à outra do ateliê. Instalaria tinas enormes, e um sistema de secagem japonês, e uma prensa Reina de quatro quilos e meio... — Estou cativada pela visualização desse ateliê imaginário, mas aí me lembro do meu ateliê de verdade e dou de ombros. — Ah, bem. Talvez um dia. — Vivemos bem com o salário de Henry e os juros do meu fundo de investimento, mas, para poder ter um ateliê de verdade, eu precisaria arranjar um emprego, e aí eu não teria tempo de ficar no ateliê. Não tem saída. Todos os meus amigos artistas estão atrás de dinheiro ou de tempo ou das duas coisas. Charisse cria programas de computador de dia e

faz arte à noite. Ela e Gomez vão se casar mês que vem. — O que a gente devia dar de presente de casamento aos Gomez?

— Hein? Ah, sei lá. Não dá para a gente dar todas aquelas máquinas de expresso que ganhamos?

— Trocamos tudo pelo micro-ondas e pela máquina de fazer pão.

— Ah, é. Ei, são quase oito horas. Pegue o seu café, vamos sentar na sala. — Henry empurra a cadeira e levanta a televisão, e eu levo nossas duas xícaras para a sala. Ele pousa o aparelho na mesa em frente ao sofá e, depois de se enrolar com uma extensão e se atrapalhar com os controles, sentamos no sofá assistindo a um anúncio de uma cama d'água no Canal 9. Parece nevar dentro da loja da cama d'água. — Droga — diz Henry, espiando a tela. — Funcionou melhor no Unique. — O logo da Loteria de Illinois pisca na tela. Henry procura no bolso da calça e me entrega um papelzinho branco. — Segure isso. — É um bilhete de loteria.

— Meu Deus. Você não...

— Shh. Veja.

Com grande fanfarra, os funcionários da Loteria — homens compenetrados de terno — anunciam os números nas bolas de pingue-pongue escolhidas aleatoriamente que pulam uma por uma na tela. 43, 2, 26, 51, 10, 11. Claro que batem com o número do bilhete na minha mão. Os homens da Loteria nos dão os parabéns. Acabamos de ganhar oito milhões de dólares.

Henry desliga a tevê, sorrindo.

— Belo truque, hein?

— Não sei o que dizer. — Henry vê que não estou pulando de alegria.

— Diga: "Obrigada, querido, por fornecer a grana de que precisamos para comprar uma casa." Por mim está bom.

— Mas... Henry... não é de verdade.

— Claro que é. Esse é um bilhete de loteria de verdade. Se levar à Katz's Deli, vai ganhar um abração da Minnie e um cheque de verdade do estado de Illinois.

— Mas você sabia.

— Claro. Obviamente. Era só uma questão de procurar no *Chicago Tribune* de amanhã.

— Não podemos... é roubo.

Henry bate dramaticamente na testa.

— Como eu sou bobo. Esqueci completamente que devemos apostar sem ter a mínima ideia de quais serão os números. Bom, podemos dar um jeito nisso.

Ele some, indo do corredor para a cozinha, e volta com uma caixa de fósforos. Acende um fósforo e segura o bilhete acima da chama.

— Não!

Henry apaga o fósforo.

— Não importa, Clare. A gente podia ganhar na loteria toda semana durante o próximo ano todo se a gente estivesse a fim. Então, se tiver problema com isso, não tem nada de mais. — O bilhete está um pouco chamuscado num canto. Henry está sentado ao meu lado no sofá. — Olhe só. Por que não apenas guarda o bilhete, e se estiver a fim de receber o prêmio, a gente recebe, e, se decidir dar para o primeiro sem-teto que encontrar, pode fazer isso...

— Não é justo.

— O que não é justo?

— Você não pode simplesmente deixar essa responsabilidade enorme comigo.

— Para mim está ótimo de uma maneira ou de outra. Então, se achar que estamos roubando do estado de Illinois o dinheiro que eles tiraram dos otários dos trabalhadores, vamos esquecer isso e pronto. Tenho certeza de que podemos pensar em algum outro jeito de conseguir um ateliê maior para você.

Ah. Um ateliê maior. De repente, fica claro para mim, idiota que sou, que Henry poderia ganhar sempre na loteria; que nunca se deu ao trabalho de fazer isso porque não é *normal.* Que decidiu pôr de lado sua dedicação fanática a viver como uma pessoa *normal* para que eu possa ter um ateliê que dê para eu andar de patins de uma ponta à outra; que estou sendo ingrata.

— Clare? Terra para Clare...

— Obrigada — digo bruscamente.

Henry ergue as sobrancelhas.

— Quer dizer que vamos receber o prêmio?

— Não sei. Quero dizer “obrigada”.

— De nada. — Há um silêncio desconfortável. — Ei, o que será que tem na tevê?

— Neve.

Henry ri, fica de pé e me puxa do sofá.

— Vem, vamos gastar nossos ganhos ilícitos.

— Aonde vamos?

— Sei lá. — Henry abre o armário do corredor e entrega meu casaco. — Ei, vamos comprar um carro de presente de casamento para Gomez e Charisse.

— Acho que eles deram copos de vinho para a gente.

Descemos a escada com passos pesados. Lá fora está uma noite perfeita de primavera. Ficamos na calçada em frente ao nosso prédio, e Henry me dá a mão. Olho para ele, levanto nossas mãos dadas, Henry me gira e logo estamos dançando pela Belle Plaine Avenue, sem música mas ao som dos carros que passam e das nossas risadas, e com o perfume das flores de cerejeira que caem como neve na calçada enquanto bailamos sob as árvores.

Quarta-feira, 18 de maio de 1994 (Clare tem 22, Henry, 30)

CLARE: Estamos tentando comprar uma casa. Procurar casa para comprar é incrível. Gente que jamais te convidaria para a casa delas em nenhuma outra circunstância abre as portas para você, deixa que fuce seus armários, dê palpite sobre o papel de parede e faça perguntas insistentes sobre a calha.

Henry e eu temos maneiras diferentes de ver uma casa. Eu percorro devagar, considero o trabalho de marcenaria, os eletrodomésticos, pergunto sobre a calefação, procuro por infiltração no porão. Henry simplesmente vai direto para os fundos da casa, olha pela janela e faz que não com a cabeça para mim. Nossa corretora, Carol, acha que ele não bate bem. Digo a ela que ele é fanático por jardinagem. Depois de um dia inteiro disso, estamos indo do escritório de Carol para casa, e decido indagar a respeito do método maluco de Henry.

— Que diabo você está fazendo? — pergunto educadamente.

Henry parece envergonhado.

— É que... eu não tinha certeza se você queria saber isso, mas já estive na nossa futura casa. Não sei quando, mas estive... estarei... lá um lindo dia de outono, à tardinha. Eu estava na janela dos fundos da casa, ao lado daquela mesinha de tampo de mármore que você ganhou da sua avó, e vi do outro lado do jardim a janela de uma construção de tijolos aparentes que parecia ser seu ateliê. Você puxava folhas de papel para lá. Elas eram azuis. Você usava uma bandana para prender o cabelo para trás, e um suéter verde e o

avental de sempre e aquilo tudo. Então, só estou tentando reproduzir essa vista, e quando fizer isso, acho que é a nossa casa.

— Caramba. Por que você não mencionou isso? Agora me sinto boba.

— Ah, não. Não se sinta. Só achei que você gostaria de comprar como todo mundo compra. É que você parecia tão detalhista e lia todos aqueles livros de como fazer, e achei que quisesse, sabe, *procurar para comprar,* e não que a compra fosse inevitável.

— *Alguém* tem que perguntar sobre cupim, revestimento de amianto, madeira podre e bombas para água acumulada no porão...

— Exatamente. Então vamos continuar assim, e, com certeza, a gente vai chegar à mesma conclusão por caminhos diferentes.

Isso acaba acontecendo, embora, primeiro, haja dois momentos tensos. Estou fascinada com um elefante branco em East Roger Park, um bairro horrível ao norte da cidade. É uma mansão, um colosso vitoriano grande o bastante para uma família de 12 mais os empregados. Sei antes mesmo de perguntar que não é a nossa casa; Henry se apavora com aquilo antes mesmo de entrarmos pela porta da frente. O quintal é um estacionamento de uma enorme drogaria. O interior tem o esqueleto de uma bela casa; pé-direito alto, lareiras de mármore, marcenaria trabalhada...

— Por favor — peço com jeitinho. — É tão incrível.

— É, incrível é a palavra. A gente ia ser estuprado e roubado uma vez por semana nessa casa. Além disso, ela precisa de uma reforma total, fiação, encanamento, caldeira nova, provavelmente um teto novo... Simplesmente não é a casa. — A voz dele é decisiva, a voz de alguém que viu o futuro e não tem planos de se meter com isso. Fico uns dias de mau humor depois disso. Henry me leva para comer *sushi*.

— Tchotchka. Amorta.[13] Coração do meu coração. Fale comigo.

— Eu não estou sem falar com você.

— Eu sei. Mas está de mau humor. E eu preferia não ser alvo de mau humor só por ter sido sensato.

A garçonete chega, e consultamos às pressas nossos cardápios. Não quero brigar no Katsu, meu restaurante de *sushi* preferido, um lugar onde comemos sempre. Acho que Henry está contando com isso, além da alegria que o *sushi* me dá, para me apaziguar. Pedimos *goma-ae*, *hijiki*, *futomaki*, *kappamaki* e uma quantidade impressionante de coisas cruas em retângulos de arroz. Kiki, a garçonete, desaparece com o nosso pedido.

— Não estou danada com você. — Isso é só meia verdade.

Henry ergue uma sobrancelha.

— Tudo bem, ótimo. Qual o problema, então?

— Você tem certeza absoluta de que aquela casa em que você esteve era a nossa? E se você estiver errado e a gente recusar uma coisa maravilhosa só porque não tinha a vista certa do jardim?

— Tinha uma quantidade incrível das nossas tralhas para ser qualquer outra coisa a não ser a nossa casa. Garanto a você que talvez não seja a nossa *primeira* casa... eu não estava perto de você o suficiente para ver quantos anos você tinha. Te achei bem jovem, mas talvez só estivesse bem-conservada. Mas te juro que é muito simpática, e não vai ser ótimo ter um ateliê nos fundos assim?

Suspiro.

— É. Vai. Nossa. Seria bom se você pudesse filmar algumas das suas excursões. Eu adoraria ver essa casa. Não dava para você ter olhado o endereço, enquanto estava lá?

— Sinto muito. Foi jogo rápido.

Às vezes, eu daria tudo para abrir a cabeça de Henry e ver a memória dele como um filme. Lembro do dia em que aprendi a usar computador. Eu tinha 14 anos e Mark tentava me ensinar a desenhar no Macintosh dele. Depois de uns dez minutos, eu queria enfiar minhas mãos tela adentro e tocar na coisa de verdade ali, fosse o que fosse. Gosto de fazer tudo de forma direta, tocar as texturas, ver as cores. Procurar casa para comprar com Henry está me deixando doida. É como dirigir um daqueles terríveis carrinhos de controle remoto. Sempre bato com eles na parede. De propósito.

— Henry, você se importaria se, por uns dias, eu fosse sozinha procurar casa?

— Não, acho que não. — Ele parece meio magoado. — Se você quiser mesmo.

— Bom, vamos acabar naquela casa de qualquer jeito, certo? Ou seja, não vai mudar nada.

— É verdade. É, não ligue para mim. Mas tente não se apaixonar mais por nenhuma arapuca, está bem?

Afinal encontro a casa um mês e umas vinte visitas depois. Fica em Ainslie, na Lincoln Square, um bangalô de tijolinhos vermelhos construído em 1926. Carol abre a caixa de chaves e luta com a fechadura, e, quando a porta abre, tenho a sensação avassaladora de estar no lugar certo... Vou

direto até a janela dos fundos, olho para o jardim, e lá estão meu futuro ateliê e a parreira. Quando me viro, Carol me olha curiosa e digo:

— Vamos comprar esta.

Ela está mais que um pouquinho surpresa.

— Não quer ver o resto da casa? E seu marido?

— Ah, ele já viu. Mas, sim, claro, vamos ver a casa.

Sábado, 9 de julho de 1994 (Henry tem 31 anos, Clare, 23)

HENRY: Hoje é o Dia da Mudança. Fez calor o dia inteiro; as camisas dos homens da mudança estavam grudadas em seus corpos quando eles subiam as escadas do nosso apartamento hoje de manhã, sorrindo porque imaginavam que um apartamento de dois quartos seria moleza e eles terminariam antes do almoço. O sorriso se desmanchou quando chegaram à sala e viram a pesada mobília vitoriana de Clare e minhas 78 caixas de livros. Agora está escuro e Clare e eu vagamos pela casa, tocando nas paredes, passando a mão nos parapeitos de cerejeira. Nossos pés descalços batem nos assoalhos de madeira. Botamos água para correr na banheira de pés de garra, acendemos e apagamos as bocas do pesado fogão Universal. As janelas estão nuas; deixamos a luz apagada e a claridade da rua bate na lareira vazia pelos vidros sujos. Clare vai de quarto em quarto, afagando sua casa, nossa casa. Vou atrás dela, vendo Clare abrir armários e janelas. Ela fica na ponta dos pés na sala de jantar para tocar o lustre de cristal com a ponta de um dedo. Aí, tira a blusa. Passo a língua em seus seios. Somos envolvidos, observados e admirados pela casa enquanto fazemos amor nela pela primeira vez, a primeira de muitas. Depois, quando ficamos exaustos no chão cercados de caixas, sinto que encontramos nossa casa.

Domingo, 28 de agosto de 1994 (Clare tem 23 anos, Henry, 31)

CLARE: É uma tarde úmida e abafada de domingo, e Henry, Gomez e eu de bobeira em Evanston. Passamos a manhã na Lighthouse Beach, brincando no lago Michigan e nos tostando. Gomez quis ser enterrado na areia, e Henry e eu fizemos sua vontade. Comemos o nosso piquenique e tiramos uma soneca. Agora vamos andando na Church Street pela sombra, chupando picolés de laranja, tontos do sol.

— Clare, seu cabelo está cheio de areia — diz Henry. Paro, inclino meu corpo para a frente e bato com a mão no cabelo como se ele fosse um

tapete. Cai uma praia inteira dali.

— Minhas orelhas estão cheias de areia. E as minhas cuecas — diz Gomez.

— Eu ficaria feliz de sacudir sua cabeça, mas da outra cuida você — digo. Sopra um ventinho e paramos para curtir a brisa. Prendo o cabelo no alto da cabeça e na mesma hora me sinto melhor.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Gomez. Henry e eu nos entreolhamos.

— Bookman's Alley — falamos juntos.

Gomez resmunga.

— Ai, meu Deus. Livraria, não. Senhor, Nossa Senhora, tende piedade de vosso humilde servo...

— Então é a Bookman's Alley mesmo — diz Henry alegremente.

— Só prometa que não vamos passar mais que, ah, digamos, três horas...

— Acho que fecham às cinco — digo —, e já são 14h30.

— Você podia ir tomar uma cerveja — diz Henry.

— Achei que não vendiam bebida alcoólica em Evanston.

— Não, acho que mudaram isso. Se conseguir provar que não é membro da Associação Cristã de Moços, você pode tomar uma cerveja.

— Vou com vocês. Um por todos e todos por um.

Entramos na Sherman, passamos por onde era uma Marshall Field's e agora é uma ponta de estoque de tênis, por onde era o Varsity Theater e agora é uma Gap. Viramos no beco que há entre a floricultura e o sapateiro e, surpresa, lá está a Bookman's Alley. Abro a porta e entramos em grupo na loja fresca e escura como se estivéssemos caindo no passado.

Roger está sentado atrás de sua pequena escrivaninha desarrumada conversando com um senhor rechonchudo e grisalho sobre algo ligado à música de câmara. Ele sorri quando nos vê.

— Clare, tenho uma coisa de que você vai gostar — diz.

Henry vai direto para os fundos da loja onde estão todas as publicações e artigos para colecionadores de livros. Gomez passeia, olhando para os pequenos objetos esquisitos metidos nas várias seções: uma sela na de Faroeste, um chapéu de Sherlock Holmes na de Mistério. Ele pega uma jujuba na imensa tigela na seção infantil, sem se tocar de que aquelas jujubas estão ali há anos e podem fazer mal. O livro que Roger tem para mim é um catálogo holandês de papéis decorativos com amostras de verdade afixadas. Vejo na mesma hora que é um achado, então ponho o

livro na mesa ao lado da escrivaninha para começar a pilha de coisas que quero. Aí começo a examinar as prateleiras com ar sonhador, respirando o cheiro entranhado de pó, papel, cola, tapetes velhos e madeira. Vejo Henry sentado no chão da seção de Arte com algo aberto no colo. Ele está queimado de sol, com o cabelo todo desgrenhado. Ainda bem que o cortou. Parece mais o Henry que conheço agora, de cabelo curto. Enquanto olho para ele, Henry levanta a mão para enrolar uma mecha no dedo, percebe que o cabelo está muito curto para isso e coça a orelha. Quero tocá-lo, passar as mãos em seu cabelo espetado, mas, em vez disso, viro para a seção de Viagem e sumo lá dentro.

HENRY: Clare está na sala principal ao lado de uma pilha enorme de novidades. Roger não gosta muito que mexam no material sem preço, mas reparei que ele deixa Clare fazer mais ou menos o que ela quer na loja dele. Ela está vendo um livrinho vermelho. Seu cabelo está querendo fugir do coque em sua cabeça, e uma alça do vestido está caída no ombro, deixando à vista um pedaço do seu maiô. É uma cena tão comovente, tão forte, que sinto uma vontade urgente de ir até ela, tocar nela, e morder Clare se não houver ninguém olhando, mas, ao mesmo tempo, não quero que esse momento termine. De repente percebo Gomez, que está parado na seção de Mistério, olhando para Clare com uma expressão igual a minha, de forma que sou obrigado a ver...

Aí, Clare olha para mim e diz:

— Henry, olhe, é Pompeia. — Ela estende o livrinho de cartões-postais, e algo na voz dela diz: *Veja, escolhi você.* Vou até ela, passo o braço em volta de seus ombros, endireito a alça caída. Quando olho um segundo depois, Gomez virou as costas para nós e está pesquisando atentamente a Agatha Christie.

Domingo, 15 de janeiro de 1995 (Clare tem 23 anos, Henry, 31)

CLARE: Lavo a louça e Henry corta pimentão verde em cubinhos. A neve de janeiro em nosso quintal reflete um cor-de-rosa forte do pôr do sol deste entardecer de domingo. Estamos fazendo molho de pimenta e cantando *Yellow Submarine:*

In the town where I was born
Lived a man who sailed to sea…

Cebolas chiam na panela no fogão. Quando cantamos *And our friends are all on board*, de repente ouço minha voz ecoando sozinha. Me viro e vejo as roupas de Henry amontoadas e a faca no chão da cozinha. Metade de um pimentão balança ligeiramente na tábua de cortar.

Apago o fogo e cubro as cebolas. Sento ao lado da pilha de roupas e recolho as peças ainda quentes do corpo de Henry. Fico ali sentada, segurando as roupas, até todo o calor delas ser do meu corpo. Então me levanto e vou para o nosso quarto, dobro as peças com cuidado e coloco em cima da nossa cama. Depois continuo a fazer o jantar da melhor maneira possível e como sozinha, esperando e pensando.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 1995 (Clare tem 23 anos, Henry, 31 e 39)

CLARE: Gomez e Charisse, Henry e eu estamos sentados à mesa de nossa sala de jantar jogando Lavagem Cerebral Capitalista Moderna. É um jogo que Gomez e Charisse inventaram. Jogamos com um tabuleiro de Banco Imobiliário. O jogo envolve responder a perguntas, fazer pontos, acumular dinheiro e explorar nossos parceiros. É a vez de Gomez. Ele joga os dados, tira um seis e cai no Fundo Comunitário. Tira uma carta.

— Tudo bem, gente. Que invenção tecnológica moderna você jogaria fora pelo bem da sociedade?

— A televisão — digo.

— Os amaciante de tecidos — diz Charisse.

— Os detectores de movimento — diz Henry com veemência.

— E eu digo a pólvora.

— Isso não é moderno — protesto.

— Tudo bem. A linha de montagem.

— Você não tem direito a duas respostas — diz Henry.

— Claro que tenho. Que porcaria de resposta é “detectores de movimento”, afinal?

— Vivo sendo dedurado pelos detectores de movimento no depósito de livros na Newberry. Essa semana, fui parar duas vezes no depósito depois do expediente, e na hora em que apareço o guarda já está lá em cima verificando. Isso está me levando à loucura.

— Acho que o proletariado não seria muito afetado pela eliminação dos detectores de movimento. Clare e eu ganhamos dez pontos cada um pela resposta correta, Charisse ganha dez pontos pela criatividade e Henry recua

três casas por privilegiar as necessidades do indivíduo em detrimento do bem comum.

— Isso me coloca de novo no ponto de partida. Me dê $200,00, banqueiro. — Charisse dá o dinheiro a Henry.

— Epa — diz Gomez. Sorrio para ele. É minha vez. Tiro um quatro.

— Estacionamento. Compro.

Para comprar qualquer coisa, preciso responder a uma pergunta corretamente. Henry tira do monte de Sorte ou Revés.

— Com quem você preferiria jantar: Adam Smith, Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Alan Greenspan?

— Rosa.

— Por quê?

— A morte mais interessante.

Henry, Charisse e Gomez conferenciam e concordam que posso comprar o estacionamento. Dou o meu dinheiro a Charisse e ela me entrega a escritura. Henry joga e cai no imposto de renda. O imposto de renda tem suas cartas especiais. Ficamos todos tensos, apreensivos. Ele lê a carta.

— Grande Salto Adiante.

— Droga.

Todos entregamos a Charisse nossos imóveis, e ela coloca tudo de volta na carteira do banco, juntamente com os dela.

— Bom, lá se vai meu estacionamento.

— Desculpe. — Henry anda meio tabuleiro, o que o coloca em St. James. — Eu compro.

— Meu pobre St. James — lamenta Charisse.

Tiro uma carta do monte estacionamento gratuito.

— Como está hoje a taxa de câmbio do iene japonês contra o dólar?

— Não tenho ideia. De onde veio essa pergunta?

— De mim — Charisse sorri.

— Qual é a resposta?

— É 99,8 ienes para um dólar.

— Tudo bem. Nada de St. James. Sua vez.

Henry entrega o dado a Charisse. Ela tira quatro e acaba indo para a cadeia. Tira uma carta que informa qual é seu crime: informação privilegiada. Todos rimos.

— Isso parece mais coisa de vocês — diz Gomez. Henry e eu sorrimos modestamente. Estamos arrasando no mercado de ações atualmente. Para

sair da cadeia, Charisse tem que responder a três perguntas.

Gomez tira do monte da Sorte ou Revés.

— Primeira pergunta: nome de dois artistas famosos que Trotsky conhecia no México.

— Diego Rivera e Frida Kahlo.

— Ótimo. Segunda pergunta: Quanto a Nike paga por dia a seus trabalhadores vietnamitas por aqueles tênis absurdamente caros?

— Ai, nossa. Sei lá... $3,00. Dez centavos?

— Qual é a sua resposta? — Há um grande estrondo na cozinha. Todos damos um pulo, e Henry diz “Fiquem sentados” com tanta ênfase que obedecemos. Ele corre para a cozinha. Charisse e Gomez me olham, perplexos. Balanço a cabeça.

— Não sei. — Mas eu sei. Ouve-se um burburinho de vozes e um gemido. Charisse e Gomez ficam gelados ao ouvir. Fico de pé e vou de mansinho atrás de Henry.

Ele está ajoelhado no chão, pressionando um pano de prato na cabeça de um homem nu deitado no chão, que obviamente é Henry. O armário de madeira onde ficam guardados nossos pratos está virado; o vidro quebrou e os pratos estão esparramados, todos espatifados. Henry está caído no meio da confusão, sangrando e coberto de vidro. Os dois Henrys me olham, um de uma forma que dá dó, o outro, ansioso. Fico de joelhos em frente a Henry, sobre Henry.

— De onde vem esse sangue todo? — sussurro.

— Acho que é do couro cabeludo — sussurra ele de volta.

— Vamos chamar uma ambulância — digo. Começo a tirar o vidro do peito de Henry. Ele fecha os olhos e diz:

— Não. — Eu paro.

— Caramba. — Gomez está parado na porta. Vejo Charisse na ponta do pé ao seu lado, tentando espiar por cima de seu ombro.

— Uau — diz ela, empurrando Gomez e passando. Henry joga um pano de prato em cima da genitália de seu duplo de bruços.

— Ah, Henry, não se preocupe com isso, já desenhei um zilhão de modelos...

— Tento manter um mínimo de privacidade — diz Henry com grosseria. Charisse recua como se tivesse recebido uma bofetada dele.

— Olhe, Henry — Gomez altera a voz.

Não consigo pensar com isso tudo acontecendo.

— Calem a boca, por favor — peço, exasperada. Para minha surpresa, eles obedecem. — O que está acontecendo? — pergunto a Henry, que está deitado no chão fazendo careta e tentando não se mexer. Ele abre os olhos e olha para mim um momento antes de responder.

— Vou desaparecer já, já — diz afinal, baixinho. Olha para Henry. — Quero beber alguma coisa.

Henry se levanta de um pulo e volta com um copo de suco cheio de Jack Daniels. Apoio a cabeça de Henry e ele consegue engolir um terço do copo.

— Isso é prudente? — pergunta Gomez.

— Não sei. Não me importo — Henry afirma do chão. — Está doendo pra diabo. — Ele dá uma arfada. — Para trás! Fechem os olhos...

— Por quê?... — Gomez começa.

Henry está tendo convulsões no chão como se tivesse sendo eletrocutado. Sua cabeça balança violentamente e ele grita "Clare!". Fecho os olhos. Ouve-se um barulho seco como o de um lençol sendo batido, só que muito mais alto, e depois chove vidro e louça para todo lado; Henry sumiu.

— Ai, meu Deus — diz Charisse. Henry e eu ficamos nos olhando. *Essa foi diferente, Henry. Essa foi violenta e feia. O que está acontecendo com você?* Sua cara branca me diz que ele também não sabe. Ele examina o uísque para ver se há cacos de vidro e depois termina de beber.

— E esse vidro todo? — pergunta Gomez, tirando os cacos de cima de si com cuidado.

Henry se levanta e me dá a mão. Está coberto por sangue, cacos de louça e cristal. Fico em pé e olho para Charisse. Ela tem um grande corte na cara. O sangue desce por seu rosto como uma lágrima.

— Tudo o que não faz parte do meu corpo fica para trás — Henry explica. Ele mostra para Gomez e Charisse o buraco do dente que teve que arrancar porque vivia perdendo a obturação. — Então, seja lá para que data eu tenha ido, pelo menos o vidro todo sumiu, ninguém vai ter que ficar sentado extraindo os cacos com uma pinça.

— Não, mas nós vamos — diz Gomez, tirando delicadamente cacos de vidro do cabelo de Charisse. Ele tem razão.

[12] Marca de desentupidor. (N. da T.)

[13] Tchotchka: menina bonita em ídiche; Amorta: onda do mar, em queniano. (N. da T.)

OceanofPDF.com

FICÇÃO CIENTÍFICA DE BIBLIOTECA



Quarta-feira, 8 de março de 1995 (Henry tem 31 anos)

HENRY: Matt e eu estamos brincando de esconde-esconde no depósito das Coleções Especiais. Ele está me procurando porque devemos dar uma aula de caligrafia para uma integrante do conselho da Newberry e seu Clube Feminino de Tipografia. Estou me escondendo dele porque estou tentando me vestir todo antes que me ache.

— Vamos, Henry, elas estão esperando — grita Matt de algum lugar das Primeiras Propagandas Americanas. Estou vestindo as calças no *livre d'artistes* franceses do século XX.

— Um segundinho, só quero encontrar uma coisa — grito. Guardo na cabeça que devo aprender ventriloquia para momentos como esse. A voz de Matt se aproxima mais quando ele diz:

— Você sabe que a sra. Connely vai ter um treco, deixa isso pra lá, vamos *sair* daqui... — Ele mete a cabeça pela minha fileira quando estou abotoando a camisa. — O que está fazendo?

— Como?

— Você andou correndo pelado de novo pelo depósito, não?

— Hum, talvez. — Tento aparentar indiferença.

— Meu Deus, Henry. Me dê o carrinho.

Matt pega o carrinho carregado de livros e começa a levá-lo em direção à Sala de Leitura. A pesada porta de metal abre e fecha. Calço as meias e os sapatos, dou o laço na gravata, espano e visto o paletó. Entro na Sala de Leitura e encaro Matt do outro lado da comprida mesa de sala de aula rodeada de senhoras ricas de meia-idade. Aí começo a discorrer sobre os vários estilos de caligrafia do gênio tipográfico Rudolf Koch. Matt estende feltros, abre pastas e dá apartes inteligentes sobre Koch, e com o passar da hora parece que não vai me matar dessa vez. As alegres senhoras saem para almoçar. Matt e eu damos a volta na mesa, guardando os livros nas respectivas caixas e colocando tudo no carrinho.

— Desculpe o atraso.

— Se você não fosse brilhante — retruca Matt —, a essa altura a gente já teria curtido você e usado o seu couro para encadernar novamente *Das*

Manifest der Nacktkultur.

— Não existe esse livro.

— Quer apostar?

— Não.

Levamos o carrinho de volta para o depósito e começamos a repor os livros e as pastas nas prateleiras. Pago o almoço de Matt no Beau Thai, e tudo fica perdoado, se não esquecido.

Terça-feira, 11 de abril de 1995 (Henry tem 31 anos)

HENRY: Há uma escada na Biblioteca Newberry que me assusta. Fica na ponta leste da galeria comprida que há em cada um dos quatro andares, dividindo as Salas de Leitura dos depósitos. Não é imponente como a escada principal com seus degraus de mármore e seus corrimãos entalhados. Não tem janelas. Tem luzes fluorescentes, paredes de tijolos de concreto com faixas de segurança amarelas. Há portas de metal sem janelas em cada andar. Mas não são estas coisas que me metem medo. O que eu não gosto nessa escada nem um pouco é da Gaiola.

A Gaiola tem quatro andares e ocupa o centro do vão da escada. À primeira vista, parece uma gaiola de elevador, mas não há nem nunca houve elevador algum. Parece que ninguém na Newberry sabe para que serve a Gaiola, nem por que foi instalada. Presumo que esteja lá para impedir que as pessoas se joguem da escada e se esborrachem lá embaixo. A Gaiola é pintada de bege e feita de aço.

Quando vim trabalhar na Newberry, Catherine me acompanhou para mostrar todos os cantos e recantos. Exibiu com orgulho os depósitos, a sala dos objetos, a sala desocupada no corredor leste onde Matt estuda canto, o gabinete incrivelmente desarrumado de McAllister, as mesas de estudo dos pesquisadores, o refeitório dos funcionários. Quando subíamos para a sala de conservação e Catherine abriu a porta da escada, tive um momento de pânico. Olhei para o gradeado da Gaiola e empaquei como um cavalo arisco.

— O que é isso? — perguntei a Catherine.

— Ah, é a Gaiola — respondeu ela, de forma casual.

— É um elevador?

— Não, é só uma gaiola. Acho que não faz nada.

— Ah. — Fui até lá, olhei para dentro. — Tem alguma porta lá embaixo?

— Não. Não dá para entrar nela.

— Ah.

Subimos as escadas e continuamos com a nossa excursão.

Desde então, evito usar essa escada. Tento não pensar na Gaiola; não quero fazer disso um bicho de sete cabeças. Mas se algum dia eu for parar lá dentro, não vou conseguir sair.

Sexta-feira, 9 de junho de 1995 (Henry tem 31 anos)

HENRY: Apareço no chão do banheiro masculino dos funcionários no quarto andar da Newberry. Passei dias sumido, perdido em 1973 na zona rural de Indiana, e estou cansado, faminto e com a barba por fazer; pior ainda, tenho um olho roxo e não acho as minhas roupas. Fico em pé e me tranco num reservado, onde sento e fico pensando. Nesse meio-tempo, alguém entra, abre a braguilha e fica parado mijando no mictório. Quando termina, fecha a calça e espera um instante — e exatamente aí, eu espirro.

— Quem está aí? — pergunta Roberto. Fico sentado em silêncio. Pela fresta entre a porta e o batente, vejo Roberto se abaixar devagar e olhar por baixo da porta para meus pés.

— Henry? — ele diz. — Vou mandar Matt trazer suas roupas. Se vista por favor e venha à minha sala.

Entro de fininho na sala de Roberto e me sento à sua frente. Ele está ao telefone, então dou uma espiada em sua agenda. É sexta-feira. O relógio acima da mesa marca 14h17. Estou desaparecido há pouco mais de 22 horas. Roberto põe o fone delicadamente no gancho e se vira para olhar para mim.

— Feche a porta — diz.

Isso é uma mera formalidade porque as portas de nossas salas não vão realmente até o teto, mas faço o que ele diz.

Roberto Calle é um eminente especialista em renascença italiana e o chefe das Coleções Especiais. Ele normalmente é o mais otimista dos homens, e um motivador. Usa barba e é bronzeado. Agora me olha com tristeza por cima dos óculos bifocais e diz:

— Realmente isso é inadmissível, você sabe.

— Sim — digo. — Eu sei.

— Posso perguntar onde você arranjou esse impressionante olho roxo? — A voz de Roberto é amarga.

— Acho que bati numa árvore.

— Claro. Que bobagem minha não pensar nisso. — Ficamos parados olhando um para o outro. Roberto diz: — Por acaso, ontem vi o Matt entrando na sua sala levando um monte de roupas. Como não era a primeira vez que vi o Matt andando por aí carregando roupas, perguntei onde ele tinha arranjado aquelas ali, e ele disse que tinha encontrado no banheiro masculino. Então, perguntei por que ele sentiu vontade de levar as roupas para a sua sala e ele respondeu que eram parecidas com as que você estava usando, e eram mesmo. E já que ninguém achava você, simplesmente deixamos as roupas na sua mesa.

Ele faz uma pausa como se eu devesse dizer algo, mas não consigo pensar em nada apropriado. Ele prossegue:

— Hoje de manhã, Clare ligou e disse a Isabelle que você estava gripado e não viria. — Apoio a cabeça na mão. Meu olho lateja. — Explique-se — exige Roberto.

É tentador dizer: *Roberto, fiquei preso em 1973 e não deu para sair. Passei dias morando num celeiro em Muncie, Indiana, e levei um murro do dono do celeiro porque ele achou que eu estava de sacanagem com as ovelhas dele.* Mas obviamente não posso dizer isso. Digo:

— Não estou bem lembrado, Roberto, desculpe.

— Ah. Bom, acho que o Matt ganha o bolão.

— Que bolão?

Roberto dá um sorriso, e acho que talvez ele não vá me pôr na rua.

— O Matt apostou que você nem tentaria explicar. A Amélia bateu dinheiro na versão abdução por extraterrestres. A Isabelle apostou que você estava envolvido num cartel internacional de drogas e tinha sido sequestrado e morto pela Máfia.

— E a Catherine?

— Ah, a Catherine e eu estamos convencidos de que isso tudo se deve a uma bizarra tara sexual que envolve nudez e livros.

Respiro fundo.

— É mais como epilepsia — digo.

Roberto parece cético.

— Epilepsia? Você desapareceu ontem à tarde. Está com um olho roxo e a cara e as mãos todas arranhadas. Mandei o pessoal da segurança revistar o prédio de cima a baixo à sua procura ontem; eles me disseram que você tem o hábito de tirar a roupa no depósito.

Fico olhando para as minhas unhas. Quando levanto os olhos, Roberto está olhando pela janela.

— Não sei o que fazer com você, Henry. Eu odiaria te perder; quando está aqui todo vestido, você consegue ser bastante... competente. Mas, simplesmente, assim *não dá.*

Ficamos nos olhando alguns minutos. Afinal, Roberto fala:

— Me diga que não vai tornar a acontecer.

— Não posso. Quem me dera.

Roberto suspira e faz um gesto indicando a porta.

— Vá. Vá catalogar a coleção Quigley. Isso deve te manter longe de encrenca por algum tempo. — (A coleção Quigley, recentemente doada, é composta por mais de duas mil peças vitorianas sobre assuntos banais, a maioria falando sobre sabão.) Balanço a cabeça expressando minha obediência e me levanto.

Quando abro a porta, Roberto diz:

— Henry. É tão ruim que não dá para me contar?

Hesito.

— É — digo. Roberto fica calado. Fecho a porta ao passar e vou para minha sala. Matt está sentado na minha mesa, transferindo coisas da agenda dele para a minha. Ergue os olhos quando entro.

— Ele pôs você na rua? — pergunta.

— Não — respondo.

— Por quê?

— Sei lá.

— Estranho. Por falar nisso, fiz sua palestra para os encadernadores de Chicago.

— Obrigado. Amanhã te pago o almoço.

— Claro. — Matt verifica a agenda à sua frente. — Temos uma aula para a turma de história da tipografia da Columbia daqui a 45 minutos. — Faço que sim com a cabeça e começo a catar na minha mesa a lista de itens que vamos mostrar. — Henry?

— Sim?

— Onde você estava?

— Em Muncie, Indiana. 1973.

— Tá bom... — Matt revira os olhos e sorri com sarcasmo. — Deixa pra lá.

Domingo, 17 de dezembro de 1995 (Clare tem 24 anos, Henry, 8)

CLARE: Estou visitando Kimy. É uma tarde de neve em dezembro. Andei fazendo compras de Natal e estou sentada na cozinha de Kimy tomando chocolate quente, esquentando os pés ao lado do radiador de rodapé e me divertindo com histórias de pechinchas e decorações. Kimy joga paciência enquanto conversamos; admiro a prática que ela tem de embaralhar, a eficiência com que bota as cartas vermelhas sobre as pretas. Há uma panela de ensopado cozinhando em fogo lento. Ouve-se um barulho na sala de jantar; uma cadeira cai. Kimy ergue os olhos e vira o rosto.

— Kimy — sussurro. — Tem um garotinho embaixo da mesa da sala de jantar.

Alguém dá um risinho.

— Henry? — grita Kimy. Nada de resposta. Ela se levanta e fica parada na porta. — Ei, amigo. Pare com isso. Bote uma roupa, mocinho.

Kimy desaparece na sala de jantar. Sussurros. Mais risadinhas. Silêncio. De repente, há um garotinho pelado me olhando da porta, e, tão depressa quanto surgiu, ele desaparece. Kimy volta para a mesa e continua jogando.

— Uau — digo.

Kimy sorri.

— Isso não acontece muito ultimamente. Agora quando vem é adulto. Mas não vem tanto quanto costumava vir.

— Eu nunca vi o Henry ir assim para frente, para o futuro.

— Bom, você ainda não tem tanto futuro com ele.

Custo um pouco a entender o que ela quer dizer. Quando entendo, me pergunto que tipo de futuro será, e aí penso no futuro se expandindo, gradualmente se abrindo o suficiente para Henry chegar do passado até mim. Tomo o meu chocolate e fico olhando para o jardim congelado de Kimy.

— Sente falta dele? — pergunto.

— Sinto, sim. Mas agora ele já é grande. Quando ele vem como criança, é como um fantasma, sabe? — Faço que sim com a cabeça. Kimy termina o jogo, junta as cartas, olha para mim e sorri. — Quando vocês vão ter filho, hein?

— Não sei, Kimy, não tenho certeza se podemos.

Ela se levanta, vai até o fogão e mexe o ensopado.

— Bom, nunca se sabe.

— Verdade. — Nunca se sabe.

Mais tarde, Henry e eu estamos deitados na cama. Continua nevando; os radiadores dão estalos fracos. Viro para ele e quando ele me olha, eu digo:

— Vamos fazer um filho.

Segunda-feira, 11 de março de 1996 (Henry tem 32 anos)

HENRY: Localizei o dr. Kendrick; ele é afiliado ao hospital da Universidade de Chicago. É um dia de março horrível, úmido e frio. Em Chicago, o tempo em março deveria ser melhor do que em fevereiro, mas nem sempre é assim. Entro no trem e me sento virado para trás. Chicago desfila atrás de mim e logo estou na rua 59. Salto e luto para atravessar a chuva gelada. São 9h de uma segunda-feira. Todo mundo está calado, resistindo a voltar para a semana de trabalho. Gosto do Hyde Park. A sensação que dá é que saí de Chicago e caí em outra cidade qualquer, talvez Cambridge. Os prédios de pedra cinza estão escuros com a chuva. Pingos grossos e gelados caem das árvores nos transeuntes. Sinto a serenidade absoluta do fato consumado; conseguirei convencer Kendrick, embora tenha fracassado em convencer tantos médicos, porque o convenço mesmo. Ele será meu médico porque no futuro ele é meu médico.

Entro num prédio cuja arquitetura imita o estilo de Mies ao lado do hospital. Pego o elevador para o terceiro andar, abro a porta de vidro com a inscrição em dourado *Drs. C. P. Sloane e D. L. Kendrick,* anuncio meu nome à recepcionista e me sento numa das cadeiras estofadas violeta-escuro. A sala de espera é rosa e violeta, suponho que para acalmar os pacientes. O dr. Kendrick é geneticista e, não por acaso, filósofo; seu lado filósofo, acho eu, deve servir para encarar a dura realidade do geneticista. Hoje, não há ninguém aqui a não ser eu. Cheguei dez minutos adiantado. O papel de parede tem listras largas exatamente da cor rosa de Pepto-Bismol. Não combina com a pintura de um moinho d'água à minha frente, com predomínio de marrons e verdes. A mobília é uma imitação de estilo colonial, mas há um tapete bem bonito, um tipo de tapete persa macio, e eu fico meio com pena dele, preso aqui nessa sala de espera horrenda. A recepcionista é uma mulher de meia-idade de aparência simpática com rugas profundas de anos de sol; está bronzeadíssima agora, em março em Chicago.

Às 9h35, escuto vozes no corredor e uma loura entra na sala de espera com um garotinho numa cadeira de rodas. O garoto parece ter paralisia

cerebral ou algo assim. A mulher ri para mim; retribuo o sorriso. Quando ela vira, vejo que está grávida. A recepcionista diz:

— Pode entrar, sr. DeTamble — e sorrio para o garoto ao passar por ele. Seus olhos enormes me observam, mas ele não retribui o sorriso.

Quando entro na sala do dr. Kendrick, ele está fazendo anotações num arquivo. Me sento e ele continua escrevendo. Ele é mais moço do que pensei; trinta e muitos. Sempre tenho a expectativa de que os médicos sejam velhos. Não consigo evitar por conta da minha infância com um sem-fim de médicos. Kendrick é ruivo, tem uma cara fina, barba e usa óculos grossos de aro de metal. Parece um pouco com D. H. Lawrence. Está usando um belo terno cinza-escuro e uma gravata verde estreita com um prendedor em forma de truta. Há um cinzeiro transbordando junto a seu cotovelo; a sala está impregnada de fumaça de cigarro, embora, no momento, ele não esteja fumando. Tudo é muito moderno: aço tubular, sarja bege, madeira clara. Ele olha para mim e sorri.

— Bom dia, sr. DeTamble. O que posso fazer pelo senhor? — Ele olha para a agenda. — Parece que não tenho nenhuma informação a seu respeito, aqui. Qual é o problema?

— *Dasein*.

Kendrick é pego desprevenido.

— *Dasein?* Ser? Como assim?

— Tenho uma doença que ouvi dizer que será conhecida como distúrbio temporal. Tenho dificuldade de ficar no presente.

— Desculpe?

— Viajo no tempo. Sem querer.

Kendrick fica confuso, mas se controla. Gosto dele. Está tentando lidar comigo como uma pessoa sã faria, embora eu tenha certeza de que já considera para qual dos seus amigos psiquiatras vai me encaminhar.

— Mas por que precisa de um geneticista? Ou está me consultando como filósofo?

— É uma doença genética. Embora fosse muito agradável ter alguém com quem conversar sobre as hipóteses do problema.

— Sr. DeTamble. O senhor obviamente é um homem inteligente... Nunca ouvi falar dessa doença. Não posso fazer nada pelo senhor.

— Não acredita em mim.

— Correto. Não acredito.

Agora dou um sorriso melancólico. Me sinto péssimo com isso, mas tem que ser feito.

— Pois bem. Já fui a um bom número de médicos na vida, mas esta é a primeira vez que tenho alguma coisa a oferecer como prova. Claro, ninguém jamais acredita em mim. Você e sua mulher estão esperando um filho para o mês que vem?

Ele fica desconfiado.

— Sim. Como sabe?

— Daqui a alguns anos procuro a certidão de nascimento do seu filho. Viajo ao passado da minha mulher, escrevo a informação neste envelope. Ela me dá o envelope quando nos encontramos no presente. Eu dou ao senhor, agora. Abra depois do nascimento do seu filho.

— Vamos ter uma menina.

— Não, não vão, na verdade — digo delicadamente. — Mas não vamos discutir por isso. Guarde o papel para abrir depois do nascimento da criança. Não jogue fora. Depois que tiver lido, me ligue, se quiser. — Fico de pé para sair. — Boa sorte — digo, embora eu não acredite em sorte, atualmente. Tenho muita pena dele, mas não há outra forma de fazer isso.

— Até logo, sr. DeTamble — diz o dr. Kendrick friamente. Saio. Quando entro no elevador, penso com meus botões que ele deve estar abrindo o envelope agora mesmo. Dentro há uma folha de papel que diz:

Colin Joseph Kendrick
6 de abril de 1996 1h18
Sexo masculino, branco, 3kg
Síndrome de Down

Sábado, 6 de abril de 1996, 5h32 (Henry tem 32 anos, Clare, 24)

HENRY: Estamos dormindo bem agarradinhos; passamos a noite toda acordando, virando na cama, levantando, tornando a deitar. O neném dos Kendricks nasceu hoje de madrugada. Logo o telefone vai tocar. E toca mesmo. Clare atende o aparelho, que fica do seu lado, e diz:

— Alô? — bem baixinho, e me passa o aparelho.

— Como sabia? *Como sabia?* — Kendrick quase sussurra.

— Sinto muito. Sinto muito mesmo. — Ficamos ambos um minuto calados. Acho que Kendrick está chorando.

— Venha ao meu consultório.

— Quando?

— Amanhã — diz e desliga o telefone.

Domingo, 7 de abril de 1996 (Henry tem 32 e 8 anos, Clare, 24)

HENRY: Clare e eu estamos indo de carro para o Hyde Park. Passamos a maior parte da viagem calados. Chove, e os limpadores de para-brisa são como o baixo e a bateria de uma banda, dando ritmo ao vento e à água que escorre pelo carro. Como se continuasse uma conversa inexistente, Clare diz:

— Não é justo.

— O quê? Kendrick?

— É.

— A natureza não é justa.

— Ah... não. Quer dizer, sim, é uma tristeza essa coisa do neném, mas na verdade eu me referia a nós. Não é justo a gente estar explorando isso.

— É golpe baixo, você quer dizer?

— A-hã.

Suspiro. Aparece a saída da rua 57, Clare muda de pista e sai da estrada.

— Concordo com você, mas é tarde demais. E tentei...

— Bom, é tarde demais, de qualquer forma.

— Certo.

Tornamos a ficar calados. Guio Clare através do labirinto de ruas de mão única, e logo estamos na frente do prédio do consultório de Kendrick.

— Boa sorte.

— Obrigado. Estou nervoso.

— Seja bonzinho.

Clare me beija. Olhamos um para o outro, todas as nossas esperanças afetadas pelo sentimento de culpa em relação a Kendrick. Clare sorri e olha para o outro lado. Salto do carro e fico vendo Clare seguir lentamente pela rua 59 e atravessar o Midway. Ela tem uma missão a cumprir na Galeria Smart.

A porta principal está destrancada e pego o elevador para o terceiro andar. Não há ninguém na sala de espera de Kendrick. Atravesso a sala e sigo pelo corredor. A porta de Kendrick está aberta, e a luz, apagada. Kendrick está de pé atrás de sua mesa, de costas para mim, olhando pela janela para a rua molhada lá embaixo. Fico calado, parado na porta um bom tempo. Afinal, entro na sala.

Kendrick se vira. Seu rosto está tão diferente que fico chocado. Arrasado é pouco. Ele está vazio; sumiu algo que antes havia ali. Segurança; confiança; firmeza. Estou tão acostumado a me equilibrar num trapézio metafísico que esqueço que os outros em geral gostam de um terreno mais estável.

— Henry DeTamble — diz Kendrick.

— Olá.

— Por que me procurou?

— Porque eu tinha que procurar você. Não foi uma questão de escolha.

— Destino?

— Chame do que quiser. As coisas ficam meio circulares quando se vive a minha vida. Causa e efeito se embaralham.

Kendrick senta-se à sua mesa. A cadeira range. O único outro ruído é a chuva. Ele tateia o bolso à cata dos cigarros e olha para mim ao encontrar. Dou de ombros. Ele acende um e fuma um pouco. Fico olhando para ele.

— Como soube? — pergunta.

— Já te disse. Vi a certidão de nascimento.

— Quando?

— 1999.

— Impossível.

— Então explique como eu soube.

Kendrick balança a cabeça.

— Não consigo. Tentei entender e não consigo. Tudo... estava certo. A hora, o dia, o peso, a... anormalidade. — Ele me olha desesperado. — E se a gente tivesse decidido dar outro nome... Alex, ou Fred, ou Sam...?

Balanço a cabeça e paro quando vejo que estou imitando Kendrick.

— Mas não deram. Não me arrisco em dizer que *não podiam,* mas não deram. Eu só fiz relatar. Não sou médium.

— Você tem filhos?

— Não. — Não quero discutir isso, embora seja algo que vou ter que fazer no final das contas. — Sinto muito sobre o Colin. Mas, na verdade, ele é um menino maravilhoso, sabe.

Kendrick fica me olhando.

— Localizei o erro. Os resultados dos nossos exames foram trocados sem querer pelos de um casal chamado Kenwick.

— O que teria feito se soubesse?

Ele olha para o lado.

— Não sei. Minha mulher e eu somos católicos, então imagino que o resultado final seria o mesmo. É irônico...

— Sim.

Kendrick apaga o cigarro e acende outro. Aceito como inevitável a dor de cabeça causada pelo fumo.

— Como funciona isso?

— O quê?

— Essa suposta coisa de viajar no tempo que você supostamente faz. — A voz dele está irritada. — Você diz umas palavras mágicas? Entra numa máquina?

Tento explicar de forma plausível.

— Não. Não faço nada. Simplesmente acontece. Eu não controlo... uma hora está tudo bem, em seguida, estou em outro lugar, em outro tempo. Como mudar de canal. De repente me vejo em outro tempo e lugar.

— Bem, o que quer que eu faça em relação a isso?

Inclino o corpo à frente, para dar ênfase.

— Quero que descubra por que e impeça isso.

Kendrick sorri. Não é um sorriso simpático.

— Por que quer parar? Aparentemente, isso seria bem conveniente para você. Saber essas coisas todas que os outros não sabem.

— É perigoso. Cedo ou tarde esse problema vai me matar.

— Eu estaria mentindo se dissesse que me importo.

Não há por que continuar. Fico de pé e vou até a porta.

— Até logo, dr. Kendrick. — Caminho lentamente pelo corredor para que ele tenha chance de me chamar de volta, mas ele não chama. Quando estou no elevador, reflito com muita tristeza que o que quer que tenha dado errado simplesmente tinha que dar e, cedo ou tarde, vai se ajeitar. Ao abrir a porta, vejo Clare me esperando no carro do outro lado da rua. Ela vira o rosto com uma expressão de esperança e expectativa tão grande que me dá uma tristeza imensa e um medo de contar para ela. Quando atravesso a rua, ouço um zumbido, perco o equilíbrio e caio. Em vez de bater na rua, bato no tapete e fico deitado onde caí até ouvir uma voz conhecida de criança dizendo:

— Henry, você está bem? — Levanto os olhos e me vejo sentado na cama, com 8 anos, olhando para mim.

— Estou bem, Henry. — Ele fica desconfiado. — De verdade, estou bem.

— Quer um Ovomaltine?

— Quero. — Ele se levanta da cama, sai do quarto e segue pelo corredor. É tarde da noite. Ele zanza um pouco pela cozinha e acaba voltando com duas canecas de chocolate quente. Quando terminamos, Henry leva as canecas de volta para a cozinha para lavar. Não tem sentido deixar a prova à mostra. Quando ele volta, pergunto: — E aí, qual é?

— Nada de mais. Fomos a outro médico hoje.

— Ei, eu também. Qual?

— Esqueci o nome. Um velho com as orelhas cabeludas.

— Como foi?

Henry dá de ombros.

— Ele não acreditou em mim.

— Ééé.... Você devia desistir. Nenhum deles jamais vai acreditar em você. Bom, o médico que vi hoje acreditou em mim, acho eu, mas não quis me ajudar.

— Como não?

— Ele simplesmente não gostou de mim, acho eu.

— Ah. Ei, quer umas mantas?

— Hum, talvez umazinha. — Tiro a colcha da cama de Henry e me encolho no chão. — Boa noite. Durma bem. — Vejo o brilho dos dentes brancos do meu pequeno eu no azul do quarto, e aí ele vira para dormir todo encolhidinho, enquanto fico olhando para o meu antigo teto, forçando minha volta para Clare.

CLARE: Henry sai do prédio com uma cara infeliz, e de repente grita e desaparece. Pulo fora do carro e vou correndo para o lugar onde Henry estava um segundo atrás, mas claro que agora só há uma pilha de roupas ali. Recolho tudo e fico um instante parada no meio da rua. Enquanto estou ali, vejo uma cara de homem me olhando de uma janela do terceiro andar. Aí, ele desaparece. Volto para o carro, entro e fico sentada olhando para a camisa azul-clara e as calças pretas de Henry, me perguntando se adianta alguma coisa ficar ali. Estou com Brideshead Revisited na bolsa, então decido esperar por ali um pouco, caso Henry reapareça logo. Quando viro para procurar o livro, vejo um homem ruivo correndo para o carro. Ele para na porta do carona e olha para mim. Deve ser Kendrick. Levanto o trinco e ele entra no carro, sem nem saber o que dizer.

— Oi — digo. — Você deve ser David Kendrick. Sou Clare DeTamble.

— Sim... — ele está completamente confuso —, sim, sim. Seu marido...

— Acabou de sumir em plena luz do dia.

— Sim!

— Você parece surpreso.

— Bom...

— Ele não te disse? Ele faz isso. — Até agora, não estou muito impressionada com esse sujeito, mas insisto. — Sinto muito a respeito do seu neném. Mas o Henry diz que ele é um amor de criança, e que desenha muito bem e tem muita imaginação. E sua filha é muito talentosa, e vai dar tudo certo. Vai ver.

Ele me olha boquiaberto.

— Não temos nenhuma filha. Só... o Colin.

— Mas vai ter. O nome dela é Nadia.

— Foi um choque. Minha mulher está muito perturbada...

— Mas vai dar certo. De verdade.

Para minha surpresa, esse estranho começa a chorar, sacudindo os ombros, a cara enfiada nas mãos. Depois de alguns minutos, ele para e levanta a cabeça. Dou um Kleenex para ele, que assoa o nariz.

— Desculpe — começa.

— Não faz mal. O que aconteceu ali, com você e Henry? Acabou mal.

— Como sabe?

— Ele ficou todo estressado, então perdeu o controle sobre o presente.

— Cadê ele? — Kendrick olha em volta como se eu estivesse escondendo Henry no banco traseiro.

— Não sei. Aqui, não está. A gente esperava que você pudesse ajudar, mas acho que não.

— É, não vejo como... — Nesse instante, Henry aparece exatamente no mesmo lugar de onde desapareceu. Há um carro a uns seis metros dali, e o motorista pisa no freio quando Henry se joga em cima do capô do nosso carro. O homem abaixa o vidro enquanto Henry se senta e faz uma pequena saudação. O cara grita alguma coisa e vai embora. Meu sangue pulsa nos meus ouvidos. Olho para Kendrick, que está sem fala. Salto do carro e Henry sai de cima do capô.

— Oi, Clare. Foi por um triz, hein? — Dou um abraço nele, que está tremendo. — Trouxe as minhas roupas?

— Trouxe, estão aqui... ei, Kendrick está aqui.

— O quê? Onde?

— No carro.

— Por quê?

— Ele viu você desaparecer e parece que isso mexeu com o cérebro dele.

Henry mete a cabeça pela porta do carona.

— Oi.— Ele pega as roupas e começa a se vestir. Kendrick salta do carro e vem depressa até onde estamos.

— Onde você estava?

— Em 1971. Eu estava tomando Ovomaltine comigo, com 8 anos de idade, no meu antigo quarto, à uma da manhã. Passei mais ou menos uma hora ali. Por que pergunta? — Henry olha para Kendrick friamente enquanto dá o nó na gravata.

— Incrível.

— Pode dizer isso quantas vezes quiser, mas, infelizmente, é verdade.

— Você quer dizer que ficou com 8 anos de idade?

— Não. Eu estava sentado no meu antigo quarto na casa do meu pai, em 1971, assim mesmo, com 32 anos, na companhia do meu eu de 8 anos. Tomando Ovomaltine. A gente ficou falando sobre a incredulidade dos médicos. — Henry dá a volta no carro e abre a porta. — Clare, *vambora*. Isso é inútil.

Vou até o lado do motorista.

— Adeus, dr. Kendrick. Boa sorte com o Colin.

— Esperem... — Kendrick faz uma pausa, recuperando o controle. — Isso é uma doença genética?

— É — diz Henry. — É uma doença genética, e estamos tentando ter um filho.

Kendrick sorri, com tristeza.

— Uma coisa arriscada de se fazer.

Devolvo o sorriso.

— Estamos acostumados a correr riscos. Adeus. — Henry e eu entramos no carro e vamos embora. Quando pego a Lake Shore Drive, olho para Henry, que, para minha surpresa, ri de orelha a orelha.

— Com o que está tão satisfeito?

— Kendrick. Ele está totalmente fisgado.

— Acha?

— Ah, sim.

— Bom, ótimo. Mas ele parecia meio obtuso.

— Não é não.

— Tudo bem.

Vamos para casa em silêncio, um silêncio totalmente diferente daquele de quando chegamos. Kendrick liga para Henry naquela noite, e eles marcam uma hora para começar o trabalho de descobrir como manter Henry no aqui e agora.

Sexta-feira, 12 de abril de 1996 (Henry tem 32 anos)

HENRY: Kendrick está sentado de cabeça baixa. Seus polegares contornam as palmas de suas mãos como se quisessem fugir. Conforme a tarde foi passando, uma luz dourada iluminou a sala. Kendrick não se mexeu, a não ser por aqueles polegares nervosos, enquanto falei. O sol brilha no tapete índio vermelho e nas pernas de aço das poltronas de sarja bege; os cigarros Camel de Kendrick não foram tocados enquanto ele me ouviu. O sol realçou os aros dourados de seus óculos redondos; a ponta de sua orelha direita ficou vermelha, seu cabelo ruivo e sua pele cor-de-rosa brilham tanto sob a luz quanto os crisântemos amarelos no pote de latão em cima da mesa entre nós. Kendrick passou a tarde inteira sentado em sua cadeira, ouvindo.

E contei tudo para ele. O início, o aprendizado, a adrenalina de ter que sobreviver e o prazer de saber de antemão, o terror de ter conhecimento de coisas que não podem ser evitadas, a angústia da perda. Agora estamos em silêncio, e ele finalmente levanta a cabeça e me olha. Nos olhos claros de Kendrick há uma tristeza que quero desfazer; depois de colocar os fatos diante dele, quero pegar tudo de volta e sair, tirar dele o fardo de ter de pensar sobre tudo isso. Ele procura os cigarros, escolhe um, acende, dá uma tragada e solta uma nuvem azul que fica branca ao atravessar o caminho da luz acompanhada por sua sombra.

— Você tem dificuldade para dormir? — pergunta ele, a voz rouca por falta de uso.

— Tenho.

— Tem tendência a... desaparecer em alguma hora específica do dia?

— Não... bom, talvez mais de manhã.

— Tem dor de cabeça?

— Tenho.

— Enxaqueca?

— Não. Uma pressão que dói. Com visão distorcida, umas auras.

— Hum. — Kendrick se levanta. Seus joelhos estalam. Ele fica andando pela sala, fumando, acompanhando a beira do tapete. Isso já começa a me irritar até que ele para e torna a sentar. — Olhe — diz, franzindo a testa —,

existem essas coisas chamadas genes Clock. Eles governam os ritmos circadianos, mantêm a pessoa em sincronia com o sol, esse tipo de coisa. Encontramos esses genes em muitas espécies diferentes de células no corpo todo, mas eles estão ligados principalmente à visão, e parece que muitos dos seus sintomas se manifestam visualmente. O núcleo supraquiasmático do hipotálamo, que se localiza bem acima de seu quiasma óptico, serve de botão de ajuste, por assim dizer, da sua noção de tempo... então é com isso que quero começar.

— Hmm, claro. — Digo, já que ele me olha como se esperasse uma resposta. Kendrick se levanta de novo e dá passos largos até uma porta que eu ainda não tinha visto, e desaparece um minuto. Quando volta, vem trazendo luvas de borracha e uma seringa.

— Arregace a manga — pede Kendrick com autoridade.

— O que está fazendo? — pergunto, arregaçando a manga acima do cotovelo.

Ele não responde, apenas tira a seringa do envelope, passa algodão em meu braço, amarra um garrote e espeta a agulha com prática. Olho para o lado. O sol foi embora, deixando a sala escura.

— Você tem plano de saúde? — pergunta, tirando a agulha e desamarrando meu braço. Coloca um algodão e um band-aid na picada.

— Não. Vou pagar tudo.

Pressiono os dedos no lugar dolorido, dobro o braço.

Kendrick sorri.

— Não, não. Você pode ser minha pequena experiência científica e pegar carona na minha bolsa de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde.

— Para quê?

— Não vamos perder tempo aqui. — Kendrick faz uma pausa, fica olhando as luvas usadas e o tubinho com o meu sangue que ele acabou de colher. — Vamos fazer o sequenciamento do seu DNA.

— Pensei que isso levasse anos.

— Leva, se você fizer o genoma inteiro. Vamos começar examinando os locais mais prováveis; o cromossomo 17, por exemplo.

Kendrick joga as luvas de borracha e a agulha numa lata com o rótulo Biorrisco e escreve algo no tubinho vermelho de sangue. Senta de novo à minha frente e coloca o tubinho na mesa ao lado do maço de Camel.

— Mas o genoma humano não será sequenciado antes de 2000. Com o que você vai comparar isso?

— 2000? Tão cedo? Tem certeza? Acho que tem. Mas para responder à sua pergunta, uma doença que é tão... prejudicial... quanto a sua, muitas vezes aparece como uma espécie de gagueira, um trecho repetido de código que diz, essencialmente: Má Notícia. A doença de Huntington, por exemplo, é só uma alteração no cromossomo 4.

Ajeito minha postura na cadeira e me alongo. Um café seria bem-vindo.

— Então é só isso? Posso fugir e ir brincar agora?

— Eu quero que você faça uma tomografia da cabeça, mas não hoje. Vou marcar uma hora para você no hospital. Ressonância magnética, tomografia computadorizada e raios X. Também vou te mandar a um amigo meu, Alan Larson; ele tem um laboratório de sono aqui no *campus*.

— Divertido — digo, ficando em pé devagar para o sangue não subir todo para a cabeça.

Kendrick inclina o rosto para mim. Não vejo os seus olhos, seus óculos são discos brilhantes e opacos desse ângulo.

— *É* divertido — diz. — É um enigma tão grande, e finalmente temos os instrumentos para descobrir...

— Descobrir o quê?

— O que quer que seja. O que quer que você seja. — Kendrick sorri e vejo que os dentes dele são irregulares e amarelos. Ele fica em pé e estende a mão, que eu aperto. Há uma pausa constrangedora assim que digo obrigado: somos estranhos de novo depois das intimidades da tarde. Aí saio da sala dele, desço a escada e chego à rua, onde o sol me esperava. Seja lá o que eu for. O que sou? *O que sou?*

OceanofPDF.com

UM SAPATO MUITO PEQUENO



Primavera de 1996 (Clare tem 24 anos, Henry, 32)

CLARE: Quando Henry e eu tínhamos uns dois anos de casados, decidimos, sem discutir muito o assunto, ver se conseguíamos ter um filho. Eu sabia que Henry não estava nada otimista quanto às nossas chances de ter filho, e eu não perguntava a ele nem a mim mesma qual era a razão disso porque temia que ele tivesse nos visto no futuro sem filho nenhum e eu simplesmente não queria saber a respeito. Nem queria pensar na possibilidade de as dificuldades de Henry com viagens no tempo poderem ser hereditárias ou, sendo assim, estragar essa ideia toda de filho. Então, simplesmente eu não pensava num monte de coisas importantes porque estava totalmente embriagada com a ideia de um bebê: um bebê que era meio parecido com Henry, cabelo preto e aqueles olhos intensos e, quem sabe, muito claro como eu e cheirando a leite, talco e pele. Um bebê fofinho, que baba e ri de coisas corriqueiras, um macaquinho, um bebezinho com voz meiguinha. Eu sonhava com bebês. Nos sonhos, eu subia numa árvore e encontrava um sapato bem pequenininho num ninho; de repente eu descobria que o gato/livro/sanduíche que eu pensava estar segurando, na verdade, era um bebê; eu estava nadando no lago e encontrava uma colônia de bebês crescendo no fundo.

De repente, comecei a ver bebês em todo canto; uma ruivinha de chapéu de sol espirrando no supermercado, um chinesinho de olhos arregalados, filho dos donos, no Golden Wok (onde há maravilhosos rolinhos vegetarianos); um bebê quase careca dormindo num filme do Batman. Num provador de uma JCPenney, uma mulher muito confiante me deixou segurar de verdade sua filhinha de três meses; tive que continuar sentada naquela cadeira de vinil bege rosado para não dar um pulo e sair correndo agarrada com aquele pequeno ser macio.

Meu corpo queria um filho. Eu me sentia vazia e queria me sentir plena. Queria alguém para amar que ficasse: ficasse e estivesse ali, sempre. E queria que Henry estivesse nesse filho, para que quando ele sumisse não sumisse completamente, haveria um pedacinho dele comigo... seguro, em caso de incêndio, enchente, catástrofes naturais.

Domingo, 2 de outubro de 1966 (Henry tem 33 anos)

HENRY: Estou sentado, muito confortável e satisfeito, numa árvore em Appleton, Wisconsin, em 1966, comendo um sanduíche de atum e vestido com uma camiseta branca e calças de brim roubados do belo varal ao sol de alguém. Em algum lugar em Chicago, tenho três anos; minha mãe ainda vive e nada dessa cagada temporal começou ainda. Saúdo meu euzinho antigo, e pensar em mim como criança naturalmente me faz pensar em Clare, e em nossos esforços para conceber uma criança. Por um lado, sou pura ansiedade; quero dar um filho a Clare, ver Clare amadurecer como um melão de carne, Deméter em glória. Quero um filho normal que faça as coisas que os bebês normais fazem: mamar, segurar, cagar, dormir, rir; rolar, sentar, andar, falar besteiras balbuciando. Quero ver meu pai embalando desajeitadamente um netinho pequeno; dei tão poucas alegrias a meu pai — isto seria uma grande compensação, um bálsamo. E um bálsamo para Clare, também; quando eu fosse arrancado para longe dela, parte de mim permaneceria.

Mas tem um porém. Sei (e não sei) que isso é muito improvável. Sei que é quase certo que um filho meu será eleito na escola como O Mais Propenso A Sumir Espontaneamente, um bebê mágico sujeito a desaparecer que vai evaporar como se carregado por fadas. E enquanto rezo, ofegando e arfando em cima de Clare no auge do desejo, para que o milagre do sexo de alguma forma nos dê um filho, uma parte de mim está rezando com a mesma intensidade para que sejamos poupados. Me lembro da história da pata do macaco, e os três desejos que vieram a seguir de forma tão natural e terrível. Me pergunto se nosso desejo é da mesma categoria.

Sou covarde. Um homem de verdade pegaria Clare pelos ombros e diria, Amor, está tudo errado, vamos aceitar isso, ir em frente e ser feliz. Mas sei que Clare não aceitaria nunca, ficaria sempre triste. Então espero, contra todas as expectativas e bom-senso, e faço amor com Clare como se isso fosse render algo de bom.

OceanofPDF.com

UM



Segunda-feira, 3 de junho de 1996 (Clare tem 25 anos)

CLARE: A primeira vez acontece quando Henry não está. É a oitava semana da gestação. O bebê é do tamanho de uma ameixa, tem rosto e mãos e um coração que bate. É de tardinha, início de verão, e vejo nuvens vermelhas e laranjas no poente enquanto lavo a louça. Henry desapareceu há quase duas horas. Saiu para regar o gramado e, meia hora depois, quando vi que o regador ainda não estava ligado, fui para a porta dos fundos e vi a pilha reveladora ao lado da parreira. Saí e peguei a calça jeans, as cuecas de Henry e sua surrada camiseta Kill Your Television, dobrei e botei as peças em cima da cama. Pensei em ligar o regador, mas decidi não ligar, raciocinando que Henry não gostaria de ficar todo molhado se aparecesse no jardim.

Preparei e comi macarrão com queijo e uma saladinha, tomei minhas vitaminas, bebi um copo grande de leite desnatado. Cantarolo lavando a louça, imagino o pequeno ser dentro de mim ouvindo a cantoria, arquivando o som para futura referência em sua memória celular. Enquanto estou ali, lavando com atenção meu prato de salada, sinto uma ligeira pontada funda na minha pélvis. Dez minutos depois, estou na minha, sentada na sala e lendo Louis DeBernieres, e lá está de novo, sinto como se fosse o toque na corda de um instrumento. Não dou bola. Está tudo ótimo. Henry sumiu há mais de duas horas. Fico um instante preocupada com ele, depois, com determinação, também não dou bola para isso. Só começo a me preocupar mesmo uma meia hora depois, porque agora a sensação esquisita parece uma cólica menstrual, e até sinto aquela sensação pegajosa de sangue entre as pernas. Fico de pé, vou ao banheiro, abaixo a calcinha e tem um monte de sangue, ai meu deus.

Ligo para Charisse. Gomez atende o telefone. Tento falar com voz de quem está bem, peço para falar com Charisse, que vem ao telefone e imediatamente diz:

— O que houve?

— Estou com um sangramento.

— Cadê o Henry?

— Não sei.

— Que tipo de sangramento?

— Como uma menstruação. — A dor se intensifica e me sento no chão. — Dá para você me levar para o Illinois Masonic?

— Já estou chegando, Clare.

Ela desliga, e eu reponho o fone delicadamente no lugar, como se um gesto brusco pudesse ofender seus sentimentos. Fico de pé com cuidado, pego a bolsa. Quero escrever um bilhete para Henry, mas não sei o que dizer. Escrevo: “Fui para o IL Masonic. (Cólica.) Charisse me levou. 19h20. C.” Destranco a porta dos fundos para Henry. Deixo o bilhete ao lado do telefone. Alguns minutos depois, Charisse está na porta da frente. Assim que chegamos ao carro, Gomez passa a dirigir. Não falamos muito. Sento no banco da frente, olho pela janela. Western para Belmont para Sheffield para Wellington. Tudo está excepcionalmente nítido e em destaque, como se eu precisasse lembrar, como se fosse haver um teste. Gomez entra na área de desembarque do Setor de Emergência. Charisse e eu saltamos. Olho para Gomez, que sorri rapidamente e sai roncando para estacionar o carro. Passamos por portas que abrem automaticamente à medida que nossos pés pisam no chão, como num conto de fadas, como se estivéssemos sendo esperados. A dor recuou como uma maré baixa e agora torna a subir em direção à praia, renovada e violenta. Há algumas pessoas infelizes e derrotadas sentadas na sala muito iluminada, aguardando a vez. Estão às voltas com a dor, cabisbaixas e de braços cruzados, e eu me afundo no meio delas. Charisse vai até o homem sentado atrás do balcão de triagem. Não ouço o que ela diz, mas quando ele fala “Aborto?”, de repente vejo que é isso que está acontecendo, o nome é esse, e a palavra se expande em minha cabeça até preencher todas as frestas da minha mente, até ter abafado todos os outros pensamentos. Começo a chorar.

Depois que todo o possível foi feito, acontece assim mesmo. Descubro então que Henry chegou justo antes do fim, mas não o deixaram entrar. Andei dormindo e, quando acordo, é tarde da noite e Henry está ali. Ele está pálido, com os olhos fundos, e não diz palavra.

— Ah — balbucio —, onde você estava? — E Henry se abaixa e me abraça com cuidado. Sinto sua barba por fazer em meu rosto e fico em carne viva, não na pele, mas lá dentro onde uma ferida se abre. A cara de Henry está molhada, mas com as lágrimas de quem?

Quinta-feira, 13 de junho, e sexta-feira, 14 de junho de 1996
(Henry tem 32 anos)

HENRY: Chego exausto ao laboratório de sono, como o dr. Kendrick me pediu. Esta é a quinta noite que passo aqui e agora já conheço a rotina. Sento na cama de uma estranha imitação de quarto só de calças de pijama, enquanto a técnica de laboratório do dr. Larson, Karen, passa creme na minha cabeça e meu peito e prende os fios no lugar. Karen é jovem, loura e vietnamita. Usa umas unhas postiças compridas e diz "Epa, desculpe" quando arranha meu rosto com uma delas. As luzes estão baixas, o quarto está fresco. Não há janelas a não ser um espelho falso. Atrás dele fica o dr. Larson ou quem quer que esteja vigiando as máquinas esta noite. Karen termina de colocar os fios, me dá boa-noite e sai do quarto. Me acomodo na cama com cuidado. Fecho os olhos e imagino aqueles riscos parecendo pernas de aranha gravando no papel o movimento dos meus olhos, minha respiração e minhas ondas cerebrais do outro lado do espelho falso. Adormeço em questão de minutos.

Sonho que estou correndo. Corro no mato, no cerrado, em meio às árvores, mas, não sei como, passo através disso tudo, como um fantasma. Surjo numa clareira, houve um incêndio...

Sonho que faço sexo com Ingrid. Embora eu não veja o rosto dela, sei que é Ingrid, que é o corpo dela com as pernas compridas e macias. Estamos trepando na casa dos pais dela, no sofá da sala. A tevê está ligada, sintonizada num documentário ecológico em que há uma manada de antílopes correndo, e aí surge um desfile na tela. Clare vem sentada triste num pequeno carro alegórico, enquanto as pessoas comemoram em volta dela, e de repente Ing dá um pulo, puxa um arco e flecha de trás do sofá e dispara em Clare. A flecha entra na tevê e Clare bate as mãos no peito como Wendy numa versão muda de *Peter Pan*. Eu dou um pulo e esgano Ingrid, as mãos na garganta dela, gritando com ela...

Acordo. Estou suando frio e com o coração palpitando. Estou no laboratório de sono. Por um momento, me pergunto se estão me escondendo alguma coisa, se podem de alguma forma assistir aos meus sonhos, ver os meus pensamentos. Viro para o lado e fecho os olhos.

Sonho que Clare e eu estamos andando num museu. O museu é um palácio antigo, todos os quadros estão em molduras de ouro rococós, todos os outros visitantes usam pó de arroz, perucas altas e vestidos imensos,

casacas e calças curtas. Aparentemente, não notam a gente quando passamos. Olhamos os quadros, mas não são realmente quadros, são poemas, poemas que de alguma forma ganharam forma física. “Olhe”, digo a Clare, “tem um Emily Dickinson”. *O coração pede prazer primeiro; Depois, alívio da dor...* Ela está parada na frente de um poema amarelo vivo e parece se aquecer com ele. Vemos Dante, Donne, Blake, Neruda, Bishop; custamos a sair de uma sala cheia de Rilke, passamos rapidamente pelos *beatniks* e fazemos uma pausa diante de Verlaine e Baudelaire. De repente me dou conta de que me perdi de Clare. Volto num passo normal e depois correndo, pelas galerias, e encontro Clare de supetão: ela está parada na frente de um poema, um poema branco pequenino metido num canto. Ela chora. Quando chego atrás dela, vejo o poema: “Agora me deito para dormir, Rezo para o Senhor guardar minha alma, Se eu morrer antes de acordar, Rezo para o Senhor aceitar minha alma.”

Estou me debatendo na relva, está frio, venta em cima de mim, estou nu e com frio no escuro. Estou ajoelhado na neve, pinga sangue nela e estendo o braço...

— Meu Deus, ele está sangrando...

— Como aconteceu isso?

— Merda, ele arrancou todos os eletrodos, me ajuda a botar o Henry de novo na cama...

Abro os olhos. Kendrick e o dr. Larson estão agachados em cima de mim. O dr. Larson parece nervoso e preocupado, mas Kendrick tem um sorriso exultante nos lábios.

— Pegou tudo? — pergunto, e ele responde:

— Foi perfeito.

Digo:

— Ótimo — e aí perco os sentidos.

OceanofPDF.com

DOIS



Domingo, 12 de outubro de 1997 (Henry tem 34 anos, Clare, 26)

HENRY: Acordo sentindo cheiro de sangue. Há sangue por todo lado e Clare está encolhida no meio daquela poça feito um gatinho.

Sacudo Clare e ela diz:

— Não.

— VamosClareacordavocêestásangrando.

— Eu estava sonhando...

— Clare, *por favor...*

Ela senta na cama. As mãos, o rosto, o cabelo estão cobertos por sangue. Clare estende a mão com um monstrinho dentro. Ela diz, simplesmente:

— Ele morreu — e cai em prantos.

Ficamos sentados na beira da cama ensopada de sangue, abraçados, chorando.

Segunda-feira, 16 de fevereiro de 1998 (Clare tem 26 anos, Henry, 34)

CLARE: Henry e eu estamos prontos para sair. Está nevando agora à tarde, e estou calçando as botas quando toca o telefone. Henry passa pelo corredor e vai atender na sala. Ouço Henry dizer "Alô?","É mesmo?", e aí "Putz, cacete!". Então diz "Espere, vou pegar um papel...", e há um silêncio longo, pontuado de vez em quando por "Espere, explique isso". Tiro as botas e o casaco e vou só de meias para a sala. Henry está sentado no sofá com o telefone aninhado no colo como um bichinho de estimação, tomando notas furiosamente. Sento ao lado dele e ele sorri para mim. Olho para o bloco; o alto da página começa: *4 genes: por4, atemporal1, Clock, gene novo=viajante no tempo?? Crom=17 x 2, 4, 25, 200+ repete triglicerídio, relacionado com sexo? Não, +excesso de receptores de dopamina, que proteínas???...* e me dou conta: Kendrick conseguiu! Ele descobriu! Não posso acreditar. Ele conseguiu. E agora?

Henry desliga o telefone e olha para mim. Parece tão perplexo quanto eu.

— O que vai acontecer agora? — pergunto.

— Ele vai clonar os genes para colocar em camundongos.

— *O quê?*

— Ele vai fazer ratos viajantes no tempo. Aí, vai desenvolver uma cura para eles.

Começamos a rir ao mesmo tempo e depois estamos dançando pela sala, rindo e dançando até cairmos de novo no sofá, ofegantes. Olho para Henry e me pergunto se em nível celular ele é tão diferente, tão *outro,* quando é só um homem de camisa social e casacão, com mãos de carne e osso, um homem que sorri como um humano. *Eu sempre soube que ele era diferente,* o que importa? Algumas letras de código? Mas de alguma forma, tem que importar e temos que mudar isso. Em algum lugar do outro lado da cidade, o dr. Kendrick está sentado em sua sala imaginando como fazer camundongos que desafiem as regras do tempo. Rio, mas como é caso de vida e morte, paro de rir e tapo a boca com a mão.

OceanofPDF.com

INTERMEZZO



Quarta-feira, 12 de agosto de 1998 (Clare tem 27 anos)

CLARE: Finalmente mamãe dorme na cama dela, no quarto dela. Finalmente livre do hospital, ela acabou encontrando seu quarto, seu refúgio, transformados em quarto de hospital. Mas agora ela não está mais consciente. A noite inteira conversou, chorou, riu, gritou, chamou “Philip!” e “Mamãe!” e “Não, não, não...”. As cigarras e rãs da minha infância cantaram a noite inteira. A claridade noturna deixou a pele de mamãe com um tom de cera de abelha. Suas mãos magras tremiam pedindo água e agarraram o copo que eu segurava junto aos seus lábios rachados. O dia está raiando. A janela de mamãe dá para o nascente. Estou sentada em sua cadeira branca, junto à janela, de frente para a cama, mas sem olhar para mamãe tão apagada em sua cama grande. Ignoro os vidros de comprimidos, as colheres, os copos e o suporte de soro com a bolsa cheia pendurada. Não vejo a luz vermelha do monitor piscando, a comadre, as pequenas cubas para o vômito, a caixa de luvas de borracha e a lata de lixo com o aviso de BIORRISCO cheia de seringas sujas de sangue. Estou olhando pela janela, para o nascente. Alguns pássaros cantam. Ouço as pombas que moram na glicínia despertando. O mundo é cinza. Lentamente, a cor vai se infiltrando nele, não em toques cor-de-rosa, mas como uma mancha de sangue alaranjada que se espalha devagar, parando um pouco no horizonte e logo inundando o jardim. Depois vem uma luz dourada e um céu azul, e surgem todas as cores vivas em seus devidos lugares, os cipós-de-sino, as rosas, as sálvias brancas, os cravos-de-defunto, tudo brilhando no orvalho da madrugada como vidro. As bétulas prateadas na borda do bosqure balançam como fios brancos pendurados no céu. Um corvo sobrevoa a relva. Sua sombra voa embaixo dele e encontra seu corpo quando ele pousa embaixo da janela e dá um grasnido. A luz descobre a janela e projeta a sombra de minhas mãos e de meu corpo na cadeira branca de mamãe. O sol nasceu.

Fecho os olhos. O ar-condicionado ronrona. Estou com frio e me levanto. Vou até a outra janela para desligar o ar-condicionado. Agora o quarto está em silêncio. Vou até a cama. Mamãe está imóvel. A respiração difícil que perseguiu meus sonhos parou. Ela está com a boca ligeiramente aberta e as

sobrancelhas erguidas como se numa expressão de surpresa, embora esteja de olhos fechados; poderia estar cantando. Fico de joelhos ao lado da cama, afasto as cobertas e encosto a orelha em seu coração. Sua pele está quente. Nada. O coração não bate, o sangue não corre, o ar não infla as velas dos seus pulmões. Silêncio.

Levanto seu corpo malcheiroso e fraco nos braços, e ela está perfeita, é de novo a minha mãezinha linda e perfeita, justo por um instante, mesmo quando seus ossos salientes pressionam meu peito e sua cabeça cai para o lado, mesmo quando sua barriga tomada pelo câncer incha como se estivesse grávida, ela sobe na memória em esplendor, liberada: livre.

Passos no corredor. A porta abre e a voz de Etta diz:

— Clare? Ah...

Torno a deitar mamãe no travesseiro, ajeito sua camisola e seu cabelo.

— Ela se foi.

Sábado, 12 de setembro de 1998 (Henry tem 35 anos, Clare, 27)

HENRY: Lucille era quem adorava o jardim. Quando íamos lá, Clare entrava pela porta da frente da Meadowlark House e saía direto pela dos fundos ao encontro de Lucille, que quase sempre estava no jardim, chovesse ou fizesse sol. Quando estava bem, a gente encontrava Lucille ajoelhada nos canteiros, tirando ervas daninhas, transplantando mudas ou adubando as rosas. Quando estava doente, Etta e Philip traziam Lucille para baixo enrolada em mantas para ficar sentada em sua cadeira de vime, às vezes ao lado do chafariz, às vezes embaixo da pereira de onde dava para ela ver Peter trabalhando, escavando, podando e fazendo enxertos. Quando Lucille estava bem, ela nos divertia com as coisas do jardim: os passarinhos de cabeça vermelha que finalmente descobriram o novo comedouro, as dálias que cresceram melhor do que o esperado ao lado do relógio de sol, a rosa nova que no fim das contas tinha um tom horrível de violeta mas era tão viçosa que Lucille relutava em dar fim nela. Um verão, Lucille e Alicia fizeram uma experiência: Alicia passava várias horas por dia estudando violoncelo no jardim, para ver se as plantas respondiam à música. Lucille jurava que nunca teve tanta fartura de tomates e nos mostrou uma abobrinha do tamanho da minha coxa. Então a experiência foi considerada um sucesso, mas nunca foi repetida porque foi o último verão em que Lucille estava bem o bastante para jardinar.

Lucille crescia e minguava com as estações, como uma planta. No verão, quando todos nós aparecíamos, Lucille melhorava e a casa ecoava com a algazarra alegre dos filhos de Mark e Sharon. As crianças caíam no chafariz como cachorrinhos e davam cambalhotas na grama. Lucille quase sempre estava suja, mas invariavelmente elegante. Ela se levantava para nos cumprimentar, com o cabelo branco salpicado de ruivo preso num enorme coque com grandes mechas caindo em seu rosto, largando as luvas de jardinagem e as ferramentas Smith & Hawken enquanto recebia nossos abraços. Lucille e eu sempre nos beijamos de maneira muito formal, dos dois lados, como se fôssemos condessas francesas muito velhas que não se vissem há algum tempo. Ela era sempre, no mínimo, simpática comigo, embora fosse capaz de arrasar a filha com um olhar. Sinto falta dela. Clare... quer dizer, "sentir falta" é inadequado. Clare sofre com sua falta. Clare entra num lugar e esquece por que está ali. Clare fica uma hora sentada olhando para um livro sem virar uma página. Mas não chora. Clare ri se faço uma piada. Clare come o que ponho na sua frente. Se tento fazer amor com ela, Clare tenta participar... e logo eu a deixo em paz, com medo do rosto dócil e sem lágrimas que parece estar a quilômetros dali. Sinto falta de Lucille, mas é a falta de Clare que me faz sofrer, Clare é que foi embora e me deixou com essa estranha que só se parece com Clare.

Quarta-feira, 26 de novembro de 1998 (Clare tem 27 anos, Henry, 35)

CLARE: O quarto de mamãe está branco e vazio. Toda a parafernália médica foi embora. A cama foi toda despida até o colchão, que está manchado e feio no quarto limpo. Estou em frente à mesa de mamãe. É uma mesa pesada de fórmica branca, moderna e estranha num quarto fora isso feminino e delicado, cheio de móveis franceses antigos. A mesa de mamãe fica envolta por janelas num pequeno vão, a luz da manhã banha sua superfície vazia. A mesa está trancada. Há uma hora procuro a chave, sem sorte. Apoio os cotovelos nas costas da cadeira giratória de mamãe e fico olhando para a mesa. Finalmente, desço. O salão e a sala de jantar estão vazios. Ouço risadas na cozinha e abro a porta. Henry e Nell estão envolvidos com um grupo de tigelas, uma massa aberta e um rolo de pastel.

— Devagar, garoto, devagar! Assim você vai solar a massa. Precisa ter a mão leve, Henry, senão fica com textura de chiclete.

— Desculpe desculpe desculpe. Vou pegar leve, mas não me bata assim. Ei, Clare.

Henry se vira sorrindo e vejo que está coberto de farinha.

— O que está fazendo?

— *Croissants*. Jurei dominar a arte de fazer massa folhada ou morrer na tentativa.

— Descanse em paz, filho — diz Nell, rindo.

— O que houve? — pergunta Henry quando Nell enrola a massa, dobra, corta e envolve em papel vegetal.

— Preciso que você me empreste Henry uns minutinhos, Nell. — Nell faz que sim com a cabeça e aponta o rolo de pastel para Henry.

— Volte daqui a 15 minutos e começamos a marinada.

— Sim, senhora.

Henry sobe comigo. Ficamos parados na frente da mesa de mamãe.

— Quero abrir a escrivaninha e não acho as chaves.

— Ah. — Ele me lança um olhar rápido, tão rápido que não consigo entender. — Bom, é fácil. — Henry sai do quarto e volta em minutos. Senta no chão em frente à mesa de mamãe, desentortando dois grandes clipes de papel. Começa com a gaveta inferior da esquerda, sondando com cuidado e girando um clipe, e em seguida enfia o outro. — *Voilà* — diz, puxando a gaveta. Ela está abarrotada de papéis. Henry abre as outras quatro gavetas sem nenhuma dificuldade. Logo estão todas abertas com o conteúdo exposto: cadernos, papéis soltos, catálogos de jardinagem, pacotes de semente, canetas e lápis curtinhos, um talão de cheques, uma barra de chocolate, uma trena e uma quantidade de outras miudezas que agora parecem abandonadas e tímidas na claridade do dia. Henry não mexeu em nada das gavetas. Ele olha para mim; olho para a porta quase automaticamente e Henry entende a indireta. Viro para a escrivaninha de mamãe.

Os papéis não seguem ordem alguma. Sento no chão e empilho o conteúdo de uma gaveta na minha frente. Desamasso todos os papéis com a letra dela e coloco à minha esquerda. Alguns são listas e bilhetes para ela mesma: *Não pergunte a P a respeito de S.* Ou: *Lembrar Etta jantar de B sexta-feira.* Há páginas e páginas de riscos, rabiscos, esboços toscos, círculos pretos, marcas parecendo pés de pássaros. Alguns têm uma sentença ou uma frase embutida. *Repartir o cabelo dela com uma faca.* E: *não deu não deu para fazer.* E: *Se eu ficar quieta, isso não vai me afetar.* Algumas folhas são poemas tão marcados, corrigidos e riscados que sobra muito pouco, como fragmentos de Safo:

Qual carne velha, ~~frouxa e mole~~
Sem ar ~~XXXXXX~~ ela disse sim
~~ela disse XXXXXXXXXXXXXXXX~~

Ou:

A mão dele ~~XXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXX~~ possuir,
~~XXXXXXXXXXXXXXXXX~~
Em extrema ~~XXXXXXXXXX~~

Alguns poemas foram datilografados:

Agora,
toda esperança é fraca
e parca.
A música e a beleza
são o sal da minha tristeza;
um vazio branco quebra o meu gelo.
Quem poderia dizer
que o anjo do sexo
fosse tão triste?
ou sabido que o desejo
faria esta enorme
noite de inverno derreter
numa enchente de treva.

23/1/79

O jardim de primavera:
um navio estival
a singrar
minha visão invernal.

6/4/79

1979 foi o ano em que mamãe perdeu o bebê e tentou se matar. Sinto dor de estômago e minha vista fica embaçada. Sei agora como ela se sentiu então. Pego todos aqueles papéis e ponho de lado sem ler mais nada. Em outra gaveta, acho poemas mais recentes. E acho um poema para mim:

O Jardim Sob a Neve.
para clare

Agora, o jardim está sob a neve
página em branco onde se inscrevem nossos passos

clare que nunca foi minha
mas sempre pertenceu a si mesma
Bela Adormecida
manta cristalina
~~*ela espera*~~
esta é a sua primavera
este é o seu sono/despertar
ela espera
tudo espera
~~*um beijo*~~
as formas improváveis das raízes ~~*tuberosas*~~
~~*nunca imaginei*~~
minha filhinha
seu ~~*quase*~~ *rosto*
um jardim, à espera.

OceanofPDF.com

HENRY: Está quase na hora do jantar. Como estou atrapalhando Nell, ela diz “Você não devia ir ver o que sua mulher está aprontando?”, e aceito como boa ideia ir descobrir.

Clare está sentada no chão na frente da escrivaninha da mãe rodeada de papéis amarelos e brancos. A lâmpada da mesa cria uma roda de luz em volta dela, mas seu rosto está na sombra; seu cabelo é uma aura de cobre iluminada. Ela olha para mim, segura uma folha de papel e diz:

— Olhe, Henry, ela escreveu um poema para mim. — Sentado ali ao lado de Clare lendo o poema, meio que perdoo Lucille por seu egoísmo colossal e sua morte monstruosa, e olho para Clare.

— É lindo — digo, e ela faz que sim com a cabeça, satisfeita, por um momento, com o fato de que sua mãe gostava dela mesmo. Penso em minha mãe cantando *lieder* depois do almoço numa tarde de verão, sorrindo para nosso reflexo numa vitrine, rodopiando com um vestido azul pelo camarim. Ela me amava. Nunca questionei seu amor. Lucille era volúvel como o vento. O poema de Clare é a prova, imutável, incontestável, um retrato da sua emoção. Olho em volta para as pilhas de papel no chão e fico aliviado que algo nesta bagunça tenha vindo à tona para ser a tábua de salvação de Clare.

— Ela escreveu um poema para mim — Clare repete, maravilhada. Lágrimas descem por seu rosto. Dou um abraço em Clare, que está de volta, minha mulher, Clare, sã e salva, em terra firme depois do naufrágio, chorando como uma garotinha cuja mãe acena para ela do convés de um navio afundando.

OceanofPDF.com

RÉVEILLON, UM



Sexta-feira, 31 de dezembro de 1999, 23h55
(Henry tem 36 anos, Clare, 28)

HENRY: Clare e eu estamos num telhado em Wicker Park com um bando de brava gente, esperando a virada do chamado milênio. Está uma noite de céu claro e não tão fria; vejo minha respiração e tenho as orelhas e o nariz meio dormentes. Clare está toda enrolada em sua grande echarpe preta, com o rosto branco de causar espanto à luz do luar e da rua. O telhado pertence a um casal de amigos artistas de Clare. Gomez e Charisse estão ali por perto, com capas de chuva e luvas dançando uma música lenta que só eles ouvem. Todo mundo ali está fazendo piada a respeito do estoque de enlatados e das medidas heroicas tomadas para impedir que os computadores parassem de funcionar. Rio com meus botões, sabendo que toda essa bobagem de milênio estará completamente esquecida quando o caminhão de lixo passar para recolher as árvores de Natal das calçadas.

Aguardamos o início dos fogos. Clare e eu ficamos encostados à altura da cintura na fachada falsa do prédio e analisamos a cidade de Chicago. Estamos virados para leste, olhando para o lago Michigan.

— Oi, gente — Clare fala acenando a luva para o lago, para South Haven, Michigan. — Engraçado — ela me diz. — Ali já é ano-novo. Garanto que todo mundo está na cama.

Estamos no sexto andar, e me surpreendo com a vista daqui. Nossa casa, em Lincoln Square, fica a noroeste; nosso bairro está sossegado e escuro. O centro, a sudoeste, está brilhando. Alguns dos enormes prédios estão decorados para o Natal, com luzes verdes e vermelhas nas janelas. A Sears e o Hancock olham um para o outro como robôs gigantes por cima das cabeças de arranha-céus menores. Quase vejo o prédio onde eu morava quando conheci Clare, na Dearborn Norte, mas ele está tapado pelo prédio mais alto e mais feio que construíram ao lado alguns anos atrás. Chicago tem tantos exemplares de uma arquitetura excelente que eles se sentem na obrigação de derrubar alguns de vez em quando e construir prédios horrorosos só para nos ajudar a apreciar o que é bom. Não há muito tráfego; todo mundo quer estar em algum lugar à meia-noite, não a caminho. Ouço o

espocar de fogos aqui e ali, pontuado por tiros esporádicos disparados por cretinos que parecem esquecer que uma arma faz mais do que produzir barulho. Clare diz:

— Estou congelando — e olha para o relógio. — Mais dois minutos. — As comemorações que irrompem no bairro indicam que o relógio de algumas pessoas está adiantado.

Penso em Chicago no próximo século. Mais gente, muito mais gente. Tráfego absurdo, mas menos buracos. Haverá um prédio medonho parecido com uma lata de Coca-Cola explodindo no Grant Park; o West Side sairá lentamente da pobreza e o South Side continuará decaindo. Finalmente irão botar abaixo o Wrigley Field e construir um feio megaestádio, mas por ora ele está todo aceso no lado nordeste.

Gomez começa a contagem regressiva:

— Dez, nove, oito... — e todos aderimos: — sete, seis, cinco, quatro, TRÊS! DOIS! UM! *Feliz ano-novo!* — Rolhas de champanhe estouram, fogos de artifício acendem e riscam o céu, e Clare e eu pulamos nos braços um do outro. O tempo para, e torço por coisas melhores.

OceanofPDF.com

TRÊS



Sábado, 13 de março de 1999 (Henry tem 35 anos, Clare, 27)

HENRY: Charisse e Gomez acabaram de ter o terceiro filho, Rosa Evangeline Gomolinski. Deixamos passar uma semana e invadimos a casa deles com presentes e comida.

Gomez atende a porta. Maximilian, de três anos, está agarrado às suas pernas, e se esconde atrás de seu joelho quando dizemos:

— Oi, Max! — Joseph, mais extrovertido com um ano de idade, corre para Clare balbuciando "Ba ba ba" e dá um arroto alto quando ela o pega no colo. Gomez revira os olhos, e Clare e Joe riem; até eu tenho que rir do caos total. A casa deles dá a impressão de ter sido invadida por uma geleira com uma loja da Toys "R" Us dentro. Quando a geleira foi embora, deixou lagos de Legos e ursos de pelúcia abandonados.

— Não olhem — diz Gomez. — Nada disso é real. Só estamos testando um dos jogos de realidade virtual de Charisse. Nós o chamamos de "Paternidade".

— Gomez? — ouve-se a voz de Charisse vindo do quarto. — É a Clare e o Henry?

Seguimos todos com o passo pesado pelo corredor e entramos no quarto. Vejo de relance a cozinha quando passamos. Há uma mulher de meia-idade junto à pia lavando louça.

Charisse está deitada na cama com a neném dormindo nos braços. Ela é miúda e tem cabelo preto e um certo ar asteca. Max e Joe são louros. Charisse está com uma cara péssima (para mim. Clare insiste depois que ela está "maravilhosa"). Ela engordou muito e parece exausta e doente. Fez cesariana. Sento na cadeira. Clare e Gomez estão sentados na cama. Max trepa na cama até a mãe e se encolhe embaixo de seu braço livre. Fica me olhando e põe o dedo na boca. Joe está sentado no colo de Gomez.

— Ela é linda — diz Clare. Charisse ri. — E você está com uma cara maravilhosa.

— Estou me sentindo uma merda — diz Charisse. — Mas encerrei. Conseguimos nossa menina. — Ela faz carinho no rosto da neném, e Rosa boceja e levanta uma mãozinha. Seus olhos são fendas escuras.

— Rosa Evangeline — Clare fala meiguinho para a neném. — Muito bonito.

— Gomez queria dar o nome de Wednesday,[14] mas eu bati o pé — diz Charisse.

— É, ela nasceu numa quinta, de qualquer forma — explica Gomez.

— Quer segurar? — Clare faz que sim com a cabeça, e Charisse cuidadosamente põe a filha nos seus braços.

Vendo Clare com um bebê nos braços faz a realidade de nossos abortos tomar conta de mim e, por um instante, fico nauseado. Espero não estar prestes a viajar no tempo. A sensação passa, e o que fica é a realidade do que andamos fazendo: perdendo filhos. Onde estão esses filhos perdidos, vagueando, rondando por aí confusos?

— Henry, quer segurar Rosa? — Clare me pergunta.

Fico apavorado.

— Não — digo, com ênfase excessiva. — Não estou me sentindo muito bem — explico.

Fico de pé e saio da casa pela porta da cozinha. Fico parado no quintal. Cai uma chuva fina. Fico ali tomando ar.

A porta dos fundos bate. Gomez sai e vem para junto de mim.

— Você está bem? — pergunta.

— Acho que sim. Estava me dando claustrofobia lá dentro.

— Sim, te entendo.

Ficamos em silêncio alguns minutos. Estou tentando me lembrar de meu pai me pegando no colo quando eu era pequeno. Só consigo me lembrar de jogar com ele, correr, rir, andar montado nos ombros dele. Percebo que Gomez me olha, e que lágrimas descem pela minha cara. Enxugo o rosto na manga. Alguém tem que dizer alguma coisa.

— Não ligue para mim — digo.

Gomez faz um gesto constrangido.

— Já volto — diz e entra em casa.

Acho que foi de vez, mas ele volta com um cigarro aceso na mão. Me sento à velha mesa de piquenique, que está molhada de chuva e coberta de agulhas de pinheiro. Está frio aqui fora.

— Vocês ainda estão tentando ter filho?

Fico espantado com isso até perceber que Clare deve contar tudo a Charisse, e Charisse não deve contar nada a Gomez.

— Estamos.

— Clare ainda está perturbada com aquele aborto?

— Abortos. Plural. Já tivemos três.

— Perder um filho, sr. DeTamble, pode ser considerado uma infelicidade; perder três parece desleixo.

— Não tem a menor graça, Gomez.

— Sinto muito. — Gomez parece desconcertado dessa vez. Não quero falar nisso. Não tenho palavras para falar nisso e mal consigo falar nisso com Clare, com Kendrick e os outros médicos aos pés de quem colocamos nosso triste caso. — Sinto muito — repete Gomez.

Fico de pé.

— É melhor a gente entrar.

— Ah, elas não querem a gente, querem falar de assunto de mulher.

— Hum. Está bem, então. E os Cubs, hein? — Torno a me sentar.

— Nem fale. — Nenhum de nós acompanha beisebol. Gomez anda de um lado para o outro. Torço para ele parar ou, melhor ainda, entrar. — Então qual é o problema? — pergunta ele, como quem não quer nada.

— Com o quê? Os Cubs? Falta lançamento, eu diria.

— Não, caro Bibliotecário, os Cubs não. Qual é o problema que está deixando você e Clare sem bebês?

— Isso não é nada da sua conta, Gomez.

Ele continua, impassível.

— Eles sabem ao menos qual é o problema?

— Vá à merda, Gomez.

— Ora, ora, que palavreado é esse. Porque conheço uma grande médica...

— Gomez...

— Especialista em distúrbios cromossomáticos fetais.

— Por que cargas d’água você haveria de saber...

— Testemunha especializada.

— Ah.

— Ela se chama Amit Montague — prossegue ele — e é um gênio. Já apareceu na televisão e ganhou um monte de prêmios. Os júris adoram essa médica.

— Ah, bom, se os *júris* a adoram... — começo com sarcasmo.

— Vá consultar a médica, e pronto. Nossa, estou tentando ajudar.

Suspiro.

— Tudo bem. Hum, obrigado.

— Isso é “Obrigado, vamos sair e ir direto fazer o que você está sugerindo, caro Camarada”, ou “Obrigado, vá se foder”?

Fico de pé, limpo o traseiro das calças de agulhas de pinheiro.

— Vamos entrar — digo, e entramos.

[14] Quarta-feira, em inglês; referência ao seriado *A Família Addams*, em que a filha do casal Gomez e Morticia se chamava Wednesday — no Brasil, Vandinha. (N. da T.)

OceanofPDF.com

QUATRO



Quarta-feira, 21 de julho de 1999/8 de setembro de 1998
(Henry tem 36 anos, Clare, 28)

HENRY: Estamos deitados na cama. Clare está encolhida no lado dela, de costas para mim, e eu estou de conchinha nela. São umas duas da manhã, e acabamos de apagar a luz depois de uma longa discussão inútil sobre nossas desventuras reprodutivas. Estou colado em Clare, a mão envolvendo seu seio direito, e tento discernir se estamos nisso juntos ou se fui de alguma forma deixado para trás.

— Clare — digo baixinho no pescoço dela.

— Oi.

— Vamos adotar. — Ando com essa ideia há semanas, meses. Parece uma escapatória brilhante: vamos ter um filho. Será saudável. Clare ficará saudável. Ficaremos felizes. É a resposta óbvia.

Clare diz:

— Mas seria falso. Seria fingir. — Ela fica sentada, vira para mim, e eu faço o mesmo.

— Seria um bebê de verdade, e nosso. Que fingimento há nisso?

— Estou farta de fingir. Vivemos fingindo. Quero mesmo fazer isso.

— Não vivemos fingindo. Do que você está falando?

— Fingimos ser pessoas normais, com uma vida normal! Eu finjo que não tem o menor problema para mim você viver sumindo sabe Deus para onde. Você finge que está tudo bem mesmo quando quase morreu e Kendrick não sabe o que fazer a respeito! Finjo que não ligo quando nossos filhos morrem...

Ela está soluçando, com o corpo curvado, o cabelo tapando o rosto como uma cortina de seda protetora.

Estou cansado de chorar. Estou cansado de ver Clare chorar. Estou sem ação diante das lágrimas dela, não há nada que eu possa fazer que vá mudar alguma coisa.

— Clare...

Estendo a mão para tocar e consolar Clare, me consolar também, mas ela me afasta. Saio da cama e pego minhas roupas. Me visto no banheiro. Pego

as chaves de Clare em sua bolsa e calço os sapatos. Clare aparece no corredor.

— Aonde vai?

— Não sei.

— Henry...

Saio de casa e bato a porta. A sensação de estar na rua é boa. Não me lembro onde está o carro. Aí vejo que está do outro lado da rua. Vou até lá e entro.

Minha ideia inicial era dormir no carro, mas uma vez lá dentro, decido ir a algum lugar. A praia: vou até a praia. Sei que é uma péssima ideia. Estou cansado, estou perturbado, seria loucura dirigir... mas estou a fim de dirigir, e pronto. As ruas estão vazias. Ligo o carro. O motor ronca. Demoro um minuto para sair da vaga. Vejo Clare na janela da frente. Deixe que ela fique preocupada. Dessa vez, não me importo.

Desço a Ainslie para a Lincoln, corto para a Western e vou para norte. Faz tempo que não saio sozinho no meio da noite no presente, e não me lembro da última vez em que dirigi um carro quando não era absolutamente necessário. É bom. Passo a toda pelo cemitério Rosehill e pelo longo corredor de concessionárias de carro. Ligo o rádio, aperto o botão de memória para sintonizar a WLUW; está tocando Coltrane, então aumento o volume e abaixo o vidro. O barulho, o vento, a sequência de sinais de trânsito e postes de luz me acalmam, me anestesiam, e logo me esqueço por que estou aqui antes de tudo. No limite de Evanston, viro na Ridge, depois pego a Dempster para o lago. Estaciono próximo à lagoa, deixo as chaves na ignição, salto e caminho. Está fresco e muito sossegado. Vou até o fim do píer e fico ali parado, olhando ao longo da orla para Chicago, cintilando sob o seu céu laranja e arroxeado.

Estou muito cansado. Cansado de pensar na morte. Cansado do sexo para cumprir um objetivo. E tenho medo de onde isso vai dar. Não sei até que ponto consigo aguentar a pressão de Clare.

O que são esses fetos todos, esses embriões, esses aglomerados de células que a gente está sempre fazendo e perdendo? O que eles têm que é importante o bastante para arriscar a vida de Clare, para encher os dias com desespero? A Natureza está dizendo para a gente desistir, a Natureza está dizendo: Henry, você é um organismo muito ferrado e não queremos fazer outros da sua espécie. E estou prestes a concordar.

Nunca me vi no futuro com um filho. Embora eu já tenha passado bastante tempo com o meu eu jovem, e muito tempo com a Clare criança, não sinto que minha vida é incompleta sem um ser que tenha saído de mim. Nenhum eu futuro jamais me encorajou a continuar persistindo nisso. Eu de fato não aguentei mais e perguntei, semanas atrás, quando dei de cara com o meu eu no depósito da Newberry, um eu de 2004. *Algum dia vamos ter filho?*, perguntei. Meu eu apenas sorriu e deu de ombros. *Você tem que passar por isso, sinto muito,* ele respondeu, presunçoso e compreensivo. *Ai, caramba, diz logo,* gritei, levantando a voz quando ele ergueu a mão e desapareceu. *Babaca,* eu disse em voz alta. Isabelle meteu a cabeça pela porta de segurança e me perguntou por que eu estava gritando no depósito e se eu não sabia que dava para me ouvir na Sala de Leitura.

Não vejo nenhuma saída para isso. Clare está obcecada. Amit Montague dá força, conta histórias sobre bebês milagrosos, dá vitaminas para Clare tomar que me fazem lembrar o *Bebê de Rosemary*. Talvez eu devesse fazer greve. Claro, é isso; uma greve de sexo. Rio sozinho. O som é engolido pelas ondas que lambem delicadamente o píer. Chance zero. Em poucos dias, eu estaria implorando de joelhos.

Minha cabeça dói. Tento não dar bola para isso; sei que é porque estou cansado. Me pergunto se eu poderia dormir na praia sem ser incomodado. Está uma noite linda. Neste exato momento, um intenso raio de luz passa pelo píer e me assusta ao bater em meu rosto...

...E de repente estou na cozinha de Kimy, deitado de costas embaixo da mesa, rodeado de pernas de cadeira. Kimy está sentada numa delas e olha para mim ali embaixo. Seu sapato pisa em minha coxa esquerda.

— Oi, amiga — digo com voz fraca. Tenho a sensação de que vou desmaiar.

— Um dia desses vou ter um ataque do coração por sua causa, amigo — diz Kimy. Ela me cutuca com o pé. — Saia daí de baixo e vista alguma coisa.

Viro de lado, fico de joelhos e recuo para sair de baixo da mesa. Aí fico encolhido no chão e descanso um instante, recuperando o controle e segurando a ânsia de vômito.

— Henry... você está bem? — Ela se inclina para mim. — Quer comer alguma coisa? Quer uma sopa? Tenho minestrone... Café? — Faço que não com a cabeça. — Quer deitar no sofá? Está enjoado?

— Não, Kimy, está tudo bem, vou ficar bem. — Consigo me ajoelhar, depois me levantar. Vou trôpego até o quarto e abro o armário do sr. Kim, que está quase vazio a não ser por algumas calças jeans bem passadas de vários tamanhos que vão de infantil a adulto, e várias camisas brancas impecáveis. É minha pequena reserva de roupas, pronta, ali à espera. Vestido, volto para a cozinha, me inclino sobre Kimy e dou um estalinho em seu rosto. — Que dia é hoje?

— 8 de setembro de 1998. De onde você vem?

— De julho próximo.

Sentamos à mesa. Kimy está fazendo as palavras cruzadas do *New York Times.*

— O que vai acontecer, em julho próximo?

— É um verão muito fresco, seu jardim está lindo. Todas as ações de tecnologia estão em alta. Você devia comprar ações da Apple em janeiro.

Ela anota alguma coisa numa sacola de papel.

— Tudo bem. E você? Como vai indo? Como vai Clare? Vocês já tiveram filho?

— Na verdade, eu estou com fome. Que tal um pouco daquela sopa que você falou?

Kimy se levanta pesadamente da cadeira e abre a geladeira. Retira uma caçarola e começa a esquentar um pouco de sopa.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Nenhuma novidade, Kimy. Nada de filho. Clare e eu brigamos por causa disso quase o tempo todo quando estamos acordados. Por favor, não brigue comigo.

Kimy está de costas para mim. Ela mexe vigorosamente a sopa. Noto que ficou chateada só de olhar para suas costas.

— Não estou “brigando com você”. Só perguntei, está bem? Só estou curiosa. Ora.

Ficamos algum tempo calados. O barulho da colher raspando o fundo da panela me irrita. Penso em Clare, me olhando da janela quando fui embora.

— Ei, Kimy.

— Ei, Henry.

— Por que você e o sr. Kim não tiveram filhos?

Longo silêncio. Depois:

— A gente teve.

— Teve?

Ela serve a sopa fumegante num dos pratos do Mickey que eu adorava quando era criança. Senta à mesa e passa as mãos no cabelo, apanhando os fios brancos soltos no pequeno coque na parte de trás da cabeça. Kimy olha para mim.

— Tome sua sopa. Eu já volto.

Ela se levanta e sai da cozinha, e ouço seus pés se arrastando pela passadeira de plástico que cobre o carpete no corredor. Tomo a sopa, que eu quase acabei quando ela volta.

— Aqui. Esta é Min. Ela é minha filha. — A fotografia em preto e branco está desfocada. Nela, uma menina, de uns cinco ou seis anos talvez, está na frente do prédio da sra. Kim – este prédio, o prédio onde eu me criei. Ela está com o uniforme de uma escola católica, sorrindo e segurando um guarda-chuva. — É o primeiro dia de aula dela. Ela está muito feliz, muito assustada.

Estudo a foto. Tenho medo de perguntar. Levanto os olhos. Kimy olha pela janela, para lá do rio.

— O que aconteceu?

— Ah. Ela morreu. Antes de você nascer. Teve leucemia e morreu.

De repente, me lembro.

— Ela costumava sentar no quintal numa cadeira de balanço? De vestido vermelho?

A Sra. Kim me olha, assustada.

— Você vê a Min?

— Sim, acho que sim. Muito tempo atrás. Quando eu tinha uns 7 anos. Eu estava parado na escada que dá no rio, pelado, e ela me disse que era melhor eu não entrar no jardim dela. Eu disse que era o meu jardim e ela não acreditou em mim. Eu não consegui entender. — Rio. — Disse que a mãe dela ia me dar uma surra se eu não fosse embora.

Kimy se acaba de tanto rir.

— Bom, ela estava certa, né?

— Estava, só errou por uns anos.

Kimy sorri.

— É, a Min era uma espoleta. O pai chamava de srta. Bocão. Ele gostava muito dela.

Kimy vira a cabeça, disfarçadamente passa a mão nos olhos. Me lembro do sr. Kim como um homem taciturno que passava a maior parte do tempo sentado na poltrona assistindo a esporte na tevê.

— Em que ano a Min nasceu?

— 1949. Ela morreu em 1956. Engraçado, hoje ela seria uma senhora de meia-idade com filhos. Teria 49 anos. Os filhos talvez estivessem na faculdade, talvez fossem um pouco mais velhos.

Kimy olha para mim, e eu olho para ela.

— Estamos tentando, Kimy. Estamos tentando de todo jeito.

— Eu não disse nada.

— A-hã.

Kimy pisca os olhos para mim como se fosse a Louise Brooks.

— Ei, amigo, empaquei nessa palavra. Nove vertical, começa com “K”...

CLARE: Observo os mergulhadores da polícia entrarem no lago Michigan. É uma manhã encoberta e já faz muito calor. Estou parada no píer da Dempster Street. Há cinco caminhões dos bombeiros, três ambulâncias e sete viaturas parados na Sheridan Road com as luzes piscando. Há 17 bombeiros e seis paramédicos. Há 14 policiais homens e uma policial gorda baixinha cujo quepe mal cabe na cabeça. Ela fica repetindo chavões idiotas para me consolar até me dar vontade de empurrá-la do píer. Estou segurando as roupas de Henry. São cinco horas da manhã. Há 21 repórteres, alguns de tevê, com caminhões, microfones e câmeras, e outros de jornais, com fotógrafos. Há um casal idoso rondando a cena, discreto mas curioso. Tento não pensar na descrição feita pelo policial de Henry pulando da ponta do píer, captado pelo holofote do carro da polícia.

Dois novos policiais caminham pelo píer. Eles trocam ideia com alguns dos policiais que já estão aqui. Depois o mais velho deles se afasta e vem até mim. Tem um bigodão à antiga, com as pontas reviradas para cima. Ele se apresenta como capitão Michels, e me pergunta se sei de algum motivo para meu marido ter tentado se matar.

— Acho que ele não fez isso, capitão. Quer dizer, ele nada muito bem, deve simplesmente estar nadando para, sei lá, Wilmette ou para aquelas bandas — faço um gesto vago com a mão indicando o norte —, e vai voltar a qualquer momento...

O capitão parece duvidar de mim.

— Ele tem o hábito de nadar no meio da noite?

— Ele sofre de insônia.

— Vocês andaram discutindo? Ele estava chateado?

— Não — minto. — Claro que não. — Olho para o horizonte. Tenho certeza de que não pareço convincente. — Eu estava dormindo e ele deve ter decidido ir nadar e não queria me acordar.

— Ele deixou algum bilhete?

— Não. — Enquanto dou tratos à bola procurando uma explicação mais realista, ouço um barulho na praia. Aleluia. Na hora H. — Lá está ele! — Henry começa a se levantar na água, me ouve gritar e torna a se abaixar para nadar até o píer.

— Clare, o que está acontecendo?

Fico de joelhos no píer. Henry parece cansado e com frio. Falo com calma.

— Eles acharam que você tinha se afogado. Um deles viu você se jogar do píer. Eles andam procurando seu corpo há duas horas.

— O senhor é Henry DeTamble? — pergunta o capitão.

— Sim. O senhor se importaria se eu saísse da água? — Todos nós seguimos Henry até a praia, ele nadando e nós caminhando ao lado dele no píer. Ele sai da água e fica parado na areia feito um pinto molhado. Entrego sua camisa, que ele usa para se secar. Veste o resto das roupas e fica calmamente esperando que a polícia descubra o que quer fazer com ele. Quero beijá-lo e depois matá-lo. Ou vice-versa. Henry passa o braço em volta de mim. Ele está frio e úmido. Fico junto dele para me refrescar, e ele se aconchega a mim para se aquecer. Os policiais fazem perguntas que ele responde com muita educação. São policiais de Evanston, com alguns de Morton Grove e Skokie que foram chegando só de farra. Se fossem da polícia de Chicago, conheceriam Henry e o prenderiam.

— Por que não respondeu quando o policial disse para sair da água?

— Eu estava usando protetores de ouvido, capitão.

— Protetores de ouvido?

— Para não deixar entrar água no ouvido — Henry faz a encenação de estar procurando no bolso. — Não sei onde eles foram parar. Sempre nado com protetores de ouvido.

— Por que estava nadando às três horas da manhã?

— Não conseguia dormir.

E assim por diante. Henry mente com naturalidade, organizando os fatos para sustentar sua história. No fim, a contragosto, a polícia o autua por nadar quando a praia está oficialmente fechada. É uma multa de $500. Quando a polícia nos deixa ir embora, os repórteres, fotógrafos e as

câmeras de tevê vão em nossa direção enquanto caminhamos para o carro. Sem comentários. Só fui nadar. Por favor, preferimos não ser fotografados. Clique. Finalmente conseguimos chegar ao carro, que está esperando abandonado com as chaves dentro na Sheridan Road. Ligo o motor e abaixo o vidro. A polícia, os repórteres e o casal idoso estão nos observando parados na relva. Não nos olhamos.

— Clare.

— Henry.

— Sinto muito.

— Eu também.

Ele me olha e toca minha mão no volante. Vamos para casa em silêncio.

Sexta-feira, 14 de janeiro de 2000 (Clare tem 28 anos, Henry, 36)

CLARE: Kendrick nos guia por um labirinto de corredores atapetados, com paredes de gesso e revestimento acústico até uma sala de conferências. Não há janelas, só carpete azul e uma longa mesa preta rodeada de cadeiras giratórias estofadas. Há um quadro branco e algumas canetas Pilot, um relógio em cima da porta e um bule de café com xícaras, creme e açúcar ao lado. Kendrick e eu sentamos à mesa, mas Henry anda de um lado para o outro. Kendrick tira os óculos e massageia o nariz miúdo. A porta abre e um jovem latino vestido com uma bata cirúrgica entra na sala empurrando um carrinho com uma gaiola coberta com um pano.

— Onde quer que eu ponha? — pergunta o jovem, e Kendrick diz:

— Deixe o carrinho todo, por favor — e o homem dá de ombros e sai. Kendrick vai até a porta e gira um botão para diminuir as luzes até virar uma penumbra. Mal vejo Henry parado ao lado da gaiola. Kendrick vai até ele e retira o pano em silêncio.

A gaiola exala um odor de cedro. Fico olhando para dentro dela. Não vejo nada a não ser um rolo vazio de papel higiênico, algumas tigelas de comida, uma garrafa d’água, uma roda para exercícios e lascas de cedro fofas. Kendrick abre o topo da gaiola e mete o braço lá dentro para apanhar uma coisa pequena e branca. Henry e eu ficamos ali em volta, encarando o ratinho que fica sentado e piscando na palma da mão de Kendrick. Ele tira uma lanterninha do bolso, acende e ilumina rapidamente o camundongo. O bicho fica tenso e depois some.

— Uau — digo. Kendrick torna a cobrir a gaiola e aumenta a luz.

— Vai sair na edição da semana que vem da *Nature* — diz ele, sorrindo. — É o artigo principal.

— Parabéns — diz Henry. Consulta o relógio. — Por quanto tempo eles costumam desaparecer? E aonde vão?

Kendrick faz um gesto para o bule e ambos concordamos.

— Eles tendem a passar uns dez minutos sumidos — diz, servindo três xícaras de café e entregando uma a cada um de nós. — Vão para o laboratório de animais no porão onde nasceram. Parece que não conseguem ir por mais que alguns minutos tanto para frente quanto para trás.

Henry faz que sim com a cabeça.

— Eles irão por mais tempo à medida que forem ficando mais velhos.

— Sim, até agora tem sido assim.

— Como fez isso? — pergunto a Kendrick. Ainda não consigo acreditar direito que ele tenha feito isso.

Kendrick sopra o café e dá um gole fazendo uma careta. O café está amargo, e ponho açúcar no meu.

— Bem — diz ele —, ajudou muito o fato de a Celera ter sequenciado todo o genoma de camundongos. Ela disse onde procurar os quatro genes que eram nossos objetivos. Mas a gente podia ter chegado lá sem essa ajuda.

“Começamos clonando os seus genes e depois usamos enzimas para cortar as partes danificadas do DNA. Aí inserimos essas partes em embriões de camundongos durante o estágio da divisão celular em que são formadas quatro células. Essa foi a parte fácil.”

Henry levanta as sobrancelhas.

— Certo, claro. Clare e eu fazemos isso o tempo todo na nossa cozinha. Então qual foi a parte difícil? — Ele senta em cima da mesa e pousa o café do lado. Na gaiola, ouço a roda para exercícios rangendo. Kendrick olha para mim.

— A parte difícil foi fazer as mães, as ratas-mães, sustentarem a gravidez dos camundongos alterados. Elas morriam sempre de hemorragia.

Henry parece muito assustado.

— As mães morreram?

Kendrick faz que sim com a cabeça.

— As mães e os filhotes morreram. Não conseguíamos entender isso, então começamos a observar as ratas 24 horas por dia, e aí vimos o que acontecia. Os embriões sumiam da barriga da mãe e depois voltavam, e as

mães morriam de hemorragia interna. Ou abortavam o feto com dez dias. Era muito frustrante.

Henry e eu nos entreolhamos e depois desviamos a vista.

— Sabemos como é isso — digo a Kendrick.

— Pois é. — diz ele. — Mas resolvemos o problema.

— Como? — pergunta Henry.

— Decidimos que poderia ser uma reação imunológica. Algo nos fetos de camundongo era tão estranho que o sistema imunológico das mães tentava combatê-los como se eles fossem um vírus ou coisa assim. Então inibimos o sistema imunológico das mães, e aí a coisa funcionou como num passe de mágica.

Ouço meu coração batendo. *Como num passe de mágica.*

Kendrick de repente se abaixa e pega alguma coisa no chão.

— Te peguei — diz, exibindo o camundongo nas mãos em concha.

— Parabéns — diz Henry. — E agora?

— Terapia genética — Kendrick diz a Henry. — Drogas. — Ele dá de ombros. — Embora a gente seja capaz de *fazer* isso acontecer, ainda não sabemos por que acontece. Ou como acontece. Então tentamos entender.

Ele oferece o camundongo a Henry. Henry junta as mãos em concha e Kendrick põe o camundongo ali dentro. Henry examina o bichinho cuidadosamente.

— Tem uma tatuagem — diz.

— É a única forma de conseguirmos localizá-los — diz Kendrick. — Eles levam à loucura os técnicos do laboratório de animais por viverem fugindo.

Henry ri.

— Esta é a nossa vantagem darwiniana — diz. — Fugimos.

Ele afaga o camundongo e o bichinho faz cocô em sua mão.

— Tolerância zero para estresse — diz Kendrick, que põe o camundongo de volta na gaiola, onde ele se mete no rolo vazio de papel higiênico.

Tão logo chegamos em casa, estou no telefone com a dra. Montague, falando sem parar sobre inibidores do sistema imunológico e hemorragia interna. Ela ouve com cautela e depois me diz para ir lá na próxima semana, e que fará algumas pesquisas enquanto isso. Desligo o telefone e Henry me olha nervosamente por cima da seção de economia do *Times.*

— Vale a pena tentar — digo a ele.

— Várias ratas-mães mortas antes de eles entenderem — diz Henry.

— Mas deu certo! Kendrick conseguiu!

— É — Henry só diz isso e continua lendo. Abro a boca, depois mudo de ideia e saio do estúdio, empolgada demais para discutir. *Funcionou como num passe de mágica. Como num passe de mágica.*

OceanofPDF.com

CINCO



Quinta-feira, 11 de maio de 2000 (Henry tem 39 anos, Clare, 28)

HENRY: Desço a Clark Street no fim da primavera do ano 2000. Não há nada de muito extraordinário nisso. Está uma noite linda em Andersonville, e todos os jovens moderninhos estão sentados tomando café gelado e chique nas mesinhas do Kopi's, ou comendo cuscuz nas mesas do Reza's, ou apenas passeando, alheios às lojas de bugigangas suecas e elogiando os cachorros uns dos outros. Eu deveria estar no trabalho em 2002, mas fazer o quê? Acho que Matt vai ter que me substituir na minha aula da tarde. Prometo a mim mesmo levá-lo para jantar.

Vou passeando e, quando menos espero, vejo Clare do outro lado da rua. Ela está parada na frente de um brechó olhando um mostruário de roupas de bebê. Até de costas vejo que está melancólica e ansiosa. Enquanto a observo, ela encosta a testa na vitrine da loja e fica ali parada, desanimada. Atravesso a rua desviando de uma van da UPS e de um Volvo, e fico atrás dela. Clare ergue os olhos, leva um susto e vê meu reflexo no vidro.

— Ah, é você — diz e se vira. — Pensei que estivesse no cinema com Gomez.

Clare parece um pouco na defensiva e um pouco culpada, como se tivesse sido flagrada por mim cometendo algum ato ilícito.

— Provavelmente estou. Deveria estar no trabalho, na verdade. Em 2002.

Clare sorri. Está com uma cara cansada, e, ao calcular as datas, lembro que nosso quinto aborto foi há três semanas. Hesito, aí dou um abraço nela e fico aliviado quando ela relaxa nos meus braços e encosta a cabeça no meu ombro.

— Como vai? — pergunto.

— Péssima — diz ela baixinho. — Cansada. — Eu me lembro. Ela passou semanas de cama. — Henry, eu desisto. — Ela me observa, tentando avaliar minha reação, pesando sua intenção contra o que eu sei. — Entrego os pontos. Isso não vai acontecer.

Existe alguma coisa me impedindo de dar a ela o que precisa? Não encontro um único motivo para não lhe contar. Fico dando tratos à bola para

descobrir algo que impedisse Clare de saber. Só me vem à mente sua convicção, que estou prestes a criar.

— Insista, Clare.

— O quê?

— Continue. Temos um neném no meu presente.

Clare fecha os olhos, sussurra.

— Obrigada. — Não sei se ela está falando comigo ou com Deus. Não importa. — Obrigada — diz ela, de novo, olhando para mim, falando comigo, e tenho a sensação de ser um anjo numa versão doida da Anunciação. Abaixo a cabeça para dar um beijo e sinto a determinação, a alegria e a decisão percorrendo Clare. Me lembro dos cabelos pretos na cabecinha surgindo entre as pernas de Clare e acho espantoso como este momento cria aquele milagre, e vice-versa. Obrigado. Obrigado.

— Você sabia? — Clare me pergunta.

— Não. — Ela fica com uma cara desapontada. — Não só eu não sabia como também fiz tudo para impedir que você voltasse a engravidar.

— Ótimo. — Clare ri. — Então, aconteça o que acontecer, eu só tenho que ficar quieta e chutar o pau da barraca.

Clare ri para mim, eu rio para ela. Chutar o pau.

OceanofPDF.com

SEIS



Sábado, 3 de junho de 2000 (Clare tem 29 anos, Henry, 36)

CLARE: Estou sentada na mesa da cozinha folheando o *Chicago Tribune* e vendo Henry guardar as compras. As sacolas de papel pardo estão todas enfileiradas em cima da bancada e Henry saca de dentro delas ketchup, galinha e queijo gouda como um mágico. Fico esperando o coelho e os lenços de seda. Em vez disso, saem cogumelos, feijão-preto, *fettucine*, alface, um abacaxi, leite desnatado, café, rabanetes, nabos, uma rutabaga, aveia, manteiga, queijo *cottage*, pão de centeio, maionese, ovos, barbeadores, desodorante, maçãs Granny Smith, creme, pãezinhos, camarão, *cream cheese*, sucrilhos, molho marinara, suco de laranja congelado, cenouras, camisinhas, batata-doce... camisinhas? Fico de pé e vou até o balcão, pego a caixa azul e sacudo na cara de Henry.

— O quê, você está tendo um caso?

Ele me lança um olhar desafiador enquanto arruma as coisas no *freezer*.

— Não, na verdade, me deu uma luz quando estava no corredor de pasta de dente. Quer ouvir?

— Não.

Henry se vira para mim com uma expressão de cansaço.

— Olha, é o seguinte: a gente não pode continuar tentando ter filho.

Traidor.

— Nós tínhamos concordado...

— ... em continuar tentando. Acho que cinco abortos são suficientes. Acho que já tentamos.

— *Não*. Por que não tentar de novo?

Tento evitar o tom de súplica e conter a raiva que sobe na minha garganta.

Henry dá a volta na bancada e fica parado na minha frente, mas não me toca porque sabe que não pode me tocar.

— Clare, outro aborto vai matar você, e não vou continuar fazendo uma coisa que vai terminar com você morta. Cinco gestações... Sei que você quer tentar de novo, mas eu não posso. Não aguento mais, Clare. Sinto muito.

Saio pela porta dos fundos e fico parada ao sol, perto das moitas de framboesa. Nossos filhos, mortos e envoltos em delicadas folhas de papel japonês, dentro de caixõezinhos de madeira, agora estão à sombra no fim da tarde, ao pé das rosas. Sinto na pele o calor do sol e sinto um arrepio por eles, enterrados no jardim neste dia ameno de junho. *Socorro,* digo, em pensamento, para nosso futuro filho. *Ele não sabe, então não posso contar. Venha logo*.

Sexta-feira, 9 de junho de 2000/19 de novembro de 1986
(Henry tem 36 anos, Clare, 15)

HENRY: São 8h45 da manhã de uma sexta-feira, e estou sentado na sala de espera de um tal dr. Robert Gonsalez. Clare não sabe que estou aqui. Resolvi fazer uma vasectomia.

O consultório do dr. Gonsalez é na Sheridan Road, perto da Diversey, num centro médico elegante ao lado do jardim botânico do Lincoln Park. Esta sala de espera é decorada em tons de marrom e verde musgo, muito revestimento de madeira e gravuras de vencedores de corridas de cavalos dos anos 1880. Muito masculino. Tenho a sensação de que devia estar vestido com um robe e um baita charuto nos dentes. Preciso beber alguma coisa.

A simpática mulher do planejamento familiar me assegura com sua voz tranquilizadora e treinada que não vai doer nada. Há cinco outros caras esperando aqui comigo. Me pergunto se pegaram gonorreia ou se têm problema de próstata. Talvez alguns deles estejam aqui como eu, esperando para encerrar suas carreiras de pais em potencial. Sinto uma certa solidariedade para com esses desconhecidos, nós todos juntos aqui nesta sala marrom de madeira e couro nesta manhã cinzenta esperando para entrar na sala de exame e tirar as calças. Há um homem muito velho que se senta inclinado à frente com as mãos apertadas em volta da bengala, olhos fechados atrás de lentes grossas que deixam suas pálpebras ainda maiores. Ele não deve estar aqui para ser vasectomizado. O adolescente que folheia um número antigo da *Esquire* finge estar indiferente. Fecho os olhos e imagino que estou num bar onde a *barwoman* está de costas para mim preparando um bom uísque escocês de puro malte só com um pouquinho de água morna. Talvez seja um *pub* inglês. Sim, isso explicaria a decoração. O homem à minha esquerda tosse, uma tosse forte capaz de sacudir os pulmões, e, quando abro os olhos, continuo numa sala de espera de médico.

Dou uma olhada furtiva para o relógio do cara à minha direita. Ele tem um daqueles relógios esportivos imensos que podem ser usados para cronometrar corridas ou chamar a nave mãe. São 9h58. Minha hora é daqui a dois minutos. Mas parece que o médico está atrasado. A recepcionista chama “sr. Liston”, e o adolescente se levanta bruscamente e entra na sala pela pesada porta almofadada. Nós que sobramos nos entreolhamos, furtivamente, como se estivéssemos no metrô e alguém tentasse nos vender a *Streetwise*.[15]

Estou todo tenso e me lembro de que o que estou prestes a fazer é uma coisa necessária e boa. Não sou um traidor. Não sou um traidor. Estou salvando Clare do horror e da dor. Ela nunca saberá. Não vai doer. Talvez doa um pouquinho. Um dia eu conto a ela e ela vai ver que eu tinha de fazer isso. A gente tentou. Eu não tenho escolha. Não sou um traidor. Mesmo se doer, terá valido a pena. Estou fazendo isso porque amo Clare. Penso nela sentada em nossa cama, coberta de sangue, chorando, e fico enjoado.

— Sr. DeTamble.

Fico de pé e agora me sinto enjoado mesmo. Minhas pernas ficam bambas. Minha cabeça roda, estou recurvado e vomitando. Estou de quatro no chão frio, coberto com raízes de grama morta. Estou vomitando bílis porque não tenho nada no estômago. Está frio. Levanto os olhos. Estou na clareira, no Campo. As árvores estão sem folhas, o céu está nublado com a chegada da noite. Estou só.

Fico de pé e encontro a caixa de roupa. Logo estou vestido com uma camiseta da Gang of Four, um suéter, um jeans, meias grossas e botas pretas do exército, um sobretudo de lã preta e luvas de inverno azul-bebê. Algo roeu a caixa e fez um ninho lá dentro. As roupas indicam meados dos anos 80. Clare tem uns 15 ou 16 anos. Não sei se fico por aqui esperando por ela ou vou embora. Não sei se consigo encarar o espírito jovem de Clare nesse momento. Caminho em direção ao pomar.

Parece fim de novembro. O vento agita o Campo seco. Há corvos disputando maçãs que o vento derrubou no limite do pomar. Justo quando chego perto deles, ouço alguém arfando, correndo atrás de mim. Me viro e vejo que é Clare.

— Henry... — ela está esbaforida, parece resfriada. Deixo que ela fique ali tentanto falar com a voz rouca por um minuto. Não consigo falar com ela. Ela espera, com a respiração se condensando à sua frente em nuvens

brancas, o cabelo vermelho-vivo contrastando com o marrom e o cinza, sua pele rosada e clara.

Viro e entro no pomar.

— Henry... — Clare me segue e pega meu braço. — O quê? O que foi que eu fiz? Por que não quer falar comigo?

Ai meu Deus.

— Tentei fazer uma coisa para você, uma coisa importante, e não deu certo. Fiquei nervoso e vim parar aqui.

— O que foi?

— Não posso contar. Eu nem ia te contar no presente. Você não ia gostar.

— Então por que quis fazer?

Clare treme de frio com o vento.

— Era o único jeito. Você não me dava ouvidos. Pensei que a gente pudesse parar de brigar se eu fizesse isso.

Suspiro. Vou tentar de novo e, se for preciso, de novo.

— Por que estamos brigando?

Clare me olha, tensa e aflita. Seu nariz está escorrendo.

— Está resfriada?

— Estou. Por que estamos brigando?

— Tudo começou quando a mulher do seu embaixador esbofeteou a amante do meu primeiro-ministro numa *soirée* realizada na embaixada. Isso afetou o preço da aveia, o que fez aumentar o desemprego e gerou tumultos...

— *Henry.*

— Sim?

— Por uma vez, *só uma*, quer parar de me gozar e responder ao que estou perguntando?

— Não posso.

Sem parar para pensar, Clare me dá uma forte bofetada. Recuo, surpreso, feliz.

— Bate de novo.

Ela está confusa, faz que não com a cabeça.

— Por favor, Clare.

— Não. Por que quer que eu bata? Eu queria *machucar* você.

— Quero que me machuque. Por favor. — Abaixo a cabeça.

— *O que há com você?*

— Está tudo péssimo e eu não consigo sentir nada.

— *O que* está péssimo? O que está havendo?

— Não me pergunte.

Clare chega bem perto de mim e pega a minha mão. Puxa a ridícula luva azul. Põe a minha mão na boca e morde. A dor é terrível. Ela para, e eu olho a minha mão. O sangue aflora devagar em pequenas gotas ao redor da dentada. Provavelmente vai infeccionar, mas agora nem estou ligando.

— Me conte.

O rosto dela está bem junto do meu. Dou um beijo de maneira bruta. Ela resiste. Solto Clare, que vira as costas para mim.

— Isso não foi muito delicado — diz baixinho.

O que há de errado comigo? Clare, aos 15 anos, não é a mesma pessoa que anda me torturando há meses, que se recusa a desistir de ter um filho, que se arrisca a morrer, que transforma o ato de fazer amor num campo de batalha coberto de cadáveres de crianças. Ponho as mãos nos ombros dela.

— Sinto muito. Sinto muito, Clare, não é você. Por favor.

Ela se vira. Está chorando, e num estado deplorável. Por milagre, há um Kleenex no bolso do meu casaco. Passo no rosto dela, ela pega o lenço de papel da minha mão e assoa o nariz.

— Você nunca me beijou antes.

Ah, não. Devo estar com uma cara engraçada, porque Clare ri. Não consigo acreditar. Que idiota eu sou!

— Ah, Clare. Esqueça isso, sim? Apague. Isso nunca aconteceu. Venha cá. Pegue dois, sim? Clare?

Ela se aproxima timidamente de mim. Dou um abraço e olho para ela. Clare está com os olhos vermelhos, o nariz inchado e definitivamente está muito resfriada. Seguro sua cabeça na altura das orelhas e inclino para trás. Beijo Clare e tento pôr meu coração no dela para preservá-lo, caso eu torne a perdê-lo.

Sexta-feira, 9 de junho de 2000 (Clare tem 29 anos, Henry, 36)

CLARE: Henry andou a noite toda muito calado, distraído e pensativo. Passou o jantar inteiro como se estivesse catando num depósito imaginário um livro que leu em 1942. Além do mais, tinha a mão toda enfaixada. Depois do jantar, foi para o quarto e ficou deitado de bruços com a cabeça pendurada no pé da cama e os pés no meu travesseiro. Fui para o ateliê, escovei moldes e molduras de ferro, e tomei o meu café, mas não estava curtindo porque não conseguia entender qual era o problema de Henry.

Finalmente, voltei para dentro de casa. Ele continuava deitado na mesma posição. No escuro.

Deito no chão. Minhas costas estalam quando me alongo.

— Clare?

— Humm?

— Lembra a primeira vez que te beijei?

— Claramente.

— Sinto muito. — Henry se vira na cama.

Estou ardendo de curiosidade.

— O que perturbava tanto você? Estava tentando fazer uma coisa que não deu certo e você disse que eu não ia gostar. O que era?

— Como consegue lembrar tudo isso?

— Tenho memória de elefante. Vai me contar agora?

— Não.

— Se eu adivinhar, você me diz se acertei?

— Provavelmente não.

— Por quê?

— Porque estou exausto e não quero brigar hoje à noite.

Nem eu. Gosto de ficar deitada aqui no chão. É meio frio, mas muito firme.

— Você foi fazer uma vasectomia.

Henry está calado. Fica tanto tempo calado que me dá vontade de pôr um espelho na frente da sua boca para ver se ele respira. Afinal:

— Como soube?

— Eu não soube exatamente. Achava que pudesse ser isso. E vi o papel com a anotação que você fez para a consulta com o médico hoje de manhã.

— Eu *queimei* esse papel.

— Vi a impressão na folha embaixo daquela onde você escreveu.

Henry geme.

— Tudo bem, Sherlock. Você me pegou.

Continuamos deitados em paz no escuro.

— Vá em frente.

— O quê?

— Faça a vasectomia, se é o que quer fazer.

Henry torna a se virar na cama e olha para mim. Só vejo o vulto da cabeça dele contra o teto escuro.

— Você não está gritando comigo.

— Não. Não, eu também não consigo mais fazer isso. Desisto. Você venceu, vamos parar de tentar ter filho.

— Eu não chamaria isso exatamente de vitória. Apenas parece... necessário.

— Como quiser.

Henry desce da cama e senta no chão comigo.

— Obrigado.

— De nada.

Ele me beija. Imagino o dia triste de novembro de 1986 de onde Henry acaba de vir, o vento, o calor do corpo dele no pomar frio. Logo, pela primeira vez em muitos meses, estamos fazendo amor sem nos preocupar com as consequências. Henry pegou o meu resfriado de quando eu tinha 16 anos. Quatro semanas depois, Henry já tinha feito a vasectomia e eu descubro que estou grávida pela sexta vez.

15 Revista que almeja promover a autossuficiência dos sem-teto e capacitá-los para o mercado de trabalho. (N. da T.)

OceanofPDF.com

SONHOS DE BEBÊ



Setembro de 2000 (Clare tem 29 anos)

CLARE: Sonho que desço para o porão da casa de minha avó Abshire.

A longa marca de fuligem feita quando um corvo entrou pela chaminé continua lá na parede da esquerda; o pó cobre os degraus, e o corrimão deixa minhas mãos sujas quando me equilibro; desço e entro no aposento que sempre me assustava quando eu era pequena. Neste porão há prateleiras fundas com fileiras e mais fileiras de vidros de conserva, tomate e picles, molho de milho e beterraba. Parecem embalsamados. Num dos vidros há o pequeno feto de um pato. Abro o vidro com cuidado e entorno o patinho e o líquido na mão. O bichinho arfa e vomita.

— Por que me deixou? — pergunta, quando consegue falar. — Eu estava esperando você.

Sonho que minha mãe e eu caminhamos por uma rua residencial sossegada em South Haven. Levo um bebê no colo. Aí, ele vai ficando cada vez mais pesado, até eu mal aguentar o bebê. Digo para mamãe que não consigo dar mais um passo carregando esse bebê. Ela o pega, e vamos em frente. Chegamos a uma casa e seguimos o pequeno caminho que dá no quintal dos fundos. No quintal, há duas telas e um projetor. Há pessoas sentadas em cadeiras de jardim, assistindo a *slides* de árvores. Em cada tela há metade de uma árvore. Uma metade é verão e a outra, inverno, formando a mesma árvore em estações diferentes. O bebê ri e grita de alegria.

Sonho que estou parada na plataforma do metrô de superfície de Sedgewick, esperando o trem da Linha Marrom. Olho o interior de duas sacolas de compras que carrego. Elas contêm caixas de biscoitos salgados e um pequeno bebê natimorto de cabelo vermelho, embrulhado em papel filme.

Sonho que estou em casa, em meu quarto antigo. É tarde da noite, a luz do aquário ilumina fracamente o quarto. De repente percebo, horrorizada, que há um bichinho nadando em círculos dentro do tanque; tiro correndo a tampa e pego com a rede o bichinho, que, no fim das contas, é um gerbil com guelras.

— Desculpe — digo. — Esqueci de você. — O gerbil fica só me olhando com um ar de censura.

Sonho que subo a escada da Meadowlark House. Toda a mobília sumiu, as salas estão vazias, partículas de pó pairam na luz que ilumina parte do assoalho. Caminho pelo longo corredor, espiando o interior dos quartos, e chego ao meu, onde só há um bercinho de madeira. Não há barulho. Tenho medo de olhar o interior do berço. No quarto de mamãe, há lençóis brancos espalhados pelo chão. Aos meus pés, há uma gotinha de sangue que encosta na ponta de um lençol e se espalha até o chão todo ficar coberto de sangue.

Sábado, 23 de setembro de 2000 (Clare tem 29 anos, Henry, 37)

CLARE: Estou vivendo embaixo d'água. Tudo parece lento e distante. Sei que há um mundo lá em cima, um mundo rápido e ensolarado onde o tempo corre como areia na ampulheta, mas aqui, onde estou, o ar, o som, o tempo e as sensações são espessos e densos. Estou num sino de mergulho com esse bebê, só nós dois tentando sobreviver nessa atmosfera estranha, mas me sinto muito só. *Alô? Você está aí?* Não volta nenhuma resposta. *Ele morreu*, digo a Amit. *Não*, diz ela, sorrindo aflita, *não, Clare, olhe aqui a pulsação dele.* Não consigo explicar. Henry fica à minha volta, tentando me dar de comer, me fazer massagem, me animar, até eu ser grossa com ele. Vou para o meu ateliê do outro lado do jardim. Parece um museu, um mausoléu, tão parado, não há nada vivo ou respirando, nenhuma ideia aí, só coisas, coisas que me encaram com um olhar acusador. *Sinto muito*, digo à minha mesa de desenho vazia, às minhas tinas e minhas fôrmas secas, às esculturas semiconcluídas. *Natimorto*, penso, olhando a armação envolta em papel azul-íris que parecia tão promissora em junho. Minhas mãos estão limpas, macias e cor-de-rosa. Odeio minhas mãos. Odeio esse vazio. Odeio esse bebê. *Não.* Não, não odeio. Só não consigo encontrá-lo.

Sento na prancheta, com um lápis na mão e uma folha de papel branco na frente. Não vem nada. Fecho os olhos e a única coisa que me vem à cabeça é a cor vermelha. Então, pego um tubo de aquarela no tom vermelho cádmio escuro, pego um pincel grosso, encho um jarro de água e começo a cobrir o papel de vermelho. A tinta brilha. O papel fica mole por estar molhado e, à medida que seca, escurece. Fico olhando enquanto seca. Tem cheiro de goma arábica. No meio do papel, desenho a nanquim um coração muito pequeno, não um coração bobo de amor, mas um anatomicamente correto, miúdo, parecendo de boneca, com milhares de veias delicadas que

chegam até as bordas do papel, que deixam o coraçãozinho preso como uma mosca numa teia de aranha. *Olha aqui a pulsação dele.*

Anoiteceu. Esvazio o vidro de água e lavo o pincel. Tranco a porta do ateliê, atravesso o jardim e entro pela porta dos fundos. Henry está fazendo molho de espaguete. Ele ergue os olhos quando entro.

— Melhor? — pergunta.

— Melhor — tranquilizo Henry, e a mim.

Quarta-feira, 27 de setembro de 2000 (Clare tem 29 anos)

CLARE: Ele está deitado na cama. Há um pouco de sangue, mas não muito. Ele está deitado de costas, tentando respirar, a caixinha torácica tremendo, mas é cedo demais, ele tem convulsões e o sangue jorra do cordão umbilical no ritmo de seus batimentos cardíacos. Ajoelho ao lado da cama e pego meu garotinho, pulando feito um peixe que se afoga no ar ao sair da água. Seguro com muita delicadeza, mas ele não sabe que está em minhas mãos. Ele é escorregadio e sua pele é praticamente fruto da imaginação. Seus olhos estão fechados, e me dá uma ideia louca de fazer respiração boca a boca e ligar para a emergência. Penso em Henry. *Ah, não vá embora sem que Henry te veja!* Sua respiração produz bolhas como uma criaturinha marinha respirando água. De repente, ele abre bem a boca e fica com o corpo transparente. Minhas mãos estão vazias e ele se foi.

Não sei quanto tempo passa. Estou ajoelhada. Rezo ajoelhada. *Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus.* O bebê se mexe em meu ventre. *Shh. Fique escondido.*

Acordo no hospital. Henry está lá. O bebê morreu.

OceanofPDF.com

SETE



Quinta-feira, 28 de dezembro de 2000 (Henry tem 33 e 37 anos, Clare, 29)

HENRY: Estou no nosso quarto, no futuro. É noite, mas o luar dá ao ambiente uma nitidez monocromática e surreal. Ouço um zumbido no ouvido, como ocorre com frequência no futuro. Olho para Clare e para mim, dormindo. Parece que morri. Estou dormindo todo encolhido, os joelhos no queixo, enrolado em cobertores, a boca ligeiramente aberta. Quero tocar em mim. Quero me abraçar, olhar nos meus olhos. Mas não vai ocorrer dessa forma; fico parado um bom tempo, olhando com atenção para meu eu futuro adormecido. Acabo indo de mansinho para o lado onde Clare dorme e fico de joelhos. Isso é muito parecido com o presente. Faço um esforço para esquecer o outro corpo na cama e me concentrar em Clare.

Ela se mexe e abre os olhos. Não sabe ao certo onde estamos. Nem eu.

Sinto um desejo avassalador, uma vontade de ter a ligação mais forte possível com Clare, de estar aqui, agora. Dou um beijo leve e demorado em Clare, sem pensar em nada. Ela está caindo de sono, põe a mão no meu rosto e fica mais desperta quando sente que sou real. Agora se torna presente; ela passa a mão em meu braço numa carícia. Retiro cuidadosamente o lençol de cima dela, para não perturbar o outro eu, ainda ignorado por Clare. Imagino se esse outro eu é impossível de ser acordado, mas decido não descobrir. Estou deitado por cima dela, cobrindo Clare com meu corpo. Torço para conseguir impedir que ela vire a cabeça, mas ela vai virar a qualquer momento. Enquanto penetro Clare, ela olha para mim, eu penso que não existo e logo depois ela vira a cabeça e me vê. Ela grita sem fazer muito barulho e olha para mim em cima dela, dentro dela. Então, se lembra e aceita, *isso é bem estranho, mas tudo bem,* e nesse momento, amo Clare mais do que a própria vida.

Segunda-feira, 12 de fevereiro de 2001 (Henry tem 37 anos, Clare, 29)

HENRY: Clare anda estranha a semana inteira. Está distraída. É como se algo que só ela ouvisse tivesse prendido sua atenção, como se olhasse para o próprio umbigo e recebesse revelações divinas, ou tentasse decifrar de cabeça códigos secretos da Rússia. Quando lhe pergunto sobre isso, ela se

limita a sorrir e dar de ombros. Clare não é assim, e isso me deixa assustado a ponto de não tocar mais no assunto.

Chego do trabalho uma noite e percebo só de olhar para Clare que aconteceu uma coisa horrível. Ela está com uma expressão assustada e suplicante. Vem para perto de mim e para sem dizer nada. Alguém morreu, penso. Quem morreu? Papai? Kimy? Philip?

— Fale alguma coisa — peço. — O que aconteceu?

— Estou grávida.

— Como pode... — Basta falar que já sei como. — Não importa, eu me lembro. — Para mim, essa noite foi há anos, mas, para Clare, foi há poucas semanas. Eu vinha de 1996, quando a gente estava tentando conceber desesperadamente, e Clare estava semiacordada. Eu me odeio por ter sido um idiota descuidado. Clare espera que eu diga alguma coisa. Dou um sorriso forçado.

— Que novidade.

— É.

Ela parece que vai chorar. Dou um abraço e ela me aperta com força.

— Com medo? — murmuro no cabelo de Clare.

— A-hã.

— Você nunca teve medo, antes.

— Eu era maluca, antes. Agora eu sei...

— O que é?

— O que pode acontecer.

Ficamos ali pensando no que pode acontecer.

Hesito.

— A gente podia... — Deixo a sugestão no ar.

— Não. Eu não posso. — É verdade. Clare não pode. Uma vez católica, sempre católica.

Digo:

— Talvez esse acidente tenha vindo para o bem.

Clare sorri, e vejo que ela está a fim, que torce para valer que sete seja o nosso número de sorte. Sinto um nó na garganta e tenho que virar para o lado.

Terça-feira, 20 de fevereiro de 2001 (Clare tem 29 anos, Henry, 37)

CLARE: O rádio-relógio dá 7h46 da manhã, e a Rádio National Public me diz com tristeza que um avião caiu em algum lugar e 86 pessoas morreram.

Tenho quase certeza de que sou uma delas. O lado da cama onde Henry dorme está vazio. Fecho os olhos e estou num pequeno beliche na cabine de um navio, chacoalhando num mar bravio. Suspiro e vou com cuidado para o banheiro. Continuo vomitando dez minutos depois quando Henry mete a cabeça pela porta e pergunta se estou bem.

— Ótima. Nunca estive melhor.

Ele fica sentado na beirada da banheira. Eu adoraria não ter plateia para isso.

— Devo me preocupar? Você nunca vomitou antes.

— Amit diz que é bom; devo vomitar.

É algo que tem a ver com o meu corpo reconhecendo o bebê como parte de mim, e não como um corpo estranho. Amit vem me dando essa droga que dão a quem faz transplante de órgãos.

— Talvez eu devesse doar mais sangue para você no banco de sangue hoje.

Tanto Henry quanto eu somos tipo O. Faço que sim com a cabeça e vomito. Somos viciados em doar sangue; ele precisou tomar transfusão duas vezes, e eu, três, uma delas exigindo uma quantidade enorme. Sento um pouco e depois me levanto trôpega. Henry me ampara. Limpo a boca e escovo os dentes. Henry desce para fazer café. De repente sinto um desejo irresistível de mingau de aveia.

— Mingau de aveia! — grito descendo a escada.

— Tudo bem.

Começo a escovar o cabelo. O espelho mostra que estou rosada e inchada. Pensei que as mulheres grávidas brilhassem. Eu não estou brilhando. Bem, continuo grávida, e é isso o que importa.

Quinta-feira, 19 de abril de 2001 (Henry tem 37 anos, Clare, 29)

HENRY: Estamos no consultório de Amit Montague para a ultrassonografia. Clare e eu estamos ansiosos e ao mesmo tempo relutantes em relação à ultrassonografia. Recusamos a amniocentese porque temos certeza de que perderemos o bebê se o cutucarmos com uma agulha grande. Clare já completou 18 semanas de gravidez. No meio do caminho; se pudéssemos dobrar o tempo ao meio agora como uma folha de teste de Rorschach, este seria o vinco do meio. Vivemos com a respiração presa, com medo de soltar o ar e o bebê sair junto antes do tempo.

Estamos na sala de espera com outros casais grávidos e mães com carrinhos de bebê e filhinhos pequenos que correm pela sala esbarrando nas coisas. O consultório da dra. Montague sempre me deprime, porque já passamos muito tempo aqui aflitos e ouvindo más notícias. Mas hoje é diferente. Hoje tudo vai dar certo.

Uma enfermeira chama os nossos nomes. Vamos até uma sala de exame. Clare se despe e deita na mesa para que passem o gel e façam a leitura. A técnica observa o monitor. Amit Montague, que é alta, majestosa e franco-marroquina, observa o monitor. Clare e eu ficamos de mãos dadas. Também observamos o monitor. Lentamente, a imagem se forma, aos pouquinhos.

Na tela, aparece um mapa do tempo do mundo. Ou uma galáxia, um turbilhão de estrelas. Ou um bebê.

— *Bien joué, une fille* — diz a Dra. Montague. — Está chupando o dedo. É muito bonita. E muito grande.

Clare e eu soltamos a respiração. Na tela, uma bela galáxia chupa o dedo. Enquanto olhamos, ela tira a mão da boca. A dra. Montague diz:

— Ela ri. — E nós também.

Segunda-feira, 20 de agosto de 2001 (Clare tem 30 anos, Henry, 38)

CLARE: O bebê deve nascer daqui a duas semanas e ainda não nos decidimos que nome vamos lhe dar. Na verdade, mal discutimos o assunto, que está sendo evitado por superstição, como se dar um nome à criança fizesse as Fúrias repararem nela e a atormentarem. Finalmente, Henry traz para casa um livro chamado *Dicionário de Nomes Próprios.*

Estamos na cama. São só 20h30. Estou morta. Fico de lado, minha barriga uma península de frente para Henry, que está deitado de lado e virado para mim, com a cabeça apoiada no braço, o livro na cama entre nós. Olhamos um para o outro e sorrimos nervosamente.

— Alguma ideia? — pergunta ele, folheando o livro.

— Jane — respondo.

Ele faz uma careta.

— Jane?

— Eu chamava todas as minhas bonecas e todos os meus bichos de pelúcia de Jane. Cada um deles.

Henry procura esse nome.

— Significa "*Presente de Deus*".

— Para mim, está bom.

— Vamos arranjar uma coisa um pouco diferente. Que tal Irette? Ou Jodotha? — Folheia o livro. — Aqui tem um bom: Loolololuluah. É pérola em árabe.

— Que tal Pérola? — Visualizo a neném como uma bola branca, lisa e brilhante.

Henry corre o dedo por duas colunas.

— Tudo bem: "*(Latim) Uma provável variante de* perula*, em referência à forma mais valorizada deste resultado de doença.*"

— Ihh. O que há de errado com esse livro? — Pego da mão de Henry e, só de curtição, procuro. — "*Henry (teutônico) Governante da casa: chefe da moradia.*"

Ele ri.

— Procure Clare.

— É só outra forma de "*Clara (latim) Ilustre, brilhante"*.

— Bacana — diz ele.

Folheio o livro aleatoriamente.

— Philomele?

— Eu gosto — diz Henry. — Mas e o problema de causar um apelido horrível? Philly, Mel?

— *Pyrene (grego) Ruiva*.

— Mas e se ela não for?

Henry estica o braço por cima do livro, pega um punhado do meu cabelo e põe as pontas na boca. Puxo de volta e ponho o cabelo todo para trás.

— Pensei que a gente soubesse tudo o que tinha para saber sobre essa criança. Certamente Kendrick pediu exame para cabelo vermelho — digo.

Henry torna a pegar o livro de mim.

— Yseult? Zoe? Gosto de Zoe. Zoe promete.

— O que quer dizer?

— *Vida*.

— É, isso é muito bom. Marque esse.

— Eliza — sugere Henry.

— Elizabeth.

Henry olha para mim e hesita.

— Annette.

— Lucy.

— Não — diz Henry categórico.

— Não — concordo.

— A gente precisa — diz Henry — é de começar do zero. Uma página em branco. Vamos chamar de Tábula Rasa.

— Vamos chamar de Branca Titânio.

— Blanche, Blanca, Bianca...

— Alba — digo.

— Como a duquesa de Alba?

— Alba DeTamble. — O nome soa bem quando falo.

— É bonito, tem ritmo... — Ele está folheando o livro. — "*Alba (latim) Branca. (Provençal) Aurora do dia.*" Hum. — Ele sai da cama com dificuldade. Ouço Henry procurando pela sala; ele volta alguns minutos com o volume I do dicionário Oxford, o dicionário Random House grande, e minha velhíssima *Encyclopedia Americana* Tomo I, A até Anuários. — Uma canção de alvorada dos poetas provençais... em homenagem a suas amantes. "Despertados, ao alvorecer, pelo grito do vigia, dois amantes que acabam de passar a noite juntos separam-se maldizendo o dia que chega cedo demais; tal é o tema, não menos invariável que o da pastoral, de um gênero cujo nome é tomado de empréstimo à palavra *alba*, que às vezes figura no início da peça. E regularmente no fim de cada dístico, onde forma um refrão." Que triste. Vamos tentar o Random House. Essa é melhor. "Uma cidade branca num morro. Uma fortaleza." — Ele joga longe o Random House e abre a enciclopédia. — Æsopo. Age of Reason. Alaska... [Esopo. Idade da Razão. Alasca] pronto, aqui, Alba. — Ele lê atentamente o verbete. — Um grupo de cidades hoje desaparecidas da Itália antiga. E o duque de Alba.

Suspiro e viro de costas. O bebê se mexe. Devia estar dormindo. Henry voltou para o dicionário Oxford.

— Amour. Amourous. Armadillo. Bazooms. [Caso. Amoroso. Tatu. Peitaria.] Nossa, as coisas que eles colocam hoje em dia em obras de referência. — Ele escorrega a mão por baixo da minha camisola, alisando devagar a minha barriga. O bebê chuta com força bem onde está sua mão. Ele leva um susto e olha para mim espantado. Suas mãos passeiam, explorando terrenos conhecidos e desconhecidos. — Quantos DeTambles cabem aqui?

— Ah, aqui sempre cabe mais um.

— Alba — ele diz baixinho.

— Uma cidade branca. Uma fortaleza inexpugnável num morro branco.

— Ela vai gostar.

Henry tira minha calcinha. Joga no chão e olha para mim.

— Cuidado... — digo para ele.

— Muito cuidado — concorda ele, tirando a roupa.

Me sinto imensa, como um continente num mar de travesseiros e cobertas. Henry vem para cima de mim, por trás, um explorador mapeando minha pele com a língua.

— Devagar, devagar... — Tenho medo.

— Uma canção cantada pelos trovadores ao alvorecer... — sussurra ele para mim ao me penetrar.

— ...Para suas amantes — respondo. Estou de olhos fechados e ouço Henry como se ele estivesse na sala ao lado:

— Assim... — E aí: — Sim. *Sim.*

OceanofPDF.com

ALBA, UMA INTRODUÇÃO



Quarta-feira, 16 de novembro de 2011 (Henry tem 38 anos, Clare, 40)

HENRY: Estou nas galerias dos surrealistas no Art Institute of Chicago, no futuro. Não estou com uma indumentária perfeita; o melhor que consegui foi um casacão comprido de inverno da chapelaria e calças do armário de um guarda. Deu para arranjar sapatos, que são sempre a coisa mais difícil de conseguir. Então acho que vou bater uma carteira, comprar uma camiseta na loja do museu, almoçar, ver um pouco de arte, e aí me mandar daqui para o mundo de lojas e quartos de hotel. Não sei em que tempo estou. Não é um futuro muito distante; as roupas e os cabelos não são muito diferentes de 2001. Estou empolgado e ao mesmo tempo aflito com essa pequena estada, porque, no meu presente, Clare está para ter Alba a qualquer momento, e faço questão de estar presente; por outro lado, esta é uma viagem no tempo de rara qualidade. Me sinto forte e muito presente, muito bem. Então, fico quieto numa sala escura cheia de caixas iluminadas de Joseph Cornell, vendo um grupo de colegiais seguindo uma guia e carregando banquinhos para cada um se sentar obedientemente quando a guia mandar parar.

Observo o grupo. A guia é o de sempre: uma cinquentona bem-vestida de cabelo incrivelmente louro e cara tensa. A professora, uma jovem bem-humorada de batom azul-claro, está atrás do rebanho de colegiais, pronta para conter quem tumultuar. São os colegiais que me interessam. Estão na faixa dos dez anos, na quinta série, imagino eu. Usam uniformes por serem de uma escola católica, as meninas de xadrez verde, os meninos de azul-marinho. Todos estão atentos e comportados, mas não empolgados. Que pena. Achei que Cornell seria perfeito para a garotada. A guia parece achar os colegiais mais crianças do que são; fala com eles como se fossem bebês. Há uma menina na fila de trás que parece mais interessada do que o resto. Não consigo ver seu rosto. Ela tem cabelo preto comprido e ondulado, e usa um vestido azul-pavão que a destaca dos demais. Toda vez que a guia faz uma pergunta, essa menina levanta a mão, mas a guia nunca a chama. Vejo que a menina está ficando farta.

A guia fala das caixas *Aviário* de Cornell. As caixas são simples, e muitas têm o interior pintado de branco, com poleiros e o tipo de buracos que uma

casa de passarinho teria, e algumas têm fotografias de pássaros. Elas são as mais simples e austeras de suas peças, sem a extravagância das caixas *Conjuntos de Bolhas de Sabão* ou o romantismo das caixas *Hotel.*

— Por que acham que o Sr. Cornell fez essas caixas? — A guia examina atentamente as crianças atrás de uma resposta, sem ligar para a menina de azul-pavão, que agita a mão como se tivesse dança de São Vito. Um menino na frente diz que o artista devia gostar de pássaros. Isso é demais para a menina. Ela se levanta com a mão erguida. Com relutância, a guia diz: — Sim?

— Ele fez as caixas porque se sentia só. Não tinha ninguém para amar e fez as caixas para amá-las, e para as pessoas saberem que ele existia, e porque os pássaros são livres e as caixas são esconderijos para os pássaros, para eles se sentirem em segurança, e ele queria ser livre e estar em segurança. As caixas são para ele, para ele poder ser um pássaro. — A menina se senta.

Fico perplexo com a resposta dela. Esta é uma menina de 10 anos que se identifica com Joseph Cornell. Nem a guia nem a turma conseguem entender exatamente o que ela disse, mas a professora, que obviamente está acostumada com ela, diz:

— Obrigada, Alba, é uma interpretação muito perspicaz. — Ela se vira e sorri agradecida para a professora. Quando vejo o rosto dela, noto que olho para minha filha. Estou na galeria ao lado e me adianto um pouco para vê-la. Quando ela me vê, seu rosto se ilumina. Ela dá um pulo e derruba o banco de armar, e, quando vejo, estou dando um abraço apertado em Alba, ajoelhado à sua frente com os braços em volta dela enquanto ela fica repetindo, sem parar: — Papai.

Todo mundo está nos olhando boquiaberto. A professora vem correndo. Diz:

— Alba, quem é esse? Quem é o senhor?

— Sou Henry DeTamble, o pai de Alba.

— Ele é meu pai!

A professora quase torce as mãos.

— Senhor, o pai de Alba já morreu.

Fico mudo. Mas Alba, filha minha, domina a situação.

— Ele morreu — diz ela à professora. — Mas não está *sempre* morto.

Recupero meu controle.

— É meio difícil de explicar...

— Ele é um IDC — diz Alba. — Como eu.

Isso faz todo o sentido do mundo para a professora, embora nada signifique para mim. A professora está meio pálida embaixo da maquiagem mas parece compreensiva. Alba aperta minha mão para que eu fale alguma coisa.

— Ah, sra...

— Cooper.

— Sra. Cooper, há alguma possibilidade de Alba e eu termos uns minutinhos para conversar aqui? A gente não se vê muito.

— Bom... Eu... nós estamos numa excursão... o grupo... Não posso deixar simplesmente que o senhor tire uma criança do grupo, e não tenho como saber se o senhor *é* o Sr. DeTamble, entende...

— Vamos ligar para mamãe — diz Alba. Ela vai correndo até a mochila e tira dali um telefone celular. Aperta uma tecla e ouço o telefone tocar. Vejo logo que tenho chance aqui: alguém atende do outro lado, e Alba diz: — Mamãe?... Estou no Art Institute... Não, estou bem... Mamãe, papai está aqui! Diga para a sra. Cooper que é o papai mesmo, sim?... É, tudo bem, tchau! — Ela me entrega o telefone. Hesito, pondo a cabeça no lugar.

— Clare? — Ela respira fundo. — Clare?

— *Henry!* Nossa, não acredito! Venha para casa!

— Vou tentar...

— De quando você está vindo?

— 2001. Justo antes do nascimento de Alba. — Sorrio para Alba, colada em mim, de mão dada.

— Talvez eu deva ir até aí?

— Seria mais rápido. Olhe, daria para você dizer a essa professora que eu sou mesmo eu?

— Claro... onde você vai estar?

— Nos leões. Venha o mais rápido possível, Clare. Não vai demorar muito.

— Te amo.

— Te amo, Clare.

Hesito e entrego o telefone à sra. Cooper. Ela e Clare têm uma conversa curta, em que Clare de alguma forma a convence a me deixar levar Alba para a entrada do museu, onde Clare vai nos encontrar. Agradeço à sra. Cooper, que foi bastante gentil numa situação esquisita, e Alba e eu vamos

de mãos dadas pela ala Morton até as cerâmicas chinesas pela escada de caracol. Minha cabeça está a mil. O que perguntar primeiro?

Alba diz:

— Obrigada pelos vídeos. Mamãe me deu de aniversário. — Que vídeos? — Sei abrir as Yale e as Master, e estou trabalhando nas Walters.

Fechaduras. Ela está aprendendo a arrombar fechaduras.

— Ótimo. Continue treinando. Escute aqui, Alba.

— Sim, papai?

— O que é um IDC?

— Indivíduo Deslocado Cronologicamente.

Ficamos sentados num banco em frente ao dragão de porcelana da dinastia Tang. Alba está virada para mim, com as mãos no colo. É igualzinha a mim aos dez anos. Quase não dá para acreditar nisso. Alba ainda nem nasceu e cá está ela, Atena parida na flor da idade. Sou franco com ela.

— Sabe, essa é a primeira vez que te vejo.

Alba sorri.

— Como vai?

Nunca vi uma criança com tanto sangue-frio. Olho bem para ela: onde está Clare nesta menina?

— A gente se vê muito?

Ela pensa.

— Muito, não. A última vez já faz um ano. Vi você algumas vezes quando tinha 8 anos.

— Quantos anos você tinha quando eu morri? — Prendo o fôlego.

— Cinco. — Nossa, isso é muito para a minha cabeça.

— Desculpe! Será que eu não devia ter dito isso? — Alba está arrependida. Dou um abraço nela.

— Tudo bem, eu perguntei, não? — Respiro fundo. — Como vai Clare?

— Bem. Triste.

Sinto um aperto no coração. Vejo que não quero saber mais nada.

— E você? Como vai a escola? O que está aprendendo?

Alba dá um sorriso forçado.

— Não estou aprendendo muito na *escola*, mas leio tudo sobre instrumentos antigos, e Egito, e mamãe e eu estamos lendo *O Senhor dos Anéis*, e estou aprendendo um tango de Astor Piazzolla.

Com dez anos? Caramba.

— Violino? Quem é seu professor?

— Vovô.

Por um instante, penso que ela quis dizer meu avô, depois me dou conta de que é o meu pai. Que maravilha. Se papai está dedicando seu tempo a Alba, ela deve ser boa mesmo.

— Você é boa? — Que pergunta grosseira.

— Sou. *Muito* boa. — Graças a Deus.

— Eu nunca dei para música.

— É o que vovô diz. — Ela dá um risinho. — Mas você gosta de música.

— Eu adoro música. Só não sei tocar nada.

— Ouvi vovó Annette cantar! Ela era maravilhosa.

— Que disco?

— Eu vi de verdade. No Lyric. Ela estava cantando *Aída.*

Ela é um IDC, como eu. Merda.

— Você viaja no tempo.

— Claro. — Alba ri satisfeita. — Mamãe diz que você e eu somos iguaizinhos. O dr. Kendrick diz que eu sou um prodígio.

— Como assim?

— Às vezes, consigo ir aonde e ao tempo que eu quero.

Alba parece contente consigo mesma; que inveja!

— Você consegue não ir se não quiser?

— Bom, não. — Ela fica envergonhada. — Mas eu gosto. Sabe, às vezes não é *conveniente*, mas... é *interessante*, sabe?

Sim, eu sei.

— Venha me visitar, se pode estar no tempo que quiser.

— Eu tentei. Uma vez vi você na rua; você estava com uma loura. Mas parecia que talvez estivesse ocupado.

Alba enrubesce, e, de repente, parece Clare me espiando rapidamente, por uma pequena fração de segundo.

— Era a Ingrid. Eu saía com ela antes de conhecer sua mãe. — Me pergunto o que Ing e eu estávamos fazendo que deixou Alba tão constrangida; fico com remorso por ter causado má impressão nesta menina séria e adorável. — Por falar na sua mãe, a gente devia ir lá fora para esperar por ela.

O zumbido agudo começou, e só torço para que Clare chegue antes de eu ter sumido. Alba e eu nos levantamos e vamos depressa para a escadaria da frente. É fim de outono, e, como Alba está sem casaco, uso o meu para

agasalhar a nós dois. Estou encostado na base de granito que apoia um dos leões, virado para sul, e Alba está encostada em mim, fechada no meu casaco, colada ao meu tronco nu, só com o rosto de fora na altura do meu peito. É um dia chuvoso. O tráfego desliza pela Michigan Avenue. Estou embriagado do amor avassalador que sinto por essa criança incrível, que se cola em mim como se fosse minha, como se nunca fosse se separar, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Agarro com força este momento, lutando contra o cansaço e a força de atração do meu próprio tempo. Deixe-me ficar, imploro a meu corpo, a Deus, ao Pai Tempo, ao Papai Noel, a qualquer pessoa que esteja ouvindo. Deixe-me ver Clare e irei em paz.

— Lá está mamãe — diz Alba. Um carro branco, que eu não conheço, vem a toda em nossa direção. Para no cruzamento e Clare salta, deixando o carro ali mesmo, interrompendo o tráfego.

— Henry!

Tento correr para ela, que também está correndo, e caio na escada estendendo os braços para Clare: Alba me segura e grita alguma coisa. Clare está só a poucos passos de mim. Uso minhas últimas reservas para olhar para Clare, que parece muito distante, e digo com o máximo de clareza que consigo:

— Te amo — e desapareço. Droga. *Droga*.

19h20 de sexta-feira, 24 de agosto de 2001 (Clare tem 30 anos, Henry, 38)

CLARE: Estou deitada na espreguiçadeira surrada do jardim, com livros e revistas espalhados em volta e o resto de uma limonada aguada pelo gelo derretido ao lado. Começa a refrescar um pouco. Mais cedo fez 30 graus; agora há uma brisa e as cigarras cantam sua canção de fim de verão. Quinze jatos passaram lá em cima a caminho do O'Hare procedentes de locais desconhecidos. Minha barriga é uma montanha à minha frente que me impede de sair daqui. Henry está sumido desde ontem às oito horas da manhã, e começo a ficar com medo. E se eu entrar em trabalho de parto e ele não estiver aqui? E se eu tiver o bebê e ele ainda não tiver voltado? E se estiver ferido? E se tiver morrido? E se eu morrer? Essas ideias se perseguem como aquelas peles esquisitas que as senhoras de idade usavam em volta do pescoço com o rabo no próprio focinho, rodando até eu não conseguir aguentar mais um minuto dessa perseguição. Em geral, não gosto de ficar parada quando estou nervosa. Fico preocupada com Henry enquanto limpo o ateliê ou lavo nove cestas de roupa suja na máquina ou

puxo três pilhas de papel. Mas agora estou aqui, encalhada com a minha barriga ao sol da tardinha em nosso jardim enquanto Henry está lá... fazendo seja lá o que for. Ai, meu Deus, traga Henry de volta. Agora.

Mas nada acontece. O sr. Panetta passa de carro no beco, e ouço a porta de sua garagem abrir e fechar. Um caminhão da Good Humor chega e sai. Os vaga-lumes começam suas farras noturnas. Mas nada de Henry.

Estou ficando com fome. Vou morrer de inanição aqui no jardim porque Henry não está aqui para fazer o jantar. Alba se mexe e penso em me levantar, ir até a cozinha preparar alguma coisa e comer. Mas depois decido fazer o que sempre faço quando não tenho Henry para me dar de comer. Fico de pé devagar, aos poucos, e vou calmamente para dentro de casa. Pego a bolsa, apago algumas luzes, saio pela porta da frente e a tranco. A sensação de me mexer é agradável. Mais uma vez fico admirada — e me admiro de estar admirada — de estar tão imensa só numa parte do corpo, como alguém cuja cirurgia plástica tenha dado errado, como uma daquelas mulheres de uma tribo africana cujo ideal de beleza exige pescoços, lábios ou lóbulos de orelha alongados. Equilibro meu peso com o de Alba, e, assim, nessa dança de irmãos siameses, seguimos para o restaurante tailandês Opart.

O restaurante está fresco e cheio de gente. Sou conduzida a uma mesa na janela da frente. Peço rolinhos primavera e *pad thai* com *tofu*, leve e inofensivo. Bebo um copo inteiro de água. Alba comprime a minha bexiga; vou ao banheiro e, quando volto, a comida está na mesa. Como. Imagino sobre o que Henry e eu estaríamos conversando se ele estivesse aqui. Me pergunto onde ele se encontra. Vasculho a memória, tentando encaixar o Henry que sumiu ontem enquanto vestia as calças em qualquer Henry que vi na minha infância. Isso é perda de tempo; simplesmente terei de esperar a história que ele vai contar. Talvez ele tenha voltado. Tenho de me segurar para não sair correndo do restaurante para conferir. A entrada chega. Espremo limão em cima do macarrão e coloco um bocado na boca. Visualizo Alba, miudinha e cor-de-rosa, encolhida dentro de mim, comendo *pai thai* com espetinhos delicados. Imagino Alba de longos cabelos pretos e olhos verdes. Ela sorri e diz: “Obrigada, mamãe.” Sorrio e lhe digo: “Por nada.” Ela tem um bichinho de pelúcia aqui dentro chamado Alfonzo. Alba dá um pouco de *tofu* a Alfonzo. Acabo de comer. Fico ali descansando um pouco. Alguém na mesa ao lado acende um cigarro. Pago e saio.

Desço a Western Avenue como uma pata-choca. Um carro cheio de adolescentes porto-riquenhos grita alguma coisa para mim, mas não entendo. Já na frente de casa, procuro as chaves, e Henry abre a porta para mim, dizendo:

— Graças a Deus — e joga os braços em volta do meu pescoço.

Trocamos um beijo. Estou tão aliviada de vê-lo que custo um pouco a perceber que ele também está extremamente aliviado de me ver.

— Onde você estava? — pergunta Henry.

— No Opart. E você?

— Você não deixou nenhum bilhete. Cheguei em casa, você não estava e achei que estivesse no hospital. Aí liguei, mas disseram que você não...

Começo a rir, e é difícil parar. Henry está com uma cara perplexa. Quando consigo falar alguma coisa, digo:

— Agora você sabe como é.

Ele dá um sorriso.

— Desculpe. Mas eu só... eu não sabia onde você estava e me apavorei. Achei que eu tivesse perdido Alba.

— Mas onde você estava?

Henry dá um sorriso forçado.

— Espere até ouvir isso. Um minutinho. Vamos sentar.

— Vamos deitar um pouco. Estou exausta.

— O que você fez o dia inteiro?

— Fiquei deitada.

— Coitada de você, não admira que esteja cansada. — Entro no quarto, ligo o ar-condicionado e abaixo as persianas. Henry entra na cozinha e aparece pouco depois com bebidas. Me acomodo na cama e recebo um *ginger ale;* Henry descalça os sapatos com os pés e se junta a mim com uma cerveja na mão.

— Conte tudo.

— Bem. — Ele levanta uma sobrancelha, abre e fecha a boca. — Não sei por onde começar.

— Desembuche.

— Tenho que começar dizendo que esta é de longe a coisa mais estranha que já me aconteceu.

— Mais estranha que nós dois?

— É. Isso até foi razoavelmente natural. Menino conhece menina...

— Mais estranho do que ficar assistindo a reprises da morte da sua mãe?

— É, eu agora já encaro isso como uma rotina horrível. É um sonho ruim que frequentemente tenho. Não, isso foi só surreal. — Ele passa a mão na minha barriga. — Avancei no tempo, e estava bem presente, sabe, uma presença forte, e encontrei com nossa filhinha, aqui.

— Ai, meu Deus. Estou com muito ciúme. Mas, puxa!

— É. Ela tinha uns 10 anos. Clare, ela é muito incrível... é inteligente e tem jeito para música e... é muito segura, e não se intimidava com nada...

— Como ela era?

— Parecida comigo. Uma versão feminina de mim. Quer dizer, ela é linda, tem os seus olhos, mas no fundo é parecida comigo: cabelo preto, clara, meio sardenta, e tem a boca menor do que a minha era, e não tem orelhas de abano. Tem o cabelo comprido e encaracolado, e as minhas mãos com os dedos compridos, e é alta... Parecia uma gatinha.

Perfeita. Perfeita.

— Acho que herdou os meus genes... Mas o temperamento era o seu. Tinha uma presença incrível... Eu vi a Alba num grupo de colegiais no Art Institute e ela falava das caixas *Aviário* de Joseph Cornell, e disse uma coisa comovente sobre ele... e não sei como, mas *eu sabia quem ela era*. E ela me reconheceu.

— Bom, era de se esperar. — Tenho que perguntar. — Ela é... ela...?

Henry hesita.

— Sim — diz afinal. — É sim. — Estamos calados. Ele faz um carinho em meu rosto. — Eu sei.

Quero chorar.

— Clare, ela parecia feliz. Eu perguntei... ela disse que gosta. — Ele sorri. — Disse que era muito *interessante*.

Rimos, com um pouco de tristeza a princípio, depois me dá um estalo, e rimos com vontade, até já estarmos chorando e com a cara dolorida. Porque, claro, *é* interessante. *Muito* interessante.

OceanofPDF.com

DIA DO NASCIMENTO



Quarta-feira, 5, e quinta-feira, 6 de setembro de 2001
(Henry tem 38 anos, Clare, 30)

HENRY: Clare anda o dia inteiro zanzando pela casa feito um tigre. As contrações vêm mais ou menos de vinte em vinte minutos.

— Tente dormir um pouco — digo para ela, que se deita na cama um instante e torna a levantar. Às duas da manhã, finalmente adormece. Fico deitado ao lado dela, acordado, brincando com seu cabelo e vendo Clare respirar, ouvindo os pequenos ruídos irritados que ela faz. Estou preocupado, embora saiba, embora tenha visto com meus próprios olhos que ela vai ficar bem, e Alba vai ficar bem. Clare acorda às 3h30.

— Quero ir para o hospital — me diz ela.

— Quem sabe, a gente deva chamar um táxi. — digo. — É muito tarde.

— Gomez disse para ligar à hora que fosse.

— Tudo bem. — Ligo para Gomez e Charisse. O telefone toca 16 vezes, e então Gomez atende, com voz de quem está debaixo d'água.

— Oi... — diz Gomez.

— Ei, camarada. Está na hora.

Ele resmunga algo incompreensível, e então Charisse vem ao telefone e me diz que eles estão a caminho. Desligo e toco para a dra. Montague, e deixo um recado em sua caixa postal. Clare está de quatro, balançando para a frente e para trás. Fico sentado no chão com ela.

— Clare?

Ela olha para mim, ainda balançando.

— Henry... Por que decidimos fazer isso de novo?

— Bom, quando tudo termina, costumam te entregar um bebê e deixar que fique com ele.

— Ah, sim.

Quinze minutos depois, estamos embarcando no Volvo de Gomez. Gomez boceja ao me ajudar a acomodar Clare no banco de trás.

— Nem pense em ensopar meu carro com líquido amniótico — diz ele a Clare de maneira delicada. Charisse entra correndo em casa atrás de sacos

de lixo para forrar os bancos. Entramos no carro e lá vamos nós. Clare se encosta em mim e agarra as minhas mãos.

— Não me deixe — diz.

— Não vou deixar — digo para ela. Meu olhar encontra o de Gomez no retrovisor.

— Dói — diz Clare. — Nossa, como dói.

— Pense em outra coisa. Uma coisa boa — digo. Estamos descendo a Western Avenue a toda, no sentido sul. Quase não há tráfego.

— Diga...

Penso e me vem à mente minha mais recente visita à infância de Clare.

— Lembra do dia em que fomos nadar no lago, quando você tinha 12 anos? E fomos nadar, e você me contava que tinha ficado menstruada?

Clare está quase quebrando os ossos das minhas mãos de tanto apertar.

— Contei?

— É, você estava meio encabulada, mas também se achando o máximo... Estava com um biquíni verde e rosa, e uns óculos escuros no formato de corações amarelos.

— Eu lembro... ah... ai, Henry, está doendo, está doendo!

Charisse vira-se para trás e diz:

— Vamos, Clare, é só o bebê encostado na sua coluna, você tem que virar, está bem?

Clare tenta mudar de posição.

— Chegamos — diz Gomez entrando na área de desembarque do Setor de Emergência do Mercy Hospital.

— Estou vazando — diz Clare.

Gomez para o carro, salta e retiramos Clare do carro com delicadeza. Ela dá dois passos e sua bolsa d’água rompe.

— Na hora certa, gatinha — diz Gomez. Charisse corre na frente com nossa papelada, e Gomez e eu acompanhamos Clare devagarinho por longos corredores até a ala da maternidade. Ela espera de pé, encostada no balcão de atendimento, enquanto as enfermeiras tranquilamente preparam um quarto para ela.

— Não me deixe — sussurra Clare.

— Não vou deixar — repito de novo.

Quisera eu ter certeza disso. Estou com frio e meio enjoado. Clare se apoia em mim. Passo meus braços em torno dela. O bebê é uma bola dura entre nós. *Saia, saia de onde quer que esteja.* Clare está ofegante. Uma

enfermeira loura e gorda vem nos dizer que o quarto está pronto. Entramos em bando. Clare imediatamente fica de quatro no chão. Charisse começa a arrumar tudo, guardando as roupas no armário, as coisas de toalete no banheiro. Gomez e eu ficamos vendo Clare sem poder ajudar. Ela geme. Nós dois trocamos um olhar. Gomez dá de ombros.

Charisse diz:

— Ei, Clare, que tal um banho? Você vai se sentir melhor dentro da água quente.

Clare faz que sim com a cabeça. Charisse faz um gesto para Gomez que significa *xô*. Gomez diz:

— Acho que vou fumar um cigarro — e sai.

— Quer que eu fique? — pergunto a Clare.

— Quero! Não vá embora... fique onde eu possa te ver.

— Tudo bem.

Entro no banheiro para pôr a banheira para encher. Tenho nojo de banheiro de hospital. Sempre tem cheiro de sabão barato e carne doente. Abro a torneira, espero a água esquentar.

— Henry! Você está aí? — grita Clare.

Meto a cabeça para dentro do quarto.

— Estou aqui.

— Fique aqui comigo — ordena Clare, e Charisse me substitui no banheiro. Clare faz um barulho que eu nunca tinha ouvido nenhum ser humano fazer, um gemido profundo e desesperado de agonia. O que eu lhe fiz? Penso na Clare de 12 anos na praia, usando biquíni pela primeira vez, rindo em cima de uma toalha, coberta de areia molhada. Ah, Clare, sinto muito, sinto muito. Uma enfermeira negra já de idade vem examinar o colo do útero de Clare.

— Muito bem, moça — diz ela com jeitinho para Clare. — Seis centímetros.

Clare concorda com a cabeça, sorri, e depois faz uma careta de dor. Ela agarra a barriga e dobra o corpo, gemendo ainda mais alto. Eu e a enfermeira a seguramos. Clare tenta respirar e passa a gritar. Amit Montague entra no quarto e corre em sua direção.

— Calma calma calma, menina — A enfermeira passa informações à dra. Montague que não me dizem nada. Clare está soluçando. Limpo a garganta. Minha voz sai rouca.

— Que tal uma anestesia epidural?

— Clare?

Clare concorda com a cabeça. Entra um monte de gente no quarto com tubos, agulhas e máquinas. Fico sentado segurando a mão de Clare, observando seu rosto. Ela está deitada de lado, gemendo, a face molhada de suor e lágrimas quando o anestesista pendura uma bolsa de soro no suporte e enfia uma agulha em sua espinha. A dra. Montague a examina, olhando preocupada para o monitor fetal.

— Qual é o problema? — pergunta-lhe Clare. — Há algo errado.

— O pulso está muito acelerado. Sua filhinha está assustada. Você precisa ficar calma, Clare, para o bebê poder ficar calmo, está bem?

— *Dói muito.*

— Porque ela é grande. — Amit Montague fala baixo, num tom tranquilizador. O corpulento anestesista de bigodão dá um olhar entediado para mim, do outro lado de Clare. — Mas agora a gente vai ter dar um coquetelzinho, um soporífero, um analgésico, daqui a pouco você vai relaxar, e o bebê vai relaxar, está bem? — Clare faz que sim com a cabeça. A dra. Montague sorri. — E como você está, Henry?

— Não muito relaxado. — Tento sorrir. Eu bem que precisava de um pouco disso que estão dando a Clare. Começo a ter visão dupla. Respiro fundo, e passa.

— As coisas estão melhorando, viu? — diz a dra. Montague. — É como uma nuvem passageira, a dor vai embora. A gente leva a dor para longe e deixa lá na beira da estrada, sozinha, e você e a bebezinha continuam aqui, sim? Está bom aqui, a gente pode ir com calma, não tem pressa... — A tensão desapareceu do rosto de Clare. Seus olhos não desgrudam da dra. Montague. As máquinas apitam. A sala está escura. O sol nasce lá fora. A dra. Montague observa o monitor fetal. — Diga a ela que você está bem e ela também. Cante para ela, sim?

— Alba, está tudo bem. — diz Clare baixinho. Ela olha para mim. — Recite o poema sobre os amantes no tapete.

Me dá um branco, depois me lembro. Fico inibido recitando Rilke na frente dessa gente toda, então começo:

— *Engel!: Es wäre ein Platz, den wir nicht wissen...*

— Recite em inglês — interrompe Clare.

— Desculpe.

Mudo de posição, ficando ao lado da barriga de Clare, de costas para Charisse, a enfermeira e a médica, e enfio a mão por baixo da blusa

apertada de Clare. Sinto o contorno de Alba através da pele quente de Clare.

— Anjo! — digo a Clare, como se a gente estivesse em nossa cama, após ter passado a noite fazendo coisas bem menos estressantes.

Anjo! Se houvesse um lugar que não conhecêssemos, e ali,
em algum tapete inefável, houvesse amantes
exibindo o que aqui jamais dominaram — os audaciosos
feitos de seus corações exaltados,
suas torres de prazer, suas escadas
há muito erguidas onde não há chão, apenas
encostadas uma no outra, trêmulas — e conseguissem dominar isso tudo,
diante da plateia em volta, os mortos inúmeros e silenciosos:
Será que então estes jogariam suas derradeiras, para sempre
poupadas e escondidas e eternamente válidas,
moedas de felicidade para o último
casal a sorrir de verdade no tapete gratificado?

— Pronto — diz a dra. Montague, apagando o monitor. — Todo mundo está sereno.

Ela sorri radiante para todos nós e sai de mansinho com a enfermeira. Por acaso, vejo o olhar do anestesista, cuja expressão diz claramente: *Que viadinho você é, hein?*

CLARE: O sol desponta e estou entorpecida nessa cama estranha nesse quarto rosa, e em algum canto da terra desconhecida que é meu útero, Alba vai saindo para casa, ou de casa. A dor passou, mas sei que não foi para muito longe, que está emburrada por aí em algum canto ou debaixo da cama e vai aparecer quando eu menos esperar. As contrações vêm e vão, distantes, abafadas como sinos batendo em meio ao nevoeiro. Henry está deitado ao meu lado. Há um entra e sai de gente. Tenho vontade de vomitar, mas não vomito. Charisse me dá gelo picado num copo de papel; tem gosto de neve derretida. Observo os tubos e o piscar das luzes vermelhas e penso em mamãe. Respiro. Henry me observa com uma cara muito tensa e infeliz. Torno a recear que ele suma. “Está tudo bem”, digo. Ele concorda com a cabeça. Acaricia minha barriga. Estou suando. Faz calor aqui. A enfermeira entra e me examina. Amit me examina. De alguma forma, estou sozinha com Alba no meio de todo mundo. *Está tudo bem*, digo para Henry. *Você*

está fazendo direito, não está me machucando. Henry levanta e fica andando de um lado para o outro até eu pedir que pare. Tenho a sensação de que todos os meus órgãos estão virando criaturas, cada qual com sua própria vontade, seu próprio objetivo. Alba vai abrindo um túnel dentro de mim com a cabeça, uma escavadeira de carne e osso, aprofundando minhas profundezas. Imagino Alba nadando em minhas entranhas, caindo na placidez matinal de um lago, abrindo a água com seu movimento. Imagino seu rosto, quero ver seu rosto. Digo ao anestesista que quero sentir alguma coisa. Aos poucos, o torpor passa e a dor volta, mas é diferente agora. É uma dor boa. O tempo passa.

O tempo passa e a dor vai e vem como se fosse uma mulher na frente de uma tábua de passar, o ferro em sua mão indo para lá e para cá em cima de uma toalha branca. Amit entra e diz que está na hora de ir para a sala de parto. Sou limpa, depilada e vestida para a cirurgia, colocada em uma maca e levada por corredores. Vejo o teto dos corredores passarem, enquanto Alba e eu estamos indo nos encontrar, com Henry caminhando do nosso lado. Na sala de parto, tudo é verde e branco. Sinto cheiro de detergente. Isso me faz lembrar Etta. Quero sua presença, mas Etta está em Meadowlark, e olho para Henry, vestido com as vestes cirúrgicas, e me pergunto por que estamos aqui se devíamos estar em casa. Então, sinto que Alba vem crescendo, empurrando, e faço força sem pensar, fazemos isso várias vezes como um jogo, um refrão. Alguém diz *Ei, aonde foi o pai?* Olho em volta, mas Henry foi embora, sumiu, e penso que Deus o castigue, mas não, não estou falando sério, Deus. Alba está vindo, está vindo e aí vejo Henry surgir aos tropeções, desorientado e nu, mas aqui, ele está aqui! E Amit diz *Sacre Dieu!*, depois *Ah, apareceu a cabeça.* Faço força, e a cabeça de Alba sai. Ponho a mão lá embaixo para tocar em sua cabeça escorregadia, úmida e aveludada, e faço mais força. Alba cai nas mãos de Henry ali à espera, e alguém diz *Ah!* Estou vazia e libertada. Escuto um ruído parecendo um velho disco de vinil arranhado e aí Alba grita. Está aqui. Alguém a coloca na minha barriga, e olho para sua carinha cor-de-rosa e amassada. Seu cabelo é tão preto. Seus olhos procuram cegamente, as mãos se estendem e Alba consegue chegar aos meus seios e para exausta com o esforço, pelo simples fato daquilo tudo.

Henry se debruça sobre mim, toca a testa dela e diz:

— Alba.

Mais tarde:

CLARE: É a noite do primeiro dia de Alba na terra. Estou deitada na cama no quarto do hospital, cercada de bolas, ursinhos de pelúcia e flores com Alba nos braços. Henry está sentado de pernas cruzadas no pé da cama nos fotografando. Alba acabou de mamar e adormece fazendo bolhinhas de leite materno com a boquinha, uma trouxa quente e macia de pele e líquidos encostada em minha camisola. Henry termina o rolo de filme, que retira da máquina.

— Ei — digo, lembrando-me de repente. — Aonde você foi? Na sala de parto?

Henry ri.

— Sabe, eu esperava que você não tivesse reparado nisso. Achei que estivesse muito preocupada...

— Onde você estava?

— Passeando pela minha antiga escola primária no meio da noite.

— Por quanto tempo? — pergunto.

— Ah, nossa. Horas. Começava a clarear quando saí. Era inverno e eles estavam com a calefação no mínimo. Quanto tempo estive sumido?

— Não sei bem. Uns cinco minutos?

Henry balança a cabeça.

— Eu estava muito nervoso. É que eu tinha acabado de abandonar você, e lá estava eu perambulando à toa pelos corredores da Francis Parker... Eu estava tão... Me senti tão... — Henry sorri. — Mas deu tudo certo, hein?

Rio.

— "Tudo está bem quando acaba bem."

— "Falas com a sensatez de que és capaz."

Ouve-se uma batida de leve na porta; Henry diz:

— Entre! — e Richard entra no quarto e depois para, hesitante. Henry diz:

— Papai... — depois para, pula da cama e diz: — Entre, sente aí. — Richard traz flores e um ursinho de pelúcia que Henry acrescenta à pilha na janela.

— Clare — diz Richard. — Eu... parabéns.

Ele afunda devagar na cadeira ao lado da cama.

— Ééé, quer segurá-la? — pergunta Henry baixinho. Richard faz que sim com a cabeça, olhando para mim para ver se concordo. Richard parece que não dorme há dias. Sua camisa precisa ser passada e ele cheira a suor

entranhado com o ranço de iodo de cerveja velha. Sorrio para ele embora me pergunte se essa é uma boa ideia. Entrego Alba a Henry, que passa o bebê cuidadosamente para os braços desajeitados de Richard. Alba vira o rosto cor-de-rosa redondinho para a cara comprida e com a barba por fazer de Richard, vira para o peito dele procurando um mamilo. Em seguida, desiste e boceja, depois torna a adormecer. Ele sorri. Eu havia esquecido como o sorriso de Richard pode transformar seu rosto.

— Ela é linda — diz ele para mim. E, para Henry: — Parece com sua mãe.

Henry faz que sim com a cabeça.

— Aí está sua violinista, papai. — Sorri. — Pulou uma geração.

— Uma violinista? — Richard olha para o bebê adormecido, cabelinho preto e mãozinhas, ferrado no sono. Ninguém jamais teve menos cara de violinista de concerto do que Alba neste momento. — Uma violinista. — Ele balança a cabeça. — Mas como você... Não, deixa pra lá. Então você é violinista, é, mocinha?

Alba põe a pontinha da língua para fora e todos nós rimos.

— Ela vai precisar de um professor, quando tiver idade — sugiro.

— Um professor? Sim... Você não vai entregá-la àqueles idiotas do instituto Suzuki, vai? — pergunta Richard.

Henry tosse.

— Hmm, na verdade, a gente espera que, caso você não tenha nada melhor para fazer...

Richard entende. É um prazer ver que ele compreende, que percebe que alguém precisa dele, que só ele pode dar à única neta o treinamento de que ela vai precisar.

— Eu ficaria encantado — diz, e o futuro de Alba se desenrola à sua frente como um tapete vermelho a perder de vista.

Terça-feira, 11 de setembro de 2001 (Clare tem 30 anos, Henry, 38)

CLARE: Acordo às 6h43 e Henry não está na cama. Alba também não está no berço. Meu peito dói. Minha boceta dói. Dói tudo. Saio da cama com muito cuidado, vou ao banheiro. Atravesso devagar o corredor e a sala de jantar. Na sala, Henry está sentado no sofá com Alba aninhada nos braços, sem olhar para o pequeno televisor preto e branco com o volume baixo. Alba dorme. Sento ao lado de Henry. Ele passa o braço em volta de mim.

— Por que você está acordado? — pergunto para ele. — Pensei que tivesse dito que ainda ia levar umas horas.

Na tevê, o homem da meteorologia sorri apontando para uma foto de satélite do Meio-Oeste.

— Não consegui dormir — diz Henry. — Eu queria ficar ouvindo o mundo enquanto ainda está normal.

— Ah.

Encosto a cabeça no ombro de Henry e fecho os olhos. Quando torno a abrir, está terminando o anúncio de uma companhia de telefone celular e entra um de água mineral. Henry me entrega Alba e se levanta. Um minuto depois ouço o café da manhã sendo preparado por ele. Alba acorda e eu desabotoo a camisola e a amamento. Meus mamilos doem. Assisto à televisão. Um âncora louro me diz algo sorrindo. Ele e a outra âncora, uma asiática, riem e sorriem para mim. Na Prefeitura, o prefeito Daley responde a perguntas. Cochilo. Alba mama em mim. Henry me traz uma bandeja de ovos, torrada e suco de laranja. Quero café. Henry foi discreto ao tomar o seu na cozinha, mas sinto o cheiro no seu bafo. Ele pousa a bandeja na mesa em frente ao sofá e põe meu prato no colo. Como meus ovos enquanto Alba mama. Henry limpa a gema com a torrada. Na tevê, um bando de garotos desliza na grama, para demonstrar a eficácia de um tira-manchas de roupa. Terminamos de comer; Alba também. Faço com que ela arrote e Henry leva todos os pratos para a cozinha. Quando volta, passo Alba para ele e vou ao banheiro. Tomo uma chuveirada. A água está tão quente que quase não aguento, mas a sensação dela em contato com meu corpo dolorido é divina. Respiro o ar cheio de vapor, tenho cuidado ao me secar, passo creme nos lábios, seios, barriga. O espelho está todo embaçado, de forma que não preciso me ver. Penteio o cabelo. Enfio umas calças de moletom e um suéter. Me sinto deformada, esvaziada. Na sala, Henry está sentado de olhos fechados, e Alba chupa o dedo. Quando torno a me sentar, Alba abre os olhos e faz o barulho de um miado. Seu dedo escorrega da boca, e ela fica com uma cara confusa. Há um Jeep passando por uma paisagem desértica. Henry desligou o som. Ele esfrega os olhos com os dedos. Torno a adormecer.

Henry diz:

— Acorde, Clare. — Abro os olhos. A imagem da tevê treme. A rua de uma cidade. Um céu. Um arranha-céu branco em chamas. Um avião, com

cara de brinquedo, entra lentamente na segunda torre. Labaredas silenciosas sobem para o céu. Henry aumenta o volume.

— Ai, meu deus — diz a voz da televisão. — Ai, meu deus.

Terça-feira, 11 de junho de 2002 (Clare tem 31 anos)

CLARE: Estou desenhando Alba. Agora, Alba tem nove meses e cinco dias. Está dormindo de costas, numa mantinha de flanela azul-clara, no tapete chinês amarelo-ocre e magenta do chão da sala. Acabou de mamar. Meus seios estão leves, quase vazios. Alba dorme um sono tão pesado que não vejo nada de mais em sair pelos fundos e ir para o meu ateliê do outro lado do jardim.

Por um instante, fico parada à porta sentindo o leve cheiro de mofo do ateliê. Aí, procuro em meu arquivo, encontro um papel cor de cáqui parecendo couro cru, pego alguns pastéis, outros materiais e uma prancheta. Saio (só com uma pontinha de remorso) e volto para a casa.

A casa está muito sossegada. Henry está no trabalho (espero) e ouço a máquina de lavar tremendo no porão. O ar-condicionado geme. Da Lincoln Avenue, chega um leve barulho de tráfego. Sento no tapete ao lado de Alba. O sol forma um trapézio de luz a poucos centímetros dos pezinhos fofos dela. Em meia hora vai cobrir seu corpo.

Prendo meu papel na prancheta e arrumo os pastéis ao meu lado no tapete. Lápis na mão, olho para minha filha.

Alba dorme profundamente. Sua caixa torácica sobe e desce devagar, e ouço o leve grunhido que ela emite ao exalar. Imagino se está pegando um resfriado. Faz calor aqui, neste fim de tarde de junho, e Alba está só de fralda. Está meio vermelha. Sua mão esquerda abre e fecha ritmadamente. Talvez esteja sonhando música.

Começo a fazer o esboço da cabeça de Alba, que está virada para mim. Não penso nisso, propriamente. Minha mão anda pelo papel como a agulha de um sismógrafo, registrando a forma de Alba conforme eu a absorvo com os olhos. Reparo como seu pescoço desaparece naquela papada de bebê, como as dobrinhas acima de seu joelho mudam de forma ligeiramente quando ela chuta, uma vez, e torna a ficar parada. Meu lápis descreve a curva saliente da barriga cheia de Alba, que afunda no alto da fralda, uma linha brusca e angular atravessando sua forma redonda. Estudo o papel, ajusto o ângulo das pernas de Alba, refaço o vinco da união de seu braço direito ao torso.

Começo a aplicar o pastel. Primeiro, vou realçando com branco — o narizinho, o flanco esquerdo, os nós dos dedos, a fralda, a beira do pé esquerdo. Aí, faço o sombreado, em verde-escuro e ultramarino. Há uma sombra escura no flanco direito de Alba onde seu corpo encontra a manta. É como uma poça d'água, e preencho seu interior com preto. Agora a Alba no desenho fica tridimensional de repente, salta da página.

Uso dois pastéis cor-de-rosa, um rosa-claro do tom do interior de uma concha e um rosa-escuro que me lembra atum cru. Com pinceladas rápidas, faço a pele de Alba. É como se a pele de Alba estivesse oculta no papel, e eu estivesse removendo a substância invisível que a ocultava. Nesta pele pastel, uso um violeta frio para fazer as orelhas, o nariz e a boca de Alba (sua boca está ligeiramente aberta formando um pequeno O). Seus cabelos pretos e cheios tornam-se uma mistura de azul-escuro, preto e vermelho no papel. Tomo cuidado com suas sobrancelhas, que lembram muito umas lagartas cabeludas que fizeram o rosto de Alba como lar.

A luz do sol agora cobre Alba. Ela se mexe, põe a mãozinha nos olhos e suspira. Escrevo o nome dela, o meu, e a data no pé do papel.

O desenho está terminado. Vai servir de registro — eu amei você, fiz você e fiz isso para você — bem depois de eu não estar mais aqui, e de Henry não estar mais aqui, e até de Alba não estar mais aqui. Vai dizer: nós fizemos você, e cá está você, aqui e agora.

Alba abre os olhos e sorri.

OceanofPDF.com

SEGREDO



Domingo, 12 de outubro de 2003 (Clare tem 32 anos, Henry, 40)

CLARE: É segredo: às vezes fico feliz quando Henry não está. Às vezes gosto de estar só. Às vezes, ando pela casa tarde da noite e sinto um arrepio de prazer de não falar, não tocar, ficar só andando, ou sentada ou tomar um banho. Às vezes, deito no chão da sala e ouço Fleetwood Mac, Bangles, B-52's, Eagles, bandas que Henry não suporta. Às vezes saio para longas caminhadas com Alba e não deixo bilhete dizendo onde estou. Às vezes, encontro Celia para tomar um café e conversamos sobre Henry, Ingrid e seja lá quem for a pessoa com quem Celia esteja saindo naquela semana. Às vezes saio com Charisse e Gomez, e não falamos de Henry e conseguimos nos divertir. Uma vez, fui a Michigan e, quando cheguei de volta, Henry ainda não tinha voltado, e eu nunca disse que tinha ido a lugar algum. Às vezes arranjo uma babá e vou ao cinema ou, depois que escurece, ando de bicicleta na ciclovia da praia Montrose sem iluminação; é igual a voar.

Às vezes, fico feliz quando Henry some, mas sempre fico feliz quando ele volta.

OceanofPDF.com

PASSANDO POR DIFICULDADES TÉCNICAS



Sexta-feira, 7 de maio de 2004 (Henry tem 40 anos, Clare, 32)

HENRY: Estamos no vernissage da exposição de Clare no Chicago Cultural Center. Ela passou um ano trabalhando sem parar, fazendo enormes e etéreos esqueletos de pássaros de arame, que foram envolvidos em faixas de papel translúcidos e laqueados até transmitirem luz. Agora, as esculturas pendem do teto de pé-direito alto e vão até o chão. Algumas são cinéticas, motorizadas: umas batem asas, e há dois esqueletos de galos lentamente se destruindo num canto. Um pombo de dois metros e meio domina a entrada. Clare está exausta e empolgada. Usa um vestido preto simples de seda, o cabelo preso num coque no alto da cabeça. As pessoas lhe trouxeram flores; ela tem um buquê de rosas brancas nos braços, e há uma pilha de buquês embrulhados em plástico ao lado do livro de convidados. A galeria está lotada. As pessoas circulam, exclamam diante de cada peça, espicham a cabeça para olhar os pássaros voadores. Todo mundo dá os parabéns a Clare. Saiu uma resenha elogiosa no *Tribune* hoje de manhã. Todos os nossos amigos estão aqui, e a família de Clare veio de Michigan. Todos agora rodeiam Clare: Philip, Alicia, Mark e Sharon e seus filhos, Nell, Etta. Charisse tira foto deles, que riem para ela. Quando ela der cópias das fotos para a gente, daqui a algumas semanas, ficarei impressionado com as olheiras de Clare e com sua magreza.

Estou de mão dada com Alba. Estamos perto da parede do fundo, separados da multidão. Coloco Alba em meus ombros porque ela não consegue ver nada, já que todo mundo é alto. Ela fica pulando.

A família de Clare se dispersou e ela está sendo apresentada a um casal idoso muito bem-vestido por Leah Jacobs, sua *marchande*. Alba diz:

— Quero mamãe.

— Mamãe está ocupada, Alba — digo. Estou me sentindo tonto. Me abaixo e ponho Alba no chão. Ela levanta os braços. — *Não*, eu quero *mamãe*.

Sento no chão e ponho a cabeça nos joelhos. Preciso encontrar um lugar onde ninguém me veja. Alba puxa a minha orelha.

— Não faz isso, Alba — digo. Levanto os olhos. Meu pai vai abrindo caminho em meio à multidão para chegar até nós. — Vai — digo a Alba. Dou-lhe um empurrãozinho. — Vai ver o vovô.

Ela começa a choramingar.

— Não quero *ver* o vovô. Eu quero a *mamãe*. — Engatinho em direção a papai. Esbarro nas pernas de alguém. Ouço Alba gritando "Mamãe!", enquanto desapareço.

CLARE: Há um monte de gente. Todo mundo vem para cima de mim, sorrindo. Sorrio para as pessoas. A exposição está maravilhosa, e está pronta e acontecendo! Estou muito feliz e muito cansada. Tenho a cara doendo de tanto sorrir. Todo mundo que conheço está aqui. Estou falando com Celia quando escuto uma comoção no fundo da galeria, aí ouço Alba gritando "Mamãe!". Cadê Henry? Tento atravessar o povo e chegar a Alba. Então vejo que Richard está levantando Alba. As pessoas se afastam para me deixar passar. Richard me entrega Alba. Ela engancha as pernas na minha cintura, enfia a cabeça no meu ombro, envolve meu pescoço com os braços.

— Cadê papai? — pergunto baixinho.

— Sumiu — diz Alba.

OceanofPDF.com

NATUREZA–MORTA



Domingo, 11 de julho de 2004 (Clare tem 33 anos, Henry, 41)

CLARE: Henry está dormindo, machucado e ensanguentado, no chão da cozinha. Não quero mudá-lo de lugar nem acordá-lo. Me sento com ele um instante no linóleo frio. Depois me levanto e faço café. Enquanto o café escorre para o bule e os grãos estouram com um pequeno ruído, Henry geme e põe as mãos nos olhos. É óbvio que foi espancado. Um olho está tão inchado que não abre. Parece que o sangue veio do seu nariz. Não vejo nenhum ferimento, só hematomas do tamanho de um punho pelo corpo todo. Ele está muito magro; vejo suas vértebras e suas costelas. Ele tem a pelve saliente e a cara chupada. Seu cabelo cresceu quase até os ombros e começa a ficar grisalho. Ele está muito bronzeado e sujo, as unhas encardidas, manchas de suor e sujeira nas dobras da pele. Tem cheiro de grama, sangue e sal. Após olhá-lo e ficar sentada um pouco ao lado dele, decido acordá-lo.

— Henry — digo muito de mansinho —, acorde, agora, você está em casa... — Afago seu rosto, com cuidado, e ele abre o olho. Vejo que não acordou direito.

— Clare — resmunga ele. — Clare. — Lágrimas começam a escorrer de seu olho bom, ele soluça convulsamente, e puxo Henry para o meu colo. Estou chorando. Henry está aninhado em meu colo, ali no chão. A gente se sacode bem abraçado, balançando, balançando, chorando juntos nosso alívio e nossa angústia.

Quinta-feira, 23 de dezembro de 2004 (Clare tem 33 anos, Henry, 41)

CLARE: Hoje é antevéspera de Natal. Henry está na Water Tower Place, levando Alba para ver Papai Noel na Marshall Field’s enquanto termino as compras. Agora estou sentada no café na Border’s Bookstore, tomando um *capuccino* numa mesa em frente à janela e descansando os pés num monte de sacolas de compras encostadas em minha cadeira. Do lado de fora da janela, a tarde cai, e pequeninas luzes brancas revelam cada árvore. As pessoas que fazem compras andam cheias de pressa para baixo e para cima na Michigan Avenue, e ouço o toque abafado do sino do Papai Noel do

Exército de Salvação embaixo de mim. Viro para a loja, procurando Henry e Alba, e alguém chama o meu nome. Kendrick vem vindo em minha direção com sua mulher, Nancy, e Colin e Nadia atrás.

Vejo logo que eles acabam de sair da FAO Schwarz; estão com aquela cara traumatizada de pais que acabaram de fugir do inferno de uma loja de brinquedos. Nadia vem correndo para mim, gritando:

— Tia Clare, tia Clare! Cadê Alba? — Colin sorri timidamente e estende a mão para me mostrar que tem um caminhão-reboque amarelo pequenininho. Dou parabéns para ele e digo a Nadia que Clare está visitando Papai Noel. Ela me responde que já viu Papai Noel na semana passada.

— O que você pediu? — pergunto.

— Um namorado — diz Nadia. Ela tem 3 anos. Sorrio para Kendrick e Nancy. Kendrick diz alguma coisa, *sotto voce*, a Nancy, e ela fala: — Vamos, gente, temos que encontrar um livro para tia Silvie — e os três correm para as mesas das promoções. Kendrick faz um gesto indicando a poltrona vazia na minha frente.

— Posso?

— Claro.

Ele se senta, suspirando fundo.

— Odeio Natal.

— Você e Henry.

— Ele odeia? Eu não sabia. — Kendrick encosta na janela e fecha os olhos. Quando acho que adormeceu de fato, ele abre os olhos e diz: — Henry está seguindo o tratamento à base de drogas?

— Hum, acho que sim. Quer dizer, tanto quanto possível, considerando que tem viajado muito no tempo ultimamente.

Kendrick tamborila com os dedos na mesa.

— Quanto é muito?

— De dois em dois dias.

Kendrick fica furioso.

— Por que ele não me *conta* essas coisas?

— Acho que tem medo que você se irrite com ele e deixe de tratá-lo.

— Ele é o único objeto de teste que eu tenho capaz de *falar* e nunca me conta nada!

Rio.

— Bem-vindo ao clube.

Kendrick diz:

— Tento fazer ciência. Preciso que ele me diga quando alguma coisa não funciona. Do contrário, só estamos perdendo tempo.

Faço que sim com a cabeça. Lá fora, começou a nevar.

— Clare?

— Hum?

— Por que você não me deixa examinar o DNA de Alba?

Já tive essa conversa centena de vezes com Henry.

— Porque, primeiro, você só iria querer localizar todos os genes marcadores dela, e até aí, tudo bem. Mas depois você e Henry começariam a me azucrinar para deixar que fizessem experiências com drogas nela, e aí não seria nada bem. Por isso.

— Mas ela ainda é muito nova; tem mais chance de responder positivamente à medicação.

— Eu disse *não.* Quando tiver 18 anos, Alba pode decidir por si mesma. Até agora, tudo que você vem dando a Henry tem sido um pesadelo.

Não consigo olhar para Kendrick. Digo isso para as minhas mãos, cruzadas bem apertadas em cima da mesa.

— Mas talvez a gente consiga desenvolver uma terapia genética para ela...

— As pessoas *morreram* de terapia genética.

Kendrick está calado. O nível de barulho na loja é impressionante. Aí, do burburinho, ouço Alba gritando:

— Mamãe! — Olho e vejo que está montada nos ombros de Henry, agarrando sua cabeça com as mãos. Ambos usam gorros de pele de guaxinim. Henry vê Kendrick e, por um momento, parece apreensivo, e eu me pergunto o que esses dois homens estão escondendo de mim. Aí Henry sorri e vem com passos largos em nossa direção, Alba balançando alegremente acima das pessoas. Kendrick fica de pé para cumprimentar Henry, e eu afasto a ideia.

OceanofPDF.com

ANIVERSÁRIO



Quarta-feira, 24 de maio de 1989 (Henry tem 41 anos, Clare, 18)

HENRY: Volto a mim com um baque, saio deslizando de lado e me machuco nas raízes de grama morta do Campo. Vou parar todo sujo e ensanguentado aos pés de Clare. Ela está sentada na pedra, friamente imaculada num vestido branco de seda, meias e sapatos brancos e luvas brancas curtas.

— Oi, Henry — diz, como se eu tivesse acabado de passar ali para o chá.

— Qual é a boa? — pergunto. — Parece que você vai fazer primeira comunhão.

Clare senta muito empertigada e diz:

— Hoje é dia 24 de maio de 1989.

Penso rápido.

— Feliz aniversário. Por acaso você tem uma roupa dos Bee Gees guardada por aí para mim? — Sem se dignar a responder, Clare desliza para o chão, põe a mão para trás da pedra e pega uma mala para ternos. Com um floreio, ela abre para revelar um *smoking*, calças e uma daquelas camisas sociais dos infernos do que exigem abotoaduras. Pega uma mala contendo roupa de baixo, uma faixa para a cintura, uma gravata-borboleta, abotoaduras e uma gardênia. Estou assustado para valer e desprevenido. Avalio os dados disponíveis. — Clare, a gente não está se casando hoje nem fazendo alguma loucura desse tipo, está? Porque sei com certeza que nosso aniversário é no outono. Outubro. Fim de outubro.

Clare se afasta enquanto me visto.

— Você está dizendo que não consegue lembrar do nosso aniversário de casamento? Que coisa de homem!

Suspiro.

— Querida, você sabe que eu sei, só não posso te dizer agora. Mas, de qualquer forma: feliz aniversário.

— Faço 18 anos.

— Nossa, isso mesmo. Parece ontem que tinha seis.

Clare está intrigada, como sempre, com a ideia de que recentemente eu tenha visitado alguma outra Clare, mais velha ou mais moça.

— Você me viu ultimamente quando eu tinha 6 anos?

— Bom, agora mesmo eu estava deitado na cama com você lendo *Emma*. Você tinha 33 anos. Eu tenho 41 agora, e cada um deles é um peso nas costas. — Penteio o cabelo com os dedos e passo a mão no rosto com a barba por fazer. — Sinto muito, Clare. Acho que não estou na melhor forma para o seu aniversário. — Prendo a gardênia na abotoeira do *smoking* e começo a colocar as abotoaduras. — Vi você aos 6 anos umas duas semanas atrás. Você me desenhou um pato.

Clare fica corada de vergonha. O rubor se espalha como gotas de sangue numa tigela de leite.

— Você está com fome? Preparei um banquete!

— Claro que estou com fome. Estou faminto, em pele e osso e pensando em canibalismo.

— Isso não vai ser necessário por enquanto.

Algo em seu tom de voz me deixa em alerta. Está acontecendo algo que desconheço, e Clare espera que eu saiba. Ela está praticamente cantarolando de empolgação. Me pergunto se será melhor confessar minha ignorância ou continuar fazendo de conta que não sei. Decido deixar rolar um pouco. Clare está estendendo um lençol verde-claro que mais tarde acabará em nossa cama. Sento nele com cuidado e a familiaridade com o lençol me dá um alívio. Clare tira do cesto sanduíches, copinhos de papel, talheres, bolachas, um vidrinho de caviar de supermercado, biscoitos de chocolate com menta, framboesas, uma garrafa de Cabernet com um rótulo elegante, um queijo Brie que parece meio derretido e pratos de papel.

— Clare. Vinho! Caviar! — estou impressionado, e, de alguma forma, não acho graça. Ela me entrega o Cabernet e o saca-rolha. — Hum, acho que nunca mencionei isso, mas não devo beber. Ordens médicas. — Clare parece desapontada. — Mas naturalmente posso comer... Posso fingir que bebo. Quer dizer, se isso ajudar. — Não consigo me livrar da ideia de que estamos brincando de casinha. — Eu não sabia que você bebia. Bebida alcoólica, digo, quase nunca vi você beber nada.

— É, eu não gosto muito, mas já que esta é uma ocasião importante, achei que seria bacana ter vinho. Champanhe talvez fosse melhor, mas esta garrafa estava na despensa, então eu resolvi trazer.

Abro o vinho e sirvo um copo pequeno para cada um. Brindamos em silêncio. Finjo beber o meu. Clare toma um gole como se fosse entendida e diz:

— É, até que não é tão ruim assim.

— Essa é uma garrafa de vinte e tantos dólares.

— Ah. Bom, estava maravilhoso.

— Clare. — Ela está desembrulhando sanduíches de pão preto que parecem abarrotados de pepinos. — Odeio bancar o burro... está bem que é seu aniversário...

— De 18 anos — concorda ela.

— Hum, bom, para começar, estou muito chateado por não ter um presente para você... — Clare ergue os olhos, surpresa, e vejo que está ficando quente, estou descobrindo alguma coisa aqui —, mas você sabe que nunca sei quando venho, e não posso trazer nada comigo...

— Eu sei disso tudo. Mas você não se lembra? A gente resolveu tudo quando você esteve aqui na última vez; porque, na Lista, hoje é o último dia e também o meu aniversário. Não lembra? — Clare me olha com muita atenção, como se a concentração pudesse transferir a memória dela para mim.

— Ah. Ainda não estive lá. Essa conversa ainda está no meu futuro. Me pergunto por que não lhe contei na época. Ainda tenho muitas datas da Lista para ir. Hoje é mesmo o último dia? Você sabe, a gente vai se encontrar no presente daqui a dois anos. A gente vai se ver então.

— Mas falta muito. Para mim.

Há uma pausa desconfortável. É estranho pensar que agora eu esteja em Chicago, com 25 anos, tratando da minha vida, sem a menor consciência da existência de Clare — e, aliás, sem consciência de minha própria presença aqui neste lindo campo de Michigan num dia deslumbrante de primavera que é o 18º aniversário do seu nascimento. Estamos usando facas de plástico para passar caviar nos biscoitos Ritz. Durante algum tempo, há muita mastigação e o consumo furioso de sanduíches. A conversa parece ter morrido. Aí, me pergunto, pela primeira vez, se Clare está sendo mesmo totalmente sincera comigo. Afinal, ela sabe que desconfio de afirmações que começam com “eu nunca”, uma vez que jamais tenho um inventário completo do meu passado à mão, já que ele inconvenientemente se mistura com o meu futuro. Passamos às framboesas.

— Clare. — Ela sorri com inocência. — O que exatamente decidimos na última vez que você me viu? O que a gente planejou fazer para o seu aniversário?

Ela volta a ficar vermelha.

— Isso, né? — diz ela, com um gesto indicando nosso piquenique.

— Alguma outra coisa? Não que isso não esteja maravilhoso.

— Bem. Sim. — Sou todo ouvidos, porque acho que sei o que vem pela frente.

— Sim?

Clare está bem vermelha, mas consegue manter a dignidade ao dizer:

— Decidimos fazer amor.

— Ah. — Na verdade, sempre me perguntei sobre as experiências sexuais de Clare antes de 26 de outubro de 1991, quando nos conhecemos no presente. Apesar das provocações bastante impressionantes da parte de Clare, sempre me recusei a fazer amor com ela. Passei muitas horas divertidas conversando sobre isso e aquilo enquanto tentava ignorar dolorosas ereções. Mas hoje Clare ficou legalmente adulta (ainda que não emocionalmente), e com certeza não posso perverter demais a sua vida... quer dizer, já dei a ela uma infância bem esquisita pelo simples fato de ter feito parte dela. Quantas garotas têm o próprio futuro marido aparecendo a intervalos regulares nu em pelo na sua frente? Clare me vê ponderando a situação. Estou pensando na primeira vez em que fiz amor com Clare e me perguntando se foi a primeira vez que ela fez amor comigo. Decido perguntar isso para ela quando voltar para meu presente. Enquanto isso, Clare está guardando as coisas na cesta de piquenique.

— Então?

Ora bolas.

— Sim.

Clare fica empolgada e também assustada.

— Henry, você fez amor comigo um monte de vezes...

— Muitas e muitas vezes.

Ela tem dificuldade de dizer isso.

— É sempre lindo — digo a ela. — É a coisa mais linda da minha vida. Serei muito delicado. — Tendo dito isso, de repente, fico nervoso. Sinto a responsabilidade, me sinto meio Humbert Humbertish e também como se eu estivesse sendo observado por muita gente, e todas essas pessoas fossem Clare. Nunca senti menos tesão na vida. Tudo bem. Respirar fundo. — Amo você.

Ambos nos levantamos, cambaleando um pouco na superfície irregular do lençol. Abro os braços e Clare vem para eles. Ficamos parados, abraçados ali no Campo como o casal de noivos em cima de um bolo de

casamento. Afinal de contas, esta é Clare, encontrando o meu eu de 41 anos quase do jeito que ela era quando nos conhecemos pela primeira vez. Sem medo. Ela inclina a cabeça para trás. Eu me inclino à frente e dou um beijo.

— Clare.

— Oi.

— Você tem certeza absoluta de que estamos sozinhos?

— Todo mundo menos Etta e Nell está em Kalamazoo.

— Porque sinto que estou caindo numa pegadinha aqui.

— Paranoico. Que tristeza.

— Deixa para lá.

— A gente podia ir para o meu quarto.

— Muito perigoso. Nossa, parece que a gente está no segundo grau.

— O quê?

— Deixa para lá.

Clare se afasta de mim e desabotoa o vestido. Tira a roupa pela cabeça e deixa cair no lençol com um descaso admirável. Descalça os sapatos e tira as meias. Desabotoa o sutiã, livra-se dele e tira a calcinha. Está na minha frente completamente nua. É uma espécie de milagre: todas as marquinhas de que passei a gostar sumiram; a barriga é chapada, sem vestígio das gestações que nos trarão tanta tristeza, tanta alegria. Esta Clare é um pouco mais magra, e muito mais animada que a Clare que amo no presente. Volto a perceber quanta tristeza passou por nós. Mas hoje tudo isso foi magicamente removido; hoje, a possibilidade de alegria está perto de nós. Ajoelho, e Clare vem e fica em pé na minha frente. Colo o rosto em sua barriga por um momento, depois levanto os olhos; Clare está mais alta que eu, as mãos nos meus cabelos, com o céu azul sem nuvens em volta.

Deixo cair o paletó e tiro o nó da gravata. Clare se ajoelha e soltamos as abotoaduras com jeito e a concentração de um esquadrão antibombas. Tiro as calças e a cueca. Não tem como fazer isso com elegância. Me pergunto como os *strippers* enfrentam este problema. Ou apenas ficam pulando pelo palco, uma perna dentro e outra fora? Clare ri.

— Nunca vi você *ficar* pelado. Não é uma cena bonita.

— Você me magoou. Venha cá que vou tirar esse sorrisinho do seu rosto.

— Xiii. — Nos 15 minutos seguintes, me orgulho em dizer que tirei mesmo todos os sinais de superioridade do rosto de Clare. Infelizmente, ela vai ficando cada vez mais tensa, mais... na defensiva. Em 14 anos e só Deus sabe quantas horas e quantos dias de sexo alegre, ansioso, urgente e

lânguido com Clare, isso é absolutamente novo para mim. Quero, se possível, que ela tenha a mesma sensação maravilhosa que tive quando a encontrei e fizemos amor pelo que pensei (tolinho) ser a primeira vez. Me sento, ofegante. Clare também se senta, e abraça os joelhos como quem se protege.

— Você está bem?

— Estou com medo.

— Tudo bem. — Estou pensando. — Juro a você que a próxima vez que a gente se encontrar, você praticamente vai me estuprar. Você realmente tem um talento excepcional para isso.

— Tenho?

— Você é fogosa. — Estou vasculhando a cesta de piquenique: copos, vinho, camisinhas, toalhas — Espertinha. — Sirvo um copo de vinho para cada um de nós. — À virgindade. "*Se tivéssemos apenas mundo e tempo suficientes*."[16] Beba. — Ela bebe, obedientemente, como uma criancinha tomando remédio. Torno a encher seu copo e bebo o meu.

— Mas você não deve beber.

— É uma ocasião importante. Vire o copo todo. — Clare pesa uns 54 quilos, mas estes são copos de papel. — Mais um.

— Mais? Vai me dar sono.

— Você vai relaxar. — Ela bebe tudo. Amassamos os copos e os jogamos na cesta de piquenique. Deito de costas com os braços esticados como quem toma sol, ou está na cruz. Clare deita esticada junto de mim. Puxo seu corpo para perto, e ficamos juntos, virados um para o outro. Seu cabelo cai em seus ombros e seios de uma forma muito linda e tocante, e, pela zilhonésima vez, desejo que eu fosse pintor.

— Clare?

— Humm?

— Imagine que você está aberta e vazia. Alguém chegou e retirou todas as suas entranhas, e deixou só os terminais nervosos. — Estou com a ponta do indicador em seu clitóris.

— Coitadinha da Clare. Não tem entranhas.

— Ah, mas isso é bom, sabe, porque tem todo esse espaço a mais aí dentro. Pense em todas as coisas que você pode botar dentro de você se não tivesse essas bobagens todas de rins, estômago e pâncreas e tal.

— Tipo o quê?

Ela está muito molhada. Retiro a mão e rasgo cuidadosamente o pacote de camisinha com os dentes, uma manobra que eu não fazia há anos.

— Cangurus. Forninhos elétricos. Pênis.

Clare pega a camisinha da minha mão com um misto de aversão e encanto. Deitada de costas, ela desenrola e cheira a camisinha.

— Eca. É necessário?

Embora muitas vezes eu me recuse a contar coisas a Clare, raramente minto de verdade para ela. Sinto uma pontada de culpa ao dizer:

— Infelizmente sim. — Pego de volta a camisinha, mas em vez de colocar, decido que o que realmente precisamos aqui é de sexo oral. Clare, no futuro, é viciada nisso e é capaz de saltar os prédios mais altos com um simples pulo, ou lavar louça quando não é sua vez, para conseguir satisfazer o vício. Se sexo oral fosse um esporte olímpico, eu ganharia uma medalha, sem dúvida. Abro suas pernas e passo minha língua em seu clitóris.

— Ai *meu Deus* — diz Clare em voz baixa. — Minha *nossa*.

— Sem gritar — aviso.

Até Etta e Nell virão até o Campo para ver o que houve se Clare realmente se soltar. Nos 15 minutos seguintes, faço Clare descer vários degraus da escala evolutiva, até ela não ser nada mais que um cérebro e algumas terminações nervosas. Coloco a camisinha e, devagarinho, penetro Clare, imaginando coisas se rompendo e uma cascata de sangue em volta de mim. Ela está de olhos fechados e, a princípio, acho que nem tem consciência de que estou de fato dentro dela, embora eu esteja bem em cima dela, mas aí ela abre os olhos, triunfante, extasiada.

Consigo gozar bem rápido; Clare me observa, concentrada, e, quando gozo, vejo uma expressão de surpresa em seu rosto. Como as coisas são estranhas. Que coisas esquisitas nós animais fazemos. Desabo em cima dela. Estamos todos suados. Sinto seu coração batendo. Ou talvez seja o meu.

Saio de dentro dela com cuidado e jogo fora a camisinha. Ficamos deitados, lado a lado, olhando para o céu muito azul. A grama ao vento soa como o mar. Olho para Clare. Ela está meio atordoada.

— Ei, Clare.

— Ei — diz ela fraquinho.

— Doeu?

— Doeu.

— Você gostou?

— E como! — diz ela, que começa a chorar. Sentamos, e eu a abraço um pouco. Ela está tremendo.

— Clare. Clare. O que houve?

Não consigo entender sua resposta a princípio; depois:

— Você vai embora. Agora vou ficar anos e anos sem te ver.

— Só dois anos. Dois anos e alguns meses. — Ela está calada. — Ah, Clare. Sinto muito. Não dá para evitar. É engraçado, porque eu estava aqui pensando como o dia de hoje foi uma benção. Estar aqui com você fazendo amor em vez de estar sendo perseguido por bandidos ou morrendo congelado em algum celeiro ou qualquer outra das merdas em que me meto. E quando eu voltar, estou com você. E hoje foi maravilhoso. — Ela está sorrindo, um pouco. Dou um beijo nela.

— Por que eu sempre tenho que esperar?

— Porque você tem um DNA perfeito e não está sendo jogada pelo tempo afora feito uma batata quente. Além do mais, a paciência é uma virtude. — Clare esmurra de leve o meu peito. — E você me conhece desde pequena, enquanto eu só te conheci aos 28 anos. Então, passo esses anos todos antes de a gente se conhecer...

— Fodendo outras mulheres.

— É. Mas, sem que eu saiba, é tudo só treino para quando eu conhecer você. E é muito solitário e esquisito. Se não acredita em mim, tente você mesma. Eu nunca vou saber. É diferente quando não se gosta.

— Eu não quero mais ninguém.

— Ótimo.

— Henry, só me dê uma pista. Onde você mora? Onde nos conhecemos? Que dia?

— Uma pista. Chicago.

— Mais.

— Tenha fé. Está tudo ali, na sua frente.

— Somos felizes?

— Muitas vezes ficamos loucos de felicidade. E também ficamos muito infelizes por causa de coisas que nenhum de nós pode controlar. Como ficarmos separados.

— Portanto, o tempo todo que você está aqui agora você não está comigo então?

— É, mais ou menos. Posso acabar perdendo só dez minutos. Ou dez dias. Não tem regra. É o que torna a coisa difícil para você. E eu às vezes

acabo em situações perigosas, e volto para você quebrado e confuso, e você se preocupa comigo quando vou embora. É como se casar com um policial.
— Estou exausto. Me pergunto quantos anos de fato tenho, em tempo real. Pelo calendário, tenho 41 anos, mas com todas essas idas e vindas talvez tenha mesmo 45 ou 46. Ou talvez 39. Quem sabe? Há mais uma coisa que preciso dizer a ela; o que era?

— Clare?

— Henry.

— Quando você tornar a me ver, lembre-se de que não te conheço; não fique aborrecida quando me vir e eu te tratar como uma estranha completa, porque, para mim, você será algo novo. E por favor, não me encha a cabeça com tudo de uma vez. Tenha piedade, Clare.

— Eu terei! Ah, Henry, fique!

— Shh. Estarei com você.

Tornamos a deitar. A exaustão toma conta de mim e daqui a um minuto já terei sumido.

— Te amo, Henry. Obrigada pelo... meu presente de aniversário.

— Te amo, Clare. Comporte-se.

Desapareço.

[16] Primeira estrofe do poema de Andrew Marvell, “To His Coy Mistress”. (N. da T.)

OceanofPDF.com

SEGREDO



Quinta-feira, 10 de fevereiro de 2005 (Clare tem 33, Henry, 41)

CLARE: É quinta-feira à tarde e estou no ateliê fazendo papel de *kozo* amarelo-claro. Henry já está sumido há 24 horas, e, como sempre, me divido entre ficar encucada pensando em que tempo e em que lugar ele se meteu e estar uma fera com ele por ter sumido e querendo saber quando voltará. Isso atrapalha a minha concentração e estrago um monte de folhas; passo todas novamente da peneira para a tina. Finalmente, dou um tempo e me sirvo de uma xícara de café. Está frio no ateliê, e a água na tina deveria estar fria, mas eu aqueci um pouco para evitar que minhas mãos rachassem. Envolvo a caneca de cerâmica com as mãos. A fumaça sobe. Ponho o rosto ali em cima, respiro a umidade e o cheiro de café. Então, ah, obrigada, meu Deus, ouço Henry vir pelo jardim e entrar no ateliê assoviando. Ele bate a neve das botas e tira o casaco. Está com uma cara maravilhosa, feliz para valer. Meu coração dispara e arrisco:

— 24 de maio de 1989.

— *Sim*, ah, sim!

Henry me pega no colo, de avental molhado, galochas e tudo, e fica rodando comigo. Agora estou rindo, estamos ambos rindo. Henry transborda de alegria.

— Por que não me contou? Passei esses anos todos imaginando coisas sem necessidade. Megera! Atrevida! — Ele morde meu pescoço e faz cócegas.

— Mas você não sabia, portanto eu não podia te contar.

— Ah. Certo. Meu Deus, você é incrível. — Sentamos no sofá surrado e velho do ateliê. — Dá para ligar a calefação aqui?

— Claro. — Henry se levanta de um pulo e aumenta o termostato. A caldeira entra em ação. — Quanto tempo fiquei sumido?

— Quase um dia inteiro.

Henry suspira.

— Valeu a pena? Um dia de ansiedade em troca de algumas horas realmente lindas?

— Sim. Foi um dos melhores dias da minha vida.

Estou calada, lembrando. Muitas vezes invoco a lembrança do rosto de Henry em cima de mim, rodeado de céu azul, e a sensação de ser penetrada por ele. Penso nisso quando ele some e tenho dificuldade de dormir.

— Me conte...

— Humm?

Estamos agarradinhos para trocar calor e segurança.

— O que aconteceu depois que fui embora?

— Peguei tudo e me arrumei para ficar mais ou menos apresentável e voltei para a casa. Subi sem encontrar com ninguém e tomei um banho. Algum tempo depois, Etta começou a bater na porta querendo saber por que eu estava na banheira no meio do dia e tive que fingir que estava doente. E estava, de certa forma... passei o verão na maior preguiça, dormindo muito. Lendo. Simplesmente fiquei na minha. Passei algum tempo no Campo, mais ou menos esperando que você aparecesse. Escrevi cartas para você, que depois queimei. Parei de comer por uns tempos e mamãe me arrastou para o terapeuta dela e recomecei a comer. E no fim de agosto, meus pais me informaram que, se meu ânimo não melhorasse, eu não iria para a faculdade naquele outono, então eu imediatamente me animei porque o meu único objetivo na vida era sair de casa e ir para Chicago. E a faculdade era uma coisa boa; era nova, eu tinha um apartamento, eu adorava a cidade. Eu tinha alguma coisa para pensar além do fato de que eu não tinha ideia de onde você estava nem de como te encontrar. Quando afinal te encontrei, eu estava bastante bem; trabalhava, tinha amigos, era bastante convidada para sair...

— Ah?

— Claro.

— Você aceitava? Sair?

— Aceitava, sim. Com o espírito de pesquisa... e porque de vez em quando eu ficava danada pensando que em algum lugar, sem consciência do que fazia, você saía com outras. Mas era tudo uma espécie de comédia de humor negro. Eu saía com garotos muito bonzinhos ligados à arte e passava a noite inteira vendo a chatice e a inutilidade daquilo tudo e olhando para o relógio. Depois do quinto, parei, porque vi que estava mesmo aporrinhando esses caras. Alguém espalhou na faculdade que eu era sapatão e aí eu tive uma leva de garotas me convidando para sair.

— Imagino você de lésbica.

— É; comporte-se, senão eu me converto.

— Eu sempre quis ser lésbica. — Henry está com uma cara sonhadora e com os olhos pesados; não é justo quando eu estou com a corda toda e pronta para pular em cima dele. Ele boceja. — Quer dizer, não nessa encarnação. Muita operação.

Lembro da voz do padre Compton atrás da grade do confessionário, perguntando baixinho se há mais alguma coisa que eu quisesse confessar. Não, digo com firmeza. Não, não há. Aquilo foi um erro. Eu estava bêbada, e não conta. O bom padre suspira e abre as cortinas. Fim da confissão. Minha penitência é mentir a Henry, por omissão, até que a morte nos separe. Olho para ele, com a cara de satisfação de quem acabou de comer, saciado com os encantos de minha versão mais jovem, e a imagem de Gomez dormindo e do quarto dele com a luz da manhã me passa pela cabeça. Foi um erro, Henry, digo em silêncio. Eu estava esperando e cometi um deslize uma vez só. Conte a ele, diz o padre Compton, ou alguém em minha cabeça. Eu não posso, retruco. Ele vai me odiar.

— Ei — diz Henry com delicadeza. — Cadê você?

— Estou pensando.

— Está com uma cara muito triste.

— Você às vezes fica preocupado achando que todas as coisas muito boas já aconteceram?

— Não. Bom, mais ou menos. Não do jeito que você está falando. Continuo me deslocando no tempo que você está recordando, então ele não passou realmente para mim. Me preocupo achando que não estamos prestando muita atenção ao aqui e agora. Isto é, a viagem no tempo é uma espécie de estado alterado, então estou mais... consciente quando estou lá. De alguma forma, o lá parece mais importante, e às vezes penso que as coisas seriam perfeitas se eu tivesse esse mesmo grau de consciência no aqui e agora. Mas tem havido grandes coisas, ultimamente. — Ele sorri aquele sorriso de lado lindo e radiante, todo inocência, e permito que minha culpa se cale, voltando para a caixinha onde eu a mantenho socada como um para-quedas.

— Alba.

— Alba é perfeita. E você é perfeita. Por mais que eu goste de você, lá, é a vida compartilhada, o fato de a gente se conhecer...

— Na alegria e na tristeza...

— O fato de haver maus momentos torna isso mais real. É a realidade que eu quero.

Conte a ele, conte.

— Até a realidade pode ser bastante irreal... — Se algum dia eu for dizer, agora é a hora. Ele espera. Eu não consigo.

— Clare? — Olho para ele na maior infelicidade, como uma criança pega numa mentira complicada, aí falo, num tom quase inaudível.

— Dormi com uma pessoa.

A cara de Henry congela, sem acreditar.

— Quem? — pergunta ele, sem me olhar.

— Gomez.

— Por quê? — Henry está imóvel, aguardando o tranco.

— Eu estava bêbada. A gente estava numa festa, e a Charisse estava em Boston...

— Espere aí. Quando foi isso?

— 1990.

Ele começa a rir.

— Ai, caramba. Clare, não faz isso comigo, merda. 1990. Puxa. Achei que você estivesse me contando uma coisa que tivesse acontecido, tipo, semana passada. — Sorrio, timidamente. Ele diz: — Não é que tenha adorado saber disso, mas já que eu acabei de te dizer para ir experimentar, não posso mesmo... sei lá. — Ele está ficando agitado. Fica de pé e começa a andar para lá e para cá no ateliê. Estou incrédula. Passei 15 anos paralisada de medo, medo de que Gomez, com aquele seu jeito frio e grosseiro, falasse ou fizesse alguma coisa, e Henry não liga. Ou liga?

— Como foi? — pergunta, assim, bem de passagem, de costas para mim enquanto mexe na cafeteira.

Escolho as palavras com cuidado.

— Diferente. Quer dizer, sem querer criticar demais o Gomez...

— Ah, vá em frente.

— Era mais ou menos como se eu fosse uma loja de porcelana e ele fosse um touro solto lá dentro.

— Ele é maior do que eu — diz Henry em tom de afirmativa.

— Agora, eu não sei, mas na época ele não tinha delicadeza nenhuma. Até mesmo fumou um cigarro enquanto me comia. — Henry recua. Fico de pé e chego perto dele. — Sinto muito, foi um erro. — Ele me puxa para junto de si e eu digo, baixinho, em seu colarinho: — Eu estava esperando com muita paciência... — mas aí, não consigo continuar. Henry está afagando meu cabelo.

— Tudo bem, Clare — diz ele. — Não é tão ruim assim. — Me pergunto se ele está comparando a Clare que ele acabou de ver, em 1989, com a minha pessoa falsa em seus braços, e, como se lendo meus pensamentos, ele diz: — Mais alguma surpresa?

— Foi isso.

— Nossa, você sabe mesmo guardar segredo.

Olho para Henry, e ele me devolve o olhar, e sei que mudei de alguma forma, aos seus olhos.

— Isso me fez entender melhor... me fez apreciar...

— Você está tentando me dizer que eu não sofri por comparação?

— É.

Dou um beijo tímido nele, e após um instante de hesitação, Henry começa a me beijar de volta, e logo estamos a caminho de ficar numa boa. Melhor do que numa boa. Eu contei para ele, e tudo bem, e ele ainda me ama. Meu corpo inteiro parece mais leve, e suspiro com o alívio de finalmente ter confessado, e nem sequer receber uma penitência, nem uma Ave-Maria ou um Pai-Nosso. Me sinto como se tivesse saído ilesa de um carro dado como perda total. Lá, em algum lugar, Henry e eu estamos fazendo amor num lençol verde num campo, e Gomez está me olhando sonolento e me pegando com suas mãos enormes. Tudo, tudo está acontecendo agora, mas é tarde demais, como sempre, para mudar qualquer coisa. Henry e eu desembrulhamos um ao outro no sofá do ateliê como caixas de chocolate novinhas em folha, e não é tarde demais, ainda não, afinal de contas.

Sábado, 14 de abril de 1990 (Clare tem 18 anos)
(6h43)

CLARE: Abro os olhos e não sei onde estou. Cheiro de cigarro, sombra de venezianas na parede amarela cheia de rachaduras. Viro a cabeça e, ao meu lado, dormindo na cama dele, está Gomez. De repente, me lembro e entro em pânico.

Henry. Henry vai me matar. Charisse vai me odiar. Fico sentada. O quarto de Gomez é uma zona de cinzeiros abarrotados, roupas, manuais de direito, jornais, pratos sujos. Minhas roupas estão num montinho acusador no chão ao meu lado.

Gomez dorme que é uma beleza. Está sereno e nem parece o sujeito que acaba de trair a namorada com a melhor amiga dela. Seu cabelo louro está

revolto, e não arrumado, como sempre. Ele parece um menino grande, exausto do excesso de brincadeiras de garoto.

Minha cabeça lateja. Tenho a sensação de que levei uma surra nas entranhas. Fico de pé, trêmula, e vou até o banheiro no corredor. O banheiro é úmido e infestado de mofo, cheio de apetrechos de barba e toalhas molhadas. Ao chegar ao banheiro, já não sei mais o que quero; faço pipi e lavo o rosto com o sabonete, e me olho no espelho para ver se estou diferente, para ver se Henry será capaz de dizer só de olhar para mim... Estou com uma certa cara de enjoo, mas, fora isso, é a mesma cara que tenho sempre às sete da manhã.

A casa está quieta. Há um relógio tiquetaqueando ali por perto. Gomez divide esta casa com mais dois caras, amigos que também estão na Northwestern's Law School. Não quero esbarrar com ninguém. Volto ao quarto de Gomez e sento na cama.

— Bom dia. — Gomez sorri para mim e tenta me tocar. Recuo e caio em prantos. — Uau, gatinha! Clare, gata, ei, ei... — Ele se levanta e logo estou chorando em seus braços. Penso em todas as vezes que chorei no ombro de Henry. *Cadê você?,* me pergunto desesperada. *Preciso de você, aqui e agora.* Gomez repete meu nome, sem parar. O que estou fazendo aqui, despida, chorando nos braços de um Gomez igualmente pelado? Ele me dá uma caixa de lenços de papel para eu assoar o nariz e enxugar os olhos. Aí olho para ele com uma cara de desespero total, e ele olha para mim confuso.

— Tudo bem agora?

Não. Como posso estar bem?

— Tudo.

— O que foi?

Dou de ombros. Gomez passa a me interrogar como se eu fosse uma vítima frágil no tribunal.

— Clare, você já tinha feito sexo? — Faço que sim com a cabeça. — É a Charisse? Você se sente mal por causa da Charisse? — Faço que sim com a cabeça. — Fiz alguma coisa errada? — Faço que não com a cabeça. — Clare, quem é Henry? — Olho para ele boquiaberta, incrédula.

— Como você sabe?...

Agora já fiz. Merda. Filho da puta.

Gomez se estica, pega os cigarros na mesa de cabeceira e acende um. Risca o fósforo e dá uma tragada profunda. Com um cigarro na mão, Gomez parece mais... vestido, de certa forma, embora não esteja. Em

silêncio, ele me oferece um cigarro, que aceito embora não fume. Acho que é certo aceitar, e me dá tempo de pensar no que dizer. Ele acende o cigarro para mim, fica de pé, procura no armário, acha um roupão azul que não parece dos mais limpos e me entrega. O roupão fica enorme em mim. Sento na cama, fumando e olhando Gomez vestir uma calça jeans. Mesmo no meu estado lamentável, vejo que Gomez é bonito, alto e largo e... grande, um tipo de beleza totalmente diferente da selvageria felina de Henry. Na mesma hora me sinto horrível por comparar. Gomez põe um cinzeiro ao meu lado, senta na cama e olha para mim.

— Você falou dormindo em uma pessoa chamada Henry.

Droga. Droga.

— O que eu disse?

— Só falava “Henry” sem parar, como se estivesse chamando alguém para ir até você. E “sinto muito”. E uma vez, disse “Bom, você não estava aqui”, como se estivesse com muita raiva. Quem é Henry?

— Henry é meu amante.

— Clare, você não tem amante. A Charisse e eu vemos você todo dia há seis meses, e você nunca saiu com ninguém, e ninguém jamais te telefona.

— Henry é meu amante. Ele foi embora por algum tempo e vai voltar no outono de 1991.

— Onde ele está?

Por aí.

— Não sei. — Gomez acha que estou inventando isso. Não sei por que, estou decidida a fazê-lo acreditar em mim. Pego a bolsa, abro a carteira e mostro a Gomez a foto de Henry. Ele a examina com cuidado.

— Já vi esse cara. Quer dizer, não ele, e sim alguém muito parecido com ele. Esse cara é muito velho para ser a mesma pessoa. Mas o nome daquele cara era Henry.

Meu coração está batendo feito louco. Tento ser natural quando pergunto:

— Onde você o viu?

— Em boates. Em geral no Exit e também no Smart Bar. Mas não dá para acreditar que ele seja o seu cara; ele é um louco. Espalha o caos por onde anda. É alcoólatra, e é... sei lá, muito bruto com as mulheres. Pelo que ouço dizer.

— Violento? — Não consigo imaginar Henry batendo numa mulher.

— Não, eu não sei.

— Como é o sobrenome dele?

— Não sei. Olhe, gatinha, esse cara vai te usar e depois jogar fora... ele não é nada do que você precisa.

Sorrio. Ele é exatamente o que preciso, mas sei que é inútil percorrer o circuito das boates atrás dele.

— Eu preciso de quê?

— De mim. Só que parece que você não acha isso.

— Você tem a Charisse. Você me quer para quê?

— Eu só quero você. Não sei por quê.

— Você é mórmon ou coisa assim?

Gomez diz muito sério.

— Clare, eu... olhe, Clare...

— Não fale.

— Realmente, eu...

— Não. Não quero saber. — Eu me levanto, apago o cigarro e começo a me vestir. Gomez está sentado imóvel, vendo eu me vestir. Me sinto cansada, suja e repugnante ao vestir a roupa da festa de ontem na frente de Gomez, mas tento não deixar isso transparecer. Não consigo puxar o zíper comprido nas costas do vestido e Gomez me ajuda, todo sério.

— Clare, não fique danada.

— Eu não estou danada com você. Estou danada comigo.

— Esse cara deve ser mesmo uma peça se é capaz de deixar uma garota como você e esperar que esteja disponível dois anos depois.

Sorrio para Gomez.

— Ele é *incrível.* — Vejo que feri os sentimentos de Gomez. — Gomez, sinto muito. Se eu estivesse livre e você estivesse livre... — Gomez balança a cabeça, e, quando me dou conta, ele está me beijando. Retribuo o beijo, e por um instante apenas imagino... — Agora tenho que ir, Gomez.

Ele faz que sim com a cabeça.

Saio.

Sexta-feira, 27 de abril de 1990 (Henry tem 26 anos)

HENRY: Ingrid e eu estamos no Teatro Riviera, sacudindo nossos parcos miolos de tanto dançar ao som do Iggy Pop. Ingrid e eu sempre passamos pelos momentos mais felizes quando estamos dançando ou trepando ou fazendo qualquer outra coisa que envolva atividade física e nenhuma conversa. Neste momento, estamos no céu. Estamos bem na frente e o sr. Pop sacode todo mundo, criando um bolo de gente e de energia alucinada.

Uma vez, eu disse a Ing que ela dançava feito uma alemã e ela não gostou, mas é verdade: ela dança séria, como se houvesse vidas em jogo, como se dançar com precisão pudesse salvar as crianças famintas da Índia. É ótimo. O Iggster está cantando "*Calling Sister Midnight: well, I'm an idiot for you...*" e sei exatamente como ele se sente. É em momentos assim que vejo sentido em ficar com Ingrid. A gente se acaba dançando *Lust for Life*, *China Girl*, *Funtime*. Ingrid e eu atingimos uma velocidade suficiente para lançar uma missão a Plutão. Tenho plena convicção de que posso ficar aqui para o resto da vida e estar absolutamente satisfeito. Ingrid sua. Sua camiseta branca grudou no corpo de uma forma interessante e esteticamente agradável, e chego a pensar em tirá-la, mas me seguro porque ela não está de sutiã e ia reclamar sem parar. Dançamos, Iggy Pop canta, e infelizmente, inevitavelmente, após três bis, o show finalmente termina. Me sinto ótimo. Quando saímos em fila com nossos irriquietos e animados colegas de show, me pergunto o que devíamos fazer em seguida. Ingrid vai para a porta do banheiro das mulheres, onde fica parada na longa fila. Espero por ela lá fora na Broadway. Observo um yuppie numa BMW discutir com um manobrista a respeito de vaga ilegal quando um louro enorme vem falar comigo.

— Henry? — ele indaga. Me pergunto se estou prestes a receber uma intimação judicial ou algo assim.

— Pois não?

— Clare manda lembranças. — Quem diabos é Clare?

— Desculpe, é engano. — Ingrid chega, de novo parecendo como sempre uma *Bond girl*. Ela avalia esse cara, que é um belo exemplar de macho. Passo o braço em volta dela.

O cara sorri.

— Desculpe. Você deve ter um sósia por aí.

Sinto um aperto no coração; está acontecendo alguma coisa que eu não entendo, um pouco do meu futuro vazando para o presente, mas agora não é o momento de investigar. Ele parece satisfeito com alguma coisa, pede licença e vai embora.

— O que ele queria? — diz Ingrid.

— Acho que me confundiu com outra pessoa. — Dou de ombros. Ingrid está preocupada. Parece que praticamente tudo sobre mim deixa Ingrid preocupada, então não dou bola. — Ei, Ing, o que vamos fazer agora? — Me sinto capaz de saltar sobre os prédios mais altos com um simples pulo.

— Lá em casa?

— Genial.

Paramos na Margie's Candies para comprar sorvete e logo estamos no carro cantando "*I scream, you scream, we all scream for ice cream*" e rimos como crianças malucas. Mais tarde, na cama com Ingrid, me pergunto quem é Clare, mas aí imagino que não deve haver resposta para isso, e esqueço o assunto.

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 2005 (Henry tem 41 anos, Clare, 33)

HENRY: Levo Charisse à ópera. É *Tristão e Isolda.* A razão de eu estar aqui com Charisse e não com Clare tem a ver com a extrema aversão de Clare a Wagner. Eu também não sou um grande apreciador de Wagner, mas temos ingressos para a temporada inteira e prefiro ir a não ir. Estávamos discutindo isso uma noite na casa de Charisse e Gomez, e Charisse disse melancolicamente que nunca tinha ido à ópera. O resultado disso tudo é que Charisse e eu estamos saltando de um táxi em frente à Lyric Opera House, e Clare está em casa cuidando de Alba e jogando *Palavras Cruzadas* com Alicia, que passa a semana lá em casa.

Não estou muito a fim disso. Quando parei na casa deles para pegar Charisse, Gomez piscou para mim e disse: "Não fique com ela até muito tarde, filho!", em sua imitação de pai ignorante. Não me lembro quando foi a última vez em que Charisse e eu fizemos alguma coisa sozinhos. Gosto muito de Charisse, mas não tenho quase nada para dizer a ela.

Acompanho Charisse em meio à multidão. Ela anda devagar, absorvendo o esplêndido saguão, o mármore e as galerias altas cheias de ricaços elegantemente discretos e estudantes com peles falsas e *piercing* no nariz. Charisse sorri para os vendedores de *libretto*, dois cavalheiros de *smoking* que estão parados na entrada do saguão cantando "Libretto! Libretto! Compre um libretto!", em duas vozes. Não vejo ninguém conhecido. Os amantes de Wagner são os boinas-verdes dos fãs de ópera; são gente de fibra, e todos se conhecem. Há muita troca de beijos pelo ar enquanto Charisse e eu subimos para o mezanino.

Clare e eu temos um camarote; é um de nossos luxos. Abro a cortina e Charisse entra e diz:

— Uau! — Pego o casaco dela e penduro numa cadeira, e faço o mesmo com o meu. Ocupamos nossos lugares. Charisse cruza os tornozelos e põe as mãozinhas no colo. Seu cabelo preto brilha naquela meia-luz, e, com aqueles olhos dramáticos e batom escuro, Charisse parece uma criança

refinada e má, toda arrumada e autorizada a ficar acordada até tarde com os adultos. Ela absorve a beleza do Lyric, a tela dourada e verde decorada que protege o palco, os entalhes de gesso de cada arco e abóbada, o burburinho animado do público. As luzes diminuem e Charisse sorri rapidamente para mim. A tela sobe, e estamos a bordo de um barco, com Isolda cantando. Recosto na cadeira e me deixo levar pela voz dela.

Quatro horas, uma poção de amor e aplausos de pé depois, me viro para Charisse.

— E aí, o que você achou?

Ela sorri.

— Foi bobo, não? Mas o canto fez com que não ficasse bobo.

Seguro o casaco, e ela tateia à procura da manga até encontrar; aí consegue colocar o casaco.

— Bobo? De repente. Mas estou disposto a fingir que Jane Egland é jovem e bonita em vez de uma vaca de 140 quilos porque tem a voz de Euterpe.

— Euterpe?

— A musa da música.

Entramos no rio de ouvintes empolgados e satisfeitos. Lá embaixo, saímos para o frio. Caminhamos na multidão pela Wacker Drive e consigo chamar um táxi depois de só uns minutinhos. Quando vou dar o endereço de Charisse ao motorista, ela diz:

— Henry, vamos tomar um café. Não quero ir já para casa. — Digo ao taxista para nos levar ao Don’s Coffee Club, que fica na Jarvis, no norte da cidade. Charisse conversa sobre o canto, que foi sublime; sobre os cenários, que, estamos de acordo, não eram inspirados; sobre as dificuldades morais de gostar de Wagner quando se sabe que ele era um babaca antissemita cujo maior fã era Hitler. Quando chegamos ao Don’s, a casa está bombando; Don está recebendo vestido com uma camisa havaiana laranja, e aceno para ele. Encontramos uma mesinha no fundo. Charisse pede torta de cereja *à la mode* e café, e eu peço meu sanduíche de geleia e manteiga de amendoim e café de sempre. Perry Como canta dos alto-falantes e uma névoa de fumaça de cigarro desliza pelas mesinhas e pelas pinturas à venda. Charisse apoia a cabeça na mão e suspira.

— Que ótimo. Acho que às vezes me esqueço como era ser adulto.

— Vocês não saem muito?

Charisse amolece o sorvete com o garfo e ri.

— Joe faz isso. Ele diz que fica mais gostoso quando está mole. Nossa, estou pegando os maus hábitos deles em vez de eles aprenderem os meus bons. — Ela come um pedaço de torta. — Respondendo à sua pergunta, a gente sai, mas é quase sempre para alguma coisa ligada à política. O Gomez pensa em se candidatar a vereador.

Engasgo com o café e começo a tossir. Quando consigo falar de novo, digo:

— Você está brincando. Isso não é passar para o lado negro da força? O Gomez vive falando mal da administração da cidade.

Charisse me lança um olhar irônico.

— Ele está decidido a mudar o sistema de dentro para fora. Ele se cansou de casos horríveis de abuso infantil. Acho que se convenceu de que podia melhorar as coisas se tivesse alguma influência.

— Talvez ele tenha razão.

Charisse faz que não com a cabeça.

— Eu gostava mais quando a gente era jovem, anarquista e revolucionário. Prefiro explodir as coisas do que puxar saco.

Sorrio.

— Eu nunca tinha percebido que você era mais radical que o Gomez.

— Ah, sim. Na verdade, é só que eu não sou tão paciente quanto o Gomez. Quero ação.

— O Gomez é paciente?

— Ah, claro. Olha essa coisa toda com a Clare... — Charisse para bruscamente, olha para mim.

— Que coisa toda? — Enquanto faço a pergunta, vejo que é por isso que estamos aqui, que Charisse estava esperando para falar sobre isso. Me pergunto o que ela sabe que eu não sei. Me pergunto se quero saber o que Charisse sabe. Acho que não quero saber nada.

Charisse olha para o outro lado, depois torna a olhar para mim. Olha para o café, põe as mãos em volta da xícara.

— Bom, achei que você soubesse, mas, tipo... O Gomez é apaixonado pela Clare.

— Sim. — Isso não facilita as coisas para ela.

Charisse acompanha o veio do compensado com o dedo.

— Então... A Clare anda mandando o Gomez passear, e ele acha que se esperar o suficiente, alguma coisa vai acontecer, e ele vai ficar com ela.

— Alguma coisa vai acontecer...?

— Com você. — Charisse encontra o meu olhar.

Me sinto mal.

— Desculpe — digo a ela. Levanto e vou até o minúsculo banheiro com papel de parede de Marilyn Monroes. Jogo água fria no rosto. Encosto na parede de olhos fechados. Quando fica óbvio que não vou a lugar nenhum, volto ao café e me sento. — Desculpe. Você estava falando...

Charisse parece assustada e pequena.

— Henry — diz ela baixinho. — Me conte.

— O que, Charisse?

— Diga que não vai a lugar nenhum. Diga que a Clare não quer o Gomez. Diga que tudo vai dar certo. Ou que tudo é mentira, sei lá... Só me conte o que acontece!

A voz dela treme. Ela põe a mão no meu braço, e eu me forço a não me afastar.

— Você vai ficar bem, Charisse. Vai ficar tudo bem. — Ela me olha, sem acreditar e querendo acreditar. Recosto na cadeira. — Ele não vai te deixar.

Ela suspira.

— E você?

Fico calado. Charisse me olha, depois abaixa a cabeça.

— Vamos para casa — diz afinal, e vamos.

Domingo, 12 de junho de 2005 (Clare tem 34 anos, Henry, 41)

CLARE: É uma tarde de domingo ensolarada. Entro na cozinha e encontro Henry ao lado da janela, contemplando o jardim. Ele faz sinal me chamando, fico ao lado dele e olho. Alba está brincando no jardim com uma menina mais velha. A menina tem uns 7 anos. Tem cabelo comprido e está descalça. Veste uma camiseta suja com o logo dos Cubs. As duas estão sentadas no chão, de frente uma para a outra. A menina está de costas para nós. Alba sorri para ela e gesticula com as mãos como se estivesse voando. A menina balança a cabeça e ri.

Olho para Henry.

— Quem é essa?

— É a Alba.

— Sim, mas quem está com ela?

Henry sorri, mas de cenho franzido, de modo que seu sorriso parece preocupado.

— Clare, aquela é a Alba já mais velha. Ela está viajando no tempo.

— Meu deus. — Olho para a menina. Ela gira o corpo, aponta para a casa, e eu vejo um perfil rápido, mas aí ela torna a virar para o outro lado. — Devemos ir lá?

— Não, ela está bem. Se elas quiserem, elas vêm aqui.

— Eu adoraria conhecê-la...

— É melhor não... — começa Henry, mas assim que fala, as duas Albas dão um pulo e saem correndo em direção à porta dos fundos, de mãos dadas. Elas entram na cozinha rindo.

— Mamãe, mamãe — diz minha Alba, a Alba de 3 anos, apontando —, olha! Uma Alba grande!

A outra Alba dá um sorriso sem jeito e diz "Oi, mamãe". Quando sorrio e digo "Alô Alba", ela se vira, vê Henry e grita "Papai!". Ela corre em sua direção, joga os braços em volta dele e começa a chorar. Henry olha para mim, abaixa o corpo para embalar Alba e sussurra alguma coisa em seu ouvido.

HENRY: Clare ficou branca. Está olhando para nós, segurando a mão da Alba pequena, que está vendo boquiaberta sua versão mais velha agarrada a mim e chorando. Abaixo o corpo e sussurro no ouvido de Alba:

— *Não conte à mamãe que morri, sim?* — Ela olha para mim, lágrimas pingando dos cílios compridos, lábios trêmulos, e faz que sim com a cabeça. Clare segura um lenço de papel, diz a Alba para assoar o nariz e dá um abraço nela. Alba se deixa levar para lavar o rosto. A pequena Alba, a Alba do presente, enrosca-se em minha perna.

— Por que, papai? Por que ela está triste? — Felizmente, não preciso responder porque Clare e Alba voltaram; Alba usa uma das camisetas de Clare e uma das minhas calças cortadas. Clare diz:

— Ei, gente. Por que não vamos tomar um sorvete? — As duas Albas sorriem; a Alba pequena dança em volta de nós, gritando:

— *I scream, you scream, I scream, you scream...* — Lotamos o carro com Clare dirigindo, a Alba de 3 anos no banco da frente e a de 7 no banco traseiro comigo. Ela se encosta em mim; passo o braço em volta dela. Ninguém diz uma palavra, a não ser a pequena Alba.

— Olhe, Alba, um cachorrinho! Olhe, Alba, olhe, Alba... — até sua versão mais velha dizer:

— Sim, Alba, estou vendo. — Clare nos leva ao Zephyr; ocupamos um reservado de vinil azul brilhante e pedimos duas *bananas split*, um leite

maltado de chocolate e uma casquinha de baunilha com confeitos. As meninas sorvem as *bananas split* como aspiradores de pó; Clare e eu brincamos com nossos sorvetes, sem nos olharmos. Clare diz:

— Alba, o que está acontecendo no seu presente?

Alba dispara um olhar para mim.

— Nada de mais — diz ela. — Vovô está me ensinando o segundo concerto de violino de Saint-Saens.

— Você está fazendo uma peça na escola — sugiro.

— Estou? — diz ela. — Ainda não, eu acho.

— Ah, desculpe — digo. — Acho que isso é só no ano que vem. — A coisa segue assim. Fazemos uma conversa aos trancos, desviando daquilo que sabemos e do que precisamos evitar que Clare e a Alba pequena saibam. Algum tempo depois, a Alba mais velha deita a cabeça nos braços sobre a mesa.

— Cansada? — Clare pergunta para ela, que concorda com a cabeça.

— É melhor a gente ir — digo a Clare. Pagamos, e pego Alba no colo; ela está inerte, quase dormindo em meus braços. Clare pega a Alba pequena, que está com todo o gás depois daquele açúcar todo. No carro, quando estamos subindo a Lincoln Avenue, Alba some. — Ela voltou — digo a Clare. Ela me encara no retrovisor por um instante.

— Para onde, papai? — pergunta Alba. — Para onde?

Mais tarde:

CLARE: Finalmente consegui fazer Alba tirar uma soneca. Henry está sentado em nossa cama, tomando uísque e olhando pela janela para uns esquilos se perseguindo em volta da parreira. Vou até lá e sento ao lado dele.

— Ei — digo. Henry me olha, passa o braço em volta de mim e me puxa para ele.

— Ei — diz.

— Você vai me dizer o que foi aquilo? — pergunto.

Henry pousa a bebida e começa a desabotoar minha blusa.

— Posso deixar de te contar impunemente?

— Não. — Solto seu cinto e desabotoo seu jeans.

— Tem certeza? — Ele beija o meu pescoço.

— Sim. — Puxo o seu zíper, meto a mão por baixo de sua camisa e passo por sua barriga.

— Porque você não quer mesmo saber. — Henry respira na minha orelha e passa a língua em volta dela. Estremeço. Ele tira minha blusa, desabotoa meu sutiã. Meus seios caem soltos e deito de costas, vendo Henry tirar as calças, a cueca e a camisa. Ele sobe na cama e eu digo: — As meias.

— Ah, sim. — Ele tira as meias. Ficamos nos olhando.

— Você só está tentando me distrair — digo.

Henry acaricia minha barriga.

— Estou tentando me distrair. Se conseguir distrair você também, melhor ainda.

— Você tem que me contar.

— Não, não tenho. — Ele segura meus seios com as mãos em concha, passa os polegares nos meus mamilos.

— Vou imaginar o pior.

— Vá em frente. — Levanto o quadril e Henry tira meu *jeans* e minha calcinha. Ele monta em mim e se dobra para me beijar. *Ai, nossa,* penso, *o que pode ser? O que é o pior?* Fecho os olhos. *Uma lembrança: o Campo, um dia frio em minha infância, correndo na relva morta, ouviu-se um barulho, ele chamou meu nome...*

— Clare? — Henry está mordendo meus lábios, delicadamente. — Onde você está?

— 1984.

Henry faz uma pausa e diz:

— Por quê?

— Acho que é onde acontece.

— Onde acontece o quê?

— O que quer que você esteja com medo de me contar.

Henry sai de cima de mim, e estamos deitados lado a lado.

— Conte para mim — ele diz.

— Era cedo. Um dia de outono. Papai e Mark estavam caçando veados. Acordei; achei que tinha ouvido você me chamando e corri para o campo. Você estava lá, e você, papai e Mark estavam todos olhando para uma coisa, mas papai me fez voltar para casa. Eu nunca vi para o que você olhava.

— Ah?

— Voltei lá mais tarde naquele dia. Tinha uma poça de sangue na grama.

Henry não diz nada. Comprime os lábios. Enrosco meus braços nele, dando um abraço com força. Digo:

— O pior...

— Shh, Clare.

— Mas...

— Shh. — Lá fora, ainda está uma tarde dourada. Dentro, estamos com frio e ficamos agarrados para nos aquecer. Alba, em sua cama, dorme e sonha com sorvete, sonha os pequenos sonhos satisfeitos de três anos, enquanto outra Alba, no futuro, sonha que abraça o pai e acorda encontrando... o quê?

OceanofPDF.com

O EPISÓDIO DO ESTACIONAMENTO DA MONROE STREET



Segunda-feira, 7 de janeiro de 2006 (Clare tem 34 anos, Henry, 42)

CLARE: Estamos dormindo um sono pesado de manhãzinha de inverno quando toca o telefone. Desperto imediatamente, com o coração disparando, e vejo que Henry está ali ao meu lado. Ele alcança o telefone por cima de mim. Olho o relógio; são 4h32.

— Alô — diz Henry. Ele fica um bom minuto escutando. Agora estou bem acordada. Henry está sem nenhuma expressão. — Tudo bem. Fique aí. Vamos sair agora mesmo. — Ele se debruça e pousa o fone no gancho.

— Quem era?

— Eu. Era eu. Estou no estacionamento da Monroe Street, sem roupa, 15 graus abaixo de zero. Nossa, espero que o carro pegue.

Pulamos da cama e enfiamos as roupas de ontem. Henry está calçado e encasacado antes de eu vestir o jeans e sai para ligar o carro. Meto a camisa, ceroulas, jeans, meias e botas de Henry e mais um casaco extra, luvas e um cobertor numa sacola de compras, acordo Alba, coloco o casaco e as botas nela, visto voando o casaco e saio voando de casa. Saio da garagem com o carro ainda frio, e ele morre. Volto a girar a chave, esperamos um pouco, e tento de novo. Nevou 15 centímetros ontem, e a Ainslie está coberta por gelo. Alba choraminga em sua cadeirinha e Henry a acalma. Quando chegamos à Lawrence, acelero e em dez minutos estamos na orla; não há ninguém na rua a essa hora. A calefação do Honda ruge. Em cima do lago, o céu clareia. Tudo é azul e laranja, quebradiço no frio extremo. Quando deslizamos pela Lake Shore Drive, tenho uma forte sensação de *déjà-vu:* o frio, o lago num silêncio onírico, o clarão das luzes da rua. Eu já estive aqui antes. Estive aqui antes. Estou capturada por este momento. Ele dura bastante e me faz perceber a dupla natureza do agora: o tempo está parado, apesar de estarmos correndo por esta paisagem urbana de inverno. Passamos a Irving, a Belmont, a Fullerton e a LaSalle. Saio na Michigan. Passamos voando pelo corredor deserto de lojas caras, pela Oak Street, Chicago, Randolph, Monroe, e agora estamos mergulhando no mundo

subterrâneo de concreto do estacionamento. Pego o bilhete que a voz fantasmagórica e feminina de máquina me oferece.

— Vá para o lado noroeste — diz Henry. — O telefone público ao lado do posto de segurança. — Sigo as instruções dele. A sensação de *déjà-vu* passou. Me sinto como se tivesse sido abandonada por um anjo da guarda. O estacionamento está praticamente vazio. Passo acelerada por quilômetros de faixas amarelas até o telefone público: o fone está pendurado pelo fio. Nada de Henry.

— Quem sabe você voltou ao presente.

— Mas quem sabe, não... — Henry está confuso, e eu também. Saltamos do carro. Está frio ali. Minha respiração se condensa e some. Acho que não devíamos ir embora, mas não tenho a menor ideia do que pode ter acontecido. Vou andando até o posto de segurança e espio pela janela. Nada de guarda. Os monitores de vídeo mostram concreto vazio. — Merda. Aonde eu teria ido? Vamos dar uma volta de carro por aí. — Regressamos ao carro e passamos lentamente pelo mar de vagas entre pilotis, vendo placas com mensagens de Andar Devagar, Mais Vagas, Lembre-se de onde Está Seu Carro. Nada de Henry em parte alguma. Trocamos um olhar de derrota.

— De quando você vem?

— Eu não disse.

Vamos para casa em silêncio. Alba está dormindo. Henry olha pela janela. O céu está limpo e cor-de-rosa no nascente, e há mais carros na rua agora, madrugadores que vêm trabalhar na cidade. Enquanto estamos parados no sinal da Ohio Street, ouço gaivotas grasnando. As ruas estão escuras de água e sal. A cidade está macia e branca, obscurecida pela neve. Tudo é lindo. Estou afastada da realidade, sou um filme. Estamos aparentemente ilesos, mas, cedo ou tarde, vamos comer o pão que o diabo amassou.

OceanofPDF.com

ANIVERSÁRIO



Quinta-feira, 15 de junho de 2006 (Clare tem 35 anos)

CLARE: Amanhã é o aniversário de Henry. Estou no Vintage Vinyl, tentando encontrar um disco que ele vá gostar e que ainda não tenha. Eu meio que contava pedir ajuda a Vaughn, o dono da loja, porque Henry vem aqui há anos. Mas tem um colegial atrás do balcão. Ele usa uma camiseta dos Seven Dead Arson e provavelmente não era nascido quando a maioria do estoque da loja foi gravada. Examino as caixas. Sex Pistols, Patti Smith, Supertramp, Matthew Sweet, Phish, Pixies, Pogues, Pretenders, B-52's, Kate Bush, Buzzcocks, Echo and the Bunnymen. Art of Noise. Nails. Clash, Cramps, Cure, Television. Paro perto de um álbum de que não me recordo do Velvet Underground, tentando lembrar se o vi em casa em algum canto, mas olhando melhor vejo que é só uma coletânea de coisas que Henry tem em outros discos. Dazzling Killmen, Dead Kennedys. Vaughn entra carregando uma caixa enorme, coloca atrás do balcão e torna a sair. Faz isso mais algumas vezes, e aí ele e o garoto começam a desembalar as caixas, empilhando LPs no balcão, exclamando ao ver várias coisas de que eu nunca ouvira falar. Vou até Vaughn e abano em silêncio três LPs diante dele.

— Oi, Clare — diz ele, todo sorridente. — Como vão as coisas?

— Oi, Vaughn. Amanhã é o aniversário de Henry. Socorro.

Ele olha com atenção para o que separei.

— Ele já tem esses dois — diz com um gesto de cabeça afirmativo para Lilliput e os Breeders —, e esse é um verdadeiro horror — indicando os Plasmatics. — Mas que capa sensacional, hein?

— É. Você tem alguma coisa naquela caixa que ele possa gostar?

— Não, isso é tudo anos 50. Morreu uma velhinha. Você pode gostar disso, acabei de receber ontem. — Ele puxa uma compilação dos Golden Palominos da caixa de Novidades. Há umas duas coisas novas nela, então separo o disco. Vaughn ri para mim. — Tenho uma coisa realmente esquisita para você... estava guardando para o Henry. — Ele vai para trás do balcão e fica um minuto ali catando fundo. — Aqui. — Vaughn me entrega um LP numa capa branca, sem nada escrito. Tiro o disco e leio o selo: —

Annette Lyn Robinson, Ópera de Paris, 13 de maio de 1968, Lulu. — Lanço um olhar interrogativo para Vaughn. — É, não é o que ele costuma ouvir, né? É um concerto pirata, não existe oficialmente. Ele me pediu há pouco para ficar de olho nas coisas dela, mas também não é a minha praia, então achei isso e sempre me esquecia de contar a ele. Eu ouvi; é muito bom. Som de boa qualidade.

— Obrigada — sussurro.

— De nada. Ei, qual é a desse disco?

— Ela é a mãe de Henry.

Vaughn ergue as sobrancelhas e sua testa franze de maneira cômica.

— Jura? Sim... ele é parecido com ela... É interessante. Era de imaginar que ele falaria sobre isso.

— Ele não fala muito nela. Ela morreu quando ele era pequeno. Num acidente de carro.

— Ah. É mesmo. Acho que me lembro disso. E então, posso encontrar mais alguma coisa para você?

— Não, só isso.

Pago a Vaughn e saio, abraçando a voz da mãe de Henry ao descer a Davis Street extasiada com a expectativa.

Sexta-feira, 16 de junho de 2006 (Henry tem 43 anos, Clare, 35)

HENRY: Faço 43 anos. Acordo às 6h46 embora esteja de folga, e não consigo voltar a dormir. Olho para Clare e ela está ferrada no sono, braços abertos e cabelo espalhado de qualquer maneira no travesseiro. Está linda, mesmo com as marcas da fronha no rosto. Levanto da cama com cuidado, vou para a cozinha e começo a fazer café. No banheiro, deixo a água correr um pouco, esperando que aqueça. Devíamos chamar um bombeiro aqui, mas nunca arranjamos tempo para isso. De volta na cozinha, sirvo uma xícara de café, levo para o banheiro e equilibro na pia. Espalho espuma no rosto e começo a me barbear. Normalmente, sou especialista em me barbear sem me olhar no espelho, mas hoje, em homenagem ao meu aniversário, faço o inventário.

Estou com o cabelo quase todo branco; sobra um pouco de preto nas têmporas e minhas sobrancelhas continuam completamente pretas. Deixei crescer um pouco, não do comprimento que eu costumava usar antes de conhecer Clare, mas sem ser curto, também. Minha pele está ressecada pelo vento e há vincos no canto dos meus olhos e na testa, e rugas saem das

narinas para os cantos da boca. Meu rosto está muito magro. Meu corpo todo está magro, talvez. Não magro Auschwitz, mas tampouco magro normal. Magro tipo estágios iniciais de câncer. Tipo viciado em heroína. Não quero pensar nisso, então continuo me barbeando. Enxáguo o rosto, passo loção após barba, recuo e estudo os resultados.

Na biblioteca ontem alguém lembrou que é meu aniversário, então Roberto, Isabelle, Matt, Catherine e Amélia me pegaram e me levaram para almoçar no Beau Thai. Sei que andam falando no trabalho sobre a minha saúde, sobre o que me teria feito perder tanto peso de repente e sobre o fato de eu ter envelhecido muito ultimamente. Todo mundo foi supersimpático, como as pessoas são com aidéticos e pacientes de quimioterapia. Quase desejo que alguém venha me perguntar, para eu poder mentir e encerrar o assunto. Mas, em vez disso, ficamos de brincadeira e comemos *pad thai* e *prik king*, galinha com castanha e *pad seeuw*. Amélia me deu um quilo de grãos de café colombiano fortíssimo. Catherine, Matt, Roberto e Isabelle fizeram uma loucura e me deram a reprodução da Getty da *Mira Calligraphiae Monumenta,* que eu ando cobiçando há anos na livraria da Newberry. Olhei para eles, muito sensibilizado, e percebi que meus colegas pensam que estou morrendo. “Vocês...”, disse eu, e como não sabia o que dizer além disso, não disse nada. Não é comum as palavras me falharem.

Clare sai da cama, Alba desperta. Todos nos vestimos e entramos no carro. Vamos ao zoológico Brookfield com Gomez, Charisse e filhos. Passamos o dia passeando, vendo os macacos e flamingos, ursos polares e lontras. Alba gosta mais dos grandes felinos. Rosa segura a mão de Alba e fala sobre dinossauros. Gomez imita muito bem um chimpanzé, e Max e Joe fazem bagunça, fingindo ser elefantes e brincando com videogames portáteis. Charisse, Clare e eu andamos à toa, conversando sobre nada, curtindo o sol. Às quatro horas, as crianças estão todas cansadas e rabugentas. Metemos todas de novo nos carros, prometemos repetir o programa e vamos para casa.

A babá chega pontualmente às sete horas. Clare suborna e ameaça Alba para que ela se comporte, e fugimos. Estamos todos elegantes, por insistência de Clare, e, quando estamos na Lake Shore Drive seguindo no sentido sul, vejo que não sei aonde vamos.

— Você vai ver — diz Clare.

— Não é uma festa surpresa, é? — pergunto com apreensão.

— Não — ela me assegura. Clare sai da Drive na altura da Roosevelt e atravessa Pilsen, um bairro latino vizinho ao centro. Há grupos de garotos brincando nas ruas. Desviamos deles e acabamos estacionando o carro na esquina da 20 com a Racine. Clare me conduz a um sobrado de dois andares decadente e toca a campainha no portão. A porta abre automaticamente, atravessamos o jardim cheio de lixo e subimos a escada precária. Clare bate numa das portas, que é aberta por Lourdes, uma amiga de Clare da escola de arte. Lourdes sorri e faz sinal para entrarmos, e uma vez lá dentro vejo que o apartamento foi transformado em restaurante com uma mesa só. Lindos cheiros pairam por ali, e há uma mesa posta com uma toalha de damasco branca, porcelanas, velas. Há um toca-discos em cima de um pesado aparador entalhado. Na sala, há gaiolas cheias de pássaros: papagaios, canários, periquitinhos. Lourdes me dá um beijo no rosto e diz:

— Feliz aniversário, Henry — e uma voz conhecida diz:

— É, feliz aniversário! — Meto a cabeça na cozinha, e lá está Nell. Ela mexe alguma coisa numa caçarola e não para nem quando a abraço e levanto ligeiramente do chão. — Epaaa! — exclama ela. — Você anda comendo direitinho! — Clare abraça Nell e elas trocam sorrisos. — Parece que ele está bastante surpreso — diz Nell, o que faz Clare abrir um sorriso ainda mais largo. — Vão sentando — ordena Nell. — O jantar está pronto.

Sentamos de frente um para o outro à mesa. Lourdes traz pratinhos de antepastos arrumados com grande capricho: finíssimas fatias de presunto cru com melão amarelo-claro, mexilhões suaves e defumados, lâminas de cenoura e beterraba que têm sabor de erva-doce e azeite de oliva. À luz de vela, a tez de Clare fica quente e seus olhos, sombreados. As pérolas que ela usa delineiam suas clavículas e seu colo macio; os seios sobem e descem com a respiração. Clare me flagra olhando para ela, sorri e desvia a vista. Baixo os olhos e vejo que acabei de comer os mexilhões e continuo com um garfinho no ar feito um idiota. Pouso o garfo, e Lourdes retira nossos pratos e traz o seguinte.

Comemos o lindo atum malpassado de Nell, ensopado com molho de tomate, maçã e manjericão. Comemos saladinhas cheias de *radicchio* e pimentões amarelos, e ainda pequenas azeitonas marrons que me lembram uma refeição que fiz com minha mãe num hotel em Atenas quando eu era menino. Bebemos Sauvignon Blanc, brindando a toda hora. (“Às azeitonas!” “Às babás!” “A Nell!”) Nell sai da cozinha trazendo um

bolinho com as velas acesas. Clare, Nell e Lourdes cantam “Parabéns” para mim. Faço um pedido e apago as velas com um sopro só.

— Isso quer dizer que você vai conseguir o que pediu — diz Nell, mas o meu não é um pedido que possa ser concedido. Os pássaros conversam entre si com vozes estranhas enquanto todos comemos bolo e aí Lourdes e Nell tornam a ir para a cozinha. Clare diz:

— Trouxe um presente para você. Feche os olhos. — Fecho os olhos. Ouço Clare afastar a cadeira da mesa. Ela atravessa a sala. Então ouço uma agulha tocando no vinil... um chiado... violinos... um soprano puro penetrando o clamor da orquestra como uma chuva cortante... a voz de minha mãe cantando *Lulu.* Abro os olhos. Clare está sentada na minha frente, sorrindo. Fico de pé e tiro Clare da cadeira, dando um abraço.

— Incrível — digo, e não consigo continuar, então dou um beijo nela.

Muito mais tarde, depois de termos nos despedido de Nell e Lourdes com muitas expressões lacrimosas de gratidão, depois de termos chegado em casa e pagado a babá, depois de termos feito amor atordoados e exaustos de prazer, ficamos deitados quase dormindo, e Clare diz:

— Foi bom, esse seu aniversário?

— Perfeito — respondo. — O melhor.

— Você já desejou poder fazer o tempo parar? — pergunta Clare. — Eu não me importaria de ficar aqui para sempre.

— Hum — digo, virando de bruços. Enquanto adormeço, Clare diz:

— Tenho a sensação de estar no alto de uma montanha-russa — mas aí já peguei no sono e, de manhã, esqueço de perguntar a ela o que quis dizer.

OceanofPDF.com

UMA CENA DESAGRADÁVEL



Quarta-feira, 28 de junho de 2006 (Henry tem 43 e 43 anos)

HENRY: Volto a mim no escuro, num chão frio de concreto. Tento sentar, mas fico tonto e torno a deitar. Minha cabeça dói. Exploro com as mãos; tenho um inchaço grande bem atrás da orelha direita. Quando minha vista se ajusta, vejo o contorno indistinto de escadas e placas de Saída, e em cima de mim, uma lâmpada fluorescente emitindo uma luz fria. Em volta de mim, há a grade de aço entrecruzado da Gaiola. Estou na Newberry, depois do expediente, dentro da Gaiola.

— Não se apavore — digo a mim mesmo em voz alta. — Está tudo bem. Tudo bem. Tudo bem.

Paro ao perceber que não estou me ouvindo. Consigo ficar de pé. Estou tremendo. Me pergunto quanto tempo tenho que esperar. Me pergunto o que meus colegas vão dizer quando me virem. Porque chegou a hora. Estou prestes a ser revelado como a frágil aberração da natureza que realmente sou. Por essa eu não esperava, no mínimo.

Tento ficar andando de um lado para o outro para me esquentar, mas isso deixa minha cabeça latejando. Desisto, sento no meio da Gaiola e me encolho o mais possível. Passam-se horas. Revejo o incidente todo em minha cabeça, ensaiando minhas falas, considerando todas as formas como poderia ter sido melhor, ou pior. Afinal, me canso disso e imagino estar ouvindo determinadas músicas. *That's Entertainment*, do Jam, *Pills and Soap*, do Elvis Costello, *Perfect Day*, do Lou Reed. Tento me lembrar de todas as letras do *I Love a Man in a Uniform*, do Gang of Fours, quando as luzes se acendem. É óbvio que é Kevin, o Nazista da Segurança, abrindo a biblioteca. Kevin é a última pessoa de todo o planeta que eu gostaria de encontrar estando nu e preso na Gaiola, então, naturalmente, ele me vê assim que entra. Estou encolhido no chão, fingindo que estou morto.

— Quem está aí? — diz Kevin, mais alto do que o necessário. Imagino Kevin ali parado, pálido e de ressaca na luz mortiça da escada. Sua voz ecoa no concreto. Kevin desce a escada e fica parado embaixo, a uns três metros de mim. — Como entrou aí? — Ele dá a volta na Gaiola. Continuo fingindo que estou desacordado. Já que não posso explicar, é melhor nem

tentar. — Meu Deus, é DeTamble. — Sinto que ele está parado ali, olhando boquiaberto. Finalmente, ele se lembra do rádio. — Ah, afirmativo, ei, Roy. — Estática ininteligível. — Ah, sim, Roy, é Kevin, ah, você pode vir até A46? É, lá embaixo. — Estalos. — Vem logo até aqui embaixo. — Ele desliga o rádio. — Nossa, DeTamble, não sei o que você acha que está tentando provar, mas agora provou com certeza. — Ouço Kevin andando por ali. Seus sapatos rangem e ele dá uns grunhidos baixinhos. Imagino que deve estar sentado na escada. Alguns minutos depois, uma porta abre, e Roy desce. Roy é meu segurança preferido. É um afro-americano enorme, sempre cavalheiro, com um lindo sorriso nos lábios. Ele é o Rei da Recepção Principal, e é sempre uma alegria para mim chegar ao trabalho e curtir seu impressionante bom humor.

— Oi — diz Roy. — O que temos aí?

— É o DeTamble. Não imagino como ele entrou aí.

— DeTamble? Ora, ora. Esse garoto tem mania de arejar o pau. Já te contei da vez em que o encontrei correndo pelado pelo corredor do terceiro andar?

— Sim, já.

— Bom, acho que temos que tirá-lo dali.

— Ele não se mexe.

— Bem, ele está respirando. Acha que está ferido? Talvez a gente devesse chamar uma ambulância.

— Vamos precisar do corpo de bombeiros para cortar a grade e tirá-lo dali com aquelas coisas que usam em acidentes.

Kevin parece empolgado. Não quero o corpo de bombeiros nem os paramédicos. Gemo e me sento.

— Bom *dia*, sr. DeTamble — canta Roy. — O senhor chegou meio cedo, não?

— Só um pouquinho — concordo, puxando os joelhos até o queixo. Tenho tanto frio que meus dentes doem de tanto baterem. Observo Kevin e Roy, e eles me olham também. — Acho que não posso subornar os senhores.

Eles trocam olhares.

— Depende — diz Kevin — do que tem em mente. Não podemos ficar calados sobre isso porque não podemos tirar o senhor daí sozinhos.

— Não, não, eu não esperaria isso. — Eles parecem aliviados. — Olhem. Dou cem dólares a cada um se vocês fizerem duas coisas para mim. A

primeira é: eu gostaria que um de vocês fosse me comprar um café.

Roy abre aquele seu sorriso de Rei da Recepção.

— Caramba, sr. DeTamble, eu faço isso de graça. Claro, não sei como vai tomar.

— Traga um canudo. E não tire o café das máquinas no saguão. Vá à rua e traga café de verdade. Com creme, sem açúcar.

— Eu faço isso — diz Roy.

— Qual é a segunda coisa? — pergunta Kevin.

— Quero que suba nas Coleções Especiais e pegue umas roupas na minha mesa, na gaveta inferior da direita. Ganha pontos adicionais se conseguir fazer isso sem ninguém notar o que você está aprontando.

— Moleza — diz Kevin, e eu me pergunto por que nunca gostei dele.

— Melhor trancar essa escada — diz Roy a Kevin, que concorda com a cabeça e vai fazer isso. Roy está ao lado da Gaiola e me olha com pena. — Então, como entrou aí dentro?

Dou de ombros.

— Não tenho uma boa resposta para isso.

Roy ri, balança a cabeça.

— Pensa nisso, que vou buscar um café para você.

Passam-se uns vinte minutos. Finalmente, ouço uma porta sendo destrancada e Kevin desce a escada, com Matt e Roberto. Kevin me olha nos olhos e encolhe os ombros como se dizendo: *eu tentei*. Ele passa minha camisa pela grade da Gaiola, que eu visto enquanto Roberto fica parado me olhando friamente de braços cruzados. As calças são meio volumosas, e dá um pouco de trabalho metê-las na Gaiola. Matt está sentado na escada com uma expressão de dúvida. Ouço a porta tornar a abrir. É Roy, trazendo café e um pão doce. Ele coloca um canudo no meu café, que é posto no chão ao lado do pão. Preciso fazer força para tirar os olhos do café e olhar para Roberto, que se vira para Roy e Kevin e diz:

— Podem nos deixar a sós um pouco?

— Claro, dr. Calle.

Os seguranças sobem e saem no primeiro andar. Agora estou sozinho, preso numa armadilha e sem ter nenhuma explicação, diante de Roberto, a quem respeito muito e a quem menti repetidas vezes. Agora, só há a verdade, que é mais chocante do que quaisquer das minhas mentiras.

— Tudo bem, Henry — diz Roberto. — Vamos conversar.

HENRY: É uma manhã perfeita de setembro. Estou um pouco atrasado para o trabalho por causa de Alba (que não quis se vestir) e o metrô de superfície (que não quis passar), mas não muito, pelos meus padrões, pelo menos. Quando assino o ponto na recepção, Roy não está, é Marsha. Digo “Oi, Marsha, cadê o Roy?”, e ela diz “Ah, está tratando de um assunto”. Eu digo “Ah”, e tomo o elevador para ir ao quarto andar. Quando entro nas Coleções Especiais, Isabelle diz “Você está atrasado”, e eu digo. “Mas não muito.” Entro na minha sala, e Matt está parado na minha janela, olhando para o parque.

— Oi, Matt — digo, e Matt dá um pulo enorme.

— Henry! — ele diz, ficando pálido. — Como saiu da Gaiola?

Coloco a mochila na mesa e fico olhando para ele.

— A Gaiola?

— Você... Acabei de vir lá de baixo... você estava preso dentro da Gaiola, e o Roberto está lá embaixo... você me disse para vir cá em cima e esperar, mas não disse para quê...

— Meu Deus — sento na escrivaninha. — Ai, meu Deus. — Matt senta na minha cadeira e olha para mim. — Olhe, eu posso explicar... — começo.

— Pode?

— Claro. — Penso no assunto. — Eu... está vendo... ah, porra.

— É uma coisa muito esquisita, não, Henry?

— É, é, sim. — A gente olha um para o outro. — Olhe, Matt... vamos lá embaixo ver o que está acontecendo, e explico a você e Roberto juntos, está bem?

— Está.

Ficamos de pé e descemos.

Quando seguimos pelo corredor leste, vejo Roy fazendo hora perto da entrada da escada. Ele estremece ao me ver, e, quando está quase me perguntando o óbvio, ouço Catherine dizer:

— Oi, garotos, o que houve? — ao passar depressa por nós e tentar abrir a porta da escada. — Ei, Roy, por que não dá para abrir?

— Hum, bom, sra. Mead — Roy olha para mim —, estamos com um problema com, éé́é...

— Tudo bem, Roy — digo. — Venha, Catherine. Roy, você se incomoda de ficar aqui em cima? — Ele concorda com a cabeça e nos deixa passar para a escada.

Quando passamos, ouço Roberto dizer:

— Olhe, eu não entendo você ficar aí sentado me contando uma história de ficção científica. Se eu quisesse ficção científica, eu pediria uns livros emprestados a Amélia.

Ele está sentado nos últimos degraus e, quando chegamos por trás, ele se vira para ver quem é.

— Oi, Roberto — digo baixinho.

Catherine diz:

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. — Roberto se levanta, perde o equilíbrio e Matt o segura. Olho para a Gaiola, e lá estou eu. Estou sentado no chão, vestido com a camisa branca e a calça cáqui, abraçando os joelhos, obviamente congelado e faminto. Há uma xícara de café ao lado da Gaiola. Roberto, Matt e Catherine nos observam em silêncio.

— De quando você vem? — pergunto.

— Agosto de 2006. — Pego o café, seguro a xícara na altura do queixo, passo o canudo pelo lado da jaula. Ele chupa tudo. — Quer esse pão doce? — Ele quer. Parto o pão doce em três pedaços e empurro cada um para dentro. Tenho a sensação de estar no zoológico. — Você está ferido — digo.

— Machuquei a cabeça em alguma coisa — diz ele.

— Quanto tempo mais você vai ficar aí dentro?

— Mais ou menos meia hora. — Ele faz um gesto para Roberto. — Está vendo?

— O que está acontecendo? — pergunta Catherine.

Consulto meu eu.

— Quer explicar?

— Estou cansado. Vá em frente.

Então, explico. Explico o fato de eu ser um viajante do tempo, os aspectos práticos e genéticos disso. Explico como a coisa é mesmo um tipo de doença que não posso controlar. Explico sobre Kendrick, e como Clare e eu nos conhecemos, e tornamos a nos conhecer. Explico sobre eventos recorrentes, mecânica quântica, fótons e velocidade da luz. Explico sobre a sensação de viver fora das restrições do tempo a que a maioria dos humanos está sujeita. Explico sobre as mentiras, os furtos e o medo. Explico sobre a tentativa de ter uma vida normal.

— E um emprego normal faz parte de uma vida normal — concluo.

— Eu não chamaria realmente isso de vida normal — diz o meu eu, sentado na Gaiola.

Olho para Roberto, que está sentado na escada, com a cabeça encostada na parede. Tem um ar exausto e melancólico.

— Então — pergunto para ele. — Você vai me botar no olho da rua?

Roberto suspira.

— Não. Não, Henry. Não vou botar você no olho da rua. — Ele se levanta com cuidado e limpa as costas do casaco com a mão. — Mas não entendo por que não me contou isso tudo há mais tempo.

— Você não acreditaria — diz meu eu. — Não acreditou em mim agora, enquanto não viu.

— É... — começa Roberto, mas suas próximas palavras se perdem no estranho barulho que às vezes acompanha minhas idas e vindas. Viro e vejo um monte de roupas no chão da Gaiola. Voltarei mais tarde e pescarei as roupas com um cabide. Olho para Matt, Roberto e Catherine. Eles estão perplexos.

— Nossa — diz Catherine. — É como trabalhar com o Clark Kent.

— Eu me sinto o próprio Jimmy Olsen — diz Matt.

— Isso faz de você a Lois Lane — brinca Roberto com Catherine.

— Não, não, a Clare é a Lois Lane — retruca ela.

Matt diz:

— Mas a Lois Lane não sabia da relação Clark Kent/Super-Homem, ao passo que a Clare...

— Sem a Clare, eu teria desistido há muito tempo — digo. — Nunca entendi por que o Clark Kent estava tão determinado a manter Lois Lane na ignorância.

— Dá uma história melhor — diz Matt.

— Dá? Sei lá — respondo.

Sexta-feira, 7 de julho de 2006 (Henry tem 43 anos)

HENRY: Estou na sala de Kendrick, ouvindo sua explicação de por que não vai dar certo. Lá fora, faz um calor de rachar. Aqui dentro, está suficientemente refrigerado para me deixar todo arrepiado, encolhido nesta cadeira. Estamos sentados frente a frente, nas cadeiras de sempre. Em cima da mesa, há um cinzeiro cheio de filtros de cigarro. Kendrick andou acendendo um cigarro no outro. A luz está apagada, e a fumaça e o frio impregnam o ar. Quero beber alguma coisa. Quero gritar. Quero que Kendrick pare de falar para eu poder lhe fazer uma pergunta. Quero me levantar e sair. Mas fico sentado, ouvindo.

Quando Kendrick para de falar, de repente dá para notar os ruídos do prédio.

— Henry? Você ouviu o que eu disse?

Ajeito o corpo na cadeira e olho para ele como um aluno flagrado sonhando acordado.

— Hum, não.

— Perguntei se você entendeu por que não vai dar certo.

— Ah, sim. — Tento pôr a cabeça no lugar. — Não vai dar certo porque meu sistema imunológico está todo ferrado. E porque sou velho. E porque há muitos genes envolvidos.

— Certo. — Kendrick suspira e apaga o cigarro no monte de guimbas, fazendo com que o resto da fumaça logo se dissolva. — Sinto muito. — Ele se encosta na cadeira e entrelaça as mãos no colo. Penso na primeira vez em que estive com ele, aqui em sua sala, há oito anos. Ambos éramos mais jovens e mais marrentos, confiantes nos frutos da genética molecular, prontos a usar a ciência para confundir a natureza. Lembro como foi segurar na mão o ratinho de Kendrick que viaja no tempo, sentindo uma onda de esperança ao olhar para meu pequeno dublê branco. Penso na expressão no rosto de Clare quando eu disser a ela que não vai funcionar. Ela nunca achou que funcionaria, porém. Pigarreio.

— E a Alba?

Kendrick cruza os tornozelos e fica irrequieto.

— A Alba o quê?

— Daria certo para ela?

— Jamais vamos saber, vamos? A menos que a Clare mude de ideia quanto a me deixar trabalhar com o DNA da Alba. E ambos sabemos perfeitamente que a Clare tem pavor de terapia genética. Olha para mim como se eu fosse o Josef Mengele cada vez que tento discutir o assunto com ela.

— Mas tendo o DNA da Alba — digo —, você poderia criar uns ratos e pesquisar alguma coisa para ela, e quando ela fizer 18 anos, se quiser, pode tentar.

— Sim.

— Então, mesmo se eu estiver ferrado, pelo menos a Alba poderia se beneficiar algum dia.

— Sim.

— Tudo bem, então. — Fico de pé e esfrego as mãos, afasto a camisa de algodão do corpo onde ela ficou colada pelo suor de nervoso. — É o que vamos fazer.

Sexta-feira, 14 de julho de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Estou no ateliê fazendo papel *gampi*. É um papel tão fino que é transparente. Mergulho e tiro a *su-ketta* da tina, rodando até distribuir uniformemente a delicada pasta em sua superfície. Coloco a *su-ketta* no canto da tina para secar, e ouço Alba rindo, Alba correndo pelo jardim, Alba gritando:

— Mamãe! Olhe o que papai me deu! — Ela chega com estardalhaço correndo para mim, acompanhada de Henry, mais tranquilo. Olho para ver o porquê do barulho: sapatinhos vermelhos.

— São iguaizinhos aos da Dorothy! — diz Alba, fazendo uma pequena demonstração de sapateado no chão de madeira. Ela bate os calcanhares três vezes, mas não desaparece; afinal, já está em casa. Rio. Henry parece satisfeito consigo mesmo.

— Passou no correio? — pergunto.

Ele faz uma cara desapontada.

— Merda. Não, esqueci. Desculpe. Vou amanhã cedinho. — Alba gira pela sala, e Henry a detém. — Não, Alba. Você vai ficar tonta.

— Eu gosto de ficar tonta.

— Não é uma boa ideia.

Alba está de *short* e camiseta. Tem um band-aid na dobra do braço.

— O que aconteceu com seu braço? — pergunto para Alba.

Em vez de responder, ela olha para Henry, assim como eu.

— Não é nada — diz ele. — Ela estava chupando a pele e se deu um chupão.

— O que é chupão? — pergunta Alba. Henry começa a explicar, mas eu digo:

— Por que um chupão precisa de band-aid?

— Sei lá — diz ele. — Ela quis botar um.

Tenho uma premonição. Podem chamar de sexto sentido maternal. Vou até Alba.

— Vamos ver.

Ela aperta o braço junto ao corpo, segurando com o outro braço.

— Não tire o band-aid. Vai doer.

— Vou tomar cuidado. — Seguro seu braço com firmeza. Ela choraminga, mas estou determinada. Devagar, desdobro o braço, tiro o curativo com delicadeza. Há um furinho vermelho no centro de um hematoma. Alba diz:

— Está machucado, *não* — e eu a solto. Ela torna a colar o band-aid e me observa, esperando.

— Alba, por que não vai ligar para a Kimy e saber se ela quer vir jantar? — Alba sorri e sai correndo do ateliê. Um minuto depois, a porta dos fundos da casa bate. Henry está sentado na minha mesa de desenho, girando levemente de um lado para o outro em minha cadeira. Ele me observa. Espera que eu diga algo.

— Eu não acredito — digo afinal. — Como você foi capaz?

— Eu tive que fazer — diz Henry. Sua voz está calma. — Ela... eu não podia deixar a Alba sem, pelo menos... eu quis dar uma vantagem inicial a ela. Assim o Kendrick pode pesquisar isso, pesquisar para ela, por via das dúvidas. — Vou até ele, rangendo com minhas galochas e meu avental de borracha, e encosto na mesa. Henry inclina a cabeça, e quando a luz bate em seu rosto vejo as rugas em sua testa, em volta de sua boca, de seus olhos. Ele perdeu mais peso. Seus olhos estão imensos em seu rosto. — Clare, eu não contei a ela para que era aquilo. Você pode contar, quando... for a hora.

Faço que não com a cabeça.

— Ligue para o Kendrick e diga para parar.

— Não.

— Então, eu ligo.

— Clare, não...

— Você pode fazer o que quiser com o seu corpo, Henry, mas...

— Clare! — Henry pronuncia meu nome com os dentes cerrados.

— *O quê?*

— *Acabou*, tá bem? Estou *liquidado*. O Kendrick diz que não pode fazer mais nada.

— Mas... — faço uma pausa para absorver o que ele acabou de dizer. — Mas aí... o que acontece?

Henry balança negativamente a cabeça.

— Não sei. Provavelmente o que achamos que podia acontecer... acontece. Mas se é isso o que acontece, então... Não posso simplesmente deixar Alba sem tentar ajudar... ah, Clare, deixe eu fazer isso por ela! Pode

não dar certo, pode ser que ela nunca use isso... ela pode *adorar* viajar no tempo, pode nunca ficar perdida, nem com fome, pode nunca ser presa nem perseguida nem estuprada nem surrada, mas e se ela *não gostar*? E se quiser apenas ser uma garota normal? Clare? Ah, Clare, não chore... — Mas não consigo parar, fico chorando com meu avental de borracha, e afinal Henry se levanta e me abraça. — Não é que algum dia a gente vá estar livre disso, Clare — diz ele baixinho. — Só estou tentando fazer uma rede de segurança para ela. — Sinto suas costelas através da camisa. — Você vai permitir pelo menos que eu deixe isso para ela? — Faço que sim com a cabeça, e Henry beija minha testa. — Obrigado — diz, e recomeço a chorar.

Sábado, 27 de outubro de 1984 (Henry tem 43 anos, Clare, 13)

HENRY: Agora sei o fim. É assim: Estarei sentado no Campo, de manhã cedinho, no outono. Será um dia nublado e frio, e estarei vestido com um sobretudo de lã preta, botas e luvas. Será uma data que não está na Lista. Clare estará dormindo, em sua cama de solteira. Terá 13 anos.

Ao longe, um tiro ecoará no ar seco e frio. É a temporada de caça aos veados. Em algum canto, homens com trajes cor de laranja forte estarão sentados, esperando, atirando. Mais tarde, eles beberão cerveja e comerão os sanduíches que suas mulheres lhes prepararam.

O vento aumentará, agitando o pomar, desfolhando as macieiras. A porta dos fundos da Meadowlark House baterá, e duas figurinhas vestidas de laranja fluorescente aparecerão, carregando rifles pequenos. Philip e Mark caminharão em minha direção, entrando no Campo. Não me verão, porque estarei encolhido no capim alto, um ponto escuro e imóvel num campo bege e verde de outono. A uns 20 metros de mim, Philip e Mark sairão da trilha para a mata.

Eles pararão e ficarão escutando. Ouvirão antes de mim: um som de folhas ao vento e mato sendo mexido, algo andando na relva, algo grande e desajeitado, um lampejo branco — talvez um rabo? E a coisa virá na minha direção, na direção da clareira, e Mark levantará seu rifle, mirará cuidadosamente, apertará o gatilho e:

Ecoará um tiro, e depois um grito, um grito humano. E então tudo vai parar. Depois: “*Clare! Clare!*”. E aí, nada.

Ficarei sentado um instante, sem pensar, sem respirar. Philip estará correndo, e aí eu estarei correndo, e Mark também. Todos iremos para o mesmo lugar:

Mas não haverá nada. Sangue na terra, brilhante e espesso. Capim seco e amassado. Ficaremos nos olhando, sem nos reconhecer, em cima da terra vazia.

Na cama, Clare ouvirá o grito. Ouvirá alguém chamando seu nome, e se sentará com o coração aos pulos. Descerá e sairá correndo para o Campo, de camisola. Quando nos encontrar, vai parar, confusa. Por trás de seu pai e seu irmão, colocarei o dedo nos lábios. Enquanto Philip estiver se encaminhando para ela, eu me afastarei, ficarei no abrigo do pomar e verei Clare tremendo nos braços do pai, enquanto Mark está a postos, impaciente e perplexo, com uma barba de 15 anos no queixo. Ele vai olhar para mim como se puxasse pela memória.

Clare olhará para mim, e eu acenarei para ela. Ela vai acenar de volta ao retornar para a casa com o pai, magra, a camisola sacudindo ao redor dela como a de um anjo. Ela ficará cada vez menor, desaparecerá ao longe entrando na casa, enquanto estarei parado num pedaço de chão pisoteado e ensanguentado até saber que, em algum lugar por aí, estou morrendo.

OceanofPDF.com

O EPISÓDIO DO ESTACIONAMENTO DA RUA MONROE



Segunda-feira, 7 de janeiro de 2006 (Henry tem 43 anos)

HENRY: Está frio. Está frio demais, e estou deitado no chão em cima da neve. Onde estou? Tento me sentar. Não sinto meus pés, que estão dormentes. Estou num terreno baldio sem nenhuma árvore. Há quanto tempo estou aqui? É noite. Ouço o barulho do tráfego. Fico de quatro. Levanto os olhos. Estou no Grant Park. O prédio escuro do Art Institute está fechado a centenas de metros de neve virgem. Os belos edifícios da Michigan Avenue estão em silêncio. Há um fluxo contínuo de carros na Lake Shore Drive, com faróis cortando a noite. Em cima do lago, há uma tênue faixa de luz; a aurora vem rompendo. Tenho que sair daqui. Tenho que me esquentar.

Me levanto. Meus pés estão brancos e duros. Não os sinto nem consigo mexê-los, mas começo a andar. Vou aos tropeções pela neve, às vezes caindo e tornando a levantar. Prossigo sempre assim, sem parar, até que finalmente me arrasto. Cruzo uma rua desse jeito, desço uma escada de concreto me arrastando, agarrado ao corrimão. O sal entra onde minhas mãos e meus joelhos estão em carne viva. Vou me arrastando até um telefone público.

Sete toques. Oito. Nove.

— Alô — diz meu eu.

— Socorro — digo. — Estou no estacionamento da Monroe Street. Está um frio filho da puta aqui. Estou perto do posto da segurança. Venha me pegar.

— Tudo bem. Fique aí. Vamos sair já, já.

Tento botar o telefone no gancho, mas não acerto. Bato queixo descontroladamente. Vou me arrastando até o posto de segurança e fico martelando a porta. Não tem ninguém. Lá dentro, vejo monitores de vídeo, um aquecedor portátil, uma jaqueta, uma mesa, uma cadeira. Tento a maçaneta. Está trancada. Não tenho nada para abri-la. O vidro é reforçado. Estou tremendo sem parar. Não há carros aqui.

— Socorro! — grito. Ninguém vem. Fico todo encolhido na frente da porta, trago os joelhos até o queixo, envolvo os pés com as mãos. Ninguém vem, e aí, finalmente, finalmente, desapareço.

OceanofPDF.com

FRAGMENTOS



Segunda, terça e quarta-feira, 25, 26 e 27 de setembro de 2006
(Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Henry passou o dia todo sumido. Alba e eu fomos jantar no McDonald's. Jogamos cartas. Alba desenhou uma menina de cabelo comprido empinando um cachorro no ar. Escolhemos o vestido com que ela vai ao colégio amanhã. Agora ela foi para a cama. Estou sentada na varanda da frente tentando ler Proust; ler em francês me dá sono e estou quase dormindo quando ouço um estrondo na sala. Encontro Henry no chão tremendo, pálido e gelado...

— Socorro — diz batendo queixo, e corro para o telefone.

Mais tarde:

A sala de emergência — uma cena de limbo fluorescente: idosos cheios de mazelas, mães e suas crianças pequenas com febre, adolescentes com amigos sendo operados para extrair balas de vários membros, que vão impressionar as garotas mais tarde com isso, mas que agora estão calados e cansados.

Mais tarde:

Num quartinho branco, enfermeiras colocam Henry numa cama e retiram sua manta. Ele abre os olhos, nota a minha presença e torna a fechá-los. Um residente louro examina Henry. Uma enfermeira tira a sua temperatura e mede o pulso. Henry treme com tanta violência que a cama se sacode e o braço da enfermeira vibra como as camas vibratórias de motéis dos anos 70. O residente examina as pupilas, os ouvidos, o nariz, os dedos das mãos, dos pés e a genitália de Henry. Começam a enrolá-lo em mantas e em algo metálico semelhante a papel laminado. Envolvem seus pés em compressas frias. O quartinho está muito quente. Henry torna a abrir os olhos. Tenta dizer alguma coisa que soa como o meu nome. Meto minhas mãos debaixo das cobertas e seguro suas mãos geladas. Olho para a enfermeira.

— Precisamos aquecer seu corpo, fazer sua temperatura subir — diz ela. — Depois, vamos ver.

Mais tarde:

— Como ele foi arranjar uma hipotermia em setembro? — pergunta o residente.

— Não sei — respondo. — Pergunte a ele.

Mais tarde:

É de manhã. Charisse e eu estamos na cafeteria do hospital. Ela come pudim de chocolate. Lá em cima no quarto, Henry dorme. Kimy toma conta dele. Tenho duas torradas no prato; estão encharcadas de manteiga e intocadas. Alguém senta ao lado de Charisse; é Kendrick.

— Boas notícias — diz —, a temperatura dele subiu para 36,5. Parece que não há nenhum dano no cérebro.

Não consigo dizer nada. *Obrigada, meu Deus*, é tudo o que penso.

— Tudo bem, éé... eu vou voltar a ver como estão as coisas quando terminar no Rush St. Luke's — diz Kendrick, ficando de pé.

— Obrigada, David — digo quando ele está para ir embora, e Kendrick sorri e sai.

Mais tarde:

A Dra. Murray entra com uma enfermeira indiana cujo crachá diz Sue. Sue traz uma bacia grande, um termômetro e um balde. O que quer que esteja para acontecer, vai ser na base da tecnologia primitiva.

— Bom dia, sr. DeTamble, sra. DeTamble. Vamos reaquecer seus pés. — Sue pousa a bacia no chão e entra em silêncio no banheiro. A água corre. A dra. Murray é muito grande e tem um maravilhoso penteado bolo de noiva que só algumas negras imponentes e belas têm direito de usar. Seu corpo vai afinando a partir da bainha do guarda-pó branco e termina em dois pés perfeitos calçados em escarpins de crocodilo. Ela tira uma seringa e uma ampola do bolso, e começa a extrair o conteúdo da ampola para a seringa.

— O que é isso? — pergunto.

— Morfina. O procedimento vai doer. Seus pés já estão praticamente perdidos. — Ela pega delicadamente o braço de Henry, que o entrega em silêncio como se tivesse perdido o braço em um jogo de pôquer. Tem a mão leve. A agulha entra e ela aperta o êmbolo; pouco depois, Henry dá um pequeno gemido agradecido. A dra. Murray retira as compressas frias dos pés de Henry e Sue aparece com a água quente. Ela a pousa no chão ao lado da cama. A dra. Murray abaixa a cama, e as duas colocam Henry numa posição sentada. Sue mede a temperatura da água. Enche a bacia com a água e mergulha os pés de Henry. Ele dá uma arfada.

— Qualquer tecido que vá escapar ficará vermelho-vivo. Se não ficar cor de lagosta, é um problema.

Observo os pés de Henry boiando na bacia de plástico amarelo. Eles estão brancos como a neve, brancos como mármore, brancos como titânio, brancos como papel, brancos como fantasma, brancos como nuvens, brancos como o branco pode ser. Sue troca a água à medida que os pés de Henry a esfriam. O termômetro marca 41 graus. Em cinco minutos, cai para 32 e Sue torna a trocar a água. Os pés de Henry boiam como peixes mortos. Lágrimas descem por sua cara e desaparecem embaixo de seu queixo. Enxugo seu rosto. Afago sua cabeça. Observo se seus pés ficam vermelho-vivo. É como esperar a revelação de uma foto, vendo a imagem passar lentamente do branco ao preto na bacia de elementos químicos. Surge um rubor nos tornozelos de ambos os pés. Ele se espalha em manchas pelo calcanhar esquerdo, e, finalmente, alguns dos dedos do pé enrubescem timidamente. O pé direito teima em continuar branco. Um tom de rosa chega sem muita vontade até abaixo dos dedos e não vai adiante. Uma hora depois, a dra. Murray e Sue secam cuidadosamente os pés de Henry, e Sue coloca chumaços de algodão entre seus dedos. Elas o põem de novo na cama e colocam uma armação sobre seus pés para que nada encoste neles.

A noite seguinte:

É muito tarde da noite e estou vendo Henry dormir, sentada ao lado de sua cama no Mercy Hospital. Gomez está numa cadeira do outro lado e também dorme. Gomez dorme com a cabeça caída para trás e a boca aberta, e a toda hora solta um pequeno ronco e vira a cabeça.

Henry está imóvel e em silêncio. A máquina de soro faz bipe. No pé da cama, um dispositivo semelhante a uma tenda mantém os cobertores afastados do local onde deveriam estar os pés de Henry, mas eles não estão mais lá. A geladura os arruinou. Os pés foram amputados acima dos tornozelos hoje de manhã. Não consigo imaginar, tento não imaginar, o que há embaixo das cobertas. As mãos enfaixadas de Henry estão em cima das cobertas e eu pego uma delas, sentindo como está fria e seca, como bate o pulso, como a mão de Henry é palpável. Após a cirurgia, a dra. Murray me perguntou o que eu queria que ela fizesse com os pés de Henry. *Que os reimplantasse* parecia a resposta correta, mas apenas dei de ombros e olhei para o outro lado.

Uma enfermeira entra sorrindo para mim e aplica a injeção em Henry. Segundos depois, ele suspira, à medida que a droga toma conta de seu cérebro, e se vira para mim. Seus olhos abrem muito ligeiramente, depois ele torna a adormecer.

Quero rezar, mas não consigo me lembrar de nenhuma oração, a única coisa que me vem à mente é *Unidunitê salamê minguê, um sorvete colorê, unidunitê.* Ai, meu Deus, por favor, não faça isso comigo. *But the Snark was a boojum*.[17] Não. Nada vem. *Envoyez chercher le médecin. Qu'avez vous? Il faudra aller à l'hôpital. Je me suis coupé assez fortement. Otez le bandage et laissez-moi voir. Oui, c'est une coupure profunde*.

Não sei que horas são. Lá fora, está clareando. Coloco a mão de Henry de novo sobre o cobertor. Ele a puxa para o peito, de uma forma protetora.

Gomez boceja e se espreguiça, estalando os nós dos dedos.

— Bom dia, gatinha — diz, fica de pé e vai com um passo pesado para o banheiro. Ouço Gomez fazer pipi enquanto Henry abre os olhos.

— Onde estou?

— No Mercy. 27 de setembro de 2006.

Henry olha para o teto. Depois, lentamente, fica sentado usando os travesseiros como apoio e olha para o pé da cama. Inclina-se à frente, metendo as mãos embaixo do cobertor. Fecho os olhos.

Henry começa a gritar.

Terça-feira, 17 de outubro de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Henry já saiu do hospital há uma semana. Passa os dias encolhido na cama, virado para a janela, entrando e saindo do torpor induzido pela morfina. Tento dar sopa, torradas e macarrão com queijo para ele comer, mas Henry não come muito. Também não fala muito. Alba ronda por ali, calada e ansiosa para agradar, para trazer para o pai uma laranja, um jornal, seu ursinho de pelúcia; mas Henry apenas sorri distraído e o montinho de presentes permanece sem uso em sua mesa de cabeceira. Uma enfermeira enérgica chamada Sonia Browne vem uma vez por dia para trocar os curativos e dar conselhos, mas tão logo ela entra em seu Fusca, Henry se afunda na apatia. Ajudo Henry a usar a comadre. Obrigo que troque o pijama. Pergunto como ele se sente, de que precisa, e ele me responde vagamente, ou nem responde. Embora esteja na minha frente, Henry desapareceu.

Estou no corredor passando pelo quarto com um cesto de roupa suja nos braços e, pela porta ligeiramente entreaberta, vejo Alba ao lado de Henry, que está encolhido na cama. Paro e observo. Ela está imóvel, os braços caídos ao longo do corpo, as tranças pretas balançando nas costas, a gola olímpica do suéter deformada pelo uso. A luz da manhã toma conta do quarto e banha tudo de amarelo.

— Papai? — diz Alba, baixinho. Henry não reage. Ela tenta de novo, mais alto. Henry se vira para ela e vira de costas. Alba senta na cama. Henry está de olhos fechados.

— Papai?

— Hum?

— Você está morrendo?

Henry abre os olhos e focaliza Alba.

— Não.

— Alba disse que você morreu.

— Isso é no futuro, Alba. Ainda não. Diga a Alba que ela não deve te contar esse tipo de coisa.

Henry passa a mão na barba que anda crescendo desde que ele saiu do hospital. Alba está sentada com as mãos cruzadas no colo e pernas juntas.

— Você vai ficar o tempo todo na cama agora?

Henry se coloca mais para cima de modo que fica recostado na cabeceira.

— Talvez. — Ele cata na gaveta da mesa de cabeceira, mas os analgésicos estão no banheiro.

— Por quê?

— Porque me sinto uma merda, *está bem*?

Alba se afasta de Henry e sai da cama.

— Está bem! — diz, e quase se choca comigo ao abrir a porta. Ela se assusta e depois se abraça à minha cintura, sem dizer nada. Eu a pego no colo, agora tão pesada em meus braços. Levo Alba para o seu quarto, sentamos na cadeira de balanço e ficamos balançando juntas, com seu rosto quente encostado em meu pescoço. O que posso lhe dizer, Alba? O que posso dizer?

Quarta e quinta-feira, 18 e 19 de outubro, e quinta-feira, 26 de outubro de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Estou parada no ateliê com um rolo de arame de armação e um monte de desenhos. Limpei a mesa grande de trabalho, e os desenhos estão

cuidadosamente espetados na parede. Agora, tento visualizar a peça. Tento imaginá-la em forma tridimensional. Tamanho natural. Corto um pedaço de arame, que salta do rolo enorme, e começo a formar um torso. Formo ombros, caixa torácica e uma pelve de arame. Faço uma pausa. Quem sabe os braços e as pernas devam ser articulados? Devo fazer pés ou não? Começo a fazer uma cabeça, depois vejo que não quero nada disso. Empurro tudo para baixo da mesa e recomeço, com mais arame.

Como um anjo. *Todo anjo é terrível. No entanto, ai de mim, eu vos invoco, pássaros quase mortais da alma...* São só as asas que eu quero dar para ele. Desenho as asas no ar com o arame, fazendo curvas e criando formas. Meço com os braços para criar uma envergadura e repito o processo, invertido como no espelho, para a segunda asa, comparando a simetria como se eu estivesse cortando o cabelo de Alba, medindo a olho, sentindo o peso, as formas. Prendo as asas numa dobradiça, depois subo na escada e penduro o conjunto no teto. Elas flutuam na altura do meu peito, dois metros e meio de ponta a ponta, graciosas, decorativas, inúteis.

A princípio, imaginei branco, mas agora vejo que não é bem isso. Abro o armário de pigmentos e tinturas. Azul-marinho, amarelo-ocre, terra de sombra, verde de cromo, vermelho-alaranjado. Não. Cá está: óxido de ferro vermelho. Cor de sangue seco. Um anjo terrível não seria branco, ou seria mais branco do que qualquer branco que eu possa fazer. Ponho o vidro na bancada, junto com o carvão animal. Vou até os fardos de fibra que ficam no fundo do ateliê. *Kozo* e linho; transparência e flexibilidade, uma fibra que se agita como dentes batendo combinada com uma que é macia como lábios. Peso um quilo de *kozo*, uma casca de árvore firme e resistente que precisa ser cozida e batida, quebrada e triturada. Aqueço a água na imensa panela que cobre dois queimadores do fogão. Quando levanta a fervura, acrescento o *kozo* e observo quando ele escurece e começa aos poucos a absorver água. Acrescento uma medida de carbonato de sódio anidro, tampo a panela e ligo o exaustor. Pico em pedacinhos meio quilo de linho branco, encho e ligo a batedeira de água para transformar o linho numa polpa branca fina. Aí, faço um café e fico olhando pela janela para a casa do outro lado do jardim.

Naquele momento:

HENRY: Minha mãe está sentada na ponta da minha cama. Não quero que ela saiba a respeito dos meus pés. Fecho os olhos e finjo estar dormindo.

— Henry? — diz ela. — Sei que está acordado. Vamos, amigo, é hora de levantar.

Abro os olhos. É Kimy.

— Hum. Bom dia.

— São 2:30 da tarde. Você devia sair da cama.

— Não posso sair da cama, Kimy. Não tenho pés.

— Você tem cadeira de rodas — diz ela. — Vamos, você precisa de um banho, precisa fazer a barba. Ugh, está com cheiro de velho. — Kimy se levanta, com uma cara muito soturna. Ela me descobre e fico ali feito um camarão descascado, frio e flácido na luz da tarde. Kimy faz cara feia para me obrigar a sentar na cadeira de rodas, e me leva até a porta do banheiro, que é estreita demais para dar passagem para a cadeira.

— Tudo bem — diz Kimy, parada na minha frente com as mãos nas cadeiras. — Como vamos resolver isso, hein?

— Sei lá, Kimy. Eu sou só o perneta, não tenho nada a ver com isso.

— Que palavra é essa, *perneta*?

— É uma gíria ainda pior para se referir a um aleijado.

Kimy me olha como se eu tivesse oito anos e tivesse usado a palavra *porra* em sua presença (eu não sabia o que significava, só sabia que era proibido).

— Acho que a palavra certa é *deficiente,* Henry. — Ela se inclina e desabotoa o paletó do meu pijama.

— Eu tenho *mãos* — digo e termino de me desabotoar. Ranzinza, Kimy vira de costas de maneira brusca e abre a torneira, regula a temperatura, tampa a banheira. Cata no armário de remédios e tira meu barbeador, o sabão de barba, o pincel de pelo de castor. Não consigo imaginar como sair da cadeira de rodas. Decido tentar escorregar do assento; empurro a bunda para frente, empino as costas e escorrego para o chão. Torço o ombro esquerdo e caio sentado, mas não é muito ruim. No hospital, a fisioterapeuta, uma jovem chamada Penny Featherwight que me encorajava, tinha muitas técnicas para entrar e sair da cadeira, mas todas tinham a ver com situações cadeira/cama e cadeira/cadeira. Agora, estou sentado no chão e a banheira está mais alta que eu, como os penhascos brancos de Dover. Olho para Kimy, 82 anos, e vejo que estou por minha conta, nessa. Ela olha para mim e é um olhar só de pena. Penso *porra, tenho que fazer isso de algum jeito, não posso deixar Kimy olhar assim para mim.* Tiro as calças do pijama e começo a desenrolar as ataduras que cobrem os curativos em

minhas pernas. Kimy olha para seus dentes no espelho. Estico o braço por cima da lateral da banheira e testo a água do banho.

— Se jogar umas ervas aí dentro, dá para ter perneta ensopado para o jantar.

— Quente demais? — pergunta Kimy.

— Sim.

Kimy regula as torneiras e sai do banheiro, empurrando a cadeira de rodas. Tiro com cuidado os curativos da perna direita. Por baixo das compressas, a pele está pálida e fria. Ponho a mão na parte dobrada, a carne que cobre o osso. Acabei de tomar um Vicodin agora mesmo. Me pergunto se posso tomar mais um, sem que Clare note. O vidro deve estar ali no armário de remédios. Kimy volta trazendo uma das cadeiras da cozinha e coloca ao meu lado. Tiro o curativo da outra perna.

— Ela fez um bom trabalho — diz Kimy.

— A dra. Murray? Sim, melhorou muito, está muito mais aerodinâmico.

Kimy ri. Peço que pegue catálogos telefônicos na cozinha. Quando ela os coloca ao lado da cadeira, eu me ergo e sento em cima deles. Aí passo com dificuldade para a cadeira, e meio que caio/rolo para dentro da banheira. Uma enorme onda de água espirra para o chão. Estou na banheira. Aleluia. Kimy fecha a água e seca as pernas dela com uma toalha. Afundo.

Mais tarde:

CLARE: Depois de horas de cozimento, escorro o *kozo* e ele também entra na batedeira. Quanto mais for batido, mais fino e resistente ficará. Depois de quatro horas, acrescento fixador, argila, pigmento. A polpa bege de repente fica um vermelho-terra escuro. Esvazio o conteúdo da batedeira em alguns baldes e depois despejo a polpa para uma tina. Quando volto para a casa, Kimy está na cozinha fazendo a caçarola de atum que leva batata palha por cima.

— Como foi? — pergunto.

— Ótimo. Ele está na sala.

Há um rastro de água entre o banheiro e a sala com pegadas do tamanho do pé de Kimy. Henry dorme no sofá com um livro aberto no peito. As *Ficciones*, de Borges. Está barbeado e com o cabelo grisalho molhado todo espetado. Eu me debruço sobre ele para sentir seu cheiro de limpo. Alba está conversando com seu ursinho de pelúcia no quarto. Por um momento, tenho a sensação de que *eu* viajei no tempo, como se este fosse um

momento desgarrado do *antes,* mas aí, meus olhos percorrem o corpo de Henry até a ponta plana do cobertor, e eu sei que só estou aqui e agora.

Chove na manhã seguinte. Abro a porta do ateliê e as asas de arame me esperam, flutuando na luz cinzenta da manhã. Ligo o rádio e ouço os estudos para piano de Chopin, que vão e vêm como ondas na areia. Calço botas de borracha, ponho uma bandana para o cabelo não cair na polpa e um avental de plástico. Molho com a mangueira meu quadro de teca e latão preferido, destampo a tina, preparo um feltro para colocar o papel em cima. Meto a mão na tina e agito a pasta vermelho-escura para misturar a fibra e a água. Tudo pinga. Mergulho o quadro na tina e cuidadosamente trago para cima, horizontalmente, com água pingando. Coloco o quadro no canto da tina para que a água escorra, deixando uma camada de fibra na superfície. Retiro o quadro e pressiono o molde no feltro, mexendo com delicadeza até retirá-lo, deixando apenas o papel no feltro, delicado e lustroso. Cubro o papel com feltro, molho, e de novo mergulho o quadro, tiro da tina para escorrer e coloco no feltro. Me deixo levar pela repetição, a música do piano pairando sobre a água batendo, pingando e espirrando. Quando tenho uma pilha de papel e feltro, coloco na prensa de papel. Depois, volto para a casa e como um sanduíche de presunto. Henry está lendo. Alba está na escola.

Depois do almoço, fico na frente das asas com minha pilha de papel recém-feita. Vou cobrir a armação com uma membrana de papel. O papel está molhado e escuro, querendo rasgar, mas cai delicadamente sobre as formas de arame como pele. Torço o papel formando tendões e ligamentos que se misturam. As asas agora são as de um morcego, a marca do arame é visível embaixo da fina superfície de papel. Seco o papel que ainda não usei, aquecendo em chapas de aço. Aí começo a rasgá-lo em tiras, em plumas. Quando as asas secarem, vou costurar essas tiras, uma a uma. Começo a pintá-las de preto, cinza e vermelho. Plumagem para o anjo terrível, o pássaro mortal.

Uma semana depois, à noite:

HENRY: Clare me convenceu a me arrumar à base de elogios e recrutou Gomez para me carregar de casa até o ateliê, no outro extremo do jardim. O ateliê está iluminado com velas; há provavelmente mais de cem nas mesas, no chão e nos peitoris. Gomez me coloca no sofá do ateliê e volta para a casa. Tem um lençol branco pendurado no teto no meio da sala. Eu me viro

para ver se há um projetor, mas não vejo nenhum. Clare está usando um vestido escuro, e suas mãos flutuam brancas e soltas quando ela anda pela sala.

— Quer um café? — ela me pergunta. Não tomo café desde o hospital.

— Claro — respondo. Ela serve duas xícaras, acrescenta creme e me traz um. A sensação da xícara quente é agradável em minha mão.

— Fiz uma coisa para você — diz Clare.

— Pés? Uns pés viriam a calhar.

— Asas — ela diz, deixando o lençol branco cair no chão.

As asas são imensas e flutuam no ar, oscilando à luz das velas. São mais escuras do que o escuro, ameaçadoras, mas também lembram anseio, liberdade, avanço no espaço. A sensação de estar firme em pé, *nos meus próprios pés*, de correr, correr como voar. Os sonhos de pairar, de voar como se a gravidade tivesse sido anulada e agora permitisse que eu ficasse a uma certa distância da terra, esses sonhos voltam a mim no lusco-fusco do ateliê. Clare senta-se ao meu lado. Sinto seu olhar sobre mim. As asas de pontas irregulares estão em silêncio. Não consigo falar. *Siehe, ich lebe. Woraus? Weder Kindheit noch Zukunft/werden weniger... Überzähliges Dasein/ entspringt mir Herzen. (Vivo. De quê? Infância ou futuro/ não decrescem... Uma caudalosa existência transborda em meu coração.)*

— Me beije — diz Clare, e viro para ela, com seu rosto branco e lábios escuros flutuando na penumbra, e afundo, voo, sou libertado: a existência transborda em meu coração.

[17] Referência ao poema nonsense de Lewis Carroll, “The Hunting of the Snark”, que fala de um grupo de aventureiros à caça de um animal lendário. Boojum é uma categoria de Snark, o referido animal. (N. da T.)

OceanofPDF.com

SONHO COM PÉS



Outubro/novembro de 2006
(Henry tem 43 anos)

HENRY: Sonho que estou na Newberry, dando uma aula para uns alunos da pós-graduação do Columbia College. Estou mostrando para eles os incunábulos, os primeiros livros impressos. Mostro o Fragmento de Gutemberg, o *Game and Play of Chess,* de Caxton, o *Eusebius*, de Jensen. A aula está indo bem, eles fazem perguntas boas. Procuro no carrinho um livro especial que acabei de encontrar no depósito, algo que nunca soube que tínhamos. Está numa caixa vermelha pesada. Não tem título, só o número de localização, ALA fZX983.D 453, gravado em ouro embaixo da insígnia da Newberry. Ponho a caixa na mesa e arrumo o feltro. Abro a caixa, e ali, cor-de-rosa e perfeitos, estão os meus pés. São surpreendentemente pesados. Quando coloco meus pés sobre o feltro, os dedos todos se agitam, para dizer Oi, para me mostrar que ainda conseguem fazer isso. Começo a falar sobre eles, explicando a relevância dos meus pés na tipografia veneziana do século XV. Os alunos tomam notas. Um deles, uma loura bonitinha com um *top* de paetês cheio de brilhos, aponta para os meus pés e diz:

— Olhe, eles estão completamente brancos! — E é verdade, a pele ficou de um branco cadavérico, os pés estão sem vida e podres. Com tristeza, penso em mandá-los para a Conservação amanhã cedinho.

No sonho, estou correndo. Está tudo bem. Corro à beira do lago, da Oak Street Beach, para norte. Sinto o coração batendo, os pulmões se enchendo e esvaziando tranquilamente. Vou indo em frente. Que alívio, penso. Eu estava com medo de nunca mais tornar a correr, mas cá estou eu, correndo. É maravilhoso.

Mas as coisas começam a dar errado. Partes do meu corpo despencam. Primeiro cai o meu braço esquerdo. Paro e recolho na areia, limpo e coloco no lugar, mas meu braço não está muito bem preso e torna a cair depois de meia hora. Então, levo com o outro braço, pensando que, talvez, quando eu chegar em casa, possa prender melhor. Mas aí, cai o outro braço, e não tenho nenhum outro nem para pegar os que perdi. Então, continuo correndo.

Não é muito ruim; não dói. Logo me dou conta de que meu pau se deslocou e desceu pela perna direita das calças de corrida, onde fica batendo de uma forma irritante, preso pelo elástico do tornozelo. Mas não posso fazer nada a respeito, então, não dou bola. Aí, sinto que meus pés estão todos quebrados feito asfalto dentro dos meus sapatos, e então eles quebram nos tornozelos, o que me faz cair de cara no chão na pista. Sei que se eu ficar ali, serei pisoteado por outros corredores, então começo a rolar. Fico rolando até cair no lago, onde as ondas me engolem, e acordo ofegante.

Sonho que estou num balé. Sou a bailarina principal. Estou em meu camarim sendo envolvido em tule rosa por Bárbara, que era a camareira de mamãe. Bárbara é osso duro de roer; embora eu esteja com uma dor desgraçada nos pés, não me queixo quando ela enfia os cotos em compridas sapatilhas de ponta. Quando ela termina, fico de pé cambaleando e grito. "Não seja fresco", diz Bárbara, mas aí ela fica com pena e me dá uma injeção de morfina. Tio Ish aparece na porta do camarim, e corremos por intermináveis corredores dos bastidores. Sei que meus pés doem, embora não os veja nem os sinta. Continuamos correndo até chegarmos ao palco, onde vejo que o balé é *O Quebra-nozes,* e eu sou a Fada Açucarada. Por alguma razão, isso realmente me irrita. Não é o que eu esperava. Mas alguém me dá um empurrãozinho, e vou cambaleando para o palco. E danço. Fico ofuscado pelas luzes, danço automaticamente, sem saber os passos, num êxtase de dor. Afinal, caio de joelhos, soluçando, e a plateia se levanta, e aplaude de pé.

Sexta-feira, 3 de novembro de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Henry segura uma cebola, olha sério para mim e diz: — *Isto...* é uma cebola.

Faço que sim com a cabeça.

— Sim. Já li a respeito.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Muito bem, Agora para descascar uma cebola, pegue uma faca afiada, ponha a dita cebola de lado sobre uma tábua e elimine cada ponta, assim. Então, você pode descascar a cebola desse jeito. Tudo bem. Agora, corte transversalmente. Se estiver fazendo rodelas de cebola, basta separar as fatias, mas se estiver fazendo sopa ou molho de espaguete, ou alguma outra coisa, tem que picar, assim...

Henry decidiu me ensinar a cozinhar. Todas as bancadas e todos os armários da cozinha são muito altos para ele na cadeira de rodas. Sentamos à mesa da cozinha, rodeados de tigelas e facas e latas de molho de tomate. Henry empurra a tábua e a faca para mim na mesa, e me levanto para picar a cebola toda sem jeito. Henry observa pacientemente.

— Tudo bem, ótimo. Agora, pimentões verdes: passe a faca aqui em volta, depois puxe o cabo.

Fazemos molho *marinara*, *pesto*, lasanha. Outro dia, são *cookies* com pedaços de chocolate, *brownies*, *creme brulée*. Alba está no céu.

— Mais sobremesa — implora. Cozinhamos ovos e salmão, fazemos pizza partindo do zero. Devo confessar que isso até que é divertido. Mas fico apavorada na primeira noite em que faço o jantar sozinha. Estou parada na cozinha, cercada de panelas e frigideiras, os aspargos passaram do ponto e me queimo tirando o peixe do forno. Ponho tudo em bandejas e levo para a sala de jantar, onde Henry e Alba estão sentados em seus lugares. Henry sorri, de uma forma encorajadora. Me sento. Henry ergue o copo de leite:

— À nova cozinheira! — Alba toca o copo no dele, e começamos a comer. Olho furtivamente para Henry comendo. E, ao comer, vejo que tudo está gostoso.

— Está bom, mamãe! — diz Alba, e Henry balança a cabeça positivamente.

— Uma maravilha, Clare — diz Henry, e nos olhamos e eu penso: *Não me deixe.*

OceanofPDF.com

O QUE VAI VOLTA



Segunda-feira, 18 de dezembro de 2006/domingo, 2 de janeiro de 1994
(Henry tem 43 anos)

HENRY: Acordo no meio da noite com mil insetos de dentes afiados me roendo as pernas e, antes mesmo de conseguir tirar um Vicodin do vidro, começo a despencar. Estou dobrado no chão, mas não é o nosso, é outro chão em outra noite. Onde estou? A dor deixa tudo cintilante, mas está escuro, e tem o cheiro de alguma coisa que me faz lembrar... o quê? Descolorante de cabelo. Suor. Perfume, tão familiar... mas não poderia ser..

Passos subindo a escada, vozes, uma chave destrancando várias fechaduras *(onde posso me esconder?)* e a porta abre. Vou me arrastando no chão enquanto a luz acende e explode em minha cabeça como uma lâmpada de flash. Uma mulher sussurra: "Ai meu deus." Penso *Não, isso não pode estar acontecendo,* e a porta fecha. Ouço Ingrid dizer "Celia, você tem que ir", e Celia protesta. Enquanto elas estão do lado de fora discutindo a respeito disso, olho em volta em desespero, mas não há saída. Deve ser o apartamento de Ingrid na Clark Street onde eu nunca estive, mas aqui estão todas as coisas dela, tudo mais alto que eu: a cadeira Eames, a mesinha curva atulhada de revistas de moda, o feio sofá laranja que em que a gente... Olho furiosamente em volta à procura de algo para vestir, mas o único pano nesta sala minimalista é uma manta de desenho geométrico que não combina com o sofá, que eu pego para me enrolar. Pego a manta e me enrolo nela, elevo meu corpo até o sofá, e Ingrid torna a abrir a porta. Ela fica parada um bom tempo me olhando, e eu faço o mesmo. A única coisa em que consigo pensar é ah, Ing, por que ficou assim?

A Ingrid que vive em minha memória é a diva loura incandescente e estilosa que conheci na festa de Quatro de Julho do Jimbo em 1988; Ingrid Carmichel era arrasadora, intocável e fechada numa reluzente armadura de riqueza, beleza e tédio. A Ingrid que me olha agora é magra demais, sofrida e cansada; está parada com a cabeça de lado e me olha com espanto e desprezo. Nenhum de nós parece saber o que dizer. Afinal, ela tira o casaco, joga na cadeira e senta na outra ponta do sofá. Usa calças de couro. Elas rangem um pouco quando ela senta.

— Henry.

— Ingrid.

— O que faz aqui?

— Não sei. Sinto muito. Eu só... bom, você sabe.

Dou de ombros. Minhas pernas doem tanto que, para mim, quase tanto faz onde estou.

— Sua cara está péssima.

— Estou sofrendo de dor.

— Engraçado. Eu também.

— Quero dizer dor física.

— Por quê?

Se dependesse de Ingrid, eu poderia estar sofrendo uma combustão espontânea na frente dela. Puxo a manta e revelo meus cotos.

Ela não recua nem arfa. Não desvia o olhar e, quando o faz, me encara e eu vejo que Ingrid, logo ela, entende perfeitamente. Por processos totalmente distintos, chegamos à mesma situação. Ela se levanta, vai para a outra sala e, ao voltar, vem trazendo sua velha caixa de costura. Tenho um surto de esperança, que é justificado: ao sentar, Ingrid abre a tampa e é exatamente como nos velhos tempos, há uma farmácia completa ali dentro com as almofadas de alfinetes e os dedais.

— O que quer? — pergunta Ingrid.

— Um entorpecente. — Ela cata num saco plástico cheio de pílulas e me oferece várias opções; vejo um Ultram e pego dois. Depois que os engulo em seco, ela me dá um copo d'água e eu bebo.

— Bom. — Ingrid corre as compridas unhas vermelhas pelo longo cabelo louro. — De quando você vem?

— Dezembro de 2006. Que dia é hoje?

Ingrid consulta o relógio.

— *Era* o dia de ano-novo, mas agora é 2 de janeiro de 1994.

Ah, não. Por favor, não.

— O que foi? — pergunta Ingrid.

— Nada. — Hoje é o dia em que Ingrid vai se suicidar. O que posso lhe dizer? Posso detê-la? E se eu chamar alguém? — Olhe, Ing, eu só quero dizer... — Hesito. O que posso lhe contar sem apavorá-la? Tem importância, agora? Agora que ela morreu? Embora ela esteja sentada bem aqui?

— O quê?

Estou suando.

— Cuide de você mesma. Não... quer dizer, eu sei que você não é muito feliz...

— E de quem é a culpa? — Sua boca pintada de batom vermelho vivo está franzida. Não respondo. É minha culpa? Não sei direito. Ingrid me olha como se esperasse uma resposta. Olho para o pôster de Maholy-Nagy na parede em frente. — Henry? — diz Ingrid. — Por que você foi tão mau comigo?

Meu olhar custa a voltar de novo para ela.

— Fui? Eu não queria ter sido.

Ingrid balança a cabeça negativamente.

— Você não estava nem aí se eu vivia ou morria.

Ah, Ingrid.

— Estou, sim. Não quero que você morra.

— Você não estava nem aí. Você me deixou e nunca foi ao hospital.

Ingrid fala como se as palavras a sufocassem.

— Sua família não quis que eu fosse. Sua mãe me disse para eu me afastar.

— Você devia ter ido.

Suspiro.

— Ingrid, seu *médico* me disse que eu não podia te visitar.

— Perguntei e disseram que você nunca telefonou.

— Telefonei. Disseram que você não queria falar comigo, e que eu não telefonasse mais. — O analgésico começa a fazer efeito. As ferroadas em minha perna acalmam. Enfio as mãos embaixo da manta e toco na pele do coto esquerdo, depois do direito.

— Eu quase morri e você nunca mais falou comigo.

— Pensei que você não quisesse falar comigo. Como eu ia saber?

— Você se casou e nunca me ligou, e convidou a Celia para o casamento para tripudiar de mim.

Não posso deixar de rir.

— Ingrid, a *Clare* convidou a Celia. Elas são amigas; nunca entendi por quê. Os opostos se atraem, acho eu. Mas, de qualquer maneira, não tinha nada a ver com você.

Ingrid fica calada. Está pálida embaixo da maquiagem. Enfia a mão no bolso do casaco e tira um maço de English Ovals e um isqueiro.

— Desde quando você fuma? — pergunto. Ingrid odiava cigarro. Ela gostava de cocaína, bolinha e bebida com nomes poéticos. Ela puxa um

cigarro do maço com duas unhas compridas e o acende. Suas mãos tremem. Ela dá uma tragada, e a fumaça sai formando curvas de sua boca.

— Então, como é a vida sem pés? — pergunta Ingrid. — Como isso aconteceu, afinal de contas?

— Geladura. Desmaiei no Grant Park em janeiro.

— Então, como você se locomove?

— De cadeira de rodas, em geral.

— Ah. Que chato.

— É. — digo. — É, sim. — Ficamos em silêncio um instante.

Ingrid pergunta:

— Você ainda está casado?

— Estou.

— Filhos?

— Uma menina.

— Ah. — Ingrid se recosta, dá uma tragada no cigarro, solta uma fina corrente de fumaça pelas narinas. — Quem me dera ter filhos.

— Você nunca quis filhos, Ingrid.

Ela olha para mim, mas não consigo interpretar o olhar.

— Eu sempre quis filhos. Eu achava que *você* não queria, então, eu nunca disse nada.

— Ainda daria para você ter filhos.

Ingrid ri.

— Daria? Eu tenho filhos, Henry? Em 2006, eu tenho um marido e uma casa em Winnetka e 2,5 filhos?

— Não é bem assim. — Mudo de posição no sofá. A dor recuou, mas o que ficou é a sua casca, um espaço vazio onde ela devia estar, mas em vez disso é a expectativa da dor que está lá.

— *Não é bem assim* — arremeda Ingrid. — Como não é bem assim? Como quem diz "Não é bem assim, Ingrid, na verdade, você é uma mendiga"?

— Você não é uma mendiga.

— Então, eu não sou uma mendiga. Tudo bem, ótimo. — Ingrid apaga o cigarro e cruza as pernas. Sempre gostei das pernas de Ingrid. Ela está de botas de cano alto. Ela e Celia devem ter ido a uma festa. Ingrid diz: — Eliminamos os extremos: não sou uma dona de casa de subúrbio nem uma mendiga. Vamos, Henry, me dê mais pistas.

Fico mudo. Não quero entrar nesse jogo.

— Tudo bem, vamos fazer múltipla escolha. Vamos ver... a) Sou uma *stripper* num inferninho da Rush Street. Hmm, b) Estou presa por matar a Celia a machadadas e jogar os restos pro Malcolm. Ah, sim, c) Estou morando no Rio del Sol com um banqueiro de investimentos. Que tal, Henry? Algumas dessas opções te parece boa?

— Quem é Malcolm?

— O doberman da Celia.

— Só podia ser.

Ingrid brinca de acender e apagar o isqueiro.

— Que tal d) Estou morta? — Estremeço. — Essa te interessa de alguma maneira?

— Não, não me interessa.

— Mesmo? Eu prefiro essa — Ingrid sorri. Não é um sorriso bonito. É mais como uma careta. — Acho essa tão boa que me deu uma ideia. — Ela se levanta, vai decidida até o quarto no fim do corredor. Ouço Ingrid abrir e fechar uma gaveta. Quando volta, vem com uma mão atrás das costas. Ingrid fica parada na minha frente e diz: — Surpresa! — e aponta uma arma para mim.

Não é uma arma muito grande. É fina, preta e reluzente. Ingrid está com ela junto à cintura, displicentemente, como se estivesse num coquetel. Fico olhando para a arma. Ingrid diz:

— Eu podia dar um tiro em você.

— É, podia — digo.

— Depois eu podia dar um em mim — diz.

— Isso também podia acontecer.

— *Mas acontece?*

— Sei lá, Ingrid. Você tem que decidir.

— Bobagem, Henry. Me conte — Ingrid ordena.

— Está bem. Não. Não acontece assim. — Tento transmitir firmeza.

Ingrid dá um sorriso debochado.

— Mas e se eu quiser que aconteça assim?

— Ingrid, me dê essa arma.

— Venha cá pegar.

— Você vai me dar um tiro? — Ingrid faz que não com a cabeça, sorrindo. Saio do sofá para o chão, me arrasto até Ingrid, rebocando a manta atrás e entorpecido pelo analgésico. Ela recua, segurando a arma apontada para mim. Paro.

— Vamos, Henry. Cachorro bonzinho. Cachorro *confiante*. — Ingrid puxa a trava de segurança e dá dois passos em minha direção. Fico tenso. Ela aponta direto para minha cabeça. Mas aí Ingrid ri e coloca o cano da arma na têmpora. — Que tal isso, Henry? Acontece assim?

— Não. — *Não!*

Ela franze o cenho.

— Tem certeza, Henry? — Ingrid move a arma para o peito. — Está melhor? Cabeça ou coração, Henry? — Ingrid dá um passo à frente. Eu poderia tocá-la. Eu poderia agarrá-la... Ingrid me dá um chute no peito e eu caio para trás. Fico estatelado no chão, olhando para ela, que se abaixa e cospe na minha cara.

— Você me ama? — pergunta, olhando para mim.

— Amo — digo.

— Mentiroso — diz Ingrid e puxa o gatilho.

Segunda-feira, 18 de dezembro de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)

CLARE: Acordo no meio da noite e Henry sumiu. Entro em pânico. Sento na cama. Minha cabeça fica atolada de possibilidades. Ele pode ter sido atropelado, estar preso em prédios abandonados, no frio... ouço o barulho de alguém chorando. Acho que é Alba, talvez Henry tenha ido ver o que houve com ela, então eu me levanto e entro no seu quarto, mas ela está dormindo abraçada ao ursinho de pelúcia e com os cobertores jogados no chão. Sigo o barulho pelo corredor e ali, sentado no chão da sala, está Henry, com as mãos na cabeça.

Ajoelho ao lado dele.

— O que foi? — pergunto.

Henry levanta o rosto e, com a claridade da rua que entra pelas janelas, vejo o brilho de lágrimas em sua face.

— A Ingrid morreu — diz Henry.

Dou um abraço nele.

— A Ingrid já morreu há muito tempo — digo baixinho.

Henry faz que não com a cabeça.

— Anos, minutos... dá no mesmo — diz. Ficamos sentados no chão calados. Afinal, Henry diz:

— Acha que já é de manhã?

— Claro. — O céu ainda está escuro. Nenhum pássaro canta.

— Vamos levantar — diz ele. Trago a cadeira de rodas, ajudo Henry a sentar nela e vamos para a cozinha. Trago seu roupão, e ele o veste. Senta-se à mesa da cozinha, olhando pela janela para o quintal coberto de neve. Ao longe ouve-se um trator de neve passando numa rua. Acendo a luz. Ponho uma medida de café no coador, uma medida de água na cafeteira e aperto o botão de ligar. Tiro xícaras do armário. Abro a geladeira, mas, quando pergunto a Henry o que ele quer comer, ele apenas balança negativamente a cabeça. Sento à mesa em frente a Henry, que olha para mim. Tem os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado. As mãos magras estão magras, e a cara, triste.

— Foi minha culpa — diz Henry. — Se eu não estivesse lá...

— Você poderia ter impedido a Ingrid? — pergunto.

— Não, eu tentei.

— Então, pronto.

A cafeteira emite pequenos ruídos de explosão. Henry passa as mãos no rosto e diz:

— Sempre me indaguei por que ela não deixou nenhum bilhete. — Estou prestes a perguntar o que ele quer dizer, quando vejo que Alba está parada na porta da cozinha, vestida com uma camisola cor-de-rosa e pantufas verdes de ratinho. Alba aperta os olhos e boceja com a luz forte da cozinha.

— Oi, guria — diz Henry. Alba vai até ele e se debruça pela lateral da cadeira de rodas.

— Bom dia — diz Alba.

— Ainda não é dia, na verdade — digo para ela. — Ainda é noite mesmo.

— Como vocês estão de pé se é de noite? — Alba dá uma fungada. — Vocês estão fazendo café, então é de manhã.

— Ah, é o velho truque do café que significa manhã — diz Henry. — Sua lógica é furada, amiga.

— O quê? — pergunta Alba.

Ela odeia estar errada a respeito de qualquer coisa.

— Você baseia sua conclusão num dado errado; isto é, esquece que seus pais são como gênios que adoram café, e que podemos simplesmente ter levantado da cama no meio da noite para tomar MAIS CAFÉ. — Ele ruge como um monstro, ou talvez um Gênio do Café.

— Quero café — diz Alba. — Sou um Gênio do Café. — Ela ruge para Henry também, que tira Alba de cima de si e a coloca com os pés no chão.

Ela corre para mim, do outro lado da mesa, joga os braços em meus ombros e faz grrrrr em meu ouvido.

Fico de pé e pego Alba no colo. Ela já está tão pesada.

— Grrrrr para você também. — Carrego Alba no colo pelo corredor. Ela dá gargalhadas estridentes ao ser jogada na cama. O relógio da mesa de cabeceira marca 4h16. — Está vendo? — mostro. — É muito cedo para você se levantar. — Após fazer a birra esperada, Alba fica quieta na cama, e eu volto para a cozinha. Henry conseguiu servir o café para a gente. Torno a sentar. Está frio aqui.

— Clare.

— Hum?

— Quando eu morrer... — Henry para, olha para o outro lado, respira, recomeça. — Ando organizando tudo, todos os documentos, você sabe, meu testamento, cartas para pessoas, e coisas para Alba. Está tudo na minha mesa. — Não consigo dizer nada. Henry me olha.

— Quando? — pergunto. Henry faz um gesto de cabeça negativo. — Meses? Semanas? Dias?

— Sei lá, Clare. — Ele sabe, eu sei que ele sabe.

— Você olhou o obituário, não? — digo. Henry hesita, e aí faz que sim com a cabeça. Abro a boca para tornar a perguntar e, então, fico com medo.

OceanofPDF.com

HORAS, SE NÃO DIAS



Sexta-feira, 24 de dezembro de 2006 (Henry tem 43 anos, Clare, 35)

HENRY: Acordo cedo, tão cedo que a luz da quase aurora deixa o quarto todo azul. Estou na cama, ouvindo a respiração profunda de Clare, escutando o barulho esporádico do tráfego na Lincoln Avenue, os corvos gritando uns para os outros, o aquecedor se desarmando. Minhas pernas doem. Me apoio nos travesseiros e acho o vidro de Vicodin na mesa de cabeceira. Tomo dois com Coca-Cola choca.

Torno a me enfiar debaixo das cobertas e viro para o lado. Clare dorme de bruços, envolvendo a cabeça com os braços de forma protetora. Seu cabelo está escondido debaixo das cobertas. Clare parece menor sem o cabelo. Me faz lembrar ela mesma em criança, dormindo com a simplicidade que tinha quando era pequena. Tento lembrar se algum dia vi Clare dormindo quando era pequena. Percebo que nunca. É em Alba que estou pensando. A luz está mudando. Clare se mexe, vira para mim, no lado dela. Estudo seu rosto. Há algumas rugas tênues no canto dos olhos e da boca, que são uma mera pista de como será a face de Clare no começo da meia-idade. Lamento muito porque nunca verei esse rosto que ela continuará a ter sem a minha presença, que nunca será beijado por mim, que pertencerá a um mundo que não vou conhecer, exceto como uma lembrança de Clare, relegado finalmente a um passado definido.

Hoje faz 37 anos que minha mãe morreu. Pensei nela, desejando que estivesse aqui, todos os dias desses 37 anos, e meu pai, acho eu, pensou nela quase sem parar. Se a memória apaixonada pudesse levantar os mortos, ela seria a nossa Eurídice, ressuscitaria como a Lady Lázaro de sua morte teimosa para nos consolar. Mas nem todos os nossos lamentos poderiam acrescentar um único segundo à vida dela, um único batimento cardíaco a mais, uma única respiração. A única coisa que minha vontade pôde fazer foi me levar até ela. O que Clare terá quando eu me for? Como posso deixá-la?

Ouço Alba falando na cama.

— Ei — diz Alba. — Ei, ursinho! Shh, agora vai dormir. — Silêncio. — Papai! — Olho para Clare, para ver se ela irá acordar. Está parada, dormindo. — Papai! — Me viro devagarinho, saio com cuidado de debaixo

das cobertas, consigo me colocar no chão. Vou me arrastando pelo corredor até o quarto de Alba. Ela dá risinho quando me vê. Rosno, e Alba dá um tapinha em minha cabeça como se eu fosse um cachorro. Está sentada na cama rodeada de todos os seus bichos de pelúcia.

— Chegue para lá, Chapeuzinho Vermelho. — Alba mais que depressa desliza para o lado e eu me ergo até a cama. Ela faz uma bagunça ao arrumar alguns dos brinquedos em volta de mim. Passo o braço em volta dela e me recosto, e ela me estende o Ursinho Azul.

— Ele quer comer *marshmallow*.

— É meio cedo para *marshmallow*, Ursinho Azul. Que tal uns ovos pochês e uma torrada?

Alba faz uma careta, franzindo o rosto todo.

— O ursinho não gosta de ovo — anuncia.

— Shhh. A Mamãe está dormindo.

— Tudo bem — sussurra Alba, alto. — O ursinho quer gelatina.

Ouço Clare gemer e começar a se levantar no outro quarto.

— Mingau de aveia? — tento convencê-la. Alba considera. — Com açúcar mascavo?

— Tudo bem.

— Quer fazer? — Saio escorregando da cama.

— Quero. Me dá uma carona?

Hesito. Minhas pernas doem muito, e Alba está um pouquinho grande demais para que eu faça isso sem sentir dor, mas não posso lhe negar nada agora.

— Claro, sobe. — Estou de quatro. Alba monta nas minhas costas e vamos para a cozinha. Clare está praticamente dormindo em pé ao lado da pia, vendo o café pingar na cafeteira. Vou com esforço até ela e bato com a cabeça em seus joelhos. Clare pega Alba pelos braços e a tira de mim. Alba morre de rir o tempo todo. Rastejo até subir em minha cadeira. Clare sorri e diz:

— O que temos para o café, cozinheiros?

— Gelatina! — grita Alba.

— Hum. Gelatina de que tipo? Gelatina de sucrilhos?

— Nãããoo!

— Gelatina de bacon?

— Eca! — Alba se enrosca em Clare e puxa seu cabelo.

— Ai. Não faça isso, amor. Bom, deve ser gelatina de aveia, então.

— Mingau de aveia!

— Gelatina de mingau de aveia, hum. — Clare pega o açúcar mascavo, o leite e o pacote de aveia. Coloca tudo na bancada e me olha de forma interrogativa. — E você? Omelete de gelatina?

— Se você for fazer, sim. — Fico maravilhado com a eficiência de Clare, circulando pela cozinha como se fosse Betty Crocker, como se fizesse isso há anos. Ela vai estar bem sem mim, penso enquanto a observo, mas sei que não vai. Observo Alba misturar a água com a farinha e penso em Alba com 10 anos, 15, 20. Ainda não é o bastante. Ainda não acabei. Quero estar aqui. Quero vê-las, quero tê-las nos braços, quero viver...

— Papai está chorando — Alba sussurra para Clare.

— É porque ele tem que comer a minha comida — diz Clare para Alba e pisca para mim, provocando meu riso.

OceanofPDF.com

VÉSPERA DE ANO-NOVO DOIS



Domingo, 31 de dezembro de 2006 (Clare tem 35 anos, Henry, 43)
(19h25)

CLARE: Vamos dar uma festa! Henry relutou um pouco a princípio, mas agora parece muito satisfeito. Está sentado na mesa da cozinha mostrando a Alba como fazer flores de cenouras e rabanetes. Confesso que não joguei exatamente limpo: toquei no assunto na frente de Alba para ela ficar empolgada, e assim ele não poderia desapontá-la.

— Vai ser ótimo, Henry. Vamos convidar todo mundo que a gente conhece.

— Todo mundo? — questionou ele, sorrindo.

— Todo mundo de quem a gente *gosta* — emendei.

Então, venho fazendo faxina há quatro dias, enquanto Henry e Alba fazem biscoitos (embora metade da massa vá para a boca de Alba, se não a vigiarmos). Ontem, Charisse e eu fomos à mercearia e compramos molhos, salgadinhos, pastinhas, vegetais de todos os tipos possíveis, cerveja, vinho e champanhe, palitinhos coloridos de *hors d'oeuvre*, guardanapos com *Feliz Ano-Novo* em letras douradas, pratos de papel combinando e sabe Deus o que mais. Agora, a casa toda cheira a almôndegas e a árvore de Natal prestes a morrer na sala. Alicia está aqui lavando nossas taças de vinho.

Henry olha para mim e diz:

— Ei, Clare, está quase na hora da festa. Vá tomar seu banho.

Olho o relógio e vejo que está mesmo na hora.

Entro no chuveiro; lavo a cabeça; seco o cabelo; enfio sutiã, meias e pretinho de seda de festa, saltos altos; coloco um toquezinho de perfume e batom; dou uma última olhadela no espelho (estou com uma cara assustada). Volto para a cozinha onde Alba, por incrível que pareça, continua imaculada em seu vestido de veludo azul, e Henry continua com a camisa de flanela vermelha furada e a calça jeans rasgada.

— Você não vai mudar de roupa?

— Ah, sim. Claro. Me ajude, sim? — Empurro sua cadeira de rodas até o nosso quarto.

— O que quer vestir? — Procuro cueca e meias em suas gavetas.

— Qualquer coisa. Você escolhe. — Henry estica o braço e fecha a porta do quarto. — Venha cá.

Paro de procurar no armário e olho para Henry. Ele trava a cadeira e consegue colocar o corpo na cama.

— Não dá tempo — digo.

— Pois é, exatamente. Então não vamos perder tempo conversando.

A voz dele é calma e convincente. Tranco a porta.

— Sabe, acabei de me vestir...

— Shhh. — Ele estende os braços para mim, e eu cedo, sentando ao lado dele. A frase *uma última vez* me vem à cabeça sem ser chamada.

(20h05)

HENRY: A campainha da porta toca bem na hora em que estou dando o nó na gravata. Clare diz nervosamente:

— Estou bem? — Está, está rosada e linda, e lhe digo isso. Saímos do quarto ao mesmo tempo em que Alba corre para abrir a porta e começa a gritar:

— Vovô! Vovô! Kimy! — Meu pai bate a neve das botas e se abaixa para abraçá-la. Clare dá dois beijos nele e recebe de volta seu casaco. Alba toma posse de Kimy, que é levada para ver a árvore de Natal antes que tenha ao menos tirado o casaco.

— Olá, Henry — diz papai, sorrindo, abaixando-se para falar comigo. De repente, percebo: hoje minha vida vai passar rapidamente diante dos meus olhos. Convidamos todas as pessoas importantes para nós: papai, Kimy, Alicia, Gomez, Charisse, Philip, Mark e Sharon e filhos, vovó, Ben, Helen, Ruth, Kendrick e Nancy e filhos, Roberto, Catherine, Isabelle, Matt, Amelia, amigos artistas de Clare, amigos meus da escola de biblioteconomia, pais de amigos de Alba, a *marchande* de Clare, até Celia Attley, por insistência de Clare... As únicas pessoas que faltam ficaram inevitavelmente de fora: minha mãe, Lucille, Ingrid... Ai, Deus. Me ajude.

(20h20)

CLARE: Gomez e Charisse entram correndo como camicases.

— Ei, Bibliotecário, seu preguiçoso, você nunca limpa sua calçada?

Henry bate na testa.

— Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa. — Gomez joga uma bolsa cheia de CDs no colo de Henry e vai limpar a calçada. Charisse ri e vem para a cozinha atrás de mim. Ela coloca uma garrafa enorme de vodca russa no congelador. Ouvimos Gomez cantando *Let it Snow* ao passar pela lateral da casa com a pá.

— Cadê as crianças? — pergunto a Charisse.

— Deixamos na mamãe. É Ano-Novo; achamos que elas se divertiriam mais com a vovó. E decidimos ter nossas ressacas em particular, sabe?

Eu nunca tinha pensado muito nisso, na verdade; não fico bêbada desde antes de planejar ter a Alba. Ela entra na cozinha correndo, e Charisse lhe dá um abraço entusiasmado.

— Ei, neném! Trouxemos um presente de Natal para você!

Alba olha para mim.

— Vai, abre.

É um conjuntinho de manicure completo, com esmalte de unha. Alba está boquiaberta, fascinada. Dou uma cutucada, e ela se lembra.

— *Obrigada*, tia Charisse.

— De nada, Alba.

— Vá mostrar ao papai — digo para ela, que sai correndo para a sala. Meto a cabeça no corredor e vejo Alba gesticulando animadamente para Henry, que estende os dedos para ela como se vislumbrasse arrancar fora todas as unhas.

— Acertou em cheio — digo a Charisse.

Ela sorri.

— Era a minha viagem quando eu era pequena. Eu queria ser esteticista quando crescesse.

Rio.

— Mas não conseguiu, então virou artista.

— Conheci Gomez e me dei conta de que ninguém jamais derrubou o sistema corporativo vigente misógino capitalista e burguês fazendo permanente no cabelo dele.

— Claro, também não estamos exatamente derrubando o sistema ao vender arte para ele.

— Fale por você, menina. Você é viciada em beleza, só isso.

— Culpada, culpada, culpada. — Vamos para a sala de jantar e Charisse começa a encher o prato. — Então, em que está trabalhando? — pergunto.

— Vírus de computador como arte.

— Uhhh. — Ah, não. — Isso não é meio ilegal?

— Nãão! Eu só crio o vírus, depois pinto o código numa tela, e aí exponho. Não coloco de fato em circulação.

— Mas alguém poderia colocar.

— Claro. — Charisse dá um sorriso maldoso. — Espero que coloquem. Gomez desdenha, mas algumas dessas pinturinhas poderiam incomodar seriamente o Banco Mundial e Bill Gates e aqueles filhos da mãe que fabricam caixas eletrônicos.

— Ok, então boa sorte. Quando é a exposição?

— Maio. Mando um convite para você.

— Sim, quando eu receber, vou converter nossos bens em ouro e investir em água mineral.

Charisse ri. Catherine e Amelia chegam, e paramos de falar em Anarquia Mundial Através da Arte e passamos a admirar os vestidos umas das outras.

(20h50)

HENRY: A casa está lotada das pessoas mais chegadas e mais queridas de nossa vida, algumas das quais não vejo desde antes da cirurgia. Leah Jacobs, a *marchande* de Clare, é delicada e simpática, mas é difícil para mim aguentar seu olhar de piedade. Celia me surpreende ao vir reta até mim e me dar a mão, que eu aceito. Ela diz:

— Sinto muito ver você assim.

— E você está com uma cara ótima — digo, e está mesmo. Está com um penteado bem alto, toda de azul cintilante.

— A-hã — diz Celia com sua fabulosa voz melosa. — Eu gostava mais quando você era mau e eu podia odiar tua cara branca e magra.

Rio.

— Ah, bons tempos.

Ela procura dentro da bolsa.

— Encontrei isso há muito tempo nas coisas da Ingrid. Achei que a Clare podia querer. — Celia me entrega uma fotografia. É uma foto minha, provavelmente de 1990. Estou de cabelo comprido e rindo na Oak Street Beach, sem camisa. É uma fotografia excelente. Não me lembro de Ingrid tirando essa foto, mas, por outro lado, muita coisa da minha vida com Ing agora é um branco.

— É, aposto que ela gostaria dessa foto. *Memento mori.* — Devolvo para ela.

Celia me lança um olhar penetrante.

— Você não está morto, Henry DeTamble.

— Não estou longe disso, Celia.

Celia ri.

— Bom, se você for para o inferno na minha frente, pega um lugar ao lado da Ingrid para mim.

Ela se vira bruscamente e vai procurar Clare.

(21h45)

CLARE: As crianças correram pela casa e comeram demais; agora estão sonolentas e rabugentas. Passo por Colin Kendrick no corredor e pergunto se ele quer tirar uma soneca; ele responde num tom muito solene que gostaria de ficar acordado com os adultos. Fico comovida com sua educação e com a beleza de seus 14 anos, com sua timidez ao falar comigo embora me conheça desde que nasceu. Alba e Nadia Kendrick não são tão contidas.

— Mamãe — choraminga Alba —, você *disse* que a gente podia ficar *acordada*!

— Tem certeza de que não querem dormir um pouco? Acordo vocês antes da meia-noite.

— *Nãão*o. — Kendrick está ouvindo este diálogo e ri quando dou de ombros.

— A Dupla Indômita. Tudo bem, meninas, por que não vão brincar quietinhas um pouco no quarto da Alba?

Elas saem arrastando os pés, resmungando. Sabemos que, em questão de minutos, estarão brincando alegremente.

— É bom ver você, Clare — diz Kendrick quando Alicia chega.

— Ei, Clare. Saca só o papai. — Acompanho o olhar de Alicia e vejo que nosso pai está flertando com Isabelle. — Quem é ela?

— Caramba. — Rio. — É Isabelle Berk. — Começo a delinear as austeras tendências sexuais de Isabelle para Alicia. Rimos tanto que mal conseguimos respirar.

— Perfeito, perfeito. Ah. Pare — diz Alicia.

Richard vem até nós, atraído por nossa histeria.

— Qual é a graça, *bella donnas?*

Balançamos a cabeça negativamente, ainda rindo.

— Elas estão caçoando dos rituais de acasalamento da autoridade paterna delas — diz Kendrick. Richard faz que sim com a cabeça, desconcertado, e pergunta a Alicia sobre sua agenda de concertos de primavera. Eles saem em direção à cozinha, falando de Bucareste e Bartok. Kendrick continua parado ao meu lado, esperando para dizer algo que não quero ouvir. Começo a pedir licença, e ele põe a mão no meu braço.

— Espere, Clare... — Espero. — Sinto muito — diz ele.

— Tudo bem, David. — Ficamos nos olhando um minuto. Kendrick balança a cabeça, tateia à procura dos cigarros.

— Se um dia quiser dar uma passada no laboratório, posso te mostrar o que ando fazendo para a Alba... — Corro os olhos pela festa, procurando Henry. Gomez ensina Sharon a dançar rumba na sala. Parece que todo mundo está se divertindo, mas Henry desapareceu. Não o vejo há pelo menos 45 minutos e sinto uma vontade urgente de encontrá-lo, de ter certeza de que está bem e de que está *aqui.*

— Com licença — digo a Kendrick, que me olha como se quisesse continuar a conversa. — Outra hora. Quando aqui estiver mais sossegado. — Ele faz que sim com a cabeça. Nancy Kendrick aparece com Colin a reboque, tornando o assunto impossível de qualquer forma. Eles iniciam uma discussão animada sobre *hockey* no gelo, e eu fujo.

(21h48)

HENRY: Ficou muito calor dentro de casa, e eu preciso me refrescar, então estou sentado na varanda fechada lá da frente. Ouço gente falando na sala. Agora cai uma neve pesada e intensa, cobrindo todos os carros e arbustos, suavizando seus contornos e abafando o rumor do tráfego. Está uma noite linda. Abro a porta entre a varanda e a sala.

— Ei, Gomez.

Ele vem correndo e mete a cabeça pelo vão.

— Sim?

— Vamos lá fora.

— Está um frio do cão lá.

— Vamos, seu vereador velho e molenga.

Algo em meu tom de voz surte efeito.

— Está bem, está bem. Só um minuto. — Ele some e volta pouco depois vestido com seu casaco e trazendo o meu. Enquanto o visto, ele me oferece sua garrafa de bolso.

— Ah, não, obrigado.

— Vodca. Faz crescer cabelo no peito.

— Não combina com entorpecentes.

— Ah, certo. Como a gente esquece depressa! — Gomez me empurra na cadeira de rodas pela sala. No alto da escada, ele me levanta da cadeira e estou montado nas costas dele como uma criança, como um macaco. Saímos pela porta da frente, e quando chegamos fora de casa, o ar frio parece um exosqueleto.

Sinto o cheiro de álcool no suor de Gomez. Em algum lugar atrás do brilho da iluminação de Chicago, há estrelas.

— Camarada.

— Oi.

— Obrigado por tudo. Você foi o melhor... — Não dá para ver sua cara, mas sinto Gomez ficar tenso por baixo das camadas de roupa.

— O que está dizendo?

— O apito final está tocando para mim, Gomez. Terminou o tempo. Acabou o jogo.

— Quando?

— Logo.

— Logo quando?

— Não sei — minto. Daqui a pouco, muito pouco. — Pois bem, eu só queria te dizer... sei que às vezes fui um pé no saco — (Gomez ri) —, mas foi ótimo — (faço uma pausa, porque estou quase chorando) —, foi ótimo — (e ficamos ali parados, homens inarticulados que somos, nosso bafo congelando em nuvens à nossa frente, sem dizer as palavras que deveríamos dizer) e finalmente falo: — Vamos entrar — e entramos. Quando me põe de novo na cadeira de rodas, Gomez me abraça um instante, depois se afasta pesadamente sem olhar para trás.

(22h15)

CLARE: Henry está na sala, onde há um grupo pequeno e determinado de gente tentando dançar, de várias maneiras possíveis, ao som dos Squirrel Nut Zippers. Charisse e Matt fazem algo que parece chá-chá-chá, e Roberto dança com bastante estilo com Kimy, que se move delicadamente, porém com firmeza num tipo de foxtrote. Gomez largou Sharon por Catherine, que grita ao ser girada e ri quando ele para de dançar para acender um cigarro.

Henry não está na cozinha, que foi tomada por Raul, James, Lourdes e o resto de meus amigos artistas. Eles se divertem contando as coisas horríveis que os *marchands* fazem com os artistas, e vice-versa. Lourdes conta a história de quando Ed Kienholtz fez uma escultura cinética que abriu um rombo enorme na mesa cara do *marchand.* Todos eles riem sadicamente. Faço que não com o dedo para eles.

— Não deixem a Leah ouvir vocês — implico.

— Cadê a Leah? — diz James. — Aposto que ela tem umas histórias ótimas... — Ele sai à procura de minha *marchande,* que está bebendo conhaque com Mark na escada.

Ben está fazendo um chá para si mesmo. Tem um saquinho Ziplock contendo todo tipo de ervas malcheirosas, coloca cuidadosamente uma medida delas num coador de chá e mete dentro de uma caneca de água fervente.

— Você viu o Henry? — pergunto.

— Vi, eu estava agora mesmo falando com ele. Está na varanda da frente. — Ben me olha curioso. — Estou meio preocupado com ele. O Henry parece muito triste. Parecia... — Ben para, faz um gesto com a mão que significa *Posso estar errado a respeito disso* — me fez lembrar alguns pacientes que tenho, quando não esperam estar aqui por muito mais tempo... — Sinto um aperto no estômago.

— Ele anda muito deprimido desde que seus pés...

— Eu sei. Mas ele falava como se estivesse subindo num trem *prestes a partir,* sabe, ele me contou... — Ben baixa a voz, que é sempre muito baixa, de modo que mal o ouço: — Ele me disse que me *amava,* e me agradeceu... Quer dizer, *homem* não tem esse tipo de conversa se espera continuar por aqui, sabe? — Os olhos de Ben nadam atrás dos óculos. Passo os braços em volta dele, e ficamos parados assim um instante, meus braços envolvendo o corpo enfraquecido de Ben. À nossa volta, as pessoas conversam sem nos dar bola. — Não quero viver mais que ninguém — diz Ben. — Nossa. Depois de beber essa coisa horrível, e estar há 15 anos sendo o raio de um *mártir*, acho que mereço que meus conhecidos passem pelo meu caixão e digam: “Ele morreu lutando”, ou algo assim. Conto com a presença de Henry lá, citando Donne: “*Morte, não seja orgulhosa, sua filha da puta*.” Vai ser uma beleza.

Rio.

— Bom, se não der para o Henry ir, eu vou. Faço uma excelente imitação dele. — Levanto uma sobrancelha, empino o queixo, abaixo a voz: — *Após um breve sono, acordamos eternamente. E a morte estará sentada na cozinha de calcinha às três da manhã, fazendo as palavras cruzadas da semana passada...* — Ben morre de rir. Beijo seu rosto pálido e liso e vou em frente.

Henry está sentado sozinho na varanda da frente, no escuro, vendo a neve cair. Mal olhei para fora de casa o dia inteiro e agora me dou conta de que neva sem cessar há horas. Tratores de neve passam na Lincoln Avenue, e nossos vizinhos estão limpando as calçadas. Embora a varanda seja fechada, ainda faz frio aqui.

— Entre — digo. Estou ao lado dele, observando um cachorro pulando na neve do outro lado da rua. Henry passa o braço em volta da minha cintura e encosta a cabeça em meu quadril.

— Quem me dera que a gente pudesse parar o tempo agora — diz. Passo os dedos pelo seu cabelo. Está mais duro e mais grosso do que costumava ser, antes de ficar grisalho.

— Clare — diz ele.

— Henry.

— Está na hora... — Ele para.

— O quê?

— Está... eu estou...

— Meu Deus. — Sento no divã, de frente para Henry. — Mas... não. Fique... — Aperto suas mãos com força.

— Já aconteceu. Aqui, me deixe sentar ao seu lado. — Ele passa da cadeira para o divã. Ficamos deitados no pano frio. Estou tremendo em meu vestido fino. Na casa, as pessoas riem e dançam. Henry me envolve com o braço e me aquece.

— Por que não me contou? Por que me deixou convidar essa gente toda? — Não quero, mas estou zangada.

— Não quero que fique sozinha... depois. E eu queria dar adeus a todo mundo. Foi bom, foi uma boa despedida... — Ficamos ali algum tempo deitados em silêncio. A neve cai, sem fazer barulho.

— Que horas são?

Olho o relógio.

— Umas onze e pouco.

Ó meu Deus. Henry pega um cobertor da outra cadeira, e nos enrolamos nele. Não consigo acreditar nisso. Eu sabia que viria em breve, tinha que vir cedo ou tarde, mas aqui está, e estamos simplesmente aqui deitados, esperando...

— Oh, por que não podemos fazer *algo?* — sussurro na nuca de Henry.

— Ah, Clare.

A voz de Henry é doce. Olho para ele, e seus olhos brilham com lágrimas na claridade refletida pela neve. Encosto o rosto no ombro de Henry. Ele afaga meu cabelo. Ficamos assim um bom tempo. Henry está suando. Ponho a mão em seu rosto e ele arde em febre.

— Que horas são?

— Quase meia-noite.

— Estou com medo.

Entrelaço os braços com os dele, enrosco as pernas nas dele. É impossível acreditar que Henry, tão sólido, meu amante, esse corpo de verdade que estou abraçando colado ao meu com toda a força, jamais pudesse desaparecer:

— Me beije!

Estou beijando Henry, e aí estou sozinha, debaixo do cobertor, no divã, na varanda fria. Continua nevando. Dentro, o disco para, e ouço Gomez dizer: “Dez! nove! oito!”, e todo mundo diz, junto: “sete! seis! cinco! quatro! três! dois! um! *Feliz Ano-Novo!”*. Espoca uma rolha de champanhe, e todos começam a falar ao mesmo tempo, e alguém diz “Cadê o Henry e a Clare?”. Lá fora na rua, alguém solta fogos. Ponho a cabeça nas mãos e espero.

OceanofPDF.com

III

UM TRATADO SOBRE A SAUDADE

OceanofPDF.com

Seu quadragésimo terceiro ano. O fim de seu pequeno tempo.
Seu tempo —
Que viu o Infinito pelas inúmeras rachaduras
Na pele em branco das coisas, e morreu disso.

— A. S. Byatt, *Possessão*



Ela seguiu devagar, demorando-se muito,
como se houvesse algum obstáculo no caminho;
e, no entanto, como se, superado este,
já tivesse passado do estágio de andar, e voasse.

— de *Perdendo a Visão,*
Rainer Maria Rilke
a partir da tradução de Stephen Mitchell



OceanofPDF.com

Sábado, 27 de outubro de 1984/Segunda-feira,
1º de janeiro de 2007 (Henry tem 43 anos, Clare, 35)

HENRY: O céu está pálido quando caio no capim alto e seco *(que seja rápido),* e enquanto tento ficar parado, ecoa ao longe o estampido de uma espingarda. Naturalmente não tem nada a ver comigo, mas na verdade, tem sim: sou jogado no chão e olho para minha barriga que se abriu como uma romã, uma sopa de entranhas e sangue no ventre. Não dói nada *(isso não pode estar certo),* mas só consigo admirar essa versão cubista dos meus órgãos *(alguém está correndo)*. Tudo o que quero é ver Clare antes *(antes)*. Estou gritando o nome dela *(Clare, Clare)*

e Clare se debruça sobre mim, chorando, e Alba sussurra:

— Papai...

— Te amo...

— Henry...

— Sempre...

— Ó Deus, ó Deus...

— Mundo suficiente...

— Não!

— E tempo...

— *Henry!*

CLARE: A sala está muito quieta. Todo mundo está imóvel, paralisado, olhando para nós. Billie Holiday canta, e aí surge o silêncio quando alguém desliga o aparelho de CD. Sento no chão, abraçada a Henry. Alba está agachada em cima dele, sussurrando em seu ouvido, sacudindo seu corpo. A pele de Henry está quente, seus olhos estão abertos, olhando para o além, ele pesa em meus braços, muito, sua pele pálida dilacerada, toda vermelha, carne rasgada enquadrando um mundo secreto de sangue. Embalo Henry. Limpo o sangue no canto de sua boca. Fogos espocam em algum lugar ali perto.

Gomez diz:

— Acho melhor chamarmos a polícia.

OceanofPDF.com

DISSOLUÇÃO



Sexta-feira, 2 de fevereiro de 2007 (Clare tem 35 anos)

CLARE: Durmo o dia inteiro. Ruídos rondam a casa — caminhão do lixo no beco, chuva, árvore batendo na janela do quarto. Durmo. Entro no sono para valer, querendo e controlando o meu dormir, afastando sonhos, recusando, recusando. O sono é meu amante agora, meu esquecimento, meu entorpecente, meu esquecimento. O telefone fica tocando. Desliguei a secretária eletrônica que atende com a voz de Henry. É de tarde, é de noite, é de manhã. Tudo se reduz a esta cama, este sono interminável que transforma os dias em um dia, faz o tempo parar, estica e compacta o tempo até ele não ter sentido.

Às vezes, o sono me abandona, e eu finjo que durmo, como se Etta tivesse vindo me acordar para a escola. Respiro devagar e fundo. Deixo meus olhos parados embaixo das pálpebras, esvazio a mente, e logo, o Sono, vendo uma reprodução perfeita de si mesmo, vem para se unir ao seu clone.

Às vezes, acordo e estico o braço procurando Henry. O sono apaga todas as diferenças: passado e presente; morte e vida. Já não tenho mais fome nem vaidade, nem mais com que me preocupar. Hoje de manhã, vi minha cara no espelho do banheiro. Estou magra e amarela, tenho a pele seca, olheiras e o cabelo embaraçado. Pareço morta. Não quero nada.

Kimy senta ao pé da cama e diz:

— Clare? Alba chegou da escola... você não vai deixar que ela entre para dar um alô?

Finjo dormir. A mãozinha de Alba afaga meu rosto. Lágrimas escorrem dos meus olhos. Alba pousa algo (a mochila? o estojo do violino?) no chão e Kimy diz:

— Tire os sapatos, Alba — aí ela se mete na cama comigo. Alba passa meu braço em volta de si, põe a cabeça embaixo do meu queixo. Suspiro e abro os olhos. Ela finge dormir. Olho para seus cílios grossos e escuros, sua boca grande, sua pele clara. Ela respira cuidadosamente, agarra meu quadril com sua mão forte. Tem cheiro de lápis, cola plástica e xampu. Beijo o

cocuruto de sua cabeça. Alba abre os olhos, e aí sua semelhança com Henry é quase maior do que sou capaz de suportar. Kimy levanta e sai do quarto.

Mais tarde, saio da cama, tomo um banho, janto na mesa com Kimy e Alba. Sento na escrivaninha de Henry depois que Alba foi para a cama e abro as gavetas, tiro os maços de cartas e papéis e começo a ler.

Uma carta para ser aberta quando da minha morte.

10 de dezembro de 2006.

Querida Clare,

Estou escrevendo em minha secretária no quarto dos fundos, olhando para o seu ateliê no jardim coberto da neve azul que caiu de noite. Está tudo escorregadio e cheio de gelo, no maior silêncio. É uma daquelas noites de inverno em que parece que o frio de cada coisa faz o tempo passar mais devagar, como o centro estreito de uma ampulheta por onde o próprio tempo flui lentamente, lentamente. Tenho a mesma sensação de quando estou perdido no tempo: de que ele me mantém flutuando, boiando sem esforço em sua superfície como uma nadadora gorda. Do nada, me deu uma vontade enorme de te escrever uma carta, aqui em casa sozinho (você está no recital de Alicia na St. Lucy). De repente quis deixar alguma coisa para o que vier *depois*. Acho que o tempo é curto agora. Sinto como se todas as minhas reservas — de energia, de prazer, de validade – fossem escassas, pequenas. Não me sinto capaz de continuar por muito mais tempo. Sei que você sabe.

Se estiver lendo isso, eu já devo ter morrido. (Digo devo porque nunca se sabe que circunstâncias podem surgir; parece tolice e presunção declarar a própria morte como um fato consumado.) Sobre esta morte minha — espero que tenha sido simples, limpa e inequívoca. Espero que não tenha criado muito alvoroço. Sinto muito. (Isso parece um bilhete de suicídio. Estranho.) Mas você sabe que se eu tivesse ficado, se eu tivesse podido continuar, eu teria agarrado cada segundo: seja lá como tenha sido essa morte, você sabe que veio e me *levou* como uma criança levada pelo boi da cara preta.

Clare, quero dizer, de novo, que te amo. Nosso amor foi o fio no labirinto, a rede embaixo de quem caminha na corda bamba, a única coisa verdadeira e confiável nessa minha vida estranha. Esta noite, sinto que meu amor por você tem mais densidade neste mundo do que eu mesmo tenho; como se pudesse permanecer depois de minha morte e te rodear, te proteger e te segurar.

Odeio pensar em você esperando. Sei que você andou me esperando a vida inteira, sempre sem saber ao certo a duração dessa espera. Dez minutos, dez dias. Um mês. Que marido inseguro eu fui, Clare, como um marinheiro, Ulisses sozinho e fustigado pelas ondas, ora astuto, ora simplesmente um joguete dos deuses! Por favor, Clare. Quando eu tiver morrido, pare de esperar e se liberte. De mim — me ponha no fundo de seu coração e depois saia pelo mundo e vá viver. Ame o mundo e você mesma nele, ande como se ele não oferecesse resistência, como se o mundo fosse seu elemento natural. Eu te dei uma vida de hibernação. Não quero dizer que você nada fez. Você criou beleza e significado em sua arte. Criou a Alba, que é incrível. E para mim você sempre foi tudo.

Depois que morreu, minha mãe destruiu completamente o meu pai. Ela teria odiado isso. Cada minuto da vida dele depois da morte de minha mãe tem sido marcado pela ausência dela, cada ação é desprovida de dimensão porque ela não está aqui para servir de comparação. E quando jovem, eu não compreendia, mas agora sei como a ausência pode ser presente como um nervo danificado, como um pássaro preto. Se eu tivesse que viver sem você, sei que não conseguiria. Mas, espero, tenho essa visão de você caminhando leve, com seu cabelo brilhando ao sol. Não vi isso com meus olhos, mas só com a imaginação, que te desenha, que sempre quis pintar você, reluzindo; mas espero que essa visão seja verdade, de qualquer forma.

Clare, há uma última coisa, e hesitei em te falar porque tenho um medo supersticioso de que contar possa fazer com que não aconteça (eu sei: bobagem) e também porque acabei de falar sobre não esperar, e isso pode fazer você esperar mais do que jamais esperou antes. Mas vou te dizer, caso você precise de algo *depois.*

No verão passado, eu estava na sala de espera do Kendrick quando de repente me vi num corredor escuro, numa casa que não conheço. Eu estava todo enrolado com um monte de galochas, e havia cheiro de chuva. No fim do corredor, dava para ver luz no contorno da porta, então fui muito devagar e em silêncio até a porta e olhei para dentro. A sala era branca, muito iluminada pelo sol da manhã. Na janela, de costas para mim, havia uma mulher sentada, vestida com um suéter cor de coral e com uma cabeleira branca que ia até o fim das costas. Tinha uma xícara de chá ao lado, numa mesa. Devo ter feito um pequeno ruído, ou ela me sentiu atrás dela... virou a cabeça e nós nos vimos, e era você, Clare, essa era você velha, no futuro. Foi gostoso, Clare, nem dá para dizer quanto, vir como se da morte para te

abraçar, e ver os anos todos presentes em seu rosto. Não vou te contar mais nada, para que você possa imaginar, para que possa ter isso sem ensaiar quando chegar a hora, como vai chegar, como chega de verdade. Vamos nos ver de novo, Clare. Até então, viva, plenamente, presente no mundo, que é muito lindo.

Está escuro, agora, e estou muito cansado. Te amo, sempre. O tempo não é nada.

Henry

OceanofPDF.com

DASEIN



Sábado, 12 de julho de 2008 (Clare tem 37 anos)

CLARE: Charisse levou Alba, Rosa, Max e Joe para patinar no Rainbo. Vou de carro à casa dela pegar Alba, mas chego cedo e Charisse está atrasada. Gomez atende a porta enrolado numa toalha.

— Entre — diz, escancarando a porta. — Quer um café?

— Claro.

Acompanho Gomez até a cozinha, passando pela sala bagunçada. Sento à mesa, que continua ocupada pela louça do café, e abro um espaço grande o suficiente para descansar os cotovelos. Gomez passeia pela cozinha, fazendo café.

— Há muito tempo não vejo a sua cara feia.

— Ando bastante ocupada. A Alba tem essas aulas todas, e eu sou a motorista dela.

— Está fazendo alguma coisa em termos de arte?

Gomez põe uma xícara com o pires na minha frente e serve o café. Eu me sirvo do leite e açúcar que já estão na mesa.

— Não.

— Ah. — Gomez se encosta na bancada da cozinha, as mãos envolvendo a xícara de café. Seu cabelo molhado ficou escuro e está penteado para trás. Eu nunca tinha reparado que ele está ficando com entradas. — Além de ser motorista de sua alteza, o que está fazendo?

O que estou fazendo? Estou esperando. Pensando. Estou sentada em nossa cama segurando uma camisa velha de xadrez que ainda tem o cheiro de Henry, respirando fundo o seu cheiro. Saio para passear às duas da manhã, quando Alba está em segurança na cama. Dou longos passeios para me cansar o suficiente para dormir. Converso com Henry como se ele estivesse aqui comigo, como se ele pudesse ver com os meus olhos, pensar com o meu cérebro.

— Nada de mais.

— Humm.

— E você?

— Ah, você sabe. Sendo vereador. Bancando o patriarca severo. O de sempre.

— Ah. — Tomo um gole do meu café. Dou uma olhada no relógio em cima da pia. Tem a forma de um gato preto: o rabo balança para trás e para frente como um pêndulo, e seus olhos grandes se movem no ritmo do rabo, tiquetaqueando alto. São 11h45.

— Quer comer alguma coisa?

Faço que não com a cabeça.

— Não, obrigada. — A julgar pelos pratos na mesa, Gomez e Charisse comeram melão, ovos mexidos e torrada de café da manhã. As crianças comeram cereais e algo que tinha manteiga de amendoim em cima. A mesa parece uma reconstituição arqueológica de um café da manhã em família do século XXI.

— Está saindo com alguém?

Levanto os olhos, e Gomez continua encostado na bancada, segurando a xícara de café na altura do queixo.

— Não.

— Por quê?

Não é da sua conta, Gomez.

— Nunca me ocorreu.

— Você devia pensar no assunto. — Ele pousa a xícara na pia.

— Por quê?

— Você precisa de novidade. Alguém novo. Não pode passar o resto da vida sentada esperando Henry aparecer.

— Claro que posso. Observe.

Gomez dá dois passos e está ao meu lado. Inclina o corpo e põe a boca junto à minha orelha.

— Nunca sente falta... disso?

Ele lambe o interior da minha orelha. *Sim, sinto falta disso.*

— Sai para lá, Gomez — digo irritada, mas ele não sai. Uma ideia me deixa grudada na cadeira. Gomez levanta o meu cabelo e beija a minha nuca.

Venha para mim, ah! Venha para mim!

Fecho os olhos. Mãos me puxam da cadeira, desabotoam minha blusa. Língua em meu pescoço, meus ombros, meus mamilos. Estico as mãos às cegas e encontro uma toalha de banho que cai. *Henry.* Mãos desabotoam e abaixam minha calça jeans, me inclinam para trás na mesa da cozinha. Algo

metálico cai no chão. Comida e talheres, metade de um prato, casca de melão nas minhas costas. Minhas pernas abrem. Língua em minha boceta.

— Ahh... — *Estamos no Campo. É verão. Um lençol verde. Acabamos de comer, tenho gosto de melão na boca.* A língua dá lugar a um vazio, molhado e aberto. Abro os olhos; estou olhando para um copo de suco de laranja pela metade. Fecho os olhos. A pressão firme e constante do pau de Henry entrando em mim. Sim. *Estava esperando com muita paciência, Henry. Eu sabia que você voltaria mais cedo ou mais tarde.* Sim. Pele com pele, mãos nos seios, bota e tira, bota, tira, mete mais, sim, ah...

— Henry...

Tudo para. Um som alto de relógio. Abro os olhos. Gomez está me olhando (magoado?, irritado?) e, num segundo, fica sem expressão. A porta de um carro bate. Fico sentada, pulo da mesa da cozinha, corro para o banheiro. Gomez joga as minhas roupas lá dentro assim que entro.

Enquanto me visto, ouço Charisse e as crianças entrarem pela porta da frente, rindo. Alba chama "Mamãe?", e eu grito "Já vou sair!". Fico parada na meia-luz do banheiro de azulejos pretos e rosa e me olho no espelho. Tenho cereal no cabelo. Meu reflexo está difuso e pálido. Lavo as mãos, tento me pentear com os dedos. *O que estou fazendo? O que me deixei tornar?*

Vem uma espécie de resposta: *Agora você é a viajante.*

Sábado, 26 de julho de 2008 (Clare tem 37 anos)

CLARE: A recompensa de Alba por ter sido paciente nas galerias enquanto Charisse e eu vemos arte é ir ao Ed Debevic's, uma lanchonete temática que atrai turistas. Tão logo passamos pela porta, a década de 60, lá pelos idos de 1964, assalta nossos sentidos. Os Kinks tocam no volume máximo e há placas por todo lado:

"*Se você for mesmo um bom cliente, deve pedir mais!*"

"*Por favor, fale com clareza ao fazer seu pedido*."

"*Nosso café é tão bom que até a gente toma!*"

Dá para notar claramente que hoje é dia de balão-animal; um cavalheiro de terno roxo brilhante faz um cachorro bassê para Alba e depois o transforma em chapéu, que ele enfia na cabeça dela. Ela se contorce de alegria. Ficamos meia hora na fila e Alba nem reclama; observa os garçons e as garçonetes flertarem uns com os outros e avalia em silêncio os balões-animais das outras crianças. Finalmente, somos conduzidas até um

reservado por um garçom de óculos de lentes grossas e de armação tartaruga, com um crachá onde se lê SPAZ. Charisse e eu abrimos os cardápios e tentamos encontrar algum prato ao nosso gosto entre as batatas fritas ao cheddar e o bolo de carne. Alba só fica cantarolando sem parar a palavra *milk-shake*. Quando Spaz aparece de novo, Alba tem um súbito ataque de timidez e precisa ser persuadida a lhe dizer que quer um milk-shake de manteiga de amendoim (e uma porção pequena de batata frita, porque, digo a ela, é muita baixaria não comer nada senão um milk-shake de almoço). Charisse pede macarrão com queijo e eu peço um sanduíche de bacon, alface e tomate. Quando Spaz sai, Charisse provoca *"Alba tá namorando, tá namorando..."*, e Alba fecha os olhos e tapa os ouvidos, balançando a cabeça e sorrindo. Um garçom com um crachá que diz BUZZ anda como um pavão para lá e para cá na bancada de almoço cantando sobre o fundo musical de *Old Time Rock n' Roll*, de Bob Seger.

— Odeio Bob Seger — diz Charisse. — Acha que ele levou mais de trinta segundos para compor essa música?

Chega o milk-shake num copo alto com um canudo dobrável e uma coqueteleira de aço com o que não coube no copo. Alba se levanta para beber, fica na ponta dos pés a fim de chegar ao melhor ângulo possível para tomar de canudo um milk-shake de manteiga de amendoim. O chapéu de cachorro bassê fica escorregando na sua testa, atrapalhando sua concentração. Ela olha para mim com aqueles seus cílios grossos e escuros e empurra para cima o chapéu, que fica agarrado à sua cabeça por eletricidade estática.

— Quando papai vem para casa? — pergunta ela. Charisse faz o barulho de quando a Pepsi sobe pelo nariz e começa a tossir. Bato em suas costas até ela ficar gesticulando para eu parar, então paro.

— 29 de agosto — digo a Alba, que passa a sugar o restinho de seu milk-shake enquanto Charisse olha para mim de forma reprovadora.

Mais tarde, estamos no carro, na Lake Shore Drive; estou dirigindo, Charisse mexe no rádio, e Alba dorme no banco traseiro. Saio em Irving Park e Charisse diz:

— A Alba não sabe que o Henry morreu?

— Claro que sabe. Ela viu — lembro a Charisse.

— Mas por que você disse que ele ia voltar para casa em agosto?

— Porque vai. Ele mesmo me deu a data.

— Ah. — Embora eu esteja com os olhos na estrada, sinto Charisse me olhando. — Isso não é... meio estranho?

— Alba adora.

— Mas e para você?

— Eu nunca vejo o Henry. — Tento manter a voz leve, como se a injustiça desse detalhe não me torturasse, como se não chorasse meu ressentimento quando Alba me conta sobre as visitas de Henry enquanto eu absorvo cada detalhe.

Por que não eu, Henry?, pergunto a ele em silêncio enquanto entro no caminho atulhado de brinquedos da casa de Charisse e Gomez. *Por que só Alba?* Mas, como sempre, não há resposta para isso. Como sempre, é o que é. Charisse me beija e salta do carro, segue com calma até a porta da frente, que se abre como que por encanto, revelando Gomez e Rosa. Rosa está aos pulos, entregando algo a Charisse, que pega a coisa de sua mão, diz algo e emenda com um grande abraço. Gomez fica me olhando e afinal me dá um adeusinho. Aceno de volta. Charisse e Rosa entraram. A porta fecha.

Fico ali sentada na entrada, Alba dormindo no banco traseiro. Corvos andam pelo gramado infestado de dentes-de-leão. *Henry, cadê você?* Encosto a cabeça no volante. *Me ajude.* Ninguém responde. Um minuto depois, saio de ré e sigo para nossa casa silenciosa que me espera.

Sábado, 3 de setembro de 1990 (Henry tem 27 anos)

HENRY: Ingrid e eu perdemos o carro e estamos bêbados. Estamos bêbados, é noite e já andamos para todos os lados e nada de carro. Porra de Lincoln Park. Porra de reboques do Lincoln Park. Porra.

Ingrid está possessa. Ela vai andando na minha frente, e até suas costas e seu rebolado estão possessos. De alguma forma, isso é minha culpa. Porra de boate de Park West. Por que alguém bota uma boate no miserável do Lincoln Park onde só dá *yuppie* e não se pode deixar o carro mais de dez segundos sem que o reboque leve de sacanagem...

— Henry?

— O quê?

— Lá está aquela garotinha de novo.

— Que garotinha?

— A que a gente viu mais cedo.

Ingrid para. Olho para onde ela aponta. A menina está parada na porta de uma floricultura. Está vestida com algo escuro, e só vejo seu rosto branco e

seus pés descalços. Ela deve ter 7 ou 8 anos; muito pequena para estar sozinha no meio da noite. Ingrid vai até a menina, que a observa impassível.

— Você está bem? — Ingrid pergunta à menina. — Está perdida?

A menina olha para mim e diz:

— Eu *estava* perdida, mas agora descobri onde estou. Obrigada — acrescenta ela educadamente.

— Precisa de carona para casa? A gente podia te dar uma carona se conseguir encontrar o carro. — Ingrid se inclina sobre a menina. Deve estar com o rosto a um palmo e meio do dela. Quando vou até as duas, vejo que a menina veste um casaco de náilon de homem, que vai até seus tornozelos.

— Não, obrigada. Eu moro muito longe, de qualquer forma. — A menina tem cabelo preto e comprido, e impressionantes olhos escuros. Na luz amarelada da floricultura, ela parece saída de um conto de fadas, ou a Ann do poema de DeQuincey.

— Cadê a sua mãe? — pergunta Ingrid. A menina responde:

— Está em casa. — Sorri para mim e diz: — Não sabe que estou aqui.

— Você fugiu? — pergunto para ela.

— Não — responde ela e ri. — Eu estava procurando o meu pai, mas cheguei muito cedo, eu acho. Volto depois. — Ela se espreme para passar por Ingrid e vem até mim, pega minha jaqueta e me puxa para ela. — O carro está do outro lado da rua — sussurra. Olho para o outro lado da rua e lá está ele, o Porsche vermelho de Ingrid.

— Obrigado... — começo a dizer, mas a menina me dá um beijo que pega na minha orelha e depois sai correndo pela calçada, os pés batendo no cimento enquanto fico parado atrás dela, olhando. Ingrid está calada quando entramos no carro. Afinal, digo: — Isso foi estranho — e ela suspira e diz:

— Henry, para uma pessoa inteligente, às vezes você pode ser bem tapado — e me deixa em frente à minha casa sem mais uma palavra.

Domingo, 29 de julho de 1979 (Henry tem 42 anos)

HENRY: É em algum momento no passado. Estou sentado na Lighthouse Beach com Alba. Ela tem 10 anos. Eu tenho 42. Ambos estamos viajando no tempo. É uma noite quente, talvez julho ou agosto. Estou usando uma calça jeans e uma camiseta branca que roubei de uma elegante mansão de North Evanston; Alba usa uma camisola cor-de-rosa que pegou do varal de uma velhinha. É muito comprida para ela, de modo que a amarramos em volta de seus joelhos. As pessoas passaram a tarde inteira nos olhando com

uma cara estranha. Acho que não somos exatamente a imagem padrão de um pai e uma filha na praia. Mas fizemos o melhor possível: nadamos e construímos um castelo de areia. Comemos cachorros-quentes e batatas fritas que compramos do vendedor no estacionamento. Não temos nem canga nem toalha, então estamos meio molhados e cheios de areia. Sentamos, cansados porém felizes, para ver as criancinhas correndo, indo e voltando em direção às ondas, com cachorros enormes pulando atrás delas, feito bobos. O sol se põe atrás de nós enquanto olhamos a água.

— Me conte uma história — diz Alba, encostando-se em mim como macarrão cozido frio.

Passo o braço em volta dela.

— Que tipo de história?

— Uma boa. Uma história sobre você e a mamãe, quando a mamãe era pequena.

— Humm. Tudo bem. Era uma vez...

— Quando foi isso?

— Em todos os tempos de uma vez só. Há muito tempo, e agora.

— As duas coisas?

— Sim, sempre as duas coisas.

— Como pode ser as duas coisas?

— Quer que eu conte essa história ou não?

— Quero...

— Pois bem. Era uma vez, sua mãe morava numa casa grande ao lado de um campo, e lá havia um lugar chamado clareira, onde ela costumava ir brincar. E um belo dia, sua mãe, que era só um tiquinho de gente com o cabelo maior do que ela, foi para a clareira e tinha um homem lá...

— Sem roupa!

— Peladinho da silva — concordo. — E depois que sua mãe lhe deu uma toalha de praia, que por acaso ela levava para ele ter alguma coisa com que se cobrir, o homem explicou a ela que era um viajante do tempo, e, por alguma razão, sua mãe acreditou nele...

— Porque era verdade!

— Sim, mas como ela ia saber? De qualquer forma, sua mãe acreditou nele e, mais tarde, foi boba o suficiente para se casar com ele e cá estamos nós.

Alba me dá um soco na barriga.

— Conte *direito* — ordena.

— Ufa. Como posso contar alguma coisa se você me bate assim? Nossa.

Alba está calada. Então diz:

— Por que você nunca visita a mamãe no futuro?

— Não sei, Alba. Se pudesse, eu estaria lá. — O azul vai escurecendo acima do horizonte e a maré está baixando. Fico de pé, dou a mão a Alba e ajudo que ela se levante. Ao ficar em pé, limpando a areia da camisola, ela tropeça em minha direção e diz “Ah!” e some. Fico ali na praia segurando uma camisola de algodão molhada e contemplando as pegadas fracas de Alba no cair da tarde.

OceanofPDF.com

RENASCIMENTO



Quinta-feira, 4 de dezembro de 2008 (Clare tem 37 anos)

CLARE: Está uma manhã fria e muito clara. Abro a porta do ateliê e bato as botas para limpar a neve. Abro as persianas, ligo a calefação. Começo a fazer café. Fico parada no meio do ateliê vazio e olho em volta.

Dois anos de poeira e silêncio cobrem tudo. Minha mesa de desenho está nua. A batedeira está limpa e vazia. Os quadros e molduras estão empilhadinhos, os rolos de arame para armação estão intocados ao lado da mesa. Tintas e pigmentos, vidros de pincéis, ferramentas, livros; tudo está do jeito que deixei. Os esboços que prendi com percevejos na parede ficaram amarelados e enrolados. Solto todos e jogo na lixeira.

Sento à minha mesa de desenho e fecho os olhos.

Os galhos das árvores batem na lateral da casa com o vento. Um carro levanta lama ao passar no beco. A cafeteira chia e gargareja ao cuspir o último jato de café no bule. Abro os olhos, sinto um arrepio e me aconchego mais em meu suéter pesado.

Hoje de manhã, acordei com uma vontade enorme de vir aqui. Era como um desejo sexual: um encontro com meu velho amor, a arte. Mas agora, estou sentada aqui esperando que... alguma coisa... venha a mim e nada vem. Abro uma gaveta e tiro uma folha de papel tingido de azul-escuro. É pesado, ligeiramente áspero e frio ao toque como metal. Estendo o papel na mesa. Fico olhando para ele um instante. Pego uns pastéis brancos e meço o peso com a mão. Depois largo os pastéis e me sirvo de café. Fico olhando pela janela para os fundos da casa. Se Henry estivesse aqui, poderia estar sentado à sua mesa, poderia estar me olhando da janela acima da mesa. Ou poderia estar jogando *Palavras Cruzadas* com Alba, ou lendo os quadrinhos, ou fazendo sopa para o almoço. Tomo o meu café e tento sentir o tempo voltar para trás, tento apagar a diferença entre o presente e o passado. É só minha memória que me segura aqui. Tempo, deixe-me desaparecer. *Então, o que separamos por nossa própria presença pode ser unido.*

Estou na frente da folha de papel com um pastel branco na mão. A folha é grande, e começo no centro, me abaixando sobre o papel, embora saiba

que seria mais confortável usar o cavalete. Meço a figura, metade do tamanho natural: aqui está o topo da cabeça, a virilha, o calcanhar. Esboço uma cabeça. Desenho muito despreocupadamente, de memória: olhos vazios, aqui, na linha do meio da cabeça, nariz comprido, boca arqueada ligeiramente aberta. As sobrancelhas formam uma expressão de surpresa: ah, é *você*. O queixo pontudo e o contorno arredondado do maxilar, a testa alta e as orelhas apenas indicadas. Aqui é o pescoço, e os ombros que descem transformando-se em braços que se cruzam de forma protetora nos seios; aqui é a parte inferior da caixa torácica, a barriguinha, os quadris largos, pernas ligeiramente dobradas, pés apontando para baixo como se a figura estivesse pairando no ar. Os pontos de medida são como estrelas no céu azul-escuro do papel; a figura é uma constelação. Faço o sombreado e a figura fica tridimensional, um recipiente de vidro. Desenho as feições cuidadosamente, crio a estrutura do rosto, preencho os olhos, que me olham espantados ao ganharem vida de repente. O cabelo ondula no papel, flutuando sem peso e imóvel, padrão linear que torna dinâmico o corpo estático. O que há mais nesse universo, nesse desenho? Outras estrelas distantes. Cato nas minhas ferramentas e encontro uma agulha. Prendo o desenho numa janela e começo a perfurar o papel todo, e cada furo vira um sol em outro conjunto de mundos. E quando tenho uma galáxia cheia de estrelas, perfuro a figura, que agora vira uma constelação para valer, uma rede de minúsculas luzes. Olho para a minha imagem, e ela me olha de volta. Ponho o dedo em sua testa e digo “Suma”, mas é ela que vai ficar; sou eu quem está sumindo.

OceanofPDF.com

SEMPRE DE NOVO



Quinta-feira, 24 de julho de 2053 (Henry tem 43 anos, Clare, 82)

HENRY: Estou num corredor escuro. No fim, há uma porta entreaberta, com uma luz branca escoando pelas frestas. O corredor está cheio de galochas e capas de chuva. Vou devagar e em silêncio até a porta e olho com cuidado para dentro da sala ao lado. A claridade da manhã enche o ambiente e incomoda a princípio, mas minha vista se adapta e vejo uma mesa de madeira simples ao lado de uma janela. Há uma mulher sentada à mesa defronte à janela. Há uma xícara perto de seu cotovelo. Do lado de fora, há o lago, onde as ondas correm para a praia e recuam com uma repetição calmante que em poucos minutos equivale à ausência de movimento. A mulher está extremamente imóvel. Há algo de familiar nela. É uma velha; tem o cabelo longo e ralo totalmente branco solto nas costas, cobrindo uma ligeira corcunda resultante da idade. Ela usa um suéter cor de coral. Seus ombros caídos e sua postura imóvel dizem *aqui está alguém muito cansado,* e eu mesmo estou muito cansado. Mudo o peso de um pé para o outro e o chão estala; a mulher se vira e, quando me vê, a alegria muda suas feições. De repente, me espanto: esta é Clare, Clare velha! E ela se aproxima de mim, muito devagar, e eu a abraço.

Segunda-feira, 14 de julho de 2053 (Clare tem 82 anos)

CLARE: Hoje de manhã, está tudo limpo. A tempestade espalhou galhos por todo o jardim, que irei sair para catar nesse instante. Toda a areia da praia foi redistribuída e assentada de novo num manto cheio de marcas de chuva, e as flores estão caídas e brilhando na luz branca das sete da manhã. Estou sentada na sala de jantar com uma xícara de chá, olhando para a água, escutando. Esperando.

Hoje não é muito diferente de todos os outros dias. Saio da cama ao romper da aurora, visto umas calças e um suéter, escovo o cabelo, faço torrada e chá e fico sentada contemplando o lago, me perguntando se ele vem hoje. Não é muito diferente das muitas vezes em que ele se foi, e eu esperei, só que agora tenho instruções: agora, sei que Henry acabará vindo.

Às vezes, me pergunto se essa disposição, essa esperança, impede que o milagre aconteça. Mas não tenho escolha. Ele vem, e eu estou aqui.

OceanofPDF.com

Agora, do peito aos olhos, a dor
da saudade lhe subiu, e ele chorou afinal,
a mulher querida, clara e fiel, em seus braços,
desejada como a cálida terra ensolarada é desejada por um nadador
exausto nas águas revoltas onde seu navio foi a pique
sob os golpes de Netuno, temporais e muito mar.
Poucos homens sobrevivem ao atravessar uma grande arrebentação
para se arrastar, salgados, por praias benfazejas,
exultando, exultando, sabendo que o abismo ficou para trás:
e assim ela também está exultante, os olhos no marido,
os braços alvos a apertá-lo como se para sempre.



— de *A Odisseia*,
Homero
a partir da tradução de Robert Fitzgerald

OceanofPDF.com

AGRADECIMENTOS



Escrever é uma atividade isolada. É aborrecido de olhar, e seus prazeres tendem a ser mais intensos para o próprio escritor. Então, com muita gratidão e grande reverência, eu gostaria de agradecer a todos os que me ajudaram a escrever e publicar *A Mulher do Viajante no Tempo.*

Agradeço a Joseph Regal, por dizer sim e por me ensinar os truques da atividade editorial. Foi um barato. Agradeço às pessoas formidáveis da MacAdam/Cage, especialmente a Anika Streitfeld, minha editora, pela paciência, o cuidado e o acompanhamento atento. É um grande prazer trabalhar com Dorothy Carico Smith, Pat Walsh, David Poindexter, Kate Nitze, Tom White e John Gray. E agradeço também a Melanie Mitchell, Amy Stoll e Tasha Reynolds. Agradeço muito também a Howard Sanders e a Caspian Dennis.

A Ragdale Foundation apoiou este livro com vários estágios. Agradeço à sua maravilhosa equipe, especialmente a Sylvia Brown, Anne Hughes, Susan Tillett e Melissa Mosher. E agradeço a The Illinois Arts Council, e aos contribuintes de Illinois, que me concederam uma bolsa de estudos de Prosa em 2000.

Agradeço aos bibliotecários e à equipe, anterior e atual, da Biblioteca Newberry: Dr. Paul Gehl, Bart Smith e Margaret Kulis. Sem sua ajuda generosa, Henry acabaria trabalhando no Starbucks. Gostaria de agradecer também aos bibliotecários da seção de Obras de Referência da Biblioteca Pública de Evanston, por sua assistência paciente em todos os meus pedidos malucos por informações.

Agradeço às fabricantes de papel que pacientemente dividiram seu conhecimento: Marilyn Sward e Andrea Peterson.

Agradeço a Roger Carlson do Bookman’s Alley, por muitos anos de feliz caça aos livros, e a Steve Kay do Vintage Vinyl por ter em estoque tudo o que desejo ouvir. E agradeço a Carol Prieto, grande corretora de imóveis.

O meu muito obrigada a amigos, familiares e colegas que leram, criticaram e contribuíram com suas opiniões: Lyn Rosen, Danea Rush, Jonelle Niffenegger, Riva Lehrer, Lisa Gurr, Robert Vladova, Melissa Jay Craig, Stacey Stern, Ron Falzone, Marcy Henry, Josie Kearns, Caroline Preston, Bill Frederick, Bert Menco, Patricia Niffenegger, Beth

Niffenegger, Jonis Agee e aos membros da turma de Romance Avançado, Iowa City, 2001. Obrigada a Paula Campbell por sua ajuda com o francês.

O meu agradecimento especial a Alan Larson, cujo otimismo inesgotável foi um bom exemplo para mim.

Por fim e acima de tudo, obrigada a Christopher Schneberger: esperei por você, e agora você está aqui.

OceanofPDF.com